

**UNISINOS – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

JUVENTUDE E CIDADANIA:

**USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA ONG ALDEIA, EM FORTALEZA, E NO
PROJETO KDM, EM BARCELONA**

DANIEL BARSÍ LOPES

SÃO LEOPOLDO

2012

DANIEL BARSILOPES

**JUVENTUDE E CIDADANIA:
USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA ONG ALDEIA, EM FORTALEZA, E NO
PROJETO KDM, EM BARCELONA**

**Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos.**

Orientadora: Profa. Dra. Denise Cogo

SÃO LEOPOLDO

2012

L864j

Lopes, Daniel Barsi.

Juventude e cidadania: usos das mídias digitais na ONG Aldeia, em Fortaleza, e no projeto KDM, em Barcelona./ Daniel Barsi Lopes. – 2012.

497 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2012.

"Orientadora: Profa. Dra. Denise Maria Cogo."

1. Juventude. 2. Cidadania. 3. Mídia digital. 4. Movimentos sociais. I. Título.

CDU 316.77

**JUVENTUDE E CIDADANIA: USOS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA ONG ALDEIA,
EM FORTALEZA, E NO PROJETO KDM, EM BARCELONA**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Cogo

Comissão Examinadora:

Alexandre Almeida Barbalho



Bruno Fuser



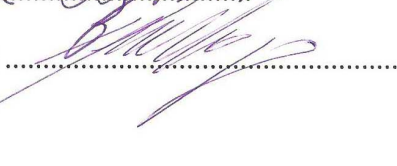
Adriana da Rosa Amaral



Valério Cruz Brittos



Denise Maria Cogo (Orientadora)



*Aos meus pais, Omar e Regina, meu porto de
paz, meu porto seguro*

*À minha noiva, Luciana, meu amor e minha
companheira, para a vida inteira*

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Denise Cogo, por ter, muito mais do que orientado esta investigação, contribuído na minha formação como pesquisador em comunicação. Fica a minha gratidão pela parceria e pela amizade tecidas ao longo desses quatro anos, e pela confiança constantemente depositada em mim.

Aos meus pais, Omar e Regina, pelo amor, apoio e carinho incondicionais, pela torcida incessante, pelo interesse por cada passo meu. Por terem me ensinado, desde criança, o valor da determinação, da disciplina e da responsabilidade. Por terem me criado em um lar cheio de amor e por terem me proporcionado tudo de melhor que se pode oferecer a um filho. Eu não seria nada sem eles e nem consigo imaginar a ausência deles em minha vida.

À minha noiva, Luciana, pelo amor incessante e por ter aceitado e compreendido todas as minhas (muitas) ausências ao longo desses quatro anos. Por ter estado comigo nos momentos importantes (em que eu estaria sozinho), viajando inúmeras vezes ao Rio Grande do Sul e, até mesmo, à Europa para poder me proporcionar momentos de felicidade e de aconchego. Por ter me brindado com alguns dos momentos mais felizes que já tive em minha vida. Enfim, por nunca ter desistido de mim. É na família que vamos construir juntos que eu penso a cada passo dado em minha trajetória profissional.

Aos meus irmãos, Alexandre e Luciana, fontes de inspiração e exemplos de tudo o que um dia eu quero ser na vida, pelo apoio, carinho e incentivo constantes.

Aos meus sobrinhos Ronald, Giovanni e Mateus, por me divertirem sempre com suas constantes novidades e por me mostrarem, na prática, a centralidade que as mídias têm assumidos nas nossas vivências cotidianas.

Aos meus sogros, Rita e Wagner, pela torcida contínua e pelo carinho com que sempre me recebem.

À minha co-orientadora, Amparo Huertas, pelo interesse em contribuir da melhor forma possível no desenvolvimento da minha tese, pelo acolhimento nos projetos de pesquisa coordenados por ela e pela recepção calorosa em Barcelona.

Aos jovens, de Fortaleza e de Barcelona, que deram vida ao trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa, pelo interesse em fazer parte desta trajetória e pela constante disponibilidade em ajudar.

Aos queridos Simone Lima e Valdo Siqueira, coordenadores do Aldeia, por todas as portas que foram abertas desde o primeiro contato com a associação.

Ao coordenador do KDM, Pablo Herrera, pela oportunidade que me foi dada de fazer parte da equipe de investigadores do projeto e pelo interesse em colaborar com a construção da tese.

Ao grupo do Mapa ao Quadrado, coordenado por Valentino Kmentt, pela confiança depositada em mim, ao me deixar participar, como observador, de todo o processo de desenvolvimento do projeto.

À FUNCAP, pela concessão da bolsa de doutorado que viabilizou a realização desta pesquisa.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estágio doutoral no exterior, o que possibilitou, durante um ano, a experiência de estudo e de pesquisa na Universidade Autônoma de Barcelona.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por ter me proporcionado todas as ferramentas – humanas e técnicas – para o desenvolvimento de minha formação profissional.

Aos grupos de pesquisa “Mídia, Cultura e Cidadania”, da Unisinos, e “Comunicación, Migración y Ciudadanía”, da UAB, por terem me recebido de forma tão receptiva e por terem possibilitado a construção de diversos momentos de compartilhamento de saberes e de experiências.

Aos amigos Lourdes Silva, Frederico Tavares, Eloísa Klein e Luciano Correia, por terem participado de forma próxima e carinhosa desses quatro anos de doutorado, e por terem me mostrado um pouquinho mais de cada canto desse Brasil.

Aos colegas da turma 2008 de doutorado da Unisinos, por todas as trocas de experiências e saberes construídas em sala de aula e, também, pelas relações pessoais estabelecidas fora das classes.

Ao Menino Jesus de Praga, que sempre atende às minhas preces, intercedendo por mim da melhor forma possível, protegendo-me de todos os males.

E, principalmente, à Deus, pelo dom especial da vida e por ter me feito nascer na família mais maravilhosa desse mundo.

Os velhos desconfiam da juventude porque foram jovens

William Shakespeare

RESUMO

Esta pesquisa analisa os processos sociocomunicacionais tecidos pelos jovens quando eles deixam a condição de serem apenas audiência dos meios de comunicação e passam a ser, também, produtores de conteúdos midiáticos e gestores de políticas comunicacionais, através da atuação em projetos socioculturais que trabalham com a inserção cidadã de jovens em situação de exclusão, a partir dos usos das mídias digitais. Para dar conta disto, a pesquisa – de caráter qualitativo e desenvolvida sob uma perspectiva multimetodológica – realiza um estudo de dois casos específicos, nos quais se verificam essas relações entre as novas tecnologias da comunicação e as mobilizações coletivas. Os jovens informantes desta investigação participam da associação Aldeia, localizada em Fortaleza (Brasil), que trabalha com jovens moradores de periferia, em especial com rapazes e moças que vivem no Morro Santa Terezinha; e do projeto KDM, que se desenvolve em Barcelona (Espanha), e cujo foco de ação se volta para as relações de integração entre jovens migrantes e autóctonos. A pesquisa alicerça-se teoricamente a partir de determinados eixos: a construção social do conceito de juventude e a ambivalência que cerca esta faixa etária; a trajetória dos movimentos sociais e seu encontro com as questões identitárias e culturais; a concepção da comunicação cidadã, que se dá a partir da reconfiguração dos fluxos comunicacionais; a ampliação da noção de cidadania, para além dos direitos sociais, políticos e civis; e a centralidade das mídias digitais e suas relações com o exercício cidadão, potencializadas através da emergência dos receptores-produtores de comunicação. Três aspectos centrais são levantados com a investigação: 1) a complementaridade das mídias analógicas e digitais e das relações online e offline nas práticas cotidianas dos jovens pesquisados; 2) os sentidos de cidadania voltados para uma demanda de profissionalização e de inserção no mercado de trabalho; 3) a ausência de uma perspectiva mais crítica de leitura dos meios de comunicação e de análise das estruturas sociais, o que configura uma comunicação cidadã que não tem explorado todo o seu potencial de transformação das mídias e da sociedade.

Palavras-chave: juventude. cidadania. mídias digitais. movimentos sociais.

ABSTRACT

This research analyzes the sociocommunicational processes produced by the young people when they leave the condition of being only part of the audience and start to be, as well, producers of mediatic content and managers of communicational policies, by acting in sociocultural projects that deal with citizenship insertion of young people in situation of social exclusion, through the use of digital medias. To achieve it, the research – qualitative and developed under a multimethodological perspective – studies two specific cases, where these relations between new communicational technologies and collective mobilizations can be identified. The protagonists of this investigation participate of Aldeia association, in Fortaleza (Brazil), that works with young inhabitants of unprivileged areas, specially with boys and girls that live in Morro Santa Terezinha; and of the Project KDM, developed in Barcelona (Spain), that focus the integration relations between young migrants and autochthonous. The research is theoretically based on determined axes: the social construction of the concept of youth and the ambivalence of this age group; the trajectory of social movements and its convergences with identity and cultural issues; the concept of citizen communication, by the reconfiguration of communicational flows; the extension of citizenship notions, beyond the social, political and civil rights; and the centrality of digital medias and its relations with the citizen exercise, potentiated through the emergency of communication receptors-producers. Three main aspects are presented with the investigation: 1) the complementarity of analogical and digital medias and the online and off-line relations in the daily practices of the researched young people. 2) The sense of citizenship turned to a demand of professionalization and insertion in the job market. 3) The lack of a more critical perspective on reading communicational means and analyzing social structures, which sets a citizen communication that doesn't explore all its potential of transforming media and society.

Keywords: Youth. Citizenship. Digital medias. Social movements.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 15 |
| PARTE 1 – A PARTICIPAÇÃO CIDADÃ JUVENIL EM UM CENÁRIO DE CENTRALIDADE DAS MÍDIAS DIGITAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA..... | 21 |
| 1. MÍDIAS & MOBILIZAÇÃO JUVENIL: TECITURAS DE UMA PROBLEMÁTICA DE PESQUISA..... | 22 |
| 1.1. A ambiência midiática como cenário hodierno..... | 22 |
| 1.2. Desdobramentos de um problema de pesquisa: dois objetos, dois contextos..... | 31 |
| 1.3. Ação juvenil a partir das mídias: relevância da temática na contemporaneidade..... | 55 |
| 2. USOS E APROPRIAÇÕES JUVENIS DAS MÍDIAS DIGITAIS EM UM SENTIDO DE PARTICIPAÇÃO CIDADÃ: ITINERÁRIO CONCEITUAL..... | 66 |
| 2.1 Juventudes, no plural..... | 68 |
| 2.2 Movimentos sociais, culturais e cidadãos: de quais mobilizações falamos?..... | 97 |
| 2.2.1 Dos “velhos” movimentos sociais ao encontro com a cultura..... | 97 |
| 2.2.2 Da comunicação popular à comunicação cidadã..... | 115 |
| 2.3 Cidadania: do berço greco-romano às demandas identitárias e culturais..... | 128 |
| 2.4 Mídias digitais e as relações com a cidadania: a emergência dos receptores-produtores..... | 174 |
| 3. TECITURAS E PROCESSOS DO FAZER INVESTIGATIVO: ITINERÁRIO METODOLÓGICO..... | 204 |
| 3.1. Um pouco do “eu” na pesquisa..... | 204 |
| 3.2. As pluralidades no fazer investigativo e as processualidades metodológicas..... | 207 |
| 3.3. Epistemologias do Sul, histórias do cotidiano e a relação pesquisador-objeto..... | 212 |
| 3.4. Uma pesquisa em duas dimensões..... | 219 |
| 3.5. Estratégias e procedimentos metodológicos..... | 222 |
| 3.5.1. Pesquisa empírica exploratória..... | 222 |
| 3.5.1.1. Contexto brasileiro..... | 223 |
| 3.5.1.1.1 O Vida Urgente. Mas... e a periferia?!..... | 223 |

| | |
|--|-----|
| 3.5.1.1.2. De Porto Alegre à Fortaleza, em busca de uma outra periferia..... | 225 |
| 3.5.1.1.3 Aproximação com os movimentos <i>Aldeia</i> e <i>Encine</i> | 228 |
| 3.5.1.1.4 Aproximação com alguns jovens das associações..... | 231 |
| 3.5.1.1.5. Acompanhamento das atividades das associações..... | 232 |
| 3.5.1.2. Contexto espanhol..... | 235 |
| 3.5.1.2.1. Mapeamento dos projetos de interesse em Barcelona..... | 235 |
| 3.5.1.2.2. Ajudando a construir o projeto..... | 238 |
| 3.5.1.2.3. Grupos de discussão..... | 240 |
| 3.5.2. Pesquisa empírica aprofundada..... | 244 |
| 3.5.2.1. Contexto brasileiro..... | 244 |
| 3.5.2.1.1. Selecionando um objeto de pesquisa..... | 244 |
| 3.5.2.1.2. A emergência do projeto Mapa ao Quadrado e o acompanhamento sistemático de suas atividades..... | 246 |
| 3.5.2.1.3. Entrevistas em profundidade..... | 251 |
| 3.5.2.1.4. Análise dos materiais audiovisuais..... | 253 |
| 3.5.2.2. Contexto espanhol..... | 254 |
| 3.5.2.2.1. O projeto <i>KDM</i> e o acompanhamento sistemático de suas atividades..... | 254 |
| 3.5.2.2.2. Entrevistas em profundidade..... | 259 |
| 3.5.2.2.3. Análise dos materiais audiovisuais..... | 262 |
| 3.5.3. Procedimentos de análise das entrevistas..... | 264 |
| PARTE 2 – AS EXPERIÊNCIAS PARTICIPATIVAS E MUDIÁTICAS DOS JOVENS NA ASSOCIAÇÃO ALDEIA E NO PROJETO KDM..... | 266 |
| 4. JUVENTUDE, MÍDIAS DIGITAIS E CIDADANIA: ESTUDO DE CASO EM FORTALEZA..... | 267 |
| 4.1 Fortaleza, uma cidade de contrastes..... | 267 |
| 4.2 Periferia e ação juvenil..... | 278 |
| 4.3 Apresentação da associação..... | 285 |
| 4.4. Caracterização dos jovens entrevistados..... | 300 |
| 4.5 As visões de mundo e as experiências dos jovens com as relações entre mídias e mobilizações coletivas..... | 303 |

| | | |
|-------|--|-----|
| 4.5.1 | Relações entre juventude e participação..... | 304 |
| 4.5.2 | Consumo e uso dos meios..... | 312 |
| 4.5.3 | Relações entre juventude e mídia..... | 320 |
| 4.5.4 | Relações com o <i>Aldeia</i> e/ou o Mapa ao Quadrado..... | 326 |
| 4.5.5 | Relações entre cidadania, mídia e entorno local..... | 336 |
| 4.6 | Análise do vídeo <i>Mirada</i> | 345 |
| 5. | JUVENTUDE, MÍDIAS DIGITAIS E CIDADANIA: ESTUDO DE CASO EM BARCELONA..... | 349 |
| 5.1 | Barcelona, uma cidade intercultural?..... | 349 |
| 5.2 | Migração e juventude em Barcelona..... | 359 |
| 5.3 | Apresentação do projeto..... | 371 |
| 5.4. | Caracterização dos jovens entrevistados..... | 383 |
| 5.5 | As visões de mundo e as experiências dos jovens com as relações entre mídias e mobilizações coletivas..... | 385 |
| 5.5.1 | Relações entre juventude e participação..... | 386 |
| 5.5.2 | Consumo e uso dos meios..... | 392 |
| 5.5.3 | Relações entre juventude e mídia..... | 398 |
| 5.5.4 | Relações com o <i>KDM</i> | 406 |
| 5.5.5 | Relações entre cidadania, mídia e migração..... | 414 |
| 5.6 | Análise dos vídeos promocionais..... | 423 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 427 |
| | REFERÊNCIAS..... | 437 |
| | APÊNDICES..... | 461 |

INTRODUÇÃO

Se existe uma palavra ambígua e contraditória nos dias de hoje essa palavra é “juventude”, termo que serve para designar, a um só passo, aspectos bons e ruins, relações positivas e negativas dessa faixa etária com a sociedade que a acolhe. O jovem é visto como futuro da nação e dilema social de máxima relevância, e ter que “resolver o problema da juventude” tem se transformado em palavra de ordem nos sucessivos governos, que aparentam possuir uma extrema dificuldade em lidar com essa categoria social, que nem se encaixa no perfil obediente (e de fácil dominação) da infância – até certo ponto, vale ressaltar, em virtude das crianças estarem, cada vez mais cedo, entrando na adolescência e, conseqüentemente, passando a questionar de forma mais veemente as coisas – e nem na condição madura e autônoma da fase adulta – o que, também, deve ser relativizado, visto que muitos atores sociais entram no que se tem convencionado socialmente como fase adulta pensando e agindo de forma incosequente, o que se tem rotulado como uma postura meramente juvenil. A juventude ora é pensada através do vigor e do potencial de transformação social e, num piscar de olhos, passa a ser vista como desculpa para atos de irresponsabilidade e, até mesmo, de delinquência: “ah, são jovens, não sabem o que fazem”.

Tem sido, em grande medida, esse panorama de ambivalência que tem marcado as relações dos jovens com os meios de comunicação, tanto nos modos como a juventude tem sido representada na mídia quanto através das mais distintas formas em que ela tem se apropriado dos meios. A construção do ser juvenil no sistema midiático hegemônico tem sido pautada por uma significativa amplitude nas formas de visibilizar esse ator coletivo, indo de extremos a outros. Jovens ricos, descolados, bonitos, viajados e que se envolvem nos mais diversos casos amorosos contrastam como um outro tipo de perfil juvenil, aquele que os representa como pobres, rebeldes, desengonçados, sem perspectiva e que os vinculam aos mais variados casos de criminalidade, que vão desde o uso e o tráfico de drogas à formação de quadrilha. O jovem surge na mídia como um espelho amplificado da velocidade das transformações sociais, representando de forma maximizada todas as contradições e, principalmente, as desigualdades que marcam a sociedade contemporânea.

Mas os contrastes também têm sido evidentes nos processos de usos dos meios de comunicação, especialmente dos que configuram as mídias digitais¹.

Os mesmos jovens que postam fotos de “baladas” ou de si próprios de frente para o espelho no Facebook² podem ser, também, aqueles que criam comunidades virtuais ao redor de alguma demanda sociocultural e que se mobilizam, através de listas de *e-mails*, por exemplo, para atuar em determinado fenômeno que se precipite na realidade que os circunda. Estamos falando da mesma categoria social quando abordamos jovens que passam horas jogando *online* ou conversando com amigos via *chats* e sujeitos juvenis que se organizam através das redes sociais para intervir em determinada questão da sociedade que os rodeia, como aconteceu nos movimentos de maio de 2011 na Espanha, para citar um caso recente e expressivo. A juventude configura um grupo plural, heterogêneo, e múltiplos e contraditórios são, também, seus usos e suas apropriações das novas tecnologias da comunicação. Parece até um clichê retomar o potencial das inúmeras personalidades que se pode “vestir” na internet, mas essa é a lógica que tem ilustrado as relações dos jovens com a sociedade em rede, que se manifesta a partir dos mais diversos padrões de comportamento, o que vai completamente de encontro a um certo tipo de visão que se tem construído, tanto na literatura a respeito como no senso comum, de um único modelo de

¹ Temos clara a imprecisão que ainda envolve o termo “novas tecnologias”, dado o não tão antigo surgimento da temática como foco de atenção das pesquisas acadêmicas. Entretanto, no sentido de evitar a constante repetição da nomenclatura “mídia digitais”, optamos, aqui, por usar esses conceitos, bem como “novas mídias”, ou a mescla entre eles, como coisas semelhantes, mesmo tendo em conta que existem especificidades em cada um desses termos. O acréscimo do “novas” é feito por muitos autores como um modo de diferenciar os meios dos quais estão falando – os digitais – das mídias ditas “tradicionais”, como imprensa escrita ou rádio, por exemplo. Vale ressaltar, entretanto, que mesmo essas mídias têm sido atravessadas, em maior ou menor grau, pelo processo de digitalização.

² Tema do filme “A rede social”, de David Fincher, o Facebook é uma rede social criada em 2004. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita apenas aos estudantes da Universidade Harvard. Em 2006, entretanto, a rede social passou a aceitar também estudantes de colégios e algumas empresas. Também em 2006, no segundo semestre, o Facebook foi aberto para cadastro para todo o público. Os usuários podem se juntar em uma ou mais redes, como uma escola, um local de trabalho ou uma cidade. O Facebook é, atualmente, um dos *websites* mais acessados do mundo. A rede social tem o Brasil como o país que possui a maior taxa de crescimento em usuários e que já agrega 19 milhões de perfis. Os dados quantitativos dessas informações advêm do site do UOL Notícias.

Disponível em:

<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/06/13/brasil-tem-a-maior-taxa-de-crescimento-no-facebook-rede-alcanca-687-mi-de-usuarios.jhtm>

Acesso em: 22 set. 2011

vínculo do jovem com o sistema digital, materializado através do estereótipo do jovem conectado ao mundo virtual e isolado de seu entorno social concreto.

Nesse sentido, as mídias digitais têm sido pensadas como artefatos que, em vez de promover apenas os processos de individualismo e de isolamento social, são capazes de potencializar usos e apropriações de suas ferramentas voltadas para a participação na sociedade, para o interesse pelo entorno local e pelos acontecimentos globais, enfim, para a construção de cidadania. Uma cidadania que, no cenário contemporâneo, não se manifesta mais somente através do dever do voto ou dos direitos previdenciários, por exemplo, mas a partir das mais variadas demandas, inclusive as de visibilidade e de representação. Os contornos que a cidadania têm assumido nos dias de hoje ultrapassam a questão tradicional dos direitos sociais, políticos e civis, e dizem respeito, também, a elementos relativos à produção e à gestão comunicacionais, ao diálogo e à aproximação produtiva entre as diferentes culturas e às necessidades e especificidades dos coletivos migrantes, dando forma a outros modos de exercício cidadão, que se deslocam de um ideário calcado, principalmente, em um viés político *strictu sensu* para contemplar, também, questões culturais e de (re)afirmação identitária, a partir da dinamização de micropolíticas do cotidiano.

Assim como a noção de cidadania tem sido ampliada e requalificada, os modos de exercê-la no espaço público – boa parte dele midiaticizado, dado a centralidade que os meios de comunicação adquirem no cenário hodierno – também têm passado por profundas transformações. Os movimentos sociais têm se reconfigurado desde, mais ou menos, a última década do século XX, passando a contemplar, em suas mobilizações, elementos outros, para além das demandas sindicais, partidárias e dos embates envolvendo a luta de classes. A atuação, que antes era mais territorializada e voltada, basicamente, para as temáticas locais encontra, através da emergência da sociedade em rede, a possibilidade de congregar sujeitos sociais espalhados nos mais diversos pontos do planeta, que se juntam ao redor de demandas afins. E as associações e demais organizações não-governamentais, que anteriormente tinham os meios de comunicação como suportes coadjuvantes – a partir dos quais tornavam públicos os seus interesses e as suas plataformas de ação –, passam a ter a mídia como um eixo protagonizador, a partir de projetos socioculturais que se erigem através da presença nuclear dos meios digitais em nossas vivências contemporâneas.

É no bojo de todas essas transformações nos modos da sociedade organizar-se para lutar por suas demandas que vem se solidificando a noção de cidadania comunicativa, ou seja, de uma prática de inserção social e cultural – que foi evidenciada primeiramente através da pesquisa acadêmica, no contexto da América Latina, mas que, na era das mídias digitais, se enfatiza, em virtude da aceleração e da reconfiguração dos fluxos comunicacionais – que se abre não mais somente a partir do acesso aos meios de comunicação, mas, principalmente, através das possibilidades de adentrar a esfera de produção, do potencial – que se dissemina cada vez mais, como consequência de um processo de popularização das novas tecnologias da comunicação – de deslocar-se de uma condição de audiência para o papel de produtor de conteúdos midiáticos e de gestor de políticas comunicacionais.

Nesse cenário de práticas mobilizatórias e de ações coletivas reconfiguradas, em torno de concepções ampliadas de cidadania, o interesse de nossa pesquisa de doutorado é perceber quais processos sociocomunicacionais são engendrados pela juventude quando estes atores coletivos se envolvem na articulação e na dinamização de uma participação cidadã, a partir das práticas de usos e apropriações das mídias digitais, no âmbito de associações e projetos voltados para a inserção sociocultural de jovens em situação de exclusão. São eleitos, como objetos de referência da investigação, a associação *Aldeia*, localizada em Fortaleza, na região Nordeste do Brasil, e que trabalha com jovens moradores da região do Morro Santa Terezinha, área de risco e vulnerabilidade, segundo os meios de comunicação locais; e o projeto *KDM*, situado em Barcelona, capital da Catalunha, cuja atuação se volta para refletir sobre as relações de integração entre migrantes e autóctonos no contexto da cidade, marcado por um constante processo de discriminação contra os coletivos estrangeiros.

Esta tese, fruto de uma pesquisa teórica e empírica, está dividida em duas partes, uma que concentra as considerações conceituais, teóricas e metodológicas, e outra que contém as análises que se produziram em virtude do trabalho de campo levado a cabo nos dois contextos da investigação: o fortalezense, em torno da associação *Aldeia*, e o barcelonense, ao redor do projeto *KDM*. Na primeira parte da tese o objetivo é discutir os temas caros ao desenvolvimento da pesquisa, bem como explicitar e refletir sobre a processualidade metodológica que deu vida à investigação. Na segunda parte do trabalho o

intuito é tecer vínculos entre arcabouço teórico e concreto empírico, entre os conceitos trabalhados na primeira parte e a realidade observável.

No primeiro capítulo contextualizamos a pesquisa, situando-a em uma ambiência contemporânea na qual as mídias assumem máxima centralidade nas práticas cotidianas dos sujeitos sociais. Também resgatamos os processos a partir dos quais a problemática de investigação foi sendo tecida, através de alguns desdobramentos, que tiveram como consequência que a pesquisa fosse dividida em dois contextos e dois objetos de referência, o *Aldeia*, em Fortaleza, e o *KDM*, em Barcelona. A relevância da temática no cenário hodierno e a justificativa do recorte da investigação no segmento juvenil e em torno das mídias digitais também são explicitadas neste capítulo.

No capítulo dois a investigação é fundamentada teoricamente, através da percepção de quais conceitos e autores são importantes para ajudar a compreender a problemática da pesquisa e auxiliar fornecendo um aporte teórico para as idas ao campo. Tendo-se como horizonte a realidade e as vivências cotidianas dos jovens em Fortaleza e em Barcelona – e suas participações cidadãs na associação *Aldeia* e no projeto audiovisual *KDM* –, procuramos compreender os processos sociocomunicacionais que se dinamizam a partir do momento em que o sujeito receptor das mídias passa a atuar, também, como um produtor midiático e gestor de políticas de comunicação, o que marca um novo momento nos estudos de recepção, evidenciado através do deslocamento de um fluxo comunicativo unidirecional para um cenário em que se constroem múltiplos fluxos, em diversas direções. Nesse sentido, os conceitos que são discutidos de forma a embasar esta reconfiguração no papel do receptor são: juventude; cidadania; movimentos sociais; e mídias digitais; sendo estes referentes teóricos o tempo todo penetrados pelas diversas manifestações da cultura, tecendo com elas relações de múltiplas implicações.

No terceiro capítulo são resgatados as tecituras e os processos do fazer investigativo levados a cabo durante o itinerário metodológico da investigação. Explicitamos as relações do pesquisador com seu objeto; as pluralidades que são dinamizadas durante a construção da pesquisa e a importância da valorização das histórias do cotidiano, que são, muitas vezes, negligenciadas pelos cientistas sociais. Também trazemos à tona todas as estratégias e os procedimentos levados a cabo durante a realização da investigação, reconstruindo as diversas etapas da pesquisa, desde as fases exploratórias e de mapeamento

dos movimentos e projetos sociais até o acompanhamento sistemático das atividades do *Aldeia* e do *KDM*.

No capítulo quatro contextualizamos a cidade de Fortaleza, buscando apresentá-la para além da imagem de cidade turística e porta de entrada do Nordeste; discutimos sobre o conceito de periferia – que marca a região do Morro Santa Terezinha – e acerca da atuação juvenil na cidade; apresentamos a associação *Aldeia* e o projeto Mapa ao Quadrado, resgatando a trajetória e os modos como ambos foram se desenvolvendo; caracterizamos os jovens informantes que dão vida à investigação; analisamos as visões de mundo e as experiências dos jovens com as relações entre mídias e mobilizações coletivas e examinamos o documentário produzido pelos jovens no âmbito do projeto sociocultural.

No quinto capítulo apresentamos a cidade de Barcelona, procurando ultrapassar a visão imediata de cidade-modelo, construída desde que a cidade foi sede das Olimpíadas de 1992; analisamos o fenômeno das migrações transnacionais e os modos como ele tem afetado, principalmente, as relações juvenis; explicitamos a concepção e os caminhos percorridos pelo projeto *KDM*, destacando seus principais contornos; caracterizamos os jovens protagonistas que dão vida à investigação; dissertamos sobre as visões de mundo e as experiências dos jovens através das relações entre mídias e mobilizações coletivas e ponderamos acerca dos vídeos produzidos pelos jovens no âmbito do projeto audiovisual.

Nas considerações finais abordamos as implicações entre as mídias digitais – e a sociedade em rede – e as mobilizações coletivas em nossa sociedade hodierna, marcada pela presença dos meios de comunicação como construtores da realidade social, e questionamo-nos acerca do tipo de comunicação cidadã que se vem exercendo a partir do destaque que têm adquirido os projetos socioculturais que se alicerçam tendo a mídia como um eixo protagonista.

**PARTE 1 – A PARTICIPAÇÃO CIDADÃ JUVENIL EM UM CENÁRIO DE
CENTRALIDADE DAS MÍDIAS DIGITAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

1. MÍDIAS & MOBILIZAÇÃO JUVENIL: TECITURAS DE UMA PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

1.1. A ambiência midiática como cenário hodierno

No segundo semestre de 2011 uma tradicional escola particular da cidade de Fortaleza acende uma discussão na opinião pública cearense e nas redes sociais³ de relacionamento ao anunciar que, para o ano letivo seguinte, seus alunos utilizarão *tablets*⁴ no lugar dos livros. O *slogan* da campanha publicitária – veiculada em diversos meios de comunicação e com o objetivo de captar a atenção do público-alvo, justamente no período de abertura de inscrições para o processo seletivo de admissão de novos alunos – era “Tablets substituem livros”⁵, e o texto explicativo afirmava que, a partir do ano seguinte, os discentes desta instituição de ensino não teriam mais que levar os livros em formato original à escola, mas tão somente estar de posse de seu *tablet* de uso pessoal e individual, cedido pelo próprio colégio.

A discussão que se seguiu, a partir de então, centrou-se na questão de se os *tablets* têm mesmo ou não o poder de substituir os livros em formato tradicional. Puristas, por um lado, apontavam a impossibilidade de se conseguir, através desses novos suportes tecnológicos, alcançar as mesmas sensações e experiências que as trazidas por um livro de papel, como o cheiro, o toque e a manuseabilidade que se tem ao poder grifar, marcar e comentar, de próprio punho, passagens sobre as quais se tenha um maior interesse nas obras. Afora esses pontos, os defensores do livro tradicional apontavam que a tecnologia

³ De forma simplificada, podemos dizer que uma rede social é uma estrutura composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é a sua abertura e porosidade, o que pode possibilitar o desenvolvimento de relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. Entre as redes sociais de relacionamento – mediadas por computador – mais conhecidas e acessadas no Brasil temos o Okut, o Facebook e o Twitter. A temática da sociedade em rede será tratada de forma mais detida e aprofundada no capítulo 2 desta tese.

⁴ Um *tablet* é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para o entretenimento com jogos virtuais. Apresenta uma tela sensível ao toque, que é o dispositivo de entrada principal. A ponta dos dedos ou uma caneta aciona suas funcionalidades. É um novo conceito em tecnologia, que não deve ser igualado a um computador completo ou um telefone celular, embora possua diversas funcionalidades dos dois.

⁵ Campanha desenvolvida, em agosto de 2011, pela agência de publicidade Advance para o Colégio Ari de Sá.

não deveria ter o papel de substituir, mas o de somar, e que, assim como a internet não havia substituído a televisão e esta não havia substituído o rádio, os *tablets* certamente não vinham para ocupar o papel dos livros impressos. Já os *neofilos* e amantes das mídias digitais ressaltavam a importância da iniciativa da escola em aproximar seus alunos das inovações das novas tecnologias da comunicação e da informação, formando futuros profissionais já ambientados com essas ferramentas, que, cada vez mais, se pulverizam em nossa sociedade contemporânea. Isso para não entrar na seara da saúde, que prega a importância de se evitar que adolescentes, em fase de crescimento e formação óssea, carreguem uma mochila pesada nas costas, cheia de livros. Com os *tablets*, o peso da bagagem que os jovens têm de carregar cotidianamente em suas idas e vindas ao colégio diminui consideravelmente⁶.

O que não tem sido muito discutido acerca dessa questão – seguindo os passos, por exemplo, do que houve com a temática da TV digital no Brasil, que, durante muito tempo, teve o debate sobre sua implantação centrado muito mais no formato e no modelo a serem seguidos do que nos conteúdos –, nem pelos *neofobos* e nem pelos *neofilos* (cuja discussão tem se voltado, basicamente, para uma disputa entre quem é mais importante em termos de suporte, o livro ou o *tablet*), diz respeito aos usos que se darão a essas ferramentas, se elas vão se restringir a um mero suporte e leitor de conteúdos (como o são os *e-readers*⁷, por exemplo) ou se irão além, proporcionando interatividade, conectividade e, quem sabe, autonomia para a geração de conteúdos comunicativos e educacionais por parte dos próprios alunos. Os *tablets* serão meros reprodutores de arquivos em PDF⁸ ou terão o caráter de possibilitar aos jovens alunos um papel ativo na geração e circulação de conhecimento?

⁶ Essas informações e opiniões sobre a repercussão da campanha “Tablets substituem livros” vêm do acompanhamento pessoal às matérias divulgadas sobre o assunto na imprensa local cearense, na *blogosfera* e nas redes sociais de relacionamento.

⁷ O leitor de livros digitais é um pequeno aparelho que tem como função principal mostrar em uma tela, para leitura, o conteúdo de livros digitais (*e-books*) e outros tipos de mídia digital. Ao utilizar a tecnologia de tinta eletrônica, também chamada de papel eletrônico, nas telas desses leitores, isso os aproximou muito da sensação de se ler um livro convencional, por não utilizar iluminação (como as telas de cristal líquido), o que tem impulsionado a venda desses aparelhos em todo o mundo. O mais famoso deles é o Kindle, criado pela empresa estadunidense Amazon.

⁸ *Portable Document Format* (PDF) é um formato de arquivo, desenvolvido pela Adobe Systems em 1993, para representar documentos de maneira independente do aplicativo, do *hardware* e do sistema operacional usados para criá-los. Um arquivo PDF pode descrever documentos que contenham texto, gráficos e imagens num formato independente de dispositivo e resolução.

Apesar desta discussão e de seus desdobramentos no palco da opinião pública cearense⁹ não serem o foco de atenção de nossa pesquisa, temos em mente que todo esse debate originou-se muito mais de um erro de estratégia da agência de publicidade no desenvolvimento da campanha, ao utilizar-se do termo “substitui”. Tendo em vista o conceito de remediação (BOLTER e GRUSIN, 1999) e a experiência de convívio entre novas e “velhas” mídias, panorama no qual não há superação de uma mídia por outra, mas a aproximação e o compartilhamento de funções, acreditamos que o papel dos *tablets* não é o de acabar com a existência dos livros, mas o de oferecer uma nova opção para o acesso e o manuseio dos conteúdos das obras didáticas de ensino fundamental e médio, possibilitando novos recursos de busca, ofertando a difusão de imagens em movimento, potencializando a criação de outros métodos de estudo por parte dos alunos, permitindo a produção de redes de conhecimento e o compartilhamento de dúvidas sobre as matérias escolares, incentivando a experimentação com as linguagens audiovisuais, enfim, facilitando a interação com os processos de aprendizagem. Segundo nos faz refletir Martín-Barbero (2001), os saberes e os imaginários contemporâneos não se organizam mais somente em torno de um eixo letrado, e nem o livro é mais o único instrumento centralizador do conhecimento. Entretanto, muitos educadores resistem a traduzir essas mudanças na concepção da escola, tendo muita dificuldade em admitir a interação da leitura com a cultura oral e a audiovisual-eletrônica. García Canclini (2007) acrescenta ao debate, quando afirma que a escola não prepara as crianças e os jovens para as novas linguagens e que a educação, ainda nos dias de hoje, apoia-se em uma cena pré-digital.

A campanha publicitária da escola errou em sua aproximação (especialmente com os pais dos alunos) ao utilizar um *slogan* que insinua sobre o fim do livro, mas não ao abordar as vantagens da utilização das novas tecnologias como recursos educacionais¹⁰ e

⁹ A agência de publicidade tentou remanejar a divulgação das outras peças da campanha, mas, como os *outdoors* já haviam sido publicados, e trabalham com prazos fixos de 14 dias, não foi possível alterá-los, o que obrigou a Advance a se pronunciar na imprensa local sobre o assunto.

¹⁰ Neste âmbito de relações entre as novas tecnologias e os recursos educacionais, vale a pena citar o caso do MegaPlayBox, um *software* educacional que já vem instalado no computador pessoal, prescindindo, assim, do uso da internet, já que não se trata de uma plataforma *online*. O conteúdo educativo da ferramenta conta com mais de trinta horas de videoaulas e mais de cinco mil páginas de apostilas. Além disso, o programa apresenta mais de um milhão e trezentos mil livros digitalizados, bem como cursos de espanhol, matemática financeira, sobre investimento na bolsa de valores e aulas de administração e negócios. Para além das aulas, o programa ainda traz um conteúdo cultural diversificado para o usuário. Livros, filmes e CDs acompanham o *software*.
Fonte: Caderno Zona Cyber, do Diário do Nordeste. Edição de 20 de setembro de 2011.

potenciais estimuladores do processo de construção de conhecimento entre os jovens. Seguindo o rastro do concorrente, outros colégios da capital cearense apressaram-se em também informar sobre a disponibilização de *tablets* aos seus alunos, bem como ao uso de recursos como a lousa digital¹¹, que, por meio de *softwares* específicos e do uso da internet, pode proporcionar uma maior interação entre conteúdos, alunos e professores, possibilitando uma aula mais dinâmica, rica e interessante aos jovens, que já estariam, em sua maioria, adaptados e até mesmo acostumados a esse tipo de linguagem – digital e audiovisual – em outros âmbitos de suas vivências, exteriores, até então, ao cenário escolar.

Esse acontecimento nos panoramas educacional e midiático fortalezense ganha as páginas desta tese por fazer emergir na discussão da opinião pública uma temática cara aos interesses de nossa pesquisa – e que se desenrola no contexto territorial onde parte da investigação se desenvolve – e que há tempos já conquistou um considerável espaço de importância no debate acadêmico, que é a relação entre as mídias digitais e os jovens. Alfabetizados em uma linguagem audiovisual (PINTO, 2008) e acostumados a lidar com os recursos digitais em suas experiências cotidianas, os jovens das classes média e alta de Fortaleza poderão agora ter acesso a esses recursos também no ambiente escolar, elemento este clamado há bastante tempo pelos estudiosos das relações entre comunicação e educação.

Os processos comunicacionais para a gente implicam em construção de diálogos, em construção de pontes comunicacionais. E aí o diálogo do professor com o aluno, do aluno com o aluno, do professor com o professor, das escolas com as escolas e das escolas com a sociedade. Então, você tem uma gama de atores que dialogam [...] pela internet, por blog, por foto, por vídeo, todas as possibilidades que as tecnologias hoje permitem (ALBUQUERQUE, 2009).

Ao contrário, entretanto, do que acontece no contexto dos colégios particulares, onde há recursos financeiros disponíveis e interesse (além de educacional, mercadológico, em virtude da concorrência) para investir na presença das mídias digitais em sala de aula,

¹¹ Trata-se de um computador de mesa com a lousa digital conectada como seu monitor. A lousa digital é, assim, uma grande tela, sensível ao toque (tecnologia *touchscreen*), que permite que os alunos possam visualizar o mesmo conteúdo, havendo interação com o recurso de tela sensível ao toque, permitindo postar documentos na internet, compartilhar arquivos na rede local ou enviar informações por *e-mail*.

no cenário das escolas públicas estaduais e municipais, infelizmente, todo este potencial que se abre a partir dos usos e das apropriações das tecnologias da comunicação e da informação ainda não tem atingido os alunos, que continuam, em sua grande maioria, excluídos dos avanços tecnológicos no ambiente formal da instituição de ensino. Mas isso não quer dizer, em absoluto, que esses jovens não tenham acesso às mídias digitais. Muitos desses alunos, moradores da periferia da cidade, mesmo com o distanciamento entre as escolas e as tecnologias, são usuários de boa parte destas ferramentas em outras ambiências de suas vidas.

Os conteúdos audiovisuais [...] estão muito próximos dos jovens das comunidades periféricas, das comunidades que às vezes sofrem e não têm acesso ao livro ou a uma escola de qualidade, mas têm acesso ao celular, às mídias móveis, às mídias digitais, que são muito mais próximas a eles (SIQUEIRA, 2009).

Algumas dessas apropriações são feitas de forma experimental, em seus cotidianos, que contemplam experiências com as tecnologias da comunicação em seus momentos de ócio, seja nas *lan houses*¹² ou mesmo em casa¹³, onde esses adolescentes jogam em rede, conversam em *chats*¹⁴ de bate-papo e interagem com seus pares nas redes sociais de relacionamento, para citar alguns exemplos. Mas é, especialmente, por meio de associações da sociedade civil¹⁵ e de projetos sociais voltados para a temática do audiovisual e da comunicação que, muitas vezes, os jovens moradores de periferia das grandes cidades

¹² *Lan (Local Area Network) house* é um estabelecimento comercial onde, à semelhança de um *cyber café*, as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à internet e a uma rede local, com a principal finalidade de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou *online*.

¹³ A pesquisa de campo desenvolvida para esta tese trouxe como dado que alguns dos jovens investigados, de classes econômicas menos favorecidas, possuem computador em suas residências. Como boa parte destes equipamentos não é de última geração e, por isso, não tem capacidade para suportar o “peso” de determinados *softwares* e de alguns jogos eletrônico, os rapazes e moças continuam, muitas vezes, freqüentando *lan houses* e *cyber cafés*, espaços onde os computadores, mais novos e potentes, dispõem de quase todos os recursos que agradam e interessam à juventude.

¹⁴ Um *chat*, que em português significa conversação ou bate-papo, é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real. Esta definição inclui programas de IRC, conversação *em web sites* (como o bate-papo do UOL, por exemplo) ou mensageiros instantâneos (sendo o mais conhecido deles o MSN Messenger).

¹⁵ Quando falamos em associações da sociedade civil estamos nos referindo, grosso modo, àquelas instituições que não se posicionam nem como estatais e nem como mercadológicas. Aprofundaremos este tema no capítulo 2 da tese.

brasileiras passam a ter um contato mais aprofundado com as mídias digitais em todas as suas potencialidades.

Muitas vezes capacitados para essas interações entre sujeitos e tecnologias – por meio de oficinas e de cursos –, os jovens das classes econômicas menos favorecidas, envolvidos em projetos dessa natureza, têm a probabilidade de enriquecer seus conhecimentos sobre as diversas ferramentas advindas com a digitalização da comunicação. Este tipo de atuação também tem o potencial para ampliar o leque de informações sobre as linguagens audiovisuais e para expandir a possibilidade de engendrar um processo de inserção sociocultural e cidadã na sociedade, quando o instrumental das tecnologias da comunicação pode favorecer uma maior participação dos atores coletivos na sociedade, aumentando-lhes o poder da voz, a visibilidade e a habilidade para contar as coisas de um outro modo (o seu modo) e para atuar como protagonistas na transformação do espaço que os rodeia.

Alguns meses e uns tantos de milhares de quilômetros separam a discussão sobre o uso dos *tablets* e de outros recursos digitais nas escolas particulares de Fortaleza e os acontecimentos do Movimento 15-M, também chamado de Movimento dos Indignados, na Espanha. Tendo sua manifestação mais contundente ocorrida em 15 de maio de 2011 (daí o título do movimento), poucos dias antes das eleições nas regiões autônomas¹⁶ e nos municípios, trata-se o 15-M de um conjunto de protestos pacíficos que tem a intenção de promover uma democracia mais participativa, distanciada do bipartidarismo que existe atualmente na Espanha – com a presença do PSOE¹⁷ e do PP¹⁸ – bem como isolada do domínio de bancos e de corporações comerciais e financeiras. Sem afiliação a nenhum partido político ou sindicato, o movimento começou a organizar-se a partir do estabelecimento de centenas de pessoas acampadas nas praças de boa parte das grandes cidades espanholas. Em Barcelona os atores coletivos, em particular os jovens, fixaram-se na Praça Catalunha, coração da cidade e ponto nevrálgico da metrópole, onde se cruzam

¹⁶ Regiões autônomas, fazendo uma comparação ligeira e simplificada com o contexto brasileiro, são como estados que formam a Espanha. Diferentemente do que acontece no Brasil, entretanto, onde as leis estaduais não variam tanto de um estado para outro, na Espanha as regiões autônomas podem, até mesmo, ter idiomas próprios (além do espanhol), bem como uma série de outras características específicas e distintas das dos demais “estados”.

¹⁷ Partido Socialista Espanhol.

¹⁸ Partido Popular.

linhas de ônibus comuns e turísticas e sob a qual se encontra uma das maiores estações de metrô da capital catalã, agregando quatro linhas de trens. A Praça Catalunha, para além de ser um centro importante para os transportes em Barcelona, é um dos pontos turísticos mais conhecidos na cidade, cercada de hotéis, restaurantes e bares.

Como plataformas desses protestos espanhóis encontramos os grupos Juventud sin Futuro e ¡Democracia Real Ya!, dois exemplos ilustrativos, inseridos em um conjunto de outras várias mobilizações que compõem o movimento maior. O primeiro é uma organização que nasce da iniciativa de diferentes coletivos universitários da cidade de Madrid, sensibilizados com a situação de precariedade pela qual passa a juventude nos dias de hoje, vítima de números alarmantes de desemprego na Espanha¹⁹, situação essa que vem no bojo da crise econômica enfrentada pelo estado espanhol desde 2008. O grupo mobiliza-se²⁰ contra o processo de Bolonha²¹, que eles acreditam que não representa de verdade os interesses dos alunos, e tem como objetivo escuso mercantilizar cada vez mais o ensino superior na Espanha. São muitos os casos dos estudantes²² que tiveram que fazer mais disciplinas do que o previsto (e, portanto, pagar mais do que o programado) em virtude da tentativa de convergência entre as universidades européias. Inúmeras são também as manifestações estudantis em torno deste tema nas universidades espanholas ao longo dos últimos anos. O coletivo Juventud sin Futuro, para além dos manifestos em torno das questões educacionais, posiciona-se criticamente contra a mercantilização do Estado, a especulação imobiliária e a crise econômica, tendo em mente que todos esses processos impactam diretamente – de forma negativa – nas políticas sociais e de juventude.

¹⁹ O desemprego na Espanha entre o segmento juvenil chega a 40%.

Fonte: Jornal Online SRZD

Disponível em:

<http://www.sidneyrezende.com/noticia/131717+jovens+espanhois+fazem+protestos+contra+desemprego+na+espanha>

Acesso em: 21 set 2011

²⁰ A través de coletivos juvenis tais como Agrupación Universitaria Carlos Marx – Universidad Carlos III de Madrid, Asociación Universitaria Contrapoder – Universidad Complutense de Madrid, ou Asociación Universitaria La Gatera – Universidad Autónoma de Madrid.

²¹ A Declaração de Bolonha, que desencadeou o denominado Processo de Bolonha, é um documento conjunto assinado pelos Ministros da Educação de 29 países europeus, reunidos na cidade italiana de Bolonha. A declaração marca uma mudança em relação às políticas ligadas ao ensino superior dos países envolvidos e procura estabelecer uma “Área Europeia de Ensino Superior”, a partir do comprometimento dos países signatários em promover reformas de seus sistemas de ensino.

²² Situação acompanhada de perto pelo autor desta tese, em função de sua permanência como doutorando-sanduíche na Universidade Autónoma de Barcelona, entre 2010 e 2011.

Já o coletivo ¡Democracia Real Ya! é um movimento espanhol que se auto-reconhece como apartidário e sem vínculo sindical, igualmente preocupado com as conseqüências que a crise econômica têm acarretado para os cidadãos espanhóis, que acabam sendo o grupo mais atingido, frente ao desgoverno estatal com relação às políticas públicas sociais e econômicas. O movimento, que elegeu três grupos principais sobre os quais focar suas ações – os desempregados, os sujeitos que não têm condições de pagar a hipoteca de suas casas e a juventude vítima da precariedade da conjuntura social e econômica contemporânea – teve seu nascimento marcado no seio das redes sociais, especialmente no Twitter²³ e no Facebook. Foram especialmente os jovens, excluídos do mundo do trabalho e do consumo, cansados e decepcionados com as velhas políticas partidárias que encabeçaram o movimento por meio das redes sociais. No Twitter, cuja conta do coletivo ¡Democracia Real Ya!, na época das manifestações, tinha mais de 30.000 seguidores, chegou-se a registrar, nos horários de pico, até 250 *tweets*²⁴ por hora que mencionavam os termos “¡Democracia Real Ya!” e 160 *tweets* que se reportavam aos dizeres “toma la plaza”. Já no Facebook a página do movimento contava, também no momento mais “fervoroso” dos acontecimentos, com mais de 180.000 seguidores. Os comentários postados pela plataforma chegavam a receber até 2.000²⁵ “me gusta”²⁶. Também são muitas as postagens que têm como título “Acampada en...”, fazendo referência a qual cidade e praça o sujeito está acampado.

Refletindo sobre o surgimento do movimento 15-M, Morales (2011) afirma que “las nuevas tecnologías de la comunicación o las redes sociales ya son un vehículo

²³ Twitter é uma rede social, criada em 2006, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres), por meio do *website* do serviço, por serviços de mensagem instantânea e por *softwares* específicos de gerenciamento.

²⁴ *Tweets* são conhecidos como os textos de até 140 caracteres característicos do Twitter. No Brasil, quando alguém posta alguma mensagem nesta rede social, se diz que a pessoa “tuitou” algo.

²⁵ Todos os números explicitados neste parágrafo, referentes aos dados dos movimentos registrados nas redes sociais na época do 15-M, advêm da página na internet da Vipnet 360, uma empresa espanhola especializada em consultoria e marketing nas mídias sociais. A página onde é possível consultar essas informações tem como título “El Movimiento 15-M crece espectacularmente con las redes sociales como caldo de cultivo”.

Disponível em:

<http://www.vipnet360.com/blog/democracia-real-ya/>

Acesso em: 21 set 2011

²⁶ O “me gusta” do Facebook espanhol é o equivalente ao “curtir” da mesma rede social aqui no Brasil. Quando se aprova algum comentário ou postagem dos amigos adicionados tem-se a opção de marcar o “curtir/me gusta”. Tanto o amigo marcado quanto a sua lista de contatos ficam sabendo que você aprovou algo.

imprescindible para las reivindicaciones democráticas, las protestas ciudadanas y las expresiones solidarias”²⁷. Ou seja, vemos claramente no caso das manifestações espanholas um exemplo de como as redes sociais podem atuar como disseminadores e fomentadores de uma ação cidadã por parte dos atores coletivos – especialmente a juventude –, que utilizam essas ferramentas em um sentido de participação social e inserção protagonista nos rumos da sociedade. Não acreditamos e nem somos partidários de posições que apontam as vias digitais como o espaço de nascimento dessas mobilizações, pois, em nosso entendimento, a tecnologia não cria manifestações coletivas a partir do nada. É preciso que haja uma demanda social, um desejo de mudança, é necessário que se gere um gérmen de transformação, para que essa semente encontre na sociedade, configurada em rede, um possibilitador de disseminação e de agregação de pessoas fisicamente distantes, mas que passam a atuar em conjunto a partir da emergência dessa nova ambiência. Percebemos, então, os usos das mídias digitais com um potencial de ruptura com a situação vigente e de reordenamento da cidadania.

Ao acompanhar os desdobramentos das políticas estatais espanholas nos últimos anos, especialmente nos que culminaram com a crise econômica, desde 2008, percebemos as implicações entre os jovens e uma situação de exclusão e de desigualdade sociais latente, estrutura essa que pode envolver rapazes e moças, muitas vezes, em caminhadas sem perspectiva de uma vida estável e feliz. Esse cenário de profundas disparidades alcança com mais força ainda o segmento dos jovens migrantes ou filhos de migrantes, que, muitas vezes não sendo vistos pelo Estado e pelos outros atores coletivos como cidadãos plenos de direitos – por mais que o sejam, por vias de documentos que os legalizam como moradores do país ou a partir de certidões que os atestam como nascidos em solo espanhol –, têm suas possibilidades de emancipação social ainda mais podadas e restritas.

As desigualdades refletem-se também no contexto cearense, onde as discussões na opinião pública sobre o uso dos *tablets* nas escolas parecem negligenciar que boa parte da juventude de Fortaleza não tem acesso a esse universo dos colégios pagos e que, portanto,

²⁷ “as novas tecnologias da comunicação ou as redes sociais já são um veículo imprescindível para as reivindicações democráticas, os protestos cidadãos e as expressões solidárias”. Tradução do autor.

Fonte: Diálogo Digital

Disponível em:

<http://dialogodigital.com/index.php/Las-redes-sociales-la-democracia-real-y-la-ciudadania.html>

Acesso em: 21 set 2011

está de fora dessa discussão, não cabendo a ela nem mesmo ser pensada como “vítima” ou não da pretensa substituição dos livros pelos novos suportes tecnológicos. São jovens que continuam vivendo as conseqüências de um distanciamento abissal e nocivo – que somente agora começa a mudar em determinados setores da sociedade – entre o ensino formal escolar e as novas tecnologias da comunicação, adolescentes que, enquanto moradores de zonas periféricas da cidade, não têm direitos iguais aos seus pares das classes média e alta. Seja no Brasil, seja na Espanha, são as contradições e as ambigüidades algumas das grandes marcas das juventudes contemporâneas, aproximando-as, por mais que os cenários europeu e latino-americano sejam distintos em muitas questões. A temática da vulnerabilidade juvenil e do potencial que têm esses jovens para protagonizar um processo emancipatório – vivido em uma ambiência midiática e digital –, pensada de forma conjunta entre Fortaleza e Barcelona, gera dois contextos de análise da problemática que dá vida a esta tese de doutorado.

1.2. Desdobramentos de um problema de pesquisa: dois objetos, dois contextos

A pesquisa de doutorado que origina esta tese fala, especialmente, de jovens em situação de exclusão – circunstância esta que, segundo Lorenzo (2009, p. 19), é “negadora de su ciudadanía”²⁸ – e dos processos engendrados por estes sujeitos coletivos em um sentido de participação social e de inserção cultural no mundo que os rodeia. A investigação debruça-se a perceber como a comunicação, no âmbito de movimentos e projetos sociais²⁹, pode atuar conjuntamente com os próprios atores em um processo de inclusão e de pertencimento desses jovens – que vivenciam situações de desigualdade – na sociedade. Como as mídias digitais podem potencializar usos e apropriações, por parte da juventude, que levem ao fortalecimento da cidadania?

²⁸ “negadora de sua cidadania”. Tradução do autor.

²⁹ Os termos associação, ONG, movimento e projeto são usados aqui nesta tese como sinônimos, apesar de termos em conta as especificidades de cada um deles, para evitar a constante repetição de apenas um dos termos ao longo do texto. Os próprios diretores do *Aldeia* mesclam as denominações para falar da instituição. Já o *KDM* é sempre denominado como projeto, por se tratar não de uma instituição, mas de uma ação no âmbito do Centre Garcilaso. No capítulo 2 desta tese os termos serão apontados em suas peculiaridades e ambivalências.

A investigação, que se iniciou tendo como contexto a cidade de Fortaleza e os jovens moradores do Morro Santa Terezinha e da região do Mucuripe³⁰, expandiu-se – como conseqüência do estágio³¹ de doutorado no exterior, realizado entre 2010 e 2011 na Universidade Autônoma de Barcelona – para o cenário europeu, tendo a capital catalã também como panorama de pesquisa, bem como seus jovens atores coletivos, especialmente os residentes do distrito de Sant Andreu³². A problemática de investigação, que começou envolta por contornos territoriais bem definidos e situada em uma certa zona de conforto³³, demandou – em seu processo de criar vida e assumir rotas antes não imaginadas (BARSÍ LOPES, 2008a) – este encontro com a Espanha e com outros sujeitos informantes, moradores de Barcelona, enriquecendo-se ao ampliar os horizontes reflexivos com os quais procuramos trabalhar os elementos caros a esta tese, que são as relações entre jovens, mídias e cidadania.

Seja quando falamos sobre os jovens moradores da periferia³⁴ de Fortaleza ou refletimos acerca da juventude migrante³⁵ que vive em Barcelona, estamos voltando nossa

³⁰ Situado ao leste do centro da cidade, o perímetro do Mucuripe é um local com muita história. Acredita-se que em 1500 o navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón desembarcou neste cabo antes da viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil e o batizou de Cabo de Santa Maria de La Consolación. Atualmente, a zona do Mucuripe – região portuária da cidade de Fortaleza, que engloba, dentre outras localidades, os bairros do Vicente Pinzón e do Castelo Encantado e o Morro Santa Terezinha –, é uma área bastante visível nos meios de comunicação locais sempre que o assunto em pauta diz respeito à criminalidade (assaltos, homicídios e tráfico de drogas) e à vulnerabilidade social.

³¹ Durante o estágio de doutorado no exterior, popularmente chamado de “doutorado-sanduíche” (realizado entre março de 2010 e março de 2011), optamos por não nos restringir a fazer uma pesquisa bibliográfica no novo contexto investigativo, mas sim aproveitar a oportunidade no exterior para enriquecer a tese, ampliando a problemática e, como conseqüência disso, realizando um trabalho de campo com os jovens moradores da cidade. Mais detalhes dos desdobramentos da pesquisa serão explicitados no capítulo 3.

³² O Distrito de Sant Andreu é o nono dos dez distritos em que se divide administrativamente a cidade de Barcelona desde 1984. Sua população é estimada em aproximadamente 170.000 pessoas. Sant Andreu é o terceiro distrito em extensão, com uma superfície de 653 hectáres. Situado ao norte da cidade, está limitado pelo rio Besós, que serve de fronteira entre Barcelona, Sant Adrià e Santa Coloma, e os distritos de Nou Barris, Horta-Guinardó e Sant Martí.

³³ Apesar de não sermos moradores de regiões periféricas da cidade de Fortaleza e de não termos uma trajetória de vida nesses contextos, desenvolver uma pesquisa em sua própria cidade, em seu idioma pátrio e com a ajuda e a participação de conterrâneos é quase sempre muito mais “confortável” do que levar a cabo uma investigação em outro país, com a intervenção de pessoas até então desconhecidas – e com as quais não se tem nenhum laço – e em outra língua.

³⁴ O termo “periferia” é utilizado pelos coordenadores da associação *Aldeia*, quando estes falam sobre os jovens participantes de suas ações. Não são “jovens pobres”, “jovens carentes” e nem “juventude suburbana” as denominações citadas pelos representantes da ONG, mas “jovens de periferia”.

³⁵ Seja a partir da participação no congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010, ou no “I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa”, ocorrido em Barcelona, em novembro de 2010, fica claro a presença da questão das migrações no âmbito espanhol, bem como a centralidade do debate sobre o “problema” do fenômeno migratório em seus vínculos com o segmento da juventude. Principalmente no evento realizado em Madrid é notória uma preocupação de cientistas sociais

atenção para o contexto de desigualdades sociais e culturais que circundam estes sujeitos em suas práticas cotidianas, muitas vezes privadas de direitos e de autonomia. Este panorama de ausências – de políticas emancipatórias, de pleno acesso aos bens de consumo materiais, de visibilidade cultural, de igualdade social, dentre uma série de outras necessidades não atendidas – que atravessa as vivências dos indivíduos que dão vida a esta investigação, a priori, poderia configurar um movimento de vitimização da juventude excluída, que estaria apta tão somente a esperar passivamente por atitudes dos poderes públicos ou, para citar um exemplo comum na atualidade, por práticas assistencialistas³⁶ oriundas dos meios de comunicação hegemônicos – que têm se transformado, ao longo das últimas décadas, como um campo social em disputa pelo poder com o campo político (RODRIGUES, 2000). Entretanto não é este o recorte da realidade que nos interessa, e nem é a exaustiva repetição de dados sobre as desigualdades sociais ou o evidenciamento empírico da situação de pobreza em que vive parte do segmento juvenil o objetivo desta investigação. Como poderemos observar ao resgatarmos a trajetória dos modos como esta pesquisa veio se delineando e se corporificando ao longo dos últimos quatro anos, são os processos vivenciais da cidadania, sua conquista pelos atores coletivos juvenis que nos interessa, e não uma cidadania concedida como “brinde” pelo Estado ou “presenteada” pela mídia.

Assim, para tratar da problemática de pesquisa do doutorado acabamos tendo que voltar à pesquisa desenvolvida no mestrado, para que possa ficar claro a origem do interesse pelas intersecções entre os meios de comunicação e a cidadania e as transformações que se podem produzir em uma prática cidadã comunicativa quando se abre

e técnicos do governo com a elaboração de políticas públicas e ações governamentais que dêem conta de “resolver” a situação de ausência de integração, ociosidade, mendicância e delinquência de jovens migrantes na Espanha. Mesmo que não seja a intenção explícita desses eventos, vale ressaltar que os encontros e os debates que se alicerçam a partir dessa perspectiva negativa sobre os migrantes acabam justamente por reforçar o papel criminalizador das migrações, construído a partir de boa parte do discurso das instituições, inclusive as midiáticas.

³⁶ São muitos e divididos por toda a grade de programação das diversas emissoras, especialmente da televisão aberta, os exemplos de atrações que “fazem a sua parte”, contribuindo com alguma causa social. Como exemplo maior, tanto pelas proporções financeiras do investimento como pelo grau de exposição midiática, temos o caso do Criança Esperança, da Rede Globo, que arrecada milhões de reais anualmente, por meio de ligações telefônicas dos telespectadores da emissora carioca. Apesar de ser um tema recorrentemente trabalhado no meio acadêmico, vale a pena resumir a questão, afirmando que muitas dessas atuações, como no próprio caso do programa Linha Direta, têm um interesse maior por trás da atitude beneficente, que é o de cultivar uma imagem positiva da empresa (através das ações de marketing social), com vistas a um retorno financeiro obtido a partir deste posicionamento.

a atenção para os usos e apropriações das mídias digitais e das novas tecnologias. Percebemos que certos movimentos de retorno podem ser salutares, na medida em que, muitas vezes, é quando se volta às investigações anteriores que se pode superá-las, procurando novas demandas e questões desafiadoras.

No mestrado³⁷ o interesse de pesquisa voltou-se à percepção de como a questão da cidadania (no caso, referente ao problema da violência urbana) era construída pela mídia hegemônica e quais eram as produções de sentidos efetivadas pelos telespectadores do programa Linha Direta³⁸ sobre essa questão. Trata-se, neste caso, de uma cidadania “imposta”, articulada pela televisão e colocada “de cima para baixo”, “oferecida” pela mídia, que se auto-referencia como o novo território de exercício cidadão, já que, segundo Mata (1999), os espaços de representação públicos parecem já não dar mais conta de suprir totalmente as demandas de seus sujeitos sociais, num contexto de reconfiguração (para não dizer fragmentação) das instituições formais.

Como resultados da análise do produto televisivo e das apropriações feitas pelos sujeitos-informantes da investigação tivemos que a cidadania proposta pela mídia hegemônica, em sua grande maioria, se conforma como baseada na visibilidade e na informação, *per se*. Como se apenas o fato de mostrar criminosos fugitivos e visibilizar histórias de crimes sem solução fossem o suficiente para caracterizar uma prática midiática como cidadã. E quem não sabe do paradeiro do criminoso, contribui de que forma? Essa noção de cidadania – vinculada intrinsecamente, e tão somente, à informação – é suficiente para fazer de um veículo de comunicação (ou um programa) um “canal de cidadania”? Sendo assim todos os meios de comunicação atuariam sob uma postura cidadã, pois a totalidade deles, bem ou mal, informa. Mas é a qualidade da informação (relacionada à

³⁷ BARSÍ LOPES, Daniel (2008c). *Violência e cidadania na sociedade midiaticizada*: o programa Linha Direta sob a ótica da recepção. 2008. 280 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

³⁸ Simplificadamente, podemos dizer que o programa Linha Direta – baseado numa adoção da fórmula dos programas americanos do mesmo gênero, que fazem sucesso lá desde a década de sessenta – foi exibido pela Rede Globo de Televisão às quintas-feiras à noite, entre os anos de 1999 e 2007. A atração, apresentada inicialmente por Marcelo Rezende e substituída, posteriormente, por Domingos Meirelles, exibia semanalmente casos de crimes não solucionados pela Polícia e pela Justiça brasileiras, nos quais o acusado encontrava-se foragido. Uma pequena história contando a vida da vítima e de seu destino sendo cruzado com o do acusado era mostrada a partir de uma esquete-reportagem, que terminava com a encenação do crime. Após mostrar as fotos dos foragidos (alguns ainda não oficialmente condenados pela Justiça), o apresentador convidava as pessoas que soubessem do paradeiro dos “criminosos” a ligar para a produção do programa e entregá-los, exercendo, assim, o seu “papel cidadão”.

origem e aos processos de produção em que foi gerada) e, principalmente, as conseqüências e os encaminhamentos que essa informação pode ter, no sentido de transformação estrutural – e não paliativa e pontual – de uma situação de desigualdade e exclusão, que para nós qualificam uma atividade e uma prática midiática como cidadã. A cidadania comunicativa quando alicerçada somente pelas práticas da mídia hegemônica é, na maior parte dos casos, atrofiada (BARSÍ LOPES, 2008b), por não utilizar todo o potencial de autonomia e de protagonismo que a relação entre meios de comunicação e práticas cidadãs pode possibilitar. Fazendo uma analogia com a linguagem popular, muito mais vale ensinar às pessoas a pescar do que oferecer o peixe pronto.

Foi com um sentido de ruptura, então, que viemos construindo a problemática desta pesquisa, por acreditarmos que uma outra perspectiva investigativa nos levaria a caminhos mais suscitadores e produtivos e nos abriria novos horizontes de reflexão sobre as relações entre mídia e cidadania. Propusemos a investigação em “sentido contrário” ao que foi desenvolvido no mestrado: em vez de focarmos na cidadania proposta pelos meios de comunicação procuramos voltar nossa atenção à cidadania exercida, de fato, pelos jovens participantes de movimentos e projetos sociais, quando eles se utilizam da mídia com o objetivo de prática cidadã, como produtores. Ou seja, em vez do sentido mídia > cidadania > jovem, seria o sentido inverso: jovem > mídia > cidadania. Os jovens recorrendo ao uso das mídias digitais como recurso para promover a cidadania de suas causas, como instrumento de intervenção na sociedade. A idéia é perceber como isso se processa, efetivamente. Como as novas tecnologias da comunicação, que cada vez mais se tornam acessíveis a um público mais amplo, podem servir como meio, como instrumento, atravessando (e sendo atravessadas pelas) culturas juvenis para a atuação cidadã junto ao segmento da juventude? Como isso pode engendrar processos comunicacionais mais ou menos horizontais? Enfim, quais são os contornos que estão envoltos nesta relação?

A sociedade em rede³⁹ – configurada pela centralidade das mídias digitais, especialmente da internet, no cotidiano das pessoas – é a estrutura social de nosso tempo

³⁹ É importante termos em conta que as redes não estão relacionadas apenas à presença das mídias, mas é algo que existe anteriormente a este vínculo, já que as pesquisas sobre as redes são iniciadas por matemáticos e, somente depois, entram na seara das Ciências Sociais. “O estudo da sociedade a partir do conceito de rede representa um dos focos de mudança que permeia a ciência durante todo o século XX” (RECUERO, 2009, p. 17). Voltaremos a este assunto no capítulo 2 desta tese.

(CASTELLS et al, 2007). Nessa nova ambiência as formas de organizar-se coletivamente também sofrem mutações, sendo atravessadas pelas tecnologias da comunicação. O exercício da cidadania, que na contemporaneidade ultrapassa a concepção dos direitos sociais, civis e políticos e avança em direção às demandas culturais e identitárias (CORTINA, 2005), passa a ter nas possibilidades tecnológicas da sociedade em rede uma aliada. Movimentos sociais, associações de bairro, projetos culturais, pontos de cultura⁴⁰, dentre uma série de outras organizações do terceiro setor que lutam pela consolidação da cidadania em seus diversos âmbitos, podem ter seus potenciais de participação na sociedade ampliados quando da apropriação e do uso das mídias digitais em suas atividades. Castells (2007, p. 19) aponta que tem surgido “nuevas formas de reivindicación y movilización ciudadanas [...]. Y esas movilizaciones también utilizan las nuevas tecnologías de comunicación y, por consiguiente, adoptan nuevas formas de organización, debate y acción”⁴¹. Uma sociedade em rede acaba por requerer formas de ação coletiva e de exercício cidadão que também se manifestem pelas vias da tecnologia. Cardoso (2009, p. 5) acrescenta ao debate quando afirma que

quando governos e cidadãos vivem o mesmo ambiente de informação há muitas coisas que os cidadãos deixam de tolerar – têm muito menos tolerância para com a corrupção, negociações à parte, acordos secretos e o uso de ligações pessoais. Quanto mais o mesmo ambiente é partilhado, menos tudo o que parecia normal na política há uns anos atrás é aceito como normal.

⁴⁰ Os Pontos de Cultura estão previstos no programa Mais Cultura, criado pelo Ministério da Cultura para permitir que comunidades de difícil acesso recebam recursos do Governo Federal para potencializar suas atividades e valorizar a diversidade cultural. Os Pontos de Cultura potencializam iniciativas e projetos culturais já desenvolvidos por comunidades, grupos e redes de colaboração, através de convênios estabelecidos com entes federativos. Fomentam a atividade cultural, aumentam a visibilidade das mais diversas iniciativas culturais e promovem o intercâmbio entre diferentes segmentos da sociedade. A ação repassa a cada Ponto o valor de cento e oitenta mil reais no período de três anos.

Fonte: Ministério da Cultura

Disponível em:

<http://www.cultura.gov.br/site/>

Acesso em: 24 mai. 2011

⁴¹ “novas formas de reivindicación e mobilización cidadãs. E essas mobilizações também utilizam as novas tecnologias da comunicação e, por consiguiente, adotam novas formas de organização, debate e ação”. Tradução do autor.

Mas como será que os jovens de cidades tão diferentes como Fortaleza e Barcelona participam dessa sociedade em rede, e de que maneira essa sociedade manifesta-se nas duas localidades? E, mais especificamente, como os jovens das duas metrópoles, inseridos em uma ambiência de disseminação contínua das mídias digitais, utilizam-se das tecnologias da comunicação para dar voz às suas necessidades sociais, culturais, políticas, dentre outras demandas de cidadania? Apesar de diferentes culturalmente, de distantes geograficamente, de localizarem-se em países e continentes distintos – um que se diz desenvolvido e outro que se localiza nas nações em desenvolvimento⁴² – Fortaleza e Barcelona vivem de forma semelhante todos os fenômenos acarretados pela transição a uma sociedade organizada em rede, fatos estes que trazem, soluções, por uma lado, e criações de novos problemas, por outro. Levando-se em consideração as especificidades da sociedade cearense e da catalã, Fortaleza e Barcelona experimentam as contradições da estruturação societal em rede, que congrega o acesso ao universo da tecnologia com a brecha digital em determinados segmentos da população; a comunicação horizontal com as rearticulações das formas de poder e de controle (as desigualdades sociais muitas vezes aumentam em virtude de uma distribuição desigual das redes); a liberdade das formas de expressão com as manifestações de racismo e de discriminação; dentre uma série de outras ambigüidades que configuram este sistema. A sociedade em rede, ao mesmo tempo que distancia povos e regiões através dos modos como se corporifica em cada sociedade, também aproxima territórios, que podem viver de forma semelhante as conseqüências desta nova forma de estruturação social. A contemporaneidade – alicerçada em um quarto modelo comunicacional, baseado

⁴² A divisão do mundo em países desenvolvidos e em desenvolvimento é controversa e traz em seu bojo toda a complexidade das relações de poder geopolíticas. Após o “fim” do segundo mundo – socialista –, e do esfacelamento da separação do planeta em primeiro, segundo e terceiro mundos, ganha força a divisão geopolítica em países do Norte (desenvolvidos) e países do Sul (em desenvolvimento), com exceção da Oceania, que se encontra no Sul, mas é considerado um continente desenvolvido. Como são diversas as maneiras de se medir o grau de desenvolvimento de uma nação e muitos os referentes levados em conta (como o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, por exemplo), acabam sendo abundantes as diferenças na avaliação, de acordo com o organismo que avalia. São organizações como ONU – Organização das Nações Unidas, FMI – Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, dentre outras, as responsáveis por categorizar os estados nacionais de acordo com critérios que os hierarquizam. O que ocorre é que muitas dessas divisões camuflam relações de poder e interesses escusos, por parte das organizações, ou mesmo não conseguem dar conta da dinamicidade com os quais os índices de desenvolvimento alteram-se, especialmente no panorama dos países emergentes. Nos dias de hoje considerar China ou Brasil como países em desenvolvimento e Grécia como país desenvolvido é um exemplo claro das contradições e da falta de vínculo com a realidade econômica e social que envolvem algumas dessas categorizações geopolíticas impetradas pelos organismos internacionais.

na comunicação em rede (CARDOSO, 2009) – assiste a um movimento constante de inclusões e exclusões.

Os jovens que fazem parte desta pesquisa – muitos deles em situação de exclusão social e/ou cultural – configuram, em parte, perfis distintos em Fortaleza e em Barcelona. Na capital cearense, bem como em todas as grandes metrópoles brasileiras, os “jovens da periferia⁴³” ou a “juventude das favelas” assumem – nos discursos dominantes da mídia, especialmente, bem como, também, na área acadêmica e na seara dos técnicos do governo envolvidos com a criação e gestão de políticas públicas – contornos de problema social de máxima relevância, tema constante de reportagens, artigos científicos e relatórios de diagnósticos urbanos. São os jovens vítimas dos alarmantes níveis de desigualdades sociais no Brasil, um dos países mais desiguais do mundo⁴⁴, que vivem nos morros ou nas zonas periféricas das cidades, em condições precárias de moradia, em áreas onde muitas vezes faltam ruas pavimentadas, tratamento de esgotos e estrutura de urbanização. Trata-se da juventude que, muitas vezes por falta de oportunidades, entra no mundo do crime e das drogas. Não apontar as constantes restrições – em boa parte das instâncias de suas vidas – pelas quais passam as juventudes desfavorecidas economicamente no Brasil é negligenciar uma violência estrutural vigente no contexto de nosso país, que alimenta, dentre outras coisas, o tráfico e a violência urbana.

Já na Espanha, o segmento juvenil vinculado a termos como “periferia” e “favela” não adquire o mesmo sentido que no Brasil, visto que na Europa, de modo geral, ambas as categorias são invisibilizadas ou, no caso dos “subúrbios”, por exemplo, tem uma

⁴³ Tão grande é a simbologia do termo “periferia” no Brasil que a própria Rede Globo, exemplo máximo da mídia hegemônica nacional, produziu um conjunto de séries e programas como Central da Periferia, Canal da Periferia e Lan House, abordando a vida cotidiana nas periferias de cidades brasileiras. Na mais recente atração, Lan House, a apresentadora, Regina Casé, tratava dos espaços de acesso à internet nas zonas periféricas, mostrando como as mídias digitais estão cada vez mais presentes nas práticas sociais de indivíduos moradores de regiões que não gozam dos mesmos privilégios das que se localizam nos núcleos urbanos.

⁴⁴ Relatório da ONU (PNUD), divulgado em julho de 2010, aponta o Brasil como detentor de um dos piores índices de desigualdade no mundo. Quanto à distância entre pobres e ricos, nosso país empata com o Equador e só fica atrás de Bolívia, Haiti, Madagascar, Camarões, Tailândia e África do Sul.

Fonte: Jornal Correio do Brasil

Disponível em:

<http://correiodobrasil.com.br/desigualdade-social-no-brasil/175165/>

Acesso em: 26 mai. 2011

conotação diferente da que se tem em nosso país⁴⁵. Em Barcelona é o jovem migrante ou filho de migrantes que, no discurso dominante catalão, se transformou em calamidade pública nos anos mais recentes. Alvo de constantes tensões com relação às questões de diferenças culturais, que muitas vezes se misturam com (e camuflam um processo de) desigualdades sociais, os sujeitos juvenis de origem estrangeira são vistos como problema social e objetos de estudos dos técnicos do governo. Antigamente eram os jovens ciganos que originavam as preocupações dos setores públicos, mas com o fenômeno crescente dos fluxos migratórios com destino à Espanha, desde o final dos anos noventa e primeira metade dos anos 2000, são os jovens migrantes, especialmente os de origem africana e latino-americana, os que respondem pelos surtos de criminalidade, desemprego e pobreza na sociedade catalã. É a falta de integração com os autóctonos um dos principais elementos apontados pelas inúmeras políticas públicas criadas desde então para “resolver o problema” dos migrantes juvenis, o que muitas vezes causa um perigoso e incessante ato de despir esses atores coletivos de qualquer marca cultural oriunda de seus países de origem.

O problema que circunda o termo “integração”, recorrentemente apontado por diversos autores (e técnicos que propõem políticas públicas governamentais) de muitos países para lidar com a questão das migrações, é que ele se “inscribe en el ámbito del deber ser más que del ser”⁴⁶ (MARTINEZ, 2005, p. 8). Tratam-se, algumas vezes, os processos de integração não de um comportamento natural e paulatinamente adotado, pelos dois grupos – sociedade receptora e coletivos migrantes –, mas de uma postura imposta, que deve ser absorvida pelos migrantes se quiserem ser aceitos pelos seus pares nas novas condições de moradia. Ou seja, o conceito já aparece demarcado por uma cultura hegemônica, já que sugere que são, na maioria das vezes, os migrantes que têm a obrigação de se desfazer de seus referentes identitários de nascença se quiserem se integrar à sociedade de acolhida. Sentimos um certo desejo, por parte de nossos jovens filhos de migrantes, de se livrar de qualquer matriz cultural que os possa vincular a outras nações, como as em que seus pais nasceram, inclusive um certo rechaço pela migração, quando apontam seus sujeitos como

⁴⁵ Na Europa, bem como, por exemplo, nos Estados Unidos e no Canadá, os subúrbios, ao contrário da visão estigmatizada que se tem no Brasil, não são vistos como espaços de pobreza, onde vivem as pessoas socioeconomicamente menos favorecidas. Pelo contrário, são zonas onde vivem pessoas de alto poder aquisitivo, que, cansadas do movimento intenso nas áreas nucleares dos centros urbanos, procuram regiões mais afastadas para morar (MARTINS, 2008).

⁴⁶ “inscreve no âmbito do dever ser mais do que do ser”. Tradução do autor.

possuidores de um “aspecto desleñado, descuidado”⁴⁷, como afirma Lien⁴⁸, um dos jovens participantes de nossa pesquisa⁴⁹, moradora de Barcelona e filha de chineses. Portanto, apesar de prever uma convivência entre dois códigos culturais, oriundos das nações que marcam a sociedade de origem e a sociedade receptora (na qual, idealmente, os dois extremos caminhariam no sentido de um construir um meio-termo ou um entendimento comum), o que acaba ocorrendo na prática é que os processos de integração, muitas vezes, acabam camuflando movimentos de aculturação propostos pelos grupos dominantes dos países de acolhimento aos coletivos migrantes.

La tendencia en general es que exista la desigualdad en la magnitud de dichas modificaciones e influencias, y que una cultura tenga más poder y dominancia sobre la otra, lo que posibilita el poder llegar a diferenciar entre una cultura dominante y su relación con el conjunto de grupos minoritarios⁵⁰ (ZLOBINA e PÁEZ, 2008, p. 38).

Ambos os grupos, entretanto, sejam jovens moradores de periferia ou jovens migrantes, seja em Fortaleza ou em Barcelona, são vistos pelas respectivas sociedades como problema social, como, muitas vezes, é vista a juventude de forma geral, pelos adultos e pelas instituições formais⁵¹. Os dois segmentos, independente da categoria ao qual se refiram, vivenciam um constante processo de exclusão, social e cultural, que os torna vulneráveis em suas condições de cidadãos e de sujeitos de demandas, por mais que, em alguns momentos, não se dêem conta disso, dada a naturalização que determinadas estruturas desiguais acabam adquirindo nesses contextos, fazendo com que certas exclusões

⁴⁷ Optamos por não fazer a tradução das falas dos jovens do contexto catalão, deixando-as em espanhol, como uma forma de manter os relatos dos protagonistas da pesquisa o mais próximo possível do modo como foram narrados.

⁴⁸ Com a finalidade de preservar a identidade de nossos jovens informantes, todos os nomes dos sujeitos-pesquisados desta investigação foram trocados por pseudônimos, tanto no contexto brasileiro quanto no espanhol.

⁴⁹ Os jovens participantes da investigação serão apresentados e terão suas caracterizações explicitadas nos capítulos 4 (contexto cearense) e 5 (contexto catalão).

⁵⁰ A tendência em geral é que exista a desigualdade na magnitude de ditas modificações e influências, e que uma cultura tenha mais poder e dominância sobre a outra, o que possibilita poder-se chegar a diferenciar entre uma cultura dominante e sua relação com o conjunto de grupos minoritários. Tradução do autor.

⁵¹ Pilar Galindo – em conferência no congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010 – fala de uma sociedade “adultocrática”, que quase sempre enxerga o outro juvenil como um problema a ser resolvido. A autora ainda pontua os contornos complexos e instáveis que assume o fato de serem quase sempre os adultos que tentam descobrir o que é melhor e o que serve mais aos jovens.

pareçam uma coisa normal, já que fazem parte do cotidiano de nossos sujeitos informantes desde que eles nasceram. Mas a precariedade, ou mesmo a ausência, no acesso aos equipamentos culturais e de lazer da cidade, aos bens de consumo, à visibilidade e ao atendimento de suas necessidades, à segurança pública – visto que não somente o Brasil padece do mal da violência, bem como não são incomuns os embates violentos entre bandas ou gangues formadas por jovens migrantes em Barcelona (FEIXA, 1998) –, enfim, todos esses elementos congregam os jovens sujeitos desta investigação como excluídos. Melucci (2001, p. 38) acrescenta à discussão, quando nos fala que “la opacidad se manifiesta a través de lo que viene negado, marginado, privado de palabra y de sentido”⁵².

Os processos de vulnerabilidade, entretanto, também traçam percursos distintos em suas formas de manifestação. Em Fortaleza tratam-se de carências que se vinculam mais a um certo tipo de violência estrutural pela qual passam esses rapazes e moças, quando lhes são negados uma educação de qualidade; um transporte público eficiente; um sistema de saúde gratuito que funcione eficazmente; uma moradia que atenda às necessidades mínimas de higiene, com tratamento de água e esgoto. Na voz desses sujeitos são os governos, principalmente, os responsáveis pela ausência de alicerces sociais estáveis que possam proporcionar uma vida mais digna a todos. “O problema tá ali e eles [os governantes] não sabem resolver, eles acham que não tem mais solução para a nossa comunidade. É só quando acontece um problema realmente grande que eles vão buscar no fundo do baú aquilo que era pra ter feito antes” (Jaqueline, 22 anos).

Em Barcelona tratam-se de movimentos de exclusão que se abrem, principalmente, a partir de uma violência simbólica e cultural, quando as pressões dos governos, dos meios de comunicação e da própria sociedade pelo assimilacionismo desses jovens coage a juventude migrante a abandonar seu idioma, suas formas de vestir, sua religião, sua culinária, suas danças e suas festas em prol de serem aceitos pelos seus pares catalães. O adolescente, filho de chilenos, afirma: “Yo digo, a ver, si estás aquí em Cataluña, por ejemplo, pues tendría que moldearte, es como si yo me voy a Inglaterra, no puedo hablar español, tendré que hablar inglés” (Alberto, 15 anos). Até mesmo os jovens nascidos na América Latina – colonizada em sua maioria pelos espanhóis –, que, portanto, falam o

⁵² “a opacidade se manifesta através do que vem negado, marginalizado, privado de palavra e de sentido”. Tradução do autor.

castelhano, têm de aprender a falar o catalão se quiserem ser bem vistos pela sociedade barcelonesa⁵³. Mas os jovens de Fortaleza também têm suas demandas culturais, bem como a juventude migrante de Barcelona também vivencia problemas de ordem estrutural em seus cotidianos. Todos esses elementos formam um emaranhado, um movimento constantemente retroalimentado de vulnerabilidades e carências, difícil de separar de forma estanque e polarizada. Enfim, os jovens que motivam esta investigação vivenciam um processo de exclusão sociocultural e, com isso, enfrentam as dificuldades de construir seus próprios projetos de autonomia (MELUCCI, 2001). O autor (op. Cit, p. 43) afirma que “no se trata ya sólo de disparidades materiales, sino también de las desigualdades en las posibilidades que tiene todo individuo de realizarse como ser humano con plenos derechos”⁵⁴ e complementa (op. Cit, p. 54), quando nos diz que “en una sociedad planetaria no hay ciudadanía sin derechos humanos para todos, sin la posibilidad para cada uno de hacerse persona”⁵⁵.

Apesar da existência de um cenário alicerçado por carências e exclusões, quando falamos de juventude no contexto da periferia e das migrações transnacionais nesta investigação, queremos romper com a visão muitas vezes homogênea e imediatista que o senso comum (e muitas vezes mesmo o conhecimento científico) nos faz pensar sobre estes termos. Gostaríamos de ressaltar que utilizamos o termo “periferia” para demarcar as situações de desigualdade social nos contextos de inserção dos jovens com os quais trabalhamos – no contexto brasileiro da investigação – e de sua condição social, sendo conscientes da complexidade e ambigüidade do conceito, especialmente a partir da captura e da difusão que os meios de comunicação massivos têm feito dele, com a popularização de filmes como Cidade de Deus, assim como outros programas e séries produzidos pela Rede

⁵³ A região autônoma da Catalunha tem sua história marcada por processos e tentativa de independência com relação à Espanha. Durante a guerra civil espanhola a Catalunha perdeu a sua autonomia e sofreu uma importante e contundente repressão cultural e lingüística, inclusive com a abolição do uso do catalão, por parte do estado nacionalista espanhol. Em 1978, com a morte de Franco e com o fim da ditadura, a Catalunha recuperou outra vez sua autonomia e sua língua. Desde então, de forma enfática, a região autônoma luta pela preservação dos seus costumes e pela independência, sendo o uso do idioma catalão nas ruas, escolas e outras instituições formais um elemento de salvaguarda das tradições catalãs. Os de fora da Catalunha poderão ser melhor aceitos se falarem fluentemente o idioma catalão. Este tema será abordado de forma mais aprofundada no capítulo 5 desta tese.

⁵⁴ “não se tratam mais somente de disparidades materiais, mas também das desigualdades nas possibilidades que tem todo indivíduo de realizar-se como ser humano com plenos direitos”. Tradução do autor.

⁵⁵ “em uma sociedade planetária não existe cidadania sem direitos humanos para todos, sem a possibilidade de que cada um possa se fazer como pessoa”. Tradução do autor.

Globo, como Antônia e Cidade dos Homens, para não citar os apresentados por Regina Casé, já enumerados anteriormente. Esse processo se torna revelador da própria disputa discursiva e política que envolve o termo, dado que a periferia aparece mencionada freqüentemente como uma identidade atribuída aos outros, para afirmar seu pertencimento a outra classe social⁵⁶, a algo que lhes falta no sentido material e simbólico, podendo assumir, inclusive, um caráter pejorativo.

A própria história das formações das zonas periféricas no Brasil aponta nesse sentido de negação. A constituição das periferias nas grandes cidades brasileiras deu-se, muitas vezes, em correspondência com o processo de negar o espaço urbano aos setores populares da sociedade, que deveriam ser removidos para áreas afastadas, pois “o feio não deve ser mostrado. O feio deve ser jogado para bem longe...” (NUNES, 1990, p. 6). Em Fortaleza, a construção do Conjunto Ceará, no início da década de 1970, pode ser tomada como um exemplo do processo de higienismo contra as populações empobrecidas da sociedade, que deveriam, portanto ser deslocadas para zonas distantes e com pouca comunicação com o centro da cidade. O Conjunto Ceará, na cidade de Fortaleza, quando de sua inauguração, não tinha calçamento e sofria com o abandono do poder público, que não atendia às demandas dos cidadãos por escolas, postos de saúde, áreas de lazer e um eficiente sistema de transportes coletivos. As periferias, na história de grande parte das metrópoles brasileiras, podem ser pensadas como espaços de confinamento (GORCZEWSKI, 2007) e apartheid social, nos quais as populações desfavorecidas economicamente eram “jogadas” em um território inapropriado – com a desculpa, por parte dos governos, de ter acesso à casa própria – com o objetivo de limpar as cidades das áreas pobres e marginalizadas. Maricato (2001, p. 3) amplia, quando nos diz que

A segregação urbana é uma das faces mais importantes da exclusão social. Ela não é um simples reflexo, mas também motor indutor da desigualdade. À dificuldade de acesso aos serviços e infra-estrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos, etc.) somam-se menores oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menores oportunidades

⁵⁶ Apesar da amplitude que envolve o termo, podemos dizer que as classes sociais são coletividades estáveis, formadas por pessoas com níveis semelhantes de renda e remuneração, estilos de vida, cultura e orientação política (SANTOS, 2002, p. 64,65).

de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação de gênero e idade, difícil acesso à justiça social, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável.

No caso dos jovens de Barcelona, inseridos em outro contexto social e cultural, faz-se importante refletir que as migrações transnacionais devem ser compreendidas como um fenômeno bastante complexo, que comporta distintos motivos e trajetórias, e que não pode mais ser encarado de forma simplista, como mera consequência de problemas econômicos vividos pelos migrantes em seus países de origem. A questão econômica, o desejo de alcançar uma melhor renda para si ou para a família, tem sua importância, claro, mas diversos outros elementos incidem nas dinâmicas migratórias. O desejo de vivenciar uma nova cultura e aprender um outro idioma, o sonho de fugir de contextos ditatoriais ou onde predominam o fundamentalismo religioso ou a submissão da mulher a condutas patriarcais, a tentativa de viver em um cenário onde não haja tanta violência urbana e os índices de criminalidade sejam menores, dentre outros vários fatores, podem configurar o perfil dos processos migratórios na sociedade contemporânea. Somos, por natureza, seres em movimento, e deslocar-nos em busca de realizar nossos sonhos faz parte de nossa condição humana. Os coletivos migrantes comportam um rico e variado universo de sentidos, no qual a questão da necessidade de dinheiro (apesar de importante) também disputa espaço com o cultural, o social, o político, dentre outros aspectos que fazem com que o fenômeno migratório não possa ser visto a partir de uma relação linear de causa e efeito e de uma dimensão puramente econômica. “La inmigración es un complejo fenómeno social, económico y político que caracteriza los tiempos modernos y supone muchos retos a afrontar tanto para los inmigrantes como para las sociedades receptoras”⁵⁷ (ZLOBINA e PÁEZ, 2008, p.37). Complementando a discussão, vale a pena refletir que “la población adolescente migrante presenta circunstancias, expectativas y proyectos de vida familiares y personales muy diferentes”⁵⁸ (HUERTAS et al, 2010, p. 1).

⁵⁷ “A imigração é um complexo fenômeno social, econômico e político que caracteriza os tempos modernos e supõe muitos desafios a serem enfrentados tanto pelos imigrantes como pelas sociedades receptoras”. Tradução do autor.

⁵⁸ “a população adolescente migrante apresenta circunstâncias, expectativas e projetos de vida familiares e pessoais muito diferentes”. Tradução do autor.

Basta entrar no ambiente e acompanhar o dia-a-dia desses jovens para perceber que suas vivências não se resumem a carências, vitimizações e passividade, mas, pelo contrário, configuram um espaço de lutas, produtividade e ação. Sejam os jovens moradores da periferia de Fortaleza ou os migrantes juvenis de Barcelona, o que parece ficar claro é um cotidiano atravessado e afetado pelas micropolíticas e estratégias empreendidas por esses sujeitos sociais em busca de autonomia, mesmo com todas as dificuldades que sua condição socioeconômica forçosamente traz a estas atividades emancipatórias. É neste cenário de atuações protagonistas, onde os jovens querem ter o direito a serem vistos e levados em conta pelos poderes públicos e pelos outros segmentos da sociedade, que vislumbramos o potencial de inserção cidadã que constituem as mídias digitais, percebidas como instrumentos que podem favorecer um processo de comunicação mais horizontal, um acesso mais democrático à informação e um arsenal mais eficaz para as mobilizações coletivas. Sobre isto, é interessante quando Tufte (2010, p. 60) nos fala que

os jovens são inovadores ao se envolverem com novas mídias e formatos de comunicação, gêneros e culturas. Eles são a geração de cidadãos crescentemente expostas a – e fazendo uso das – mídias e tecnologias de informação e comunicação, tanto para entretenimento quanto para fins de informação, contatos sociais e mobilização e para compartilhar conhecimento.

A emergência das mídias digitais e da comunicação em rede traz em seu bojo a possibilidade de produção de conteúdos midiáticos a partir de uma outra lógica, que não mais somente a de um para todos, mas, também, de todos para todos, quando são abertos os recursos para que os sujeitos sociais com acesso aos suportes comunicacionais possam transformar-se em produtores de mídia. Neste sentido, a comunicação popular, pautada, muitas vezes, por uma atuação em pequena escala, mais territorializada localmente, assume outras feições. Com a centralidade cada vez maior das mídias em nossa sociedade e a disseminação das novas tecnologias comunicacionais, a comunicação muitas vezes abandona uma posição de coadjuvante no trabalho de determinados projetos sociais e associações e passa a ocupar um lugar de destaque, muitas vezes sendo um instrumento central, como no caso do *Aldeia* e do *KDM*.

O *Aldeia*, associação localizada em Fortaleza, e o *KDM*, projeto audiovisual levado a cabo em Barcelona, foram escolhidos como objetos de referência desta investigação por trabalharem com o público juvenil e por dinamizarem, em suas práticas e atividades, usos e apropriações das mídias digitais em um sentido de participação cidadã. Ambos os projetos possuem a característica comum de não serem encabeçados pelos jovens aos quais se destinam – ou seja, não são projetos que surgem no marco da periferia de Fortaleza (como um movimento de bairro, por exemplo) ou no contexto dos coletivos migrantes de Barcelona (como um movimento de atuação constituído no seio desses grupos) –, mas são concebidos a partir de um olhar externo, o dos coordenadores das ações, tendo como base uma postura crítica e uma perspectiva de trabalho na qual a juventude assume máxima importância e protagonismo na geração de idéias e encaminhamentos a serem desenvolvidos no âmbito desses espaços de mobilização e de participação cidadã. Apesar do potencial de inserção sociocultural que há no *Aldeia* e no *KDM*, é válido destacar todos os limites implicados em atuações desta natureza, em virtude das contradições existentes nas apropriações das mídias digitais pela juventude, mesmo ela sendo protagonista no processo.

Vale à pena enfatizar as relações entre comunicação e práticas de cidadania, entendendo a primeira como um potencial para que sujeitos coletivos atuem no sentido de construção da segunda. O direito à comunicação não é algo que deve ser pensado somente a partir da perspectiva do acesso, mas, também, do direito que temos todos de produzir comunicação, de difundir conteúdos, de gerir políticas públicas a esse respeito. Os processos de aprendizagem educacionais não se dão somente a partir da apropriação das mensagens emitidas pela mídia, mas, também, de sua produção. A participação na gestão comunicacional, na tomada de decisões, na pesquisa sobre temáticas de relevância que mereçam ser debatidas, na produção de outros olhares sobre uma mesma questão, na visibilização de outras pautas que não aparecem nos grandes conglomerados midiáticos, na edição que priorize outras gramáticas comunicativas, enfim, a atuação em todo esse fazer comunicacional (cujo processo adquire mais relevância do que o produto final em si) pode ser pensado como um elemento fomentador de cidadania, inclusive no que se refere à propriedade dos meios de comunicação.

Há muito tempo se sabe que a participação ativa do cidadão em todas as fases da comunicação, como protagonista, propicia a constituição de processos educacionais favoráveis ao desenvolvimento mais ágil do exercício da cidadania. [...] Não se discute a importância da difusão de conteúdos educativos, mas não é só por meio deles que se conscientiza (PERUZZO, 2008a, p. 376-377).

É neste sentido e com esta proposta de atuação que surge em Fortaleza o *Aldeia*, em 2004, pautado na inclusão social do jovem a partir do empoderamento das mídias digitais. Na concepção da ONG as novas tecnologias da comunicação possibilitam que a juventude possa refletir sobre o fazer comunicacional, transformar o olhar sobre o entorno local, apropriar-se das técnicas e das lógicas produtivas, debater sobre as questões que merecem ser visibilizadas nos meios, elaborar seus próprios conteúdos midiáticos e fazê-los circular através das redes, fomentando um processo de construção e representação de suas identidades (a partir de suas demandas, de seu reconhecimento dentro de uma territorialidade e de uma noção de pertencimento a uma sociedade em profunda transformação). É o acesso às mídias digitais e o manuseio da tecnologia que, na visão da associação, podem contribuir para que esses jovens possam reduzir as barreiras sociais e culturais e inserirem-se na sociedade como atores que participam e intervêm coletivamente na construção da cidadania (LIMA, 2009).

Já o *KDM* nasce no âmbito do Laboratório de Produção Audiovisual Cinecittà, do Centre Garcilaso⁵⁹, em setembro de 2010, com a proposta de um projeto que utilize o recurso audiovisual como um veículo para o entendimento e a integração entre os adolescentes autóctonos e migrantes, em um cenário – o da cidade de Barcelona e o contexto espanhol, de forma geral – tomado pelo profundo processo de transformação sociocultural como consequência do fenômeno migratório. O projeto contempla jovens de entre 14 e 18 anos, de Barcelona e arredores, que estão envolvidos no processo de produção de uma série audiovisual adolescente, publicizada pela internet, e tem como objetivos expressos em seu marco teórico:

⁵⁹ O Espaço Jovem Garcilaso é um equipamento municipal de Barcelona, situado no distrito de Sant Andreu, que tem como objetivo dar respostas às necessidades, inquietudes e demandas dos jovens do distrito e da cidade.

Vehicular y fomentar dinámicas integradoras entre los adolescentes, partiendo de la igualdad de condiciones; otorgar mayor visibilidad y protagonismo a las formas y prácticas de relación entre los más jóvenes; desarrollar en ellos el deseo de expresarse y posicionarse sobre un tema concreto que lo involucra, haciendolo de este modo sentirse parte de una opinion y estimulando en él una ciudadanía más activa⁶⁰ (HERRERA; TORRES, 2010, p. 2).

O que parece ficar claro quando se acompanha o trabalho desses projetos sociais que se utilizam das mídias digitais para o exercício cidadão, bem como as atividades desenvolvidas pela juventude que neles participam, é um desejo e uma tentativa de recontar as histórias desses jovens e das experiências que os cercam a partir de outras lógicas, que não as da mídia hegemônica, que, na visão de muitos deles, representa primeiramente os interesses das grandes corporações midiáticas e que, portanto, está mais interessada nos assuntos que possam gerar retorno financeiro, sem uma preocupação maior com a realidade dos fatos. A ênfase se dá no que pode gerar “estardalhaço”.

A mídia gosta muito de mostrar o lado podre, né, pelo menos os jornais que fazem sucesso aqui em Fortaleza são aqueles que só mostram quem morreu, quem foi assaltado. [...] A maioria deles só mostram o lado ruim, eles meio que dão importância às coisas que não são boas (Xaiane, 22 anos).

Percebemos nos movimentos que se tecem no âmbito dos projetos uma espécie de disputa por outros modos de identificação, que concorreriam com as construções da mídia massiva sobre os temas concernentes à realidade desses grupos. Os nossos jovens do Morro Santa Terezinha, engendrando um processo de auto-representação, querem identificar-se com um outro tipo de visão do lugar, diferente da que o enxerga somente como lugar de tráfico de drogas, vadiagem e criminalidade. E os jovens migrantes em Barcelona, sujeitos dessa investigação, parecem viver um duplo processo (aparentemente contraditório) em um sentido de auto-representação: querem poder constituir uma outra imagem dos processos

⁶⁰ Vehicular e fomentar dinâmicas integradoras entre os adolescentes, partindo da igualdade de condições; outorgar maior visibilidade e protagonismo à formas e práticas de relação entre os mais jovens; desenvolver neles o desejo de expressar-se e posicionar-se sobre um tema concreto que o envolva; fazendo-o deste modo sentir-se parte de uma opinião e estimulando nele uma cidadania mais ativa. Tradução do autor.

migratórios e dos sujeitos que vão viver fora de seus países de nascimento – tentando desvincular esse fenômeno dos elementos que sempre vêm à tona quando se fala de migração, como pobreza, delinquência, ilegalidade, sujeira e inchaço do mercado de trabalho – e, ao mesmo tempo, anseiam desvincular-se de uma identificação com o coletivo migrante e com o país de origem de sua família.

Nos dois contextos – Fortaleza e Barcelona – há um processo combinatório de identidades locais e cosmopolitas, de relações de pertencimento com o – ou um – local e com o global, de reconhecimentos com elementos culturais que estão perto e estão longe. Existe uma identidade marcadamente local, que enfatiza o “caráter de proximidade, a dimensão de familiaridade, a conexão estreita com o cotidiano, o interesse pelas singularidades e a ênfase nas interações face-a-face” (COGO, 2010a, p. 644) que dialoga – e em todo diálogo há concordâncias e discordâncias, aproximações e tensões – com uma identidade cosmopolita, que não consegue mais perceber o estado-nação como teto político e único tótem cultural com o qual os sujeitos – muitos deles transnacionais, ou seja, que constituem as suas vivências em um *entre* – podem identificar-se (HALL, 2003). Os usos e apropriações das novas tecnologias da comunicação podem potencializar essas (re)construções identitárias, essas afetações entre identidades locais e cosmopolitas, quando possibilita que os jovens possam visibilizar-se de outros modos, atendendo a outras demandas de reconhecimentos e a distintos sentimentos de pertença.

Esses processos de (re)construções e (re)valorizações identitários, de necessidades de determinados grupos sociais de visibilizar-se de uma forma distinta da que é veiculada pelos meios de comunicação massivos, dentre outros fatores preponderantemente culturais, são uma marca na configuração dos chamados novos movimentos sociais, que são “movimientos contemporáneos [que] se presentan como redes de solidaridad con fuertes conotaciones culturales”⁶¹ (MELUCCI, 2001, p. 20). Com o final da ditadura e o esfacelamento do “inimigo” único contra o qual se lutar, outras questões de interesse emergem no cenário de ação dos movimentos, contribuindo “para incorporar à agenda pública uma multiplicidade de posicionamentos pautados não mais apenas na classe social, mas em gênero, etnia, religiosidade, geração, imigração, etc.” (COGO, 2005a, p. 2). A

⁶¹ “movimientos contemporáneos que se presentan como redes de solidaridad con fortes conotaciones culturales”. Tradução do autor.

autora (op. Cit, p. 3) ainda chama a atenção para “a questão do reconhecimento e da diferença com a questão da redistribuição dos recursos materiais e simbólicos nas sociedades contemporâneas”. É nesse sentido de demandas que se voltam muito mais para questões identitárias que podemos falar na emergência dos novos movimentos sociais. Esses grupos organizados adquirem características específicas – e remodeladoras do panorama contemporâneo – em nossas sociedades complexas, onde a cultura ganha destaque como um dos eixos norteadores das vivências dos atores coletivos.

Os chamados novos movimentos sociais (MELUCCI, 2001; TOURAINE, 1998) caracterizam-se por ter na consciência e na prática de suas ações temáticas e lutas outras que não somente às ligadas aos movimentos operários e de classe da sociedade industrial. No pós-industrialismo – diferentemente do período industrial, quando a luta de classes pelos meios de produção dominava a cena política – emergem outras demandas, “pautadas na diferença e nas identidades culturais” (COGO, 2005a, p. 2), fazendo surgir novos tipos de movimentos, cujos interesses se voltam para outras questões, como, por exemplo, a ecologia, a diversidade e a liberdade sexuais, o feminismo, a cultura, dentre uma série de outras perspectivas que passam a ser tematizadas e agendadas por esses movimentos, que mais do que mudar a sociedade, querem mudar a vida (TOURAINE, 1998).

Os novos movimentos sociais seriam principalmente os movimentos pacifistas, das mulheres, ambientalistas, contra a proliferação nuclear, pelos direitos civis e outros. Tais movimentos, a maioria de base urbana, estavam bastante afastados do caráter classista dos movimentos sindical e camponês (MACHADO, 2007, p. 253).

Podemos acrescentar à lista os movimentos negros, homossexuais, de jovens, de migrantes, dentre uma série de outros coletivos que trabalham – muitos deles no marco dos movimentos em rede (MACHADO, 2007), com a participação ativa das novas tecnologias da comunicação – e lutam para reconhecerem suas diferenças, mas, também, para afirmarem sua igualdade como indivíduo e sujeito social, no panorama de um estado que classifica e hierarquiza culturas e modos de identificação. Segundo Grimson (2000, p. 18), “los espacios nacionales pueden comprenderse como campos de interlocución en los que

algumas formas de identificação são legitimadas em los procesos de alianzas y conflictos, mientras otras son invisibilizadas”⁶².

Neste cenário, onde emergem outras demandas de cidadania – mais voltadas para o universo cultural e identitário, e que, portanto, não se satisfazem mais com a noção do conceito vinculada somente aos direitos sociais, civis e políticos, nos termos de Marshall (1967) –, os meios de comunicação podem converter-se em instâncias onde se produz um mecanismo de cidadania comunicativa, quando passam a atuar como um espaço de mediação entre os sujeitos e as instituições (MATA, 2000). Discordamos de Bucci (2004, p. 33) quando ele afirma que “o que não é visível não existe e o que não tem visibilidade não adquire cidadania”, pois persistem movimentos populares ou de bairro, ações de agrupamentos rurais, dentre outros exemplos, que podem não ter suas ações articuladas a partir de uma perspectiva midiática. Mas não podemos deixar de ter em conta que as mídias podem suprir, em determinados aspectos, uma carência de cidadania (MATA, 2006)⁶³, especialmente quando ela atua como uma espécie de “palco” para a visibilidade de demandas sociais (BARSÍ LOPES e KLEIN, 2007) e como arma de vigilância e controle de práticas políticas, como ampliação da esfera pública e do debate acerca de determinados assuntos de interesses das populações locais.

E as mídias digitais, especialmente através da internet (com todo o seu potencial de horizontalização e democratização dos processos comunicacionais), conformam um papel protagonista nesse sentido da cidadania comunicativa, ao permitir – seja com a emergência de observatórios de mídia (que regulam a atuação e os abusos dos próprios meios de comunicação), de *blogs*⁶⁴ capitaneados por jornalistas que não podem falar tudo o que querem em seus postos nos meios massivos, de jornais *online* que trabalham com conteúdos colaborativos, ou de produções audiovisuais elaboradas por segmentos populares

⁶² “os espaços nacionais podem ser compreendidos como campos de interlocução, nos quais algumas formas de identificação são legitimadas nos processos de alianças e conflitos, ao passo que outras são invisibilizadas”. Tradução do autor.

⁶³ Conferência de Maria Cristina Mata em aula inaugural do ano letivo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 29 de março de 2006.

⁶⁴ *Site* cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou *posts*, que podem ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*. Muitos *blogs* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular, outros funcionam mais como diários *online*. Um *blog* típico combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da *web* e mídias relacionadas ao seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos *blogs*.

e compartilhadas através de *sites* como o Youtube⁶⁵ – que as mais diversas manifestações culturais e identitárias possam conquistar um espaço de diálogo na sociedade. A democratização da comunicação, não só através do acesso, mas, também, a partir da abertura do campo gestor e produtor, pode atuar como alicerce na constituição de uma cidadania comunicativa, que pode ter como norte dar voz às culturas marginalizadas, como as culturas juvenis, sejam de moradores de periferia, sejam de migrantes.

Mas como culturas ditas da periferia dialogam com culturas oriundas do “asfalto”⁶⁶? Como manifestações identitárias de migrantes convivem com as formas de vida dos autóctonos? Como interagem, no âmbito dos movimentos e projetos sociais, culturas juvenis e adultas – visto que muitas dessas ações (dentre elas as que são levadas a cabo pelo *KDM* e parte dos projetos desenvolvidos pelo *Aldeia*⁶⁷), mesmo que trabalhem com a juventude, têm como coordenadores indivíduos que já não se encontram mais nesta faixa etária? Como se evidenciam essas disputas, nas quais todos os atores buscam constituir-se como um interlocutor legítimo? Vale à pena, então, refletir como um ideário intercultural – ou seja, de intercâmbios e diálogos entre culturas e visões de mundo onde não haja uma subordinação de uma manifestação cultural por outra, dita como hegemônica – está presente nas formas de ação desses coletivos, cujo cenário de ação comporta tanta diversidade de posturas e tanta disputa por reconhecimento. “Son circunstancias sociales y políticas, y el modo en que los actores viven esas circunstancias en el marco de contextos

⁶⁵ O Youtube é um popular *site* que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Há nele grande compartilhamento de videoclips, filmes, produções caseiras, bem como da programação da TV aberta e fechada.

⁶⁶ No senso comum criou-se esta dicotomia entre favela e asfalto ou morro e asfalto, para categorizar os elementos culturais e sociais que seriam, a priori, distintivos de cada grupo, bem como para apontar os processos de hibridação entre essas manifestações da cultura. Assim, quando apresentações de funk são exibidas em clubes cariocas de bairros nobres, por exemplo, fala-se em “funk de asfalto” ou que “o funk desceu o morro”, no sentido de afirmar que um elemento cultural “oriundo” do morro e da favela agora é apropriado por segmentos que moram nos bairros das classes média e alta.

⁶⁷ Como será explicitado mais adiante, o Mapa ao Quadrado – cujas atividades foram acompanhadas em nosso trabalho de campo, no contexto cearense da pesquisa –, um dos projetos desenvolvidos em parceria com o *Aldeia*, é coordenado por um jovem de 25 anos, distanciando-se da prática muitas vezes comum dos movimentos juvenis, que contemplam “adultos coordenadores” que trabalham com “jovens participantes”.

relacionales específicos, los que definen si una dimensión resulta diferenciadora o aglutinadora de personas y grupos”⁶⁸ (GRIMSON, 2000, p. 103).

E os meios de comunicação, sejam os hegemônicos ou os alternativos⁶⁹, têm uma participação preponderante na conformação dessas circunstâncias sociais e políticas que envolvem a configuração de uma cidadania intercultural. É neste sentido que acreditamos que, para além do interesse pelos processos de produção de conteúdos midiáticos e de gestão de políticas de comunicação pelos jovens, no âmbito do *Aldeia* e do *KDM*, o desenvolvimento desta investigação também pode ajudar a iluminar o campo da recepção midiática. As afetações entre mídia e sociedade, a oferta de alguns tipos de programas e de determinadas formas de construção da realidade social pelos meios hegemônicos, as leituras que se fazem dos conteúdos comunicacionais, a absorção e/ou o rompimento que se processa com relação aos estereótipos oferecidos pelos sistemas massivos de comunicação, enfim, as maneiras como se constituem as circularidades e as implicações dos produtos culturais midiáticos são fundamentais para que possamos compreender os modos como a interculturalidade – ou seja, as convivências que se originam frente ao estranhamento que se produz com relação à alteridade, em nossas dimensões cotidianas (GRIMSON, 2000) – se faz presente em nossa sociedade contemporânea.

Ainda no âmbito da recepção, temos em conta que ao gerirem mídias e produzirem conteúdos comunicacionais os jovens não deixam de lado sua condição de audiência, e interessa-nos, também, ver de que modo essa condição de “lectores, espectadores e internautas”⁷⁰ (GARCÍA CANCLINI, 2007) atravessa os processos de produção dessa juventude. A potencialidade dos atores coletivos juvenis da contemporaneidade de tornarem-se gestores e produtores de mídia está vinculada às leituras e produções de sentidos que fazem dos meios de comunicação hegemônicos, aos modos como interagem com eles. Além disso, devemos levar em conta que se recepção são processos de produção de sentidos, essa produção de sentidos não deve ser vista somente como “leitura”, mas, também, como criação, gestão e experimentação com as mídias. Enfim, o que acontece

⁶⁸ “São circunstâncias sociais e políticas, e o modo como os atores vivem essas circunstâncias no marco de contextos relacionais específicos, os que definem se uma dimensão resulta diferenciadora ou aglutinadora de pessoas e grupos”. Tradução do autor.

⁶⁹ As relações e distinções entre as concepções hegemônicas, alternativas, comunitárias, dentre outras, dos meios de comunicação serão analisadas de forma mais aprofundada no capítulo 2 desta tese.

⁷⁰ “leitores, espectadores e internautas”. Tradução do autor.

quando “essas juventudes passam de simples fruidores para produtores culturais nas linguagens culturais às quais aderem, colocando-se na cena pública em outro patamar e recolocando a cidadania em outros moldes” (DAYRELL, 2004, p. 16)? Será que na prática concreta os jovens envolvidos em associações e projetos da natureza do *Aldeia* e do *KDM*, com um tempo determinado – algumas vezes curto – de execução e supervisionados por coordenadores – que, muitas vezes, são adultos – alcançam, de fato, um papel protagonista e de autonomia nas gestões comunicativas?

Neste sentido, feita esta trajetória – composta de idas e vindas, ampliações e recortes, reflexões teóricas e empíricas – na configuração da problemática de pesquisa, a pergunta que norteia o desenvolvimento da investigação é a seguinte: quais processos sociocomunicacionais são engendrados pelos jovens em situação de exclusão quando estes se envolvem na articulação e na dinamização de uma participação cidadã, a partir das práticas de usos e apropriações das mídias digitais, no âmbito da associação *Aldeia*, em Fortaleza, e do projeto *KDM*, em Barcelona?

A problemática de pesquisa – que tem como sustentáculo fundamental o interesse em investigar os processos sociocomunicacionais tecidos pelos jovens participantes do *Aldeia* e do *KDM*, quando estes passam a atuar como gestores e produtores midiáticos, procurando construir compreensões e práticas de cidadania a partir dos usos e apropriações das mídias digitais – divide-se em três eixos investigativos, que objetivam responder às demandas reflexivas geradas no âmbito da pergunta-problema. O primeiro eixo diz respeito aos **usos e apropriações das mídias digitais**, ao modo como estão sendo efetivamente materializados esses contatos dos jovens com as novas tecnologias da comunicação. O que eles fazem com as mídias e como fazem? O segundo eixo concerne aos **processos comunicacionais e as interações** (diálogos, controles, hierarquizações, participações, motivações, etc.) gerados no espaço dos projetos sociais, a partir das dinâmicas de gestão e produção dos jovens com a comunicação, no marco da sociedade em rede. O terceiro, e último, eixo relaciona-se com a **concepção de cidadania** que têm os jovens do *Aldeia* e do *KDM*, ou seja, o que significa e como se corporifica uma atuação cidadã para eles hoje, na sociedade contemporânea, mediada pelas tecnologias da comunicação.

Enfim, após clarificar o questionamento central que alicerça e norteia a pesquisa e explicitar os eixos sob os quais ela se desenvolve, faz-se necessário esclarecer e aprofundar

agora a importância da problemática em debate nesta tese, bem como de cada um dos temas adjacentes, para a pesquisa em comunicação e para a sociedade. Sociedade esta que pode ter na tríade juventude-mídia-cidadania um potencial para construir seus projetos de emancipação e para exercer “el derecho a la autonomía” (MELUCCI, 2001, p. 111).

1.3. Ação juvenil a partir das mídias: relevância da temática na contemporaneidade

Uma pesquisa que se proponha a investigar teórica e empiricamente as relações entre os movimentos juvenis, a cidadania e os meios de comunicação – em um processo de extrema presença da mídia na sociedade –, se justifica e adquire relevância no cenário atual da pesquisa em comunicação por uma série de fatores. Primeiramente, alcança importância justamente por focar na juventude, essa “fase de transição, de rebeldia, de busca de independência” (GOMES e COGO, 1998, p. 7). Ribeiro e Novaes (2008, p. 8) completam, quando afirmam que “se é verdade que nunca houve uma humanidade tão numerosa e tão jovem, certamente caberá à juventude atentar para urgentes ações no ‘aqui e agora’ e reinventar utopias, doadoras de sentido para a vida”. Devemos ter em conta que a juventude não pode ser tomada como um bloco generalista, mas sim pensada como um segmento plural e contraditório, entretanto, não podemos deixar de resgatar o pensamento de Islas (2010)⁷¹ e acreditar no potencial de parcelas significativas deste estrato juvenil para atuarem como “protagonistas das mudanças sociais”. A população do país passa por um processo de envelhecimento⁷² – tendendo a um equilíbrio entre base e topo da pirâmide etária nas próximas décadas –, mas o Brasil, bem como os demais países da América do

⁷¹ Conferência de José Antonio Pérez Islas na sessão inaugural do Congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010.

⁷² O alargamento do topo da pirâmide etária pode ser observado pelo crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passou para 5,9% em 2000 e chegou a 7,4% em 2010.

Fonte: Folha.com

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/908787-populacao-com-mais-de-65-anos-cresce-no-brasil-mostra-ibge.shtml>

Acesso em: 17 mai. 2011

Sul, continua sendo um país predominantemente jovem e urbano⁷³. Acerca das investigações que se voltam para refletir sobre os jovens, é interessante quando Peralva (1997, p. 23) assinala que

enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário em particular, mas também de uma nova sociedade transformada pela mutação.

E são esses jovens de hoje, inseridos em uma cultura midiática e em uma vivência que lhe são próprias, que serão os adultos de amanhã, os responsáveis por ações concretas no país do futuro. Já que a juventude é vista como um segmento produtivo da sociedade – em sua imagem positiva, porque esta faixa etária é, quase sempre, representada de forma polarizada, ou como problema público ou através de um discurso de “futuro da nação” –, torna-se útil debater sobre ela, especialmente em sociedades como a espanhola, que vivencia um processo acelerado de envelhecimento, movimento este que dá seus primeiros sinais também no Brasil. Mas o discurso contemporâneo em torno da juventude, além de ser marcado pelas polarizações, é articulado através de profundas relações com o mercado capitalista (RICO, 2011). A juventude protagonista pode ser – e é, em determinados contextos – uma realidade, mas também pode ser um slogan de manipulação, utilizado pela publicidade. A juventude que lidera a “geração saúde” rende lucros ao mercado de moda e de academias, a juventude que roda o mundo em busca de novos horizontes gera receita para o conglomerado de negócios vinculados ao turismo, a juventude que amplia os conhecimentos e batalha para crescer na vida enriquece as universidades particulares e os cursos de aperfeiçoamento nas mais diversas áreas. Até para ser “cult” e alternativo nos dias de hoje é preciso seguir algumas tendências, afinal as camisetas com gravuras do Che

⁷³ Ribeiro e Novaes (2008, p. 4) afirmam que na América do Sul “vivemos o apogeu da quantidade de jovens com relação ao total da população da região, entre 20% a 25%, quadro que deve permanecer pelo menos até 2015”.

Guevara e os All Stars⁷⁴ geram dividendos para seus fabricantes. A juventude têm-se convertido em uma moda, e, como quase tudo o que está “em alta no mercado”, é desejada por todos. É nesse movimento que a juventude com atitude tem se convertido, cada vez mais, em uma palavra de ordem para as gerações que chegam à adolescência (SCHMIDT, 2007). O discurso ideológico da “juventude transformadora” – tão contraditório quanto a própria juventude – esbarra nos obstáculos construídos pelas mesmas instâncias – estatais e mercadológicas – que o criaram. Segundo Rico (2011, p. 9) afirma, “ninguna sociedad, pues, ha rendido un culto tan fanático a la juventud como la nuestra; y ninguna sociedad, sin embargo, ha despreciado tanto a los jóvenes”⁷⁵.

A juventude acaba se tornando, muitas vezes, uma categoria social denominada por todos, menos por ela mesma, como confirmam os pontos de vista dos jovens que dão vida à esta pesquisa, que afirmam não se sentirem escutados e levados em consideração pelas instâncias hegemônicas, especialmente o Estado e os adultos. Para além das categorizações psicológicas, sociológicas, antropológicas, fisiológicas, etc., é preciso compreender como se identificam os próprios jovens, como tecem suas relações com as diversas instituições que os rodeiam e como reapropriam os significados que lhes são impostos através do olhar do outro. O manifesto do coletivo Juventud sin Futuro traz à tona algumas dessas demandas recorrentemente recolhidas e não levadas em conta quando se pensa ou se fala sobre o jovem. A juventude reverbera um desejo não de se rebelar contra os mais velhos, mas de romper com a infância (RICO, 2011). Enquanto a sociedade quer mantê-los na infância – a partir do momento em que o capitalismo priva os jovens do trabalho e da casa própria, dificultando seus processos de autonomia – o sujeito juvenil anseia por entrar na fase adulta, para poder usufruir da independência que, pelo menos teoricamente, cabe à esta etapa da vida.

Los jóvenes se han hartado de la juventud eterna, tiranía de los mercados, y luchan maduramente contra ella. [...] Solo a adultos perversos puede producir sorpresa que los jóvenes quieran ser mayores en lugar de querer seguir siendo niños. Nos sorprende y nos

⁷⁴ Tênis, produzido pela empresa americana Converse, que encontra muitos consumidores entre o público juvenil, especialmente aquele mais alternativo a um circuito da moda que privilegia o estilo “patricinha” e “mauricinho”.

⁷⁵ “nenhuma sociedade, pois, tem cultuado de forma tão fanática a juventude como a nossa; e nenhuma sociedade, sem dúvida, tem depreciado tanto os jovens”. Tradução do autor.

indigna: ‘ninguna generación ha vivido mejor’, les regañan los periódicos y los políticos. También es verdad que ninguna ha tenido menos perspectivas de futuro⁷⁶ (RICO, 2011, p. 11).

Nesse cenário de incertezas, no qual os referenciais de vida parecem cada vez mais fluidos, são as práticas de cidadania, o conhecimento de seus direitos e deveres como cidadão do mundo, o discernimento acerca de sua responsabilidade social perante as atitudes tomadas hoje e o sentimento de pertença a um determinado grupo ou território que permitem que este mundo que esperamos para amanhã seja mais justo e igualitário, proporcionando a configuração de um espaço público intercultural e de uma existência plena para todos. Esta tese busca, principalmente, perceber, analisar e compreender as trajetórias que vêm sendo desenvolvidas, com o auxílio das mídias digitais, no marco de projetos e movimentos sociais, no sentido de diminuir a exclusão social e cultural de jovens, seja no Brasil ou na Espanha.

Torna-se, nesta empreitada, fundamental compreender as culturas juvenis, os processos de sociabilidades instaurados na juventude, seus referenciais de identificação, as demandas e os sonhos dessa faixa etária, os modos de participação desta geração na sociedade que a rodeia, a relação com a alteridade e com o(s) outro(s), enfim, as possibilidades de exercício cidadão a partir de uma consciência coletiva que pode ser fomentada desde a adolescência. Este cenário de práticas e tentativas juvenis de atuação cidadã é, muitas vezes, intensamente penetrado, atravessado e configurado pelo sistema midiático contemporâneo que, ao mesmo tempo em que pode ser pensado como uma ferramenta para o exercício cidadão – a partir das mídias comunitárias ou dos usos sociais mais horizontalizados previstos na configuração da sociedade em rede (CASTELLS et al, 2007), por exemplo –, contraditoriamente está inserido em uma sociedade mercantil na qual valores como a cultura do consumismo e o capitalismo de imagens atingem a máxima relevância. Ou seja, descentralização, consumo, participação e capital convivem e implicam-se nos contornos de uma mesma sociedade em rede, que é plural e contraditória.

⁷⁶ Os jovens estão fartos da juventude eterna, tirania dos mercados, e lutam de forma madura contra ela. Somente aos adultos pervertidos pode produzir surpresa que os jovens queiram ser mais velhos no lugar de querer seguir sendo crianças. Nos surpreende e nos indigna: ‘nenhuma geração tem vivido melhor’, nos repreendem os jornais e os políticos. Também é verdade que nenhuma tem tido menos perspectiva de futuro. Tradução do autor.

Mas como os jovens, cujas vivências estão situadas em uma ambiência midiática que celebra as mídias digitais, mas que, também, compartilha as experiências comunicacionais com os meios ditos tradicionais, constroem sua participação na sociedade como sujeitos autônomos e protagonistas de suas próprias histórias?

O foco desta investigação volta-se para uma experiência que poderia ser pensada como a “cara” da contemporaneidade, como um “selo” do que existe de mais atual, que marca a vivência cotidiana de boa parte das pessoas nos centros urbanos: os usos e apropriações das mídias digitais, ou seja, dos meios e suportes de comunicação que se utilizam da tecnologia de codificação e decodificação de sinais digitais. Explanando de forma simplificada, são meios e ferramentas que tornam possível a produção e o compartilhamento de textos, sons e imagens em um tipo único de formato, que é o digital, facilitando, assim, a elaboração, a difusão e o consumo de materiais que, antes da linguagem digitalizada, necessitavam de suportes exclusivos (e que muitas vezes não dialogavam entre si) para funcionar. Encontram-se nesse leque tecnológico, por exemplo, as câmeras e filmadoras digitais, os telefones celulares, *smartphones*⁷⁷ e *tablets*, os computadores, a televisão digital, e uma mídia que é elementar neste processo de digitalização da comunicação, que é a internet.

A importância de termos objetos de pesquisa que se alicerçam, também, na presença da internet – já que ambos os projetos, *Aldeia* e *KDM*, compartilham materiais audiovisuais por meio de *sites* e *blogs*, bem como mantêm contato com os interessados em suas atividades por meio de suas páginas na rede – justifica-se por uma questão central: o avanço cada vez maior da penetração da rede de alcance mundial em nossa sociedade. Atualmente o Brasil é o quinto⁷⁸ maior usuário de internet do mundo, em termos de total de população que acessa a rede, ficando atrás apenas da China, dos Estados Unidos, do Japão e da Índia. A Espanha também conta com números expressivos no que diz respeito ao acesso à internet, apesar de manter-se um pouco abaixo da média européia⁷⁹. Mesmo com uma

⁷⁷ *Smartphones* são telefones celulares com funcionalidades avançadas, semelhantes às de um computador, mas menos sofisticadas do que as que se encontram nestes últimos.

⁷⁸ Fonte: Globo.com

Disponível em:

<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1352191-6174,00.html>

Acesso em: 17 mai. 2011.

⁷⁹ Fonte: (CASTELLS et al, 2007, p. 41).

população significativamente menor do que a brasileira, foram registrados 29.093.984 usuários de Internet na Espanha (representando 62,6% da população) em junho de 2010, refletindo um aumento de 440% em relação aos dados do ano 2000⁸⁰. Os números da internet servem para nos orientar com relação ao potencial de produção, compartilhamento e consumo de produtos midiáticos digitalizados, hospedados na rede.

No que diz respeito aos aparatos tecnológicos e aos suportes comunicacionais que ajudam a configurar a sociedade em rede, as *webcams*, câmeras digitais e micro-filmadoras passam por acentuadas quedas de preços, tornando-se utensílios cada vez mais presentes entre os usuários. Os complicados processos de edição de vídeos, que antes exigiam equipamentos caros e sofisticados, hoje podem ser feitos em casa mesmo, com *softwares* que são manuseados a partir de computadores pessoais. Certos processos de captação e tratamento de imagens, que antes somente podiam ser desenvolvidos por profissionais altamente qualificados e com anos de experiência no assunto, atualmente podem ser compreendidos e executados por amplas parcelas da sociedade, inclusive (e cada vez mais) por jovens em situação de risco e de vulnerabilidade social, que se utilizam desses instrumentos em um sentido de visibilizar-se conforme as suas demandas identitárias.

Faz-se fundamental destacar que muitas vezes são justamente os jovens a parcela da população que mais interage com todas essas transformações tecnológicas (PINTO, 2008)⁸¹, apesar de termos em conta que muitos dados e diversas pesquisas apontam atualmente para um uso cada vez maior das mídias digitais por adultos e idosos⁸². Mas

⁸⁰ Fonte: New Media Trend Watch

Disponível em:

<http://www.newmediatrendwatch.com/markets-by-country/10-europe/84-spain>

Acesso em: 17 mai. 2011

⁸¹ Pesquisa do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, divulgada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, afirma que o índice mais acentuado de acessos à internet está exatamente na faixa etária entre 15 e 17 anos - 71% dos indivíduos afirmam ter contato direto com o meio virtual.

Fonte: Beeweb

Disponível em:

<http://www.beeweb.com.br/web-agencia-digital-em-salvador/empresa-de-marketing-digital/ultimas-noticias/mulheres-e-idosos-ganham-forca-na-internet-brasileira/65-30/>

Acesso em: 27 set. 2011

⁸² A mesma pesquisa informa, ainda, que as pessoas com idade superior aos 50 anos foram as que mais apresentaram novos adeptos no ano de 2009: um aumento de quase 150%. Desta forma, esta camada já representa mais de 15% do total dos navegantes brasileiros.

Fonte: Beeweb

Disponível em:

<http://www.beeweb.com.br/web-agencia-digital-em-salvador/empresa-de-marketing-digital/ultimas-noticias/mulheres-e-idosos-ganham-forca-na-internet-brasileira/65-30/>

ainda é a juventude o segmento que mais rapidamente se apropria das novas mídias e das múltiplas formas de comunicação que elas trazem em seu bojo, como nos fazem refletir Juárez, Feliu e Lajeunesse (2006, p.26), ao afirmarem que “la cultura digital es juvenil, y puede generarse conjuntamente con la sociedad adulta o desarrollarse al margen de ella”⁸³. Contribuindo com o debate, Palfrey, Gasser e Maclay (2011) ponderam que existe uma falta de conhecimento sobre o modo como os jovens utilizam a mídia digital em todas as sociedades. Os autores complementam o raciocínio, quando nos dizem que

em alguns países – tais como Estados Unidos, Reino Unido e partes do Leste da Ásia –, existem dados quantitativos e qualitativos sobre as formas como os jovens utilizam novas tecnologias, e esses dados começaram a revelar de que forma a mídia eletrônica vem modificando os costumes dos jovens. No entanto, na maior parte do mundo esses dados são raros e fornecem apenas informações básicas sobre acesso. Ampliar essas informações constitui um desafio, uma vez que faz muito pouco tempo que as práticas tecnológicas dos jovens tornaram-se objeto de pesquisa, principalmente fora de algumas poucas regiões do mundo. (PALFREY; GASSER; MACLAY, 2011)⁸⁴.

A segunda questão, que justifica o recorte desta pesquisa nas novas tecnologias da comunicação, se traduz pela percepção – em contraste com o que foi observado na pesquisa de mestrado, cujo foco se dava na prática de cidadania a partir de um programa de televisão da Rede Globo, ou seja, de um produto hegemônico de um meio tradicional – de que é exatamente a partir das novas mídias e da configuração da sociedade em rede que se pode abrir uma gama de possibilidades de usos que podem ser convertidos em efetivos exercícios de cidadania. As novas tecnologias oferecem o potencial – através de seu instrumental técnico, bem como da disseminação em larga escala do acesso a essas ferramentas e da formação de um processo mais horizontal de comunicação – que pode ser desenvolvido em um sentido de inserção sociocultural, especialmente daqueles atores coletivos que vivem

Acesso em: 27 set. 2011

⁸³ “a cultura digital é juvenil, e pode gerar-se conjuntamente com a sociedade adulta ou desenvolver-se às margens dela”. Tradução do autor.

⁸⁴ Fonte: Nativos digitais e as três barreiras a superar.

Disponível em:

<http://www.unicef.org/brazil/sowc2011/dest-tec1.html>

Acesso em: 27 set. 2011

algum tipo de situação de desigualdade e exclusão sociais, como os jovens moradores de periferia, em Fortaleza, e os jovens migrantes ou filhos de migrantes, em Barcelona, sujeitos desta pesquisa. Apesar de enxergarmos nas mídias digitais uma competência para a prática cidadã que não percebíamos com igual vigor nas mídias tradicionais, procuramos afastar-nos de uma posição deslumbrada com a “modernidade” das novas tecnologias da comunicação. Não queremos dizer, em absoluto, que necessariamente esse tipo de vínculo entre cidadania e mídias digitais aconteça, mas parece-nos claro o potencial⁸⁵ que essa relação tem, podendo (e devendo) ser desenvolvida no sentido de uma atuação efetiva. Interessante quando Martín-Barbero (2008, p. 18) afirma que o que temos que aprofundar é

la investigación de los modos con que las culturas se están apropiando de las nuevas tecnologías de comunicación y, por tanto, de las nuevas visibilidades sociales y políticas que pasan por los medios ciudadanos con el blog o la página de Internet. [...] Porque lo que aquí tenemos [...] no es algo que cabe en la idea del mero consumo y recepción, sino de empoderamiento; es, por ejemplo, la gente joven haciendo música y contando su historia a través de la música y mandándola al mundo entero⁸⁶.

Também adquire relevância perceber como a juventude organizada em movimentos, ONGs, associações e projetos sociais pode se apropriar das novas mídias e, a partir desses usos, intervir na sociedade, atuando no sentido de fomentar a existência de um espaço público intercultural, ou seja, no qual as culturas não seriam mais hierarquizadas e classificadas como centro e periferia, mas cuja relação se pautaria a partir do respeito pela diversidade e pela busca de maior igualdade social. Ver a possibilidade de configuração de um processo de convivência pacífica e produtiva entre as diversas culturas, advindo das práticas dos movimentos juvenis, surge como uma das questões de interesse desta tese, justificado pela premência de analisar como estão sendo engendradas (e se de fato estão)

⁸⁵ Mesmo os usos das novas mídias, especialmente através da internet, que se voltam para salas de bate-papo, postagens de fotos de si, dentre outras apropriações que, a priori, poderiam não configurar um exercício cidadão, contribuem para a consolidação da cidadania no momento em que ativam o movimento de pertença e de reconhecimento dos indivíduos perante os seus pares, elemento importante em um processo de inclusão digital e social.

⁸⁶ a investigação dos modos como as culturas estão se apropriando das novas tecnologias da comunicação e, por tanto, das novas visibilidades sociais e políticas que passam pelos meios cidadãos com o blog ou a página da internet. Porque o que temos aqui não é algo que cabe na ideia do mero consumo e recepção, mas do empoderamento; é, por exemplo, os jovens fazendo música e contando sua história através da música e enviando-a ao mundo inteiro. Tradução do autor.

oportunidades de expressão e visibilidade às culturas ditas minoritárias e marginais, especialmente as advindas das periferias das grandes cidades e dos coletivos migrantes.

O interesse pelo público juvenil e por seus processos de comunicação – a partir dos usos e apropriações das novas mídias –, com vistas à participação social e ao exercício da cidadania, contribui com o campo da pesquisa em comunicação cidadã, popular e comunitária ao permitir novos encaminhamentos para a compreensão das práticas alternativas⁸⁷ de produção, difusão e consumo de bens culturais na contemporaneidade, marcada pela emergência da digitalização. Interessa-nos refletir sobre como se reestrutura o comunitário na ambiência das novas tecnologias da comunicação e da sociedade em rede (PAIVA, 2007). Procuramos, também, colaborar com o campo da Recepção Midiática ao ofertar novas possibilidades de pesquisas, orientações e resultados, cooperando com a construção da visão do “receptor⁸⁸” como um indivíduo produtor de sentidos e de práticas de comunicação a partir de sua inserção cultural e de suas vivências cotidianas. Interessamos, principalmente, colaborar com a idéia de um receptor que não se restringe a assistir, mas que, também, produz. “Las redes sociales cambian los modos de ver y leer, las formas de reunirse, de hablar y de escribir, [...] de ser sociedad y de hacer política”⁸⁹ (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 78).

E não falamos aqui somente de produzir sentidos sobre o que se vê, pois isso todos os receptores fazem, em maior ou menor grau, mas sim de produzir material comunicativo (fotos, vídeos, peças publicitárias, fanzines, jornais, cartazes, grafites, etc.) a partir das novas mídias, atuando esses sujeitos como interventores na sociedade. Martín-Barbero (2008, p. 6) parece esclarecer de forma bastante ilustrativa as demandas desta investigação, quando, reportando-se ao contexto espanhol (mas que pode ser ampliado para o cenário da América Latina e para o panorama brasileiro), afirma que

⁸⁷ O sentido do alternativo, aqui, se coloca como em oposição à produção midiática massiva e generalista desenvolvida pelos meios hegemônicos de comunicação. Esta temática será aprofundada no capítulo 2 desta tese.

⁸⁸ O termo “receptor” foi resgatado propositadamente, para percebermos que a nomenclatura é passível de muitas críticas devido ao seu reducionismo. Como nos lembram Gomes e Cogo (1998, p. 21), “no processo comunicativo torna-se impossível identificar emissão e recepção quimicamente puras. Daí porque o conceito de recepção, tal como está concebido e com a carga semântica que carrega, ser insuficiente para exprimir a nova realidade que se deseja significar”.

⁸⁹ “as redes sociais mudam os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, de falar e de escrever, de ser sociedade e de fazer política”. Tradução do autor.

si hay un acontecimiento político hoy en día es el hecho de que unos adolescentes, a través de teléfonos móviles y de Internet, logren sacar a la gente a la calle contra la perversidad de la mentira que el PP fabricó sobre quiénes eran los autores de la masacre del 11 de marzo de 2004 en los trenes de Madrid⁹⁰.

Faz-se necessário, igualmente, justificar a presença e a importância de um contexto transnacional na investigação, a cidade de Barcelona, onde localiza-se e desenvolve-se o projeto *KDM*, que atua, juntamente com a associação *Aldeia*, como objeto de referência desta pesquisa. As reflexões sobre as relações entre mídia, cidadania e juventude – tendo como cenário o fenômeno das migrações transnacionais – em um outro contexto diferente do brasileiro pode ser bastante interessante e suscitador de novos debates, ao aproximarmos de realidades outras, distintas da nossa, e ao possibilitar-nos conhecer como dialogam essas questões no território europeu, classicamente tido como muito diferente do brasileiro. Como acontece com os processos identitários – que fazem com que nos conheçamos através do outro –, pensar sobre as dinâmicas abordadas nesta tese também em outro cenário, além das fronteiras nacionais, além de ampliar horizontes e conhecimentos, pode nos capacitar melhor para entender o que se passa no nosso país. García Borrego (2001, p. 150) complementa este raciocínio quando afirma que “el hecho de que al estado le interese conocer los fenómenos o procesos que se dan en su territorio no significa que estos se puedan comprender cabalmente sin tener en cuenta lo que ocurre más allá de sus fronteras”⁹¹. Resgatando as contribuições de Beck (2005), faz-se urgente superarmos o nacionalismo metodológico com a finalidade de avançarmos na produção de conhecimentos.

A investigação que aqui se segue também se justifica perante a área de concentração em “Processos Midiáticos” e a linha de pesquisa “Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação” da instituição que a acolhe, por se empenhar em produzir conhecimentos acerca da crescente centralidade das mídias em nossa sociedade contemporânea, o que leva

⁹⁰ se existe um acontecimento político hoje em dia é o fato de que alguns adolescentes, através de telefones celulares e de internet, conseguiram levar as pessoas às ruas contra a perversidade da mentira que o PP fabricou sobre quem eram os autores do massacre de 11 de março de 2004 nos trens de Madri. Tradução do autor.

⁹¹ “o fato de que ao Estado lhe interessa conhecer os fenômenos ou processos que se dão em seu território não significa que estes possam ser compreendidos cabalmente sem se ter em conta o que ocorre para além de suas fronteiras”. Tradução do autor.

à constituição de um espaço de constantes inter-relações e afetações entre culturas e mídias digitais, possibilitando a configuração de uma atuação protagonista dos sujeitos sociais no marco da cidadania comunicativa.

Por fim, o trabalho desenvolvido aqui também busca ter uma dimensão social quando oferecemos à comunidade científica geração de conhecimento não apenas com relevância teórica, mas, também, aliado à prática, ao propormos ao campo da comunicação o estudo acerca de temas tão presentes em nossa contemporaneidade como cidadania e juventude, analisados no contexto da sociedade em rede. Trata-se da produção científica que é pensada no intuito de se expandir para além da universidade e adentrar outros espaços, atingindo outras esferas da sociedade que não somente a acadêmica. Procuramos gerar conhecimento para os agentes e para as instituições sociais, e não para ficar restrito ao âmbito científico, circulando somente entre os pares. Neste sentido, vale a pena resgatar a posição de José Marques de Melo, na introdução de uma coletânea que reúne textos de um dos congressos da Intercom. O autor percebe a necessidade de que os pesquisadores em comunicação impliquem-se mais em investigações engajadas, que adentrem outros espaços para além dos gabinetes e, principalmente, que busquem alguma transformação social e política em suas práticas.

No entanto, a maior conquista da reunião anual da Intercom foi a de haver constatado a insuficiência das teorias e metodologias que até agora orientam os estudos acadêmicos nessa área, tornando-se urgente a busca de novos parâmetros que fertilizem a sistematização da pesquisa empírica com o germe criticizante da reflexão dialética. Evidenciou-se também que essa procura de caminhos renovados para a produção do conhecimento científico na área da comunicação não pode se realizar sem que se altere profundamente a relação entre pesquisadores e pesquisados, atuando o cientista não como serviçal dos que detêm o poder, mas como servidor comprometido com as causas e os interesses das populações cujos processos de comunicação esforça-se por compreender e transformar. Isso impõe, sem dúvida alguma, a revisão do comportamento ético adotado pelos pesquisadores da comunicação, surgindo daí uma atitude mais consciente frente ao trabalho que realizam nas empresas, nas universidades, nas igrejas, nos sindicatos (MELO, 1983, p. 12).

2. USOS E APROPRIAÇÕES JUVENIS DAS MÍDIAS DIGITAIS EM UM SENTIDO DE PARTICIPAÇÃO CIDADÃ: ITINERÁRIO CONCEITUAL

Fundamentar teoricamente uma pesquisa de doutorado é, primeiramente, perceber quais conceitos e quais autores nos são importantes para ajudar a compreender a problemática da investigação, para nos auxiliar fornecendo um aporte teórico para as idas ao campo, enfim, para nos embasar na tentativa de fazer dialogar teoria e concreto empírico, pressuposições teóricas e realidade observável. A necessidade de uma bagagem teórica, por parte dos investigadores das ciências humanas e sociais, para poder analisar a concretude das relações tecidas nas práticas socioculturais dos atores coletivos encontra respaldo no que afirma Martins (2009, p. 18), quando este autor nos diz que os pesquisadores

lidam com realidades estruturais e processos de natureza histórica que não têm completa visibilidade para quem não está munido do instrumental teórico adequado para interpretar o que há por trás da fala comum e cotidiana e para compreender os sobressignificados de discursos e acontecimentos.

O viés e a perspectiva de compreensão a partir dos quais desenvolvemos o itinerário conceitual da investigação é o do diálogo: conceitos que dialogam entre si e que conversam com os dados advindos do campo, reformulando-se, atualizando-se e reconfigurando-se a partir de cada nova incursão empírica, aventuras essas que nos permitem ver na prática o que nos afirmam as correntes teóricas, justamente quando vamos até a concretude dos movimentos da sociedade contemporânea em suas processualidades. Encaixotar o concreto, o “mundo da vida” dos jovens e de suas gestões e produções midiáticas, em grandes paradigmas teóricos é um risco que procuramos minimizar ao máximo na elaboração desta tese.

Tendo-se como horizonte a realidade e as vivências dos jovens produtores e gestores de mídia em Fortaleza e em Barcelona – e suas participações cidadãs na associação *Aldeia* e no projeto audiovisual *KDM* –, as conceitualizações que têm se apresentado com grande relevância para nos acompanhar ao longo desta jornada são, principalmente: juventude; cidadania; movimentos sociais; e mídias digitais; sendo estes conceitos o tempo

todo penetrados pelas diversas manifestações da cultura, tecendo com elas relações de múltiplas implicações. Trabalhamos, também, levando em consideração que esses macro-conceitos acabam vinculando-se (e trazendo à tona) a questões adjacentes (e não menos importantes), que são igualmente incorporadas ao arcabouço teórico.

Temos em conta que os principais conceitos trabalhados nesta tese não são puros e nem estão inseridos no mundo de forma isolada. Pelo contrário, estão profundamente imbricados entre si, afetando uns aos outros. O olhar do estudioso da comunicação é sinóptico. Ele consegue (ou pelo menos deveria conseguir) justamente perceber as coisas, os fenômenos da sociedade, em circularidades, confluências e articulações, em diversas dimensões e contextos, e não somente num sentido linear de causa-efeito, tão caras às abordagens simplificadas e levianas.

É exatamente esse olhar sinóptico do cientista da comunicação – que vê conceitos que se implicam mutuamente e diálogos e tensionamentos entre o teórico e o empírico – que percebe juventude, cidadania, movimentos sociais e mídias digitais – no âmbito das culturas – como elementos que formam um grande conjunto, uma grande “massa de bolo”, onde fica difícil separar quem é quem, o quê diz respeito a quê. Os conceitos problematizados nesta investigação não são estanques, e nem conseguimos “descolá-los” dos contextos empíricos, por isso a extrema dificuldade em analisá-los de forma separada.

Com objetivos didáticos, na tentativa de facilitar a leitura desta tese de doutorado aos interessados, assumimos o risco e optamos, então, por trabalhar este grande conjunto teórico e conceitual em tópicos. Fica enfatizado, desde já, que todas essas questões que são abordadas aqui se interpenetram, se mesclam, estão profundamente imbricadas. Tanto que podemos perceber claramente que, mesmo com a separação em tópicos, os assuntos tratados e as temáticas analisadas aqui dialogam entre si, independentemente das seções onde estejam “situadas”. A ênfase, portanto, se dá nas retroalimentações, na maneira como juventude, cidadania, movimentos sociais e mídias digitais se articulam intrinsecamente, formando um todo complexo.

2.1 Juventudes, no plural

Vivemos em uma sociedade (ocidental) onde impera o culto máximo à juventude, que seria a representante de um ideal de beleza, de vitalidade, de ousadia, de experimentação e de um certo grau de “irresponsabilidade charmosa”. A juventude seria o estágio onde todos querem chegar (as crianças gostariam de atingir logo esta faixa etária e conquistar uma certa independência frente aos pais e aos controles mais rígidos impostos por eles) e ninguém quer sair (entrar na fase madura seria perder todos os referenciais de vitalidade e os horizontes que apontam o fim da vida como algo distante e remoto). O mercado, a indústria cultural, a publicidade e a mídia insistem em exercícios e técnicas de massagem, cremes e maquiagens, procedimentos cirúrgicos e estilos de vida – que vão das roupas e acessórios à alimentação – que conservariam a juventude eternamente, imputando, com isso, o ônus de envelhecer ao sujeito, culpado pelo próprio envelhecimento ao não adotar um das inúmeras opções disponíveis no leque de possibilidades que resguardariam o indivíduo jovem (MENDONÇA, 2011).

O ser jovem conquista um status tão importante na sociedade midiática contemporânea que passa – em determinados discursos que vão de alguns setores da publicidade à medicina – até mesmo a se desvincular de um segmento etário, de um estrato social, e busca se apoiar na máxima que enxerga a juventude como um estado de espírito. “Ser joven, sentir-se joven, se ha convertido en un icono social, en un valor en sí mismo, al que muchos aspiran”⁹² (SÁNCHEZ; MEGÍAS; RODRÍGUEZ, 2005, p. 27). É neste sentido de glorificação da juventude que presenciamos atualmente a emergência de um indivíduo “adultescente”, que seriam sujeitos que já passam dos quarenta anos, mas que se comportam, ainda, como jovens, muitos deles solteiros e morando com os pais⁹³. Borelli (2008, p. 66) afirma que os adultescentes são “pessoas imbuídas de cultura jovem, mas com idade suficiente para não o serem; pessoas que não conseguem aceitar o fato de estarem deixando de ser jovens”.

⁹² “Ser jovem, sentir-se jovem, tem sido convertido em um ícone social, em um valor em si mesmo, o que muitos aspiram”. Tradução do autor.

⁹³ Mais adiante esclareceremos que uma série de fenômenos envolvem esta maior permanência dos indivíduos morando com seus pais. Muitas vezes continuar na casa dos pais não se trata somente de uma opção do sujeito, mas de uma impossibilidade estrutural de emancipar-se. São elementos que vão desde o aspecto social ao cultural os que interferem neste processo de adiamento da conquista da autonomia domiciliar.

Tensionando o que foi dito há pouco, Morin (1987) nos provoca a refletir sobre as relações que mantemos com a idade. O autor nos faz pensar sobre a tendência de pensar a infância, a juventude, a maturidade e a velhice como etapas rígidas e fixas, que se esgotam em si mesmas, como se a passagem por cada um desses ciclos significasse, necessariamente, a ultrapassagem do ciclo anterior. Nesse sentido, cada uma dessas etapas requer um conjunto de normas e condutas socialmente definidas, que deverão ser introjetadas para que possamos ter com clareza os roteiros do que nos cai bem desempenhar em uma determinada fase da vida. As roupas, os gestos, os gostos, as maneiras de exhibir os sentimentos, as relações amorosas e até mesmo a maneira de falar passam a ser condicionados por essas regras, que permitem afastar dos sujeitos a possibilidade de caírem no ridículo, por se portarem como se fossem de outra faixa etária. Não se aceitam socialmente crianças que se portem como adultos – que percam, portanto, seus referenciais de inocência – ou adultos que se comportem como adolescentes – e que, com isso, não sigam as condutas de responsabilidade esperadas de um sujeito maduro. Ou seja, as normas e os valores construídos pela sociedade pregam que se deve ter um espírito juvenil e disposto, mas deixam claro, também, os modelos a serem seguidos para que não se corra o risco de se transformar em um “velho metido a garotão” ou em uma “velha cocota”, que, por não levarem em consideração o repertório de ações aceitáveis em uma determinada idade, seriam mal vistos entre seus pares. As regras sociais parecem claras neste aspecto: deve-se ter o espírito jovem e o corpo juvenil, por exemplo, mas não se pode usar uma roupa que só seja adequada para aqueles que efetivamente sejam jovens.

Neste sentido de “eternização” da juventude (ou, pelo menos, de determinadas condutas juvenis) que se procura levar a cabo na sociedade hodierna, de saída vale a pena enfatizar, corroborando o que já foi sugerido no discurso de Morin (op. Cit), que a noção de juventude como categoria não é algo inerente ao entendimento do ser humano, não é algo natural ou dado desde o princípio, mas um conceito que foi sendo social e culturalmente construído, e assumindo, no decorrer do tempo, delimitações e denotações diferentes, conformando uma dimensão simbólica (DAYRELL, 2004). Neste sentido, Feixa (1998, p. 11) chama a nossa atenção para o “estudio de la construcción cultural de la juventud (es

decir, de las formas mediante las cuales cada sociedad modela las maneras de ser joven)”⁹⁴. Ainda segundo este autor (op. Cit), para que exista a juventude é necessário haver uma série de condições sociais (normas, comportamentos, instituições sociais que distingam os jovens dos indivíduos de outras faixas de idade) e, também, um conjunto de imagens culturais (valores, códigos e outros atributos vinculados especificamente ao universo juvenil). Com isso parece ficar claro a impossibilidade de generalizar-se o conceito de juventude a todas as culturas, portanto fica invalidada a noção da categoria juvenil como algo inerente ao ser humano. Tendo em conta que a juventude não é uma só no espaço-tempo, utilizamo-nos, como eixo orientador no desenvolvimento desta investigação, do modelo ocidental dominante de juventude e de desenvolvimento da juventude, nos termos de Hansen (2008).

Pode resultar absolutamente clichê, em uma pesquisa que tem a juventude como universo de interesse, retomar todas as ambivalências que cercam os jovens em nossa contemporaneidade dita pós-moderna. Não vemos, no entanto, outra maneira de nos aproximarmos do mundo juvenil que não seja buscando circular por entre as diversas contraditoriedades, ambigüidades e disputas interiores que parecem tomar conta da identidade e da formação da personalidade dos jovens em nossa confusa sociedade hodierna, tendo em conta, no entanto, que estamos o tempo todo falando de juventudes, no plural, dado a impossibilidade de enquadrarmos essa esfera como objeto homogêneo, mas sim como algo diverso, múltiplo e em constante transformação. É importante que possamos refletir “que los jóvenes não manifiestan una postura en bloque”⁹⁵ (RODRÍGUEZ; NAVARRO; MEGÍAZ, 2005, p. 7), até porque as realidades as quais as juventudes têm vivido nas diversas formações urbanas de nossos dias são as mais diversas, indo desde a juventude que vive fechada nos condomínios de luxo nos bairros nobres à juventude que convive de perto com toda forma de exposição aos riscos nas ruas das grandes metrópoles. Nesse panorama de ambigüidades e contradições que envolvem as juventudes, vale a pena resgatar Hopenhayn (2004, p. 17-21), quando este autor afirma que

⁹⁴ “estudo da construção cultural da juventude (ou seja, das formas mediante as quais cada sociedade modela as maneiras de ser jovem”. Tradução do autor.

⁹⁵ “que os jovens não manifestam uma postura em bloco”. Tradução do autor.

Estamos ante una juventud que goza de más acceso a la educación y la información pero de mucho menos acceso ao emprego y al poder; dotada de la mayor aptitud para el cambio productivo resulta, sin embargo, la más excluida de este; con el mayor acceso al consumo simbólico pero con una fuerte restricción en el consumo material⁹⁶.

Segundo Ariès (1981), até o século XVIII não havia lugar para o sentimento de adolescência, pois este momento era confundido com a infância, e o termo “juventude” era, na verdade, vinculado a uma noção de força da idade, de “idade média”, não correspondendo à visão que temos atualmente desta fase de transição entre o ser criança e o ser adulto. Até muito tempo depois da Idade Média não existia na sociedade sequer uma especificidade com relação à infância e à juventude. As crianças viviam juntas aos adultos, seja no trabalho, em casa e até mesmo na cama. Somente mais tarde, a partir do século XVII – com o declínio da mortalidade infantil, a partir da difusão das práticas de higiene – é que a infância vai ganhando destaque como segmento da sociedade, separada do universo adulto. Nesse âmbito de transformações, “a medicina, a psicologia, a educação, encarregam-se [...] de atribuir conotação afetiva ao sentimento de adolescência” (GOMES e COGO, 2001, p. 22) comportando, exatamente devido a esta ambigüidade entre a infância e a maturidade, uma série de características específicas da juventude, como as inquietações, as contestações, as ambivalências. Dayrell (2004, p. 12) destaca que a juventude “é um momento próprio de experimentações, de descoberta e teste das próprias potencialidades, de demandas de autonomia que se efetivam no exercício de escolhas”. O autor continua, destacando que

a juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional (DAYRELL, 2004, p. 4).

⁹⁶ Estamos ante una juventude que goza de mais acesso à educação e à informação, mas de muito menos acesso ao emprego e ao poder; dotada da maior aptidão para a mudança produtiva resulta, sem dúvida, a mais excluída deste; com o maior acesso ao consumo simbólico, mas com uma forte restrição no consumo material. Tradução do autor.

Justamente nesse sentido de descobertas e possibilidades vale a pena enfatizar a “importância de se tomar a idéia de juventude em seu plural – juventudes – em virtude da diversidade de situações existenciais que afetam os sujeitos” (SPOSITO e CARRARO, 2003, p. 2). Rocha e Silva (2008, p. 125) falam que “se trata [...] de se falar sempre em termos de culturas juvenis e, mais ainda, de apropriações juvenis das culturas (midiáticas, do consumo, da violência)”. Já Abramo (1998) afirma que a juventude pode ser tomada como uma espécie de síntese da cultura, ou, melhor dizendo, que os jovens representam uma “lente de aumento” acerca das profundas mudanças culturais que atingem o cenário hodierno. Ou seja, as desigualdades e contradições que marcam a sociedade atual seriam potencializadas no segmento juvenil, que viveriam e refletiriam essas ambiguidades de forma ainda mais enfática. Complementando esse raciocínio, Park (1929, p. 126), abordando a cidade como um laboratório social, afirma que “en la ciudad cualquier característica de la naturaleza humana no sólo es visible sino más acusada”⁹⁷. Nesse sentido é que podemos pensar que os jovens, atuando no espaço das cidades, podem ser tomados como verdadeiros amplificadores das culturas e das relações sociais que se tecem na contemporaneidade.

Entre los grupos sociales y culturales de la sociedad compleja de hoy, la juventud, que está biológica y culturalmente en una estrecha relación con el tiempo, representa un actor clave, interpretando y trasladando al resto de la sociedad sus dilemas conflictivos claves⁹⁸ (MELUCCI, 2001, p. 130).

É nesse movimento de contradições que os indivíduos tecem seus processos de amadurecimento, que nem sempre se desenvolvem de forma linear, mas a partir de constantes (re)configurações identitárias. A juventude pode ser tomada, portanto, como uma etapa essencial na formação da identidade dos sujeitos, pois é nela que o indivíduo tem que decidir (muitas vezes de forma prematura, sem ter os alicerces psicossociais

⁹⁷ “na cidade qualquer característica da natureza humana não somente é mais visível como é mais extrema”. Tradução do autor.

⁹⁸ Entre os grupos sociais e culturais da sociedade complexa de hoje, a juventude, que está biológica e culturalmente em uma estreita relação com o tempo, representa um ator chave, interpretando e transportando ao resto da sociedade seus dilemas conflitivos chaves. Tradução do autor.

necessários para esta finalidade) que direção tomar em sua vida e, paralelamente, buscar o reconhecimento dos outros. É neste momento que se produz a transição de meninos e meninas desde seus ambientes familiares – de suas vidas muitas vezes circunscritas ao contexto do lar –, às culturas juvenis do entorno, ao bairro, aos grupos de amigos, às festas, ao domínio da cidade de uma forma mais ampla, passagem esta que “además de las amistades, también juegan un papel esencial la familia, la escuela, el entorno laboral y, por supuesto, los medios de comunicación”⁹⁹ (HUERTAS et al, 2010, p. 13).

As ambiguidades que pairam sobre a juventude recobrem, até mesmo, os parâmetros inclusivos do conceito, muitas vezes confundido e usado de forma indiscriminada como sinônimo de adolescência. A confusão que se faz entre os termos advém do fato de serem muitos os organismos que definem os critérios e os referentes para se incluir um cidadão como adolescente ou jovem. O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente – define como adolescente o sujeito que possui entre doze e dezoito anos incompletos (TORRES, 2007). Já o UNPFA – Fundo de Populações das Nações Unidas – considera a juventude o período compreendido entre os quinze e os vinte e quatro anos de idade (VIVARTA, 2004). E o IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada –, por exemplo, assume que o período juvenil vai dos quinze aos vinte e nove anos¹⁰⁰. Ou seja, se pensarmos em indivíduos que estejam incluídos na faixa etária que vai dos quinze aos dezessete anos eles podem ser categorizados tanto como adolescentes quanto como jovens, dependendo do organismo que se selecione para embasar a escolha, mostrando claramente que as categorizações que envolvem esse universo são, muitas vezes, construídas arbitrariamente¹⁰¹.

⁹⁹ “além das amizades, também desempenham um papel essencial a família, a escola, o entorno do trabalho e, obviamente, os meios de comunicação”. Tradução do autor.

¹⁰⁰ “População jovem de 15 a 29 anos terá maior pico em 2010, diz IPEA”

Fonte: Globo.com

Disponível em:

[http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1453899-5598,00-](http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1453899-5598,00-POPULACAO+JOVEM+DE+A+ANOS+TERA+MAIOR+PICO+EM+DIZ+IPEA.html)

[POPULACAO+JOVEM+DE+A+ANOS+TERA+MAIOR+PICO+EM+DIZ+IPEA.html](http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1453899-5598,00-POPULACAO+JOVEM+DE+A+ANOS+TERA+MAIOR+PICO+EM+DIZ+IPEA.html)

Acesso em: 04 out. 2011

¹⁰¹ Juarez Dayrell (2004), por exemplo, considera em sua pesquisa sobre “juventude, grupos culturais e sociabilidade” a faixa etária entre quinze e trinta anos de idade como referente à juventude, destacando sua opção de contemplar este intervalo em sua investigação mesmo tendo consciência de que a idade de trinta anos não é englobada por muitos organismos que tratam do assunto.

No que diz respeito aos sujeitos que dão vida a esta pesquisa, os “chicos” e “chicas”¹⁰² que participam do *KDM* são mais novos, na faixa dos quinze, dezesseis anos de idade, a maior parte deles ainda frequentando a escola. Até mesmo a seleção, pela coordenação do projeto, do ambiente escolar como espaço de aproximação primeira com esses atores coletivos marca a delimitação em uma faixa etária que dificilmente ultrapassaria os dezoito anos. Já no *Aldeia*, os rapazes e moças atuantes na associação, e que participam mais diretamente nos projetos sobre os quais nos aproximamos no desenvolvimento da investigação, são mais velhos, na faixa dos vinte e poucos anos de idade, apesar dos cursos e oficinas da Escola de Mídia¹⁰³ serem oferecidos para alunos de escolas públicas em Fortaleza, ou seja, para adolescentes com menos de vinte anos. Tendo em vista que esses enquadramentos dos sujeitos em idade pré-adulta são muito mais resultados de vinculações arbitrárias a um ou outro critério de um ou outro instituto, e levando-se em consideração que – apesar de nosso universo de sujeitos da pesquisa configurar um leque de certa forma amplo: quinze a vinte e dois anos – não temos em nossa amostra indivíduos situados nos extremos do intervalo etário¹⁰⁴, tomamos a liberdade de nos referirmos aos nossos atores coletivos como jovens e adolescentes, sem prejuízo de uma ou outra aceção.

Albuquerque (2007, p. 45) afirma que “a juventude é uma construção histórica concebida como categoria etária que marca o amadurecimento (sexual, afetivo, social, intelectual e físico)”, e complementa, concluindo que “não há uma precisão para demarcar a faixa etária que determinaria os limites entre a adolescência e a juventude”. Apoiados no que nos diz a autora, acreditamos que muito mais do que uma fixação rígida de idades ou que uma denominação mais ou menos acertada, o que importa perceber nesses jovens é seu universo de sentidos, seus contextos sociais e as formações culturais (re)definidoras de suas

¹⁰² Meninos e meninas. Tradução do autor.

¹⁰³ A Escola de Mídia – um dos projetos do *Aldeia*, que está em sua quarta edição – envolve, especialmente, a capacitação para a leitura crítica da mídia e de seus conteúdos, bem como visa ampliar o caráter expressivo e criativo dos oficinas. Três dos nossos sujeitos da pesquisa entraram no *Aldeia* a partir deste projeto, quando da realização de sua primeira edição.

¹⁰⁴ Queremos dizer com essa afirmação que nem temos informantes situados entre os doze ou treze anos – limite da adolescência que faz divisa com a infância – e nem entre os vinte e cinco, vinte e sete ou vinte e nove anos – idades limítrofes entre a juventude e o universo adulto. Os sujeitos que dão vida a esta investigação estão situados, mais ou menos, no “meio” da faixa etária que vai dos doze aos vinte e nove anos de idade.

identidades, culturas essas em constantes transformações, atravessando e sendo atravessadas por diferentes elementos constituidores de nossa sociedade contemporânea.

Acerca das mudanças culturais que vêm envolvendo (e sendo envolvidas, em um processo retroalimentar) os jovens, é nos anos oitenta que a relação juventude-rebeldia parece ceder espaço para outros vínculos estabelecidos com o público juvenil brasileiro (FISCHER, 1996). A juventude que se expressava como contestadora da ordem política e social vigente nos anos sessenta e setenta em nosso país passa a tecer suas relações de sociabilidade também a partir de outras questões, especialmente as culturais, já que o fim da ditadura, em meados da década de oitenta, parece eclipsar um pouco a luta do movimento estudantil. É nesse processo que assistimos, a partir desta década, a ênfase dada às formações das tribos juvenis urbanas. *Punks*¹⁰⁵, *grunges*¹⁰⁶, *rappers*¹⁰⁷, dentre uma série de outros grupos, consolidam uma nova forma de identificação juvenil em nossa sociedade globalizada. Prysthon (2002, p. 6) afirma que “nesse sentido, os principais atores de um cosmopolitismo pós-moderno da cultura urbana seriam os jovens. A juventude representa uma parcela considerável de produtores e consumidores da cultura, senão a maior”.

No que diz respeito às diferenças entre os jovens de hoje e a juventude dos anos sessenta e setenta, dita contestadora, Mische (1997, p. 143) assinala que “ser jovem não é mais equivalente a ser estudante; a identidade juvenil se desloca para fora das universidades, estendendo seu alcance além dos setores médios e abrangendo outras

¹⁰⁵ Originalmente o *punk* surge por volta de 1974 como uma manifestação cultural juvenil semelhante aos da década de 1950 e 1960. Podemos dizer que, grosso modo, o movimento *punk* volta seu interesse para a aparência agressiva, a simplicidade, o sarcasmo niilista e a subversão da cultura. Entre os elementos culturais *punks* estão: o estilo musical, a moda, o design, as artes plásticas, o cinema, a poesia, o comportamento, as expressões linguísticas, os símbolos e outros códigos de comunicação. Surge dentro do contexto da contracultura, como reação à não-violência dos hippies e a um certo otimismo daqueles.

¹⁰⁶ Simplificadamente, podemos dizer que o *grunge* é um subgênero do rock alternativo que surgiu no final da década de 1980, nos Estados Unidos, inspirado pelo *hardcore punk*, pelo *heavy metal* e pelo *indie rock*. As letras das bandas nomeadas *grunge* geralmente caracterizam-se por altas doses de angústia e sarcasmo, entrando em temas como alienação social, apatia, confinamento e desejo de liberdade. A estética *grunge* é despojada em comparação a outras formas de *rock*, e muitos músicos *grunge* se destacaram por sua aparência desleixada e por rejeitarem a teatralidade em suas performances.

¹⁰⁷ *Rappers* são os cantores de *rap*, que é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu na segunda metade do século passado entre as comunidades negras dos Estados Unidos. O *rap*, que se desenvolveu tanto por dentro como por fora da cultura *hip hop*, começou com as festas nas ruas, nos anos 1970 por jamaicanos e outros. Nas intervenções que se faziam no momento de sua formação, a cultura *rap* contemplava assuntos como a violência das periferias de Kingston e a situação política em Manhattan, sem deixar de falar, é claro, de temas mais polêmicos, como sexo e drogas. Eles introduziam as grandes festas populares em grandes galpões, com a prática de ter um *MC* (mestre de cerimônia), que subia no palco junto ao *DJ* (*disc jockey*) e animava a multidão, gritando e encorajando com as palavras de rimas.

significações, altamente ligadas ao consumo e aos estilos culturais”. A juventude, que a partir dos anos noventa é, muitas vezes, caracterizada como “geração shopping center”, devido a uma certa apatia política e desinteresse pelas causas sociais, tem suas formações identitárias reconfiguradas de tal forma que o movimento de estudantes dos anos da ditadura parecem não conseguir mais dar conta da diversidade dessas subjetividades juvenis em constante transformação e negociação entre si, tais como, por exemplo, a pluralidade de tribos urbanas, que vai de patricinhas¹⁰⁸ a emos¹⁰⁹.

A própria militância passa por reformulações, já que os movimentos estritamente estudantis tinham uma “tendência ao auto-isolamento [...] devido à falta de ressonância com as identidades mais dispersas dos jovens brasileiros” (MISCHE, 1997, p. 145). Ou seja, é no cenário em que se apresentam outras demandas juvenis que surgem novas formas de engajamento coletivo, não mais restrita ao movimento estudantil, bem como toma cada vez mais forma um grau de “militância múltipla”, sem a necessidade de vinculação a um único tipo de luta, seja pelos direitos dos estudantes ou as reivindicações sindicalistas. Segundo Melucci (2001, p. 47), na atualidade “asistimos a la pluralización del sentido y a la vez a la multiplicación de las afiliaciones. Los individuos son miembros de diferentes sistemas y en cada uno de ellos despliegan sólo una parte de su identidad”¹¹⁰. Mas isso, como veremos no decorrer deste texto, não quer dizer, de maneira alguma, que a juventude possa ser definida como apática e apolítica, apenas as noções de ação social e de política foram se reconfigurando na contemporaneidade, bem como as culturas juvenis. Mische (1997, p. 146) ainda aponta que “surgiu uma discussão paralela sobre as novas preocupações dos jovens, não necessariamente concentrada nas universidades, porém mais

¹⁰⁸ O termo patricinha é uma gíria que remete às jovens que têm uma preocupação excessiva em se vestir de acordo com a moda. O estigma da patricinha aponta para um perfil que inclui meninas bem vestidas, consumidoras, preocupadas com a aparência, que adoram rosa e vermelho e são delicadas e vaidosas. A gíria também contempla moças fúteis e “metidas”, daquelas que só socializam em grupos bem definidos.

¹⁰⁹ Emo é um gênero musical, pertencente ao *rock*, tipicamente caracterizado pela musicalidade melódica e expressiva, e por vezes, pelas letras confessionais. Atualmente, a nomenclatura “emo” pode ser pensada como um termo “guarda-chuva” para tudo o que seja melódico e expressivo, o que gera muita confusão e polêmica sobre os rótulos de bandas dos mais variados gêneros. Além da música, o conceito de “emo” é frequentemente usado de forma mais genérica, para significar uma relação particular entre fãs e artistas, além de descrever aspectos relacionados com a moda, a cultura e o comportamento, pois na última década muitas pessoas adotaram esses aspectos como uma tribo urbana, e mais, um estilo de vida.

¹¹⁰ “asistimos à pluralização do sentido e, por sua vez, à multiplicação das filiações. Os indivíduos são membros de diferentes sistemas e em cada um deles vinculam somente uma parte de sua identidade”. Tradução do autor.

dispersas nos movimentos sociais [...] e nas expressões culturais das periferias”. A cultura já não pode mais ser reduzida a categorias estéticas e passa a ser um canal de expressão política e social.

É nesse panorama de transformações que vivenciamos a presença cada vez mais forte dos jovens como protagonistas de um intenso vínculo com as culturas midiáticas e com as novas tecnologias da comunicação, seja no Brasil ou na Espanha. A produção e o consumo de conteúdos audiovisuais faz parte do cotidiano de rapazes e moças que, cada vez mais cedo, usam a seu favor a equivalência dos sinais de transmissão para elaborarem e compartilharem textos, sons e imagens utilizando-se da linguagem digital, materializando em clipes, vídeos e filmes sonhos e desejos, repulsas e indignações, brincadeiras e piadas internas ao seu segmento, enfim, canalizando, muitas vezes na produção audiovisual, suas culturas e formações identitárias. Com relação ao universo juvenil, Megías (2005, p. 51) aponta sua

preferencia respecto al consumo de contenidos audiovisuales en sus distintos formatos (distintos medios de comunicación, videojuegos, música, publicidad). Por un lado, los jóvenes ven y se interesan por audiovisuales con los que se identifican. Por otro lado, trasladan de los audiovisuales a sus propias vidas las músicas y contenidos de aquéllos, en un círculo de construcción cultural¹¹¹.

Sejam chamados de “geração Y” ou “geração Z”¹¹², o que importa destacar é que se tratam de jovens que, ao contrário de seus pais – que após muitos anos de convivência com as formas analógicas de comunicação tiveram que se ambientar a uma cultura digital completamente nova, que trouxe uma série de transformações aos seus universos –, já nasceram em uma ambiência de grande presença da mídia e que já foram muitas vezes

¹¹¹ preferência com respeito ao consumo de conteúdos audiovisuais em seus distintos formatos (distintos meios de comunicação, videogames, música, publicidade). Por um lado, os jovens vêm e se interessam por audiovisuais com os quais se identificam. Por outro lado, transportam dos audiovisuais para as suas próprias vidas as músicas e conteúdos deles, em um círculo de construção cultural. Tradução do autor.

¹¹² Geração Y ou Z, grosso modo, são denominações que se fazem às pessoas nascidas a partir dos anos oitenta (geração Y) e noventa (geração Z) do século passado. Esse jovens são apontados como “dependentes” das mídias digitais, vivendo com elas uma relação simbiótica. Muitas dessas nomenclaturas e termos “da moda”, que são as mais diversas possíveis, têm, por vezes, uma filiação mais mercadológica, estando vinculada aos estrategistas de marketing de grandes conglomerados, sempre em busca de atingir o público-alvo juvenil aficionado por produtos relacionados às novas tecnologias.

alfabetizados nessa linguagem eletrônica. Crianças de cinco ou seis anos mexendo em computadores, videogames, celulares, aparelhos de DVD ou tirando fotos e vendo-as imediatamente nos visores das câmeras digitais passou a ser algo corriqueiro nas famílias de classe média, que têm maior acesso às mídias digitais, e mesmo nas famílias de classes menos abastadas, já que os preços desses equipamentos cada vez mais se popularizam. “La distinción entre medios nuevos e medios tradicionales no tiene para las nuevas generaciones ningún sentido”¹¹³ (MORDUCHOWICZ, 2008, p. 16).

Ainda com relação aos vínculos tecidos entre o universo juvenil e as mídias digitais, Ronsini (et all, 2009, p. 121) afirma que, nesse contexto de emergência de uma cultura audiovisual, “a família e a escola têm dificuldade em entender o tédio que os jovens parecem manifestar na ausência das formas ‘animadas’ ou dinâmicas desta cultura: o apelo ao emocional, ao lúdico, ao fragmentado, ao visual”. Aos jovens, demandas midiáticas ainda mais amplas surgem neste cenário, como a necessidade de manusear e dominar as técnicas, de se empoderar delas. E no bojo deste movimento ainda mais elementos da cultura da mídia começam a fazer parte deste universo, como os aparelhos reprodutores de MP3¹¹⁴, as diversas ferramentas disponíveis na internet, os softwares de edição de imagens (pois não basta mais só tirar a foto, é preciso, também, mexer nela, alterá-la, reconfigurá-la), as redes sociais e os *blogs* e *fotologs*¹¹⁵ (nos quais os jovens visibilizam-se e parecem adquirir existência frente aos seus pares). Morduchowicz (2008, p. 10) afirma que

los hogares en los que viven los jóvenes son los más equipados tecnológica y culturalmente, tanto sea por la demanda explícita de los jóvenes por estos bienes y equipamientos, como por las expectativas

¹¹³ “A distinção entre meios novos e meios tradicionais não tem para as novas gerações nenhum sentido”. Tradução do autor.

¹¹⁴ Aparelhos compactos e portáteis, capazes de armazenar e reproduzir arquivos de áudio do tipo MP3. Os tocadores de MP3 são cada vez mais vistos sendo utilizados pelas pessoas, seja em viagens de avião, ônibus ou trem; seja no trabalho, enquanto executam suas funções; seja nas ruas, como transeuntes. Os reprodutores de MP3 podem ser tomados, grosso modo, como os substitutos do que foram os *walkman* nos anos 1980 e 1990.

¹¹⁵ É semelhante ao *blog* mas a diferença é que no *fotolog* predominam fotos em vez de texto. Em um *fotolog*, o principal objetivo é compartilhar imagens de maneira interativa, já que as pessoas que visitam o *site* geralmente podem fazer comentários, sugestões ou críticas. Para alguns, os *fotologs* consistem apenas em uma maneira de mostrar fotos aos amigos e família, enquanto outras pessoas o tratam com um caráter mais profissional, com produções técnicas mais elaboradas. O tom e o tema variam de acordo com o autor, exatamente como em um *blog*.

educativas que los padres depositan en los bienes culturales y las tecnologías como un apoyo a la escolaridad y al futuro de sus hijos¹¹⁶.

Ainda pensando as transformações contemporâneas e as maneiras como elas atravessam e são atravessadas pelas formas de ser jovem, vale a pena refletir sobre a “sociedade global” (IANNI, 1992) em que vivemos atualmente, e que trouxe uma série de alterações e reformulações nas vidas dos sujeitos que dela participam, atingindo principalmente a juventude, que, numa fase de transição, perde os referenciais a serem seguidos, causando, com isso, a crise de identidade que vivencia o adolescente (HUERTAS e FRANÇA, 2001). As relações de sociabilidade se reconfiguram intensamente; o desenvolvimento do capitalismo alicerça a segmentação social; as inovações tecnológicas são acompanhadas da precarização do trabalho e do aumento do desemprego, enfim, tudo isso contribuindo para chamar a atenção sobre a diversidade e a simultaneidade das dinâmicas em torno das quais se movimentam e articulam as atuais culturas juvenis. Todos esses processos efetivados pela sociedade global contemporânea são “marcados pelo incremento não apenas das diferenças, mas também das desigualdades sociais e do mecanismo de seleção-exclusão social” (SOUSA SANTOS, 1994, p. 82).

É nesse panorama de desigualdades sociais – muito ativo no Brasil, mas que pode ser, guardadas as devidas proporções, trasladado, também, para o contexto espanhol, que, seguindo os rumos de uma política neoliberal capitalista acaba por não isolar seus jovens dos movimentos excludentes deste tipo de política – que parece existir nos grandes meios de comunicação de massa uma certa diferenciação entre o ser jovem das classes sociais média e alta e a juventude oriunda de famílias economicamente menos favorecidas – sejam as que vivem nas periferias das grandes cidades ou as de origem migrante (que, muitas vezes, não conseguem atingir o sucesso financeiro esperado – ou manter, no caso dos que já têm uma vida econômica confortável nos países de nascimento – quando da mudança para a sociedade de acolhida) –, no qual percebemos um certo processo de apagamento e/ou estigmatização desta última. Freire Filho (2008) atesta esse movimento de ocultamento das

¹¹⁶ os lugares nos quais vivem os jovens são os mais equipados tecnológica e culturalmente, tanto pela demanda explícita dos jovens por estes bens e equipamentos, como pelas expectativas educativas que os pais depositam nos bens culturais nas tecnologias como um apoio à escolaridade e ao futuro de seus filhos. Tradução do autor.

classes menos abastadas ao detectar, em uma pesquisa com materiais da mídia impressa hegemônica sobre a juventude, um retrato “natural” do jovem como sendo de classe média, vinculando, muitas vezes, o indivíduo deste segmento a dúvidas sobre que tipo de aparelhagem eletrônica escolher, quais “baladas” se adequam melhor ao seu perfil, ou se faz um intercâmbio em Londres ou uma viagem de férias à Disney, por exemplo. Em boa parte desses jornais e revistas voltados para o público juvenil não é feita “qualquer menção à baixa qualidade da rede pública de ensino e à falta de lazer e de perspectivas de realização profissional da ‘galera’ menos ‘descolada’ (dos constrangimentos estruturais, supõe-se)” (FREIRE FILHO, 2008, p. 43-44).

Os movimentos contemporâneos proporcionados pela solidificação do capitalismo e pelo fenômeno da globalização dão forma a um processo de “desfiliação” (CASTEL, 1998), ou seja, a ausência de inserção dos indivíduos em estruturas que tenham significação social. Pais (2001) disserta acerca dos “tempos labirínticos” enfrentados pela juventude de hoje, ou seja, numa falta de antevisão no espaço-tempo da contemporaneidade, uma ausência de previsibilidade de destino (estudar, namorar, trabalhar, noivar, casar, ter filhos, etc.), que existia há cerca de vinte, trinta anos mas que hoje não se encontra mais. A ausência de placas e de direções coloca o jovem em uma encruzilhada, pois não há mais o trilho a ser percorrido, provocando, então, a angústia e a ruptura dos laços sociais.

O processo de fragmentação das identidades que marca a emergência do sujeito pós-moderno (HALL, 2003), que é constituído por múltiplas e até contraditórias formações identitárias, atua no sentido de alimentar demandas outras distintas das dos sujeitos de um período anterior, que já tinham suas vidas planificadas desde a mais tenra idade. Tentar a vida na capital, para quem é do interior; fazer uma pós-graduação; juntar dinheiro para passar um tempo no exterior; parar de trabalhar para estudar para um concurso; assumir uma relação amorosa aberta e sem compromisso; dentre uma série de outros projetos de vida que se descortinam na atualidade, são possibilidades que não existiam há duas décadas – ou existiam de forma menos evidenciada ou visível publicamente¹¹⁷ –, quando o sentido

¹¹⁷ Nesse sentido, não podemos deixar de apontar o Movimento *Hippie*, que já nos anos sessenta incentivava a liberdade das experimentações, das relações abertas, de modos de vida alternativos, etc. Vale ressaltar, entretanto, que o Movimento Hippie era contra-hegemonico, ou seja, apoiava-se em uma ideologia contestatória, evidenciando uma cenário distinto do atual, onde seguir por caminhos diferentes dos que levam ao roteiro trabalho-casamento-filhos-aposentadoria-etc. é visto como algo socialmente aceito.

“natural” do processo de amadurecimento apontava para o trabalho e para o casamento (no caso das mulheres, muito mais para o casamento do que para o trabalho). E hoje são muitos os jovens que, próximos a entrar na fase adulta, não sabem se querem casar ou se preferem fazer um curso de aprimoramento em outra cidade, por exemplo. Quando se relaciona esses desejos algumas vezes contraditórios com a própria falta de estrutura social para assumir esses compromissos da vida adulta é que percebemos a ruptura com um processo de planificação do futuro. A dificuldade de conseguir um emprego estável, os valores de compra e aluguel de imóveis cada vez mais caros, a necessidade premente de cursos de especialização para o crescimento curricular e a própria desconfiança com relação à instituição matrimonial e ao seu movimento de fragmentação são elementos que favorecem a dificuldade de uma projeção do futuro a longo prazo (ISLAS, 2010)¹¹⁸.

Esse quadro de falta de referenciais também pode ser muito bem ilustrado pela crise do emprego juvenil em nossa sociedade neoliberal. Muitos dos jovens na atualidade encontram-se ociosos e desempregados, devido a um modelo econômico, implementado principalmente a partir dos anos noventa, que tem gerado um movimento de desestruturação do mercado de trabalho, atingindo, especialmente, a juventude. Os movimentos de precarização do emprego – instabilidade laboral, ausência de direitos trabalhistas e de contratos de longo prazo, substituição de postos formais por estágios, excesso de mão-de-obra (que ocasiona a queda nos salários), etc. – fazem com que aumentem as incertezas e as inseguranças dos jovens com relação ao mundo do trabalho. Na Espanha o índice de desemprego na esfera juvenil gira em torno de 40%, ou seja, praticamente a metade dos jovens em idade ativa está ocioso, o que provoca, muitas vezes, uma suspensão de planos e projetos de vida. Como soluções paliativas, que engrossam ainda mais o movimento de precarização do emprego, mas que, por outro lado, possibilitam algum tipo de ocupação para todo este contingente sem trabalho, começam a surgir no cenário espanhol os *minijobs*¹¹⁹, empregos temporários – algumas vezes de apenas um dia – com salários reduzidos e sem qualquer tipo de vínculo ou obrigação com seguro social.

¹¹⁸ Conferência de José Antonio Pérez Islas na sessão inaugural do Congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010.

¹¹⁹ Os *minijobs* nasceram na Alemanha, como uma medida de emergência para tentar diminuir a quantidade de desempregados no país. O modelo foi sendo, aos poucos, implantado em outros países, inclusive na Espanha. O trabalho chega a atingir um máximo de oitenta horas por mês – nos contratos mais longos –, o que garante um salário, em média, de quatrocentos euros.

Acerca da realidade do desemprego pela qual passam os jovens no Brasil¹²⁰, Pochmann (1998, p. 20) acrescenta que

o desemprego emerge como um dos problemas mais graves da inserção do jovem no mundo do trabalho. Além disso, as ocupações que restam aos jovens são, na maioria das vezes, as mais precárias, com postos não assalariados ou sem registro formal, pois encontram-se praticamente bloqueadas as portas de ingresso aos melhores empregos.

É neste cenário de escassez de estruturas estáveis, que possam oferecer oportunidades à juventude de tecer seus projetos de autonomia, que vemos surgir na Espanha a “geração NINI”, que diz respeito à quantidade cada vez maior de jovens que nem estudam e nem trabalham (NI estudian y NI trabajan). São jovens que – tendo terminado os estudos colegiais e sem interesse, capacitação e/ou recursos financeiros para entrar na faculdade, bem como sem a qualificação e a experiência necessárias para assumir os pouquíssimos postos de trabalho disponíveis atualmente – vivem ociosos, morando mais tempo na casa dos pais. Faz-se importante deixar claro, também, que todos esses processos, sustentados por uma ausência de autonomia juvenil, não podem ser tomados como exclusiva consequência de estruturas opressoras ou de falta de políticas públicas eficazes, pois há porções da juventude que são cúmplices nesse movimento de adiamento da ruptura com o universo doméstico e familiar. Tratam-se de jovens que se tornam aliados de um estilo de vida capitalista mais cômodo.

É esta uma das parcelas da juventude que mais preocupam os técnicos dos governos que se dedicam à elaboração das políticas públicas voltadas para este segmento. Trata-se de

¹²⁰ As taxas de desemprego juvenil no Brasil atualmente, se comparadas às de muitas nações da Europa ou aos Estados Unidos, não atingem índices tão alarmantes quanto aos daqueles países neste momento, mas, mesmo assim, requerem cuidados constantes, especialmente se levarmos em consideração que a crise financeira mundial é volátil e pode afetar um ou outro país de forma mais enfática em pouco tempo. Dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – afirmam que taxa de desocupação nas principais regiões metropolitanas entre pessoas de 18 a 24 anos, no final de 2010, era de 12,5%. “Desemprego entre jovens ainda é alto no fim do governo Lula”.

Fonte: Exame.com

Disponível em:

<http://exame.abril.com.br/economia/brasil/noticias/desemprego-entre-jovens-ainda-e-alto-no-fim-do-governo-lula>

Acesso em: 06 out. 2011

um grupo de jovens que é, muitas vezes, visto pelo Estado como uma “sobra” da sociedade, que nem se encaixa como estudante e se reveste do perfil de “futuro da nação” e nem se enquadra na categoria de trabalhador, que, portanto, já o encaminharia à fase adulta, além de proporcionar o retorno financeiro aos investimentos do governo, por meio do pagamento dos impostos. Stauber (2010)¹²¹ expressa muito bem as angústias (e a visão polarizada, como se a falta de inserção laboral fosse sempre uma opção por parte da juventude, e não uma violência estrutural por parte do Estado) que rondam os técnicos e cientistas sociais que se voltam para a problemática juvenil na Espanha, quando se pergunta como se pode oferecer emprego a um jovem quando ele se sente muito bem sem fazer nada ou plantando maconha.

Talvez como consequência de todo esse processo de ausências e vulnerabilidades em diversas situações nas quais a juventude está inserida presenciamos, nos anos mais recentes, uma séria discussão na sociedade acerca da violência nas escolas, não só entre os jovens que se agredem no ambiente institucional de ensino, bem como, especialmente, entre jovens e professores. São meninos de doze, treze anos que vão armados às escolas e ameaçam colegas e docentes, são meninas que se agredem fisicamente até que uma delas, muitas vezes, chegue a desmaiar, sendo apoiadas por colegas que presenciam tudo euforicamente, como se estivessem assistindo a uma luta de box. Costumam ser corriqueiras nos jornais e na internet notícias de violência nas escolas, mas poucos eventos desta natureza chocaram tanto quanto o caso de Realengo¹²², ocorrido em abril de 2011, quando um rapaz de apenas vinte e três anos de idade voltou à escola onde havia estudado e assassinou doze adolescentes, evidenciando os riscos aos quais estão expostos jovens em todo o país, mesmo em um ambiente – a escola – que, até bem pouco tempo, era visto como apenas de aprendizado e crescimento pessoal e profissional. Como podemos observar, com

¹²¹ Conferência de Barbara Stauber na sessão inaugural do Congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010.

¹²² O crime ocorreu na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro. Wellington Menezes de Oliveira, de vinte e três anos, invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes, matando doze deles, com idade entre doze e quatorze anos. O rapaz foi interceptado por policiais e cometeu suicídio. A motivação do crime continua incerta, porém a nota de suicídio de Wellington e o testemunho público de sua irmã adotiva e o de um colega próximo apontam que o atirador sofria *bullying* durante o período escolar, realizado no mesmo colégio onde cometeu os assassinatos. O crime causou comoção no país e teve ampla repercussão em noticiários nacionais e internacionais.

os movimentos de reconfiguração (ou desinstitucionalização) das instituições sociais o fenômeno da criminalidade aproxima-se cada vez mais cedo do segmento juvenil¹²³ (especialmente do jovem pobre), que sem os referenciais tradicionais de família e de escola como alicerces principais de suas trajetórias de vida, acabam contribuindo e fazendo parte da cultura da violência em nosso país.

O que acontece muitas vezes é que esse referente de juventude vulnerável e pobre acaba tendo seu espaço reduzido – e estigmatizado – ao jornalismo, às páginas policiais. A discussão sobre violência juvenil, precariedade do ensino, fragmentação da instituição escolar como instância de proteção de crianças e jovens, dentre outros assuntos concernentes ao caso de Realengo, muitas vezes não consegue sair do mesmo circuito – “especialistas” convidados pelas emissoras e jornais para não acrescentar nada de novo à questão e para circunscrever o episódio a uma realidade distante das classes média e alta da população, que pode pagar escolas particulares “seguras” para seus adolescentes. O debate capitaneado pela mídia hegemônica sobre a juventude economicamente desfavorecida, que deveria envolver elementos vinculados à cultura, ao Estado e ao mercado, muitas vezes não sai da discussão sobre criminalidade, drogas e mendicância, não avançando sobre outros setores da sociedade. Os meios de comunicação massivos enviesam o retrato da juventude quando o constroem sob uma perspectiva dualista.

Nesse sentido, a indústria cultural desempenha um papel de fundamental importância na construção das identidades juvenis, ao fornecerem alguns dos referentes de identificação para esses jovens, sejam os códigos de conduta, os vocabulários e os bordões da moda, os estilos de vida aceitos socialmente, as roupas e acessórios que os dignifica frente aos pares e o tipo de atitude que se deve ter para enfrentar a vida. O “jovem *Malhação*¹²⁴” – que na maioria das vezes segue o mesmo padrão de indivíduo branco,

¹²³ Pesquisa realizada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República em conjunto com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a ONG Observatório de Favelas revela que, atualmente, os homicídios representam 45% das causas de morte entre os jovens e que mais de 33,5 mil jovens de 12 a 18 anos deverão perder a vida por homicídio entre 2006 e 2012, caso os índices de violência no país não se alterem nos próximos anos. Ainda de acordo com o levantamento, a média de adolescentes assassinados no Brasil antes de completarem 19 anos é de 2,03 para cada grupo de mil.

Disponível em:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2587834.xml&channel=13&tipo=1§ion=Geral>

Acesso em: 07 ago. 2009.

¹²⁴ *Malhação* é a novela voltada pra o público adolescente exibida desde 1995 na Rede Globo. Já teve como núcleo uma academia de ginástica, um colégio e agora tem uma universidade como palco de suas tramas.

bonito, com corpo escultural, descolado, independente financeiramente, que divide apartamento com os colegas ou mora em república com outros jovens, curte a vida em aventuras e baladas e cujas preocupações giram em torno de conflitos geracionais com os pais ou problemas amorosos –, mitificado por boa parte dos meios hegemônicos em sua programação juvenil, dissemina referentes e valores que dão a entender que todas essas conquistas e estilos de vida são plenamente possíveis de serem alcançados pelos jovens, e aqueles que não materializam esses desejos não o fazem por falta de esforço ou por incompetência pessoal. A mídia acaba por usar seu potencial de construtora da realidade social para ocultar grandes parcelas da juventude na programação voltada para este segmento, fazendo com que muitos jovens que não se enquadram no perfil midiático juvenil elaborado pelos meios de comunicação não se identifiquem com a vida glamourosa dos jovens da televisão e das revistas. Sobre a relação das mídias com os ícones de identificação juvenil, Melucci (2001, p. 137) acrescenta que

Los medios de comunicación, los publicistas y los ingenieros de la información no sólo proporcionan a los jóvenes el material con el que construir la imagen de su presente y de su futuro, sino también los lenguajes con los que diseñar su experiencia en todas sus dimensiones¹²⁵.

Morin (1969) nos conta que os jovens foram, paulatinamente, tornando-se mercado de consumo a partir do final da Segunda Guerra, movimento esse que aparenta estar atingindo seu ápice na atualidade, quando presenciamos a solidificação e a imposição cada vez mais explícita de uma cultura amplamente consumista – seja de bens comercializáveis ou de idéias e atitudes –, uma cultura que muitas vezes se utiliza da visibilidade midiática para disseminar valores e condutas a serem seguidas. Esse tipo de consumo “confere sentidos, manifesta inclinações que permitem, aos indivíduos, uma orientação valorativa do mundo, ao mesmo tempo em que efetiva relações de diferença e de oposição em relação a outros grupos e práticas” (JANOTTI, 2003, p. 13). E isso alcança diretamente a juventude,

¹²⁵ Os meios de comunicação, os publicitários e os engenheiros da informação não somente proporcionam aos jovens o material com o qual construir a imagem de seu presente, mas também as linguagens com as quais desenhar sua experiência em todas as suas dimensões. Tradução do autor.

que em sua constante busca – aparentemente contraditória – por diferenciar-se e assemelhar-se – “nós consumimos para fazer parte de grupos determinados e, no mesmo gesto, nos diferenciamos de outros grupos, numa lógica complementar e distintiva muito próxima das classificações totêmicas” (ROCHA, 1985, p. 172) – utiliza-se do consumo de marcas, idéias, atitudes e valores disseminados (ou, de alguma maneira, atravessados) pela mídia para incluir-se em determinados grupos e tribos urbanas e marcar seus espaços nos usos da cidade, nos modos como essas territorialidades urbanas são apropriadas e demarcadas pelos jovens e por suas diversas formas de se agrupar (MAGNANI, 2000).

É nesse cenário que o consumo passa a vincular-se, cada vez mais, à noção de cidadania. García Canclini (1996) já assinalava desde meados da década de noventa do século passado que consumir faz parte dos processos de cidadania e de reconhecimento perante os pares. O que Freire Filho (2008) critica é a concepção de cidadania como liberdade de consumir, como se a posse de determinados bens (e o sentimento de pertença, muitas vezes, advindos com esses bens) fosse o suficiente para tornar os sujeitos coletivos cidadãos e emancipados social e politicamente. “A figura do cidadão-consumidor enaltecida pela racionalidade governamental neoliberal sinaliza [...] que a essência da cidadania deve se manifestar através do livre exercício da escolha individual entre uma variedade de opções estruturadas pelo mercado” (FREIRE FILHO, 2008, p. 48). Entretanto, cabe ressaltarmos que García Canclini aposta muito mais em um exercício reflexivo do consumo, que pode provocar e levar à luta por direitos relacionados ao próprio ato de consumir. É justamente quando percebe as falácias dos bens e dos serviços, as promessas não cumpridas a partir da posse desses produtos, que os consumidores podem exercer um senso crítico sobre seus processos de consumo.

Mas quando se vincula cidadania e consumo para refletir sobre as culturas juvenis deve-se pensar no consumo como algo que vai além do mero ato de possuir algum objeto ou bem cultural, mas sim no sentido de uma apropriação que gera sentidos e não se restringe, de forma nenhuma, ao momento de aquisição do produto, mas cuja origem se dá antes do ato em si e as consequências permanecem por tempo indeterminado. É nesta lógica que enxergamos o consumo como diretamente ligado à negociação da identidade, a partir de símbolos e significados partilhados através de produtos, idéias e posturas consumidos e assumidos pelos jovens perante seus pares. Juárez (2006, p. 66) completa, afirmando que

las prácticas y los consumos son las maneras mediante las cuales decimos a los otros quiénes somos, y por lo tanto nos situamos en la red de relaciones de la que participamos, y esto nos permite negociar nuestra identidad. [...] El consumo tiene un papel fundamental en esta negociación de identidad, está continuamente comunicando, significando y negociando con los otros¹²⁶.

Refletindo sobre a relação entre consumo e cidadania no universo juvenil, a partir da perspectiva de reconhecimento social e identitário perante os pares, vale a pena atentar para a efemeridade que pode adquirir a posse de determinados bens como instância de pertencimento. O reconhecimento pelos pares através do consumo pode ser pensado apenas como parcial, quando o mercado de bens simbólicos cada vez mais cria produtos segmentados com a finalidade de hierarquizar os jovens de acordo com as possibilidades que eles têm de adquirir aquelas mercadorias. Quando os preços de aparelhos reprodutores de MP3 se popularizam é dada a oportunidade para que jovens moradores de periferia, por exemplo, o comprem e possam se igualar à juventude de classe média, que já possui o aparelho há mais tempo. Mas aí, nesse ínterim, o mercado já criou os aparelhos reprodutores de MP4 (que incluem uma tela, para a exibição de vídeos), mais caros e exclusivos, como uma forma de dar continuidade ao processo de distinção entre os jovens de diferentes estratos sociais. Quando os jovens de classes menos favorecidas conseguem comprar (ou ganhar de seus pais) um videogame como o Playstation II¹²⁷, por exemplo, o mercado lança o Playstation III, com outras funções e novos recursos, e, mais uma vez, a escala hierarquizada se mantém, mostrando a determinados grupos de adolescentes que eles podem até possuir um videogame, mas não um aparelho de última geração, esse sim reservado aos “eleitos”, que estariam em um outro patamar na pirâmide social. E assim ocorre com grande parte dos produtos da indústria cultural e do entretenimento, muitas vezes distribuídos ao mercado em várias versões, com a finalidade

¹²⁶ as práticas e os consumos são as maneiras mediante as quais dizemos aos outros quem somos e, portanto, nos situamos nas redes de relações das quais participamos, e isto nos permite negociar nossa identidade. O consumo tem um papel fundamental nesta negociação de identidade, está continuamente comunicando, significando e negociando com os outros. Tradução do autor.

¹²⁷ Playstation é um console de video game, fabricado pela empresa Sony, e que faz enorme sucesso entre o público juvenil.

de segmentar seu público e oferecer às classes abastadas produtos sempre exclusivos. Neste cenário, Castells (*apud* GARCÍA CANCLINI, 1996) nos faz pensar no consumo como um lugar privilegiado onde os conflitos entre classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, ganham continuidade através da distribuição e apropriação dos bens.

Também no espaço digital pode acontecer este tipo de segmentação. Apesar da propaganda democrática que a internet proporcionaria aos seus usuários, os “navegadores” das classes financeiramente privilegiadas por vezes tecem modos de se diferenciar dos “emergentes”, que só nos últimos tempos têm conseguido acessar a rede mundial de computadores, muitas vezes a partir das *lan houses* e dos telecentros¹²⁸. Um caso que serve como ilustração é o da migração, no cenário brasileiro, de pessoas das classes médias e altas do Orkut¹²⁹ para o Facebook, quando o primeiro *site* de relacionamento foi “invadido” por pessoas das classes sociais menos favorecidas nos últimos anos e, com isso, ficou “favelizado”. Esse movimento migratório de “fuga” do Orkut para não se vincular com os jovens pobres que começaram a usar a rede social aparece

como um ponto a ser explorado por colocar em pauta a questão da ‘inclusão digital’ e da convivência com a diferença. Em alguns blogs, listas e fóruns, internautas pertencentes às camadas médias e altas começaram a se expressar – muitas vezes de modo bastante explícito e crítico – contra os efeitos do crescente acesso das camadas populares ao mundo digital. Neste contexto, surgiu a expressão ‘favelização do Orkut’, que fazia uma associação entre ‘favela’, ‘pobreza’ e ‘mau gosto’; a ‘invasão’ dos pobres brasileiros na Internet, visível especialmente em redes sociais como o Orkut, traria atrás de si um lastro de gosto ‘brega’, expresso nas fotos postadas e no português precário (BARROS, 2011, p. 8).

¹²⁸ Telecentros são espaços públicos e gratuitos de acesso à internet e a outras tecnologias digitais. Os telecentros são pensados, muitas vezes, como espaços a partir dos quais seja possível impulsionar o desenvolvimento comunitário, econômico, educacional e social, reduzindo o isolamento, interligando as divisas digitais, promovendo questões de saúde, criando oportunidades econômicas e alcançando os jovens. Os telecentros também podem ser utilizados para desenvolver oficinas, capacitando seus frequentadores para os usos e apropriações das mídias digitais.

¹²⁹ O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. O alvo inicial do Orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários são do Brasil e da Índia. No Brasil foi a rede social mais conhecida e importante, e com maior participação de brasileiros até agosto de 2011, quando, contando com vinte e nove milhões de usuários, foi superado pelo Facebook, que passou a ter, em nosso país, trinta milhões de usuários.

Com o tempo os usuários das classes mais abastadas foram criando suas redes no Facebook, o que poderia garantir uma certa exclusividade e, mais do que isso, uma vinculação com seus pares, e não com os jovens membros das periferias e subúrbios das cidades brasileiras. Também podemos citar a presença do Elysians¹³⁰, uma espécie de rede social de luxo. Neste *site*, os membros (que só tem acesso à rede através de convite) podem interagir privadamente com marcas de luxo, donos de hotel cinco estrelas, clubes e restaurantes e instituições selecionadas. Como podemos observar através desses exemplos, a cidadania conquistada de forma “automática” através do consumo é algo que precisa ser reproblemático. As formas como os jovens constroem seus processos de consumo podem ser reveladoras para a compreensão de quais caminhos são tecidos com relação a essa questão pela juventude, indo de uma adesão a uma recusa ao sistema mercadológico, com variados graus de reflexividade neste amplo espectro de possibilidades.

Procurando desvendar o universo dos jovens ditos vulneráveis, Sposito e Carraro (2003) afirmam que as políticas públicas voltadas para a juventude desenvolvidas no Brasil ao longo dos anos têm sido pensadas e postas em prática sem a participação dos jovens em sua elaboração, ocasionando que muitas dessas políticas não atendam às demandas deste segmento social. Segundo Dayrell (2004, p. 2), “é muito comum encontrar educadores e gestores de programas sociais que nunca se perguntaram pela especificidade do jovem, pelas demandas próprias de seu processo de formação humana”. O relatório da Andi, que investiga as percepções de jovens com deficiência sobre a maneira como se vêem retratados na televisão, chega a conclusões semelhantes, quando afirma que:

Resulta importante recordar que, en general, los ciudadanos y ciudadanas – especialmente los niños y adolescentes – son agentes que aún se encuentran poco presentes en el proceso de elaboración y puesta en práctica de las políticas destinadas a garantizar sus propios derechos¹³¹.

¹³⁰ <http://www.elysians.com/>

¹³¹ Resulta importante recordar que, em geral, os cidadãos e cidadãs – especialmente as crianças e adolescentes – são agentes que ainda se encontram pouco presentes no processo de elaboração e posta em prática das políticas destinadas a garantir seus próprios direitos. Tradução do autor.

Na Espanha – apesar do país vivenciar as desigualdades sociais de um modo bem menos explícito e aviltante do que no Brasil – a situação não é diferente da que presenciamos em nosso país, com relação às políticas públicas, e são muitas as ações que se voltam para a juventude mas que não levam em consideração as demandas dos jovens cidadãos. García Ramírez (2010)¹³² nos fala que existe uma grande diferença entre políticas públicas para os jovens e políticas públicas com os jovens e aponta a urgência de ter os coletivos juvenis como co-partícipes neste processo, pois a juventude não pode ser encarada apenas como um público-alvo nos quais os técnicos do governo devem mirar. No caso dos jovens migrantes, boa parte dessas políticas públicas gira em torno de fazer com que esses rapazes e moças se integrem à sociedade catalã. Tratam-se, muitas vezes, de políticas assimilacionistas, que não levam em consideração as especificidades de cada um dos coletivos migrantes. Jovens marroquinos, chineses e equatorianos, por exemplo, não podem ser categorizados unicamente sob a forma de “migrante”, pois há em cada um desses grupos culturas, idiomas e práticas sociais distintas. Integrar linguisticamente um jovem colombiano é completamente diferente de fazer compreensível o catalão a um jovem chinês. São essas particularidades culturais que são esquecidas por parte de técnicos de governo quando assumem a juventude migrante como um bloco monolítico.

Além disso, vale destacar que muitas das ações governamentais voltadas para a juventude brasileira focam-se nos adolescentes menores de 18 anos, simplesmente excluindo aquele jovem que já atingiu a maioridade penal. Sposito e Carraro (2003, p. 4) ainda complementam a questão, afirmando que as políticas públicas de juventude não deveriam ser “apenas o retrato passivo de formas dominantes de conceber a condição juvenil, mas poderiam agir, ativamente, na produção de novas representações”. Martín-Barbero também critica um processo de esquizofrenia nos modos pelos quais as políticas culturais seguem sendo pensadas, “como se hoy se pudieran hacer políticas culturales sin pensar en los procesos de comunicación entre culturas”¹³³ (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 6). O autor completa (p. 11), afirmando a importância de “investigar experiencias de

¹³² “¿Están agotados los modelos de los programas y las políticas de juventud?”. Conferência de García Ramírez apresentada no Congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010.

¹³³ “como se hoje se pudessem fazer políticas culturais sem pensar nos processos de comunicação entre culturas”. Tradução do autor.

políticas públicas que possibilitem, apoyen, estimulen y desarrollen la comunicación entre culturas, pero reconociendo de entrada la diversidad de éstas”¹³⁴.

Em mais uma ambivalência que paira sobre a juventude, esse segmento social muitas vezes é visto de forma dicotômica: como o problema da sociedade, percebidos como ameaça à paz e ao equilíbrio sociais, ou como a esperança da população, o estrato que vai ser capaz de mudar o futuro, transformando positivamente a esfera pública. “Os jovens ora são vistos como problemas ou setores que precisam ser objeto de atenção. [...] Devemos controlar a ameaça que os segmentos juvenis oferecem ou considerá-los como seres em formação ameaçados pela sociedade e seus problemas?” (SPOSITO e CARRARO, 2003, p. 4). Ou, em outra dicotomia, como os jovens de classes altas, que, vistos cada vez mais como expoentes do consumismo, brindam o mercado com sua força que faz girar a roda dos capitais *versus* o jovem oriundo da periferia, que custa aos cofres públicos uma razoável soma investida em políticas sociais. Ou seja, como apontamos anteriormente, o jovem que gera dinheiro contra o jovem que “dá prejuízo”. “As primeiras imagens [dos jovens] são encontradas em matérias de cultura, comportamento, esporte; as segundas, de modo emblemático, no noticiário sobre problemas urbanos e acontecimentos policiais” (ROCHA e SILVA, 2008, p. 131)¹³⁵. Sobre esse jovem de periferia, vale a pena resgatar o que diz Freire Filho (2008, p. 38) sobre as visões polarizadas que, muitas vezes, pairam sobre esta parcela da sociedade, quando ele exemplifica com “o jovem ‘desviante’ como uma redimível vítima melodramática da sociedade ou o jovem ‘desviante’ como uma aterradora ameaça que deve ser banida ou eliminada em nome da restauração da moralidade e da ordem”.

Essas visões dicotômicas também cercam os jovens migrantes em Barcelona, ora vistos como um grupo social o qual a sociedade catalã tem que integrar pelo bem maior da convivência pacífica, ora apontados como responsáveis pelas formações de gangues e disseminações da criminalidade e da violência urbana. O mesmo jovem cujas culturas e

¹³⁴ “investigar experiências de políticas públicas que possibilitem, apoiem, estimulem e desenvolvam a comunicação entre culturas, mas reconhecendo de início a diversidade delas”. Tradução do autor.

¹³⁵ Indo de encontro ao que propõem as autoras, é válido também termos em mente que os jovens de classes financeiramente menos privilegiadas são público-alvo do mercado e igualmente fazem girar a economia. O jovem pobre consome, gasta, faz crediário e é visto como um nicho mercadológico por lojas, bancos, empresas, etc. O jovem morador de periferia também têm desejos de consumo, também junta suas economias para adquirir determinado produto, também dá retorno aos estrategistas de marketing.

tradições diferentes são apontadas como elementos de enriquecimento para a comunidade em determinados discursos – a maior parte deles acadêmicos –, são vítimas constantes de preconceito e de rechaço por parte da mídia massiva, que os rotula como aqueles que tiram os empregos dos autóctonos. Parte dessa tensão que circunda as vivências dos jovens migrantes na Espanha advém do fato de ser este país o segundo na Europa que mais possui jovens de origem estrangeira (perdendo somente para a Alemanha). E a Espanha sobe para o primeiro lugar como país de acolhida quando se delimita o universo entre os jovens de origem latino-americana e africana (HUERTAS et al, 2010)¹³⁶. Em sua pesquisa com grupos juvenis formados por migrantes, na Catalunha, Feixa (1998) aponta os constantes processos de estigmatização pelos quais passam as culturas juvenis de periferia, quase sempre apontadas como responsáveis por atos de vandalismo, delinquência, vadiagem e criminalidade. Basta andar pelas ruas de Barcelona para presenciar situações nas quais jovens com características físicas ou linguísticas (cor da pele, idioma ou sotaque, traços indígenas, etc.) que os “denunciam” como migrantes são revistados e constrangidos pela guarda municipal.

Ou seja, cabe-nos perguntar sobre esses jovens em situação de exclusão – sejam os moradores de periferia, em Fortaleza, sejam os de origem migrante, em Barcelona –, acerca de como será que transitam nesse novo espaço-tempo cultural-midiático. Como nos fala De Certeau (1998), acerca das estratégias, é possível pensar (apesar de termos em conta os procedimentos e práticas mercadológicos para hierarquizar a juventude conforme seu estrato social e seu potencial de compra) que os jovens menos favorecidos economicamente conseguem inserir-se neste contexto de usos e apropriações das mídias digitais, seja a partir dos telecentros ou das *lan houses*, seja na prática direta com os meios (câmeras, celulares, gravadores digitais, softwares, etc.) possibilitada nos cursos de capacitação para as mídias oferecidos como parte das atividades de associações e projetos audiovisuais. Interessante quando Sousa (2006, p. 9) nos fala da importância de pensar o “lugar aglutinador que cabe

¹³⁶ Temos em conta que existe, nesse momento, um processo significativo de saída dos imigrantes do território espanhol, o que pode impactar, de forma relevante, nas relações entre migrantes e autóctonos em um futuro próximo, em virtude da transformação no panorama local. Vale destacar, no entanto, que esse fenômeno é extremamente novo – uma matéria extensa no jornal El País sobre o assunto data de dezembro de 2011 (http://elpais.com/diario/2011/12/11/eps/1323588415_850215.html) – e suas consequências, talvez, ainda não possam ser sentidas pelos que vivem em Barcelona. O cenário catalão que dá vida a esta pesquisa – apesar da existência da crise desde 2008 – é um contexto ainda não marcado por esta nova experiência de retorno dos imigrantes para seus países de origem.

aos meios de comunicação com a necessidade crescente de emancipação pelo exercício da cidadania e da inclusão social e política”. Complementando essa linha de raciocínio, Damasceno (2007, p. 217) fala da “emergência de novos atores sócio-históricos: os jovens pobres, [...] que passam a se manifestar de uma forma muito mais presente e frequente”.

Mas como se dão essas manifestações? Quais são esses sentidos de periferia que aparecem quando a esses jovens é dada a oportunidade de se expressarem produzindo conteúdos midiáticos, nos quais podem tornar visíveis suas culturas? Que periferia é essa que é visibilizada nas culturas juvenis? Acreditamos que paira uma certa ambiguidade nos processos de visibilização desse subúrbio nas produções culturais dos jovens, pois ao mesmo tempo que há a demanda de mostrar a periferia, a favela, o morro como lugar de sociabilidades outras que não aquelas somente pautadas a partir da violência e nas drogas, mas como o lugar onde são tecidas grande parte das suas vivências e das suas redes de relações, talvez possa continuar existindo, por parte dos próprios jovens, uma negação dessa periferia, um ocultamento de seus vínculos de pertencimento baseados nesse subúrbio. Concordamos com a afirmação de Pais (1993, p. 96), quando este autor nos diz que “as culturas juvenis, para além de serem socialmente construídas, têm também uma configuração espacial”. As culturas as quais os jovens atravessam (e são por elas atravessadas) são permeadas pela territorialidade e urge como importante ver de que maneira essa periferia na qual os atores coletivos estão inseridos aparece em suas percepções e nas produções que a juventude faz a partir dos usos e apropriações das mídias digitais. Um dos jovens com o qual conversávamos informalmente, no espaço de uma das associações¹³⁷ que fez parte da pesquisa exploratória desenvolvida para esta tese, durante as entradas em campo, nos disse que sempre teve muita vergonha de ser um morador do Pirambú¹³⁸, e que só posteriormente à entrada no projeto social é que começou a repensar

¹³⁷ O Encine é uma organização não-governamental que trabalha em uma perspectiva de inclusão sociocultural do jovem a partir do manuseio e do empoderamento das mídias digitais. Sua área de atuação é semelhante à englobada pelo *Aldeia*, envolvendo jovens moradores da região do Mucuripe, Morro Santa Terezinha e Papicú, em Fortaleza. O Encine fez parte desta investigação durante muito tempo, como um dos objetos de referência, sendo posteriormente preterido pelo *Aldeia*, em virtude das delimitações inerentes à pesquisa científica. Mais detalhes desse processo de construção dos objetos de investigação podem ser vistos no capítulo 3 desta tese.

¹³⁸ O bairro Pirambú está localizado na área litorânea da zona oeste da cidade de Fortaleza. A localidade carrega o estigma de bairro pobre, sendo visibilizada na mídia hegemônica da cidade como área de criminalidade, especialmente a partir da ação de gangues juvenis.

esse elemento identitário. O jovem afirmou que, após as questões de origem e de bairro terem sido trabalhadas no âmbito da associação, já não se sentia mais inferior por viver em um bairro estigmatizado como pobre e violento. O rapaz ainda acrescentou, dizendo que aprendeu a valorizar a história de luta do Pirambú, as pessoas batalhadoras da região, e que, em vez de querer fugir, sente agora uma necessidade de fazer algo pelo seu território.

O vetor espacial das culturas juvenis também se mostra em Barcelona, quando dois de nossos jovens informantes, autóctonos filhos de migrantes (um filho de chineses e outro de chilenos), aparentam tecer um processo de afastamento (mais visível em um adolescente do que em outro) do país onde origina-se sua família, negando qualquer traço identitário que os vincule a esses territórios. Os jovens afirmam sentirem-se catalães e enfatizam que neste movimento de integrar-se a um novo contexto cultural é preciso abandonar qualquer referente que não seja aceito pela “nova” cultura. A moda, especialmente com relação às meninas muçulmanas que usam os véus; a religião, já que os jovens investigados criticam veementemente os excessos religiosos; as relações de gênero, que são apontadas como problemáticas, sendo os povos de outros países (especialmente os africanos e latino-americanos) categorizados como machistas, dentre uma série de outras atribuições, devem ser repensadas pelos jovens migrantes caso eles tenham interesse em fazer parte de uma cultura juvenil hegemônica cujos alicerces territoriais estejam fincados em Barcelona. Percebe-se nesse processo um apreço pelo “normal”, uma tendência que aponta uma preferência dos jovens na Espanha por uma dita “normalidade”, ao construírem seus referentes culturais (MEGÍAS, 2005). Essa concepção e aceitação da “normalidade”, ou seja, do que é ou não “normal”, funciona como um requisito para a integração social juvenil. O que tiver fora de uma pretensa “normalidade” (o véu, a crença, a língua, etc.) é rechaçado como parte do universo no qual se constituem as culturas desses jovens.

Esta ‘normalidad’ será la que rija y determine el terreno de juego en el cual se manifiestan los gustos y tienen lugar los juicios de valor, determinando lo aceptable y lo inaceptable, lo bueno y lo malo. Así, fuera de dicho terreno de juego se situarán las minorías sobre las que se proyectan los estereotipos diferenciadores (‘los raros’), que permiten que dichos estereotipos si mantengan socialmente vivos¹³⁹ (MEGÍAS, 2005, p. 41).

¹³⁹ Esta normalidade será a que rege e determina o terreno do jogo no qual se manifestam os gostos e tem lugar os juízos de valor, determinando o aceitável e o inaceitável, o bom e o ruim. Assim, fora de dito terreno

É claro que esses jovens vistos como “anormais” por parte da juventude autóctona (e mesmo por algumas parcelas dos seus pares migrantes) criam suas próprias microculturas de resistência, usando e se apropriando de determinados espaços da cidade, marcando território com seus repertórios culturais. Feixa (1998) nos diz que se pode compreender as culturas juvenis como as distintas dinâmicas que os jovens estabelecem nessa idade. O autor refere-se à maneira como as experiências sociais dos jovens são expressadas coletivamente, mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida institucional. São manifestações identitárias que se constroem, às vezes, nas brechas de uma cultura dominante, cultura hegemônica esta que pode ser, inclusive, assumida pelos próprios jovens.

Não é incomum ver em Barcelona as “ganguês juvenis” (FEIXA, op. Cit), que podem ou não se utilizar de atos delinquentes e violentos, circulando pelas ruas da metrópole; as “baladas” de determinados coletivos (festa colombiana, show de música cubana, etc.); os locutórios ou *cyber cafés* que são mais frequentados por um grupo juvenil migrante específico, que se reúne ali para jogar em rede, conversar e se divertir; dentre uma série de outros exemplos que podemos citar de como as culturas juvenis ditas minoritárias criam seus próprios espaços de expressão, tecem seus próprios referentes culturais e formas de identificação, mesmo quando essas manifestações são vistas e rotuladas de “anormais” pelos jovens autóctonos. O que por vezes acaba acontecendo é que essas polarizações entre as formas de convivência entre os jovens de “dentro” e os de “fora” podem levar a um movimento de segregação entre migrantes e autóctonos. O que acarreta outro problema já apontado anteriormente: as políticas públicas criadas para evitar essa segregação algumas vezes são ineficientes. Não podemos generalizar as políticas públicas como se fossem algo monolítico, em virtude de termos em conta, também, as experiências positivas e que deram certo. Mas também não podemos deixar de destacar que, por não levarem em consideração, repetidas vezes, as especificidades dos jovens e as demandas distintas de coletivos diferentes, e por apostarem, em muitas situações, em um processo assimilatório, as políticas públicas voltadas para a integração de adolescentes acabam tendo resultados falhos.

do jogo se situarão as minorias sobre as quais se projetam os estereótipos diferenciadores (‘os esquisitos’), que permitem que ditos estereótipos se mantenham socialmente vivos. Tradução do autor.

A questão da amizade, das relações de sociabilidade e de confiança entre os jovens, seja em Fortaleza ou Barcelona, é essencial no processo de configuração de uma organização dos tempos e lugares, enfim, de uma organização social. Segundo Arriaga (2007), consolidar uma rede de amizade no entorno onde se vive é um poderoso fator de enraizamento no local, funcionando como uma âncora para fixar-se em um lugar e preparar-se para viver o futuro nele. As relações de amizade entre os jovens podem ser pensadas como combustíveis para a participação social. O sentimento de pertença, o fato de sentir-se parte de uma coletividade, de um grupo de amigos, é capaz de permitir à juventude envolver-se nos assuntos do espaço público, mesmo que este seja configurado por uma série de elementos hierarquizantes, atuando em um constante processo de categorização e exclusão desses jovens. “La estética, la música o la pertenencia a un grupo funcionan como lenguajes provisionales con los que el individuo se identifica a sí mismo y envía señales para que otros le reconozcan”¹⁴⁰ (MELUCCI, 2001, p. 144).

Mas vale a pena pensar que, apesar de todos os inúmeros abismos sociais, de todas as constantes exclusões e formas de estigmatizações as quais são submetidos os jovens de periferia (que podem agir subjetivamente em um processo de apagamento de suas origens) e os jovens migrantes (muitos dos quais vivenciando um movimento de desvinculação com qualquer marco cultural de um país de origem, seu ou da família), esses sujeitos sociais têm a potencialidade de utilizar a cultura midiática e as tecnologias da comunicação no sentido de fortalecer um processo de emancipação social e política. Interessante pensar, como mais uma prova das ambiguidades que envolvem esta temática em estudo, que os meios de comunicação – que muitas vezes segregam e menosprezam os jovens dos subúrbios e das favelas e rotula os jovens migrantes como delinquentes, ilegais e usurpadores de trabalho – também são capazes de oferecer as ferramentas para que estes segmentos possam contornar as barreiras das desigualdades.

É nesse cenário de insuficiência e limitação de políticas públicas, de contradições nas formas como o jovem é tratado pelos meios de comunicação – o glamour da jovialidade, da força e da beleza, pela publicidade, *versus* a juventude perdida e dominada pelo mundo do tráfico, das drogas e da violência, pelas páginas policiais dos grandes

¹⁴⁰ “A estética, a música ou o pertencimento a um grupo funcionam como linguagens provisórias com as quais o indivíduo se identifica a si mesmo e envia sinais para que outros lhe reconheçam”. Tradução do autor.

jornais massivos – e de uma certa invisibilidade de algumas das demandas juvenis que presenciemos determinadas ações, por parte desta faixa etária, que merecem ser melhor analisadas. Ou seja, apesar de ser de fundamental importância demarcar e discutir as contradições sociais que alicerçam nossa sociedade, partindo de pressuposto de que negligenciar isso é corroborar com que essas exclusões se perpetuem, interessa-nos, entretanto, a juventude para além de sua condição de vulnerabilidade ao risco social (SOARES, 2004), mas, preponderantemente, como articuladora de intervenções, como grupo que, através das novas possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais, atua em um sentido de fazer-se visível e de conquistar voz ativa, de oferecer uma forma de comunicação alternativa ao que é produzido e veiculado pelo sistema midiático hegemônico, com vistas a produzir seus próprios modos de visibilidade, a contar suas histórias a partir de uma outra perspectiva, destacando não somente suas necessidades básicas de ser humano, mas suas demandas culturais e subjetivas de sujeito social e de ator coletivo.

Nesse sentido, para entender os contornos que adquirem hoje as ações coletivas juvenis, vale a pena resgatar os modos como foram sendo tecidos os movimentos sociais ao longo dos anos, seus deslocamentos e reconfigurações – e o encontro com a cultura –, que se originam desde um embate que se dava, de forma mais estrita, contra o Estado, e se atualizam como um tipo de manifestação que agrega, na contemporaneidade, outras questões pelas quais lutar e, inclusive, conta com o apoio dos governos em determinadas circunstâncias.

2.2 Movimentos sociais, culturais e cidadãos: de quais mobilizações falamos?

2.2.1 Dos “velhos” movimentos sociais ao encontro com a cultura

Os movimentos sociais, que, segundo Marcelo Kunrath Silva, podemos conceituar como movimentos racionais de grupos excluídos para tentar adentrar e transformar a esfera das instituições formais (SILVA, 2009)¹⁴¹, têm sua importância consagrada ao poderem

¹⁴¹ Fala do Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva, em aula ministrada na disciplina “Ação coletiva, contestação e engajamento: perspectivas teóricas e metodológicas”, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 13 de maio de 2009.

atuar como verdadeiras mediações entre indivíduos e instituições, reconstruindo as lógicas que o espaço público perdeu, retomando todas essas questões, a partir dos filtros cognitivos que podem se tornar essas instâncias de luta (WOLTON, 1999). Os movimentos sociais, ainda a partir das reflexões advindas com o autor francês, destacam-se ao agirem como elementos de referências dos sujeitos, não os deixando sós diante do Estado e do mercado. Esses grupos organizados adquirem características específicas – e remodeladoras do panorama contemporâneo – em nossas sociedades complexas, onde, como veremos mais adiante, a cultura ganha destaque como um dos eixos norteadores das vivências dos atores coletivos.

Interessante termos em conta, a partir do que nos dizem autores como Brockett (1991) e Friedman e Hochstetler (2002), que as formas de ação social dos atores coletivos estão intimamente vinculadas às maneiras de organização e configuração das instituições sociais. Ou seja, é a partir das estruturas de oportunidades políticas (TARROW, 2009) – o grau de abertura do sistema político institucional, a estabilidade ou não da elite política, a presença de aliados entre as elites, a capacidade repressiva do Estado e a posição no ciclo do protesto (a distância do movimento social do centro do poder) – que as ações coletivas e os movimentos sociais são desenhados, pois as associações constroem-se com relação ao Estado. Simplesmente não podemos pensar em movimentos sociais sem levar em conta o aparato estatal que está por trás dessas associações, pois as relações entre os dois contextos (estatal e associativo) são fundamentais para compreender as manifestações, avanços e retrocessos dos atores coletivos organizados, afinal, os processos associativos não devem ser pensados como algo natural, mas socialmente construído.

É significativo pensar, então, como se comportam os movimentos sociais em um panorama como o latino-americano, que, apesar de uma certa tradição de fechamento institucional com relação aos grupos subalternos, tem vivenciado, nas últimas duas décadas, uma experiência de ampliação das políticas públicas e dos direitos sociais – movimento contrário ao que vem ocorrendo na Europa, por exemplo –, especialmente após os processos de redemocratização pelos quais passou a maior parte dos países da região. Já que os processos associativos estão diretamente ligados aos modos de constituição das instituições políticas formais, vale a pena refletirmos de que modo os países da América

Latina – especialmente o Brasil¹⁴² – dialogam com os movimentos da sociedade civil organizada no cenário contemporâneo.

Apesar de manter uma democracia mais consolidada do que a que se percebe na maior parte dos países da América Latina, o contexto espanhol também viu seus movimentos sociais atuarem em um processo de democratização, lutando contra a ditadura de Franco, especialmente na década de setenta. Muitos dos movimentos nos anos setenta e oitenta do século passado eram formados majoritariamente por ideologias cristãs (cristãos de base) e de esquerda (comunistas e socialistas). As associações de bairro, os grupos juvenis de paróquias, as associações de pais de alunos eram especialmente os modos a partir dos quais se organizavam os grupos mobilizados pós-Franco, construindo um tecido social e associativo participativo e atuante, principalmente no entorno territorial. Segundo Nistal (2007), os movimentos sociais espanhóis dos anos setenta souberam aproveitar de forma produtiva as oportunidades políticas favoráveis e conseguiram articular adequadamente as reivindicações urbanas (marginalização dos bairros, falta de infraestrutura) com os desafios políticos (reivindicação da democracia).

É exatamente quando surgem estruturas de oportunidades políticas favoráveis, ou seja, aumento de permeabilidade das instituições políticas e administrativas às reivindicações da sociedade civil, provocadas por crises na coalizção política no poder, por mudanças na interação política entre o Estado e a sociedade – especialmente a redução da repressão a protestos –, e pela presença de aliados potenciais, que os grupos insatisfeitos organizam-se para expressar suas demandas na arena pública. São as estruturas de mobilização – recursos formais, como organizações civis, e informais, como redes sociais – que favorecem a organização social. A mobilização é o processo pelo qual um grupo cria solidariedade e adquire controle coletivo sobre os recursos necessários para sua ação (ALONSO, 2009). Neste sentido, caberia-nos perguntar como diversos coletivos em inúmeros países, como o Brasil ou a Espanha, por exemplo, “jogam” com essas estruturas de oportunidades, aproveitando as “brechas” na rigidez da institucionalidade para se mostrar enquanto sujeitos sociais e visibilizar as suas demandas no “palco” da sociedade civil.

¹⁴² No caso do Brasil, os governos de Lula e de Dilma têm alterado, em certo sentido, essa lógica de ausência de Estado e de políticas públicas, comumente atrelada aos países da América Latina.

Primeiramente, devemos clarificar o conceito de sociedade civil que tomamos de empréstimo para nortear esta investigação. Temos como sociedade civil a parte da vida separada da família, do Estado e do mercado (COHEN e ARATO, 2001), e como organizações da sociedade civil atores como os movimentos sociais, grupos de interesse, ONGs e outros atores não-econômicos e não-estatais. Mas será que hoje em dia, seja na América Latina, seja na Europa, no Brasil ou na Espanha, podemos mesmo pensar em uma sociedade civil totalmente separada da esfera do Estado? O que podemos perceber, de fato, em nossa contemporaneidade é uma sociedade civil associativista intimamente imbricada com uma sociedade civil institucional, a partir de um sentido de militância múltipla que se configura em diversos países, onde assistimos a presença cada vez maior de “ongueiros” que são filiados a determinados partidos políticos. Ou seja, o conceito de sociedade civil deve ser pensado como algo fluido, que comporta uma série de interpretações, e não como algo fechado e, necessariamente, positivo, afinal, a sociedade civil também reproduz estruturas de desigualdades econômica, civil, social, etc.

Essa corrente de pensamento sobre os movimentos sociais, cujos alicerces interpretativos se localizam especialmente na mobilização de recursos e nas estruturas de oportunidades políticas, enfatiza um processo racional da atividade política, que fica claro no argumento da “burocratização dos movimentos sociais, que, gradualmente, criariam normas, hierarquia interna e dividiriam o trabalho, especializando seus membros. [...] Quanto mais longevos, mais burocratizados os movimentos se tornariam” (ALONSO, 2009, p. 52). Essa dinâmica de equiparar movimentos sociais e empresas – já que ambos apostariam na administração de recursos e na coordenação de ações, tendo como força motriz uma compartimentalização de cargos e funções, a partir de uma divisão de trabalho – e de oferecer destacada importância ao fator racional das mobilizações coletivas acaba gerando uma forte crítica feita em direção a essa vertente de estudos sobre os movimentos sociais. Os fatores negativos evidenciam-se, especialmente, no tom exagerado no caráter racional e na negligência do repertório cultural. Melucci (2001) nos faz pensar que a teoria da mobilização de recursos não deu a devida atenção às questões identitárias que envolvem as formações dos movimentos sociais. A crítica a este enfoque, bem como a que é feita à teoria da estrutura de oportunidades políticas, consolida-se, também, quando nos propomos a refletir que, na verdade, o movimento já existe muito antes que sua mobilização se faça

possível e visível. O movimento social, muitas vezes, não depende da existência de oportunidades políticas, pois ele mesmo pode ser capaz de criar essas oportunidades. A ação coletiva depende da atividade de um discurso construído previamente, de uma orientação para a participação e para a formação de redes de solidariedade, mesmo que o movimento não se materialize de forma concreta desde o início. “La acción coletiva no es algo dado, una dimensión substancialista de la realidad, sino más bien algo construido gracias a la negociación y a la interacción”¹⁴³ (MELUCCI, op. Cit, p. 171).

Essa perspectiva de estudos que se volta para a mobilização de recursos e para a estrutura de oportunidades políticas, e seus teóricos – bastante destacados no cenário norte-americano – perdem espaço frente a uma teoria – que se personifica a partir, principalmente, dos trabalhos de intelectuais europeus – que enxergam que ao longo do século XX dá-se uma mudança macroestrutural na natureza do capitalismo, cujo centro teria deixado de ser a produção industrial e o trabalho. Segundo Alonso (2009), na sociedade pós-industrial a dominação teria se tornado eminentemente cultural, exercida por meio do controle da informação por uma tecnocracia. Nessa ambiência, técnica e cultura passaram a interpenetrar-se, as distinções entre mundo público e mundo privado se borraram, fazendo com que os conflitos, antes restritos unicamente ao universo da economia, avançassem para a vida privada e ganhassem dimensões simbólicas. Ou seja, “o conflito não está mais associado a um setor considerado fundamental da atividade social, à infraestrutura da sociedade, ao trabalho em particular; ele está em toda a parte” (TOURAINÉ, 1989, p. 13).

É justamente na década de noventa do século passado que parece haver, com maior clareza e com contornos mais definidos, uma certa guinada cultural e simbólica na lógica da ação da sociedade civil, quando a ênfase passa a se colocar nas questões culturais, que atravessam os processos associativos (SILVA, 2009)¹⁴⁴. Os novos sujeitos das mobilizações não seriam as classes e os sindicatos, mas os grupos marginalizados em relação aos padrões de “normalidade” sociocultural, ou seja, os coletivos que não expressam o perfil do homem branco, adulto, católico, heterossexual e de classe média. Vale refletir ainda, nos termos do que nos propõe Melucci (2001), que a privação material é

¹⁴³ “A ação coletiva não é algo dado, uma dimensão substancialista da realidade, senão muito mais algo construído graças à negociação e à interação”. Tradução do autor.

¹⁴⁴ Idem. 27 de maio de 2009.

somente mais uma no contexto atual de desigualdades, onde importam, também, as questões identitárias. Segundo o autor (op. Cit, p. 54), “la privación material se combina con una inclusión totalmente subordinada en el consumo de masas, con la manipulación de la conciencia y con la imposición de estilos de vida que socavan definitivamente las raíces de las culturas populares”¹⁴⁵. Ou seja, as minorias excluídas não se organizariam em combate ao Estado e nem com a finalidade de conquistá-lo. Os novos movimentos sociais surgem como portadores de um projeto cultural, demandando uma mudança cultural de longa duração, gerida e sediada no âmbito da sociedade civil, a ser configurada no plano dos costumes, e não das leis (ALONSO, 2009).

La nueva característica de algunos movimientos que se han desarrollado en las sociedades complejas contemporáneas durante las últimas décadas (el juvenil, de mujeres, movimientos pacifistas y ecologistas, movimientos antirracistas) es precisamente que han desplazado el conflicto a la arena de la contienda simbólica¹⁴⁶ (MELUCCI, 2001, p. 55).

Vale a pena refletir, no entanto, sobre a dificuldade que, por vezes, se instaura ao tentarmos separar “novos” e “velhos” movimentos sociais, pois há sempre um processo de atribuição de sentidos nessas denominações. Apesar dos riscos em separá-los rigidamente, as especificidades dos movimentos nos mostram que há sim características marcantes e diferentes em cada um deles. Enquanto os movimentos sociais ditos tradicionais se voltariam para uma perspectiva de redistribuição, de caráter mais material e econômico, os chamados novos movimentos teriam como marca os processos identitários e de reconhecimento, atravessados pelas questões culturais. Outras distinções, pelo menos teoricamente, fazem-se presente com relação a um tipo de organização mais verticalizado nos movimentos tradicionais *versus* um modo de organizar-se mais horizontalizado nos

¹⁴⁵ “a privação material se combina com uma inclusão totalmente subordinada no consumo de massas, com a manipulação da consciência e com a imposição de estilos de vida que destruíam definitivamente as raízes das culturas populares”. Tradução do autor.

¹⁴⁶ A nova característica de alguns movimentos que se têm desenvolvido nas sociedades complexas contemporâneas durante as últimas décadas (o juvenil, de mulheres, movimentos pacifistas e ecologistas, movimentos anti-racistas) é precisamente que têm deslocado o conflito para a arena da competição simbólica. Tradução do autor.

novos movimentos, bem como no que diz respeito às questões em torno das quais as ações giram, sendo mais questões político-institucionais nos “velhos” movimentos *versus* questões de cunho mais cultural nos novos.

Apesar deste quadro de divergências entre os dois tipos de organização e suas ações, Silva (2009)¹⁴⁷ afirma que a separação entre novos e tradicionais movimentos sociais ficou para trás, já que a luta por direitos trabalhista e econômicos também é perpassada por questões de identidade e os movimentos operários por melhorias salariais, por exemplo, são também marcados por questões identitárias. Como a perspectiva desta investigação abre-se a partir da cultura, e são as relações entre os meios de comunicação e as culturas juvenis o que privilegiamos em nosso recorte, acreditamos que há sim diferenças consideráveis entre os dois tipos de movimentos sociais, em virtude de demandas como ecologia, saúde, violência ou homossexualismo – dentre outras necessidades que, muitas vezes, reverberam em expressões culturais tais como a música, a dança, o grafite, etc. – terem adquirido relevância no cenário das associações coletivas somente mais preponderantemente a partir dos anos noventa, no bojo de interesses e de atuação dos ditos “novos” movimentos.

Creemos que a ideologia e as formas de ação dos movimentos sociais tradicionais guardam uma distância bastante significativa de modos de atuação que se utilizam de vídeos, feitos por jovens, mostrando seu cotidiano nas ruas do morro ou suas criações musicais refletindo as diferenças culturais entre migrantes e nativos, e sendo compartilhados com dezenas de outros jovens engajados, por meio da internet. As culturas e seus vínculos com as tecnologias midiáticas (falamos aqui especificamente das novas mídias digitais, pois os meios de comunicação de forma geral, especialmente as rádios comunitárias, sempre estiveram presentes nas trajetórias dos movimentos populares e das ações coletivas¹⁴⁸) parecem-nos elementos característicos dos movimentos organizados a partir, especialmente, da última década do século XX e inícios do século XXI, guardando importantes diferenças com as formas de ação social visualizadas nos anos sessenta do século passado, apesar de termos em conta que em algumas questões novos e tradicionais movimentos se cruzam e que não dá para pensar essa separação de forma absoluta.

¹⁴⁷ Idem. 27 de maio de 2009.

¹⁴⁸ Mais detalhes deste relação entre movimentos populares e meios de comunicação serão explicitados no próximo tópico desta tese.

Nesse sentido, faz-se importante resgatar as contribuições de Nistal (2007), quando este autor nos impele a refletir que, após mais de duas décadas de existência, nem faria mais sentido denominar os novos movimentos sociais como “novos”, pois eles já seriam “clássicos” na contemporaneidade. Nos últimos vinte anos formas ainda mais novas de mobilização têm vindo à tona, como os movimentos de solidariedade internacional e de voluntariado (as chamadas organizações não-governamentais de cooperação ao desenvolvimento); as novas associações que trabalham especificamente com as populações migrantes e com os demais setores sociais excluídos e marginalizados; e, nos anos mais recentes, as redes, que conformam os movimentos altermundistas, os fóruns sociais e os movimentos contra a globalização capitalista e as guerras.

Entretanto, apesar de um certo apagamento de fronteiras que presenciamos na atualidade – conforme nos apontam alguns autores –, com relação aos tipos de mobilização e atuação coletivas, temos muito claro que nos interessam os movimentos sociais para além seu sentido tradicional de lutas de classes, mas sim os movimentos socioculturais no contexto da globalização, atravessados, modificados e atualizados pelas novas tecnologias da comunicação e tendo como elemento norteador as questões culturais. Um ponto bastante elucidativo para esta questão, trazido pela abordagem de Scherer-Warren (2005, 1999, 1998, 1996), diz respeito ao fato de que os movimentos organizados em rede permitem a congregação de diversas posições ideológicas, ocasionando a fragmentação das posições de “direita” ou “esquerda”. Chama-nos atenção, especialmente, a proliferação de muitos movimentos em torno de causas específicas, como violência, drogas, primeiro emprego, esportes, DST, etc. Segundo a mesma autora (1998, p. 2),

as redes de comunidades virtuais identitárias são a forma que os múltiplos atores específicos dos novos movimentos sociais têm encontrado para marcar sua presença e dar continuidade ao movimento no cenário globalizado. Estas comunidades são mais virtuais, baseadas em intercâmbios solidarísticos, do que formas de organizações coletivas centralizadas.

É justamente quando a sociedade pós-industrial emerge – fragmentada, multifacetada e sem ter mais o grande totem político como eixo ordenador de suas vivências e como instância de identificação ideológica imediata – que assistimos ao

surgimento de novas demandas dos cidadãos, que não buscam mais apenas o reconhecimento em termos jurídicos, mas, também, no âmbito da cultura e da identidade. “Nas sociedades de intensa desigualdade, como a brasileira, os conflitos que incidem sobre os direitos de cidadania [...] se mesclam com novas formas, revestidas de caráter cultural e simbólico” (MELUCCI, 2001, p. 18). Nesse sentido, de novas demandas de caráter mais vinculado à cultura, Touraine (1998) aponta a defesa das minorias (étnicas, nacionais, morais e religiosas) como um dos elementos configuradores dos chamados movimentos culturais.

A partir de então, os marcos interpretativos começam a ganhar mais espaço na configuração dos movimentos socioculturais, sendo pensados como elementos preponderantes na conformação da ação social coletiva. Os marcos interpretativos podem ser tomados como as subjetividades dos indivíduos, os contextos de suas trajetórias e vivências, enfim, nos termos de Velho (1994), suas províncias de significação, que não são estáticas e imutáveis, mas modificam-se ao longo da vida do sujeito. É quando as demandas culturais adquirem mais relevância dentro do panorama da ação coletiva que as subjetividades dos cidadãos passam a ter um papel mais decisivo no processo contestatório, de alguma forma guiando o sujeito por entre as redes associativistas das quais ele elege participar, seja para lutar pelos direitos igualitários dos negros, seja para pressionar o Estado para resolver a questão do menor abandonado, ou para conscientizar a população para a importância do respeito aos homossexuais. Passy (2000) enfatiza a importância fundamental das dimensões simbólica e cultural na configuração dessas redes de engajamento. As demandas subjetivas (e não mais somente os posicionamentos políticos e ideológicos do tipo direita *versus* esquerda ou capital *versus* trabalho) marcam de maneira significativa a tecitura dessas redes de ação coletiva.

Interessante quando Nistal (2007), refletindo sobre o cenário espanhol, nos fala que essas mobilizações têm incorporado uma nova geração, de jovens que não conheceram a ditadura e nem participaram na transição política espanhola, mas que agora se mostra insatisfeita com o mundo que os rodeia e com o modelo de vida proposto, baseado em consumismo, individualismo e competitividade. O autor (op. Cit, p. 83) aponta a formação de uma “solidariedade internacional”. Ou seja, as demandas juvenis, o “vir à tona” das subjetividades desses jovens fazem florescer no mundo todo a participação relevante da

juventude no ativismo global, seja em movimentos em prol da ecologia ou da paz, como o Greenpeace¹⁴⁹ ou o WWF¹⁵⁰; em associações que lutam em defesa dos animais, como a PETA¹⁵¹; em organizações da sociedade civil que buscam a igualdade de direitos dos homossexuais, como a ILGA¹⁵², dentre outras formas de ação coletiva empreendidas pela juventude na esfera internacional.

No panorama brasileiro não podemos negligenciar a importância da juventude na articulação de movimentos em defesa do meio ambiente, envolvendo diversas ações que pregam que se troque o carro pelos transportes coletivos ou pela bicicleta¹⁵³ (que não polui o ar), ou a participação massiva de jovens na “Marcha da Maconha”¹⁵⁴, em manifestação

¹⁴⁹ O Greenpeace é uma organização global e independente que atua para defender o meio ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos. A associação tem atualmente cerca de três milhões de colaboradores em todo o mundo - quarenta mil no Brasil - que doam quantias mensais que variam de acordo com o país. Recebe ainda doações de equipamentos e outros bens materiais, usados geralmente nas campanhas e ações do grupo.

¹⁵⁰ O WWF - World Wide Fund for Nature é uma das mais conhecidas ONGs ambientalistas do planeta, tendo iniciado suas atividades em 1961, por iniciativa de um grupo de cientistas da Suíça preocupados com a devastação da natureza. Com campanhas pela defesa do urso-panda na China, hoje está em mais de 100 países, inclusive no Brasil, e atua na defesa das mais diferentes causas relacionadas com a natureza. Edita livros, revistas e cartilhas que ensinam a preservar o meio ambiente. Combate a destruição das florestas, a caça aos animais ameaçados de extinção, a poluição e o desperdício dos recursos naturais.

¹⁵¹ A PETA - People for the Ethical Treatment of Animals é uma organização não-governamental que foi fundada em 1980, já conta com mais de 850.000 membros e se dedica aos direitos animais. Tendo como lema "animais não são nossos para comer, vestir, usar em experiências ou para entretenimento", a associação promove educação sobre o assunto, investigações, pesquisa, resgate de animais, envolvimento de celebridades e campanhas de protesto.

¹⁵² A ILGA - Associação Internacional de Gays e Lésbicas é uma federação mundial que congrega grupos locais e nacionais dedicados à promoção e defesa da igualdade de direitos para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) em todo o mundo. Fundada em 1978, a ILGA reúne entre seus membros mais de 400 organizações, representando, assim, cerca de 90 países, oriundos de todos os continentes. Atualmente, a ILGA é a única federação internacional a reunir ONGs e entidades sem fins lucrativos que concentra a sua atuação, em nível global, na luta pelo fim da discriminação por orientação sexual.

¹⁵³ No dia 22 de setembro, em cidades do mundo todo, são realizadas atividades em defesa do meio ambiente e da qualidade de vida nas cidades, no que passou a ser conhecido como “Dia Mundial Sem Carro”. O objetivo desta manifestação é estimular uma reflexão sobre o uso excessivo do automóvel, além de propor às pessoas que dirigem todos os dias que revejam a dependência que criaram em relação ao carro ou moto. A ideia é que se experimente, pelo menos nesse dia, formas alternativas de mobilidade, descobrindo que é possível se locomover pela cidade sem usar o automóvel. Em São Paulo são realizadas atividades desde 2003, quando aconteceu uma “bicicletada” em 22 de setembro daquele ano. A partir de então, não só em São Paulo, mas também em outras cidades brasileiras, a data ficou conhecida como o “Dia Mundial Sem Carro”.

¹⁵⁴ A “Marcha da Maconha” é um evento que ocorre anualmente em diversos locais do mundo. Trata-se de um dia de luta e manifestações favoráveis a mudanças nas leis relacionadas à maconha, em favor da legalização da erva, regulamentação de comércio e uso. A manifestação ocorre no mês de maio, e, além da marcha em si, ocorrem reuniões, caminhadas, encontros, concertos, festivais, mesas de debates, dentre outras atividades. No Brasil os embates com a justiça pela realização da marcha são frequentes todos os anos. Em 2011 a “Marcha da Maconha” foi proibida em São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba, embora tenha ocorrido em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife, Vitória, dentre outras capitais.

pela descriminalização, por parte do Estado, do consumo desta erva. Já no cenário catalão, além dos exemplos transnacionais de manifestações – como o “Dia Mundial Sem Carro” ou a “Marcha da Maconha”, por exemplo –, que também são experienciados em solo barcelonês, vale a pena destacar os movimentos e atuações juvenis em prol da independência da Catalunha¹⁵⁵ com relação à Espanha, procurando resguardar seus direitos culturais de não se identificarem com uma política nacionalista espanhola. Sejam em atuações internacionais, nacionais ou “glociais”, a juventude vem mostrando, ao longo do anos, sua relevância como ator político e social. Prysthon (2002, p. 7) ironicamente afirma que “alguns dos [jovens] ‘passivos, apáticos e despolitizados’ são os responsáveis por algumas das mudanças mais radicais da cultura contemporânea”.

Mas uma questão que parece não ficar resolvida quando pensamos na relação entre juventude, mídia e movimentos socioculturais na contemporaneidade é o que há (ou o que fica) de político quando as relações de sociabilidade entre os diversos grupamentos urbanos (e aí podemos incluir os movimentos sociais) parecem cada vez mais marcadas pela efemeridade, pela transitoriedade dos laços e pelos atravessamentos midiáticos. Quando tudo parece provisório, fragmentado, superficial, como podemos pensar a questão do político sem cairmos na posição simplista e redutora de afirmar que o político acabou? Como refletir, então, sobre a configuração de um espaço público quando os grupos urbanos que constituem essa esfera pública parecem não ter mais o político como elemento centralizador de suas reflexões e de suas ações?

O que de político pode haver no processo de elaboração de produtos audiovisuais pelos jovens, a partir dos usos das mídias digitais? Qual contribuição política para a sociedade se materializa em jovens criando roteiros, filmando, atuando, editando e produzindo material comunicacional? Para responder a este questionamento devemos clarificar, primeiramente, dois sentidos de político. O político *strictu sensu*, no sentido do partidarismo, das afiliações e da ideologia política passam por um movimento de fragmentação, percurso este em muito atravessado e modificado justamente pelos processos midiáticos hodiernos (ESTEVES, 2003). Segundo Semprini (1997, p. 116), “o declínio do

¹⁵⁵ Vale a pena citar, dentre as diversas manifestações que se sucedem corriqueiramente em Barcelona pela independência da Catalunha, a ocorrida na véspera do jogo da final da Copa do Mundo de 2010, entre Espanha e Holanda. O movimento, que reuniu milhares de pessoas nas ruas da capital da região autônoma, foi ocasionado, especialmente, pelo mal-estar da sociedade catalã pela sentença pronunciada pela Suprema Corte da Espanha, que modificou muitas das reivindicações do novo estatuto de autonomia da Catalunha.

político tem ocorrido [...] em ritmo acelerado. Ele se manifesta, por exemplo, [...] no desinteresse pelos partidos políticos, na desconfiança para com as instituições políticas nacionais e no desprezo pela administração federal”. Touraine (1998, p. 195) acrescenta, afirmando que “não podemos mais acreditar que as instituições políticas sejam fortes o bastante para dominar e combinar as forças econômicas, os mecanismos da personalidade e as pertenças culturais”. García Canclini (1996) ainda nos faz pensar que o descrédito dos Estados como administradores e a falta de credibilidade dos partidos políticos (incluídos os de oposição) diminuiu os espaços onde o interesse público podia se fazer presente.

Mas os novos movimentos sociais ultrapassam a questão da política como algo *strictu sensu*. O caráter político das negociações de sentidos, do compartilhamento de símbolos, da discursivização das identidades continua presente na esfera pública contemporânea, assumindo, no entanto, novos contornos, em muito proporcionados pela ascensão da sociedade em rede e pela presença cada vez mais forte das mídias digitais na configuração das nossas sociabilidades. Para Cortina (2005) a identidade assume uma posição central na construção do exercício cidadão, portanto as diversidades culturais adquirem uma importância crescente como elemento norteador dos novos movimentos sociais, orientados por uma perspectiva intercultural, que promova o diálogo e a negociação de sentidos entre as “minorias” étnico-culturais e o centro (SEMPRINI, 1999). Acerca desta questão, García Canclini (1996, p. 28), acrescenta que “há a consequente redefinição do senso de pertencimento e identidade, organizado cada vez menos por lealdades locais ou nacionais e mais pela participação em comunidades transnacionais ou desterritorializadas de consumidores”.

Ou seja, quando os jovens produzem audiovisual, a partir dos novos suportes tecnológicos, e expressam em imagens, sons e enredos suas visões de mundo, suas realidades e demandas ou passam uma mensagem e um recado aos outros – sejam esses “outros” o Estado, o mercado ou a sociedade civil – estão conseguindo participar de uma forma mais ativa na construção da cidadania, porque estão fomentando a formação de um processo que faz com haja voz onde antes não existia, estão possibilitando que se manifestem grupos antes privados de visibilidade. Então, seja por meio de um roteiro, da seleção de uma ou outra trilha sonora, da edição com cortes rápidos e desconcertantes ou lentos e agoniantes, do uso de imagens explícitas ou de uma ironia fina e delicada, enfim,

sejam quais forem os recursos dos quais se utilizam esses grupos para manifestarem-se eles estão abrindo novos espaços de diálogos e permitindo “democratizar a palavra para democratizar a sociedade” (PERUZZO, 2007, p. 74). Nesse sentido, parece-nos claro que o cultural é também político.

Ainda sobre a questão do político, não podemos perder de vista que exercemos micropolíticas em nossos cotidianos, nas formas de resistência, nas estratégias que elaboramos para nos situarmos como atores das nossas próprias vivências. A música das manifestações culturais *hip hop*, o grafite, o jornal que circula entre a vizinhança, as reuniões e ações das associações de moradores de bairro, os encontros de coletivos migrantes, os vídeos feitos em celular e compartilhados pelos jovens nas *LAN Houses*, dentre outras atitudes de engajamento dos sujeitos sociais devem ser refletidos como ações políticas, como micropolíticas (GORCZEWSKI, 2007) tecidas no dia-a-dia de nossos atores, que podem agir só ou coletivamente. Afinal, o político é algo exercido também no cotidiano, nas pequenas práticas, nas dinâmicas da experiência vivida. O político é algo que também se vincula ao ordinário, e não somente ao excepcional e aos grandes feitos.

O que não devemos pensar diante deste quadro de uma dita “crise do político-partidário” é que o Estado não tenha mais importância e nem dialogue com os movimentos socioculturais. O Estado se apresenta sempre como alguma forma de referência, seja para ideologicamente descartá-lo, para transformá-lo enquanto aparato político, para negociar com ele os direitos de terceira geração ou para reivindicar conquistas materiais e espaços de participação na gestão pública. Isso para não citar que muitas dessas associações conseguem desenvolver seus projetos, sejam eles culturais, audiovisuais, de inclusão social e digital, etc., a partir dos editais abertos pelo governo, pelas leis de incentivo à cultura, dentre outras políticas públicas voltadas para o fomento da prática associativa. Sobre este tema, Kaplún (2007, p. 179) afirma que as ONGs se tratam de

organizações que suprem o Estado, que fazem o que este deixou de fazer, não quer continuar fazendo ou nunca quis, porém se supõe que deveria fazer. A ação das ONGs pode se fazer agora muito mais com financiamento direto ou indireto do próprio Estado, e já não só das ONGs do hemisfério norte.

No Brasil, esse diálogo entre as associações da sociedade civil e o Estado tem ficado bastante acentuado mais especificamente a partir do governo do PT – Partido dos Trabalhadores. Foi através da gestão de Lula, na presidência da república, que se desenvolveu o programa Cultura Viva, com o objetivo de ampliar e garantir o acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural, promovendo parcerias com as organizações não-governamentais. Na prefeitura de Luizianne Lins, também do PT, em Fortaleza podemos destacar a iniciativa de criação dos CUCAs – Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte. Os equipamentos públicos dispõem de piscina, quadra de esportes e pista de skate abertos ao uso da comunidade, bem como também oferecem diversos cursos para a juventude, como fotografia e dança.

Na Espanha há uma larga trajetória na prática de políticas públicas, especialmente as que se voltam para o público juvenil. Há pouco mais de uma década existe uma verdadeira “panacéia” nas grandes cidades espanholas para “integrar” (ou seria domesticar?) os migrantes, provocando intensas articulações entre governos e terceiro setor para atuarem juntos neste sentido. No caso dos projetos levados a cabo em Barcelona, parte da verba responsável pela sua manutenção vêm de organismos ligados ao “Ayuntamiento de Barcelona”¹⁵⁶. Se isso é bom, por propiciar a sustentabilidade financeira das ONGs e poder promover suas ações, ou ruim, por incentivar os processos de captação e a “mudança de lado” dos movimentos sociais, não é possível ainda afirmar categoricamente sem correr o risco de fechar a questão. O que tem parecido ficar claro nesse cenário é que a relação entre os movimentos e os editais públicos é um mecanismo que veio para ficar, uma tendência crescente, pois onde tem recursos governamentais florescem associações (SILVA, 2009)¹⁵⁷.

Nesse sentido de conceitos fluidos e porosos, vale a pena problematizarmos a noção de ONG, enfatizando o potencial de ambiguidade e de maleabilidade que cerca o termo. As organizações não-governamentais – ou do terceiro setor, como também são chamadas – têm origens diversas: algumas se configuram a partir dos movimentos filantrópicos e outras derivam dos movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970. Mas foram nos anos oitenta e

¹⁵⁶ Trata-se, grosso modo, da prefeitura da cidade de Barcelona.

¹⁵⁷ Fala do Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva, em aula ministrada na disciplina “Ação coletiva, contestação e engajamento: perspectivas teóricas e metodológicas”, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 13 de maio de 2009.

noventa que essas associações se consolidaram mundo afora, através das associações da sociedade civil, que “nascem calcadas no modelo norte-americano e dentro de circuitos de cooperação global” (NAVES, 2005, p. 570).

Instituições difíceis de classificar, as ONGs – que têm o potencial de articulação entre novos e velhos movimentos sociais, entre o local e o global – não visam o lucro, mas trabalham com ajudas financeiras consideráveis; priorizam o voluntariado e prestam serviços à comunidade gratuitamente, mas não podem ser classificadas como instituições religiosas ou filantrópicas; desenvolvem pesquisa, mas não são universidades; são apartidárias e sem vínculos com o Estado (pelo menos teoricamente). As ambiguidades e fronteiras pouco definíveis que cercam as ONGs e as associações da sociedade civil parecem consolidar-se ainda mais nos anos noventa, quando há um processo de “ongização” da sociedade civil, quando se passa a compreender quase todas as associações da sociedade civil como ONGs, convertendo em ONGs as diversas organizações sociais (KAPLÚN, 2007).

Já as associações, nos termos que aponta Nistal (2007), seriam as agrupações de pessoas constituídas voluntariamente para realizar uma tarefa coletiva estável, com organização formal democrática, sem intenção de lucro e independentes – pelo menos formalmente – dos Estado, dos partidos políticos e das empresas. As associações podem ser formais, com ata fundacional que as constitua – normalmente neste caso também estão inscritas em algum registro público –, ou informais, que podem ser pensadas como coletivos não registrados. Além das ONGs, o autor (op. Cit) também traz o conceito de ONL, que seriam organizações não-lucrativas, complexificando ainda mais a questão e o leque de possibilidades denominativas.

Ou seja, a falta de consenso entre autores que trabalham com essas temáticas, o uso indiscriminado dos termos e a própria falta de especificidade dos coordenadores do *Aldeia* quando procuram localizar a associação dentre de uma ou outra denominação mais rígida nos impele a trabalhar com os conceito de ONG e de associação de forma mais flexível, no que diz respeito ao contexto de Fortaleza, ao percebermos que as características de nosso objeto de referência cearense seguem o padrão das ambiguidades e fronteiras maleáveis que configuram as associações do terceiro setor. Já o *KDM* está localizado de forma mais clara,

como um projeto audiovisual realizado no âmbito¹⁵⁸ do Centre Garcilaso, um equipamento público vinculado à prefeitura da cidade de Barcelona. Mas nesse panorama de incertezas e fluidez, vale a pena resgatar que a expressão “ONG” foi criada oficialmente pela ONU – Organização das Nações Unidas – na década de oitenta do século passado (KAPLÚN, 2007) para nomear as entidades não oficiais ajudadas financeiramente por órgãos públicos na execução de projetos de interesses de grupos ou comunidades, e pode ser formalmente assim definida:

organizações formais, privadas, porém com fins públicos e sem fins lucrativos, autogovernadas, objetivando realizar mediações de caráter educacional, político, assessoria técnica, prestação de serviços e apoio material e logístico para populações – alvos específicos ou para segmentos da sociedade civil, tendo em vista expandir o poder de participação destas com o objetivo último de desencadear transformações sociais ao nível micro (do cotidiano e/ou local) ou ao nível macro (sistêmico e/ou global) (SCHERER-WARREN *apud* GOHN, 1997, p. 55).

As ONGs dos anos noventa encontram nas colaborações internacionais o elemento valioso e indispensável para apoiar a luta pela cidadania. Algumas ONGs converteram-se em valiosas marcas do planeta¹⁵⁹, tais como Anistia Internacional, WWF, Greenpeace, dentre outras. Talvez a partir da visão das associações civis também como uma estratégia de negócios, como uma marca que pode gerar retorno financeiro, percebemos nos últimos anos a participação cada vez maior do empresariado como parceiro nas ações desenvolvidas pelo terceiro setor. A responsabilidade social ganha destaque nas táticas mercadológicas de empresas que entendem o *merchandising* social como uma maneira premente de agregar valor à marca. Vemos empresas como Natura, Faber Castell, Petrobrás, Banco Santander, dentre outros vários exemplos que poderiam ser aqui citados, usando suas benfeitorias, suas práticas cidadãs de empresas socialmente responsáveis – seja com o meio ambiente, com as

¹⁵⁸ Cabe ressaltar que, embora se desenvolva amparado pelo Centre Garcilaso, o *KDM* não pode ser enquadrado como um dos vários cursos, oficinas e festivais oferecidos formalmente pelo centro juvenil. Há um vínculo institucional com relação ao equipamento da prefeitura, mas, ao mesmo tempo, uma relação de independência, o que faz com que não seja possível apontar o *KDM* como um projeto da prefeitura. Detalharemos melhor essa questão no capítulo 5 desta tese.

¹⁵⁹ Revista Meio e Mensagem – Caderno Especial: 24 anos. 22 de abril de 2002, p. 44.

crianças, com os negros, com os animais, etc. – como forte componente de marketing. O altruísmo talvez não seja a razão primeira dessas atitudes, mas não podemos negligenciar que práticas como essas repercutem de forma positiva na vida de milhares de indivíduos. Ações como essas, de apoio entre grandes empresas e associações da sociedade civil, promovem, muitas vezes, a circulação do dinheiro e a capilarização da verba para pequenos projetos ao redor do mundo.

Segundo Ancelovici (2002), a questão dos recursos é essencial para as ONGs sobreviverem financeiramente, através de parcerias com empresas ou a partir de políticas públicas do Estado. Interessante, ainda, quando o autor pontua que os marcos interpretativos atuais, o cenário contemporâneo e os referenciais da atualidade fazem com que a sociedade não seja mais vista somente pelo viés da rebeldia contra o Estado e o mercado, mas que possa, também, dialogar com essas esferas. Os movimentos socioculturais têm que se adaptar para conseguir obter vantagens em um novo contexto. E estar inserido nesse panorama inclui, muitas vezes, não ver mais o Estado somente como inimigo, mas, também, como aquela instância onde se pode encontrar apoio. No *Aldeia* e no *KDM*, associação e projeto social analisados nesta investigação, são fortes os vínculos entre o movimento e o Estado, pois tanto a ONG como o projeto audiovisual sustentam-se, primordialmente, a partir dos editais públicos e das verbas destinadas por grandes empresas para a ação social, como é o caso da Petrobrás (no caso do *Aldeia*) e da verba do ayuntamiento e da Dirección de Inmigración y Diálogo Intercultural¹⁶⁰ (no caso do *KDM*).

As ONGs também têm mantido um vínculo forte com organismos globais capitalistas, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, como um modo dessas organizações monetaristas incorporarem elementos de participação social aos seus programas, que visam basicamente o crescimento econômico das nações desenvolvidas. A questão que se coloca em debate, ao pensarmos sobre as relações entre

¹⁶⁰ A Dirección de Inmigración y Diálogo Intercultural é um dos órgãos dentro do Ayuntamiento de Barcelona que cuida, especificamente, dos assuntos relacionados à questão da migração. Um dos seus propósitos é enfatizar a potencialização das relações interculturais, para que elas impliquem na promoção sistemática e gradual de espaços e processos de interação positiva.

Fonte: Nueva ciudadanía – Barcelona Inmigración. *Site* do Ayuntamiento de Barcelona

Disponível em:

http://www.bcn.cat/novaciudadania/index_es.html

Acesso em: 13 out. 2011.

ONGs e Estado, empresas e organismos internacionais, é que muitas vezes só as próprias organizações não-governamentais (e seus dirigentes) se beneficiam com os recursos financeiros advindos dessas parcerias entre ONGs e organizações estatais e supra-estatais. A agenda de determinadas associações e de projetos que se realizam por meio de editais públicos muitas vezes não atende às demandas da comunidade que, a priori, deveria focar em suas atividades. “Essa agenda pode incluir temas politicamente muito corretos, porém às vezes pouco tem a ver com o que preocupa os beneficiários, desde o ecológico às questões de gênero” (KAPLÚN, 2007, p. 182). O que os atores coletivos envolvidos na gestão das associações precisam ter em conta é que os sujeitos subalternos são capazes de compreender sua própria experiência histórica e definir seus próprios modelos de desenvolvimento (ESCOBAR, 1998).

Além disso, não podemos deixar de ressaltar as inúmeras críticas que têm sido feitas sobre os rumos que determinadas ONGs no Brasil estão seguindo. São muitas as denúncias em torno do descontrole orçamentário, dos desvios de verba através de licitações superfaturadas, enfim, de diversas práticas corruptas que têm transformado as associações não-governamentais em negócios, em âmbitos fortemente marcados pela lógica do mercado e por favorecimentos políticos. A queda do ministro do esporte, Orlando Silva, é ilustrativa da problemática da prevaricação que tem rondado a “indústria das ONGs” no cenário hodierno. Silva foi acusado de cobrar propina das entidades contempladas no programa Segundo Tempo, que destina verbas a ONGs, com o intuito de incentivar a prática esportiva entre os jovens. Episódios como esse acabam por solidificar uma imagem negativa das associações não-governamentais, tachadas pejorativamente como “máquinas de fazer dinheiro”.

Mas, para além das críticas ao descontrole orçamentário das ONGs, interessa-nos especificamente – dentro deste contexto de atuações de associações, organizações ou movimentos, sejam eles sociais, culturais ou socioculturais – as relações entre os jovens e os usos e apropriações das mídias digitais, percebendo as alterações nas formas de ação coletiva e nos processos de construção da cidadania que se materializam quando o segmento da juventude assume um papel protagonista neste vínculo, passando a atuar, além de receptor, como, também, produtor de conteúdos e gestor de políticas de comunicação. Encarnación (2003) afirma que o associativismo juvenil atualmente é muito

maior do que nos anos sessenta, mas o repertório de ações é outro, pois as demandas juvenis são distintas. O que acontece quando esses jovens – sejam oriundos de uma periferia tantas vezes estigmatizada pela mídia e pela sociedade ou de coletivos migrantes recorrentemente apontados como causa de criminalidade ou coagidos a assimilarem-se a um novo referente cultural – organizam-se em movimentos e projetos cujo vetor de atuação é a cultura e passam a lutar por suas necessidades de reconhecimento, pertencimento e construção identitária, na tentativa de construir um espaço público onde predomine o diálogo entre as culturas?

2.2.2 Da comunicação popular à comunicação cidadã

Falar de movimentos de jovens e de seu potencial de inserção sociocultural a partir dos usos das mídias digitais é resgatar, inicialmente, todo um percurso no qual os movimentos sociais e a comunicação cidadã caminharam juntos. Vale destacar, desde já, que iniciativas como as desenvolvidas pelo *Aldeia*, na cidade de Fortaleza, e pelo *KDM*, em Barcelona, não surgiram do acaso, e tampouco são novidades. Ações desse tipo são herdeiras – mesmo que com um perfil distinto, ocasionado por todas as transformações nos modos de mobilização social ocorridos nas últimas décadas – de uma trajetória de movimentos populares, no contexto espanhol e, principalmente, no da América Latina, que têm sua origem nas décadas de sessenta e setenta do século passado, vinculada, especialmente, ao cenário de reação à ditadura militar.

Nos cenários latino-americano e brasileiro uma comunicação alternativa aparece mais vinculada aos intelectuais de esquerda atuando em resistência à ditadura, como se podia perceber nos conteúdos dos jornais *Opinião*, *O Pasquim* e *Coojornal* (COGO, 2007), ao passo que a comunicação popular surge inserida em movimentos de base (como as Comunidades Eclesiais de Base), associações comunitárias, grupos populares (como de mulheres). Ambas se constituem como modos de resistência a uma comunicação de massa que se desenvolve alinhada aos interesses hegemônicos de grandes grupos econômicos e políticos, incluindo das próprias corporações midiáticas (COGO, 2005a)¹⁶¹.

¹⁶¹ Não podemos deixar de citar, também, a ação de vários movimentos que, no contexto brasileiro, lutaram em prol das classes trabalhadoras, como os movimentos sindicalistas.

Negros, mulheres, indígenas, ecologistas, comunidades de base, grupos comunitários, operários, trabalhadores urbanos e rurais, movimentos de defesa do consumidor, menores de rua, grupos culturais, estudantes, equipes esportivas e partidos políticos envolveram-se em ações comunicativas precedentes na história latino-americana (NUNES, 2007, p. 96).

O panorama espanhol, apesar de exibir uma trajetória de comunicação popular menos destacada do que a apresentada no cenário latino-americano, também configurou uma dinâmica de atuação de movimentos e associações que trabalhavam de forma atrelada aos meios de comunicação (NISTAL, 2007). Muitos eram os bairros de cidades espanholas que serviam como contexto territorial para a formação de associações de vizinhos, que davam coesão ao movimento cidadão e faziam com que o bairro se sentisse parte das mobilizações. No âmbito das associações de vizinhos na Espanha destacavam-se os grupos e coletivos juvenis, de mulheres, culturais, artísticos, mantendo entre si e com as associações de outros bairros uma relação fluida e produtiva.

No final dos anos setenta e início da década de oitenta, entretanto, gera-se uma crise entre os movimentos sociais e as mídias, pois a opinião pública espanhola daquele momento – ao contrário de uma outra linha de raciocínio que predominava no cenário europeu – considerava que o trabalho social público deveria ficar circunscrita à administração estatal, e que “la acción del voluntariado es cosa de ‘gente rara’”¹⁶² (NISTAL, 2007, p. 79). Também é nesse contexto que se corporifica um processo de fragmentação dos movimentos populares na Espanha, em virtude da transição democrática, do desinteresse pela participação política, do acesso do PSOE – Partido Socialista Trabalhista Espanhol – ao governo em 1982, do desenvolvimento do Estado de bem-estar e dos efeitos da modernização da economia espanhola.

El proceso de transición política de la dictadura a la monarquía parlamentaria (1975-1982) [...] supuso un debilitamiento de la

¹⁶² “a ação do voluntariado é coisa de gente esquisita”. Tradução do autor.

mobilización social, que progresivamente fue despolitizándose y atomizándose al desaparecer el objetivo político de acabar con la dictadura¹⁶³ (MARTÍN, 2005, p. 999).

Já na América Latina a consolidação de uma comunicação para o desenvolvimento nas décadas de quarenta e cinquenta do século passado teve seu sustentáculo na própria prática popular. Levaram-se a cabo neste período duas iniciativas que podemos destacar como precursoras das relações entre meios de comunicação e movimentos populares (LORENZO, 2009): as rádio-escolas da Colômbia e as rádios mineiras da Bolívia. Na Colômbia, a partir da iniciativa de um pároco local criou-se a estratégia das chamadas rádio-escolas, que incluíam programas sobre saúde, educação, desenvolvimento rural e religião. Mediante receptores de ondas de rádio que funcionavam de forma precária, com bateria, pequenos grupos de vizinhos escutavam a programação especialmente produzida para eles, com o suporte de materiais impressos e de capacitadores que atuavam junto a comunidade.

No final dos anos quarenta do século vinte uma emissora instalou-se no distrito mineiro de Catavi, na Bolívia, por iniciativa de trabalhadores indígenas empregados na extração de minerais. Estes sindicalistas, que pertenciam à FSTMB – Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros na Bolívia –, estabeleceram pequenas e rudimentares rádios de curto alcance, coordenadas e geridas por eles mesmos. Iniciaram instaurando de forma gratuita e livre a estratégia de “microfone aberto”, a serviço de todos os cidadãos. Em tempos de paz a emissora servia para anunciar mensagens de amor entre os jovens, fazer convites para atividades esportivas, enterros, nascimentos e festejos locais. Funcionava também como telefone e correio, pois as pessoas buscavam a rádio para enviar mensagens aos conhecidos. Já nos momentos de conflitos políticos, as rádios convertiam-se na única fonte de informação confiável, já que os militares, no contexto da ditadura, atacavam jornais e estações de rádio e televisão nas cidades. A única informação disponível chegava através das rádios mineiras.

¹⁶³ O processo de transição política da ditadura à monarquia parlamentarista (1975-1982) supôs um enfraquecimento da mobilização social, que progressivamente foi despolitizando-se e atomizando-se ao desaparecer o objetivo político de acabar com a ditadura. Tradução do autor.

El impacto social de las emisoras de radio de las minas fue también importante en el proceso de construcción de una identidad cultural en los centros mineros y en las comunidades campesinas aledañas. Lo más innovador en la experiencia de las radios mineras de Bolivia es la participación comunitaria¹⁶⁴ (LORENZO, 2009, p. 25).

Já o vídeo popular surge no Brasil no início da década de oitenta do século passado, momento de fortalecimento de movimentos populares reivindicatórios em torno da oposição à ditadura. O período de desenvolvimento tecnológico vinha tornando o vídeo mais acessível ao consumidor médio, o que, somando-se à presença da televisão como um meio de comunicação de grande penetração, tornava o uso do vídeo como um elemento essencial para as ações coletivas de grupos de comunicadores, que passavam a se apropriar do vídeo para fortalecer a voz, expressar as demandas e narrar as histórias a partir do ponto de vista das camadas populares.

A comunicação dialógica, horizontal ou participativa, intrinsecamente vinculada à maior parte das experiências dos movimentos populares, enfatiza a importância da identidade cultural local das comunidades e da democratização e participação em todos os níveis da produção comunicacional, tendo como princípio básico a auto-gestão, ou seja, o direito a participar na planificação e elaboração dos conteúdos transmitidos pelos meios. Segundo Cogo (2007), as mídias comunitárias podem atuar contra um modelo de comunicação pautado na dissociação entre os pólos emissores e receptores, modelo esse que favorece assimetrias e desigualdades na apropriação dos meios e perpetua um limitado acesso protagonista e atuante por parte do público.

Paulo Freire, Mário Kaplún, Juan Diaz Bordenave, Luís Beltran, dentre outros autores latino-americanos, percebem a comunicação como um elemento fundamental, pois se constitui como um potencial que pode transformar seres humanos em sujeitos críticos, protagonistas e atuantes em suas próprias histórias. Além de conceber a comunicação como essencial para o desenvolvimento do processo educativo – a qual garante uma relação dialógica entre educador e educando –, Paulo Freire buscou alicerçar a relação ensino-

¹⁶⁴ O impacto social das emisoras de rádio das minas foi também importante no processo de construção de uma identidade cultural nos centros mineiros e nas comunidades campesinas circundantes. O mais inovador na experiência das rádios mineiras da Bolívia é a participação comunitária. Tradução do autor.

aprendizagem em ambientes interativos, através, por exemplo, do uso de recursos audiovisuais. O autor ainda inaugura um método educativo e comunicacional dialógico, que rechaça a transmissão vertical de conteúdos e informações dos mestres, que possuem o conhecimento, para os alunos, que devem absorvê-lo, ou das mídias, que detêm a informação, para os públicos, que devem aceitá-la sem qualquer contestação. Esse tipo de educação (ou comunicação), que o autor denomina como “bancária” (FREIRE, 1978), esteve sempre na raiz da dominação cultural.

A verdadeira comunicação, dizem, não está dada por um emissor que fala e um receptor que escuta, mas por dois ou mais seres ou comunidades que intercambiam e compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos, mesmo que seja à distância, através de meios artificiais. Através desse processo de intercâmbio, os seres humanos estabelecem relações entre si e passam da existência individual isolada à existência social comunitária (KAPLÚN, 2002, p. 58).

Ou seja, vale a pena enfatizar as relações entre comunicação e práticas de cidadania, entendendo a primeira como um potencial para que sujeitos coletivos atuem no sentido de construção da segunda. O direito à comunicação não é algo que deve ser pensado somente a partir da perspectiva do acesso, mas, também, do direito que temos todos de produzir comunicação, de difundir conteúdos, de gerir políticas públicas a esse respeito. Os processos de aprendizagem educomunicacionais não se dão somente a partir da apropriação das mensagens emitidas pela mídia, mas, também, de sua produção. A participação na gestão comunicacional, na tomada de decisões, na pesquisa sobre temáticas de relevância que mereçam ser debatidas, na produção de outros olhares sobre uma mesma questão, na visibilização de outras pautas que não aparecem nos grandes conglomerados midiáticos, na edição que priorize outras gramáticas comunicativas, enfim, a atuação em todo esse fazer comunicacional (cujo processo adquire mais relevância do que o produto final em si) pode ser pensado como um elemento fomentador de cidadania.

Os indivíduos agrupados por interesses comuns podem retomar como cidadãos as possibilidades, que lhes têm sido negadas, de interferir nas decisões do poder público, tanto em escala global como, principalmente no entorno local. As rádios comunitárias têm sido, então, muitas vezes a primeira experiência de produção comunicacional por parte dos

coletivos que atuam localmente, servindo de instrumento para o intercâmbio de idéias e valores entre os membros da comunidade da qual fazem parte. Através delas é possível ver a vizinhança manifestando-se, visibilizando as suas demandas ou compartilhando os códigos e referentes culturais que fazem com que os membros se sintam parte daquela localidade. Nesse sentido, avança-se na percepção de si mesmo e do entorno onde se vive, valorizando-se a realidade local do povo, sua origem, seus costumes. Paiva (2003, p. 56) complementa o raciocínio, quando nos diz que

O local, o regional só são iluminados [na mídia massiva] uma vez que se enquadrem em certos critérios, como os de originalidade, repercussão, conflito, raridade. O surgimento de veículos a partir dos grupos comunitários tem caráter basicamente local, de abordagem de temática relacionada ao particular, o que interessa especificamente àquele grupo, e de conscientização de sua realidade.

Na Espanha, assim como na trajetória brasileira, as associações davam vida e promoviam referentes identitários aos bairros, que, em muitos casos, eram territórios com história e memória apagadas até o início da década de setenta do século passado, criados nas periferias das grandes cidades espanholas, como resultado (semelhante ao que aconteceu em nosso contexto) dos processos migratórios do campo para as grandes metrópoles. Os movimentos populares ajudavam a construir a história do bairro, ao organizar eventos culturais, sociais, esportivos e festivos – como as diversas festas de bairro que se repetem todos os anos em Barcelona, envolvendo toda a vizinhança nos preparativos. Segundo Nistal (2007, p. 77) as ações comunitárias iam “tejiendo redes educativas y de solidaridad interna, contribuyendo decididamente a la construcción de esa nueva identidad de barrio-comunidad o de nueva ciudad”¹⁶⁵, proposição que vai ao encontro do que afirma Martín-Barbero (1997), quando nos fala do bairro como um espaço de reconhecimento.

Nessa trajetória dos movimentos populares podemos observar que a comunicação está inserida em lutas voltadas, por um lado, ao enfrentamento da ditadura e da censura

¹⁶⁵ “tecendo redes educativas e de solidariedade interna, contribuindo decididamente na construção dessa nova identidade de bairro-comunidade ou de nova cidade”. Tradução do autor.

imposta pelos governos militares, com a publicação de jornais e outros informativos alternativos, e, por outro lado, focadas na mobilização social por transformações nas condições de vida e de trabalho e na superação das desigualdades através da produção de uma extensa rede de meios de comunicação populares, como jornais, boletins, panfletos, alto falantes, etc. Especialmente nessa segunda perspectiva, a dos meios de comunicação alternativos e populares de base, a comunicação alternativa passa a ser pensada, principalmente na América Latina, como contra-hegemônica à produção massiva feita pelos grandes conglomerados de mídia e pela comunicação pública estatal, definindo-se, ainda, pelas possibilidades que abre de participação de setores e grupos sociais não apenas na elaboração de conteúdos, mas nos processos de gestão e produção comunicacionais.

No conjunto, a comunicação alternativa representa uma contra-comunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e ‘comunidades’, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização e, assim democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social (PERUZZO, 2008b, p. 3).

A partir da contribuição de Peruzzo, vale a pena clarificar a hibridação e a amplitude dos termos “popular”, “comunitária” e “alternativa”, relacionados ao tipo de comunicação que nos interessa nesta pesquisa. Para além desses três conceitos, Downing (2010) aponta uma série de outras designações para este ideário de comunicação, como, por exemplo, “meios do terceiro setor”, “meios horizontais” ou “nanomeios”, esclarecendo que as fronteiras entre as denominações são bastante flexíveis e que, portanto, fica difícil situar cada um dos termos de forma rígida. São inúmeras as formas de nomear estes tipos de comunicação, que variam segundo o autor, o período e a região geográfica.

O que importa registrar, para além das diversas denominações possíveis, são as diferenças que se percebem entre um tipo de comunicação levado a cabo pelos meios hegemônicos e os processos comunicacionais desenvolvidos no âmbito da comunicação popular. Na origem do termo, a comunicação massiva ou hegemônica dizia respeito “às estruturas e organizações das mídias que representavam os interesses dos governos nacionais aliados aos interesses do chamado capital internacional” (COGO, 2007, p. 150).

Trata-se de uma forma de comunicação comercial, que visa o lucro e o máximo rendimento financeiro dos grupos emissores, que são, antes de qualquer coisa, vistos como empresas, e que, portanto, priorizam o capital em suas estratégias de funcionamento e formas de atuação.

Já a comunicação popular ou de base é, na concepção original do conceito, configurada por aquelas experiências e projetos de comunicação que se desenrolam no contexto dos movimentos populares, que têm, muitas vezes, um processo de produção mais horizontal e participativo e um alcance mais restrito, voltados sobretudo para o cenário local do bairro, da comunidade e da vizinhança. Pautados por uma organização financeira que busca tão somente a auto-sustentação do veículo de comunicação popular, as mídias de base não buscam a máxima rentabilidade financeira, bem como o foco de suas ações não tem como objetivo o ganho comercial, mas a maximização do envolvimento da comunidade, que poderia produzir, em conjunto, um vasto material comunicacional, constituído por fanzines, jornais, panfletos, cartilhas e cartazes, sem falar no material sonoro elaborado para ir ao ar nas rádios comunitárias, muitas delas emitidas em alto-falantes. Enfim, a comunicação popular possibilita a formação de interações diferentes das que são tecidas no âmbito da mídia hegemônica, no que concerne às relações entre mídia e público. Nesse sentido, Lorenzo (2009, p. 41) nos fala que a comunicação participativa tem crescido “como respuesta a una situación en la que las voces de la multiculturalidad son negadas o escondidas por los medios masivos”¹⁶⁶. Vale ressaltar, entretanto, que a comunicação popular, gerida por movimentos mais descentralizados, apesar de conferir um caráter democrático interno – pois não há, pelo menos teoricamente, um controle sobre a produção de conteúdos por uma só pessoa ou grupo –, não garante que se desenvolva um processo democrático externo, pois expressa as opiniões de um determinado coletivo (um bairro, uma associação de moradores, uma comunidade de vizinhos), e não de uma sociedade inteira (DOWNING, 2003).

A idéia moderna de hegemonia dá conta de um processo de dominação por consentimento e aceitação da parte do dominado. Nos termos do marxista Antonio

¹⁶⁶ “como resposta a uma situação na qual as vozes da multiculturalidade são negadas ou escondidas pelos meios massivos”. Tradução do autor.

Gramsci, a concepção de hegemonia não diz respeito somente às questões políticas ou econômicas da sociedade, mas envolve, também, os aspectos culturais, morais e ideológicos, ou seja, o tecido social como um todo, como uma totalidade, de alto a baixo das camadas sociais. Nesse sentido, as formações hegemônicas se configuram não somente com a intenção de dominar economicamente uma situação ou estrutura, mas, também e, principalmente, com o intuito de regular e de coagir a partir de outras determinações, como a cultural, a artística, a filosófica, a religiosa, a científica e, claro, a midiática (PAIVA, 2007). A mídia que constroi a realidade social, que dita normas e valores a serem seguidos, que agenda os assuntos a serem debatidos pela opinião pública, que organiza os tempos sociais e familiares com base em sua grade de programação tem uma força coercitiva atuando sobre os públicos. Sobre este assunto, faz-se interessante resgatar a postura de Melucci (2001), quando ele afirma que a indústria cultural exerce fortes pressões no sentido de configurar uma conformidade por parte dos públicos. Vinculando-se a uma posição talvez extremadamente apocalíptica, este autor nos diz que

Los individuos se hacen seguidores de la última estrella del cine o de la televisión, visten según un cierto estilo, consumen los mismos productos, la misma música y las mismas imágenes. En un supermercado, frente a la televisión o en el espacio común de un concierto o de una discoteca, los individuos se sienten similares a todos los demás¹⁶⁷ (MELUCCI, 2001, p. 50).

Os grandes conglomerados midiáticos transnacionais, as empresas de comunicação familiares e com fortes vínculos com o Estado, as corporações de mídia vinculadas ao mercado são reconhecidas, nos termos de Gramsci, como partícipes de uma produção hegemônica, a partir do momento que reproduzem as lógicas dominantes como naturais e não incentivam seus públicos a enfrentarem e reverterem o status quo. A constante perseguição das rádios comunitárias, visando o seu fechamento, por parte dos poderes públicos – muitos dos quais vinculados a empresas e grupos de comunicação,

¹⁶⁷ Os indivíduos tornam-se seguidores da última estrela do cinema ou da televisão, vestem-se segundo um certo estilo, consomem os mesmos produtos, a mesma música e as mesmas imagens. Em um supermercado, frente à televisão ou no espaço comum de um concerto ou de uma discoteca, os indivíduos sentem-se semelhantes a todos os demais. Tradução do autor.

materializando um processo clientelista, tão comum não só no Brasil, bem como em diversas nações da América Latina e, também, na Espanha –, é uma prova de como funciona o poder hegemônico. A mídia hegemônica muitas vezes prioriza uma monocultura e reproduz os padrões aceitos (ou seriam impostos?) socialmente, reduzindo drasticamente o acesso dos grupos ditos minoritários às esferas de decisão, fechando os espaços de interlocução entre veículos de comunicação e públicos, enfatizando um ideário de comunicação ainda alicerçado na separação polarizada entre emissores e receptores. Os meios massivos tendem¹⁶⁸ a rechaçar qualquer perspectiva de comunicação dialógica, de elaboração de conteúdos midiáticos que envolva o povo, o cotidiano de uma comunidade, o banal e o ordinário das relações vicinais na sua configuração, ao contrário da comunicação comunitária, que tem o potencial de permitir que

a pluralidade de vozes possa ser uma realidade. Estima-se que seja possível a inserção de grupos até então à margem do espectro da visibilidade. E os registros vão para além da inserção de novos sujeitos. Pode-se perceber o incontestável interesse pelo novo, pelo que se encontra excluído dos discursos postos em circulação pela mídia hegemônica (PAIVA, 2007, p. 140).

Entretanto, apesar de todas essas denominações, uma série de fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais – que têm se intensificado cada vez mais nos últimos anos – vêm colaborando em um processo de apagamento das fronteiras entre o alternativo, o comunitário, o popular, etc. A globalização econômica e cultural, que reconfigura os marcos identitários; o transnacionalismo, que acarreta a relativização dos Estados nacionais; a formação da sociedade em rede, que proporciona o potencial de relações mais horizontais e menos hierárquicas; o incremento das tecnologias da comunicação, especialmente com o surgimento da internet, que altera substancialmente as noções de espaço e de tempo; a intensificação dos fluxos migratórios ao redor do globo, que promove uma maior hibridação cultural ao mesmo tempo que intensifica a formação de comunidades

¹⁶⁸ Apesar da tendência em deixar-se guiar por uma lógica mercantil – afinal, os conglomerados são empresas e regem-se pelos interesses lucrativos – vale ressaltar que na mídia hegemônica, que não pode ser tomada como um bloco monolítico, também há brechas, ou seja, abrem-se alguns espaços para práticas que se originam a partir de uma perspectiva mais comunitária.

xenófobas e fundamentalistas; a pluralização das propostas e concepções de cidadania, que busca intervir na ampliação do conceito, para além dos direitos sociais, civis e políticos; e os próprios reordenamentos dos movimentos sociais, que aliam-se a novas agendas e a diversificadas demandas (COGO, 2010b) são algumas das perspectivas da experiência social contemporânea que vem provocando o reordenamento dos campos do alternativo, do comunitário e do popular.

Experenciemos um cenário de transformações, nos quais os movimentos, além de estarem presentes nos conflitos nitidamente de classe, ampliam-se para atuar contra outras desigualdades sociais. São os antagonismos antes invisíveis dentro do quadro geral da política, como as contradições étnicas, sexuais, regionais, urbanas, dentre outras demandas que surgem, muitas vezes, nas práticas cotidianas e nas vidas ordinárias de cada um, mas que ocupam, agora, posição de destaque no contexto contemporâneo, reforçando a identidade cultural dos grupos organizados. Nunes (2007, p. 96) acrescenta, quando nos diz que “são movimentos que visam a democratização integral da sociedade [...], as lutas pela apropriação de bens e serviços no campo do consumo [...] e a democratização da comunicação”.

Cientes de todos esses reordenamentos, optamos, então, por priorizar os sentidos gerados a partir da configuração de uma comunicação cidadã, por acreditarmos que a cidadania esteve presente como perspectiva sociopolítica central das práticas de comunicação alternativa e popular dos movimentos sociais que, especialmente no contexto latino-americano (mas sem negligenciarmos o panorama espanhol), visavam tanto a mobilização e a transformação sociais quanto a democratização dos próprios meios, processos e políticas de comunicação. O termo “comunicação cidadã” – que não era praticamente utilizado até a década de noventa do século passado, nem no contexto prático dos movimentos sociais e culturais que a desenvolviam e nem no cenário das pesquisas científicas em torno do tema (COGO, 2010b) – aparece em torno de ideais que se constituem em prol da democratização dos processos e dos meios de comunicação, procurando fugir da visão linear e instrumental que enxergava os fluxos comunicacionais como mera transmissão e absorção de informação, privilegiando as interações dialógicas entre emissores e receptores, ou seja, a “abertura” do campo da produção. A autora ainda defende, a partir dos postulados de Jesus Martín-Barbero, “a comunicação cidadã como

terminologia mais apropriada para nomear a tessitura cada vez mais densa e interconectada de redes de meios comunitários” (COGO, op. Cit, p. 94). Embora essas mídias comunitárias possam ser geridas e produzidas (e muitas vezes o são) no entorno local, no âmbito da comunidade, seu alcance pode ser de ordem regional, nacional e, inclusive, internacional, possibilitando a dinamização de vínculos para além dos tecidos entre os meios de comunicação e a sua vizinhança.

A comunicação cidadã também vem apontando, nessas últimas duas décadas, para um alargamento da compreensão de cidadania, para além dos direitos civis, sociais e políticos. Como apontamos anteriormente, a reorientação do termo vem expressando-se na inclusão de outras perspectivas, como a cidadania intercultural – que se fundamenta no reconhecimento da diferença e das identidades culturais –, a cidadania global ou cosmopolita – que se alicerça nas demandas por uma universalização da cidadania social, para além da delimitação das fronteiras e dos pertencimentos locais, regionais e nacionais, especialmente reivindicadas pelos migrantes¹⁶⁹ – e a cidadania comunicativa, ou seja, o exercício cidadão que se constitui em uma questão comunicacional, tecida no âmbito dos meios de comunicação (COGO, 2010b).

A partir dessa breve retomada de um debate conceitual sobre a historicidade da comunicação cidadã, nos interessam os processos de comunicação desenvolvidos no seio de movimentos socioculturais, ou seja, que criam suas próprias mídias e/ou se utilizam de espaços das mídias para produzirem seus próprios conteúdos e que atuam como gestores de políticas de comunicação e cultura, fazendo-se visíveis na sociedade contemporânea e expondo sua luta e seus ideais de mundo para mobilizar e congregar movimentos com causas afins, mesmo que distantes fisicamente. Nosso olhar volta-se para “uma comunicação centrada no processo, e não apenas nos efeitos e nos conteúdos, na qual o trabalho com as mídias comunitárias assume perspectiva também comunicacional, assim como caráter pedagógico e político” (COGO, 2005a, p. 3), e também um caráter não apenas local, mas também transnacional.

Somando-se a este cenário de transformações de demandas, de emergência de micropolíticas culturais e identitárias e de reformulações na ação coletiva dos movimentos

¹⁶⁹ Os conceitos de cidadania intercultural, cidadania cosmopolita e cidadania comunicativa serão melhor discutidos no próximo tópico desta tese.

sociais há o fato de, na última década do século XX e em inícios do século XXI, haver uma intensificação de um processo de disseminação das novas tecnologias da comunicação, especialmente a internet, alterando sobremaneira a forma como a sociedade – e, no caso o que nos interessa, os movimentos sociais juvenis – passam a relacionar-se com as mídias a partir de então.

Ultimamente, mais precisamente no início deste século, observa-se uma retomada crescente de iniciativas de comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil, e agora incorporando inovadores formatos e canais de difusão possibilitados pelas novas tecnologias de informações e comunicação (NTIC). São experiências ligadas a movimentos sociais, associações comunitárias e de vários outros tipos de organizações não-governamentais (PERUZZO, 2008b, p. 5).

Nesse panorama de profundas transformações nos modos dos movimentos, sejam eles sociais ou culturais, relacionarem-se com os diversos campos somados a um processo de intensa midiaticização¹⁷⁰ da sociedade percebemos, de forma cada vez mais forte, os intrínsecos vínculos entre o associativismo e a mídia. Segundo nos esclarece Scherer-Warren (1998), as redes de comunidades virtuais identitárias são os modos que os múltiplos atores dos chamados novos movimentos sociais têm encontrado para marcar sua presença e dar continuidade ao movimento no cenário contemporâneo globalizado. Essas comunidades são, por vezes, tecidas no contexto virtual e digital, configurando-se mais a partir de relações de solidariedade do que em formas de organizações coletivas centralizadas.

Na contemporaneidade, atravessada pelos processos de digitalização da sociedade, os diálogos entre meios de comunicação e mobilizações sociais tomam proporções maiores e ainda mais profundas. García Canclini (2007, p. 71) nos fala sobre as “manifestaciones en las calles diseñadas para conseguir aparecer en los medios, protestas dramatizadas [...] para hacer del espacio público una ‘pantalla pública’¹⁷¹. Tilly (2006) disserta acerca desses

¹⁷⁰ “Tendência à ‘virtualização’ ou ‘telerrealização’ das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias de comunicação” (SODRÉ, 2002, p. 21). Antônio Fausto Neto, em aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 17 de maio de 2006, destaca que este é um conceito em construção, que resulta do avanço do fenômeno das mídias em nossa cotidianidade. Estes são apenas alguns dos vários conceitos que se tem acerca da midiaticização.

¹⁷¹ “manifestações nas ruas desenhadas para conseguir aparecer nos meios, protestos dramatizados para fazer do espaço público uma ‘tela pública’”. Tradução do autor.

vínculos entre mídias e mobilizações sociais, afirmando que, cada vez mais, a atuação das associações procura ter um impacto midiático, que deve ser minuciosamente planejado e ter, tanto quanto possível, os riscos das manifestações controlados. A visibilidade positiva – que se distancie do estereótipo de baderneiros, delinquentes ou violentos, que algumas vezes é automaticamente colada à imagem dos grupos organizados em discordância com as instituições – na mídia e na opinião pública é algo cada vez mais perseguido pelos movimentos, que agora, além de se utilizarem dos canais analógicos, pulverizam-se, também, pelas redes virtuais. Em outro textos, García Canclini (1998) nos faz refletir que as ações dos movimentos sociais são de baixa ressonância quando se limitam a usar forma tradicionais de comunicação, como, por exemplo, as manifestações orais, a produção artesanal ou os textos escritos que circulam de mão e mão. Mas o poder dessas mobilizações coletivas cresce se elas atuam nas redes massivas e nos meios eletrônicos de informação. Scherer-Warren (1998) complementa o raciocínio, quando esclarece que os movimentos sociais de maior visibilidade no panorama hodierno são os que conseguem conciliar a vida offline com a online. “São exatamente estes os movimentos que têm mais se projetado e conseguido uma maior legitimidade no cenário público” (SCHERER-WARREN, op. Cit, p. 3). Ou seja, as mídias digitais apresentam-se, na virada do milênio, como um espaço e uma ferramenta fundamentais para a consolidação e o exercício da cidadania.

2.3 Cidadania: do berço greco-romano às demandas identitárias e culturais

O termo cidadania parece estar em voga nos últimos anos. Nunca se falou tanto no assunto, de uma forma tão diversificada e por agentes tão distintos na sociedade. É a cidadania dos eleitores, em épocas de eleições; a cidadania do consumidor, que não pode ter seus direitos lesados e nem ser ludibriado por marcas e produtos que não cumprem o que prometem; a cidadania dos sujeitos urbanos, que devem seguir as regras de boa convivência dentro do espaço da cidade; a cidadania dos migrantes, que devem ter respeitados seus hábitos e sua cultura diferenciados dos do local em que habitam; a cidadania dos grupos ditos minoritários, como os gays, os negros, as prostitutas, por

exemplo, que não devem ser discriminados por sua condição social, racial e sua orientação sexual; a cidadania a qual os meios de comunicação de massa se auto-referenciam como propagadores, quando se intitulam como instâncias mediadoras entre a sociedade e o Estado e entre os espectadores e a justiça.

Enfim, o termo tem se disseminado e conquistado, cada vez mais, espaço no discurso acadêmico, midiático e do senso comum. O que tem ocorrido, no entanto, é uma apropriação por vezes superficial da noção de cidadania, ocasionando que o conceito fique “esvaziado pelo uso indevido” (PINSKY, 2005, p. 13). É como se bastasse saber que o termo se vincula a algo positivo para sair atrelando este substantivo e suas variações mundo afora. No sentido de refletir sobre as dinâmicas e as configurações que cercam a cidadania nos dias de hoje, tentaremos fazer um breve e sintético resgate de sua história, focando, posteriormente, em como ela vem se processando em sua articulação com outras demandas na contemporaneidade, para além dos direitos sociais, políticos e civis.

O berço da cidadania está, principalmente, na Europa. Cortina (2005) nos fala da civilização grega e de seu legado acerca do termo, que nasceu com a cidadania ateniense nos séculos V e IV a.C. No entanto, a cidadania grega é um mito, uma “falácia de contos de fadas”, pelo fato de ser restritiva, ou seja, exclusiva em vez de inclusiva. Dela não participavam as mulheres, as crianças e os estrangeiros, por exemplo. A partir dessa prerrogativa, a principal marca da cidadania grega, que é “a participação direta nos assuntos públicos” (CORTINA, op. Cit, p. 39), é limitada, pois não considera todos os indivíduos dignos de serem designados como cidadãos. Já no império romano, o termo cidadania estaria mais vinculado à noção do Direito, ou seja, como um estatuto jurídico. Segundo Cortina (op. Cit, p. 42), “o cidadão é agora [...] o que atua sobre a lei e espera a proteção da lei em qualquer parte do império: é o membro de uma comunidade que compartilha a lei”.

A cidadania moderna, que tem seu nascimento baseado no iluminismo – que considerava o homem como ser universal e sujeito individual –, apesar de sua dupla raiz – grega e romana –, também se alimenta das revoluções francesa e inglesa, bem como dos processos de independência americana, ocorridos nos séculos XVII e XVIII, e, também, do nascimento do capitalismo. A revolução americana, ocorrida em 1776, foi pioneira na formulação dos direitos humanos, tendo a premissa de preservação das liberdades como básica em sua declaração de independência. No entanto, apesar de seus termos inovadores

para a época, parcelas da sociedade continuavam excluídas e impossibilitadas de serem consideradas como cidadãos, tais como os índios, os escravos e as mulheres. “A sociedade americana em rebelião estava longe de conferir os mesmos direitos a todos que a compunham” (SINGER, 2005, p. 202). Apenas nos últimos anos do século XVIII, através de emendas na constituição, é que foram considerados cidadãos todos os indivíduos nascidos nos Estados Unidos. No entanto, somente em 1960, ou seja, há pouco mais de cinquenta anos, é que, como consequência de muita luta e violência, os direitos dos negros passaram a ser respeitados nos Estados Unidos da América.

A revolução francesa, na verdade, tem sua origem em 1775, com a revolução social – que coincide temporalmente com a independência dos Estados Unidos –, que precedeu a revolução política, que só começou efetivamente em 1789, com a reunião dos Estados Gerais. Como consequência da revolução é aprovada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, inspirada claramente na Declaração de Independência dos Estados Unidos. A declaração de independência estadunidense também inspirava fortemente as campanhas empreendidas na luta pelos direitos humanos na Inglaterra (exatamente o país que se opunha à libertação dos EUA, sua colônia). O surgimento, então, dos Estados nacionais modernos faz com que se comece a desenhar a configuração atual do conceito de cidadania, vinculado aos dois lados da expressão Estado nacional: “Estado” e “nação”.

Uma temática – que atualmente atinge contornos de questão de máxima relevância, especialmente no universo juvenil – que desde o período de formação dos Estados nacionais já vem se delineando de forma preponderante é acerca das relações de trabalho e de seus vínculos com a cidadania. A falta de emprego para a totalidade dos indivíduos desde aqueles tempos já se fazia sentir como um grave problema para a sociedade. E aí já se formava a famosa e tensa polarização (que parece perdurar até os dias de hoje) entre os que acreditavam no mercado como capaz de gerir da melhor maneira possível a distribuição de empregos – essa corrente via o desemprego como ato voluntário por parte dos indivíduos que não queriam trabalhar, mas sim viver da ociosidade – e os que viam no Estado a obrigação de gerenciar as relações entre o trabalho e os cidadãos. Ou seja, os conturbados vínculos entre mercado e Estado já se faziam sentir na Inglaterra da primeira revolução industrial, quando as lutas pelos direitos dos trabalhadores esbarravam na Câmara dos Comuns, que acreditava que

a garantia ao operário de encontrar trabalho em quaisquer circunstâncias seria contrária aos interesses dos empregadores e do Estado, pois tornaria os trabalhadores exigentes em relação ao trabalho que se lhes propõe. O proprietário, o fabricante ver-se-iam expostos à falta de operários quando suas empresas demandassem um grande número de braços (CASTEL, 1998, p. 247).

A partir de então começa a se perceber uma organização das classes populares e dos trabalhadores – especialmente nos países que foram berço da revolução industrial, e que, por isso mesmo, tinham o setor fabril mais avançado em relação aos demais – no sentido de se estabelecerem como sindicatos, ou seja, na luta por seus direitos de trabalhador. Aí se inicia a batalha pelo direito de fazer greves, de se organizar na disputa por melhorias de salário, por condições mais justas de trabalho, pela diminuição da jornada diária de labuta, enfim, pelas conquistas de mais direitos sociais referentes à condição de trabalhador. A luta de classes cada vez mais se acirra, com a oposição veemente dos donos dos meios de produção à extensão de garantias cidadãs aos empregados. Isso proporciona uma série de idas e vindas nos direitos sociais, com novas conquistas sendo efetivadas ao mesmo tempo em que se vêem retrocessos em relação a outras causas dos cidadãos. Acerca disso, Singer (2005, p. 226) afirma que

a conquista de direitos sociais, em geral, nunca pode ser considerada definitiva, enquanto o antagonismo de classe permanecer e provocar reações dos setores mais conservadores da sociedade, que nunca se conformam com a concessão de direitos que, a seus olhos, são privilégios injustificados.

A Alemanha também foi palco desse processo de conquistas sociais ao longo do século XIX. Com a unificação dos dois partidos operários existentes no país – o marxista e o lassaliano – em 1875, o chanceler do império, Otto von Bismarck, resolveu tornar ilegal a recém criada união partidária. Como uma medida de compensação aos trabalhadores por este ato autoritário uma série de resoluções foi tomada, tais como leis protegendo-os de acidentes de trabalho, enfermidades e velhice. Em 1911 foi criado na Alemanha o Código de Seguros Sociais, que trazia em suas diretrizes um sistema de aposentadoria, cujas contribuições eram divididas por igual entre empregados e empregadores. O código, “o

primeiro de seu gênero na História [...] era o primeiro a instituir sistemas de proteção obrigatórios. [...] Ele tinha [...] por função enquadrar a população assalariada” (SINGER, 2005, p. 236).

Mas foi precisamente na Inglaterra, por uma lei também de 1911, que nasce o estado de bem-estar social. Essa lei cria um sistema obrigatório de seguro contra enfermidade e desemprego, cobrindo, também, o risco de invalidez. Ao contrário da Alemanha, que exigia que a totalidade dos benefícios concedidos fosse paga por empregados e empregadores, a Inglaterra inaugura um sistema de seguridade social que procura equilibrar todas as categorias sociais, “atribuindo-lhes um denominador comum: a cidadania” (SINGER, 2005, p. 237). O autor ainda complementa, afirmando ainda que a lei “marca o início da constituição dum *welfare state* na Grã-Bretanha. Lloyd George [primeiro ministro à época] fala dum sistema que permitiria cuidar do indivíduo ‘do berço ao túmulo’ pelos mecanismos da seguridade” (SINGER, op. Cit, p. 237).

Segundo Peruzzo (2007), cada época tem as suas próprias demandas de cidadania, ou seja, o exercício e a mentalidade do cidadão acerca de seus direitos e deveres variam geográfica e historicamente. A noção de cidadania, bem como as diversas compreensões e dinâmicas que se configuram com relação ao termo – entendido aqui não como um conceito estanque, fixado temporal e espacialmente, mas como um processo histórico, político e cultural, absorvendo novos direitos e deveres ao longo dos séculos, procurando contemplar em seu repertório as mutações sofridas pela sociedade em desenvolvimento –, foi passando, como podemos observar, por uma série de caminhos e transformações ao longo dos tempos. Marshall (1967), grande estudioso e um dos pioneiros numa teorização bastante objetiva sobre o assunto, nos diz que se trata a cidadania do direito a ter direitos. Vieira (2003, p. 18) especifica a questão, quando afirma que:

cidadania é um ‘status’ jurídico e político que concede ao cidadão direitos e deveres. Direitos nas esferas civil, jurídica e social, e deveres, no âmbito, por exemplo, da prestação do serviço militar, do recolhimento de impostos, da denúncia da malversação da coisa pública, etc.

Estreitamente vinculado ao Direito, Vieira (1998, p. 22) recupera Marshall, ao explicitar que a “cidadania seria composta dos direitos civis e políticos [...] e dos direitos sociais”. Os direitos civis podem ser considerados como aqueles que são necessários à liberdade individual e que asseguram o direito à liberdade de expressão de idéias, de crenças, à proteção legal, à prosperidade, à liberdade de ir e vir e o direito à justiça. Já os direitos políticos dizem respeito à participação no exercício do poder político e à liberdade de associação e atuação em órgãos representativos, ou seja, participação política em eleições e plebiscitos e desenvolvimento de atividades relacionadas a sindicatos e movimentos sociais, por exemplo. Os direitos sociais são os que concernem à igualdade que todos os indivíduos têm de possuir um modo de vida digno, através do acesso ao patrimônio social, ligado ao consumo, ao lazer, ao trabalho, à moradia, à educação, à saúde, à aposentadoria, etc. Enfim, ser cidadão é

ter o direito de ver-se protegido legalmente, de locomover-se, de interferir na dinâmica política, de votar e ser votado. É também ter o direito de morar em uma casa digna, de comer bem, de poder estudar e trabalhar. É, por fim, ter o direito de participar, com igualdade, na produção, na gestão e na fruição dos bens econômicos e culturais (PERUZZO, 1998, p. 286-287).

Peruzzo aponta de forma nítida uma série de direitos que configuraria a cidadania, mas deixa implícita uma questão importante que cerca o termo: o reconhecimento. É preciso reconhecer-se como parte de algo para sentir-se e atuar-se como um cidadão. É necessário ser reconhecido pelo Estado para que se possa ativar esse processo de reconhecimento. Seria justamente a partir do momento em que os governos resguardam os direitos de voto, de saúde pública de qualidade, de transporte coletivo eficiente, de um sistema de tratamento de água e esgoto eficaz, de idoneidade no que se refere ao uso do dinheiro público, de clareza no que concerne aos trâmites da democracia, dentre outras questões e demandas, que o sujeito social se sente reconhecido pelo Estado. Quando a origem – o Estado – desse processo de reconhecimento falha, a identificação dos atores coletivos com ele torna-se turbulenta. Para pensarmos o caso do Brasil, e da América Latina de modo geral, nada mais emblemático do que a citação de Cortina, quando esta

autora espanhola nos diz que “quem não é tratado como cidadão não identifica a si mesmo como tal” (CORTINA, 2005, p. 73).

No cenário latino-americano a noção de cidadania vem se construindo, ao longo dos séculos, de uma maneira delicada e conturbada. A começar por um ponto primordial – bagagem trazida, como vimos anteriormente, desde a Grécia antiga –, que diz respeito a um ideário exclusivista e parcial de cidadania: a discussão sobre, afinal, quem são os cidadãos. Durante séculos de tráfico negreiro, tínhamos disseminado em nosso continente a idéia de que os escravos não eram cidadãos, portanto nada mais óbvio do que eles estarem de fora de qualquer participação cidadã, isso com o aval de grande parte da sociedade à época. “A escravidão penetrava em todas as classes, em todos os lugares, em todos os desvãos da sociedade: a sociedade colonial era escravista de alto a baixo” (Carvalho, 2002, p. 20). Mesmo após a abolição da escravatura, que no caso específico do nosso país só ocorreu em 1888 – sendo o Brasil um dos últimos países na América a libertar os escravos – os então homens livres continuaram sem perspectivas, sem “chão”, sem nenhuma oportunidade de exercer seus direitos cidadãos, pois “as marcas da escravidão, tanto metafórica como literalmente, [...] estão presentes na sociedade” (VELHO e ALVITO, 1996, p. 241).

Isso sem falar nos analfabetos e nas mulheres, que passaram um longo período sem o direito de voto. E nas empregadas domésticas, que não há muito tempo, apenas, tiveram resguardados seus direitos previdenciários, e passaram, portanto, anos tendo seus direitos sociais cerceados pelo Estado. Isso para não falar do mercado informal, que até hoje não tem uma legislação que dê conta de resguardar os direitos de seus praticantes que o exercem dentro da legalidade. Quando existem privilégios, quando determinadas classes possuem direitos que são negados a outras, não existe cidadania, pois o termo está ligado à plenitude, ao acesso de todos, indistintamente, aos direitos sociais, civis e políticos. Em boa parte dos países da América Latina, “quando nós estamos sendo bem tratados é porque nós estamos sendo tratados através de privilégios, e não porque somos cidadãos” (VELHO e ALVITO, 1996, p. 235).

Uma reflexão importante, quando se fala de cidadania na América Latina, dá conta de perceber que poucas vezes – se é que não podemos falar em “nenhuma vez” – os direitos civis puderam ser exercidos em conjunto com os sociais e os políticos, proporcionando, assim, uma “cidadania plena” (PINSKY, 2005), que abarcasse, então, as três formas de

direito previstos para o exercício cidadão simultaneamente. O que temos assistido na história de nossa região, segundo nos fala Carvalho (2002), é uma sucessão de alternâncias. Quando a população está mais perto de praticar os direitos civis, distancia-se dos políticos. Quando se vê na possibilidade de exercício dos direitos políticos, é afastada dos direitos sociais. É como se a cidadania fosse quebrada em “compartimentos”, sendo impossível vivenciá-la de uma maneira completa e ao mesmo tempo. Scherer-Warren (1998) contribui com a reflexão, ao situar as contradições dos constantes processos de inclusão e de exclusão sociais que envolvem os cidadãos na contemporaneidade.

Ainda com relação à América Latina, é relevante apontar que um certo processo de desenvolvimento econômico no continente e um movimento levado a cabo no sentido de possibilitar a conquista de alguns direitos cidadãos nesse território ainda não foram suficientes para materializar a cidadania como uma questão consolidada e efetiva em muitos dos países que conformam a região. A transição para os governos democráticos na maior parte das nações; o acesso ao conhecimento, à informação e à publicidade; as diversas formas de inclusão digital que têm sido postas em prática em alguns dos países; o aumento do poder de compra; dentre uma série de outros avanços, ainda não foram capazes de gerar uma melhoria estrutural (e não paliativa) na qualidade de vida ou no acesso aos serviços básicos para a cidadania na América Latina. Interessante refletirmos que

enquanto no centro ocorreu a universalização da categoria de cidadão e produtor, [...] na periferia do capitalismo constituiu-se um fosso moral, econômico, político, entre as classes incluídas na lógica do mercado e do estado e a ‘ralé’ excluída que adquire um status subumano (RONSINI et al, 2009, p. 122).

As extremas desigualdades sociais – que se tornam perpetuadas pela ausência de distribuição da renda adquirida com os crescimentos econômicos – e os altos índices de corrupção – que fazem com que parte das verbas destinadas às melhorias em infra-estrutura urbana sejam desviadas dos cofres públicos, indo parar nas contas particulares de políticos desonestos – são elementos protagonistas nesse cenário, no qual as conquistas na seara dos negócios, dos investimentos financeiros e do consumo, muitas vezes, não são acompanhadas por um crescimento nos índices relacionados ao desenvolvimento humano e

à qualidade de vida. Os avanços econômicos na maior parte dos países latino-americanos significam crescimento quase que exclusivo na renda das elites, que são aqueles grupos que, efetivamente, lucram, com o desenvolvimento do mercado-mundo. É válido termos em conta, entretanto, que as relações geopolíticas – muitas vezes excludentes – que se constituem em torno da lógica da globalização não são característicos apenas do cenário latino-americano, tendo em vista o exemplo nítido da crise econômica que afeta a Europa e os Estados Unidos na contemporaneidade.

Pensando a cidadania a partir de seus três direitos básicos – sociais, civis e políticos –, vale resgatar, como já foi anunciado anteriormente, que o modelo que tem se convertido em padrão quando pensamos sobre o conceito tem sido o que incorpora, especialmente, a noção de cidadania social, ou seja, voltada para um Estado de bem-estar social (CORTINA, 2005). Muitas vezes o termo fica reduzido aos resguardos da população pelo Estado, vinculado aos direitos que dizem respeito à saúde pública, aos planos de aposentadoria, aos seguros por invalidez ou às garantias sociais em períodos de desemprego. O Código de Leis Trabalhistas (CLT), criado no Brasil em 1943 pelo governo Vargas, é considerado um dos marcos na configuração dessa relação direta entre cidadania e assistencialismo estatal. Interessante quando Pandolfi (1999, p. 53-54) afirma que “no imaginário do povo, a palavra ‘direitos’ (usada sobretudo no plural), é, via de regra, relacionada com aquele conjunto dos benefícios garantidos pelas leis trabalhistas e previdenciárias implantadas durante a era Vargas”.

Na Espanha esses direitos são ainda maiores – apesar da Península Ibérica ser acusada de nunca ter oferecido aos seus habitantes um estado de bem-estar social como outros países europeus¹⁷² – e alimentam na atualidade, atravessada pela crise econômica que se arrasta no país desde 2008, uma grande tensão e um acalorado debate na opinião pública, que, dentre outras questões, discute a acomodação e um certo desinteresse por parte dos espanhóis em recolocar-se no mercado de trabalho, já que, enquanto desempregados, este grupo social conta com amplo amparo do Estado para suprir diversas das suas demandas. Os benefícios trabalhistas na Espanha são negociados em acordos entre

¹⁷² Mesmo na Europa há desigualdades internas, portanto não se pode falar em um único modelo de estado de bem-estar social, seguido por todas as nações. Os países do Sul, como Portugal e Espanha, são apontados por nunca terem chegado a proporcionar um estado de bem-estar social como os configurados no Norte do continente, em países como Alemanha, França, Suécia, Dinamarca, dentre outros.

empresários e sindicatos, em que os últimos, historicamente, possuem uma força muito maior, devido à rigidez da legislação trabalhista. Trata-se de um legado da ditadura de Francisco Franco (1939-1975), que enxergava os trabalhadores como uma “massa de manobra” a ser aliciada com práticas populistas¹⁷³. Cada setor negocia separadamente seus direitos com os empregadores – em um processo individualista, em que o foco recai unicamente sobre os interesses específicos de cada coletivo, sem preocupação com outros sindicatos ou com a situação trabalhista de uma forma mais macro –, em um tipo de transação no qual qualquer intuito de negociação que objetive reduzir as práticas assistencialistas do Estado torna-se difícil de ser colocada em prática, por embates com os cidadãos espanhóis¹⁷⁴. Boaventura de Sousa Santos (2011)¹⁷⁵ complementa a questão, quando aponta a passividade do cidadão europeu, que não tinha pelo que lutar, já que todas as suas necessidades já estavam garantidas. O teórico ainda afirma que somente agora, com a crise financeira e social que se prolonga na Europa desde 2008, é que a situação está mudando, e a população passando a se comportar de uma maneira mais ativa e participativa no que diz respeito aos governos e às suas demandas de cidadania.

Essa cidadania social é muitas vezes acusada de passiva, fazendo com que seja necessária a construção de um outro tipo de prática cidadã, que não envolva só direitos, mas, também, deveres, ou seja, uma cidadania mais ativa, capaz de assumir responsabilidades, e não somente cobrar exigências dos Estados. A cidadania, nos termos de Demo (1988) deve ser algo a ser conquistado, e não um presente dos governos. É importante que haja um processo de mobilização, por parte dos atores coletivos, para que se atue em um processo de consolidação cidadã, de conquista e efetivação de demandas. A

¹⁷³ Reportagem da Revista Veja, intitulada “Que crise é essa?”, fala, em tom irônico, que na Espanha só há direitos dos cidadãos, e nenhum dever. A matéria jornalística aponta, dentre uma série de outras “mordomias” que têm os espanhóis, que em agosto, mês de férias no país, as praias estavam lotadas, pois os desempregados, tendo seus direitos garantidos pelo Estado, não tinham interesse suficiente para procurar emprego.

Fonte: Revista Veja. Edição de 3 de agosto de 2011

Disponível em:

<http://www.relacoesdotrabalho.com.br/profiles/blogs/na-revista-veja-que-crise-e-es>

Acesso em: 31 out. 2011

¹⁷⁴ A mesma reportagem traz, ainda, o depoimento do economista Alberto Nadal, da Confederação Espanhola de Organizações Empresariais, que afirma que “na Alemanha, por exemplo, os empresários e os trabalhadores combinaram reduzir as horas trabalhadas e os salários para aguentar a recessão. Na Espanha, isso é impossível”.

¹⁷⁵ Em conferência intitulada “Sur Global, Norte Global”, apresentada no CIDOB – Centro de Estudios y Documentación Internacionales de Barcelona. 26 de janeiro de 2011.

idéia de cidadania ativa enxerga instituições públicas e sociedade participando de um processo de disputa e de negociação de recursos e de direitos em vez de esperar por uma cidadania distribuída pelos Estados (COGO, 2010b). Vieira (1998, p. 23) complementa a questão ao resgatar Turner, mostrando-nos que “haveria, assim, uma cidadania conservadora – passiva e privada –, e uma outra revolucionária – ativa e pública”.

É possível enxergar, nesse cenário, uma tênue linha que separa um Estado omissivo de um Estado assistencialista. São muitas as tensões que se geram em torno de um ou outro modelo adotado, pois os governos não podem deixar de oferecer os alicerces básicos (saúde, educação, segurança, transporte, etc.) para que os sujeitos construam seus projetos de emancipação, mas também devem assumir o risco ao decidirem configurar um Estado que tudo promove, que prepara sujeitos para viver em uma realidade na qual as demandas não são conquistadas, mas ganhas, presenteadas, sem esforço ou participação por parte dos cidadãos. Especificamente no cenário latino-americano, a bolsa-família¹⁷⁶, herança do governo do Partido dos Trabalhadores na presidência do Brasil, é reiteradas vezes acusada, tanto pela opinião pública como pelos adversários políticos, de prática assistencialista, apontadas como uma “esmola” dada aos pobres¹⁷⁷, ao mesmo tempo em que é reconhecida no exterior como uma ampliação da inclusão social e um avanço nos processos de igualdade, bastante elogiada, também, pelas classes populares que recebem os benefícios.

Reduzindo a questão e optando¹⁷⁸ por não entrar na discussão mais aprofundada sobre o tema, vale retomar que a acusação contra práticas como essa se baseia no princípio

¹⁷⁶ Trata-se o bolsa-família de um programa de transferência de renda com condicionalidades, criado pelo Governo Lula, em 2003. Consiste, basicamente, na ajuda financeira às famílias pobres, definidas como aquelas que possuem renda per capita de até 140,00 reais. A condição para que se receba o auxílio é que as famílias beneficiárias mantenham seus filhos e/ou dependentes matriculados na escola e vacinados. O programa visa a reduzir a pobreza a curto e a longo prazo e quebrar o ciclo geracional da pobreza de geração em geração.

¹⁷⁷ Quando da vitória da candidata Dilma Rousseff, do PT, à presidência do Brasil, em 2010, houve uma grande discussão (pautada, em grande parte, pelo preconceito e elitismo), gerada, principalmente, no âmbito das redes sociais, sobre as práticas tidas como assistencialistas do Partido dos Trabalhadores, iniciadas com o governo de Lula. Muitos sulistas e sudestinos acusavam os nordestinos como os culpados pela eleição de Dilma, apontando que esses eleitores, os maiores beneficiários do bolsa-família, não queriam perder a “esmola” dada pelo governo federal caso o candidato da oposição, José Serra, vencesse as eleições.

¹⁷⁸ Não faz parte dos interesses específicos desta pesquisa abordar a questão das práticas assistencialistas ou não dos governos, nem tampouco fazer qualquer tipo de juízo de valor sobre os programas implementados pelo Partido dos Trabalhadores no Brasil, especialmente o bolsa-família. A temática só foi trazida no sentido de ilustrar as complexidades que rondam os Estados em seus vínculos com a cidadania, equilibrando-se entre um tipo de cidadania passiva e privada e outra, ativa e pública.

de que, em vez de oferecer com qualidade os recursos básicos de primeira necessidade e possibilitar, com isso, que os próprios sujeitos construam seus percursos de independência financeira¹⁷⁹, os Estados optam por adotar uma prática paliativa, ou seja, uma renda extra mensal, que, ao mesmo tempo que resolve algumas necessidades imediatas, prende aquelas famílias beneficiárias do auxílio aos governos que o implementaram, a partir da dúvida que se gera sobre a continuidade ou não do programa caso haja uma mudança de partido no poder. Por outro lado, é inegável o fato de que práticas como a bola-família, no Brasil, foram as responsáveis por tirar milhões de pessoas da situação de extrema pobreza¹⁸⁰ no país, situação que, muitas vezes, vai se perpetuando de geração em geração nas famílias mais pobres. Outros programas criados na gestão do PT no governo federal, como Minha Casa, Minha Vida¹⁸¹; PROUNI¹⁸²; dentre outros, são exemplares na tentativa de oferecer condições de vida mais dignas para as parcelas economicamente desfavorecidas da

¹⁷⁹ É comum que muitos trabalhadores, especialmente os empregados em serviços que exigem menos qualificação, não queiram assinar a carteira de trabalho, para não perder o auxílio da bolsa-família.

Fonte: “Carteira assinada é lei, mas ainda não é cumprida”, *Jornal O Povo*.

Disponível em:

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/economia/2011/06/25/noticiaeconomiajornal,2260213/carteira-assinada-e-lei-mas-ainda-nao-e-cumprida.shtml>

Acesso em: 02 nov. 2011

¹⁸⁰ O objetivo do governo de Dilma Rousseff, com a ampliação do Programa Bolsa-família, é o de retirar da situação de pobreza extrema 16,2 milhões de pessoas que vivem com menos de R\$ 70 por mês.

Fonte: “Dilma lança programa que pretende erradicar miséria no Brasil”, *Globo.com*.

Disponível em:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/06/dilma-lanca-programa-brasil-sem-miseria-e-amplia-bolsa-familia.html>

Acesso em: 02 nov. 2011

¹⁸¹ Minha Casa, Minha Vida é um programa do governo federal que está construindo cerca de duas milhões de casas e apartamentos para a população. Parte dessas residências são voltadas para um público que possui uma renda familiar de até R\$1.600,00 reais, com prestações mínimas de R\$ 50,00 reais por mês. Fonte: CAIXA – Minha Casa, Minha Vida

Disponível em:

http://www1.caixa.gov.br/popup/Home/popup_home_9.asp

Acesso em: 16 fev. 2012

¹⁸² Dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular, na condição de bolsistas integrais, com renda per capita familiar máxima de três salários mínimos, o Prouni – Programa Universidade para Todos – tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. O Prouni já atendeu, desde sua criação até o processo seletivo do segundo semestre de 2011, 919 mil estudantes, sendo 67% com bolsas integrais. Fonte: PROUNI

Disponível em:

http://prouniportal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=124&Itemid=140

Acesso em: 16 fev. 2012

população que, certamente, não teriam condições de possuir uma casa própria ou de cursar uma faculdade se não fosse por meio desses programas sociais.

E assim, a partir de complexas relações, especialmente com os Estados, vem sendo elaborada a noção de cidadania através dos tempos, especialmente em nossa região latino-americana – onde as temporalidades das culturas estão incompletas –, que congrega pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade (CALDERÓN, 1993). As implicações entre cidadania e culturas na América Latina, como pudemos observar, tem sido fortemente marcada pela atuação dos impérios, das oligarquias¹⁸³, do patriarcalismo¹⁸⁴, do populismo¹⁸⁵ e das ditaduras militares. O ideário cidadão nos países latino-americanos é ambíguo e multiforme, combinando, muitas vezes, monetarismo neoliberal com políticas sociais assistencialistas, clientelismo¹⁸⁶ com concepções socialdemocratas sobre o papel do Estado, do governo e da sociedade civil. Inseridas em um movimento capitalista internacional, as nações latino-americanas por vezes conciliam crescimento econômico com acirramento das desigualdades sociais. Ao contrário do que se pode perceber no panorama europeu – que, mesmo com a crise financeira, continua configurando um cenário de políticas sociais mais consolidadas e efetivas¹⁸⁷, com acesso à educação, à saúde pública de qualidade, a um sistema eficiente de transporte público, etc. –, na América Latina percebe-

¹⁸³ A oligarquia é uma forma de governo em que o poder político está concentrado em um pequeno número de pessoas. Essas pessoas podem distinguir-se pela nobreza, riqueza, laços familiares, empresas ou poder militar. Estados em que tal relação acontece são, muitas vezes, controlados por poucas famílias proeminentes, que passam a sua influência ao longo de gerações.

¹⁸⁴ O patriarcalismo trata-se de uma ideologia na qual o homem é a maior autoridade, devendo as pessoas que não são identificadas com ele (isto é, que não sejam também adultos do sexo masculino) serem subordinadas, prestando-lhe obediência. Isso faz com que as relações entre as pessoas (seja em uma família ou em uma comunidade) sejam desiguais e hierarquizadas.

¹⁸⁵ A política populista caracteriza-se menos por um conteúdo determinado do que por um "modo" de exercício do poder, através de uma combinação de plebeísmo, autoritarismo e dominação carismática. Historicamente, o termo populismo acabou por ser mais identificado com certos fenômenos políticos típicos da América Latina, principalmente a partir do ano de 1930, estando associado à industrialização, à urbanização e à dissolução das estruturas políticas oligárquicas, que concentravam firmemente o poder político nas mãos de aristocracias rurais.

¹⁸⁶ O clientelismo é um sistema de relação política baseado na troca, no qual uma pessoa recebe de outra proteção e favores em troca do apoio político.

¹⁸⁷ Em conversas informais com migrantes residentes de forma regularizada em Barcelona, quando perguntados sobre os motivos pelos quais não voltavam ao seus países de nascimento, em meio ao cenário de crise econômica na Europa, a resposta era sempre a mesma: apesar de todos os problemas trazidos com a crise financeira, alguns "mínimos" de políticas sociais são garantidos, algumas questões básicas são mantidas, como saúde pública e segurança urbana, por exemplo. "Prefiro continuar aqui sem dinheiro do que voltar para lá e ter medo de sair à noite de casa" eram argumentos constantemente explicitados pelos migrantes, especialmente os latino-americanos, em conversas com o autor desta tese.

se uma cidadania mais vivida, mais ativa, em que os movimentos sociais, como vimos anteriormente, parecem ter um papel fundamental, frente a um Estado que, durante muito tempo, foi pouco presente.

Mas seja no cenário europeu ou no latino-americano, a partir de práticas mais ou menos participativas, importa ressaltar que a cidadania assume outros contornos em nossa contemporaneidade, distanciando-se de uma perspectiva que resumia a compreensão do conceito ao direito a ter direitos e ao vínculo absoluto e irrestrito com o Estado (LORENZO, 2009). A noção de cidadania vem sofrendo uma redefinição desde o final do século XX – e que se prolonga durante o início do século XXI –, a partir da consolidação de uma série de fenômenos, como a globalização, a midiatização e a crise do modelo moderno do Estado-nação. Neste cenário de transformações chama a atenção, principalmente, a emergência da cultura e da identidade como elementos (re)definidores de uma prática cidadã e de uma dinâmica de inserção dos atores coletivos nos debates gerados no âmbito do espaço público. Ou seja, na atualidade a cidadania não pode mais ser encarada como um simples status legalmente definido. Para além disso, e do exercício de direitos e responsabilidades, a atuação e o sentimento cidadãos possuem fortes vínculos com a identidade, que expressa o processo de pertencimento a uma determinada comunidade política (KYMLICKA, 1997).

As transformações nas sociedades – que incluem o desenvolvimento crescente das tecnologias de informação e comunicação – explicitam a necessidade do resgate do debate em torno de uma dimensão da cidadania, um tanto relegada a segundo plano, além das tradicionais dimensões dos direitos civis, políticos e sociais, a dimensão cultural (PERUZZO, 2007, p. 90).

Reconhecer-se como parte da esfera pública é essencial para o exercício da cidadania, para a participação do cidadão na coisa pública, na tomada de decisões, no acompanhamento mais ativo dos desdobramentos da democracia. A identidade – que, nos termos de Castells e companheiros (2007), não é uma lista de características, mas sim uma rede de interações, que se constroi não por nascimento, mas por prática e vontade – seria uma força motivadora para esse exercício participativo da cidadania. O sentimento de pertença, de se reconhecer como parte integrante de algum lugar, aumentaria o desejo de

atuação, e teria, como consequência, o aumento da civilidade (CORTINA, 2005). Através da participação compartilhamos com os outros membros do grupo decisões que se relacionam com nossa própria vida e a da sociedade a qual pertencemos. No processo participativo e de relação com o entorno podemos identificar diferentes tipos de sentimento, especialmente o de pertencimento, o de sentir-se parte de uma identidade coletiva, ou seja, o ato de uma comunidade que se reconhece a si mesma e quer ser reconhecida como tal pelos outros. Essa identidade coletiva pode tanto ser tecida pelos membros de uma família ou um grupo de amigos, como, também, pelos de uma cidade, bairro, associação, clube ou rádio comunitária, por exemplo. É este sentimento que possibilita que nos envolvamos nos assuntos que dizem respeito ao nosso território, aos locais e instituições aos quais nos vinculamos. Scherer-Warren (1998) complementa, ao afirmar que a responsabilidade no exercício cidadão se efetua também através da solidariedade, ou seja, das relações que se tecem no seio da comunidade. A participação ativa, através das relações culturais, deve ser reconhecida como um direito e um dever, devendo ser pensada como um instrumento para o alcance dos direitos de cidadania, por parte dos atores coletivos (ALFAGEME; CANTOS; MARTÍNEZ, 2003).

Há na constituição da cidadania uma relação entre razão e emoção. O sentido racional é ativado quando levamos em conta os mínimos de justiça, ou seja, o mínimo que uma sociedade precisa para funcionar bem. Já os vínculos emocionais emergem quando se enfatizam os laços de pertença e os vínculos identitários. Racional e emocional são, muitas vezes, conjugados de forma concomitante em um processo de efetivação da cidadania, por isso que o termo pode ser pensado como uma mediação entre ambas as instâncias. Cidadania não se efetiva sem direitos sociais, políticos e civis, como já se sabe desde os postulados de Marshall (1967), mas o que parece vir ficando cada vez mais claro é a incompletude que se dá nos movimentos de consolidação da cidadania quando estes procuram se configurar sem levar em conta os elementos culturais, os costumes e as práticas cotidianas, os referentes identitários de uma comunidade.

Interessante quando Park (1929, p. 120) nos diz que “las personas viven juntas no tanto porque sean parecidas sino porque se necesitan mutuamente”¹⁸⁸. Ou seja, ficam claros

¹⁸⁸ “as pessoas vivem juntas não tanto porque sejam parecidas, mas porque se necessitam mutuamente”. Tradução do autor.

aqui os sentidos pluriculturais que se constroem na vida em sociedade, no espaço urbano das grandes metrópoles das quais fala o autor, evidenciando que se torna cada vez mais difícil falar de tecido social, cultura e identidade como elementos estanques e unos no panorama das cidades. Os indivíduos são diferentes, possuem trajetórias e repertórios distintos e, por conta disso, estabelecem relações múltiplas entre si. De acordo com este contexto, uma noção contemporânea de cidadania deve contemplar as relações entre as culturas, as aproximações, os embates e os hibridismos entre elementos culturais distintos que fazem parte dos cenários das sociedades complexas. Melucci (2001) nos fala sobre a necessidade urgente de se superar a noção moderna de cidadania em uma sociedade planetária como a que vivemos agora. O autor (op. Cit, p. 52) acrescenta à discussão, quando afirma que

Cualquier definición nueva de ciudadanía debe considerar los elementos necesarios de diversidad y de incertidumbre que caracterizan a las relaciones sociales fundamentales, y debe incluir asimismo una cuota insuperable de respeto por todas aquellas dimensiones de la experiencia humana que no son reducibles a la racionalidad moderna¹⁸⁹.

Ou seja, é nessa ambiência na qual se explicitam contextos culturais diversos – que atuam como referentes identitários para uma nova forma de conceber a cidadania –, que surge uma das grandes tensões que marcam profundamente as sociedades nos dias de hoje. Como conciliar igualdades e diferenças, universalismos com particularismos parece ser uma das principais questões quando pensamos no espaço público hodierno e seus vínculos com um ideário de multiculturalismo ou de interculturalidade. O monoculturalismo tem uma visão essencialista acerca das identidades dos sujeitos coletivos, que seriam determinadas objetivamente em uma realidade específica, ou seja, a do Estado-nação. Já para o multiculturalismo, as identidades são múltiplas e construídas historicamente, e não

¹⁸⁹ Qualquer definição nova de cidadania deve considerar os elementos necessários de diversidade e de incerteza que caracterizam as relações sociais fundamentais, e deve incluir, assim mesmo, uma cota insuperável de respeito por todas aquelas dimensões da experiência humana que não são redutíveis à racionalidade moderna. Tradução do autor.

únicas e dadas desde o princípio. Portanto, muito mais do que nascer mulher e negra, homem e homossexual, por exemplo, torna-se mulher e negra, homem e homossexual, a partir das experiências vivenciadas nas dinâmicas do tecido social (SCHERER-WARREN, 1998).

A igualdade de todos perante a justiça não pode ser simplesmente deixada de lado, mas o reconhecimento das diferenças, das identidades múltiplas, das demandas particulares de grupos excluídos dos jogos de poder e de visibilidade apontam para a importância de perceber que o Estado-nação – e seu universalismo – já não dá conta de exercer a função de instância central de unificação, reconhecimento e pertencimento (HALL, 1999). A diversificação e a fragmentação surgem como marcas características da nova face de uma cidadania descentrada (HOPENHAYN, 2002), que tem se colocado na contemporaneidade aparentemente alicerçada em um grande paradoxo: ao mesmo tempo em que é um princípio universal surge como anseio de autodeterminação e representatividade das minorias excluídas. A resolução para esse impasse pode se configurar através de um processo dialógico, que contemple a diversidade das minorias com o princípio universal de igualdade. Barañano (2007) nos fala da importância que os direitos universais se traduzam em direitos particulares de determinados grupos.

No bojo de todas essas transformações – que experimentamos no momento em que a cultura passa a ocupar um lugar de destaque quando se refletem sobre as práticas sociais – a cidadania tem se colocado como promotora de um processo de afirmação da diferença e de promoção da diversidade. A cidadania, para dar conta de grupos tão diversos que configuram as dinâmicas da sociedade, não consegue mais se guiar somente pelo viés da universalidade. É preciso consolidar uma cidadania que comporte a diferença, que enfatize o reconhecimento da diferença cultural em termos de direitos de participação e de pertença à nação. Pelo fato daqueles que acreditam na existência de uma única forma de cultura como elemento unificador de um todo social acabarem buscando sempre os valores universais e absolutos – e um projeto civilizatório único – eles acabam legitimando uma dimensão de dominação frente às minorias e às diversidades culturais.

Cogo (2010b), acrescenta ao debate quando nos faz pensar que a demanda hoje não se alicerça em torno de uma petição de integração total, mas sim em volta de um diálogo entre universalismo e particularismos jurídicos e identitários, dimensões individuais e

coletivas, tecendo-se, muitas vezes, não a partir de uma perspectiva totalitária, mas parcial, fragmentada e ambivalente. Nesse sentido, Hall (1999, p. 9) complementa, apontando a fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero e sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. Com isso, fica cada vez mais difícil deixar reverberar – em um espaço público repleto de híbridos culturais como o nosso – uma visão política que encontra sentido somente numa sociedade que seja racional, laica e igual (WOLTON, 1999). Temos que pensar, reconhecer e incorporar a diferença na espacialidade das nossas cidades globalizadas, pois “elas trazem o germen desse multiculturalismo urbano, dessa tensão forçosamente irresolúvel entre modernidade e barbárie, entre ‘high tech’ e pobreza” (PRYSTHON, 2002, p. 5).

Temos a tendência recorrente em sentirmo-nos confortáveis com a monossemia e desconfortáveis com a polissemia, fazendo com que, por vezes, insistimos em uma visão monocultural da sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2008). Nesse sentido, torna-se fundamental pensar no desafio que se abre – nesse cenário de pluralidade das culturas que se exhibe cada vez mais – para as associações e os projetos socioculturais de encontrar e trabalhar a partir de vínculos com políticas públicas não uniformizadoras, mas que façam emergir a heterogeneidade do público e que sejam capazes de possibilitar a presença, a visibilidade e, principalmente, a participação nos encaminhamentos democráticos por parte dos grupos que compõem essa diversidade social. Melucci (2001, p. 111) faz uma crítica às políticas públicas estreitas e homogeneizadoras, afirmando que “las movilizaciones étnicas y culturales denuncian la función normalizadora de las políticas públicas y demandan una forma diferente de participación en su definición”¹⁹⁰. Ou seja, as políticas públicas levadas a cabo no seio das sociedades complexas devem estimular e desenvolver a comunicação entre as culturas, mas reconhecendo sempre que essas culturas são diferentes.

Os processos de globalização – ou, melhor dizendo neste caso, de mundialização –, são caracterizados por possibilitar a formação de uma cultura internacional comum (GARCÍA CANCLINI, 1996), ou seja, a criação de ícones da indústria cultural com os quais o mundo inteiro se identificaria, tais como Coca-Cola, Madonna, Mc Donald’s,

¹⁹⁰ “as mobilizações étnicas e culturais denunciam a função normalizadora das políticas públicas e demandam uma forma diferente de participação em sua definição”. Tradução do autor.

Hollywood, dentre outros elementos que configuram uma cultura popular planetária. Esses deslocamentos produzidos pela globalização – que marcam profundamente as últimas décadas do século XX – também são acusados de potencializar um processo de homogeneização dos referentes identitários, a partir da pretensão de que haja uma maior aproximação política, econômica e cultural entre as nações, ocasionada por um movimento de compressão do espaço-tempo. As manifestações culturais tradicionais de determinados países, as comidas típicas de algumas localidades, as músicas folclóricas que mantêm vivas as origens de um povo, bem como certos dialetos praticados em aldeias e vilarejos, tenderiam a desaparecer, engolidos pelos símbolos internacionais, pelos *fast-foods* americanizados, pelos *rocks* standardizados e substituídos pelas comunicações em inglês – idioma oficialmente utilizado nas redes virtuais.

Mas os deslocamentos proporcionados pelos processos globalizatórios são também responsáveis por cultivar movimentos de (re)valorizações identitários, muitos deles em prol de que não se percam as matrizes culturais locais, reafirmando as diferenças e os particularismos, frente a uma possível homogeneização transnacional. Ou seja, como consequências da globalização econômica e informacional estão sendo reativadas as questões das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – “até o ponto de convertê-las em dimensão protagônica de muitos dos mais ferozes e complexos conflitos internacionais dos últimos anos, [...] reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais, e as possibilidades de convivência no nacional e ainda no local” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54). É por meio de muitos dos chamados novos movimentos sociais, como já apontamos anteriormente, que essas diferenças culturais começam a vir à tona, que os particularismos de variados grupos minoritários começam a ser valorizados e a requererem um status de representatividade e de visibilidade na esfera pública

Os movimentos sociais ‘a partir de baixo’ [...] são defensores da diversidade social e cultural e, portanto, também, da equidade, que supõe o pluralismo da diferença, ao passo que o apelo à igualdade alimenta frequentemente uma política de homogeneização e de recusa das diferenças em nome do caráter universal da lei (TOURAINÉ, 1998, p. 127).

É importante termos em conta que a explosão das diferenças pode levar à desintegração e à perda dos vínculos fundamentais que unem os cidadãos de um mesmo bairro ou uma mesma região, por exemplo, e permitem a solidariedade e a busca de fins comuns. Quando tudo parece fragmentado, compartimentalizado, e no momento em que se perdem os referenciais do tecido social como um todo, os projetos desenvolvidos em um cenário macro, como uma cidade ou um país, bem como os processos decisórios e os planejamentos governamentais que envolvem Estado e terceiro, setor tornam-se ainda mais complexos e contraditórios, dada a dificuldade de “costurar” os fragmentos de uma sociedade com um fio comum. Mas, por outro lado, as diferenças têm, também, um enorme potencial dinâmico (MELUCCI, 2001), porque geram aquelas sinergias, aquelas conexões e mesmo aqueles embates e tensões que em um mundo homogêneo não seriam possíveis, simplesmente porque não haveriam outras paisagens culturais diferentes das que conformam o espaço público dominante.

A valorização das diferenças e a ênfase nos particularismos identitários podem se tornar perigosas quando se vinculam a posições polarizadas e extremas, pois o relativismo cultural absolutizado também pode acabar legitimando exclusões sociais e induzindo a criação de guetos culturais, que reproduzem desigualdades e discriminações sociais. Kymlicka (1996, p. 25) nos fala dos riscos de se “encapsular a las minorías, impidiéndoles su integración en el grueso de la sociedad”¹⁹¹. Não só a rigidez do universalismo – que rechaça o outro, que não faz parte do “padrão” –, mas a excessiva essencialização das diversidades culturais pode levar muitas vezes à ignorância dos grupos minoritários entre si e, até mesmo, ao confronto direto, quando nenhum elemento identitário é identificado como denominador comum entre esses coletivos, possibilitando um diálogo e o entendimento. É nesse panorama que assistimos ao surgimento de um novo tipo de comunitarismo, que faz com que associações que se mobilizam a partir de referentes identitários possam segregar o outro, o diferente. Scherer-Warren (1998) aponta o perigo que ronda as manifestações relacionadas aos fundamentalismos religiosos, étnicos ou nacionalistas. A autora ainda ressalta a importância de, na condução das propostas e atividades dos coletivos que unem as minorias, saber guiar-se pelo respeito produtivo pela alteridade e pela diferença, no lugar

¹⁹¹ “encapsular as minorias, empidindo-as de sua integração no grosso da sociedade”. Tradução do autor.

da valorização extrema e fechada das identidades, que impossibilita qualquer diálogo, qualquer forma de construção coletiva, porque torna o diferente insignificante, indigno de atenção. As diferenças devem ser pensadas como elementos potencializadores para que seja possível a formação de redes interculturais (SCHERER-WARREN, op. Cit).

As temáticas do multiculturalismo e da interculturalidade dizem respeito aos intensos processos dialéticos de integração e de exclusão culturais, afinal, a cultura faz parte das negociações em torno da cidadania. Esses percursos de constituição das identidades adquirem contornos ainda mais marcados na fase da juventude, que, talvez mais do que outros estratos da sociedade (por estarem esses jovens passando por um processo de formação, bem como de transição da infância à maturidade), estejam o tempo todo atuando em movimentos de reconhecimento e distinção: reconhecer-se como parte de determinados grupos, classes e estilos urbanos, o “nós”, e distinguir-se de outros, o “eles”. Segundo Melucci (2001), nós pedimos o reconhecimento dos outros às formas como nos construímos, portanto é através do encontro com o outro que se tece a identidade específica, individual ou coletiva. Se somos receptivos ao outro, se optamos por aproximarmos-nos do universo de sujeitos que sejam, a priori, distintos, se mantemos uma atitude curiosa de conhecê-los e de trocar experiências com eles nossas interações no tecido social serão bem diferentes daquelas construídas por um alguém que já enxerga o outro de uma forma previamente concebida, de maneira a subjulgá-lo e a rotulá-lo como possuidor de uma cultura inferior. É neste sentido que uma cidadania multi ou intercultural dá conta de possibilitar que a convivência entre diversas formas de culturas se processe sem hierarquizações. A partir deste ideário faz-se relevante pensar na contribuição proporcionada por cada manifestação cultural ao conjunto da sociedade, configurando um verdadeiro diálogo entre culturas. Cortina (2005) nos faz refletir que, semelhante ao que ocorre com o processo de construção identitária, uma melhor compreensão de outras culturas ajuda a entender melhor a nossa própria.

O multiculturalismo surgiu nos anos oitenta, especialmente em países como Estados Unidos, Canadá, Austrália e Inglaterra, como um conjunto altamente heterogêneo de movimentos contestadores “pós-68”. Intrinsecamente vinculado ao cenário dos novos movimentos sociais, o multiculturalismo diz respeito a um complexo conjunto de associações, comunidades e instituições que confluem em seus horizontes de trabalho com

a reivindicação do valor da diferença étnica e/ou cultural, assim como na luta pela pluralização das sociedades que acolhem ditas comunidades e movimentos. Nas palavras de Jary e Jary (1991, p. 412),

En oposición a la tendencia presente en las sociedades modernas hacia la unificación y la universalización cultural, el multiculturalismo celebra y pretende proteger la variedad cultural, al tiempo que se centra sobre las frecuentes relaciones de desigualdad de las minorías respecto a las culturas mayoritarias (*mainstream cultures*)¹⁹².

Os princípios básicos do multiculturalismo seriam o respeito por todas as formas de cultura, o direito à diferença e à organização da sociedade de modo que exista uma igualdade de oportunidades e de possibilidades reais de participação na vida pública e social para todas as pessoas e grupos, independente de sua identidade cultural, étnica, racial, religiosa ou linguística. O ideário multiculturalista também se relaciona com uma proposta de estrutura organizativa flexível das associações e movimentos sociais, alicerçada a partir de redes pouco hierarquizadas e totalmente desvinculadas de lideranças explícitas e autoritárias. Com base nesta articulação entre movimentos descentralizados e busca da preservação das diversidades culturais, a questão da identidade no seio do multiculturalismo se converte em política identitária, por ter como elemento norteador o fato de que, sobretudo em contextos de marginalização socioeconômica ou política, a cultura pode se converter em elemento básico de uma ação coletiva.

A ênfase que se coloca na pluralidade de identidades, gêneros e culturas, faz com que seja possível conferir legitimidade a reivindicação do reconhecimento, tanto de identidades historicamente marginalizadas e silenciadas, como a dos negros, por exemplo, como de identidades emergentes, como a dos sujeitos em processos de migração transnacional. “Con ello los heterogéneos movimientos que desde los años sesenta comienzan a articular los intereses específicos de las minorías subalternas de las sociedades

¹⁹² Em oposição à tendência presente nas sociedades modernas até a unificação e a universalização cultural, o multiculturalismo celebra e pretende proteger a variedade cultural, ao mesmo tempo em que se centra sobre as frequentes relações de desigualdade das minorias a respeito das culturas majoritárias. Tradução do autor.

contemporâneas pronto adquieren un matiz eminentemente cultural”¹⁹³ (BARAÑANO et al, 2007, p. 251). É preciso dotar as minorias culturais de protagonismo e de espaço na cena pública, potencializando que esses grupos tenham as ferramentas necessárias para fazer-se visível e para participar na tomada de decisões no âmbito democrático, salvaguardando seus direitos específicos.

Interessante quando podemos pensar o multiculturalismo a partir de duas perspectivas, nos termos de Lamo de Espinosa (1995). Ele pode ser uma situação de fato, quando enxergamos a convivência em um mesmo espaço social de pessoas identificadas com culturas variadas. É assim, por exemplo, na cidade de Barcelona e em outras extensamente atravessadas pelo fenômeno das migrações, evento este que traz a diversidade para as ruas dos conglomerados urbanos. Basta sair às ruas na capital catalã ou em Londres, São Paulo, Nova York ou Tóquio, para ver as diferentes culturas materializadas em distintas formas de vertir, falar, gesticular, comer e relacionar-se uns com os outros. Mas o multiculturalismo pode ser tomado, também, como projeto político, em um sentido mais normativo. Nessa ótica, o respeito pelas identidades culturais se dá não como um reforço de seu etnocentrismo, mas, pelo contrário, como um caminho para além da mera coexistência de diferenças culturais nos espaços urbanos, um percurso que envolva a convivência, a fertilização e a hibridação cultural.

Apesar de seu potencial de valorização da multiplicidade cultural, as críticas que se elaboram com relação ao multiculturalismo configuram-se, especialmente, a partir de duas instâncias, uma conceitual e outra política. As críticas conceituais que se constroem contra o multiculturalismo dão conta de percebê-lo como uma fórmula que tende à mera coexistência silenciosa das diferentes culturas, sem possibilitar, de fato, a convivência dialógica entre elas. Nesse sentido, aponta-se a tendência que o multiculturalismo tem de induzir a fragmentação social, correndo o risco de criar “diversas culturas comunitarias y privadas, cada una con su lengua, su religión, prácticas familiares y otras costumbres”¹⁹⁴ (REX, 1996, p. 202). São as comunidades identitárias que, podem até dividir um mesmo

¹⁹³ “Com isso os heterogêneos movimentos que desde os anos sessenta começam a articular os interesses específicos das minorias subalternas das sociedades contemporâneas logo adquirem uma nuance eminentemente cultural”. Tradução do autor.

¹⁹⁴ “diversas culturas comunitárias e privadas, cada uma com sua língua, sua religião, práticas familiares e outros costumes”. Tradução do autor.

espaço físico com outras, mas que, na prática, não supõe nenhum tipo de relação, vivendo cada uma delas de forma autônoma e sem qualquer vestígio de vínculo produtivo e participativo entre si. Essa situação torna-se ainda mais complicada quando as comunidades, em vez de tecerem diálogos e unirem forças frente a um padrão cultural hegemônico, acabam, pelo contrário, essencializando a diferença e gerando novas ideologias de supremacia grupal, frequentemente confluindo para um processo segregacionista do diferente, incrementando o racismo e a xenofobia.

Ainda na seara conceitual, vale a pena destacar a crítica que se faz a uma vertente comercial do multiculturalismo, que o enxerga como um movimento meramente cúmplice das artimanhas das corporações transnacionais, na medida em que as grandes marcas multinacionais passam a elaborar versões diferentes de seus produtos para adaptá-los melhor aos mercados locais (MORLEY, 2008). O interesse nesse tipo de prática das grandes empresas se dá menos em prol da valorização da diversidade cultural e mais como objetivo de lucratividade econômica. Linhas de cosméticos para peles negras ou de cremes capilares para cabelos crespos, sanduíches diferenciados – que passam a incorporar ingredientes da culinária local – nas grandes redes de *fast-food* em determinados países, pacotes de viagens voltados especial e exclusivamente para o público gay criados por grandes operadoras de turismo, dentre uma série de outros exemplos que poderiam ser citados, muito mais do que promover o pluralismo da diferença, procuram se beneficiar financeiramente ao atender demandas e anseios de um público que – aparentemente somente há pouco tempo parece chamar a atenção dos mercados – possui um poder aquisitivo suficiente para fazer circular as economias locais e globais.

Politicamente, a perspectiva multicultural tem sido criticada por líderes políticos que a enxergam como um potencial de ruptura da unidade nacional, indo ao encontro das suspeitas geradas com relação ao excesso de fragmentação do tecido social. Os seguidores desta corrente de pensamento – muitos deles partícipes de uma nova ordem de racismo europeu – são contrários, por exemplo, às políticas de integração e ao pluralismo como modos de lidar com a presença do migrante nas sociedades receptoras (MALGESINI e GIMÉNEZ, 1997). Segundo esses estudiosos, os sujeitos sociais que vivem em contextos urbanos que recebem um número significativo de migrantes não têm que mudar seus referentes culturais em virtude da chegada desses coletivos, pois, se tem que haver algum

tipo de adaptação, esta deve ser da parte dos que chegam, e não dos autóctonos. Há, também, o grupo dos políticos representativos das minorias nacionais, que consideram o multiculturalismo como um paliativo ineficaz e insuficiente ante as demandas de autogoverno que se erigem por parte desses coletivos. Nesse sentido, o multiculturalismo estaria mais no patamar teórico do que no prático, mais como um ideal a ser conquistado no plano das diversidades culturais do que como uma perspectiva política já disseminada no seio da sociedade.

Nesse sentido, a noção de interculturalidade vem se desenvolvendo com relação ao conceito de multiculturalismo, no sentido de procurar contemplar as demandas que o segundo não tem dado conta de responder. Surgido no campo da educação e ainda em processo de gestação, a interculturalidade – que diz respeito aos encontros que se produzem entre sujeitos de distintas culturas – aparece motivada pelas carências que o conceito de multiculturalismo traz ao não refletir de forma aprofundada sobre a dinâmica social, já que o termo “multicultural” parece apenas refletir, como uma foto fixa, uma situação de estática social, ou seja, o fato de que em uma determinada formação social ou território coexistam culturas diversificadas (MALGESINI e GIMÉNEZ, 1997).

Portanto, a interculturalidade pode ser tomada a partir de um viés de operacionalização de um ideário multiculturalista, ou seja, com vistas a colocar em prática, na dinâmica social, essa perspectiva de diálogo entre culturas diversas. Fala-se de interculturalidade para referir-se ao conjunto de objetivos e valores que deveriam guiar os encontros entre as distintas manifestações culturais, pois não se trata mais somente de aceitar e respeitar as diferenças, mas, também, de valorizá-las, e de educar os cidadãos com base nos princípios orientadores de uma convivência produtiva entre seres culturalmente diferentes. Segundo Touraine (1995), nem todas as formas de contato cultural reúnem os elementos necessários para serem pensados como processos de interculturalidade, pois a simples convivência ocasional, bem como os intercâmbios econômicos e as relações coloniais, por exemplo, não configuram um movimento de diálogo e de interação de fato. Tem surgido como necessária uma reflexão mais aprofundada sobre a rica e conflitiva interação entre os diversos segmentos socioculturais, no sentido de perceber a convivência de todas as formas de vida, de conduta e de cognição (MALGESINI e GIMÉNEZ, 1997). Barañano e seus companheiros complementam a discussão, quando firmam que

la interculturalidad se plantea como una ética de la convivencia entre personas de distintas culturas y pretende, entre otras cosas, desmontar el etnocentrismo y las fronteras identitarias. El tema de la interculturalidad está especialmente vivo en Occidente. La diferencia de lo que sucedía en las épocas coloniales, cuando los procesos de contacto tenían lugar en los territorios controlados políticamente por los colonizadores, los encuentros se producen en los territorios de las antiguas administraciones coloniales. Las situaciones pluriculturales así generadas son radicalmente distintas a las de entonces y afectan prácticamente a todas las dimensiones de la vida social, desde las interacciones cotidianas hasta las relaciones institucionales con los nuevos vecinos¹⁹⁵ (BARAÑANO et al, 2007, p. 205).

A interculturalidade, como uma proposta de atuação, surgiu no campo educativo, a partir da necessidade de renovar radicalmente os currículos monoculturais, de permitir que grupos culturais distintos possam tecer relações nas salas de aula, de não apresentar uma visão monolítica e essencializada das culturas, de priorizar nas discussões escolares a relevância do enriquecimento que pode ter a sociedade a partir da presença de bagagens culturais diferenciadas. Barañano (2007) nos fala que é nos espaços educacionais formais, como a escola, que se desenvolvem os primeiros laços de aproximação entre crianças autóctonas e as que são direta ou indiretamente provenientes do fenômeno migratório, ou seja, os migrantes e os autóctonos filhos de migrantes. A interculturalidade procura justamente fazer com que esses encontros com o outro, desde a mais tenra idade, possam se dar de tal maneira que promovam a inclusão e o diálogo, a valorização do que é diferente e a recusa aos objetivos de assimilação e aculturação, que se percebem em muitos projetos de integração entre nativos e migrantes. Segundo Malgesini e Giménez (1997, p. 211), “la propuesta intercultural se centra en el contacto y la interacción, la mutua influencia, el sincretismo, el mestizaje cultural, esto es, en los procesos de interacción sociocultural cada vez más intensos en el contexto de la globalización”.

¹⁹⁵ a interculturalidade se apresenta como uma ética da convivência entre pessoas de distintas culturas e pretende, entre outras coisas, desmontar o etnocentrismo e as fronteiras identitárias. O tema da interculturalidade está especialmente vivo no Ocidente. Diferentemente do que acontecia nas épocas coloniais, quando os processos de contato tinham lugar nos territórios controlados politicamente pelos colonizadores, os encontros se produzem nos territórios das antigas administrações coloniais. As situações pluriculturais assim geradas são radicalmente distintas das de então e afetam praticamente a todas as dimensões da vida social, desde as interações cotidianas até às relações institucionais com os novos vizinhos. Tradução do autor.

A concepção intercultural traz que a aproximação com o outro se constroi justamente levando em consideração a diferença, e não objetivando que o outro perca seus referentes culturais e identitários para que, somente assim, livre de toda a subjetividade, possa se aproximar de si. A metodologia de aprendizagem intercultural consiste não somente na valorização ativa das diferenças culturais, mas também na compreensão do outro a partir de seu próprio contexto cultural, afinal esse outro não surge no nosso círculo de relações descolado de um repertório cultural, de uma trajetória de vida e de uma experiência social que o marca e o determina em suas práticas cotidianas. O outro tem uma história, e desenvolver com ele um diálogo produtivo implica ter consciência e levar em consideração essa história, o modo como aqueles repertórios culturais distintos dos nossos foram sendo dinamizados ao longo dos tempos e a partir de quais questões. Sobre esses processos de comunicação intercultural, vale a pena resgatar Young (1996, p. 1), quando este autor nos diz que

No hay, quizás, tema más importante en las ciencias sociales que el estudio de la comunicación intercultural. La comprensión entre miembros de diferentes culturas fue siempre importante, pero no lo ha sido nunca tanto como ahora. Anteriormente, fue necesario para los imperios, o el comercio. Ahora es un asunto de supervivencia de nuestra especie¹⁹⁶.

O potencial de comunicação intercultural parece bastante claro no *KDM*, quando jovens autóctonos e migrantes – a partir da mediação de uma equipe igualmente diversa, composta, na primeira etapa do projeto, por um adulto (coordenador-geral) argentino e dois jovens, um brasileiro e uma chilena – debatem temas relacionados ao universo da diversidade de culturas, tais como integração, migração, meios de comunicação e participação. O período de discussões e de uma série de dinâmicas e atividades reflexivas entre os jovens antecede a elaboração de uma série audiovisual que busca retratar, a partir das vivências pessoais dos rapazes e moças envolvidos no *KDM*, como se constitui uma

¹⁹⁶ Não existe, talvez, tema mais importante nas ciências sociais do que o estudo da comunicação intercultural. A compreensão entre membros de diferentes culturas foi sempre importante, mas nunca foi como tem sido agora. Anteriormente foi necessário para os impérios, o comércio. Agora é um assunto de sobrevivência de nossa espécie. Tradução do autor.

Barcelona atravessada pelo fenômeno das migrações (e, conseqüentemente, da diversidade cultural) nos últimos anos. Um dos eixos que embasam o desenvolvimento do projeto é a indagação sobre como ficam as paisagens culturais e identitárias na capital catalã e os repertórios de ação juvenil nesse cenário onde o outro, até há pouco tempo algo “remoto”, aparece agora de forma tão frequente e, paradoxalmente, de um modo tão próximo e tão distante.

Já no *Aldeia*, a perspectiva intercultural de compreensão da diversidade de culturas – e a proposta de atuação operacional dentro deste ideário – aparece de um modo mais implícito, diferente do que acontece no âmbito do *KDM*, que tem a interculturalidade como um viés nítido de trabalho desde a concepção do projeto. O interessante é que no *Aldeia* o discurso da importância da diversidade cultural e do diálogo com o diferente surge não como um caminho para enxergar o outro, mas como uma maneira de ressignificar a percepção sobre si mesmo. Na associação cearense o olhar intercultural volta-se para seu próprio universo, tentando justificar um outro modo de ser, diferente de um certo padrão seguido pelos jovens de classe média, oriundos do “asfalto”. A vida no morro, a pesca, a quadrilha, o *hip hop*, a proximidade espacial com o fenômeno da violência urbana, dentre outros referentes identitários distintos dos que são experimentados pelos sujeitos sociais que não vivem no Santa Terezinha, são ativados – a partir das atividades e dos debates desenvolvidos no seio do *Aldeia* – como elementos igualmente dignos de importância, de valorização, de riqueza cultural, mesmo que alguns deles não façam parte das matrizes culturais vivenciadas pela juventude moradora dos bairros mais elitizados da cidade. Uma das preocupações do *Aldeia* – bem como de outras associações que fazem um trabalho semelhante no cenário fortalezense – é trabalhar em conjunto com a juventude para tornar possível uma mudança de olhar desse jovem sobre o seu entorno, possibilitando que ele perceba a sua diferença – com relação a uma dita “normalidade”, a uma pretensa padronização de condutas e normas sociais – não com base em um sentimento de vergonha ou de recusa, mas sim a partir de uma relação de pertença, afinal é somente quando nos sentimos parte de algum lugar que se torna possível mobilizarmo-nos para participar ativamente nos acontecimentos que envolvem o nosso entorno.

Apesar do potencial que tem a proposta intercultural de possibilitar uma interação produtiva e dialógica entre as culturas, é preciso assinalar os riscos que se corre quando

esse pluralismo cultural não encontra respaldo nas dimensões socioeconômicas e jurídicas, ocasionando, por vezes, “que la naturaleza del origen les discrimine en la vida social”¹⁹⁷ (BARAÑANO et al., 2007, p. 207). Ou seja, é possível que, na prática, no âmbito dos direitos jurídicos, políticos e sociais, as relações entre distintos referentes culturais se processem em um plano de desigualdades, domínios e hierarquias etnoraciais. Mesmo que possam ter respeitadas e valorizadas suas festas, suas comidas típicas, sua língua, suas crenças religiosas e sua forma de se vestir, mesmo que se tenham relações ativas entre autóctonos e migrantes nos cenários das culturas e das afetividades, esse ideário de hibridações culturais pacíficas esbarra, por exemplo, em situações como a ausência de papéis oficializando o direito, por parte de alguns coletivos estrangeiros, de entrar e sair do país receptor. Mesmo que se construam relações produtivas, ressignificadoras de um dito perfil dos moradores de periferia, mesmo que se atue em um sentido de valorização da cultura pesqueira ou da dança de rua e da quadrilha junina no Morro Santa Terezinha, o ideário intercultural ainda não tem conseguido mostrar um potencial efetivo que dê conta de resolver a questão da posse das casa erguidas em terrenos inapropriados no morro, por exemplo.

Entretanto, apesar dos âmbitos nos quais a interculturalidade não tem podido desempenhar um papel mais ativo e transformador, acreditamos em seu potencial de promoção de um maior entendimento, envolvimento e diálogo entre as culturas, introduzindo uma perspectiva dinâmica na reflexão sobre as diversidades culturais e tendo sempre em mente a mobilização constante que se deve ativar – no seio das organizações, associações, projetos socioculturais e no cenário da sociedade com um todo – no sentido de caminhar produtivamente entre a tênue linha que separa o viés intercultural das posições assimilacionistas, que aceitam o outro desde que ele se adapte aos referentes culturais e identitários dominantes.

Não é um exagero afirmar que quando não passam por este processo de assepsia, no qual se “livram” de seus repertórios culturais de origem (seja esta origem um outro país ou a periferia pobre das grandes cidades), esses sujeitos da alteridade correm o risco de se verem reduzidos sob o prisma da estranheza, do bizarro ou do engraçado, sendo vítimas de

¹⁹⁷ “que a natureza da origem os discrimine na vida social”. Tradução do autor.

um movimento que impõe barreiras difíceis de serem transpostas entre o “nós normal” e o “outros estranhos”. Nesse sentido, Richard (1993, p. 160) aponta que “celebrar la diferencia como festival exótico no es lo mismo que dar al tema de esa diferencia el derecho a negociar sus propias condiciones de control discursivo”¹⁹⁸. Ou seja, vivenciar com o diferente uma relação que se pauta na distância de quem faz um safári, de quem se diverte com um passeio em torno do exótico mas que não vê a hora de voltar para a civilização reconfortante de seu mundo, não é empreender um diálogo intercultural com o pluralismo de culturas que nos cercam em nossa sociedade.

Nesse panorama de dificuldades de se tecer uma relação interativa com a alteridade, a perspectiva intercultural ganha ainda mais destaque quando passa a ser tomada como elemento de construção de cidadania. Segundo Barañano (et all, 2007, p. 207), se “tiende actualmente a focalizar la problemática de los contactos culturales en el tema de la ciudadanía”¹⁹⁹. Ou seja, é como alicerce para o exercício cidadão que o ideário intercultural pode atuar em um sentido de dialogar com a esfera estatal, possibilitando, com isso, que os Estados nacionais acolham, reconheçam, promovam direitos e exijam deveres de cidadania aos indivíduos que convivem em seu território, sem que o lugar de onde vêm – seja em outra cidade ou país, seja na periferia das grandes metrópoles – os tornem vítimas de discriminação em suas práticas cotidianas.

Nos processos de consolidação da cidadania faz-se absolutamente importante compreender como o respeito à diversidade cultural e religiosa, às minorias étnicas e sexuais, além da negociação entre as demandas particulares e as necessidades coletivas, vêm sendo colocados em prática. Acerca deste assunto, Mayer (2007, p. 197) afirma que devemos desenvolver a prática de uma “ciudadanía más [...] plural, que permita a las minorias culturales y religiosas exponer sus demandas y reivindicaciones”²⁰⁰. Sousa (2006, p. 6) colabora com esta visão, ao afirmar que “a cidadania não se refere apenas à satisfação dos direitos que levam à igualdade mas também aqueles que se reportam à diferença como componentes também da democracia”. Perceber como se comportam as relações que se

¹⁹⁸ “celebrar a diferença como festival exótico não é o mesmo que dar ao tema dessa diferença o direito a negociar suas próprias condições de controle discursivo”. Tradução do autor.

¹⁹⁹ “tende atualmente a focalizar a problemática dos contatos culturais no tema da cidadania”. Tradução do autor.

²⁰⁰ “cidadania mais plural, que permita às minorias culturais e religiosas expor suas demandas e reivindicações”. Tradução do autor.

dividem entre a universalização homogeneizante, que desmantela as individualidades culturais, e a exclusão pelas diferenças, que segrega e aparta o que é distinto, é um caminho frutífero que pode possibilitar a compreensão de como vem sendo delineada e conduzida a problemática da cidadania cultural no meio juvenil. Interessante, acerca deste ponto, quando Sousa Santos (2005, p. 223) afirma de maneira bastante esclarecedora que:

Surge el nuevo imperativo categórico que, en mi opinión, debe informar una articulación posmoderna y multicultural de las políticas de igualdad y de identidad: tenemos derecho a ser iguales cada vez que la diferencia nos inferioriza; tenemos derecho a ser diferentes cuando la igualdad nos descaracteriza²⁰¹.

Ao longo dos últimos anos muitas foram as discussões – e as posições teóricas – acerca de como se conforma o espaço público contemporâneo – e seus vínculos com um ideário multi ou intercultural –, mas não há um consenso de idéias, alimentado, talvez, pela maleabilidade comportada pelos conceitos, especialmente quando as mídias, em seu processo de mediação da sociedade, passam a ter uma presença extremamente forte na articulação desta esfera. Falar de espaço público é dissertar sobre várias coisas ao mesmo tempo, mas certas questões são recorrentemente analisadas e sempre voltam à tona nos debates sobre o tema, como o esvaziamento ou não do político neste espaço. Mas afinal, a esfera pública mediada é apolítica ou não? Pode o espaço público se configurar orientado por um viés que preze a diversidade das culturas e os diálogos entre distintas configurações identitárias nos dias de hoje?

Contribuindo com este debate, os teóricos do multiculturalismo e da interculturalidade percebem com nitidez um certo esvaziamento do político partidário, que parece não conseguir mais dar conta de unificar indivíduos com demandas de identidade, reconhecimento e pertença culturais tão díspares. É difícil pensarmos hoje, em tempos de identidades múltiplas e híbridas, no Estado-nação político como contexto unificador desses sujeitos, bem como se torna bastante simplista uma análise do espaço público vinculado

²⁰¹ Surge o novo imperativo categórico, que, em minha opinião, deve informar uma articulação pós-moderna e multicultural das políticas de igualdade e de identidade: temos direito a ser iguais cada vez que a diferença nos inferioriza; temos direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. Tradução do autor.

apenas ao público-político, às atuais atividades do poder, quando as necessidades sociais se fazem cada vez mais intensas. O controle, a racionalização e a normatividade do espaço público, visto como um totem político (ESTEVEZ, 2003), já não conseguem comportar mais as especificidades dos sujeitos de demandas da atualidade, que parecem se configurar, cada vez mais, como atores coletivos que exercitam a política através das práticas ordinárias, dos pequenos feitos, das micropolíticas do cotidiano. Contribuindo com esta reflexão, Martín-Barbero (2006, p. 66) nos diz que:

o multiculturalismo coloca em evidência [...] que as instituições liberal-democráticas ficaram estreitas [...] para acolher as múltiplas figuras da diversidade cultural que tensionam e rompem nossas sociedades, justamente porque não cabem nessa institucionalidade.

As modificações que vêm ocorrendo desde o século XX têm resultado em uma nova forma de relação entre os cidadãos, o Estado e as instituições representativas. Sem a identificação direta entre um indivíduo e um tipo de instituição, classe, ou ideologia, e com o enfraquecimento da identificação dos atores coletivos com o Estado – em sua qualidade de agente da unidade política nacional – as décadas recentes presenciam o que tem sido chamado de crise da representação política. As estruturas sociais tradicionais – vivenciando um processo de fragmentação institucional – já não são mais capazes de assegurar a coesão grupal. É no bojo de todos esses movimentos, de perda de força do Estado e da política como ambiências de arena pública, que assistimos ao esfacelamento de uma pretensão de unidade cultural, que estaria vinculada à noção de Estado-nação (HOPENHAYN, 2002). Cogo (2010b, p. 89) contribui com a reflexão, quando fala de

uma cidadania que, nas últimas décadas, passou a se decidir cada vez menos por demandas agregáveis em instâncias como os grandes sindicatos, os partidos políticos ou os movimentos sociais clássicos e cada vez mais em espaços e temas relacionados à vida cotidiana e ao mundo simbólico.

O político tem sido cada vez menos aquilo que nos congrega, que nos convoca e que nos faz sentir juntos para se converter em máquina eleitoral (MARTÍN-BARBERO, 2008).

É neste sentido que as correntes multiculturais percebem um deslocamento do espaço público para o espaço sociocultural, a partir do “declínio do político e sua substituição por um paradigma sociocultural [que] modifica a concepção e a percepção do espaço coletivo e das entidades que o compõem” (SEMPRINI, 1997, p. 116). O paradigma sociocultural vê as relações entre os grupos sociais de forma horizontalizada, como uma constante negociação de sentidos entre centro e periferia, ou seja, de modo distinto do paradigma político tradicional, que enxerga esses vínculos a partir de uma perspectiva vertical, ilustrada pela figura da pirâmide, na qual as relações entre topo e base são avistadas em termos de dominação, exploração ou controle. Um dos problemas da esfera pública é justamente a desigualdade dos interlocutores no debate público (ESTEVES, 2003).

Há no centro do sistema sociocultural uma cultura dominante (monocultura), de modo semelhante ao que acontece no espaço público. Mas, de maneira diferente do que se processa no último, no espaço sociocultural, que se orienta pela perspectiva da diversidade cultural, esta cultura dominante deve ser percebida como em constante negociação com as culturas das ditas minorias e dos grupos étnicos, que vêm reconhecidos seus direitos às diferenças e ao reconhecimento de sua identidade. A posição que sustenta (e que idealiza, podemos dizer) a corrente multiculturalista é a de um maior diálogo entre as diversas manifestações culturais, entre as identidades múltiplas, entre as necessidades distintas dos grupos sociais minoritários.

Acreditamos, no entanto, que as diferenças entre espaço público e espaço sociocultural se dão mais em termos de nomenclatura e de correntes teóricas diversas do que de distinções de fato. Ambos os espaços trazem conflitos de poder em seu bojo e exibem as marcas de grupos sociais que lutam por reconhecimento e por visibilidade. Vale ressaltar que a perspectiva intercultural se constroi não para negociar sentidos entre centro e periferia (mesmo que seja a partir de relações horizontalizadas, como prega o espaço sociocultural), pois a própria concepção da interculturalidade enxerga que não deve haver um centro monocultural, que não deve existir um núcleo cultural hegemônico, mas diversas formas de culturas e matrizes identitárias tecendo uma relação dialógica e produtiva, de respeito e aprendizagem, de intercâmbio e hibridação, sem que uma cultura seja melhor ou mais importante do que a outra.

Além disso, o espaço público pode ser igualmente trabalhado e orientado através de uma perspectiva intercultural, que tenha no respeito pelas diferenças e pelas minorias e no diálogo ativo com elas um de seus vetores de transformação. Nesse sentido, Martín-Barbero (2008) nos faz refletir sobre a importância das culturas vistas não como coisas estanques e isoladas, mas em transformação, em constantes aproximações umas com as outras, preservando suas identidades, mas, ao mesmo tempo em comunicação. “Una cultura está viva mientras se transforme, si se anquilosa, ésta muere. [...] La cultura existe y vive en la medida en que se comunica”²⁰² (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 14).

É nesse cenário que se vai tecendo a importância de uma cidadania intercultural, comunicativa e cosmopolita, arena na qual os sujeitos sociais expressam suas demandas e as têm respeitadas, mesmo que a partir de processos por vezes conflituosos. A complexidade da sociedade hodierna nos permitiria, até mesmo, a falar em diversos espaços públicos, dada a impossibilidade de um estar junto único, em um mesmo espaço público (SOUSA, 2006). Acreditamos, no entanto, que o espaço público que valorize e incentive a diversidade cultural, mesmo não usando o termo no plural, como traz Sousa, consiga dar conta das múltiplas necessidades, das distintas carências de visibilidade, das diversas formas de expressão e das complexas demandas de cidadania de sujeitos sociais que são iguais e diferentes ao mesmo tempo.

É bastante suscitadora (e, por que não dizer, polêmica?) a afirmação de Prysthon (2002, p. 8), quando esta autora diz que “em certo sentido, o contemporâneo pode ser definido como a superação radical do esquema alta cultura x baixa cultura, [...] na medida em que vemos aparecer essas novas políticas da diferença e da subalternidade”. Apesar de termos em conta os movimentos que vêm sendo feitos neste sentido, não seria um pouco utópico afirmar uma “superação radical” das desigualdades culturais em nossa sociedade? Não será verdade que ainda assistimos, corriqueiramente, uma certa hierarquização das culturas, uma valorização das ditas culturas eruditas – que estão nas galerias de arte, nos museus, nos concertos de música clássica – e uma certa estigmatização das culturas populares – o forró, o funk, a quadrilha e outras produções culturais que, muitas vezes, são taxadas de suburbanas, periféricas, “culturas de pobre”? Nesse sentido, vale destacar,

²⁰² “uma cultura está viva ao passo que se transforma, se passa a se acomodar esta morre. A cultura existe e vive na medida em que se comunica”. Tradução do autor.

também, os processos pelos quais podem passar os bens de consumo – sejam mercadorias ou bens culturais – para serem reapropriados por outra categoria de consumidores. O sertanejo, originalmente tomado como “música caipira”, e o forró, estigmatizado no Centro-Sul como “ritmo de nordestino”, voltam com uma nova roupagem ao *show business* nacional e com um complemento no título, que os qualificam como “universitário”. O conteúdo das letras e os arranjos são praticamente os mesmos – no caso do forró, muito semelhantes ao forró pé-de-serra, que remete às origens do gênero musical –, mas a estética (desde o figurino dos cantores e dos dançarinos à cenografia do palco) é transformada, com o objetivo de atingir um outro perfil de público.

Como será, então, que os meios de comunicação atuam nesse panorama de diálogos (ou seriam conflitos?) entre as culturas, como se configuram as culturas midiáticas nesse contexto em constante transformação? Uma das questões que justamente desponta de forma mais expressiva no processo de midiaticização da sociedade é que as demandas dos cidadãos no espaço público carecem cada vez mais do sistema midiático para serem publicizadas. Temos em mente que nem todos os movimentos e ações coletivas que trabalham em prol de uma construção de cidadania são visibilizados pela mídia hegemônica (daí a necessidade dos jovens de fazerem-se visíveis através de suas próprias produções midiáticas) e, também, que nem todas as práticas que conseguem ascender ao “mundo” dos meios de comunicação adquirem, necessariamente, um caráter cidadão. Mas não podemos negligenciar que são cada vez maiores as “ofertas” midiáticas de se tornarem palco das demandas dos cidadãos na contemporaneidade, percebidas claramente em seções como “Ajuda”, “Seus Direitos”, dentre outros espaços, nos jornais e revistas de circulação nacional, bem como em diversos âmbitos da internet e do rádio, voltados para expor os problemas da população²⁰³. Sobre este fenômeno, Martín-Barbero (1997, p. 92) aponta as “reconfigurações do sentido de pertencimento e identidades cidadãs, num contexto conflitivo entre povo-público, de uma cidade cada vez mais mediada por veículos de comunicação e informação”.

²⁰³ Entretanto, vale ressaltar que priorizar somente a questão da visibilidade é não desenvolver todas as potencialidades do vínculo entre mídia e cidadania, que fica atrofiado quando restrito somente à informação (BARSÍ LOPES, 2008b).

Apesar de termos claro que a comunicação comunitária e cidadã é intrínseca à trajetória dos movimentos sociais no Brasil e na América Latina (como suporte para suas causas e para a luta por transformações), as necessidades e o sentimento de pertença e de reconhecimento dos cidadãos precisam, muitas vezes, dos meios de comunicação privados e hegemônicos para serem visibilizados. Vislumbramos, então, um espaço – seja ele denominado como público ou como sociocultural – extremamente midiaticizado. As diversas culturas em negociações, os grupos étnicos, os movimentos sociais e culturais, enfim, todas as instâncias que lutam por uma sociedade plural e diversificada, necessitam, por vezes, da mídia empresarial e comercial atuando como um instrumento possibilitador para referenciar sua importância.

O espaço público não se define mais só pela argumentação, pela força social do debate, mas também pela presença dos condicionantes do mundo simbólico, a mediação da cultura, como também pela pluralidade das instituições que compõem os diferentes campos da vida social, inclusive o das comunicações (SOUSA, 2006, p. 11).

Neste ideário de um espaço público atravessado pela perspectiva da interculturalidade interessa-nos, então, o espaço público midiaticizado, ou seja, a esfera pública atrelada ao campo das mídias e das culturas midiáticas, mediada pelos meios de comunicação (apesar de termos em conta que na configuração do espaço público hodierno existe uma confluência do midiático com o não-midiático). Nesse cenário faz-se interessante refletir sobre as maneiras como os diversos grupos identitários – ou as comunidades parciais, nos termos de Wolton (1999) –, organizados como movimentos, associações e projetos socioculturais, podem se utilizar das mídias e das novas tecnologias em busca de visibilizar suas demandas, de recontar suas histórias, de protagonizar uma participação efetiva nos encaminhamentos políticos, enfim, de ser fazer presentes como atores coletivos no espaço público, colocando luz em suas causas particulares frente ao universalismo homogeneizador.

Nesse sentido, acreditamos que uma proposta de cidadania que possa dar conta de todas as transformações ocorridas em uma sociedade globalizada e em um espaço público midiaticizado deve ultrapassar a visão moderna de concepção cidadã como voltada apenas

para os direitos sociais, civis e políticos. Destacamos, então, a emergência de três outras dimensões do conceito de cidadania, articuladoras do sentido que buscamos no desenvolvimento desta investigação: as idéias de cidadania cosmopolita, cidadania intercultural e cidadania comunicativa. É, especialmente, na dinâmica de construção e exercício dessas outras modalidades de cidadania que associações e projetos sociais como o *Aldeia* e o *KDM* operam, objetivando ativar as relações entre culturas e comunicação na busca de uma cidadania plena, que independa de filiações étnicas, raciais, culturais, classistas e de origem ou local de moradia, mas que, ao mesmo tempo, resguarde os vínculos identitários e o direito de ser diferente de cada grupo.

A noção de cidadania cosmopolita é proposta por Cortina (2005) e está intrinsecamente vinculada a idéia da cidadania intercultural, pois diz respeito à pluralidade de culturas que constituem as cidades complexas e globais nos dias de hoje, pluralidade esta que demanda tolerância, respeito e, principalmente, conhecimento, para que se possam ultrapassar as barreiras do preconceito e da estigmatização com relação ao outro, especialmente quando este outro tem uma origem territorial distinta – quando comparado com o padrão hegemônico da sociedade –, como produto do fenômeno das migrações transnacionais. A cidadania cosmopolita – que está bastante vinculada aos coletivos migrantes, que recorrentemente têm suas culturas e repertórios identitários qualificados como de segunda categoria – assume um caráter mais reivindicatório, de status legal, para além das demandas de cidadania pautadas nos marcos culturais.

Ou seja, a cidadania cosmopolita diria respeito ao direito que os atores coletivos têm de participar socialmente e de serem cuidados pelo Estado independentemente de sua origem geográfica. Trata-se do direito de ter os papéis legalizando e oficializando a sua situação como estrangeiro, da obrigatoriedade do Estado do bem-estar de prover o atendimento clínico em hospitais e postos de saúde, da possibilidade de competir por um emprego sem restrições e burocracias devido ao fato de ser migrante, enfim, da necessidade que tem qualquer indivíduo de viver com liberdade e dignidade, sem precisar se comportar como fugitivos, escondendo-se sempre da polícia por não portar os certificados de permanência no país receptor. O conceito de cidadania cosmopolita “faz refletir que a cidadania não deve ser pensada como algo que tem contornos territoriais, pois não há uma relação direta entre direitos e deveres e a unidade do território” (CANELO, 2003, p. 24).

É certo que esse cenário tem acarretado constantes embates entre localismos e movimentos migratórios (MELUCCI, 2001), pois há uma certa tendência dos autóctonos de se fecharem em grupos – muitas vezes fundamentalistas – em prol de preservar seus referentes culturais de uma dita invasão da cultura dos migrantes, com receio de que seus costumes, hábitos e práticas culturais se esvaziem com a entrada em massa de pessoas que trazem em sua bagagem outros repertórios identitários. A alteridade e a heterogeneidade, nesses casos são menos um motivo de celebração do que de medo (MORLEY, 2008), pois, nas palavras de muitos dos jovens entrevistados em Barcelona, o grande receio é que a Catalunha deixe de ser o que é em virtude da presença desse outro, que quer continuar vivendo em solo catalão como se ainda estivesse em seu país de origem. Mas o grande empecilho para a cidadania cosmopolita, nas palavras de Cortina (op. Cit), mais do que a dificuldade de convivência com a diversidade cultural, é a aproximação com as desigualdades econômicas e sociais. É a pobreza do migrante o principal fator gerador de choque cultural (OLMOS, 2003). O migrante econômico, que vive nos subúrbios das grandes cidades e trabalha como mão de obra barata constitui o perfil que mais dificilmente é aceito pelo autóctono, devido a sua condição financeira. “No cabe duda que esa imagen del inmigrante pobre que huye de la miseria [...] es la que persiste en el imaginario de los españoles”. Trata-se “del inmigrante pobre, que busca sustento y acomodo entre nosotros”²⁰⁴ (OLMOS, 2003, p. 148). A consolidação da cidadania cosmopolita faz-se alicerçada, então, a partir do acesso universalizado aos direitos jurídicos – que dêem conta de resolver a situação legal dos cidadãos sem papéis – e sociais – que possam fazer com que esses sujeitos tenham condições de vida digna no país receptor.

Contrariando a concepção de uma cidadania cosmopolita, o que mais temos visto é o reforço das políticas restritivas ao ir e vir dos cidadãos nos últimos anos. Sobre este tema, Cogo (2010b, p. 85) nos fala sobre “uma globalização vivenciada como ponto de intersecção entre a liberdade do sujeito e a ação de barreiras e limites impostos a essa liberdade por instituições e tecnologias do poder”. Ao contrário dos fluxos de contatos, informações e comércios nas redes e nas vias digitais, que cada vez mais se ramificam e se

²⁰⁴ “Não há dúvida de que essa imagem do imigrante pobre que foge da miséria é a que persiste no imaginário dos espanhóis. Trata-se do imigrante pobre, que busca sustento e acolhida entre nós”. Tradução do autor.

horizontalizam²⁰⁵, os fluxos de pessoas nos espaços concretos da vida *offline* se tornam cada vez mais complicados. Entrevistas presenciais para a concessão e renovação de vistos, seja de turista, estudante e trabalho, fechamentos e patrulhamentos de fronteiras, fiscalização rígida e inflexível nos setores de imigração nos aeroportos, exigência de passagens aéreas de retorno, seguro de viagem, reservas em hotel, dinheiro e cartões de crédito, dentre outros requisitos, fazem com que os cidadãos em fluxos transnacionais – mesmo os que só objetivam passeio e turismo – se sintam cada vez mais desgastados e, por vezes, vítimas de humilhação²⁰⁶. Basta clarificar os ideais de uma cidadania cosmopolita para perceber que eles vão de encontro ao fechamento e à noção estática do Estado-nação, afinal, a liberdade de ir e vir é própria da condição humana e faz parte de sua dinamicidade. Brignol (2010, p. 130) enriquece a discussão, quando afirma que

Um dos resultados dos debates do primeiro Fórum Social das Migrações²⁰⁷, em 2005, foi o reconhecimento da necessidade de se buscar o que foi definido como uma cidadania planetária, com a garantia de direitos àqueles sujeitos que decidiram, por diferentes razões, migrar e com a garantia do próprio direito de migrar, pelo reconhecimento do desejo de deslocamento como próprio da condição humana. Para ver transformada essa condição da cidadania cosmopolita de ideal a um projeto comum realista, é preciso que sejam aliadas iniciativas de educação, adoção de medidas jurídicas e também mudanças na ordem internacional em diferentes níveis.

Vale ressaltar, no âmbito dessa perspectiva que rechaça as restrições jurídicas – como o acesso ao trabalho, à educação, à saúde, dentre outras demandas sociais – sofridas cotidianamente por grande parcela dos coletivos migrantes, mesmo que eles estejam fora de seu contexto territorial de nascimento, que a cidadania nos termos jurídicos não leva, necessariamente, à experiência cidadã no que diz respeito à interculturalidade. Ou seja, a vivência no espaço da legalidade, por parte dos atores coletivos nas cidades globais, não traz, de forma natural e intrínseca, o respeito pelas diversidades culturais e o diálogo

²⁰⁵ Como veremos adiante, apesar do lema de descentralização, horizontalização e democracia, as redes virtuais também têm seus “nós”, ou seja, seus pontos que geram poder e hierarquias.

²⁰⁶ É clássico e recorrente, nesse sentido, o exemplo do “caso Barajas”, quando, no primeiro semestre de 2008, uma série de brasileiros foram deportados do aeroporto de Madrid-Barajas aparentemente sem motivos que justificassem tal atitude.

²⁰⁷ O Fórum Social das Migrações foi realizado previamente ao Fórum Social Mundial.

produtivo entre distintas formas particulares de vínculos identitários. É nesse sentido que se aponta para a necessidade de um exercício de cidadania que não se vincule somente às demandas que levam à igualdade perante a lei, mas que, também, se volte para refletir sobre a importância da diferença como um componente de democracia (CORTINA, 2005; SOUSA, 2006).

Nesse sentido é que sentimos a necessidade de consolidação de uma cidadania intercultural, que se abra a partir de um olhar que enxergue a diferença como um elemento de riqueza para o tecido social, e não como um fato desagregador. Isso significa, principalmente, compreender que nenhuma cultura é melhor do que outra e que não deveria haver uma hierarquização das matrizes culturais com as quais nos identificamos. Nas sociedades complexas dos dias de hoje a heterogeneidade é algo já concretizado, especialmente nos espaços urbanos. E não nos referimos a uma diversidade cultural oriunda tão somente do fenômeno das migrações transnacionais – apesar de termos em conta que os projetos migratórios são grandes responsáveis pela acentuação das diversidades culturais nas sociedades receptoras de migrantes –, mas, também, como consequência de uma série de outros fatores que se desenvolveram no bojo dos processos de industrialização, globalização, urbanização e midiaticização.

As diferenças materializam-se hoje na presença não mais tímida e escondida do migrante, do homossexual, do negro, da mulher, do deficiente e do pobre em espacialidades cada vez mais cheias de “outros”. São atores coletivos que, inseridos em um processo de diversificação da atuação dos movimentos sociais, de liberalização sexual, de relativização dos papéis do homem e da mulher, de um maior acesso aos meios de comunicação, tornam-se, cada vez com mais ênfase, sujeitos de demandas. Esses grupos, definidos em termos de nação, etnia ou religião, que, até então, só tinham existência na esfera privada, ganham no cenário hodierno uma projeção pública muitas vezes capaz de questionar uma pretensa unidade cultural, que estaria subordinada à rigidez do Estado-nação. Em função disso, a cidadania intercultural objetiva dinamizar uma relação dialógica entre as diversas culturas que configuram as paisagens culturais atualmente e entre elas e a sociedade como um todo, procurando detectar quais as contribuições que cada uma das distintas manifestações traz para o enriquecimento do tecido social, buscando encontrar relações de complementaridade e de aproximação e formações de processos de hibridização. A partir desta compreensão

não-piramidal das múltiplas culturas é que os atores coletivos poderiam eleger “quais pertencas consideram mais identificadoras, quais, ao contrário, lhes parecem secundárias por comparação, em relação a quais grupos está disposto a empreender uma luta pelo reconhecimento, e em relação a quais não está” (CORTINA, 2005, p. 156).

A cultura faz parte das negociações em torno da cidadania. E, como já dissemos anteriormente, na contemporaneidade o exercício e o sentimento cidadãos configuram-se, também, em torno de particularismos identitários e de representações simbólicas. Nesse panorama é necessário, então, construir um sentido de cidadania que proteja os sujeitos sociais das formas de discriminação que sejam puramente culturais. Canelo (2003) nos faz refletir que a noção de igualdade não deve ser tomada como uma nivelção do mesmo ou como a aplicação universal de uma norma, de forma indistinta, mas que, pelo contrário, deve ajustar-se às condições e necessidades de cada contexto. Scherer-Warren (1998) parece complementar este raciocínio, quando nos fala sobre a idéia de um universalismo relacional, configurado a partir de um cidadania de múltiplas lealdades. Parece ficar claro, aqui, que algumas vezes é “preciso diferenciar para tornar igual, por meio de um estatuto especial para as minorias” (CANELO, op. Cit, p. 24). Posições como essas auxiliam no complexo processo de lutar contra o imperialismo cultural do ocidente, que privilegia, muitas vezes, em seu ideal de cidadão, um sujeito homem, adulto, branco, cristão, heterossexual e de classe média como padrão a ser seguido.

Os direitos de cidadania devem ser pensados levando-se em conta as necessidades específicas de cada grupo, demandas essas muitas vezes vinculadas ao seu passado e ao seu futuro (CANELO, 2003). Dois exemplos bastante ilustrativos nesse sentido são os casos das cotas para negros nas universidades e as paradas da diversidade sexual, que acontecem em diversas cidades no mundo inteiro. A questão das cotas é bastante criticada por setores mais conservadores da sociedade, por ser, na visão desses grupos, um elemento discriminador contra os brancos na disputa por uma vaga nas universidades públicas. O que se coloca em debate sobre este polêmico tema é que é preciso romper com um processo de desigualdade social e cultural – no que concerne ao acesso à educação superior – que vai se perpetuando de geração em geração, contribuindo para um processo de elitização cada vez mais consolidado nas universidades federais, que, por serem as mais disputadas, acabam recebendo aqueles poucos alunos que tiveram condições de pagar por educação formal

privada – cuja qualidade de ensino, normalmente, é superior a que é oferecida pelas escolas públicas, municipais e estaduais – durante o ensino fundamental e médio. Como no Brasil é muito forte o vínculo entre pobreza e afro-descendência²⁰⁸, facilitar o acesso dos negros ao ensino superior é procurar quitar uma dívida de séculos com essas parcelas da população, vítimas, desde o tráfico negreiro oriundo da África, de acessos desiguais a diversos âmbitos da sociedade.

Nesta mesma lógica de raciocínio, à pergunta que alguns círculos sociais – muitos deles vinculados aos evangélicos, dentre outros grupos conservadores – fazem sobre o motivo dos homossexuais terem direito a um dia do orgulho gay²⁰⁹, a resposta parece simples: porque os heterossexuais têm todos os outros dias do ano para demonstrar seu orgulho hétero, afinal, eles estão de acordo com o padrão valorizado no seio da sociedade. Nos dias das paradas em prol da diversidade sexual é quando os gays, as lésbicas, os transsexuais, os travestis, etc. podem andar de mãos dadas, podem vestir-se como queiram, podem beijar na boca em espaços públicos sem correr o risco de serem hostilizados, ofendidos ou, pior, agredidos fisicamente²¹⁰, por estarem fugindo à “normalidade”.

Nesse ponto (re)abre-se o questionamento sobre um certo caráter normativo da cidadania intercultural (questionamento esse que vem desde as origens da interculturalidade), que acabaria por ter suas perspectivas de ação inseridas na sociedade a partir de imposições, e não de consensos entre atores coletivos e instituições. O ideal é que não fossem necessários artifícios como cotas ou determinados dias do ano especiais para que as ditas minorias étnicas e sexuais, por exemplo, pudessem ter seus direitos

²⁰⁸ Uma análise do economista Marcelo Paixão, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mostra que a taxa de pobreza entre negros é 48,99% mais alta que entre brancos. O estudo mostra que a concentração de pobreza entre negros não é, como se poderia imaginar, restrita aos rincões do país e às comunidades descendentes de quilombos, mas, também, um problema das grandes metrópoles.

Fonte: Folha Online

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u77642.shtml>

Acesso em: 17 nov. 2011

²⁰⁹ Inserida no contexto de manifestações contrárias ao dia do orgulho gay encontra-se a proposta do vereador Carlos Apolinário, do Democratas, de criar o dia do orgulho hétero, a ser comemorado no terceiro domingo de dezembro. Apolinário disse que o projeto foi apenas uma forma de se manifestar contra "excessos e privilégios" destinados à comunidade gay.

Fonte: Globo.com

Disponível em:

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/camara-de-sp-aprova-dia-do-orgulho-hetero.html>

Acesso em: 17 nov. 2011

²¹⁰ São cada vez mais comuns e rotineiras notícias sobre agressões físicas contra gays, ocasionando, muitas vezes, a morte das vítimas.

resguardados. Ou que as empresas não precisassem ter descontos nos pagamentos de impostos ao Estado para empregar funcionários com deficiências físicas, mas que o acesso ao trabalho, por parte dos deficientes, fosse encarado do mesmo modo como o é para os sujeitos sem qualquer tipo de deficiência. Mas em uma sociedade como a que vivemos, que estigmatiza grupos que não aderem a uma cultura e a um perfil hegemônicos e dominantes, é preciso, muitas vezes, fugir do universal e particularizar as ações e as reivindicações interculturais, afinal, qualquer política de igualdade que não considere as diferenças culturais corre o risco de acabar se convertendo em uma política de desigualdade (SOUSA SANTOS, 2005).

Vale a pena destacar, entretanto, a importância de se trabalhar a questão da cidadania intercultural a partir de um meio-termo, de um equilíbrio entre posições extremas, ou seja, de uma postura que não tenda à busca pela homogeneização e nem à apologia deslumbrada e radical à distinção, pois nem toda exaltação da diferença eleva o nível de qualidade de vida da humanidade. Um exemplo bastante claro das ambiguidades que cercam o tema nos é dado por Cortina (2005), quando esta autora fala sobre a ablação do clitóris das meninas muçulmanas. Trata-se de uma questão cultural, de um elemento particular que diz respeito a tradição religiosa de uma minoria cultural, mas que fere os princípios básicos dos direitos humanos. Como aceitar – mesmo com base nos preceitos religiosos – a mutilação dos corpos dessas meninas para que elas não sintam prazer durante a relação sexual? O exercício de qualquer forma de cidadania – seja ela intercultural ou não – deve levar em conta determinados aspectos que são anteriores, que vêm antes de vínculos identitários, heranças culturais ou crenças religiosas, mas que dizem respeito à vida, ao ser humano antes mesmo que ele se converta em ser social, em cidadão. Enriquecendo a discussão, Touraine (2006, p. 173) afirma que “aquilo que cada um de nós exige, e sobretudo os mais dominados e os mais desprotegidos, é ser respeitado, não ser humilhado e até, exigência mais ousada, ser escutado – e mesmo ouvido e entendido”.

É nesse contexto de contradições entre universalismos e particularismos que a cidadania intercultural vem se desenvolvendo, equilibrando-se na tênue linha que separa a discriminação pelo universal e a discriminação pelo particular. Isso para não falar do risco constante de promoção vazia de uma convivência silenciosa entre as culturas. A tarefa de fazer com que a diversidade de culturas presentes na sociedade – seja por meio da presença

do migrante, do negro, do homossexual ou do favelado – converta-se em respeito e interesse efetivo pelo diferente, em diálogo com o outro, em aprendizagem a partir da alteridade é complexa, por atravessar nossos processos internos (psicossociais) de identificação, reconhecimento e pertença. Entretanto, a preseça da mídia – que se converte cada vez mais em uma instância socializadora, ao lado da família e da escola, sendo que esta última, paulatinamente, segue tendo sua influência sobre crianças e jovens reduzida frente aos meios de comunicação, especialmente os digitais (GARCÍA CANCLINI, 2007) – e os usos e apropriações de seus recursos tecnológicos podem ser potencializados no sentido de possibilitar a construção de outros referenciais e de novas paisagens culturais, bem como a fragmentação (ou, pelo contrário, o reforço) dos padrões culturais dados como “normais” pela sociedade. É nesse sentido que se alicerça um exercício de cidadania que se abre, especialmente, a partir da comunicação.

A cidadania comunicativa tem como um de seus marcos constituintes a participação na esfera da comunicação, que pode trazer em seu bojo a ativação da cidadania, especialmente quando se vincula aos processos de comunicação popular e comunitária, mas sem esquecer, também, o papel que as mídias hegemônicas podem exercer nesse contexto, apesar de todas as ambiguidades que circundam a atuação dos meios massivos na seara cidadã. Alfaro (1993), talvez em uma posição extremada, considera que os meios de comunicação são, atualmente, o verdadeiro ponto de contato da cidadania com seu país e com o mundo, o elemento de mediação entre o Estado e o exercício cidadão. Este autor nos faz refletir, ainda, que as interações midiáticas e a vida cotidiana vão definindo sentidos de futuro e de mudanças possíveis. A comunicação funcionaria, então, como um elemento essencial para se atingir a mudança social, pois a participação cidadã e o compromisso cívico podem adotar muitas formas e modos distintos de manifestação e de atuação na sociedade, mas em cada uma delas os modelos de interação têm a comunicação como base (LORENZO, 2009).

A cidadania comunicativa envolve as relações estreitas entre comunicação e cidadania, entendendo a presença das mídias em nossa cotidianidade hodierna como uma ferramenta especial para o auxílio ao exercício cidadão. A centralidade assumida nos dias de hoje pelos meios de comunicação redefine o papel da cidadania nas sociedades atravessadas pelo fenômeno da midiaticização. Rodrigues (2000) nos fala do poder que tem o

campo das mídias para interferir nos diversos campos sociais, agendando pautas e debates na opinião pública e atuando como uma ampliação do espaço público. Mata (2001) acrescenta ao debate, quando nos faz pensar que é possível perceber nesse processo um movimento de fortalecimento da cidadania através, por exemplo, do que ela aponta como um potencial de vigilância e de controle de atos do governo e de outros setores do poder, por parte dos meios de comunicação. A mídia fiscaliza, acompanha e cobra explicações, exercendo uma pressão sobre diversas instâncias, especialmente as políticas, que tem seu espaço invadido pelos meios de comunicação a partir do momento que perdem força e legitimidade (LORENZO, 2009). As práticas de cidadania dependem da reativação da esfera pública – onde os indivíduos podem atuar coletivamente com relação aos assuntos que os afetam como comunidade política –, e, em boa medida, o espaço público contemporâneo é dinamizado e atualizado pela presença e intervenção dos meios de comunicação. Mas, apesar de assumirmos a mediação da mídia como um elemento dinamizador nesse processo, não se pode deixar de apontar a importância de refazer o sentido do público como interatividade presencial, e não somente midiática (GARCÍA CANCLINI, 2007).

Sobre este aspecto de implicações entre o campo das mídias e os diversos campos sociais, é interessante o posicionamento de Guerra (1999), quando este autor nos fala que a missão dos meios de comunicação não é substituir e desqualificar as instituições, mas contribuir para que estas funcionem e se consolidem. Tal visão vai de encontro às iniciativas de boa parte da mídia hegemônica, que se coloca muitas vezes como “salvadora da pátria”, instância responsável por desempenhar o papel que as instituições públicas – especialmente a Justiça e a Polícia – não foram capazes de fazer, desmerecendo-as, rebaixando-as ao nível da incompetência, sem se dar conta, por exemplo, que a velocidade dos fluxos midiáticos não é a mesma da do andamento de um processo jurídico, que, mesmo lento²¹¹, tem uma série de etapas – levantamento de provas, apuração, escuta das testemunhas, etc. – a cumprir rigorosamente, para diminuir ao máximo a probabilidade de um inocente pagar por algo que não cometeu (BARSILOPES, 2008c).

²¹¹ Não estamos, de forma alguma, justificando a lentidão da justiça, que, como se sabe, muitas vezes pode ser originada por desorganização e/ou desinteresse por parte dos magistrados. O que queremos ressaltar é que, independente de ser lenta, a justiça tem uma processualidade própria, que é bastante diferente da velocidade com a qual os acontecimentos são encarados no campo midiático.

Já para Camacho (2005), é na informação que a cidadania comunicativa tem um elemento nuclear, pois a partir dos fluxos informativos é que se torna possível reduzir as incertezas. Concordamos com o autor quando ele nos diz que o consumo de uma oferta midiática e, especialmente, de notícias produzidas por um jornalismo de qualidade atuam no exercício ativo e responsável de construção da cidadania, mas ponderamos que isto, por si só, não é o suficiente para qualificar um vínculo forte e efetivo entre cidadania e comunicação (BARSI LOPES, 2008c), especialmente quando esse fluxo informativo atua somente em uma direção, da mídia hegemônica, que produz a informação, para os públicos, que a consomem. Informar e visibilizar os acontecimentos é importante para deixar ciente um público sobre seu entorno, sua cidade ou país e sobre o mundo, aumentando a bagagem de conhecimento das audiências. Mas o fundamental nesse processo de veiculação da informação é possibilitar a criação de fontes alternativas, de modos outros de circulação das notícias e de construção dos fatos, para além do circuito informativo gerenciado pelos meios massivos.

É nesse âmbito da cidadania comunicativa que presenciamos cada vez mais a emergência de um jornalismo colaborativo, feito de modo coletivo, em espaços como *sites* e *blogs* na internet, onde é possível encontrar uma fonte informativa que se oriente por outras lógicas, que se construa com base em outras gramáticas, que contemple outras temáticas, que objetive outras versões de um mesmo fato, enfim, que se mostre distinta das fontes de informação hegemônicas, tantas das quais vinculadas a empresas, partidos e governos. As mídias digitais e a consolidação da sociedade em rede – que fizeram surgir outros elementos e sentidos nos fluxos comunicacionais, principalmente descentralizações e horizontalizações – têm possibilitado um diálogo crescente entre meios de comunicação e cidadania, possibilitando que os primeiros atuem como ferramentas para a consolidação cidadã. É nesse sentido que se materializa um maior acesso, por parte dos públicos, à esfera da produção de conteúdos comunicativos, incluindo uma nova parcela – que antes ficava restrita ao mero consumo das mídias – no agendamento e na gestão midiáticos, afinal, a exclusão da comunicação significa a exclusão da cidadania (NUNES, 2007).

Essa cidadania alicerçada a partir de atravessamentos midiáticos constitui-se, então, em um cenário de representação simbólica, no qual distintos grupos e coletivos ressignificam suas identidades, materializam suas demandas, discutem sobre as questões da

sociedade e se identificam como membros de uma mesma comunidade. Quando vemos os cidadãos produzindo vídeos e compartilhando nas redes sociais, gerando milhares de comentários e novos compartilhamentos; discutindo e debatendo assuntos de interesse social, político e econômico por meio de *blogs*; editando filmes, fotos e inúmeros outros materiais audiovisuais a partir de softwares disponibilizados para download na internet; participando ativamente de comunidades virtuais em torno de questões étnicas e identitárias; postando fotos no Facebook ou no Orkut; usando os aparelhos celulares para organizar *flash mobs*²¹² e outros tipos de mobilização; dentre uma série de outras atividades possíveis de serem realizadas na ambiência das mídias digitais, é que percebemos com clareza os fortes vínculos entre cidadania cultural e comunicacional, relações essas que se expressam principalmente

como direito à liberdade de acesso à informação e de fruir os bens culturais, mas também como direito comunicacional, ou seja, de acesso dos cidadãos aos meios de comunicação enquanto produtores e difusores de mensagens, e não apenas como receptores, respeitadas as diferenças (PERUZZO, 2007, p. 90).

2.4 Mídias digitais e as relações com a cidadania: a emergência dos receptores-produtores

Se há ou não manipulação por parte da mídia sobre o seu público, se a ideologia dos poderes dominantes se perpetua ou não através do sistema midiático, se os receptores são assujeitados ou ativos, se as leituras que a audiência faz do que é emitido pelos meios de comunicação vão ou não ao encontro daquilo que é pretendido pelas produções massivas, o que podemos confirmar nesse cenário de ambigüidades é a presença intensa do sistema midiático na contemporaneidade, fazendo com que muitas das formas de sociabilidade na sociedade hodierna sejam atravessadas pelo fenômeno da midiatização, ou seja, pela consolidação de um cenário no qual as relações passam a se fundamentar menos a partir das

²¹² *Flash Mobs* são aglomerações instantâneas de pessoas em um local público para realizar determinada ação inusitada previamente combinada. As ações podem ser em manifestação de alguma causa social ou de cunho comercial, por exemplo. Os *flash mobs* dispersam-se de forma tão rápida quanto se reuniram. A expressão geralmente aplica-se a reuniões organizadas através de e-mails ou outros meios de comunicação, especialmente os digitais.

instituições formais e mais a partir da sociotécnica. Sousa (2006, p. 14) complementa, afirmando que

a comunicação mediatizada exerce seu papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade, em espaços públicos plurais, onde formas distintas de acesso, individual ou coletiva, de alguma forma interferem na criação e na circulação de sentidos, na configuração de práticas.

Apesar do “lugar-comum” que é falar das revoluções que as transformações advindas com as novas tecnologias da comunicação vêm causando ao planeta e às relações entre os indivíduos que habitam este universo, fica difícil, no entanto, não continuar a discussão trazendo à tona a série de mudanças que assistimos na sociedade nos últimos 15 anos, mais ou menos, desde, especialmente, o início da popularização da internet residencial, em meados da década de noventa do século passado. As mutações ocasionadas a partir da emergência e da disseminação das mídias digitais são por demais significativas, alterando nossas formas de ser e de estar no mundo contemporâneo e reconfigurando, também, a atuação dos movimentos sociais no cenário hodierno e as práticas de cidadania dos atores coletivos. Segundo Morduchowicz (2008, p. 13), “las recientes transformaciones tecnológicas – entre ellas la interactividad – son sin duda claves para comprender el mundo actual”²¹³.

A pergunta sobre o que são as mídias digitais busca uma resposta que conceitue algo que, entretanto, não se apresenta ainda de uma forma organizada e estruturada, mas que, ao contrário, segue em processo de construção, dada a relativa novidade do termo. As mídias digitais dizem respeito, objetivamente falando, a todo e qualquer meio que se utilize da informática, transformando informações para a linguagem binária de zeros e uns, princípio universal da digitalização (PERNISA, 2002). Reyes (2004) acrescenta, afirmando que toda e qualquer informação, seja ela escrita, imagética ou sonora, pode ser traduzida por essa combinação de números. Pensando as mídias a partir de seu caráter peculiar de multiplicidade, podemos apontar que os meios digitais utilizam-se da pluralidade como suporte, através do som, da imagem e do texto. Esta associação de som, imagem e texto é

²¹³ “as recentes transformações tecnológicas – entre elas a interatividade – são sem dúvida chaves para compreender o mundo atual”. Tradução do autor.

também chamada por alguns autores de multimídia, apesar de que teóricos, como Lévy (1999), contestarem essa denominação. Para ele não faz sentido pensar em algo como “multi” se somente um espaço – o digital – está sendo utilizado para reunir os meios visuais, sonoros e textuais.

É difícil encontrar uma definição objetiva e consensual das mídias digitais na área da comunicação, porque ela seria inerentemente técnica, e no campo das pesquisas comunicacionais este tipo de abordagem é, com frequência – e não sem razão –, acusada de tecnicista, por não manter qualquer vínculo com o tecido social e com a cultura. Mas, para além das filiações científicas, o que caracteriza as mídias digitais é que elas são completamente baseadas na tecnologia digital, enunciadas em plataformas digitais, tais como a internet, os computadores, os celulares, as câmeras e filmadoras, os *tablets*, etc. Nesse sentido, o termo mídias digitais – que, muitas vezes é usado como sinônimo de novas mídias e tecnologias da comunicação, inclusive aqui nesta tese – expressa um sentido de interconexão, ou seja, da possibilidade de congregar imagens, sons e textos em uma única linguagem e de tornar compatíveis (pelo menos até certo ponto, como veremos adiante) diversos suportes tecnológicos, que não necessitam mais, cada um deles – câmeras, computadores e aparelhos reprodutores de DVD, por exemplo –, de uma codificação específica para funcionar. As redes e os suportes digitais podem ser pensados como elementos que se interpenetram, construindo pontes entre si e propiciando que os diversos meios – digitais – troquem mensagens e informações. Entretanto, mais do que a nomenclatura mais apropriada ou as especificidades entre uma e outra definição das mídias digitais, importa refletir sobre as inúmeras e significativas transformações que o processo de digitalização trouxe para a sociedade contemporânea e para os usos e apropriações que se fazem dos meios de comunicação nesse cenário.

Com o advento da tecnologia novas formas e possibilidades de sociabilidade se fazem presentes. Assim, as relações interpessoais abrem um grande espaço para as relações via rede; o vínculo perde força para o fluxo; as distâncias diminuem e países separados por milhares de quilômetros se aproximam, pelo menos telematicamente, com as fibras óticas e com os satélites; o e-mail torna a carta e o telegrama obsoletos; o *Skype*²¹⁴ permite que se

²¹⁴ Empresa global de comunicação via Internet, permitindo comunicação de voz e vídeo grátis – através de conexões de voz sobre IP (VoIP) – entre os usuários do software. O Skype está disponível em 27 idiomas e é usado em quase todos os países.

fale com alguém em qualquer parte do mundo sem o uso – e o custo elevado – do telefone; enfim, o planeta se torna pequeno e o tempo das pessoas e das coisas se torna acelerado. Interessante quando Gumbrecht (1998) nos fala da “situação pós-moderna”, intrinsecamente ligada e em muito proporcionada pelos fenômenos da midiatização. Para este autor, essa situação seria composta por outras temporalidades sociais, ou seja, por uma espécie de inchaço do presente.

A centralidade que as tecnologias da comunicação assumem na contemporaneidade faz com que tenhamos, cada vez mais, nossa existência no mundo social atravessada pela mediação dos suportes técnicos. Carros, aviões, casas e uma infinidade de espaços físicos são construídos atualmente tendo como elemento norteador o princípio da amplificação da conectividade e da interatividade, a partir do qual seja possível fazer o máximo possível de atividades, independente de onde se esteja. Quem está dentro do carro, por exemplo, não se limita mais somente a poder falar com outra pessoa, via telefone celular. Atualmente é possível checar e-mails, postar nas redes sociais, controlar a temperatura do ar condicionado do quarto, programar a máquina de lavar roupa para funcionar a partir de determinado horário, monitorar por quais áreas da cidade o cônjuge está dirigindo, ver o que o filho está fazendo na creche através de câmeras, pagar contas e editar a apresentação da palestra do dia seguinte. Ou seja, vivenciamos uma era de onipresença da tecnologia em nossa vida cotidiana – momento em que assistimos à velocidade das mudanças e à compressão do espaço-tempo (HARVEY, 2005) –, na qual a espacialidade física já não é mais um empecilho para que se possa estar em vários lugares ao mesmo tempo. Melucci (2001, p. 32) corrobora esta posição, quando afirma que

Las nuevas tecnologías de la información crean la posibilidad de que la acción se desvincule del espacio y el tiempo, dando así lugar a la presentificación del tiempo y a la virtualización del espacio. Por vez primera en la historia de la humanidad se produce [...] la posibilidad de sustraer la acción humana al espacio y al tiempo²¹⁵.

²¹⁵ As novas tecnologias da informação criam a possibilidade de que a ação se desvincule do espaço e do tempo, dando assim lugar a presentificação do tempo e a virtualização do espaço. Pela primeira vez na história da humanidade se reproduz a possibilidade de subtrair a ação humana do espaço e do tempo. Tradução do autor.

Mas nessa ambiência, na qual parece ser impossível a sobrevivência humana – especialmente da juventude²¹⁶ – longe de todos esses signos da pós-modernidade, vale a pena destacar a materialização de uma dimensão simbólica das tecnologias contemporâneas, para além da dimensão racional (MORLEY, 2008). Em muitos casos, mais do que objetiva e racionalmente necessitem estar conectados às redes virtuais (seja por motivos pessoais ou profissionais), os atores coletivos necessitam saber que têm o acesso aos suportes tecnológicos ao seu alcance, mesmo que não o utilizem efetivamente. Nesse sentido, as mídias digitais também funcionam como peças que compõem uma identidade pessoal e coletiva, especialmente para os mais jovens, que percebem nesses aparatos uma contiguidade com seus corpos, suas roupas, sua aparência e seus processos de reconhecimento entre os pares. *Notebooks* cada vez mais finos e leves, *smartphones* com menos peso e mais funções, aparelhos reprodutores de MP3 com inúmeros recursos e mais espaço disponível para o armazenamento de músicas e afins, dentre outros apetrechos, configuram uma estética e uma performance apropriada por muitos dos fãs das tecnologias da comunicação, que podem funcionar como poderosos fetiches para seus proprietários. “Los objetos materiales, como el teléfono móvil, los reproductores portátiles, pueden verse como los tótems de las ‘tecnotribus’ actuales” (MORLEY, op. Cit, p. 255).

Apesar de sentirmos o peso e a relevância que adquirem as mídias digitais no tecido social hodierno, não queremos correr o risco de acabar caindo em uma visão determinista acerca da tecnologia – tão comum quando se procura analisar os impactos que as novas mídias têm na maneira da sociedade se (re)organizar –, filiando-nos a correntes teóricas que compreendem as transformações tecnológicas como fatores separados das mutações ocorridos no âmbito da cultura. As tecnologias não aparecem e se desenvolvem por acaso e

²¹⁶ Um estudo desenvolvido pela CISCO, em 2011, aponta que a opinião dos estudantes (65%) e jovens profissionais (61%) brasileiros está acima da média mundial (33%) quando perguntados se consideram a internet tão importante para suas vidas como água, alimento, ar e moradia. Cerca da metade de todo grupo pesquisado nos 14 países (49% dos universitários e 47% dos trabalhadores) acredita que a internet tem um grau de importância "bem próximo" a isso. Combinados os dois grupos, quatro em cada cinco universitários e jovens trabalhadores dos países pesquisados acreditam que a Internet tem importância vital como parte de seus recursos essenciais diários.

Fonte: “Ar, alimento, água, Internet -- Estudo da Cisco revela a importância que a Internet e as redes ganharam como recursos essenciais do dia a dia”

Disponível em:

<http://globalnewsroom.cisco.com/easyir/BR/pt/local/press-release/Ar-alimento-agua-Internet-Estudo-da-Cisco-revela-importancia-que-Internet-e-as-redes--801063.html>

Acesso em: 22 nov. 2011

de forma autônoma, pois por trás de máquinas e aparatos tecnológicos existem seres humanos, e por trás de seres humanos sempre existirão culturas. Fica cada vez mais difícil tecer – no âmbito dos estudos em comunicação – perspectivas de pesquisa que não enxerguem tecnologias e culturas como noções intrinsecamente atreladas, como elementos que se retroalimentam, configurando um panorama midiático-social complexo e difuso. Acerca da relação entre sociedade e tecnologia, faz-se interessante resgatar Castells (1998, p. 25-26), quando este autor nos diz que:

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”.

Nos últimos anos têm se materializado um verdadeiro pânico social com relação às novas tecnologias e às mutações advindas com elas, como normalmente se costuma ter contra tudo o que é novo, por falta de conhecimento e informação. De um modo semelhante as coisas sucederam quando da época da invenção e difusão do rádio, da televisão ou da publicidade, quando os analistas sociais acreditavam que o público passaria a ser, então, facilmente dominado e manipulado. A propaganda de massa era temida como algo capaz de gerar efeitos os mais perversos e catastróficos em uma audiência que, naquela época, era percebida como anômica e sem qualquer possibilidade de resistência. O novo geralmente causa receio, e com a emergência das tecnologias da comunicação o processo de introdução dessas mídias na sociedade não tem se dado de uma forma diferente. É de se estranhar, entretanto, que já em 2007 teóricos como García Canclini ainda apostem em visões deterministas que enxergam que “en el extremo, se llega a fenómenos de autismo y desconexión social, debido a que la gente prefiere estar ante la pantalla más que en relación

con interlocutores y en lugares físicamente localizados²¹⁷ (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 75).

Autores como Fragoso (2005), discutindo a convergência midiática; Braga (2006), dissertando sobre a feminilidade mediada por computador, através de *blogs* e *sites*; Huertas (2010), refletindo sobre a relação entre jovens e mídias digitais na Espanha; e uma série de outros pesquisadores apontam que os indivíduos, em sua maioria, não abandonam suas vidas *offline* para viverem apenas circunscritos ao cotidiano *online* das redes virtuais. As pessoas continuam mantendo relações presenciais umas com as outras, seguem saindo com os amigos para passeios em espaços públicos ou privados, demandam encontros “ao vivo” nos relacionamentos amorosos mediados pelo computador, enfim, vivem suas vidas em um sentido de complementaridade entre a presença e a ausência das novas tecnologias da comunicação. Ao contrário do que apregoavam algumas correntes teóricas há alguns anos, a internet não isolou os indivíduos da sociedade²¹⁸, pois as pessoas continuam indo ao supermercado escolher, cheirar, apalpar, elas mesmas, as frutas que querem comprar e seguem indo nas concessionárias escolher o carro novo, atestando que a internet é uma mídia que se entrelaça profundamente com as relações de sociabilidade interpessoais. As tecnologias digitais ainda não tem podido substituir sentidos como o tato, o olfato ou o paladar, por exemplo, portanto, para determinados vínculos entre os atores coletivos, são imprescindíveis a presença física do outro. Além disso, não é do interesse dos grandes conglomerados midiáticos globais – que estão por trás dos mais conhecidos provedores de acesso à internet – que os sujeitos sociais isolem-se socialmente a partir do momento em que passem a navegar na rede mundial de computadores. As multinacionais midiáticas – que também são responsáveis pela administração de salas de cinema e pela distribuição de filmes, bem como possuem editoras em suas ramificações empresariais – querem que as pessoas continuem indo ao cinema e sigam comprando revistas, por exemplo, fazendo com

²¹⁷ “no extremo se chega a fenômenos de autismo e desconexão social, devido ao fato das pessoas preferirem estar diante da tela mais do que em relação com interlocutores e em lugares físicamente localizados”. Tradução do autor.

²¹⁸ No sentido de não generalizar nossas proposições, vale destacar que também há casos de confinamento e de isolamento provocados – ou realçados – pela presença da internet, estudados por psicanalistas, psicólogos, etc. O que queremos destacar é que situações como essas não atingem níveis significativos, como se acreditava que atingiriam no momento em que o uso da internet começou a se disseminar na sociedade.

que os interesses econômicos dos conglomerados de mídia possam ser supridos através de seus mais diversos tipos de atuação.

É importante destacar que as tecnologias não são neutras (MARTÍN-BARBERO, 2006), ou seja, sua presença na sociedade não passa despercebida, mas, ao contrário, gera consequências e implicações. O que gostaríamos de ressaltar, apoiados em autores como Castells (1998) e Morley (2008), é que os sistemas tecnológicos não se desenvolvem à parte do tecido social e nem mantêm com esse tecido uma relação de dominação apenas. É nesse sentido de afetações mútuas – e não de poder absoluto de uma sobre outra parte – que surgem os usos não previstos da tecnologia, como nos fala Castells (et al, 2007). Nem sempre as ferramentas tecnológicas são apropriadas da mesma forma como foram disponibilizadas, numa simples relação causa-efeito. Os e-mails, por exemplo, foram inventados para as pessoas se comunicarem de forma mais rápida, e provavelmente não se contava com a hipótese de ele ser tão usado por *hackers*²¹⁹ para invadir computadores, roubar dados, senhas e praticar diversos crimes no âmbito digital. Os *sites* de relacionamento como o Orkut e o Facebook, com o qual se apregoava que as pessoas poderiam reencontrar velhos amigos, são usados, basicamente, para falarmos com as mesmas pessoas, aquelas que já fazem parte do nosso cotidiano, com as quais convivemos no nosso dia-a-dia, e não com antigos conhecidos²²⁰. Morley (2008) ainda exemplifica com o caso da geladeira, que, inventada prioritariamente para conservar alimentos, desponta como um espaço de comunicação familiar, onde, na correria do dia-a-dia, que acarreta que as pessoas de uma mesma casa muitas vezes não se encontrem, se deixem recados pregados na sua porta. Ou seja, parece ficar claro a relação simbiótica entre tecnologias digitais e sociedade, na qual uma não pode ser estudada sem que levemos em consideração aspectos da outra. A internet – para citar o exemplo mais proeminente e polêmico da era digital – pode ser tomada como um prolongamento da sociedade tal e como ela é, por isso é importante pensar os meios e suportes tecnológicos em um panorama mais amplo, sem isolá-los da dinâmica dos contextos econômicos, sociais e políticos onde operam.

²¹⁹ Hackers são programadores maliciosos e ciberpiratas que agem com o intuito de violar ilegal ou imoralmente sistemas cibernéticos.

²²⁰ Fala da Profa. Dra. Suely Fragoso em aula ministrada na disciplina “Tecnologias e culturas midiáticas”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 30 de setembro de 2008.

Mas, nessa nossa ambiência e experiência social, penetrada e ressignificada pelas tecnologias da comunicação, como será que os movimentos e projetos sociais e culturais – cujas demandas ultrapassam em muito os aspectos meramente políticos e vinculam-se, também, às necessidades e questões identitárias na contemporaneidade – podem ser atravessados e reconfigurados pelas novas mídias? De que maneira os movimentos organizados em rede e a utilização de aparatos tecnológicos podem atuar na construção da cidadania por parte dos atores coletivos da sociedade civil? Vale a pena refletir sobre essas relações especialmente no caso de países como o Brasil, bastante antenado com as tecnologias midiáticas²²¹ e que vem passando por um intenso processo de inclusão digital²²² ao longo de seu território nos últimos anos²²³. Já a Espanha, com relação especificamente à internet, apresenta índices de acesso à banda larga muito superiores quando comparados aos números do restante de países da União Européia. A nação espanhola conta, também, com significativos dados no que diz respeito à comunicação digital móvel, exibindo uma quantidade de linhas de aparelhos celulares que chega a ser superior ao do número de habitantes do país (CASTELLS et all, 2007, p. 42 e 43). Além desses números, interessa especialmente às questões discutidas nesta investigação o fato de a população migrante que reside na Catalunha apresentar uma taxa de conectividade superior a da população de nacionalidade espanhola (HUERTAS et all, 2010, p. 14)²²⁴. É através das novas tecnologias da comunicação que os migrantes conseguem participar de vários lugares ao mesmo tempo, a cidade e o país de nascimento e a cidade e o país onde vivem atualmente, daí o peso

²²¹ Idem. 9 de setembro de 2008.

²²² Os processos de inclusão digital são extremamente importantes para a democratização dos meios de comunicação, mas temos em conta, no entanto, que eles, por si só, não resolvem a questão se não forem acompanhados de um movimento de educação dos sujeitos sociais para o uso e a apropriação das mídias, sejam elas as tradicionais ou as chamadas novas mídias digitais. Sem a educação como alicerce a inclusão digital torna-se um processo atrofiado, que não explora toda a sua potencialidade.

²²³ Fala de Jeremiah Spence, doutorando da Universidade do Texas, em conferência intitulada “Salas de acesso público à internet no Brasil: um olhar estrangeiro”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 19 de agosto de 2008. Spence, que visitou telecentros de acesso à internet em diversos países do mundo, afirma que o Brasil tem um dos mais modernos projetos de inclusão digital, dentre as nações visitadas por ele. O pesquisador aponta que existem desigualdades regionais no processo de inclusão – como, por exemplo, entre o Sudeste e o Norte –, mas que, de modo geral, ao contrário do que muitos podem pensar, o país vem trabalhando de modo eficaz contra as desigualdades de acesso às novas tecnologias digitais.

²²⁴ O relatório da pesquisa “Juventud, migración y cohesión social: las relaciones entre los adolescentes migrantes y autóctonos en el tiempo libre” resgata dados de uma investigação levada a cabo pela Fundação Orange, em 2009, que aponta que a população migrante na Espanha supera as porcentagens de usos das tecnologias da comunicação e da informação com relação à população espanhola.

atribuído às mídias digitais pelos coletivos transnacionais, que, com a mediação dos suportes técnicos, conseguem configurar suas vivências nesse “entre”.

Pensar nas afetações entre movimentos sociais e mídias digitais é refletir, de imediato, acerca das redes. E falar em redes requer ter clareza acerca da complexidade e da amplitude do termo, tendo em vista que são muitas e variadas as concepções que dizem respeito ao conceito. Os estudos sobre as redes foram levados a cabo, inicialmente, por matemáticos e somente depois é que começaram a conquistar o interesse de diversos ramos das ciências sociais (RECUERO, 2006). O conceito de rede tem conseguido atrair a atenção de diversos pesquisadores e sido foco de análise através de diferentes abordagens, seja antropológica como sociológica. Mas interessa-nos aqui, especificamente, o conceito das redes sociais, ou seja, a rede atrelada ao tecido social, à comunicação e à cultura. E esse conceito possui uma trajetória de formação e de emergência na sociedade, vinculada à disseminação das novas tecnologias midiáticas.

Na atualidade nós vivenciamos um longo processo de transformação, que se iniciou com a passagem da sociedade dos meios – responsáveis pela disseminação de mensagens para as massas – para a sociedade midiaticizada – em que os meios não apenas divulgam, mas elaboram sentidos, conformam uma ambiência e ressignificam nossa experiência – e desta para uma sociedade em rede – na qual essa experiência social, organizada pela mediação das tecnologias e das mídias, torna-se responsável por uma interconexão em escala antes impensável e a partir de uma participação individual ou coletiva (CARDOSO, 2009). Ou seja, o presente é marcado como uma era de disseminação da comunicação em rede, na qual a noção de transmissão massiva e vertical de conteúdos – que tem norteado desde há muito tempo o campo das pesquisas em comunicação – deve ser reproblematicada. Nesse cenário – que Cardoso (op. Cit) chama de quarto modelo comunicacional – a rede pode ser pensada como elemento articulador a partir de alguns pressupostos, como também nos fazem pensar Cogo e Brignol (2010), como: a possibilidade de compartilhamento de conteúdos e a construção do conhecimento coletivo; o diálogo entre “velhas” e “novas” mídias nos usos em nossos cotidianos, de forma combinada; as apropriações interpessoais e coletivas, de forma concomitante, dos meios de comunicação; as interações horizontalizadas e flexíveis; dentre uma série de outras características definidoras deste novo cenário comunicacional. Todos esses atributos

possibilitam comportar apropriações e usos das mídias digitais no contexto desses reordenamentos da sociedade em rede, enfatizando o caráter sociocultural dos movimentos sociais e o incremento das tecnologias da comunicação.

Castells (2003b) argumenta que, na sociedade em rede, as identidades coletivas, as referências culturais, étnicas e sexuais e os percursos da própria globalização se tornam os principais focos de mobilização, levada a cabo por meio de redes de comunicação baseadas na mídia e em novas tecnologias. As comunidades territoriais, constituídas muitas vezes como espaços fechados e ideologicamente orientados, podem acabar por serem norteadas por uma perspectiva monocultural, dificultando o acesso e a negociação com as diversidades culturais e com as minorias étnicas e sexuais, por exemplo. As redes podem fomentar a idéia de interculturalidade, a fragmentação de poderes, a interação de demandas, a conexão entre o global e o local – possibilitando que movimentos e associações da sociedade civil locais tenham repercussão globais e que movimentos de presença e importância internacionais tenham acesso e atuem localmente – e a configuração de comunidades por afinidade, não mais aquelas comunidades ditas tradicionais, das quais somos muitas vezes impelidos a participar por uma relação “natural”, mas as comunidades das quais elegemos participar, de forma voluntária. Hopenhayn (2002, p. 10) acrescenta, quando nos diz que

podem surgir dinâmicas locais e globais sem passar necessariamente pela escala do Estado-nação. Isso ocorre, em grande medida, com o uso da rede para contrapesar politicamente a lógica neoliberal da globalização econômica, para se manifestar contra as tendências excludentes e concentradoras do capital financeiro mundial, para fiscalizar [...] os abusos de poder e de discriminação, para se mobilizar pela proteção do meio ambiente diante da depredação voraz por parte das empresas transnacionais, e para promover o direito das minorias de todo o tipo e afirmar a sua autonomia e a sua presença no diálogo público. Para tudo isso as redes atuam de forma imediata entre o local e o global.

As redes ampliam a possibilidade de exercício cidadão, na medida em que podem ser criadas no cotidiano, desde baixo, por pessoas que, individual ou coletivamente, têm se apropriado do poder comunicador da internet e da comunicação móvel e digital para gerar novas formas de vida, novas sociabilidades e organizações políticas, a partir de outras

formas de luta, debate e ação. Está se difundindo diariamente informação eletrônica alternativa que transcende os territórios nacionais e fazem emergir, em milhares de *blogs*, *sites* e correios eletrônicos, os argumentos falsos com os quais os governantes justificam as guerras, o desemprego, a corrupção e as desigualdades sociais, por exemplo. Nas redes de mobilizações coletivas a internet²²⁵ tem um papel de plataforma central e indispensável, por causa de seu caráter interativo, multidirecional e multiplicador.

Nesse sentido, proliferam e aperfeiçoam-se os programas informáticos voltados para esta comunicação horizontal – software social (CASTELLS et al, 2007). O conhecimento tem o potencial de fluir cotidianamente através de wikis²²⁶ e sistemas de transmissão P2P (*person to person*)²²⁷, gerando comunidades virtuais que ampliam e diversificam o espaço da comunicação interativa. As redes digitais, então, transformam os modos de ver, de ler, de escrever e de ouvir, as formas de agrupar-se, de expressar-se e de estar junto. Outras formas de ser sociedade e de fazer política vêm à tona a partir de mobilizações relâmpagos ou de *flash mobs*, por exemplo. Convocadas por correio eletrônico ou por telefones celulares, reivindicações negligenciadas por instituições, governos e partidos políticos conquistam respaldo e força também fora dos meios de comunicação (GARCÍA CANCLINI, 2007).

²²⁵ Temos em conta que a organização em redes é anterior ao surgimento da internet, mas parece-nos que é a partir da disseminação desta mídia que as redes adquirem outras características, como o fato de poder agrupar, de forma instantânea, pessoas espacialmente espalhadas ao redor do globo.

²²⁶ Uma *Web Wiki* permite que os documentos sejam editados coletivamente com uma linguagem de marcação simples e eficaz, através da utilização de um navegador *web*. Uma das características definitivas da tecnologia *wiki* é a facilidade com que as páginas podem ser criadas e alteradas, pois, geralmente, não existe qualquer revisão antes de as modificações serem aceitas, e a maioria dos *wikis* são abertos a todo o público ou, pelo menos, a todas as pessoas que têm acesso ao servidor *wiki*. Nem o registro de usuários é obrigatório em todos os *wikis*. Os problemas que se podem encontrar em *wikis* são artigos feitos por pessoas que nem sempre são especialistas no assunto, ou, até mesmo, a prática de vandalismo, que traz a substituição proposital do conteúdo do artigo. Porém, o intuito é, justamente, que a página acabe por ser editada por alguém com mais conhecimentos.

²²⁷ Um dos objetivos dos sistemas *person to person* é permitir o compartilhamento de dados e recursos em uma larga escala, eliminando qualquer requisito por servidores gerenciados separadamente e a sua infraestrutura associada. Sistemas *person to person* têm o propósito de suportar sistemas e aplicações distribuídas utilizando os recursos computacionais disponíveis em computadores pessoais e estações de trabalho em número crescente. Geralmente, uma rede *person to person* é constituída por computadores ou outros tipos de unidades de processamento que não possuem um papel fixo de cliente ou servidor, pelo contrário, costumam ser considerados de igual nível e assumem o papel de cliente ou de servidor dependendo da transação sendo iniciada ou recebida de um outro par da mesma rede. Os nós da rede *person to person* podem diferir em termos de configuração local, capacidade de processamento, capacidade de armazenamento, largura de banda, entre outras características particulares.

As redes online, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização. Além disso, o que observamos em nossas sociedades é o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (CASTELLS, 2003a, p. 109-110).

Ou seja, as redes operam a partir de uma perspectiva de complementaridade com a vida *offline*, o que potencializa que muitas das conexões e das possibilidades mobilizadoras que tenham início na internet saiam do “mundo virtual” e se concretizem no espaço “real” dos seus usuários, construindo novas oportunidades para que a mídia atue em relação à dinamização de uma participação cidadã dos atores coletivos. Em suas páginas na internet, em *blogs* ou no Facebook, por exemplo, *Aldeia* e *KDM* incentivam a participação virtual, através da postagem de fotos e vídeos de seus trabalhos, de notícias sobre os acontecimentos mais recentes no âmbito da associação e do projeto, da circulação de comentários entre os envolvidos nas ações audiovisuais, etc. Essa dinamização no meio digital, entretanto, não esvazia a participação “ao vivo”, ao contrário, pode servir, algumas vezes, como combustível alimentador de um interesse que transcenda a tela do computador, que busque na atuação concreta, na prática efetiva, o complemento ou a continuação para os usos que se fazem na esfera virtual. Sobre a relação entre o virtual e o concreto no panorama das mobilizações da era digital, Martín-Barbero (2006, p. 69) afirma que

para os apocalípticos – que tanto abundam hoje – aí estão os usos que muitas minorias e comunidades marginalizadas fazem das tecnologias introduzindo [...] distorções no discurso do global, através das quais emerge a palavra de outros, de muitos outros. E essa reviravolta evidencia nas grandes cidades o uso das redes eletrônicas para construir grupos que, virtuais em seu nascimento, acabam territorializando-se, passando da conexão ao encontro, e do encontro à ação.

As redes de movimentos sociais podem ser pensadas como processos de ação política e de práticas sociais em constantes reconfigurações, caracterizadas por disputas em prol da redefinição da cidadania, pela deslegitimação de decisões tomadas autoritariamente pelo Estado, pelo fortalecimento das relações comunitárias, pela forma de agir a partir da perspectiva ativa e sem violência e pela busca de democratização das

práticas cotidianas (BRIGNOL, 2010). Trabalhar com a noção de redes no que diz respeito às mobilizações coletivas põe em destaque a questão da descentralização, pois as redes, pelo menos teoricamente, funcionam menos como relações hierarquizadas (ainda que possam manter hierarquias) do que como vínculos horizontalizados. Vemos na proposição de Scherer-Warren (1996, p. 10) uma justificativa bastante plausível para pensar os movimentos sociais contemporâneos como rede.

A análise em termos de rede de movimentos implica buscar [...] os significados dos movimentos sociais num mundo que se apresenta cada vez mais como interdependente, intercomunicativo, no qual surge um número cada vez maior de movimentos de caráter transnacional, como os de direitos humanos, pela paz, ecologistas, feministas, étnicos e outros.

Poster (2003, p. 331) complementa este raciocínio, afirmando que “a velocidade, as características retóricas e a conectividade da internet podem ser usadas para organizar movimentos sociais”. O panorama atual dos movimentos sociais de rede mostra a força da relação entre cidadania e mídia, energia esta expressada nas possibilidades de usos das novas tecnologias da comunicação para o desenvolvimento das organizações da sociedade civil e, principalmente, para o reconhecimento e a troca entre elas. Nesse cenário emergem novas maneiras de estar junto, a partir, especialmente, de vínculos que não advêm de um território fixo ou de um sentimento racional e duradouro, mas de relações efêmeras, de identidades plurais, de dinâmicas simbólicas e alimentadas em vários repertórios (MARTÍN-BARBERO, 2004).

A maior parte dos movimentos sociais e políticos do mundo, de todas as tendências, usa a internet como forma privilegiada de ação e organização. [...] A internet é fundamental porque se podem lançar mensagens como esta: ‘aqui estou eu, este é o meu manifesto. Quem está de acordo comigo? O que podemos fazer?’ A transmissão instantânea de idéias em um âmbito muito amplo permite a coalização e a agregação em torno de valores (CATELLS, 2003, p. 276-277).

Os movimentos sociais na contemporaneidade são mais movimentos de valores, e a organização em rede, através especialmente da internet, auxilia a congregar os diversos

grupos, que se unem e podem trabalhar de forma conjunta a partir das demandas afins, proporcionando a visibilidade das temáticas pelas quais lutam, sejam elas as causas ecológicas, o feminismo, o acesso ao pleno emprego, a diversidade sexual, o aborto, as migrações transnacionais, uma visão diferente sobre os jovens moradores de periferia, dentre uma série de outras questões que, interligadas pelas redes, conseguem muitas vezes sair do anonimato (ou ganhar um número significativo de adeptos) e chegar à cena da esfera pública midiática. O tradicionalismo da comunidade territorial, com contornos e fronteiras definidos, cede espaço para a desterritorialização e a diversidade da rede, apesar de sabermos que a importância do local permanece preservada. Martín-Barbero (2008, p. 16-17) fala de

un tejido cada vez más denso de redes de medios comunitarios que ya no viven sólo de lo que pasa en su lugar, en su pequeño territorio, sino que se piensan conectados, intercambiando y proyectándose al mundo. [...] Hoy ya hablamos de medios ciudadanos como aquellos que no sólo son capaces de pensar las demandas sociales, los conflictos políticos o las creatividades culturales de su lugar, sino que son capaces de mirar y hablar al país entero²²⁸.

Apesar de sua perspectiva dinamizadora de práticas cidadãs, não podemos aqui cair em uma visão polarizada e extremista (da qual somos ferozes críticos) e deslumbrarmo-nos com todos os potenciais da rede. Os movimentos sociais organizados em rede também têm suas limitações e algumas de suas maiores características de “marketing” (como a liberdade e a descentralização) nem sempre se processam da maneira como seus entusiastas apregoam. Também vale a pena pensar que nem sempre fazemos parte somente das redes as quais elegemos para participar, pois muitas vezes a própria formalidade das instituições que se utilizam das redes nos obriga a delas fazer parte. Portanto, o “canal de encontro” espontâneo de pessoas que compartilham os mesmos ideais pode ser relativizado, na

²²⁸ um tecido cada vez mais denso de redes de meios comunitários que já não vivem somente do que se passa em seu lugar, em seu pequeno território, senão que se pensam conectados, intercambiando e projetando-se ao mundo. Hoje já falamos de meios cidadãos como aqueles que não somente são capazes de pensar as demandas sociais, os conflitos políticos ou as creatividades culturais de seu lugar, mas que são capazes de olhar e falar ao país inteiro. Tradução do autor.

medida em que o poder também atravessa as redes, e onde tem poder, muitas vezes, existe um sentido de obrigação.

É fato que relações de poder existem sempre, e não poderia ser diferente no âmbito das redes. Os movimentos sociais na era das mídias digitais também são organizados de forma hierárquica, o que supõe poder e algum tipo de controle, mesmo que os níveis nos quais essas relações verticais se processem não sejam os mesmos que se desenvolvem na atuação de ONGs e demais associações fora do contexto das tecnologias da comunicação. Também vale destacar que, ao contrário do que se pode imaginar, nem todas as redes se manifestam de forma descentralizada. É sabido que as redes são atravessadas pelas formações de *hubs* e *clusters* (RECUERO, 2006), ou seja, por determinados tipos de nós que têm mais conexões do que outros nós, e que, justamente por seu maior grau de conexão, tendem a se conectar cada vez mais, gerando pontos centralizadores.

As redes não seriam constituídas de nós igualitários, ou seja, com a possibilidade de ter, mais ou menos, o mesmo número de conexões. Ao contrário, tais redes possuiriam nós que seriam altamente conectados (*hubs* ou conectores) e uma grande maioria de nós com poucas conexões (RECUERO, 2006, p. 35).

A tecnologia, por si só, não assegura as dimensões de participação, descentralização e interatividade, e, mesmo em um panorama de comunicação em rede ainda é possível (para não dizer que é comum) vermos a força da mídia massiva no âmbito dos meios digitais. Como exemplo podemos citar a presença importante de usos informacionistas e verticais da internet, especialmente através dos grandes portais (normalmente vinculados aos enormes e poderosos conglomerados midiáticos, que incluem redes de televisão e jornais impressos de grande circulação) de notícias, nos quais o nível de participação aberto aos atores sociais é mínimo ou inexistente. Nesse sentido, vale reproblematicar um pressuposto científico que, muitas vezes, aparece como “dado” no ambiente acadêmico, como algo que se convencionou como fato. Há, a partir de diversas manifestações conceituais, uma divisão maniqueísta entre a “tela boa” (a do computador) e a “tela má” (a da televisão), segundo a crítica de autores como Morley (2008). Mas é interessante destacar que não é possível se compreender a internet como um bloco único, pautado pela homogeneidade, afinal, há

varias formas de ser internet, e em determinados modos nos quais ela se manifesta não é verossímil enxergar uma diferença tão grande com relação à mídia televisiva, pois muitas vezes usamos *sites* como o Youtube e a Globo.com para acessar conteúdos da TV, para assistir à televisão, apenas em um suporte diferente. Também devemos ressaltar que existem diversos tipos e formas de televisão, distintas maneiras dos veículos televisivos se comportarem, elaborando produtos que vão de programas de auditório às séries, de novelas de época à atrações que exploram o sensacionalismo e o denunciamento. “Novas” e “velhas” mídias, portanto, não configuram formas homogêneas e estanques, e não há um modo único de apropriar-se de seus produtos comunicacionais.

Nesse cenário de ambiguidades e contradições, vale apontar que a tecnologia também pode recriar fronteiras, como faz, por exemplo, com alguns tipos de DVDs que não podem ser lidos em qualquer aparelho, que tenha sido produzido em uma região distinta. Jogos de videogame e aparelhos de televisão podem não funcionar se estiverem fora de determinadas áreas geográficas, o que pode configurar sistemas digitais distintos e incompatíveis. Programas e *softwares* informáticos muitas vezes não “rodam” em versões mais antigas do Windows ou quando a conexão com a internet não se dá através de banda larga. E até mesmo tomadas e cabos de força podem conformar relações excludentes, fazendo com que aparelhos norte-americanos precisem de adaptadores para serem ligados na Europa e vice-versa. Enfim, as tecnologias são exclusivas, ou seja, podem acentuar a exclusão daqueles que já estão marginalizados (MORLEY, 2008).

Sousa Santos (2005), dissertando sobre as transformações que se materializam quando a sociedade passa dos sistemas de desigualdade para os sistemas de exclusão, fala de dois tipos fundamentais de segregação que se corporificam na ambiência das mídias digitais: as questões do acesso e da qualidade deste. Por mais que os processos de inclusão digital venham ganhando força nos últimos anos, ainda são muitos os espaços ao redor do globo que não têm qualquer forma de conexão com a sociedade em rede, ou o tem a partir de equipamentos e sistemas ultrapassados e que não oferecem os mesmos recursos que os modernos suportes e tecnologias oferecidos aos usuários do centro do planeta. Assim sendo, é absolutamente válido refletirmos que a sociedade em rede conecta determinados territórios ao mesmo tempo que desconecta outros, gerando relações desiguais. “O potencial integrador da rede é tão exaustivo quanto é o potencial de exclusão para quem

não tem acesso a ela. [...] Quem fica fora da rede digital fica fora do acesso ao conhecimento [...] à comunicação, à cultura e à cidadania” (HOPENHAYN, 2002, p. 9-10).

Nesse sentido, seria absolutamente simplista e redutor (para não dizer utópico) perceber no vínculo entre mídia e movimentos sociais e culturais a salvação para todos os males do espaço público contemporâneo. Temos clareza de que o direito à comunicação ainda é precário em nossa nação e acompanhamos os diversos movimentos pela democratização das comunicações, pelo acesso amplo e irrestrito ao espaço digital, pela formação de novos instrutores e dinamizadores capazes de operacionalizar todo o potencial das novas tecnologias da comunicação e da informação, dentre uma série de outras demandas que ainda carecem de realização, de modo a contemplar os cidadãos de uma forma mais abrangente. Martín-Barbero (2008, p. 38) acrescenta elementos a esta discussão, ao afirmar que “no es la tecnología la que crea desigualdad, la tecnología refuerza la exclusión que la propia sociedad genera en sus relaciones para mantener el poder y el saber en su sitio y reproducir la sumisión”²²⁹. Ou seja, devemos ter sempre em conta que falar em tecnologia como instrumento de emancipação social e política dos cidadãos é dissertar sobre uma questão controversa e polêmica, que não encontra convergência na opinião de todos os setores da sociedade. Amplos estratos sociais ainda simplesmente não conhecem as potencialidades que as mídias digitais têm a oferecer, muitas vezes porque não têm o acesso a essas ferramentas ou o tem de maneira parcial e desqualificada. Sobre estas limitações nos usos das mídias digitais na consolidação da cidadania, Pinto (2008, p. 106) resgata Martín-Barbero para construir seu ponto de vista:

Si bien reconoce el valor que tienen algunas afirmaciones sobre la virtualidad de las redes telemáticas para crear las condiciones de ‘la viva expresión de los ciudadanos’, Martín-Barbero considera que estamos frente a ‘la más engañosa de las idealizaciones’, ya que ‘fortalece la creencia de que el individuo puede comunicarse prescindiendo de cualquier tipo de mediación social’²³⁰.

²²⁹ “não é a tecnologia que cria desigualdade, a tecnologia reforça a exclusão que a própria sociedade gera em suas relações para manter o poder e o saber em seu local e reproduzir a submissão”. Tradução do autor.

²³⁰ Se bem reconhece o valor que tem algumas afirmações sobre a virtualidade das redes telemáticas para criar as condições da ‘viva expressão dos cidadãos’, Martín-Barbero considera que estamos frente à ‘mais enganosa das idealizações’, já que ‘fortalece a crença de que o indivíduo pode comunicar-se prescindindo de qualquer tipo de mediação social’. Tradução do autor.

Também faz-se interessante pensar – somando-se às reflexões sobre os usos imprevistos das tecnologias, abordados anteriormente – acerca dos potenciais fundamentalistas que podem cercar a configuração da sociedade em rede. Scherer-Warren (1998) fala dos perigos que envolvem os movimentos virtuais relacionados aos fundamentalismos religiosos, étnicos ou nacionalistas, que celebram uma dita pureza das culturas e se mantêm fechados à alteridade e à hibridização cultural. Uma faceta perversa das redes sociais vem se manifestando igualmente em diferentes episódios no que concerne à discriminação e a diferentes formas de rechaço pelo outro. Casos como o da jovem paulistana Mayara Petruso, que xingou e discriminou, no Twitter, os nordestinos como culpados pela vitória da candidata Dilma Rouseff à Presidência da República, em outubro de 2010, é simbólico nesse sentido. Muitas foram as manifestações de ódio e de racismo contra os nordestinos na internet neste momento, mas a proferida pela estudante de Direito ganhou destaque na opinião pública por desejar a morte dos nordestinos, ato que a jovem apontava como um “favor feito aos paulistanos”. A moça foi processada e teve seu contrato de estágio, em um grande escritório de advocacia em São Paulo, cancelado, devido à repercussão do caso em âmbito nacional. Isso para não falar da campanha, em tom de achincalhamento, disseminada no Facebook, para que o ex-presidente Lula se tratasse de um câncer no SUS – Sistema Único de Saúde. Piadas, escárnios e xingamentos com o lema “Lula, vai tomar no SUS” ganharam destaque nas redes sociais no final de outubro de 2011, quando o ex-presidente anunciou que estava com câncer. A campanha era para que Lula fizesse seu tratamento de quimioterapia através da rede pública de saúde, e não em clínicas e hospitais do sistema privado, para que o ex-presidente pudesse, então, “provar” da falta de estrutura da saúde pública no Brasil. A questão, entretanto, fugiu à mera discussão sobre as condições de tratamento do câncer no SUS, os recursos públicos para essa finalidade e o tipo do tratamento enfrentado pelo ex-presidente e converteu-se, em parte, em uma torcida – que variava entre velada e explícita – contra Lula e sua luta em prol da cura. Exemplos como esses são emblemáticos (e não esporádicos) da conformação de um movimento que usa uma certa liberdade para se dizer o que quiser e o alcance das redes sociais para pregar e disseminar a intolerância, o racismo, a discriminação e o desrespeito para com o outro.

Enfim, outros elementos negativos implicados por esta transição da sociedade de massas para a sociedade em rede ainda podem ser apontados, como o excesso de

transitoriedade dos sujeitos sociais por entre as comunidades virtuais e um certo esvaziamento de seu sentido de atuação coletiva; o potencial de individualização que podem comportar alguns usos da internet, que, em algumas formas de manifestação dos seus usuários, prescindem de negociações e diálogos, frente ao fato de que se pode publicar na rede com muito mais autonomia e liberdade. Merece menção, ainda, o fato de considerarmos que as dimensões colaborativas e participativas, já presentes na trajetória da comunicação dos movimentos sociais, apenas assumem outras configurações em função de especificidades dessas novas tecnologias disponíveis e da criação de perspectivas diferenciadas de apropriação das mídias digitais por parte da sociedade. Ou seja, as relações entre comunicação e movimentos sociais, os vínculos entre mídia e cidadania, não nascem somente a partir da emergência da sociedade em rede, mas é claro que assumem novos e significantes papéis na contemporaneidade atravessada pelas tecnologias da comunicação.

A despeito de todas as limitações das redes, acreditamos que elas podem sim fomentar um exercício cidadão efetivo quando colocadas em prática na atuação dos movimentos sociais e no uso que eles fazem das mídias digitais. Cremos que o potencial transformador do vínculo entre a comunicação e a emancipação dos indivíduos se dá apenas de uma maneira atrofiada e parcial quando a mídia hegemônica (a televisão, por exemplo) “oferece” uma cidadania a partir “de cima” (BARSI LOPES, 2008c) e um receituário pronto – e isolado de implicações – de cultura, identidade e reconhecimento aos sujeitos sociais, mas pode ser muito mais enriquecida quando os receptores (agora também vistos como produtores) vão em busca da comunicação – a partir das novas tecnologias da comunicação –, e de toda a sua potencialidade, no sentido de alimentar e modernizar os movimentos culturais, produzindo uma cidadania “desde baixo”, que contemple as diversas miscigenações que existem dentro da sociedade, favorecendo, com isso, a formação de um espaço público pautado na democracia e na diversidade cultural. Interessante quando García Canclini aponta que

Ser cidadão não tem a ver com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido ao pertencimento e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e satisfação de suas necessidades (GARCÍA CANCLINI, 1996, p. 22).

Tomando as redes como “estratégia de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que não deixam de comportar relações de poder [...] que constituem a esfera da comunicação e da cultura” (COGO e BRIGNOL, 2010, p. 6), parece ser, especialmente, a qualidade de um maior acesso à esfera da produção uma das que mais nos interessa, buscando pensar como pode ficar a atuação dos movimentos sociais e da comunicação popular a partir desta reconfiguração dos modos de produzir-se e gerir-se a comunicação. Hopenhayn (2002) nos faz pensar que as redes podem ser tomadas como um tecido, no qual milhões de pontos de emissão e de recepção de opiniões se cruzam e se reagrupam potencializando a configuração de uma rede cidadã. Fragoso (2005) parece complementar este raciocínio, quando pontua que é na sociedade em rede que se percebe um aumento exponencial do número de indivíduos efetivamente capazes de desempenhar o papel de emissor em um processo comunicacional de ampla escala.

É fato que o receptor nunca foi passivo e atomizado, mas o que se busca refletir aqui é que, além de produtores de sentidos – a partir de sua inserção sociocultural – acerca do que “recebem” dos meios de comunicação, os receptores também atuam como produtores de conteúdos e gestores de processos sociocomunicacionais mais amplos. Esse acesso aos meios de produção sofre uma reconfiguração significativa com a disseminação das mídias digitais, alterando sobremaneira o grau de alcance que os produtos podem ter, a partir de sua disponibilização nas redes. É nessa ação de gestão e produção que os receptores-produtores podem ajudar a construir um espaço público democrático, exercitando processos de negociação (e não de assujeitamento dos mais fracos perante os mais fortes) entre as diversas culturas, as múltiplas identidades e as distintas demandas dos cidadãos. É quando esses receptores-produtores põem a “mão na massa” que podemos vislumbrar uma possibilidade concreta de visibilizar as culturas ditas minoritárias. É nesse momento que vemos os atores coletivos abrindo espaço nas mídias digitais, buscando terem voz e intervirem efetivamente na sociedade a partir da atuação dos movimentos sociais em rede (BARSILOPES, 2009).

Embora essas tendências surjam na contramão da estética midiática da juventude classe média, consumista e plastificada, a mídia – especialmente nas suas formas mais alternativas: sites na internet, selos

independentes, vídeos populares, curtas-metragens, etc. – servirá (para além dos prognósticos pessimistas e apocalípticos sobre alienação e massificação) como instrumento para a veiculação dessas políticas da diferença e da subalternidade (PRYSTHON, 2002, p. 9).

A emergência das mídias digitais e da comunicação em rede trazem em seu bojo a possibilidade de produção de conteúdos midiáticos a partir de uma outra lógica, que não mais somente a de “um para todos”, mas, também, de “todos para todos”, quando são abertos os recursos para que os sujeitos sociais com acesso aos suportes comunicacionais possam transforma-se em produtores de mídia. Neste sentido, a comunicação popular, pautada, muitas vezes, por uma atuação em pequena escala, mais territorializada localmente, assume outras feições. Com a centralidade cada vez maior das mídias em nossa sociedade e a disseminação das novas tecnologias comunicacionais, a comunicação abandona uma posição de coadjuvante no trabalho dos movimentos e dos projetos sociais e passa a ocupar um lugar de destaque, muitas vezes sendo a razão de ser de projetos de diversas associações e entidades da sociedade civil, como no caso do *Aldeia*, em Fortaleza, e do *KDM*, em Barcelona. A comunicação popular, então, tem adquirido novos contornos na atualidade, pois novos tempos exigiram novas formas de comunicar, mais profissionais e com a utilização de outros suportes midiáticos, como, por exemplo, a internet (PERUZZO, 2008b).

Os movimentos e projetos socioculturais enxergam nas novas mídias digitais as ferramentas para a efetivação de um processo de empoderamento e, com isso, de inclusão social e de construção de cidadania. Mesmo em um contexto de proliferação da comunicação em rede ainda vigora na sociedade um modelo de mídia massiva, que tem força política. É contra este modelo e a forma como atuam os grandes conglomerados midiáticos que as associações da sociedade civil que trabalham com a comunicação posicionam-se. Os movimentos lutam, principalmente, contra a lógica de que só alguns poucos grupos privados de mídia têm o direito a comunicar, procurando resguardar o direito à comunicação dos atores coletivos. Neste sentido, Peruzzo (2008a, p. 376) chama a atenção para o “empoderamento, de ‘empowerment’, em inglês, [que] quer dizer participação popular ativa com poder de controle e de decisão nos processos sociais, [...] e como tal, também, a apropriação de meios de comunicação”. Entretanto, como veremos

adiante – na análise de alguns produtos comunicacionais elaborados no âmbito das associações focalizadas nessa pesquisa –, podemos refletir que há aqui um processo de interseção entre as dimensões da rede e do massivo. Embora os movimentos falem e guiem-se por um ideário de contraposição ao hegemônico, algumas vezes acabam, em suas práticas midiáticas, adotando ou reproduzindo esse modelo em alguma medida.

Apesar de termos em mente que os processos produtivos das mídias comunitárias envolvem (pelo menos teoricamente) muito mais participação e acompanhamento horizontal do que os da mídia hegemônica – cujos processos de decisão e de gestão são tomados por um restrito grupo empresarial, com praticamente nenhum tipo de envolvimento popular –, torna-se bastante complicado apontar uma radical e insuperável separação entre os ditos “meios massivos” e as denominadas “mídias comunitárias”. Portanto, os jovens espectadores da Globo ou os leitores adolescentes da revista *Capricho*, por exemplo, não podem ser enxergados de forma apartada dos atores coletivos juvenis que produzem vídeos sobre a realidade da pesca no Morro Santa Terezinha, em Fortaleza, ou sobre a temática do preconceito contra os migrantes, em Barcelona, pois se trata de um mesmo macro-cenário midiático, no qual as mídias hegemônicas muitas vezes dialogam (e diálogo, obviamente, também envolve conflito) com os meios comunitários. Neste sentido, autores como Martín-Barbero (2008) apontam a necessidade de repensar as indústrias culturais, particularmente na América Latina, onde começa a se vislumbrar uma indústria independente de música, teatro ou cinema, por exemplo. Mas ao mesmo tempo em que é independente, ou seja, que não é um produto especificamente do mercado, essas novas manifestações culturais mantêm relações com ele. Interessante a contribuição de Martín-Barbero (2008, p. 9), quando este teórico fala do

ámbito de los medios comunitarios y ciudadanos, con la creatividad de millones de jóvenes en América Latina que hacen pequeñísimas empresas, muchas veces ligadas a diversas ONG, a movimientos sociales o a medios locales. Es una dimensión de la creatividad y de la productividad independiente que tiene que jugar con algunos pequeños ingredientes de la industria, en tanto que no puede, en absoluto, desconocer las lógicas del mercado – que están ahí – y tiene que jugar con lo que le posibilita, o no, lo público aunque lo haga de un modo distinto²³¹.

²³¹ âmbito dos meios comunitários e cidadãos, com a criatividade de milhões de jovens na América Latina que fazem pequeníssimas empresas, muitas vezes ligadas a diversas ONG, a movimentos sociais ou a meios

Acerca da relação entre mídia, cultura e movimentos sociais, é importante destacar o protagonismo juvenil nesta esfera de atuação. São várias as ONGs que trabalham com este perfil de ator coletivo e significativos os recursos públicos destinados a essas ações na contemporaneidade. Cogo (2005a, p. 3) afirma que “em muitas comunidades e movimentos sociais observam-se iniciativas e projetos de mídias comunitárias [...] impulsionados por gerações de jovens formadas nesse ambiente de participação na formulação coletiva de políticas públicas”. Emergem cada vez mais projetos que se voltam especificamente para adolescentes e jovens, podendo assumir essas ações um tom híbrido entre mídia comunitária e alternativa, dinamizando a apropriação dos meios de comunicação em um sentido que favoreça a melhoria da auto-estima da juventude, o despertar de uma perspectiva profissional e a construção da cidadania, especialmente nas zonas carentes das cidades (PERUZZO, 2008a).

Vale a pena refletir sobre como ficam os processos de comunicação quando não existem mais emissor e receptor, uma vez que, em muitos sentidos, qualquer emissor é, por sua vez, receptor, e qualquer receptor tem a possibilidade de ser emissor. Quais seriam, então, as implicações políticas desse momento no qual os receptores passam a produzir conteúdos midiáticos e a gerenciar políticas públicas de comunicação? De que maneira podemos pensar sobre a participação e o engajamento social dos atores coletivos quando parte dessas ações parecem mediadas pelas novas mídias digitais? É cada vez mais difícil dissociar a mídia do cenário político contemporâneo quando pensamos que mensagens de texto trocadas a partir de telefones celulares mobilizaram mais de um milhão de filipinos a derrubar o presidente daquele país ou auxiliaram as manifestações espanholas – sucedidas em Madrid, Barcelona, Sevilha e Bilbao – a protestarem contra a forma pela qual o governo divulgava informações sobre os ataques terroristas de 2004 (SILVA, 2008).

Mas de que forma, então, o cultural e o político dialogam quando assistimos na contemporaneidade a ênfase em jovens produtores de filmes *trash*²³², que os realizam em casa, com suas câmeras portáteis e seus softwares de edição, e os disponibilizam na

locais. É uma dimensão da criatividade e da produtividade independente que tem que jogar com alguns pequenos ingredientes da indústria, tanto que não pode, em absoluto, desconhecer as lógicas do mercado – que estão aí – e tem que jogar com o que lhe possibilita, ou não, o público, ainda que o faça de um modo distinto. Tradução do autor.

²³² “Filmes lixo”, ou seja, produções caseiras nas quais o “ser caseiro e tosco” e a improvisação fazem parte das marcas enunciativas dos vídeos.

internet, divulgando-os através, principalmente, de *blogs* e de *sites* de redes sociais (CASTELLANO, 2008); a juventude produtora de música eletrônica, que com programas de computador, que podem ser utilizados até mesmo em casa, conseguem manipular músicas, intervindo nas canções e produzindo outros ritmos a partir desses atravessamentos (EUGÊNIO e LEMOS, 2008); ou os jovens seguidores do *cosplay*²³³, que realizam grandes eventos nacionais de encontro – mobilizados e organizados a partir das redes sociais – entre os pares para vestirem-se como personagens e viverem as sociabilidades presentes nesses encontros (AMARAL e DUARTE, 2008)? Há algo de político em manifestações midiático-culturais como essas ou jovens fantasiados, filmando vídeos de qualidade duvidosa e produzindo músicas que nada compreensível parecem querer dizer é só mais uma prova da “alienação” da juventude? Precisamos ter em conta que a identificação dos jovens com determinados tipos de culturas juvenis faz parte, também, de um processo de manifestação e atuação política, já que não podemos mais tomar o político somente como o partidário. Identidades, pertencimentos e reconhecimentos, múltiplos, híbridos e simultâneos, atravessam e são penetrados pelo fazer político dos jovens de hoje.

Quando os jovens de periferia e a juventude migrante têm a potencialidade de atuar como produtores de comunicação e gestores culturais podemos vislumbrar um passo além na tentativa de construir a cidadania, passo esse que se dá a partir das pequenas ações, do cotidiano, das micropolíticas, que contemple as esferas do social, do político e da cultura. Em vez de “receber” pacotes prontos de uma monocultura, a partir dos meios hegemônicos, que, por vezes, os estigmatizam como “seres exóticos, mas felizes do jeito que são”, esses atores coletivos juvenis têm a possibilidade de se mostrarem como, de fato, querem ser visibilizados, pois são eles que filmam, selecionam, cortam, escrevem, dirigem, divulgam, ao modo deles, na linguagem deles. No lugar de serem sempre e tão somente representados em programas televisivos como *Cidade dos Homens* ou *Central da Periferia* – que, corriqueiramente, mostram as favelas e os subúrbios das cidades brasileiras como quem faz um “safári” por esses territórios –, ou em diversas outras atrações que mostram o universo dos migrantes de uma forma distanciada – como se estivessem falando de um grupo “raro”²³⁴ de pessoas, que chegam em pateras e cayucos na Espanha, com seus costumes

²³³ “Costume play”, hábito de fãs de vestirem-se como e teatralizarem o personagem escolhido.

²³⁴ “Raro”, em espanhol, quer dizer esquisito, estranho, bizarro.

esquisitos, porém engraçados – os jovens têm a oportunidade de contar uma outra história, a partir de suas experimentações com as mídias digitais.

É chegado o momento, então, em que não se trata mais somente de apontar, nas pesquisas em comunicação, que os espectadores se opõem a tal tipo de programação massiva, que produzem um tipo de leitura negociada com relação aos conteúdos emitidos pela mídia hegemônica ou que não são tábula rasa e reapropriam as mensagens a partir de sua inserção sociocultural, mas de perceber como, a partir de quais leituras, de quais visões de mundo, de quais trajetórias, de quais processos eles se apropriam e usam os meios de comunicação para falar e visibilizar a si mesmos. De quais modos fazem avançar o nível de suas participações nos processos sociocomunicacionais, nas gestões de políticas culturais. Afinal, o que esses jovens migrantes e moradores de periferia querem mostrar e de quais maneiras fazem isso?

Esses novos sujeitos do discurso, intelectuais e artistas saídos da periferia, destituem os tradicionais mediadores da cultura e – mais do que isso – disputam as mesmas verbas e financiamentos para projetos de cunho social, passam de ‘objetos’ a sujeitos do discurso, outra novidade irônica que acaba com qualquer ‘paternalismo’ remanescente dos 60/70 (HERSCHMANN e GALVÃO, 2008, p. 206).

Martín-Barbero (2008) enfatiza que o que temos agora é algo que não cabe na idéia de mero consumo e recepção, mas de empoderamento, ou seja, do processo de apropriação, por parte dos atores coletivos, das tecnologias e do fazer comunicacional, algo que vai além da concepção de ler as entrelinhas e descobrir as lógicas dos produtos veiculados pela mídia hegemônica. Concordamos com o autor espanhol quando ele nos diz que “hablar de apropiación y de empoderamiento no es hablar de recepción”²³⁵ (MARTÍN-BARBERO, op. Cit, p. 18), mas temos em conta que os usos, leituras e processos de recepção constantes e ininterruptos que os jovens empreendem em suas vivências com os meios de comunicação afetam os modos como esses atores coletivos se apropriam das mídias para, eles mesmos, produzirem conteúdos audiovisuais.

²³⁵ “falar de apropriação e de empoderamento não é falar de recepção”. Tradução do autor.

A configuração da sociedade em rede clarifica ainda mais as pistas de que não é possível pensar a esfera da recepção como um grande bloco homogêneo, apartado de um suposto pólo oposto, que seria o da produção. As possibilidades plurais de produção de sentido a partir das práticas com as mídias digitais, com a individualização crescente das escolhas e, ao mesmo tempo, com o potencial de mobilização coletiva ampliado, e através da multiplicação dos conteúdos no ciberespaço, são responsáveis pelo reforço da necessidade de abandonar a idéia de um receptor como um ponto de chegada, como uma massa destinada a participar somente no processo de leitura e apropriação de mensagens exibidas pelos meios de comunicação. É fundamental termos em conta que a emergência das novas tecnologias da comunicação modifica de forma significativa os vínculos entre emissores e receptores, deixando ainda mais clara todas as fragilidades que envolvem as nomenclaturas em questão, que simplesmente parecem não dar mais conta das relações que se estabelecem no processo comunicativo no panorama hodierno.

Como denominar um sujeito que, de forma concomitante, acessa sua caixa de e-mails, lê as notícias do dia em algum portal, comenta as postagens dos amigos nas redes sociais, escreve matérias para um *blog*, manipula fotos através de um *software* específico, baixa músicas e as transfere para seu aparelho reproduzidor de MP3 e conversa em algum chat ou através do MSN Messenger? Torna-se bastante redutor denominá-lo receptor quando ficam claros os movimentos constantes de experimentação e de produção de conteúdos na ambiência digital. O tradicional receptor, como era conceituado nos estudos da comunicação, através de suas correntes e escolas, apresenta-se agora com outras qualificações, exercendo diferentes atividades e encarando distintos papéis, para além do de audiência.

Se já era problemático o estudo da comunicação através do isolamento de uma das partes do processo comunicacional, com a ênfase ora na produção, ora na recepção, sem um questionamento das aproximações e imbricações das duas esferas, a partir das práticas no ciberespaço, esse posicionamento revela-se ainda mais limitador (COGO e BRIGNOL, 2010, p. 13).

A reconfiguração dos espaços ocupados por emissores e receptores, levando-se em conta a dinamicidade do processo comunicacional – que não pode mais ser visto como algo

linear, mas, ao contrário, oriundo de movimentos multidirecionais – caracteriza as relações entre sujeitos sociais e meios de comunicação na sociedade marcada pela disseminação das mídias digitais, situação esta que favorece uma maior circulação midiática – já que passam a existir mais pontos de emissão, em detrimento de um modelo anterior, no qual as posições de emissores eram circunscritas aos grandes conglomerados midiáticos, configurando um cenário pautado por um fluxo de “um para todos”. Deve ficar claro, entretanto, que não é possível apontarmos uma completa anulação dos dois pólos – emissão e recepção –, já que os fluxos midiáticos constituídos pela lógica de “um para muitos” continua marcando presença na sociedade em rede, através, por exemplo, de portais de notícias na internet ou de usos massivos de *sites* que reproduzem as programações das grandes emissoras de televisão (COGO e BRIGNOL, 2010). Apesar disso, as instâncias da produção e da recepção, em diferentes situações, se alteram e se aproximam, propiciando, através de um movimento empoderador, o surgimento de um novo sujeito comunicativo, que não se limita ao papel de audiência, mas se comporta como um receptor-produtor.

Nesse cenário de emergência de processos de empoderamento, são consideráveis as associações da sociedade civil e os projetos sociais que procuram contemplar em seus trabalhos nas comunidades os atravessamentos entre a população e as novas mídias, no intuito de tornar esses atores coletivos mais do que meros espectadores, mas sim, também, produtores e experimentadores, partícipes em um movimento mobilizatório e cidadão. Originando-se dessa perspectiva vemos, por exemplo, jovens em situação de exclusão participando de oficinas e de cursos técnicos de vídeo; moradores de áreas de risco conscientizando a vizinhança com esquetes (muitas vezes elaboradas em pequenas ilhas de edição, a partir de recursos de fácil aprendizagem) ou outros materiais audiovisuais de divulgação contra os diversos tipos de violência (urbana, doméstica, policial, etc.); sujeitos sociais registrando o cotidiano das periferias (os fatos imprevistos, as “batidas” policiais, o tráfico de drogas, as disputas entre grupos rivais ou coletivos migrantes inimigos, etc.) a partir das câmeras nos celulares; escritores iniciantes disponibilizando seus textos para leituras e trocas na internet; adolescentes aperfeiçoando desde cedo a arte da fotografia com as câmeras digitais, que permitem uma série de interferências artísticas e criativas; sujeitos de demandas trazendo visibilidades às suas causas através de programas voltados para as especificidades da comunidade ou do bairro, a partir das rádios comunitárias (cuja

modernização em seus aparatos tecnológicos vem sendo incentivada e alimentada pelas novas mídias). Ribeiro e Novaes (2008) reiteram o potencial das novas tecnologias como ferramentas importantes para a mobilização e o exercício cidadão da juventude. As autoras (p. 7) nos dizem que

se costuma dizer que os expedientes virtuais, vinculados às novas tecnologias de informação, afastam os(as) jovens do mundo real. Relativizando tal generalização, observamos que as novas tecnologias da informação e comunicação (tais como internet – blogs, fotologs, páginas pessoais, fóruns de discussão, celular, entre outras) surgem como importantes instrumentos de organização, de registro de atividades, de disseminação das demandas e mobilização etc. entre jovens organizados(as).

Os movimentos socioculturais da contemporaneidade, além de uma experiência de participação no tecido social, por parte dos atores coletivos, também podem ser pensados como uma forma de ocupar a juventude, de tirar rapazes e moças da ociosidade e de proteger esses jovens da violência, da prostituição e das drogas (LÓSSIO, 2004). Vale destacar que alguns dos jovens envolvidos em projetos sociais e culturais que se vinculam às linguagens audiovisuais passam a atuar como cinegrafistas profissionais em diversos eventos da comunidade onde moram ou na qual atuam, como casamentos e batizados (sendo contratados e pagos para fazer as filmagens), após a conclusão dos projetos. Outros indivíduos envolvidos em projetos dessa natureza também acabam, em algumas ocasiões, sendo absorvidos pelo mercado, apesar de termos em conta que episódios como esses não refletem as trajetórias majoritárias. Mas tanto em Fortaleza como em Barcelona existem exemplos de jovens que já haviam participado de outras ações do *Aldeia* e do *Centre Garcilaso* e que atualmente trabalham como operadores de câmera em emissoras locais ou como DJs em boates da cidade. Mesmo que não seja uma regra levada à risca ou uma consequência natural e obrigatória da participação em associações e projetos que lidam com o audiovisual, trata-se de um universo de jovens que adquirem experiência com as mídias digitais e passam, com isso, a atuar profissionalmente, construindo seus próprios projetos de autonomia social e financeira.

Enfim, a emergência das mídias digitais e todas as transformações ocorridas no tecido social a partir da consolidação de um cenário que tem a mídia e a tecnologia como

elementos centrais têm um papel fundamental no processo de reconfiguração da concepção e da atuação dos movimentos sociais (PERUZZO, 2008b). A formação da sociedade em rede e a maior autonomia conquistada por um receptor que é, também, produtor alteram as formas de participação dos atores coletivos na contemporaneidade, potencializando a formação de um sujeito social que, empoderando-se das linguagens digitais e das gramáticas audiovisuais, pode atuar de forma mais ativa na construção da cidadania, dinamizando um movimento de inserção sociocultural de jovens em situação de exclusão e de vulnerabilidade, como os moradores do Morro Santa Terezinha, em Fortaleza, ou os migrantes residentes em Barcelona.

3. TECITURAS E PROCESSOS DO FAZER INVESTIGATIVO: ITINERÁRIO METODOLÓGICO

3.1. Um pouco do “eu” na pesquisa

Após muitas páginas escritas seguindo as formalidades acadêmicas que uma tese de doutorado exige, executo a elaboração deste primeiro tópico do itinerário metodológico usando a primeira pessoa, por achar que, mais ainda do que nos outros capítulos e seções, esse é o meu momento, no qual eu me exibio como um indivíduo inquieto e curioso, que tenta, acerta, erra e experimenta. O capítulo metodológico é o espaço privilegiado para deixar transparecer todas as “aventuras e desventuras” percorridas durante o empreendimento da investigação, o local que traduz os movimentos de fabricação da pesquisa em seu processo de feitura, o lugar onde tornamos isso público, onde expressamos nossas vivências aos leitores dos textos. Esse, muitas vezes, é o capítulo que os pesquisadores têm para se mostrarem mais a partir das experiências e das subjetividades que envolveram a construção da investigação, ao longo de quatro anos de suas vidas, do que através de uma dita objetividade ou de uma pretensa superioridade científica que envolve os autores de teses doutorais. Aqui quem conta uma trajetória é o Daniel, e não o Barsi Lopes (2012).

Início o resgate dessa história com uma pergunta, bastante desafiadora, que fiz no começo da pesquisa e que me perturbou – e, paradoxalmente, me impulsionou – durante os quatro anos em que a tese foi tecida, em suas idas e vindas constantes: é possível desenvolver uma investigação científica acerca de um objeto que até o início do doutorado se mostrava distante do universo do pesquisador? Se uma das coisas que mais ouvimos em bancas de teses e dissertações são os parabéns aqueles que demonstram ter uma íntima, profunda e longa relação com os seus objetos de pesquisa, seria produtivo investir em uma investigação na qual esse vínculo é mais recente e construído como consequência da tese, e não como causa?

A resposta que costumei me dar, a cada vez que essa questão vinha à tona – num processo de auto-reflexividade constante –, é que sim, que valia a pena investir quatro anos de minha vida pesquisando essa nova temática que despontou no início do curso, essa

problemática que foi cuidadosamente sendo elaborada, minuciosamente pensada, construída de forma também racional (e não somente a partir de arroubos sentimentais) e que se mostrou, após um processo de amadurecimento tanto do autor como do problema de pesquisa, como profundamente instigante e rica. Como Bachelard (1983) nos diz que os objetos não estão dados no mundo, mas que são construídos pelos investigadores, posso afirmar com convicção que este meu objeto foi sendo elaborado com muito entusiasmo, apesar de nosso tempo de convivência não ser dos mais longos. Estivemos aprendendo cotidianamente um com o outro neste processo de trocas e de descobertas.

Não sou militante; não tenho nenhuma trajetória de engajamento político; nunca participei de grêmios estudantis, nem de CA de faculdade e muito menos de DCE; nunca estive vinculado às pastorais da juventude; não tenho relação com qualquer partido e nunca trabalhei em eleições; e, por fim, nunca tive participação em qualquer atividade comunitária, para além de algumas participações voluntárias em casas de acolhimento de pacientes pobres com câncer que, vindos do interior do Ceará para se tratar de suas doenças, não tinham onde ficar. A pergunta que se pode fazer depois disto, com toda razão, é por que resolvi, então, construir uma problemática de pesquisa que envolve em seu entorno questões diferentes do meu universo, como ação coletiva, movimentos sociais, engajamento juvenil, dentre outras temáticas afins.

No começo do doutorado eu resolvi tomar uma decisão difícil, que envolvia sair da minha zona de conforto acadêmica e pessoal, que até então, dentro do campo da Comunicação, dizia respeito às investigações em torno da televisão. Sair desse espaço, no qual temos um maior domínio sobre as coisas e podemos controlar de uma forma mais efetiva as variáveis que envolvem a elaboração de uma tese, implicava reordenar a problemática de pesquisa com a qual fui selecionado no doutorado em Ciências da Comunicação da Unisinos no final de 2007, momento em que também finalizava a dissertação, defendida cerca de três meses depois. Resolvi assumir o risco de entrar em contato com o “desconhecido”, por querer algo diferente com relação à aprendizagem proporcionada no mestrado, por buscar, além do crescimento profissional e titular, um amadurecimento pessoal, que uma realidade diferente da qual eu estava acostumado poderia trazer para mim. Como lembra Gramsci, “só investigamos de verdade o que nos afeta” (*apud* MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 25). Ou seja, a curiosidade, que deve ser

intrínseca à atividade do pesquisador, instigou-me a desvendar aquilo que, de uma forma ou de outra, me comovia. Incentivado pela orientadora da tese, eu sentia que poderia dar um passo além da obviedade que continha a minha proposta inicial de pesquisa de tese²³⁶, eu me questionava se não havia chegado o momento de também empreender um desafio pessoal, de fazer algo diferente do que estava habituado o meu repertório e de ampliar os meus horizontes, o meu olhar e a minha percepção sobre a sociedade. Sendo assim eu resolvi que iria, então, construir a minha investigação em relação aos jovens em situação de exclusão, às atuações comunicativas de rapazes e moças oriundos de um universo diferente do meu, de uma realidade pautada, muitas vezes, pelas desigualdades sociais as quais eu desconhecia na prática. Aprender com esses atores coletivos, com esses novos cenários e com os movimentos de emancipação sociocultural tecidos por eles seria um desejo a perpassar toda o desenvolvimento da pesquisa.

Vendo a relação pesquisador x objeto por outro viés, acredito que possa ser bastante proveitosa a construção de uma investigação que dê conta de analisar os movimentos juvenis e seus imbricamentos com as mídias e com as culturas a partir de um olhar distanciado de quem desenvolve a pesquisa. Não o olhar do militante, a reflexão do engajado na política, ou a percepção daquele que a vida inteira esteve vinculado ao movimento estudantil e/ou social, e que, muitas vezes, justamente devido ao tipo de trajetória marcada pelo ativismo político, pode não conseguir se aperceber das tantas nuances que envolvem o vínculo entre cidadania e movimentos socioculturais juvenis. A visão, por vezes viciada, de quem está dentro da problemática de pesquisa acaba não conseguindo revelar as entrelinhas do que se procura investigar, o que pode ocasionar uma limitação aos interesses da investigação, pois, como nos diz Cogo (2007), a ciência não pode ser tomada como um simples instrumento de ação militante.

O olhar de um observador de certa forma desentranhado²³⁷ do tema pode fazer suscitar questões, perspectivas, encaminhamentos, a partir de sensibilidades distintas da de uma visão de dentro dos movimentos sociais. A percepção de fora pode fazer desnudar

²³⁶ BARSÍ LOPES, Daniel (2008). *Mídia, juventude e recepção*: percepções sobre televisão e cidadania de jovens brasileiros no cenário urbano.

²³⁷ Não estou falando aqui de uma pretensa objetividade na investigação, e nem que o pesquisador, por não ter uma trajetória vinculada ao tema que estuda, não carregue as marcas de sua subjetividade e de sua visão de mundo. Acredito que as pesquisas no campo das ciências humanas são, de forma inescapável, atreladas às subjetividades e às vivências do pesquisador.

determinadas posturas, certos procedimentos, que muitas vezes são omitidos e negligenciados – ou não adquirem relevância – pelos militantes. Controle, poder, hierarquias, adesão ao sistema, homogeneização, dentre uma série de outras características vistas como “pejorativas” por boa parte dos engajados politicamente, não devem ser relacionadas somente à sociedade “alienada” que não se organiza socialmente na luta pelos seus ideais.

Meu compromisso com o desenvolvimento desta investigação foi um modo de ajudar a constituir-me como cientista social, mesmo que não haja ainda uma rica trajetória de ativismo em minha caminhada. Gostaria de destacar, finalmente, que a tese que aqui se apresenta teve sempre como norte, em seus processos de elaboração, a procura de uma postura não-panfletária, mas curiosa e criativa, procurando situar os movimentos juvenis socioculturais no cenário contemporâneo, permeado e atravessado pelas novas tecnologias da comunicação. Não me comporto como partidário de um ou outro governo, não tenho relações empregatícias com uma ou outra associação e nem sou funcionário com qualquer tipo de vínculo com o Estado. Meu interesse não foi em nenhum momento atestar ou reprovar tecnicamente a funcionalidade de políticas públicas voltadas para a juventude, mas buscar compreender as questões sociocomunicacionais que se constituem quando os jovens, mais do que espectadores dos meios de comunicação, passam a se comportar como produtores de conteúdos e gestores de mídias, podendo elaborar uma prática cidadã a partir das questões culturais.

3.2. As pluralidades no fazer investigativo e as processualidades metodológicas

A lógica em que se baseia a metodologia para esta pesquisa é a da experimentação, da tentativa. Assim como Wallerstein (1996), não conseguimos entender, em nossa perspectiva de compreensão epistemológica, que saberes absolutos e inquestionáveis, que métodos prontos e acabados sirvam de modelo para o desenvolvimento desta investigação que desenvolvemos. Nossa metodologia desenha-se sob um panorama multimetodológico de pesquisa qualitativa (Lopes, 2000), funcionando em um intento de integração de métodos de orientações diversas, no sentido que mais convier à satisfação das demandas da problemática de pesquisa.

Esse é um ponto de relevância que se faz fundamental trazermos aqui, o da concepção de metodologia não como uma “receita de bolo”, que pode ser aplicada indistintamente sobre qualquer problemática de pesquisa, de forma homogênea e mecânica. Compartilhamos dos ensinamentos oferecidos por Maldonado (2004), quando este autor nos faz pensar que não existem métodos prontos para uma imediata aplicação, pois toda problemática exige construções e combinações metodológicas que dependem da realidade, do processo ou do fenômeno que estamos investigando, originando, como consequência, que os métodos devam ser construídos e articulados de acordo com cada pesquisa.

Se cada autor deve ser seu próprio metodólogo (MILLS, 1975), deve, então, construir uma metodologia que melhor se adapte às necessidades de sua problemática de pesquisa, atendendo aos seus requerimentos. A escolha do método deve vir a partir das solicitações do problema de pesquisa e não ser simplesmente o resultado de um “dogma epistemológico” (MILLS, 1975, p. 84). Oliveira (1998, p. 21) corrobora essa posição ao afirmar que o “método envolve [...] técnicas que devem estar sintonizadas com aquilo que se propõe”. Lopes (2001, p. 144) complementa o raciocínio, quando nos diz que “é o objeto e sua problemática que devem nortear o uso das técnicas [...], as vantagens e desvantagens de cada uma”.

Ou seja, cada pesquisa necessita de uma metodologia diferente, pois cada investigação é única, tem propostas variadas, articulações distintas, objetivos singulares e procura responder questões que não são as mesmas. Como, então, utilizar uma metodologia igual para responder a coisas diferentes? Configura-se uma barreira e um empecilho ao desenvolvimento da pesquisa científica no campo da comunicação a compreensão de que as metodologias devam funcionar como receituários prontos, para imediata aplicação. A complexidade da sociedade contemporânea e a fluidez de nossos objetos de investigação, inseridos neste cenário múltiplo e maleável, demanda que cada um de nós deva construir sua própria metodologia, a partir das necessidades e dos encaminhamentos de nossas problemáticas de pesquisa.

É com base nessa perspectiva autoral de metodologia – ou seja, de quem cria em vez de empreender uma mera reprodução – que se deve entrar em campo. Faz-se frutífero, então, que utilizemos posições não extremistas em nossas pesquisas de campo, conjugando conhecimentos estabelecidos com a criatividade, que deve ser parte inerente do fazer

investigativo. É interessante a perspectiva de Guber (2004), quando afirma que é preciso uma rota para a pesquisa, mas uma rota suscetível a mudanças, alterações, surpresas, desvios de plano e o que mais for necessário para o desenvolvimento pleno das questões propostas. É preciso estar aberto ao inesperado e dele saber tirar proveito. Mills (1975) fundamenta bem essa posição, quando afirma que um olhar já treinado e viciado pode, por vezes, nos incapacitar de apreender o novo, e que devemos ser receptivos a qualquer vínculo não esperado. O pesquisador que age conforme essa filosofia estará preparado para lidar com as inúmeras situações inusitadas que agem no fazer científico, e que não estão codificadas em nenhum manual.

Enfim, as teorias e os métodos existem para nos orientar e nos fornecer conhecimentos e pistas. Mas as articulações teórico-metodológicas na pesquisa devem oferecer possibilidades para desenvolvermos nosso próprio raciocínio, para que possamos nos mostrar como autores, usando os conhecimentos estabelecidos atrelados às nossas próprias reflexões. Não podemos deixar que a teoria e o método nos aprisionem, não será produtivo que nos tornemos reféns deles. Mills (1975) completa o raciocínio quando diz que o problema de pesquisa não pode ser limitado e “podado” pelo método. O conhecimento científico deve ser utilizado num sentido que leve à emancipação do sujeito, e não o contrário.

Tendo em vista que nossos objetos e interesses de pesquisa descortinam-se paulatinamente, a partir de idas e vindas aos livros e ao campo, de continuidades e rupturas com nossos pressupostos conceituais, de diálogos e atritos entre teoria e realidade empírica, faz-se de fundamental importância que possamos, também, pensar reflexivamente sobre os caminhos percorridos na construção das nossas investigações, ponderando sobre as processualidades metodológicas desenvolvidas ao longo da elaboração da tese. Apesar de uma aparente naturalidade de sentido e de lógica do texto que apresentamos, para chegar à associação *Aldeia* e ao projeto audiovisual *KDM* como objetos de referência da investigação e para construir teoricamente alguns dos conceitos que nos são caros nesta pesquisa foi necessário um longo percurso metodológico, caminho este nem sempre pautado pela linearidade, mas, muitas vezes, atravessado por tensões, rupturas e pelo surgimento de situações sequer previstas no planejamento das estratégias metodológicas.

A pesquisa científica no campo da comunicação está em constante construção, sendo penetrada por um incessante ir-e-vir. “O campo da pesquisa [...] é processo enquanto se realiza como prática científica” (LOPES, 2001, p. 97). A pesquisa – não só em comunicação, mas vamos tomar este campo, no espaço desta tese, como objeto de referência – se constitui em processo, ou, melhor dizendo, em processos. Cabe ao bom pesquisador, ciente de suas funções e responsabilidades perante a sociedade, exercer um movimento de seguir adiante ou de retroceder, com vistas sempre ao que for mais proveitoso para o desenvolvimento da investigação.

A investigação científica deve ter esse caráter reflexivo, que envolve pensar não somente sobre o objeto empírico que se está estudando, mas, também, sobre a própria pesquisa, sobre o fazer pesquisa e tudo o que envolve essa prática. É amplamente dito que nas pesquisas em comunicação o teórico e o metodológico estão intrinsecamente ligados, e que é impossível desvincular um do outro. Cabe nessa discussão um adendo, acerca da auto-reflexão como importante fator a ser considerado nas tomadas de decisões – teóricas e metodológicas – no curso da pesquisa, em sua processualidade.

O fazer pesquisa segue um movimento incessante de construção, e são os resultados preliminares que vão surgindo, as considerações que são feitas em reuniões de orientação, os *insights* produzidos com o acompanhamento ao objeto empírico, as trocas feitas com outros colegas pesquisadores, enfim, as vivências da prática do pesquisador – e as reflexões advindas dessas vivências – que vão trazendo colaborações para o desenvolvimento da investigação. Devemos, a todo tempo, estar revendo o estado de nosso problema e a situação em que se encontram nossos planos (MILLS, 1975). É a pesquisa que vai se alimentando da própria pesquisa. E, depois de “encerrada”²³⁸, essa pesquisa alimentará – pelo interesse na temática em questão, pelas lacunas inerentes ao próprio fazer investigativo (sempre “sobram” elementos que não conseguiram ser contemplados em determinada pesquisa) – novos projetos investigativos, numa processualidade ininterrupta.

Para que essa “alimentação” de que falamos se dê de uma forma “saudável e balanceada” devemos saber utilizar de uma maneira positiva a bagagem que a pesquisa vai

²³⁸ As aspas se dão por acreditarmos que nunca uma pesquisa pode ser encerrada definitivamente. Como os pesquisadores trabalham com temporalidades determinadas, suas investigações precisam ser concluídas dentro daqueles limites a que se propuseram. Mas sempre escapam coisas que não conseguem ser contempladas em uma mesma investigação, oferecendo subsídios para outras pesquisas, e assim sucessivamente.

nos deixando, dos indícios que vai nos suscitando ao longo de sua caminhada. Ou seja, devemos refletir sobre o processo de investigação sob um ângulo que nos permita valorizar cada momento de seu percurso, percurso este que envolve erros e acertos, passos adiantes e retomadas, convicções e dúvidas, angústias e tranqüilidades. Devemos ter em conta que a riqueza da investigação está justamente quando compreendemos todos esses movimentos e deles sabemos tirar o melhor proveito para aprender com os passos dados. É nesses atos que reside a imaginação comunicacional do pesquisador, sua capacidade criativa e seu desejo de constante aprendizagem.

Os desenvolvimentos empreendidos numa pesquisa científica em comunicação não podem ser aleatórios. Eles têm justificativas, se realizam desta e não daquela maneira não por acaso do destino, mas por demandas da articulação teórico-metodológica. As escolhas, as desistências, os retrocessos, tudo faz parte da processualidade da pesquisa, dos deslocamentos constantemente solicitados pelo problema-objeto e suas (re)configurações. A maneira do pesquisador se portar frente a essa processualidade, a esses incessantes movimentos de idas e vindas, converte-se num fator de extrema importância para a vitalidade da investigação em andamento. São nessas nuances e nesses detalhes – que apenas aparentemente não fazem muita diferença –, na maneira sensível e perspicaz de encarar os desafios, que diferenciamos um mero técnico de um pesquisador.

Indo na contramão dessa corrente de pensamento, é considerável a quantidade de pesquisadores que ainda hoje não se deram conta da importância que tem a explicitação das estratégias e do processo metodológico para uma eficaz aproximação dos leitores com a pesquisa em questão, fazendo com que o público interessado possa se apropriar da investigação. Pesquisa é percurso, mais uma vez afirmamos, e não há como o leitor captar determinadas escolhas por parte do autor, compreender certos movimentos do pesquisador sem saber o que está por trás disso, sem entender o que aconteceu “nos bastidores” da pesquisa. (BONIN, 2006).

Fica transparecendo ao leitor de certas dissertações, teses e relatórios de pesquisa que tudo sempre deu certo, que todas as fases desenrolaram-se de forma simples e prática, que todas as opções foram feitas de maneira óbvia (como se não existissem outras possibilidades de escolhas), que a investigação transcorreu livre de percalços, quando sabemos que, para a grande maioria dos casos, isso não procede dessa maneira. As marcas

do processo da pesquisa, os vestígios deixados por reconfigurações de problema-objeto, hipóteses e referencial teórico, as aproximações mal-sucedidas aos entrevistados, as técnicas de investigação que se mostraram infrutíferas, todas as decepções devem ser silenciadas, na visão desses autores, que fazem questão de apagar todas as lembranças da trajetória empreendida, executando uma “limpeza” no capítulo metodológico, uma assepsia do processo em prol de visibilizar apenas os resultados.

O que devemos ter muito claro para nós, pesquisadores em comunicação, é que assim como um indivíduo tem histórias de vida, contextos e memórias atrelados a ele, a pesquisa também não pode (e não deve) ser descolada das circunstâncias que interpenetraram seu desenvolvimento. A investigação é uma prática que se faz nos detalhes, levando-se em conta todas as suas sutilezas, todas as suas hesitações, todos os seus processos de observação. A pesquisa é construída artesanalmente (MILLS, 1975), algo que somente se aprende mediante o próprio ato de fazer, não existindo nada que possa substituir essa prática (ABRAMO, 1988). E com “prática” queremos dizer exatamente isso: erros e acertos, processos refletidos.

3.3. Epistemologias do Sul, histórias do cotidiano e a relação pesquisador-objeto

É com um sentido de emancipação dos sujeitos através do conhecimento, e não de seu aprisionamento, que nos apropriamos das contribuições de Boaventura de Sousa Santos, quando este autor nos fala de uma Epistemologia do Sul e de uma Ecologia de Saberes (SOUSA SANTOS, 2009). Nesta perspectiva de fazer ciência os conhecimentos populares seriam revitalizados, resgatados depois de a eles muitas vezes só restar a invisibilidade, afinal, fala ironicamente o autor que “do outro lado da linha não há conhecimento real: existem crenças, opiniões, magia, idolatria” (SOUSA SANTOS, op. Cit, p. 25). Refletindo sobre isso, podemos perceber a importância que os conhecimentos populares – tanto por parte dos grupos moradores das periferias das grandes cidades como dos coletivos migrantes em deslocamentos transnacionais – podem trazer para investigações como a nossa. Tratam-se das micropolíticas, dos fazeres cotidianos, dos protestos muitas vezes localizados, das estratégias de curto alcance, que, na maior parte das vezes, não estão escritos em nenhum manual, mas configuram-se como um código

transmitidos somente aos “iniciados”. Será que esses saberes não merecem atenção por parte dos pesquisadores? Sobre a Epistemologia do Sul, é interessante e esclarecedor quando Sousa Santos (2009, p. 44-45) nos diz que se trata de

uma ecologia porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos [...] e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na idéia de que o conhecimento é interconhecimento.

Vale ressaltar que o “Sul”, aqui, diz respeito muito mais a um sentido metafórico do que a uma lógica geográfica, pois se trata a Epistemologia do Sul de uma outra forma de pensar o conhecimento e as realidades sociais, um modo que vai de encontro à produção científica elitista e totalitária, que se fecha aos saberes oriundos de outros campos sociais, que não seja o acadêmico ou os provenientes de territórios distantes dos centros de poder e controle mundiais. O “Sul” reflete as práticas sociais e culturais de grupos que são recorrentemente excluídos e marginalizados, chamando a atenção para a urgente necessidade de desenvolvermos uma compreensão do mundo que vá além do entendimento ocidental do planeta, pois a diversidade de sociedades, de formas de vida, de práticas cotidianas, de estratégias (DE CERTEAU, 1998) é infinita, mas se vê passando por um processo de constante ocultação ou de secundarização, porque insistimos em privilegiar os conhecimentos originados no “Norte”. Sousa Santos (2011)²³⁹ afirma que a Epistemologia do Sul parte de outras histórias e enfatiza outras lógicas de produção, circulação e consumo – distintas das levadas a cabo a partir dos processos hegemônicos capitaneados pelos setores detentores de poder –, adicionando que a injustiça cognitiva (ou seja, entre modos de conhecimentos) é a maior das injustiças, responsável por atravessar todas as outras formas de desigualdades que encontramos nas sociedades. Morley (2008), colabora com o debate, apontando a enorme injustiça que é insistir no binarismo Centro/Periferia, e complementa, afirmando que não se trata agora de celebrar o que antes se considerava marginal, mas tentar, isso sim, desconstruir as estruturas que determinam o que se considera culturalmente marginal.

²³⁹ Em conferência intitulada “Sur Global, Norte Global”, apresentada no CIDOB – Centro de Estudios y Documentación Internacionales de Barcelona. 26 de janeiro de 2011.

Vale a pena pensar sobre a relevância de se trazer para o debate conhecimentos e saberes outros que não sejam somente os ocidentais – especialmente os europeus e os norte-americanos, configurando um bloco que Morley (2008) chama de EurAm –, destacando que as questões políticas, sociais e econômicas podem configurar sentidos distintos, e até opostos, de acordo com os contextos culturais nas quais estejam inseridas. Sousa Santos (2011)²⁴⁰ cita como exemplo dessa disparidade o caso do Fórum Social Mundial, realizado na África, que levanta elementos bem diferentes para reflexão e encaminhamentos dos suscitados pelo Fórum Econômico Mundial, que tem lugar em Davos, na Suíça. Iluminar os debates materializados em ambos os encontros pode até nos fazer pensar que não se fala, nesses âmbitos, sobre o mesmo mundo, tamanha são as divergências de sentidos atribuídos ao planeta. Devemos ter em mente que nem todas as formas de economia no mundo inteiro estão baseadas no capitalismo, pois crescem exemplos de práticas de uma economia solidária, revelando que em diversos recantos do globo estão sendo dinamizadas posturas políticas, econômicas e sociais contra-hegemônicas, alicerçadas em outras formas de conhecimento.

Cogo (2007) contribui ao pensamento de que a Ecologia de Saberes faz dinamizar uma convivência ativa e um diálogo produtivo entre saberes científicos e populares, tanto dentro como fora do cenário da universidade. É nesse sentido que essa perspectiva de construção de conhecimento pode ser tomada como uma forma de extensão ao contrário, pois parte de fora para dentro do âmbito universitário, trazendo práticas e saberes do cotidiano, antes relegados a segundo plano, para dentro do panorama científico, construindo pontes para ultrapassar as barreiras – antes intransponíveis – entre senso comum e cientificidade, mostrando que os conhecimentos ditos como crendices, mitos e superstições podem e devem ser valorizados nas pesquisas em torno das culturas populares e dos grupos marginalizados pelo viés exclusivista da academia. Assumindo a diversidade de culturas e de contextos que fazem parte de nossa contemporaneidade complexa é que se faz fundamental investir em orientações metodológicas que convidem e enriqueçam o diálogo entre ciência e universo popular, afinal a autora (op. Cit) ainda afirma, acerca do caráter universal da ciência, que é a partir da Ecologia de Saberes que podemos ter em conta que o universalismo europeu não é nada mais do que um particularismo, frente à heterogeneidade

²⁴⁰ Idem.

do mundo, e que não existe uma teoria geral que cubra todas as formas de conhecimento do universo.

É com o intuito de valorizar e visibilizar as culturas e os fazeres dos jovens em situação de exclusão que propusemos essa investigação, norteadas por uma perspectiva de ecologia de saberes, no qual há troca de conhecimentos entre os jovens sujeitos-pesquisados e o investigador. Este último, apesar de não ter tido uma experiência de vulnerabilidade social em sua trajetória pessoal, pode construir, juntamente com as juventudes que participam do *Aldeia* e do *KDM*, conhecimento a partir das interações com os atores coletivos que atuam como informantes da investigação. Sobre a ausência de algum elemento que nos “enquadre” como um morador da periferia (e os prejuízos que isso possa acarretar para a investigação), Martins (2009) parece contribuir, lembrando de suas trajetórias de pesquisa com indígenas e camponeses na Amazônia, quando reflete que, apesar de toda a cordialidade com a qual o tratavam, ficava sempre clara a sua condição de estranho, de não-membro de grupo. O autor (2009, p. 16) completa, afirmando que “é uma ingenuidade imaginar que o pesquisador possa se tornar participante de grupos cuja situação social exacerba seus critérios de alteridade e torna precisa a linha que neles separa o ‘nós’ e os ‘outros’”. Vale ressaltar que como migrante há a experiência do autor desta tese como morador de Barcelona por um ano, que adicionou ao seu repertório cultural uma série de conhecimentos e vivências com relação ao fenômeno das migrações transnacionais, apesar de que deve ser clarificado que uma experiência no exterior para fazer uma pós-graduação, e com bolsa de estudos, configura um projeto migratório bastante diferente daquele levado a cabo por alguém que vai “tentar a vida” em outro país. O primeiro caso comporta, muitas vezes, uma apropriação de certa forma privilegiada da cidade de acolhida, diferente daquela empreendida por sujeitos que vivenciam uma instabilidade empregatícia cada vez maior, não possuem uma renda mensal economicamente vantajosa ou não portam documentos comprobatórios da regularização de sua situação no país estrangeiro. Isso para não falar que o próprio olhar dos autóctonos sobre o estrangeiro muda, quando se sabe que se trata de um migrante que possui uma bolsa para estudar fora de seu país.

Em um sentido de auto-reflexividade é significativo pensar como esse tipo de investigação que desenvolvemos pode ser frutífero e desmistificador para os pesquisadores que entram nas zonas periféricas ou no universo dos grupos minoritários, no contexto das

grandes metrópoles, por vezes, marcados por estereótipos. Muitos desses estereótipos não são propositais e, em alguns momentos, sequer percebidos. São marcas construídas ao longo de décadas, que ficam como uma crosta na pele. É o medo de ser assaltado, o receio do contato direto com o “feio, o pobre e o sujo”. A proximidade com essa outra realidade, a descoberta de outras lógicas, o conhecimento de outros paradigmas faz-se de fundamental importância para a formação acadêmica e pessoal desses investigadores, que podem contribuir científica e socialmente a partir da confluência de saberes, do encontro de olhares, do compartilhamento de conhecimentos e trajetórias entre os “de dentro” e os “de fora”. Melucci (2001) corrobora este raciocínio quando nos faz ponderar que os cientistas sociais não estão às margens do campo no qual pesquisam, mas inseridos no interior de seus objetos de estudo, atuando neles. É justamente a partir dessas aproximações de mundos que vemos que, apesar de trajetórias distintas, as realidades de jovens moradores de periferia e de um jovem pesquisador, por exemplo, convergem em algumas questões, às vezes próprias da juventude. Os jovens da periferia também fazem faculdade ou cursos técnicos e profissionalizantes, os jovens “do asfalto” também têm problemas com o desemprego, ambos constroem sonhos, têm anseios, vivem uma juventude marcada por ambivalências, dúvidas e angústias. Apostamos que esse encontro de jovens, de realidades, a priori, distintas, pode ser produtivo e relevante para a pesquisa em comunicação. Interessante quando Martins (2009), acerca das sociabilidades tecidas a partir de pesquisas acadêmicas, nos fala de relacionamentos baseados em trocas, em compartilhamentos, e não em uma via de mão única, como, por vezes, vemos acontecer. O autor (op. Cit, p. 11-12) acrescenta, nos falando

de um modo de conhecer através da vontade de conhecer e de se conhecer da própria população estudada. Desse modo é possível fazer com que o grupo estudado formule por meio de suas indagações a compreensão que tem dos acontecimentos de que é protagonista e da situação em que vive e assim exponha também seu modo de compreender e de conhecer – seu modo de produzir conhecimento, os parâmetros e critérios de sua consciência social.

É com o ideário calcado nas Epistemologias do Sul que procuramos dialogar com os jovens, protagonistas desta pesquisa, construindo conhecimento de forma conjunta, e não

fazendo da periferia e do universo das migrações um “laboratório”, tantas vezes utilizado instrumentalmente pelos pesquisadores de diversas áreas. Os jovens, atores coletivos que dão vida a esta investigação, não são tomados aqui como sujeitos exóticos e estranhos, daqueles que investigamos à distância, com medo de nos contaminar, mas como sujeitos ativos, protagonistas e dinamizadores de uma realidade social que teima em afirmar a heterogeneidade das culturas e das identidades e a pluralidade de contornos e de significados que assume a cidadania nos dias de hoje.

Quando focamos nos jovens moradores de periferia, em Fortaleza, e no contexto das migrações transnacionais, em Barcelona, é importante pensarmos que, na maioria das vezes, a história oficial faz-se nos centros de poder das cidades e que as histórias tecidas no subúrbio e na periferia contribuem apenas com uma história secundária²⁴¹. “O subúrbio é coadjuvante, circunstante, ocasional” (MARTINS, 2008, p. 57). A cidade tem privado os sujeitos dos subúrbios e das periferias do direito e da possibilidade de reconhecerem-se como agentes ativos do processo histórico. Mas a história, com H maiúsculo, é feita do que, se não de histórias? Acreditamos que os jovens cujas vidas desenrolam-se a partir de uma trajetória de vulnerabilidade social e cultural (que, muitas vezes, se perpetua de geração em geração) contribuem de forma protagonista para a história da humanidade, com suas pequenas histórias, seus pequenos feitos, suas discretas ações em prol da afirmação da diversidade de culturas no seio da sociedade. Melucci (2001) afirma que é justamente graças ao trabalho das figuras marginais, daquelas que atuam afastadas da luz dos holofotes, que são possíveis as transformações sociais. Cada encontro para debater, cada saída para filmar, cada depoimento colhido, cada edição, cada troca de material, cada processo engendrado nessas produções de outras visibilidades ajudam a construir a história. E nosso papel é tentar entender e documentar isso. Sobre as histórias que nem sempre desenvolvem-se nos centros do poder, Martins (2009, p. 56) nos conta que

a história ‘no’ subúrbio é a explosão ocasional no cenário suburbano de episódios da grande História. A crise da escravidão explodiu no subúrbio, no seu elo mais fraco, onde a economia agrícola era mais débil, quando os escravos da Ordem de São Bento se recusaram a continuar trabalhando como operários da fábrica de louças, telhas e

²⁴¹ Em certo sentido a mídia tem dado um tipo de visibilidade à periferia – que pode ser questionada, no que diz respeito aos elementos que são priorizados nesse processo de representação –, como comentamos em outros espaços desta tese.

títulos. Foi o que gerou o modelo beneditino de abolição gradual da escravidão, em seguida adotada pelo Estado brasileiro.

Vale, ainda, destacar que nossa investigação desenvolveu-se a partir de uma perspectiva qualitativa, onde sobressairam processos, sujeitos, histórias, trajetórias de vida de jovens e suas relações com a mídia, em detrimento de números, gráficos, porcentagens e cálculos. Nunca tivemos a pretensão de selecionar um número de jovens para a pesquisa que adquirisse valor estatístico e nem de tomar os dados advindos da investigação como a representação da realidade e como o universal, apenas compreender determinadas questões do interesse deste estudo em contextos bem específicos, que são os da periferia das grandes cidades brasileiras e os das cidades envolvidas de forma mais enfática com o fenômeno das migrações transnacionais. Apesar de particular, acreditamos que a periferia da cidade de Fortaleza – com seus jovens, suas demandas e suas ações sociais – dialogue com os morros, favelas e subúrbios de tantas outras cidades brasileiras, bem como que cidades como Barcelona, grande receptora de migrantes nos últimos anos, atraído coletivos de outros países através da sedutora economia espanhola na virada do século²⁴², podem expressar dinâmicas semelhantes às ocorridas em outras cidades européias, que igualmente viveram o *boom* da migração e da diversidade de culturas nos anos mais recentes. Esses processos servem para mostrar que as investigações em micro-contextos, apesar de não oferecerem dados que possam ser generalizados e tomados como verdades absolutas, têm valor ao circularem, contribuírem e vincularem-se a cenários mais macros.

Trabalhamos a partir da ótica da particularidade e da “percebibilidade” dos resultados científicos e sabemos da importância de termos em conta a posição de Wallerstein (1996), que nos fala da ruptura que devemos levar a cabo na intenção de desmistificar esse caráter totalitário das ciências, de saberes inquestionáveis. Mills (1975, p. 23) corrobora essa visão, criticando o cientificismo, o ponto de vista pelo qual a ciência é tomada como o “messias [...] na civilização moderna”. Com base nos ensinamentos desses autores percebemos que a ciência deve ser compreendida também em sua fragilidade e em sua possibilidade de críticas e de superações. As problemáticas de pesquisa referem-se a um recorte específico

²⁴² Como veremos de forma mais aprofundada no capítulo 5, em virtude de crise econômica muitos coletivos migrantes estão retornando para seus países de origem, fazendo com que as taxas de imigração na Espanha estejam em decréscimo na atualidade.

da realidade, oferecendo considerações sobre um determinado contexto, fazendo com que nossas investigações não possam proporcionar paradigmas absolutos e perenes. Ao contrário, a ciência é capaz de oferecer reflexões e conhecimentos apenas de uma parte da realidade. E isso até que as mudanças nesse vai-vem incessante da vida e da história solicitem novas reflexões, conhecimentos e investigações. Mas a idéia de “saberes apenas parciais” não deve nos desmotivar, de maneira alguma, de tentar oferecer nossa contribuição científica ao campo da comunicação. Essas especificidades inerentes ao campo, de “respostas” provisórias, não podem se converter em obstáculos, mas em disposição para a renovação, para a revisão e para a contínua produção. A velocidade das transformações que ocorrem na sociedade atual serve, isto sim, como estímulo para a efervescência da Comunicação.

3.4. Uma pesquisa em duas dimensões

A pesquisa que origina esta tese possui uma peculiaridade que atravessa todo o fazer investigativo desenvolvido ao longo dos quatro anos de sua elaboração: ela se configura em dois contextos, em cidades, países e continentes distintos, uma metrópole brasileira e outra espanhola. Mesmo no início do doutorado, dois anos antes de iniciarmos a experiência em Barcelona, o plano do estágio doutoral na Espanha já existia, ou seja, a investigação que, naquele momento, era praticamente ainda apenas um projeto de pesquisa, já continha esse horizonte de trabalho em sua concepção. A tese ia ganhando corpo no Rio Grande do Sul, onde morávamos e, ao mesmo tempo, ia se preparando para “migrar” para a Europa, pois os caminhos que iam sendo percorridos em sua tecitura já levavam em conta a chegada, em breve, de um novo cenário investigativo.

Elaborar uma tese que se alicerça em dois contextos diferentes e que se desenvolve em dimensões distintas é um exercício que envolve constantes desafios a serem superados. Apesar das questões analisadas dizerem respeito às mesmas temáticas – tais como mídia, cidadania, jovens, culturas, mobilização social, etc. –, em ambos os cenários, o fato de tratarem-se Fortaleza e Barcelona de cidades tão distintas configura uma dinâmica que envolve, o tempo todo, adaptações, flexibilizações e distanciamentos de qualquer posicionamento, seja teórico ou metodológico, rígido e encaixotado. O fato da investigação

ter se desenrolado durante três anos no Brasil e apenas um na Espanha também conforma algumas implicações no encaminhamento da pesquisa, pois as temporalidades não eram as mesmas, os fluxos dos objetos de referência, os modos em que eles iam surgindo na tese não poderiam seguir padrões semelhantes em um e outro cenário.

O tempo todo procuramos seguir uma lógica de paridade e equilíbrio entre os dois contextos, buscando associações e projetos sociais e audiovisuais que trabalhassem com elementos e a partir de formas semelhantes, tentando elaborar roteiros de entrevistas e observações que contivessem questões e tópicos parecidos, enfim, objetivando trazer uma certa regularidade de questões conceituais e de estratégias metodológicas para esses cenários tão plurais e diferentes como são as cidades de Fortaleza e Barcelona (e como o são, também, os universos nos quais estão inseridos *Aldeia* e *KDM*). Alguns desses equilíbrios foram alcançados, como com relação à natureza da associação e do projeto selecionados em ambas as cidades; ao número de jovens informantes que participaram na fase aprofundada da investigação – cinco jovens em cada contexto –; a execução de duas etapas distintas e bem marcadas entre pesquisa exploratória e pesquisa aprofundada nos dois países; o bom envolvimento com os coordenadores da associação e do projeto tanto no Brasil como na Espanha; dentre outros pontos nos quais conseguimos atuar de forma tal que a pesquisa não ficasse completamente diferente em um e outro contexto.

Mas outros percursos, pelo bem da produtividade e da exequidade da investigação, tinham que possuir suas especificidades, a começar pela própria ambiência social e cultural na qual os jovens envolvidos no *Aldeia* e no *KDM* estão inseridos, e que afetam sobremaneira o desenvolvimento da pesquisa. Enquanto que em Fortaleza nossos protagonistas são os jovens moradores de periferia, em Barcelona a investigação se configura em torno do tema das migrações transnacionais, de jovens (migrantes e autóctonos) que participam de um projeto que reflete sobre o fenômeno migratório na Espanha. Como já dissemos anteriormente, a categoria de “jovens de periferia” não adquire o mesmo sentido em Barcelona do que o que confere a designação em Fortaleza (e no Brasil, de modo geral). Ao mesmo tempo, a juventude migrante em Fortaleza não assume contornos significativos, por não haver nesta cidade uma trajetória substancial neste sentido. O fenômeno das migrações transnacionais não configura na capital do Ceará, nem de longe, a mesma importância que tem na sociedade catalã na última década. As questões

de periferia e de migrações dinamizadas na tese fizeram com que contexto brasileiro e cenário espanhol tecessem movimentos distintos no interior da macro-temática dos jovens em situação de exclusão.

Nesse sentido, uma investigação que aborda ambientes distintos demanda aproximações específicas a cada um dos grupos pesquisados, exigindo adaptações no intuito de equilíbrio entre ambos os contextos. Os roteiros de entrevistas, por exemplo, apesar de manterem uma mesma lógica e uma distribuição semelhante de tópicos, continham perguntas diferentes, para que fosse possível dar conta do tema da periferia e da migração em um e outro panorama investigativo. Em Fortaleza, pelo tempo maior que se teve para a realização da pesquisa, foi possível trabalhar, por um bom tempo, com duas associações como objetos de referência, sendo apenas no último ano do processo uma delas preterida²⁴³, em função das demandas da tese, enquanto que em Barcelona, que exigia um ritmo mais dinâmico na execução das tarefas, o *KDM* foi o único objeto investigado. Mas, apesar de uma temporalidade que exigia mais rapidez nas estratégias metodológicas, em Barcelona foi possível desenvolver três grupos de discussões preliminares, na fase exploratória da pesquisa, em virtude da estrutura do projeto *KDM* ter nos possibilitado mais essa entrada empírica.

Sendo assim, nossa pesquisa – de abordagem qualitativa, aliando entrevista, observação e análise de conteúdo – configura-se como um estudo de caso, de um caso que diz respeito à associação *Aldeia*, em Fortaleza, e de outro caso, relacionado ao projeto *KDM*, em Barcelona. Trata-se o estudo de caso de uma “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representados” (SEVERINO, 2007, p. 121). Como já afirmamos anteriormente, nosso objetivo não é o da generalização e nem o de tomar as considerações geradas no âmbito desta investigação como verdade absoluta e inquestionável. Mas acreditamos sim que os casos tomados para análise nesta tese – *Aldeia* e *KDM* – são emblemáticos, em cada um dos seus contextos, de um tipo de mobilização coletiva juvenil, dinamizado através das mídias digitais, que se vem desenvolvendo nos anos mais recentes e

²⁴³ Mais adiante esclareceremos porque a associação *Encine* não teve continuidade como objeto de referência desta investigação.

que dialoga com outros movimentos e projetos inseridos no mesmo cenário, seja o brasileiro ou o espanhol.

3.5. Estratégias e procedimentos metodológicos

3.5.1. Pesquisa empírica exploratória

A pesquisa exploratória pode ser compreendida como um momento de desencadeamento de reflexões, decisões e ações, que serão fundamentais para o processo de produção da pesquisa. Ou seja, a etapa exploratória surge como um norteador, uma espécie de bússola para o exercício da investigação, na medida em que possibilita operar opções e determinações que levem em conta os contextos concretos de pesquisa. É a ausência de pesquisa exploratória, de contato com a realidade concreta que se quer investigar, o que ocasiona que em muitas investigações percebamos que o referencial teórico parece não dialogar com os dados empíricos, estando apartados um do outro (BARSI LOPES, 2008).

A pesquisa exploratória nesta investigação pôde nos proporcionar um maior contato com a realidade de associações e projetos sociais e as atividades desenvolvidas nos movimentos de nosso interesse – tanto em Fortaleza como em Barcelona – para esta aventura investigativa, fazendo com que pudéssemos nos aproximar (e apropriar) do concreto empírico, das ONGs não mais como coisas genéricas e abstratas, mas podendo observar pontualmente quais são elas, onde ficam, com que trabalham e quais ações realizam. São os movimentos os quais tanto imaginamos, a partir das inúmeras leituras sobre o assunto, que começam, então, a corporificarem-se em materialidades concretas.

A pesquisa exploratória foi desenvolvida, em ambos os contextos da investigação – brasileiro e espanhol – em diversas fases, que serão detalhadas a seguir. Vale destacar que essas muitas fases que foram levadas a cabo não devem ser pensadas como estanques e absolutas, pois, além de dialogarem entre si, em alguns momentos podem ter sido, inclusive, conduzidas de forma concomitante. Não gostaríamos de dar a entender uma certa “compartimentalização” da pesquisa em etapas, mas, tão somente, tentar clarificar para os leitores, da maneira mais didática possível, as processualidades engendradas no decorrer desta investigação.

Faz-se importante ressaltar, também, que as estratégias metodológicas e as entradas em campo foram o tempo todo acompanhadas de diálogos (que envolvem concordâncias e atritos) com o teórico, com a construção conceitual da investigação. Bagagem teórica baliza os encaminhamentos ao campo e concreto empírico tensiona os conhecimentos advindos das leituras. As sucessivas etapas de pesquisa desenvolvidas foram seguidas por uma constante ampliação do referencial bibliográfico, bem como algumas temáticas de interesse foram surgindo ao longo da investigação, como consequência dos primeiros contatos com os jovens moradores de periferia – envolvidos no *Aldeia* – e a juventude participante do projeto audiovisual sobre migrações e interculturalidade – o *KDM*. Essas aproximações entre sujeito pesquisador e sujeitos pesquisados foram absolutamente profícuas para o enriquecimento da pesquisa, possibilitando-nos dar voz tanto aos jovens da periferia das grandes cidades como aqueles afetados pelo fenômeno das migrações transnacionais – sejam os próprios migrantes ou os autóctonos –, escutando-os, começando a entrar em suas trajetórias de vida, atribuindo-lhes, então, o papel de produtores de conhecimento e sujeitos atuantes e valorizando a cultura que é criada e recriada a partir de suas práticas cotidianas.

3.5.1.1. Contexto brasileiro

3.5.1.1.1 O Vida Urgente. Mas... e a periferia?!

Talvez o primeiro movimento de jovens pensado durante o período de redesenho da problemática – que buscava, a partir de então, deslocar-se do cenário da televisão para o dos coletivos juvenis em sua busca de construção de cidadania a partir da mídia – tenha sido o *Vida Urgente*²⁴⁴, citado, inclusive, por professores e colegas em uma exposição sobre

²⁴⁴ Programa de valorização à vida, com foco no trânsito, desenvolvido pela Fundação Thiago de Moraes *Gonzaga*. A Fundação foi criada em 13 de maio de 1996 pelo casal Régis e Diza *Gonzaga*, pais de Thiago, que perdeu a vida aos 18 anos, quando o carro em que estava de carona chocou-se contra um container de lixo colocado irregularmente na rua, na madrugada de 20 de maio de 1995, em Porto Alegre - RS. O Programa *Vida Urgente* é um conjunto de projetos que visam, através da conscientização, minorar os acidentes de trânsito, principalmente os que envolvem jovens. Entende que o trânsito, mais do que uma questão de Secretarias de Transporte, Segurança ou Polícias Rodoviárias, é uma questão de educação.

a nossa pesquisa de doutorado realizada em uma das disciplinas²⁴⁵ do curso. O Vida Urgente é formado, basicamente, por jovens, tem como tema central um assunto de interesse da juventude – segurança no trânsito, que mata milhares de jovens todos os anos em nosso país – e atua com vistas a uma construção cidadã, já que seus membros têm como uma das atividades principais do coletivo a função de sair pela madrugada em bares e restaurantes buscando conscientizar outros jovens para que não saiam dirigindo se tiverem ingerido bebida alcoólica, ou seja, procurando fomentar uma prática cidadã de uso das cidades, dos espaços públicos, incentivando que a juventude não ofereça risco a ninguém nas ruas e avenidas das metrópoles e nem seja vítima da violência no trânsito.

Em uma primeira mirada a Fundação serviria perfeitamente aos nossos propósitos investigativos (inclusive algumas operacionalizações neste sentido foram feitas, como um maior aprofundamento sobre o Vida Urgente, por nossa parte, bem como o envio de e-mails aos responsáveis pelas relações públicas da Fundação), mas atentando às demandas da problemática percebemos que algumas questões importantes na pesquisa não eram contempladas com essa associação. O Vida Urgente, que conta com mais de dois mil voluntários²⁴⁶, é formado, basicamente, por jovens de classe média e alta (o próprio foco de trabalho, contra acidentes de trânsito envolvendo a relação jovens & alcoolismo, já propicia um recorte de classe, visto que jovens de periferia, em sua imensa maioria, não possuem carro e sequer dirigem), possui um ônibus especificamente para levar a juventude participante da Fundação aos bares e restaurantes da capital gaúcha durante a madrugada e tem ampla participação e apoio da mídia hegemônica, inclusive tendo sido atração de um dos episódios do Globo Repórter e do Profissão Repórter, ambos da Rede Globo de Televisão. Além disso, percebemos na Fundação uma ausência de um caráter mais comunitário, de um movimento mais popular. O Vida Urgente pareceu-nos, portanto, muito mais um movimento de voluntariado, cujo aspecto de transformação do status quo aparentava estar esvaziado de sentido.

²⁴⁵ Disciplina de Pesquisa Avançada em Comunicação, ministrada pela Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Junho de 2008.

²⁴⁶ Dados do site do Globo Repórter.

Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-126-2-2759,00.html>
Acesso em: 04 jun. de 2009.

Os jovens oriundos da periferia, a própria identidade de periferia como atravessadora dessa juventude, as dificuldades financeiras e a falta de apoio que sofrem as associações, uma certa exclusão desses movimentos na mídia hegemônica, dentre outras questões caras à investigação ficariam de fora caso optássemos pelo *Vida Urgente* como objeto de referência. Vale ressaltar, também, que, nesse momento da pesquisa, foi priorizado o desafio do estranhamento com outro contexto e o desejo de incursão pelas Epistemologias do Sul. Foi no sentido de tentar atender às exigências e interesses da problemática de pesquisa – e as demandas do investigador, que buscava ampliar seu repertório e sair da zona de conforto – que entramos em uma outra fase de mapeamento dos movimentos socioculturais que protagonizariam nossa investigação.

3.5.1.1.2. De Porto Alegre à Fortaleza, em busca de uma outra periferia

Na pesquisa exploratória, quando nos é permitido (e, muitas vezes, exigido) experimentações, tentativas, dentre outros processos inventivos, surgiu como uma possibilidade o deslocamento de Porto Alegre como contexto territorial para a associação que se buscava como objeto de referência. Algumas questões justificavam este deslocamento, como, por exemplo, o fato de que boa parte dos movimentos sociais mapeados em Porto Alegre está localizada em uma mesma área, a Restinga, bairro que já é palco de várias pesquisas acadêmicas²⁴⁷, sendo, muitas delas, voltadas para o universo

²⁴⁷ Seguem algumas das teses e dissertações encontradas no portal da Capes sobre a Restinga:
Ana Cecília de Carvalho Reckziegel. Dança de rua: lazer e cultura jovem na Restinga. - 01/01/2005
Cláudia Garcia. As possibilidades do contrato pedagógico em sala de aula: um estudo em uma escola da periferia de Porto Alegre - 01/11/2005
Edesmin Wilfrido Palácios Paredes. Poder local, cidadania e educação: das condições para construção de uma cidade educadora – um estudo produzido a partir do Bairro Restinga – Porto Alegre - 01/06/2007
Elisângela Zaniol. Oficinando com jovens: A produção de autoria na Restinga - 01/05/2005
Fábio Dalmolin. Autopoiese e sociedade : a rede integrada de serviços da Restinga na teoria dos sistemas vivos - 01/01/2002
Fabio Dalmolin. Redes sociais e micropolíticas da juventude. - 01/04/2007
George Saliba Manske. Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre - 01/03/2006
Gisele Santos Laitano. Os territórios, os lugares e a subjetividade: construindo a geograficidade pela escrita no movimento Hip Hop, no bairro Restinga, em Porto Alegre, RS. - 01/09/2001
Rafael Augusto Vecchio. Teatro como Instrumento de Discussão social: a utopia em ação do Ói Nós Aqui traveiz na oficina Humaitá - 01/03/2006
Rosanne Lipp Joao Heidrich. Projeto e realidade na consolidação de uma área urbana. bairro Restinga - Porto Alegre/RS. - 01/07/2000

juvenil. Investir no desenvolvimento da pesquisa na Restinga seria insistir em uma área saturada de investigações, o que configura um cenário de movimentos e projetos sociais de certo modo pouco aberto a pesquisadores.

Foi, então, a partir de um desejo de ruptura com um ciclo “natural” – que nos levaria a alicerçar as bases da pesquisa na Restinga, por se tratar esta área de um pólo aglutinador de associações e ONGs no região metropolitana de Porto Alegre – e na tentativa de trazer para o Programa de Pós-Graduação ao qual estamos vinculados – bem como para a pesquisa acadêmica no Rio Grande do Sul, de forma geral –, uma investigação em um cenário distinto, com uma cultura totalmente diferente, que pensamos em ter a cidade de Fortaleza como espacialidade geográfica dos movimentos de jovens que procurávamos naquele momento.

Fortaleza, capital do estado do Ceará, apresentou-se, então, como cenário de investigação para esta pesquisa por alguns motivos bastante específicos. Em primeiro lugar, por apresentar uma rica trajetória de movimentos sociais, de luta organizada por atores coletivos da periferia da cidade em prol de melhorias sociais e existência pública frente aos setores governamentais, ocasionando, no bojo dessas ações, um vasto uso das mídias, especialmente das rádios comunitárias (CEARAH PERIFERIA, 2002). Em segundo lugar, está o fato (não menos importante) de o pesquisador que desenvolve esta tese ser fortalezense e não ter podido na execução da investigação de mestrado ter sua cidade como “palco” de estudo, já que a temporalidade do mestrado dificultaria nosso constante

Thais Texeira Rodrigues. Lazer e vigilância: uma análise ex post de um semi-experimento em segurança pública - 01/06/2005

Deisimer Gorczewski. Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre. - 01/06/2007

Deisimer Gorczewski. O Hip-hop e a (in)visibilidade no cenário midiático. - 01/03/2002

Leandro Silva Vargas. Esporte, interação e inclusão social: um estudo etnográfico do “Projeto Esporte Clube Cidadão” - 01/03/2007

Neusa Maria Bongiovanni Ribeiro. A mediação das mulheres na constituição das redes informais de comunicação. - 01/03/2007

Araeci Carvalho da Luz. Sob as areias da ampulheta - uma experiência na relação adolescentes e políticas públicas de segurança em Porto Alegre - 01/12/2003

Gabriela Fabrício Frohlich. Esporte e cidadania: bairro Restinga, em Porto Alegre - 01/08/2006

Leunice Martins de Oliveira. Currículo e cultura negra na Restinga: um estudo de escolas e agências sócio-educativas – rompendo o silêncio, criando identidade. - 01/12/1997

Louise da Costa Lage. Comunicação Comunitária: o uso das novas tecnologias de informação e comunicação como forma de pertencimento e sustentabilidade nas comunidades carentes de Porto Alegre no início do Século XXI. - 01/04/2005

deslocamento até o Nordeste, inviabilizando, assim, esse desejo. Com o tempo mais longo que iríamos dispor para o desenvolvimento da tese, acreditamos ser possível e salutar oferecer nossa contribuição à Fortaleza e à trajetória atuante da cidade por meio desta pesquisa científica.

Some-se a isto a relevância dos contatos com pesquisadores envolvidos – tanto a partir de suas atuações práticas ou através das investigações acadêmicas que desenvolvem sobre a temática – com os movimentos sociais de periferia que temos na cidade de Fortaleza (professores da graduação, pesquisadores os quais conhecemos em congressos da área, etc.)²⁴⁸, que poderiam possibilitar uma rica troca de informações, indicações de movimentos, sugestões de leituras sobre o engajamento local, enfim, toda uma gama de relações que se possibilitaria tecer a partir dessas pessoas-chaves, fazendo a ponte entre a academia e a periferia da capital do Ceará.

Foi, inclusive, em uma palestra ministrada pelo autor desta tese na Universidade Federal do Ceará – em setembro de 2008, para graduandos de jornalismo e publicidade participantes de um projeto de extensão junto à Faculdade de Comunicação Social – que o público jovem que participava do evento nos sugeriu algumas associações e ONGs de Fortaleza que poderiam responder aos interesses da problemática de pesquisa, como ter o foco na juventude de periferia e utilizar as mídias para produzir seus próprios conteúdos.

Foi feito, então, um mapeamento desses movimentos socioculturais²⁴⁹, a partir da indicação de jovens graduandos da Universidade Federal do Ceará, de professores e de colegas de Fortaleza envolvidos com engajamento social e coletivo, bem como a partir de buscas executadas na internet, na qual perscrutamos, também, o potencial das redes que vinculam essas associações. O mapeamento executado buscava responder a algumas questões prementes no desenvolvimento da pesquisa, no sentido de materializar objetivamente os contornos do(s) movimento(s) de jovens que selecionaríamos como objeto de referência da investigação. Os projetos encontrados foram os seguintes

²⁴⁸ Dentre estes pesquisadores podem ser citados, especialmente, os professores doutores Márcia Vidal Nunes, Alexandre Barbalho e Catarina Oliveira.

²⁴⁹ Apêndice I

a) **Aldeia**: organização não governamental especializada em cultura, comunicação, educação, inclusão e audiovisual. Trabalha, especialmente, com os jovens do Morro Santa Terezinha, a partir do empoderamento das mídias digitais.

b) **Carrocel**: estabelece a interconexão entre a atividade audiovisual e a educação pública, numa rede que envolve professores de disciplinas diversas e jovens estudantes de escolas públicas. Os bairros em que atua são: Mucuripe e Praia de Iracema.

c) **Escola de Mídia**: trabalha a partir da leitura crítica da mídia e dirige-se à formação de crianças, adolescentes e jovens em escolas públicas, envolvendo a comunidade escolar.

d) **Serviluz Sem Fronteiras**: articula-se em torno do intercâmbio de experiências entre os grupos de jovens existentes na comunidade do Serviluz, suprimindo necessidades de expressão, de entretenimento e de relacionamento, gerando a troca de saberes.

e) **Encine**: organização não governamental que promove atividades educacionais, lúdicas, culturais e socializantes com adolescentes de escolas públicas e/ou em situação de risco pessoal e social, utilizando-se das tecnologias de informação e comunicação.

f) **Instituto de Juventude Contemporânea**: desenvolve práticas político-sociais, visando o protagonismo juvenil. Aborda os seguintes focos: geração de trabalho e renda para jovens, direitos sexuais e reprodutivos da juventude e fortalecimento de grupos juvenis.

3.5.1.1.3 Aproximação com os movimentos *Aldeia* e *Encine*

Após o mapeamento dos movimentos e projetos sociais, fizemos contato com cada um deles, através de e-mails²⁵⁰ enviados, nos quais nos apresentávamos e explicitávamos os objetivos da pesquisa. Alguns nos retornaram, e de outros nunca obtivemos resposta. Analisando algumas variáveis que nos pareciam fundamentais como critérios de seleção dos objetos de referência, acabamos optando, em um primeiro momento, pelo *Aldeia* e pelo *Encine* como movimentos a serem contemplados em nosso estudo. O *Aldeia* e o *Encine* tornaram-se objetos de referência desta investigação por atenderem às principais necessidades desta pesquisa, quais sejam: 1) serem movimentos formados eminentemente por jovens; 2) que os jovens envolvidos sejam moradores de periferia; 3) que a juventude

²⁵⁰ Apêndice 2

vinculada às associações usem, apropriem-se e experimentem as novas mídias digitais, atuando como produtores de mídias e gestores de políticas de comunicação.

Além de atender às exigências da investigação, *Aldeia* e *Encine* também foram selecionados como objetos de referência devido à disponibilidade e à receptividade com a qual seus diretores se dispuseram a colaborar com o desenvolvimento da pesquisa, estando prontos a nos auxiliar no que fosse necessário: concedendo entrevistas, possibilitando o acompanhamento das atividades da associação, disponibilizando os materiais audiovisuais já elaborados pelos jovens na ONG, dentre uma série de outros elementos facilitadores que foram absolutamente essenciais para que fosse viável desencadear a execução deste trabalho investigativo, que por si só já demandava muito esforço, principalmente se os sujeitos que dirigem os objetos de referência das pesquisas não quisessem colaborar com elas.

Mas, talvez, os elementos que as duas associações tenham de específico e que as diferencia de forma significativa das outras ONGs mapeadas em Fortaleza sejam as proximidades com as mídias digitais e audiovisuais, que foram detectadas com maior ênfase no *Aldeia* e no *Encine*. A produção de vídeos (seja a partir de celulares, *webcams* ou câmeras semi-profissionais), os processos de edição e a posterior circulação desses materiais nas redes sociais alimentadas pela internet, a produção de um programa de televisão pelo *Encine* (que vai ao ar na TV Educativa do Estado do Ceará), enfim, o foco no audiovisual (em comparação com outras associações que não visibilizavam seus produtos midiáticos ou cuja ênfase se voltava para as mídias impressas) foi o grande responsável pela escolha do *Aldeia* e do *Encine* como objetos de referência desta pesquisa de doutorado.

Após a ecisão acerca dos objetos, entramos, então, na fase de aproximação, realizada em fevereiro de 2009, quando foram feitos contatos presenciais com os dirigentes das duas associações, no sentido de tecer uma relação mais aprofundada com os universos das associações previamente selecionadas. Para os encontros com os dirigentes de cada uma das associações foi elaborado um roteiro de observação e de entrevista, no intuito de clarificar e explicitar quais demandas da pesquisa deveriam ser satisfeitas neste primeiro contato presencial, promovendo uma maior aproximação com as instituições selecionadas como objetos de pesquisa. A intenção nesta etapa era poder iniciar o processo de acompanhamento e observação “real” às ONGs, composto por visitas aos seus espaços

físicos, observações preliminares aos jovens envolvidos nos projetos, no qual determinadas questões que não haviam sido problematizadas através dos mapeamentos pela internet pudessem começar a vir à tona com os encontros e os acompanhamentos presenciais.

A observação e a entrevista foram selecionadas como técnicas de investigação exploratória por acreditarmos em suas potencialidades de permitir uma maior aproximação entre o mundo do pesquisador e o universo do objeto e de seus informantes. A observação é algo que muitos dos pesquisadores fazem (muitas vezes de forma não refletida) ao acercarse de seus objetos, mas acabam não sistematizando as informações advindas desse procedimento, terminam não tomando nota, nem registrando os detalhes ou fotografando os cenários que fazem parte dos contextos observados, enfim, acabam por não organizar o contingente de elementos que surgem nesta mirada inicial. Observar sistematicamente, de forma refletida e consciente, a partir de um olhar de fora (GUBER, 2004), pode ser revelador de uma série de questionamentos profícuos para o desenvolvimento do estudo. Antes de entrar em campo, muitas vezes, o único mapa cultural que o investigador tem é o seu próprio referencial (GUBER, op. Cit), daí a importância de um olhar sistemático sobre o que se pesquisa para poder tomar parte e compreender melhor o cenário que interessa.

A entrevista pode ser muito bem utilizada em articulação com a observação, fazendo emergir questões que não puderam (ou não puderam claramente) vir à tona com a observação. Interessante quando Bourdieu (1998, p. 694) nos fala que “em muitos casos, a escuta ou a leitura da primeira entrevista suscitaram novas perguntas [...], levando a uma nova entrevista”. Ou seja, as entrevistas realizadas com os coordenadores das associações atuam como exploratórias, levantando questões, abrindo eixos de interesse, fazendo emergir temas que puderam ser tratados mais detidamente com as entrevistas em profundidade com os jovens.

Faz-se interessante, também, resgatar Daniel Bertaux (2005), quando este autor afirma que, dependendo de como os pesquisadores apresentam seus trabalhos de investigação, pode parecer útil a certas categorias conceder entrevistas, principalmente “las categorías sociales – muy numerosas por cierto – de las que nunca se habla en los medios de comunicación, o si se hace es sólo para caricaturalizarlas”²⁵¹ (BERTAUX, 2005, p. 60).

²⁵¹ “as categorias sociais – com certeza muito numerosas – das que nunca se fala nos meios de comunicação, o se o faz é somente para caricaturizá-las”. Tradução do autor.

Foram notórias a disponibilidade e o interesse dos coordenadores do *Aldeia* e do Encine em conceder as entrevistas, talvez pela ampla falta de visibilidade das duas associações na mídia hegemônica e por acharem que através de uma pesquisa acadêmica os movimentos socioculturais juvenis de periferia pudessem circular e gerar interações e diálogos em outros âmbitos.

Foi desenvolvido, então, um roteiro²⁵² de observação da espacialidade física e das primeiras impressões das associações e, também, um roteiro de entrevista com um dos coordenadores de ambos os movimentos, procurando mapear, conhecer, materializar o *Aldeia* e o Encine, objetivando verificar quais questões e eixos articuladores poderiam ser desenvolvidos ao longo da investigação, tentando ver de que forma o empírico converge com a teoria ou, pelo contrário, o que a concretude do campo faz os pressupostos teóricos serem repensados. Feitas as observações e as entrevistas elaboramos uma tabela²⁵³ com as principais considerações (resumidas de forma pontual) advindas desta primeira entrada em campo e deste primeiro contato com a concretude dos movimentos investigados.

3.5.1.1.4 Aproximação com alguns jovens das associações

Nesta fase da pesquisa exploratória, desenvolvida nos últimos dias de junho de 2009 – em uma de nossas viagens do Rio Grande do Sul à Fortaleza –, pudemos conversar informalmente com alguns dos jovens envolvidos nas associações, buscando nos aproximar deles e de seus contextos, também como tentativa de já ir tecendo laços e construindo relações de confiança para que a posterior etapa da pesquisa aprofundada – que prevíamos que se realizaria a partir do acompanhamento sistemático das atividades das ONGs e por meio das entrevistas em profundidade – se desse da melhor forma possível, já havendo um certo entrosamento entre pesquisador e informantes.

Os jovens com os quais conversamos, Lucas e Xaiane, participam do *Aldeia*. Com os jovens do Encine não foi possível fazer nenhum tipo de contato, apesar das nossas insistentes ligações e das duas idas até a sede da associação. Pudemos perceber nesse processo, de tentativas fracassadas e muitas vezes frustrantes, que o Encine guarda

²⁵² Apêndice 3

²⁵³ Apêndice 4

características mais intermitentes do que o *Aldeia*, pois a sensação que fica é a de que se não tem projeto no momento eles sequer abrem as portas. Enquanto no *Aldeia* sempre há gente trabalhando e constantemente vemos os jovens fazendo suas atividades, no Encine as coisas parecem mais “paradas”. Conversando com Ives Albuquerque, diretor do Encine, ele nos afirmou que em julho de 2009 começariam os cursos de capacitação de novas turmas na associação e a produção de vídeos para o Megafone, e que quando voltássemos à Fortaleza em uma outra oportunidade teríamos acesso mais efetivo, sistemático e contínuo aos jovens desse movimento.

No início de 2010, em mais uma passagem por Fortaleza, finalmente pudemos conversar com os jovens do Encine, após uma organização prévia de agendas (do pesquisador e da instituição), de modo que desta vez não houvesse a possibilidade de não dar certo este encontro presencial. A conversa se deu durante a realização dos cursos de capacitação, que se desenvolviam nas dependências da sede da associação. Foram dois dias de visita, nas quais foram possíveis entrevistar informalmente dois rapazes: Lúcio e Diego, que se mostraram interessados na pesquisa e bastante abertos a uma conversa sobre suas vivências na periferia da cidade, a participação na ONG, os usos das mídias, a construção de cidadania, dentre outras temáticas de relevância para a investigação. A ausência de uma menina para a conversa com os jovens do Encine ocorreu por acaso, e não como algo premeditado. Quando a coordenadora das oficinas de capacitação perguntou aos jovens quais deles teriam interesse em conversar comigo os dois, Lúcio e Diego, logo se prontificaram, sendo esse o principal motivo de seleção dos dois rapazes para participarem nesta etapa exploratória.

Os perfis de Lucas e Xaiane – que também participaram na fase aprofundada da investigação, como será explicitado adiante – serão exibidos no próximo capítulo desta tese, onde apresentamos a associação *Aldeia*, bem como seu contexto, seus coordenadores e participantes e as visões de mundo e as interações comunicacionais tecidas pelos jovens envolvidos em suas atividades.

3.5.1.1.5. Acompanhamento das atividades das associações

Entre os meses de setembro e outubro de 2009 realizamos mais uma fase da pesquisa exploratória, procurando acompanhar algumas atividades das associações investigadas, objetivando a compreensão de seus contornos e a continuidade na aproximação com os jovens participantes. No *Aldeia* pudemos conhecer a sede temporária da ONG (já que a antiga sede, no Meireles, próxima à praia, já havia sido desocupada e a nova, no Morro, ainda não estava pronta), que, naquele momento, estava funcionando num espaço na casa de um dos coordenadores; visitamos as obras da sede nova, no Morro Santa Terezinha; acompanhamos as gravações de vídeos e as entrevistas com jovens da região, filmes esses que seriam enviados para o Museu da Pessoa²⁵⁴; e presenciamos a exibição do cineclube no Santa Terezinha, organizado por um dos jovens da associação.

O projeto que estava sendo desenvolvido para o Museu da Pessoa relacionava-se com a produção de vídeos de um minuto nos quais os sujeitos sociais deveriam contar suas vidas nesse espaço de tempo, ressaltando o mote do projeto, que era o de destacar que a vida de toda pessoa tinha a sua importância e merecia ser narrada. A jovem Jaqueline, que depois viria a ser um de nossos sujeitos informantes na fase aprofundada da pesquisa, deu seu depoimento, e pudemos acompanhar a gravação, no interior da nova sede do *Aldeia*, naquele momento ainda inacabada. Também acompanhamos as gravações, para a mesma finalidade, do depoimento de uma personalidade do Morro, um rapaz que imita o Michael Jackson e se apresenta com frequência na praça principal da comunidade, juntando diversas pessoas para assistirem à sua performance, que envolve passos, dança, música e toda uma caracterização – através de roupas criadas especialmente com este objetivo – para aproximar o jovem de seu ídolo norte-americano.

Também acompanhamos a montagem e a exibição do Cineclube Farol, capitaneado pela jovem Xaiane, que faz a exibição no Morro Santa Terezinha de diversos curtas e filmes de animação nas noites de quarta-feira, em frente à sua casa. As atuações do cineclube já faziam parte do cotidiano das pessoas e, antes mesmo da equipe chegar com os

²⁵⁴ O Museu da Pessoa é um museu virtual de histórias de vida de pessoas comuns. Fundado em São Paulo, em 1991, atua para produzir, articular e disseminar iniciativas de memória que valorizem o papel de cada pessoa na construção da história. O Museu da Pessoa objetiva contribuir para tornar a história de cada pessoa valorizada pela sociedade. É uma organização da sociedade civil e hoje constitui uma rede internacional de histórias de vida, com núcleos independentes em Portugal, Brasil, EUA e Canadá.

instrumentos técnicos, os moradores da região já se juntavam em frente à casa da moça aguardando o início das exibições. Apesar de contar com a presença de jovens, a maior parte do público que ia acompanhar os vídeos era formada por crianças, que ansiavam pelos vídeos de animação, com histórias engraçadas e curtas.

No Encine as atividades desta fase da investigação concentraram-se em acompanhar as oficinas de capacitação com os jovens participantes da ONG. As aulas estavam ocorrendo às segundas, quartas e sextas-feiras, sempre no turno da manhã. No período em que participamos das aulas a temática discutida era acerca do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os jovens debatiam, junto ao oficinheiro, o ECA e os modos como o Estatuto era aplicado (ou não) em suas vivências e experiências pessoais. Após a discussão inicial os jovens dividiam-se em grupos: uma parte fazia pesquisa na internet sobre o tema da aula (algum tópico específico do ECA), para a construção de um texto; e o outro grupo ia para a ilha de edição trabalhar sobre os textos produzidos pelo primeiro conjunto, adicionando locução, trilha, imagens, etc.

Durante os dois meses de acompanhamento sistemático das oficinas pudemos observar que as aulas iam além da preocupação com os meios de comunicação e com os processos midiáticos, mas procuravam, antes, ampliar o olhar dos jovens sobre o seu entorno, sobre suas vivências cotidianas, sobre os obstáculos que se percebiam na prática e que fragmentavam os movimentos de consolidação da cidadania, especialmente no que diz respeito ao universo juvenil. O ECA foi minuciosamente debatido e servia como matéria-prima para a elaboração de conteúdos audiovisuais sobre as demandas dos adolescentes e as questões que ainda não haviam sido implementadas na rotina dessa faixa etária em seus usos da cidade e do espaço público. Os jovens produziam textos jornalísticos, spots para rádio, captavam imagens da internet, editavam som, imagem e texto e davam forma às suas produções audiovisuais, sempre estando um dos coordenadores envolvidos na supervisão dessas atividades.

A experiência de acompanhamento das atividades das duas associações foi muito rica, por poder aproximar pesquisador e objetos pesquisados e por possibilitar uma maior apropriação nossa do espaço das associações, do que acontece neles em suas dinâmicas cotidianas, em suas atividades corriqueiras. Acompanhar sistematicamente as práticas de trabalho do *Aldeia* e do Encine, principalmente no que diz respeito à participação juvenil

nas ONGs, foi fundamental para que pudéssemos ampliar o conhecimento acerca de nossos objetos de referência, bem como estreitar os laços com os jovens participantes nas ONGs. Vale destacar aqui que alguns dos jovens do Encine, no decorrer dos dias que passamos juntos, ficaram perguntando uns aos outros se se tratava o rapaz “novo” no ambiente de algum ex-aluno da associação que estava participando de alguma atividade vinculada à ONG. Certamente essas pessoas não estavam presentes no primeiro dia em que participamos das oficinas, pois nesta ocasião fizemos questão (inclusive uma das coordenadoras) de explicitar detalhadamente o motivo pelos quais o investigador estaria lá a partir daquele dia, para que não houvesse qualquer dúvida com relação à nossa presença. Mas perguntas como esta – sobre a possibilidade de se tratar de um ex-aluno – pode ser ilustradora de um movimento de aproximação – sem que fossem recorrentes e limitadoras as barreiras entre o “nós” e o “eles”, entre pesquisador e informantes – bem sucedida.

3.5.1.2. Contexto espanhol

3.5.1.2.1. Mapeamento dos projetos de interesse em Barcelona

Nesta fase inicial da pesquisa, no contexto de Barcelona, era preciso conhecer os projetos que tratassem dos temas de interesse da investigação, ou seja, juventude, cidadania, comunicação e cultura, especialmente, além de outras temáticas que tangenciam essas quatro. O ideal seria que o projeto/associação/ONG contemplasse em seu trabalho atividades vinculadas a esses quatro temas que nos são caros. Entretanto, não fechamos, já nos primeiros contatos com o campo, o olhar para projetos que abarcassem em suas atuações somente parte dessas temáticas. O conceito básico, de onde partimos para pensar sobre o futuro objeto de referência da investigação, foi juventude, especialmente a juventude em situação de desigualdade social em Barcelona.

Através dos colegas membros do Grupo de Pesquisa “Comunicación, Migración y Ciudadanía”, do Instituto de la Comunicación, na Universidad Autónoma de Barcelona, no âmbito do projeto “Juventud, migración y cohesión social: las relaciones entre los adolescentes migrantes y autóctonos (de entre 15 y 19 años) en el tiempo libre”, tivemos algumas indicações de determinados projetos que poderiam nos interessar. Os colegas –

muitos de fora da Espanha, como eu –, por estarem há mais tempo imersos no contexto catalão, tinham mais conhecimento acerca de experiências deste tipo sendo realizadas em Barcelona, por isso a contribuição deles, neste momento da pesquisa de campo, foi muito valiosa. Foi então que iniciamos um mapeamento desses grupos e procuramos informações acerca deles em suas páginas na internet, averiguando o tipo de atividade que desenvolviam com os jovens.

Dando continuidade ao mapeamento para a pesquisa de campo em Barcelona, enviamos um e-mail a cada um dos projetos que a priori nos interessavam apresentando-nos e explicitando os interesses de nossa investigação de doutorado. Os e-mails foram enviados em junho de 2010, aos seguintes projetos:

a) **Casal dels Infants**: associação que trabalha nos bairros mais vulneráveis com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de crianças, jovens e famílias em situação de risco ou de exclusão social.

b) **Joves Teb**: associação do bairro Raval, em Barcelona, que trabalha com jovens e usos das novas tecnologias, incentivando a saída dos adolescentes das ruas e das praças a partir da promoção de oficinas para os usos das novas mídias.

c) **El Parlante**: coletivo de comunicação formado por jovens especializados na produção audiovisual, na geração e dinamização de conteúdos para a web 2.0 e no desenho visual.

d) **Connectats**: equipe de ensino e realização multidisciplinar de meios, que desenvolve espaços de capacitação vinculados ao som, teatro, vídeo, redação interativa e radiofonia.

e) **Centre Garcilaso**: espaço municipal que trabalha com o intuito de dar respostas às necessidades culturais, sociais e associativas dos jovens, a partir da promoção da criação juvenil com as novas mídias.

Era preciso, no conteúdo do e-mail²⁵⁵, apresentar-nos e tornar visíveis a seriedade da investigação – vinculando-a ao âmbito acadêmico – e os objetivos da pesquisa com o projeto em questão – explicitando a temática e os interesses do trabalho que estávamos a desenvolver. Após o envio do e-mail, somente duas associações nos retornaram. No mesmo dia, o Centre Garcilaso, na pessoa de Pablo Herrera, nos respondeu, com muita

²⁵⁵ Apêndice 5

receptividade e entusiasmo, agradecendo-nos pelo interesse nas atividades do coletivo e pondo-se ao nosso dispor para dar continuidade aos diálogos. Depois de dez dias após os e-mails terem sido enviados Alfredo Cohen, representando o coletivo El parlante, nos retornou, mostrando interesse na proposta, mas deixando claro um empecilho inicial, afirmando que ele encontrava-se passando uma temporada na Colômbia naquele momento, deixando claro, entretanto, que estaria apto a conversar tão logo estivesse de volta à Barcelona. As outras três associações contatadas nunca retornaram os mails, nem mesmo para recusar formalmente a proposta e o convite.

Nos primeiros dias de julho de 2010 marcamos uma reunião com Pablo Herrera, do Centre Garcilaso e pudemos, com isso, conversar pessoalmente, tornando possível que explicitássemos de maneira mais clara e objetiva as demandas da pesquisa de doutorado, enfatizando as temáticas que nos interessavam e os modos como gostaríamos de sistematizar a pesquisa de campo, operação essa que envolveria observação participante e não participante, acompanhamento das atividades do projeto, entrevistas com os jovens envolvidos, possibilidade de realização de grupos de discussão, dentre outras estratégias metodológicas que seriam posteriormente desenhadas para a entrada efetiva em campo.

Foi quando Pablo nos contou que já havia sido aprovado no Centre Garcilaso (inclusive os recursos financeiros para a empreitada já estavam garantidos) um projeto que seria iniciado em setembro, envolvendo jovens migrantes e autóctonos e suas relações de interculturalidade, que teria como objetivo a criação de um produto audiovisual que visibilizasse as percepções da juventude de Barcelona a respeito de assuntos como migração, integração, participação, cidadania e interculturalidade. O projeto, apesar de já estar aprovado, ainda não se encontrava formalizado, o que ocorreria tão logo Pablo voltasse das férias, que na Espanha acontece preferencialmente no mês de agosto. Como o Centre Garcilaso mostrou-se aberto e receptivo à nossa participação e ao papel do futuro projeto como objeto de referência de nossa investigação ficamos acordados de voltar a nos encontrar em setembro, para que pudéssemos acompanhar todo o desenvolvimento dos trabalhos da nova empreitada da associação, desde sua gênese.

O projeto (ainda sem nome definido na época) do Centre Garcilaso foi eleito como objeto de referência da pesquisa, no contexto espanhol, por alguns motivos peculiares. O primeiro de todos por ter sido Pablo um dos poucos que respondeu ao nosso mail inicial,

enviado às cinco associações previamente mapeadas. Outro fator importante foi a disponibilidade do Centre Garcilaso em colaborar com a pesquisa, algo que muito contou na decisão, por estarmos em um ambiente de certa forma estranho, onde somos estrangeiros e acabamos tendo dificuldades em adentrar determinados espaços institucionais. E o motivo proponderante foi o fato (e a sorte) de que o futuro projeto do coletivo envolveria exatamente aquelas temáticas que eram caras à investigação em curso no doutorado: juventude, interculturalidade e mídia, tangenciando outras questões importantes, como integração, exclusão, migração, cidadania. E todos esses elementos atuando com o objetivo de gerar um produto audiovisual, em que os jovens atuariam como roteiristas, atores e “profissionais” de câmera, edição, som, etc., deixando claro a presença das novas tecnologias da comunicação nesse cenário de participação juvenil.

3.5.1.2.2. Ajudando a construir o projeto

Quando chegou setembro recebemos um e-mail de Pablo convocando para uma reunião, no Centre Garcilaso, para conversarmos sobre o desenvolvimento dos trabalhos. Chegando ao encontro fomos apresentados à Carolina Torres, chilena, estudante de mestrado, que também tinha interesse em ter o projeto em questão como objeto de sua dissertação, que trata de adolescentes e processos de participação e integração na sociedade.

Durante esta primeira reunião formal fomos convidados, juntamente com Carolina, a integrar a equipe do projeto, a fazer parte do corpo de profissionais que trabalharia no desenvolvimento da “Casa del Pequeño Hermano”²⁵⁶ (ou projeto PH – Pequeño Hermano), nome que o projeto passou a ter, mesmo que ainda de forma preliminar. Em uma primeira mirada o convite surgiu como bastante interessante, porém perigoso. “Como fazer parte do projeto o qual vamos investigar?!” era a pergunta que vinha à cabeça, tensionando o lugar da objetividade em um processo de estar inserido dentro do objeto empírico.

²⁵⁶ O objetivo de Pablo escolhendo este nome era o de fazer uma analogia irônica com a franquia de programas televisivos Big Brother (ou Gran Hermano, como é chamado nos países cujo idioma oficial é o espanhol). Trata-se o “Gran Hermano” de um reality-show televisivo que vai ao ar na Telecinco, emissora que faz parte da TV aberta espanhola. O programa foi idealizado pela produtora holandesa Endemol e, tanto na Espanha como no Brasil, já soma mais de dez anos em que vai ao ar.

Apesar dos riscos, optamos por aceitar o convite e a aventura, assumindo o desafio de vigilância e cobrança constantes para ter sempre em mente onde começam e terminam as demandas da pesquisa de doutorado e as necessidades do projeto PH, sabendo trabalhar de modo a não prejudicar a investigação em nenhum dos dois âmbitos. Apesar de um estranhamento inicial, o envolvimento institucional com o projeto PH foi aceito por permitir, dentre outras coisas (como a própria experiência pessoal de participar em uma associação que trabalhe a partir desta perspectiva), três questões principais: a) a possibilidade de entender os processos sociocomunicacionais e as lógicas que se desenvolvem no cenário deste tipo de atividade a partir de dentro, de alguém que efetivamente está atuando com esta prática; b) a potencialidade que agora teríamos de incluir no âmbito do projeto PH o trabalho com as temáticas caras à pesquisa de doutorado, especialmente no que concerne aos meios de comunicação. Fazendo parte da equipe de investigadores poderíamos inserir em cada uma das etapas de pesquisa tópicos, perguntas, debates, enfim, uma agenda sobre a mídia, que, em nosso ponto de vista, não deveria ser pensada só no final, no momento de produzir o audiovisual, mas deveria fazer parte da reflexão durante todo o desenrolar do projeto; e c) a capacidade que teríamos de atribuir à pesquisa um caráter social e aplicado, bem como de reciprocidade, já que estaríamos ajudando ao projeto em retribuição ao fato do projeto estar nos servindo enquanto objeto empírico da investigação de doutorado.

No total foram feitas duas reuniões no mês de setembro e mais duas no mês de outubro para pensar e materializar formalmente o que configura o projeto “Casa del Pequeño Hermano”. Em três dos encontros estavam, além de Pablo – o coordenador-geral –, os dois investigadores da equipe, Daniel Barsi e Carolina Torres. Em uma das reuniões participaram outras pessoas, como membros do Centre Garcilaso, e colaboradores externos que já haviam participado de outros projetos da associação, como roteiristas, cinegrafistas e oficinairos.

Após discussões, debates e opiniões chegou-se a um marco teórico e prático do projeto PH, um documento com trinta páginas apresentando o projeto, discutindo alguns de seus conceitos teóricos e explicitando sua proposta, seus objetivos, bem como as idéias e prazos para sua execução. Não se pode dizer, apesar das reuniões em equipe, dos debates e da contribuição que todos deram, que a estrutura central do projeto PH seja um trabalho

coletivo. A idéia de criar um audiovisual com a participação dos jovens para fazer uma sátira ao “Gran Hermano” foi toda de Pablo Herrera, coordenador da empreitada, bem como os prazos para o desenvolvimento das atividades e o cronograma de tarefas foram estipulados por ele. A incorporação do termo “coletivo” parece encontrar-se mais, no processo de construção do projeto, nas extremidades, nas membranas. O núcleo é um pouco mais estático e imutável, e segue sendo defendido por Pablo, apesar de algumas críticas, como, por exemplo, a possibilidade de associação, por parte dos pais desses jovens (que deverão assinar um documento liberando a participação dos filhos, que são menores de 18 anos), entre o projeto e alguma espécie de reality-show. Entretanto, não podemos afirmar, de forma alguma, que Pablo Herrera seja uma figura autoritária e que não esteja sempre aberta ao diálogo. O coordenador do projeto PH reconhece a importância de saber escutar.

3.5.1.2.3. Grupos de discussão

Nesta fase da pesquisa levamos a cabo alguns grupos de discussão com jovens alunos de um instituto escolar em Barcelona, com o intuito de ter um primeiro contato com suas percepções acerca dos conceitos vitais para o desenvolvimento da investigação. Aproveitamo-nos de uma estratégia metodológica articulada, a priori, para o projeto PH para também coletarmos informações e dados para a pesquisa de doutorado, já que as demandas que o roteiro²⁵⁷ de perguntas dos grupos de discussão buscava responder iam ao encontro de questões que eram também importantes para a pesquisa de tese, excetuando-se a última parte do roteiro, que focava em temas como “Pequeño Hermano”, “Gran Hermano” e “Casting” (seleção de jovens para participar do processo de criação e produção do audiovisual). Apesar dos interesses divergentes no final da proposta de tópicos para o grupo de discussão, nesta etapa da investigação o projeto PH e as demandas do doutorado caminharam juntos, pois, além das necessidades de ambas as pesquisas dialogarem nesta fase, ainda pudemos nos utilizar da estrutura e da logística empreendida pela equipe da associação, tornando os contatos com os jovens e com as escolas mais acessíveis.

Cabe destacar que algumas das questões que aparecem no roteiro para os grupos de discussão foram propostas nossas, pois não apareciam no rascunho inicial. Situações como

²⁵⁷ Apêndice 6

essas, de poder incluir elementos para o debate que fossem importantes para o desenvolvimento da tese, corroboravam a importância de fazermos parte da equipe do projeto, por possibilitar-nos incluir nos instrumentos de pesquisa o tema dos meios de comunicação, seja em perguntas formais ou como tópico para conversação por parte dos jovens, sujeitos protagonistas da investigação.

Apesar desta possibilidade de nossa participação na elaboração do roteiro do grupo de discussão (e da inclusão de questões sobre a mídia, o que efetivamente aconteceu), vale a pena enfatizar que essa etapa da pesquisa com os jovens foi articulada, prioritariamente, pelo e para o Pequeño Hermano, para servir primeiramente às necessidades do projeto. Nesse ponto da pesquisa de campo procuramos alinhar os interesses da tese às demandas do PH, objetivando refletir de que modo os dados coletados a partir da realização dos três grupos de discussão poderiam nos ajudar e contribuir para nossa investigação doutoral.

Os três grupos de discussão foram realizados com alunos da Escola Príncipe de Viana, localizada na região de Sant Andreu (a mesma em que se localiza o Centre Garcilaso), em Barcelona. O tempo que nos foi disponibilizado pela direção do colégio foi de, aproximadamente, uma hora, o que nos impossibilitava de preparar qualquer dinâmica mais demorada. O tempo foi um fator limitante, pois em apenas uma hora tivemos que receber os jovens, acomodá-los na sala, apresentarmos-nos, explicitarmos as propostas do grupo de discussão e desenvolvermos a atividade de fato. Tendo isto em mente nas reuniões para elaborarmos o roteiro de perguntas e debates, Pablo todo o tempo nos recordava a falta de tempo, enfatizando o quão objetivos teríamos que ser na organização da dinâmica. As perguntas tiveram que ser fechadas, o que poderia acabar, de algum modo, direcionando as respostas dos participantes. Também alguns conceitos que propusemos, como o de racismo, – para que os jovens falassem o que lhes viesse à cabeça – foram excluídos, já que mais do que quatro palavras para que eles falassem a respeito seria demasiado, em função do tempo, e os outros conceitos, na opinião de Pablo, eram mais importantes para o desenvolvimento do projeto. O coordenador do Pequeño Hermano também tinha um certo receio com o uso de termos como “migrantes” e “racismo”, por exemplo, por acreditar que esses (e outros mais) poderiam afugentar ou “bloquear” o interesse e a participação dos adolescentes no projeto. A entrada nessa seara mais densa, segundo nos apontava Pablo, deveria ser feita

mais para a frente, e não no desenvolvimento dos grupos de discussão, quando os jovens participantes do PH nem haviam sido selecionados ainda.

Ou seja, apesar de que pudemos incluir questões sobre os meios de comunicação, nesse momento da pesquisa a participação foi limitada. Acreditávamos, por exemplo, que mostrar as palavras “racismo” ou “xenofobia” para que os adolescentes falassem suas impressões sobre o termo poderia ser produtivo já desde a fase inicial do processo, pois a partir de diversas leituras de materiais sobre jovens migrantes tínhamos em conta que muitos deles têm experiências vividas sobre este tipo de situação e/ou testemunhos de fatos relacionados a isto ocorrido com outras pessoas. Pela questão do tempo e para não “polemizar” demais já no início da investigação do Pequeno Hermano, entretanto, a discussão sobre racismo e xenofobia foi abortada. Já que um dos objetivos do projeto era refletir sobre relações de integração entre migrantes e autóctonos, acreditamos que foi uma perda para o processo investigativo a ausência de um debate sobre esses termos desde o início da pesquisa.

O primeiro grupo de discussão foi realizado no dia 2 de novembro de 2010, em uma sala de aula da Escola Príncipe de Viana. Oito jovens participaram da atividade, todos migrantes. Havia estudantes equatorianos, colombianos, bolivianos e um rapaz da Geórgia, país do Leste Europeu. Por se tratar do primeiro grupo, ainda estávamos experimentando as atividades, testando as aproximações e as formas de envolvê-los e de estimulá-los. Apesar de ser o primeiro, no entanto, o encontro foi bastante produtivo e os jovens conseguiram participar de uma forma ativa. Iniciaram um pouco tímidos, falando baixo, mas logo foram deixando-se contaminar pelo debate, expondo suas idéias e opiniões. Algumas questões nitidamente funcionaram, como a que perguntava sobre o apelo (ou não) do nome do projeto, como a que questionava sobre o consumo dos meios de comunicação, bem como muitas foram as palavras ditas em relação aos quatro conceitos expostos no início da dinâmica. Outros ponto do roteiro, entretanto, não foram bem compreendidos pelos jovens participantes, sendo necessária a nossa intervenção para explicitar de uma forma mais clara o que estava no papel. Mas, de modo geral, o grupo foi bastante suscitador e revelador de eixos de análises bastante pertinentes.

O segundo grupo de discussão, realizado em 8 de novembro de 2010, igualmente na Escola Príncipe de Viana, contava também com oito jovens, sendo que metade era

composta por autóctonos e metade por migrantes, oriundos de países como Equador, Perú e Ucrânia. O interesse na formação deste grupo misto era justamente ver como se comportariam os jovens migrantes e os autóctonos nesta situação, na qual tudo o que se falasse sobre migrações, diversidade de culturas e fechamento da sociedade receptora (no caso, a catalã) seria escutado por membros do “outro” coletivo. Nossa expectativa era de gerar algum tipo de confronto produtivo de idéias, de embates reflexivos entre migrantes e autóctonos, o que, infelizmente, não veio a se concretizar, pois, ao contrário, os jovens mantiveram-se mais tímidos e calados do que no grupo de discussão anterior, sendo necessário o constante estímulo, por parte da equipe de investigação, para que os rapazes e as moças falassem mais. Mesmo de forma menos dinâmica do que no primeiro encontro com os alunos, a sessão passou por todos os pontos previstos no roteiro e transcorreu sem problema algum. Os jovens deste grupo, do mesmo modo que aconteceu com o anterior, não entenderam e não gostaram do título do projeto.

O terceiro grupo de discussão foi realizado no dia 11 de novembro de 2010, mais uma vez nas instalações da Escola Príncipe de Viana. Desta vez o grupo foi formado apenas por autóctonos, para dar seguimento a lógica proposta no início, de que seria um grupo só com migrantes, outro só com autóctonos e outro misto. Os oito autóctonos participantes, todos moradores de Barcelona, dividiam-se entre os bairros de Sant Andreu, Nou Barris, Sagrera e S. Martín. O grupo comportou-se de forma extrovertida, debatendo os assuntos com certa naturalidade, sem que fosse preciso a intervenção da equipe de investigadores para motivá-los. Algumas coisas chamaram a atenção nas discussões, como o fato de metade dos jovens afirmar que não participariam em um projeto desse tipo – ao contrário dos outros dois grupos, cuja maioria quase absoluta dos jovens afirmou que aderiria à proposta caso tivessem oportunidade – e as brincadeiras e piadas que foram feitas com relação aos moradores do Nou Barris – bairro mais distante do centro da cidade. Este grupo, da mesma forma como os demais, também não apoiou a idéia do título do projeto e, como já havia sucedido nos encontros anteriores, apontaram que o nome “Gran Hermano” os remetia a uma programação boba, esvaziada de sentido, enfim, a uma tontería.

Os grupos de discussão foram extensamente profícuos para a tese, pois puderam proporcionar um primeiro contato da pesquisa com a realidade dos jovens migrantes e autóctonos no cenário da cidade de Barcelona. Pudemos nos aproximar de seus contextos,

ouvir seus pontos de vista a respeito das temáticas relacionadas com a investigação e perceber quais elementos conceituais e eixos investigativos emergiram nos debates e que poderiam ser aprofundados nas etapas seguintes. Enfim, dar voz a esses jovens, sentir seus momentos de silêncio e possibilitar-lhes a oportunidade do diálogo – em um espaço muitas vezes rígido e formal como o escolar – foi proveitoso, tanto para eles, como para a equipe do projeto do Centro Garcilaso, como para a pesquisa de tese.

3.5.2. Pesquisa empírica aprofundada

3.5.2.1. Contexto brasileiro

3.5.2.1.1. Selecionando um objeto de pesquisa

Quando estivemos de volta ao Brasil, após um ano morando na Espanha, era preciso retomar a pesquisa no contexto cearense, para que fosse possível iniciar a etapa aprofundada da investigação. Nesse sentido, dando continuidade à lógica de paridade e equilíbrio – na medida do possível – que buscávamos para a tese, objetivando a constante harmonia entre seus dois cenários investigativos, era necessário resolver uma questão que, naquele momento, apresentava-se como fonte de desequilíbrio: o fato de termos dois objetos de referência em Fortaleza – o *Aldeia* e o *Encine* – e a penas um em Barcelona – o *KDM*. Apesar dos três anos de relação com as duas associações no contexto cearense, era preciso abdicar de uma delas como objeto de estudo, tanto para seguir o mesmo padrão adotado no cenário catalão como para que o tempo disponível fosse suficiente para desenvolver a pesquisa aprofundada de modo que tudo pudesse transcorrer sem que o elemento temporal fosse um empecilho para que esta etapa pudesse ser levada a cabo de forma produtiva, suscitadora e reveladora das questões que buscávamos compreender em nosso problema de pesquisa.

Iniciamos, então, um processo de análise dos dois objetos de referência com o intuito de perceber qual das duas associações traria maiores contribuições à investigação, tanto no sentido macro como, especificamente, na etapa aprofundada, que procurávamos iniciar naquele momento. Vale destacar aqui que em 2010, ano em que estivemos fora do

Brasil, as duas instituições – *Aldeia* e *Encine* – passaram por graves problemas financeiros e praticamente tiveram que encerrar suas atividades. O corte de verbas para a cultura e o enxugamento de dividendos destinados a editais para estes fins fizeram com que associações e movimentos socioculturais que sobrevivem economicamente deste tipo de recurso entrassem em um estado de grave crise, que só começou a se resolver já no início de 2011. Os coordenadores do *Aldeia* e do *Encine* foram enfáticos ao afirmar que o ano de 2010 foi de estagnação nas atividades das duas instituições, apesar de que, para a pesquisa, o fato se converteu em uma variável não-controlável que não interferiu tanto no processo da investigação, já que este ano de crise foi, coincidentemente, o mesmo em que estivemos desenvolvendo a pesquisa na Espanha. Foi somente no início de 2011 que as ações, no âmbito das associações, foram retomadas, estando o *Aldeia* envolvido na parceria com o projeto Mapa ao Quadrado e o *Encine* às voltas com a continuidade na implementação dos LACEs, que são os laboratórios de comunicação educativa.

E foi justamente o encaminhamento que tomaram em suas atividades as associações no início de 2011 que definiram a seleção entre uma ou outra instituição para ter continuidade como objeto de referência da pesquisa de tese. Enquanto o *Aldeia* focou na parceria em prol da materialização do Mapa ao Quadrado, projeto que, como veremos adiante, teve como cenário de atuação os jovens moradores do Morro Santa Terezinha, o *Encine* retomou o processo de implementação dos LACEs, que trabalha com a relação entre comunicação e educação, apostando na formação desses laboratórios nas escolas públicas para a produção e troca de conteúdos entre alunos e professores. Apesar de interessante – e de dialogar com a perspectiva de trabalho da nossa pesquisa –, o caráter do LACE se volta de forma preponderante para um viés pedagógico e educacional. Ou seja, apesar da resistência que o termo “educomunicação” gera em Ives Albuquerque, um dos coordenadores do *Encine* (como está apontado na pesquisa exploratória, explicitada anteriormente), esse conceito acaba assumindo um protagonismo no rumo que as atividades da associação vêm desenvolvendo nos últimos tempos. Mesmo que se mude a nomenclatura por outra, o cerne da questão diz respeito mesmo à relação entre educação e meios de comunicação, enfim, dos usos das mídias nos espaços escolares, como ferramentas para o processo educacional.

Com base nisso é que optamos por preservar o *Aldeia* como objeto de referência da tese no contexto brasileiro, pois assim seria possível materializar algumas demandas da pesquisa, traçadas desde o início de sua concepção: a questão da periferia como um tema centralizador, já que o novo projeto – Mapa ao Quadrado – desenvolveria suas atividades no Morro Santa Terezinha; o fato de ser um projeto que se iniciaria e teria seu desfecho durante o processo de pesquisa de campo em Fortaleza, o que potencializaria acompanhar o máximo possível a sua elaboração, os caminhos percorridos e o resultado final, ou seja, o produto audiovisual tecido pelos jovens no âmbito do projeto (ao contrário do LACE, que se trata de um projeto de longa duração, que se iniciou antes da seleção do Encine como objeto de referência, no início de 2009, e que teria continuidade após a conclusão da tese); e, por último, a possibilidade de ter na fase aprofundada da pesquisa a presença de Lucas e Xaiane, jovens que já haviam participado da investigação em 2009, durante a fase exploratória. Seria profícuo, em nossa visão, voltar a ter esses dois jovens como protagonistas do desenrolar das atividades do *Aldeia* e como sujeitos-informantes de nossa pesquisa, em virtude desse retorno poder nos oferecer subsídios para refletir sobre as vivências e os rumos (a longo prazo) que tomam as vidas de jovens que têm suas trajetórias afetadas pelas atividades de movimentos socioculturais. Como consequência das reconfigurações dinamizadas em torno da pesquisa o *Aldeia* seguiu sozinho, a partir do início de 2011, como objeto de referência no contexto brasileiro, tendo como atividade prioritizada em nossa pesquisa de campo a parceria com o projeto Mapa ao Quadrado, idealizado e coordenado por Valentino Kmentt.

3.5.2.1.2. A emergência do projeto Mapa ao Quadrado e o acompanhamento sistemático de suas atividades

Quando retornamos ao Brasil, após a experiência na Espanha, e nos preparamos para voltar às atividades investigativas em torno do *Aldeia* deparamos com um cenário pouco motivador, no âmbito da associação. A falta de recursos e de investimentos, por parte do governo, ao longo de todo o ano de 2010, fez com que somente naquele momento – abril de 2011 – a rotina do *Aldeia* começasse a voltar ao normal, mesmo que ainda estivesse passando por momentos de incerteza e de insegurança. Ficou ainda mais clara, na

prática efetiva da associação, a instabilidade que ronda movimentos e projetos socioculturais, ONGs e associações da sociedade civil, que se vêem diretamente atrelados aos recursos oriundos do Estado, muitas vezes sem qualquer chance de sobrevivência autônoma. Se tem verba, existem os projetos, se o dinheiro não vem as associações ficam paradas. É dessa forma que funcionam as práticas associativas na realidade cearense, e, acreditamos que esse exemplo possa ser ampliado para boa parte dos movimentos sociais no cenário brasileiro.

Em virtude desse panorama de instabilidade – no qual, segundo nos contaram os coordenadores, foi preciso a ajuda financeira “do próprio bolso” deles para que a associação não fechasse as portas –, o que estava movimentando o *Aldeia* no começo de 2011 era a parceria com o projeto Mapa ao Quadrado, coordenado pelo jovem Valentino Kmentt, de 25 anos. O rapaz havia conhecido Simone Lima – uma das coordenadoras do *Aldeia* – ainda na época da faculdade e, desde então, vem estreitando os laços com a associação. Participou nas filmagens de “Os que trazem o peixe”, um dos vídeos produzidos pelo *Aldeia*, sobre a realidade dos pescadores que moram na região do Mucuripe e trabalham como pescadores e vendedores de peixe na Beira Mar, bem como atuou como monitor em duas edições do Escola de Mídia, projeto desenvolvido no âmbito do *Aldeia* que se vincula, de forma mais específica, à educação e à mudança de olhar para a leitura crítica dos meios de comunicação. Valentino é, por assim dizer, formado no seio do *Aldeia*, amadurecido – apesar de sua pouca idade – na ambiência das práticas da associação em torno das mídias digitais e envolvido no ideário – que conduz todas as atividades do *Aldeia* – que toma o audiovisual como um recurso de inserção sociocultural e cidadã.

Valentino concorreu em um edital da FUNARTE – Fundação Nacional de Artes, vinculado ao Ministério da Cultura, do governo federal, e foi selecionado, recebendo recursos financeiros para desenvolver seu projeto, que dizia respeito à relação entre jovens moradores de periferia, mídias digitais e audiovisual. A idéia de Valentino era criar um espaço livre de idéias e de trocas, proporcionando um ambiente de experimentações dos jovens com as mídias digitais e com os recursos audiovisuais possibilitados pelas novas tecnologias da comunicação. Devido ao seu vínculo com o *Aldeia* e à trajetória profissional construída no interior da associação, Valentino foi materializando seu projeto todo o tempo relacionando-o com a instituição, alicerçando pontes e estreitando laços com o *Aldeia*, daí o

fato de tomarmos o Mapa ao Quadrado como uma parceria entre Valentino e a associação fortalezense, que participou de forma relevante em sua formação como realizador audiovisual.

Como consequência natural dos diálogos entre Mapa ao Quadrado e *Aldeia*, os jovens que se tornaram público-alvo do projeto foram os moradores do Morro Santa Terezinha, bem como a sede da associação no morro tornou-se o espaço físico do projeto, local onde se desenvolveram as oficinas de capacitação para os usos das mídias digitais, ponto de encontro para as caminhadas em grupo pelo morro para fazer as filmagens e lugar onde foram levados a cabo os longos processos de debates e de edições sobre o vasto material audiovisual rodado no contexto do Santa Terezinha. Os monitores do Mapa ao Quadrado também eram velhos conhecidos do *Aldeia*: Lucas – que participou mais no início, durante as oficinas – e Xaiane – que atuou durante todo o desenrolar do projeto. Nesse sentido, mesmo o Mapa ao Quadrado não sendo oficial e institucionalmente um projeto do *Aldeia*, acreditamos que a influência que teve – e que ainda tem – a associação na formação audiovisual de Valentino e dos monitores, a escolha dos jovens moradores do Morro como protagonista das ações, bem como as estreitas relações que se construíram entre o Mapa e o *Aldeia* ao longo da concretização do projeto, fazem com que se possa pensar o projeto de Valentino como uma parceria entre ele e o *Aldeia*. Sendo assim, em virtude do Mapa ao Quadrado responder a todas as principais demandas da tese – inserção sociocultural, cidadania, juventude, periferia e mídias digitais –, optamos por elegê-lo como um projeto, no âmbito das atividades do *Aldeia*, que deveria protagonizar nosso acompanhamento sistemático no trabalho de campo desenvolvido no primeiro semestre de 2011.

Pudemos acompanhar, durante os meses de abril, maio e junho de 2011, nas tardes de segunda, quarta e sexta-feira, várias atividades do Mapa ao Quadrado, desde as oficinas mais teóricas, com aulas explicativas sobre o universo dos meios de comunicação, do cinema, das redes digitais e, especialmente, sobre a linguagem e a gramática audiovisuais. Os jovens também assistiram aulas sobre noções básicas acerca do mundo das artes e tiveram contato com o funcionamento de uma câmera, seus recursos técnicos, etc. Nesse momento do projeto, que se estendeu até o início de maio, alguns dos jovens começaram a deixar de participar das oficinas, seja por conta do trabalho ou mesmo pela falta de

interesse. Posteriormente, em conversa com alguns dos que permaneceram, ouvimos queixas sobre a “chatice” das aulas e a monotonia que envolvia essa parte mais teórica do Mapa ao Quadrado. Manter jovens, sujeitos dispersos e inquietos por natureza, interessados em conteúdos mais teóricos do que práticos é sempre um grande desafio a ser vencido, pois a etapa do projeto que envolvia o contato com as noções conceituais e com o repertório mais abstrato eram de suma importância em uma fase preliminar, que antecedia a saída pelas ruas para fazer as filmagens. Mais do que dar câmeras aleatoriamente aos jovens e fazê-los gravar tudo e qualquer coisa sem o menor conhecimento prévio sobre a linguagem audiovisual, interessava ao Mapa ao Quadrado capacitar esses jovens para compreender o cenário de emergência das mídias digitais e de todas as suas possibilidades para, então, materializar num texto audiovisual o que, de fato, os rapazes e moças gostariam de expressar social e culturalmente.

Em um segundo momento do trabalho de campo, quando pudemos acompanhar as rotinas de gravações pelo morro, já não havia mais nenhum rapaz envolvido no projeto, pois todos eles haviam desistido da participação durante a etapa das oficinas, e Lucas, monitor que auxiliou na fase das aulas, afastou-se do Mapa ao Quadrado durante as atividades de rodagem. Exceto Valentino, o restante do grupo era composto apenas por mulheres: Xaiane – que atuava como braço-direito de Valentino –, Jaqueline, Rosa, Roberta e Luana. Nessa etapa foi possível dedicar-nos à observação sistemática das gravações pelo morro, afinal o audiovisual a ser produzido pelos jovens deveria expressar a realidade local deles, o cotidiano do Morro Santa Terezinha, as práticas socioculturais desenvolvidas naquele entorno. Foram filmadas as dinâmicas em torno da feira local, os movimentos na praça do Mirante, os ensaios da quadrilha junina, as apresentações de *hip hop* de outros coletivos locais, como o Enxame²⁵⁸, os encontros de grupos evangélicos, etc. Também foram feitas inúmeras entrevistas, com moradores mais antigos do morro, com personalidades locais, como uma moça que já havia ganhado várias medalhas como corredora, com carteiro, feirante, policial e, igualmente, com pessoas envolvidas com outros movimentos sociais do Morro Santa Terezinha. As meninas faziam testes de luz,

²⁵⁸ O Enxame é uma ONG fundada pela socióloga Glória Diógenes em 2001, que trabalha com adolescentes da região do Mucuripe, através da arte e da educação, objetivando que, para os meninos e meninas envolvidos na associação, a arte não seja percebida como algo distante. Os jovens têm a possibilidade de expressar-se através de rap, grafite, break, desenho e pintura. Além disso, são disponibilizadas no Enxame salas de leitura, aulas de informática e reforço escolar.

som, enquadramento, elas mesmas filmavam, faziam perguntas, entrevistavam, davam idéias, mas tudo mediado e supervisionado por Valentino, que dava uma liberdade, de certo modo, controlada a elas.

Em uma terceira etapa pudemos acompanhar as dinâmicas desenvolvidas nos processos de edição do material gravado, com a finalidade de elaborar, a partir daquela matéria-prima de muitas horas de filmagem, um vídeo sobre a realidade no Morro Santa Terezinha, especialmente voltado para o universo juvenil. Os materiais audiovisuais eram disponibilizados em um telão, em uma das salas da sede do *Aldeia*, e o grupo, comandado por Valentino, ia contribuindo na atividade de selecionar e cortar imagens e falas para a montagem do vídeo. As meninas opinavam sobre a “cara” que o produto pronto deveria ter, sobre as falas dos entrevistados que deveriam ser priorizadas, sobre os cortes e enquadramentos, sobre a trilha sonora, sobre os movimentos na passagem dos personagens, etc. As jovens protagonistas do Mapa ao Quadrado, em seus processos de seleção e exclusão do que julgavam importante mostrar sobre o morro iam tecendo os modos como gostariam de ser visibilizadas como parte daquele entorno que ganhava projeção na tela, inclusive gerando alguns embates entre modos distintos de enxergar a si próprias e à territorialidade onde vivenciam suas experiências cotidianas.

Antes de fazer cada coisa, de proceder a um ou outro potencial técnico disponível no software de edição, Valentino explicava minuciosamente a função do recurso e como apropriar-se dele, ou seja, explicava o passo-a-passo para mexer nas propriedades do sistema de edição. As meninas, entretanto, tinham um pouco de receio em se aventurar a operar todos aqueles botões e funções e participavam mais dando as idéias, explicitando o que queriam a partir de gestos e sons, mas deixando para Valentino a posição de controlador do software de edição, apesar de uma certa insistência dele para que elas mesmas pudessem atuar junto aos recursos disponíveis. Somente em algumas ocasiões elas, especialmente Xaiane, também tomaram a frente no manuseio dos equipamentos. Muitas vezes Valentino tinha que motivá-las ao longo dos encontros, pois eram perceptíveis os momentos de dispersão que rondavam as garotas. Já na etapa final de edição do audiovisual Valentino assumiu uma centralidade maior no encaminhamento do projeto e capitaneou de forma mais veemente a montagem do vídeo, inclusive fazendo algumas atividades relativas a isso em sua casa, sozinho, apenas apresentando no encontro seguinte o resultado para as

meninas opinarem, justificando tal atitude como um modo de agilizar o processo e não correr o risco de atrasar demasiadamente o fechamento do ciclo e a apresentação do produto audiovisual.

O acompanhamento sistemático das atividades do projeto foi muito produtivo por nos oferecer a possibilidade de compreender os movimentos tecidos no interior do Mapa ao Quadrado, e não somente ouvir a narrativa sobre o desenvolvimento do projeto nas falas dos participantes. Observar as atuações de coordenador e jovens atrelados ao Mapa ao Quadrado fez com que emergissem aos nossos olhares os elementos envolvidos nos processos sociocomunicativos materializados ao longo de quase três meses de convivência entre Valentino e os adolescentes (primeiro os rapazes e as moças e, posteriormente, só as meninas). Questões como a liberdade dos jovens para opinar e decidir os percursos do projeto, bem como o livre arbítrio deles para operar as câmeras e selecionar o que filmar, as negociações entre o coordenador e os adolescentes e no seio do próprio grupo de jovens, que, algumas vezes, divergia em suas opiniões, os silenciamentos e desinteresses evidenciados pelos jovens – em um primeiro momento concretizados em uma ação de abandono ao projeto, por parte dos rapazes, e, posteriormente, em algumas posturas dispersas, por parte de algumas das meninas –, as temáticas que ganharam relevância ao longo do projeto, como violência, drogas, incertezas com relação ao futuro e, principalmente, a necessidade que tinham as jovens em ressaltar as características boas do morro, divergentes de uma visão construída pela mídia hegemônica que veiculava a região do Mucuripe como uma zona onde predominava a criminalidade. As pessoas de bem, as manifestações culturais locais, a vida “normal” que também se pode levar naquele entorno eram elementos evidenciados pelas moças nos debates e na edição do vídeo, com a finalidade de focar no material audiovisual uma perspectiva que expressasse o morro como um lugar cujo cotidiano vai além do que é noticiado nos programas sensacionalistas da programação televisiva de Fortaleza.

3.5.2.1.3. Entrevistas em profundidade

Nosso objetivo ao realizar as entrevistas²⁵⁹ era poder revelar os elementos que ainda não haviam podido aparecer até então, na dinâmica das atividades do Mapa ao Quadrado. Após a experiência de acompanhar os processos de elaboração do produto audiovisual, de forma coletiva, era preciso entrar nas vivências individuais de cada um dos envolvidos no projeto, procurando compreender suas histórias de vidas, seus repertórios culturais e sociais, seus contextos pessoais e suas trajetórias de relações com a prática associativa. Era necessário ouvi-los e apreender suas narrativas sobre a vida no morro e sobre o modo como cada um deles encara a experiência de usos e apropriações das mídias digitais em um cenário de participação social, bem como detectar o peso e a relevância que os meios de comunicação têm em suas rotinas e qual o tipo de consumo da mídia faz parte de suas dietas comunicativas.

Como o universo de jovens participantes do Mapa ao Quadrado ficou muito restrito após a etapa das oficinas – quando desistiram da participação todos os rapazes envolvidos – não foi uma tarefa difícil escolher os protagonistas de nossa pesquisa, aqueles que atuariam como informantes nas entrevistas em profundidade. Todas as meninas, Xaiane, Jaqueline, Rosa e Roberta, foram selecionadas para a entrevista. A única moça preterida foi Luana, devido ao fato de sua participação no projeto ser bastante esporádica, diferente da atuação que imprimiam as outras meninas, que estavam sempre presentes nas tarefas do Mapa ao Quadrado e em todos os encontros, que ocorriam sempre às segundas, quartas e sextas-feiras. Além das meninas, também entrevistamos o jovem Lucas, por toda a sua trajetória no *Aldeia* e por sua participação na fase das oficinas do Mapa. Nesse sentido, a partir dessa seleção de entrevistados, conseguiríamos obter um universo plural – e rico para a pesquisa – de jovens informantes, contemplando uma diversidade de entradas: jovens como Lucas, com grande envolvimento com o *Aldeia* e uma participação mais breve no Mapa ao Quadrado, meninas como Xaiane e Jaqueline, que possuem uma trajetória importante no âmbito do *Aldeia* e construíram uma atuação ampla e significativa no Mapa, e as moças Rosa e Roberta, que iniciavam sua experiência no seio dos projetos socioculturais a partir do projeto audiovisual coordenado por Valentino. Vale ressaltar que também tentamos fazer contato com dois rapazes que haviam desistido de participar – através de Jaqueline e Xaiane, que passaram seus contatos. Os jovens, entretanto, alegaram ter abandonado o

²⁵⁹ Apêndice 7

projeto porque começaram a trabalhar e que, portanto, estavam sem tempo (ou interesse) para colaborar na pesquisa.

As entrevistas foram realizadas na última semana de junho de 2011, após o encerramento das atividades do Mapa ao Quadrado, que contou com um evento, ocorrido no próprio morro – na praça do Mirante, em frente à sede do *Aldeia* –, em que foi veiculado para os moradores locais o vídeo pronto, a obra resultante do projeto. As entrevistas ocorreram na praça ou nas dependências do *Aldeia* (exceto no caso de Lucas, cuja entrevista foi realizada na casa dele) e sucederam sem nenhuma intempérie, sendo o material gerado a partir delas bastante produtivo e importante para compreender uma série de dinâmicas e lógicas na vida desses jovens, de seus usos das mídias e de suas experiências mobilizatórias a partir da emergência das redes digitais. Com jovens como Lucas, Xaiane e Jaqueline, que cultivam uma longa trajetória junto às ações sociais e coletivas, a conversa rendeu e fluiu de forma natural. Já com as meninas Rosa e Roberta, novatas nesta seara, foi preciso um pouco mais de motivação para que elas falassem, para que fossem além do “sim” e do “não”. Apesar dos pequenos obstáculos, a fase das entrevistas em profundidade foi profícua e esclarecedora de uma série de questões em torno do universo desses jovens do morro.

Também realizamos uma entrevista²⁶⁰ com o coordenador do Mapa ao Quadrado, Valentino Kmentt, com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre sua trajetória profissional e de envolvimento com esse tipo de atuação, procurando compreender os modos como idealizou a realização do projeto, seu interesse em trabalhar com o universo juvenil, as maneiras como enxerga e conceitua a emergência das mídias digitais como um potencial de inserção cidadã e sua visão sobre os movimentos sociais e os diálogos que podem existir entre esses coletivos e a prática materializada em ações como a do Mapa ao Quadrado.

3.5.2.1.4. Análise dos materiais audiovisuais

²⁶⁰ Apêndice 8

O produto audiovisual analisado no marco das experimentações dos jovens com as mídias digitais no cenário brasileiro advém do vídeo-documentário “Mirada”, com cerca de oito minutos de duração, pensado, filmado, editado e montado no âmbito do Mapa ao Quadrado. O vídeo pronto foi exibido para a população do Morro Santa Terezinha em uma festa de encerramento do projeto, ocorrida na noite de 17 de junho de 2011, que contou com a presença do rapper Erivan, *DJ Robson* e *MC Treta*. O vídeo analisado²⁶¹ é, na verdade, um produto audiovisual elaborado a partir da junção do documentário com imagens do evento no qual o “Mirada” foi apresentado pela primeira vez.

3.5.2.2. Contexto espanhol

3.5.2.2.1. O projeto *KDM* e o acompanhamento sistemático de suas atividades

Após a realização dos grupos de discussão, no espaço do Instituto Príncipe de Viana, iniciamos a fase aprofundada da pesquisa, que foi levada a cabo, em grande parte, nas instalações do Centre Garcilaso. O planejamento que foi feito para a materialização do Pequeño Hermano tinha como objetivo instigar os jovens interessados em participar da seleção (para atuar no produto audiovisual, seja como atores, roteiristas, operadores de câmera, técnicos de luz e som, etc.) a enviarem vídeos próprios, que funcionariam como inscrição no projeto. Juntamente com uma ficha formal onde poriam seus dados pessoais e com a autorização dos pais deixando-lhes formar parte do PH, os jovens deveriam gravar um vídeo de, no máximo, um minuto, apresentando-se aos organizadores e responsáveis pela seleção, falando sobre o interesse em participar do projeto e em qual função gostariam de atuar. Para saber exatamente o quê e como perguntar aos jovens, para poder lhes dar algum direcionamento na produção desses vídeos, especificando o que eles deveriam priorizar em suas produções, é que seriam necessários mais alguns encontros com os adolescentes – além dos que foram levados a cabo nos grupos de discussão – com a finalidade de ter a colaboração dos protagonistas do Pequeño Hermano em todo o desenvolvimento do projeto. Nesse sentido, tínhamos o objetivo de realizar alguns eventos

²⁶¹ Disponível em:

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=2-yJpD2q-u4

Acesso em: 28 fev. 2012

para ver quais conceitos, quais percepções, atitudes e temáticas ganhariam relevância nos discursos dos adolescentes envolvidos nas atividades, para, a partir de então, podermos ter uma clareza maior do que pedir e esperar deles em suas produções midiáticas caseiras. Para saber quais tipos de vídeos enviados pelos jovens seriam interessantes para o projeto, seria necessário, primeira e fundamentalmente, saber quais rumos o PH iria tomar.

A primeira atividade que pudemos acompanhar foi a sessão para a escolha do nome oficial do projeto, já que havia ficado claro, a partir das considerações apontadas nos grupos de discussão, que o nome “Pequeno Hermano” não funcionaria, por não gerar uma empatia com o público adolescente. Era preciso criar um novo nome e, na visão da equipe responsável pelo projeto, nada melhor do que deixar esse processo de elaboração criativa nas mãos dos jovens. Foi então que resolvemos convocar uma grande atividade para o início de dezembro de 2010, na qual os jovens saberiam mais detalhes sobre o projeto e elegeriam o nome oficial, que substituiria o título que se usava até então.

Pablo convocou e estimulou para que estivessem presentes no evento os jovens que haviam participado nos grupos de discussão no colégio, os rapazes e as moças que já haviam atuado em outros projetos e atividades do Centre Garcilaso, bem como convidou outros jovens do Instituto Príncipe de Viana, indivíduos esses que, mesmo não tendo participado nos grupos de discussão, foram indicados pelos professores como pessoas ativas e cuja personalidade se encaixaria no perfil do projeto. Esse grupo formado por adolescentes cuja participação originava-se de três modos distintos configurava o que chamávamos de “equipe motor” do projeto, ou seja, aquela que iria atuar de forma mais sistemática e aprofundada no desenrolar das atividades, a partir de então. A riqueza do grupo seria justamente advinda dessa pluralidade de entradas (grupos de discussão, outros projetos do Centre Garcilaso e Instituto Príncipe de Viana), pois não se delimitou a participação somente aos meninos e meninas que vinham de uma determinada trajetória, mas abriu-se a possibilidade para que jovens com distintas vivências pudessem colaborar na materialização do projeto.

As dinâmicas desenvolvidas no evento consistiam de uma apresentação inicial, na qual cada um dos participantes – inclusive a equipe de coordenadores – deveria falar sobre si e sobre as expectativas para o projeto enquanto seguravam um fósforo em chamas. O objetivo era falar o máximo possível antes que a chama fosse apagada e, com isso, “quebrar

o gelo” inicial e informalizar os processos de apresentação dos membros da atividade. Depois disso foram disponibilizadas em uma parede quatro listas com todas as palavras ditas – nos grupos de discussão – para cada um dos conceitos principais do projeto: integração, participação, imigração e meios de comunicação. Posteriormente os jovens foram divididos em três grupos – cada um deles dinamizado por um integrante da equipe de investigadores – e elegeram duas principais palavras listadas para cada conceito. Em seguida, coube aos rapazes e moças procurar e recortar imagens em revistas que combinassem com essas oito palavras que dispunham (duas referentes a cada um dos conceitos vitais: integração, participação, imigração e meios de comunicação). Da combinação de palavras e imagens surgiram idéias para nomes, que foram explicitados e defendidos por cada um dos grupos, até que, através de votação, o nome *KDM* – que, em linguagem de SMS significa “quedar”, que no idioma espanhol refere-se a marcar uma saída com alguém – foi escolhido quase que por unanimidade.

Em um segundo evento, realizado no início de janeiro de 2011 nas dependências do Centre Garcilaso, o objetivo, após já haver uma definição no título do projeto, era discutir com os jovens sobre os conceitos que seriam trabalhados não só em todo o desenvolvimento das atividades do *KDM*, bem como na série audiovisual que se pretendia realizar. Na parede foram pregadas cartolinas contendo quatro conceitos, que foram tomados como eixos condutores na concepção e no encaminhamento do projeto: jovens, interculturalidade, novas tecnologias e participação. Cada um dos presentes – tanto os jovens como os membros da equipe investigativa e outros colaboradores – recebeu papéis com frases ditas pelos adolescentes tanto nos grupos de discussão como na primeira atividade levada a cabo – que objetivava a escolha do nome. Após ler o que continha em seu papel a dinâmica preparada pela equipe de investigadores induzia que cada pessoa colocasse a frase vinculada ao conceito que julgasse pertinente, gerando, com isso o debate geral, tanto sobre a própria frase como com relação ao vínculo dela com um ou outro conceito-chave do projeto. Ao final desse debate, os membros da equipe investigativa exibiram as propostas de materiais gráficos (cartazes de divulgação, desenho do *site* do *KDM*, fichas de inscrição, folhetos explicativos, etc.) para receber a opinião dos jovens, que iniciaram um verdadeiro processo de edição e de discussão sobre estratégias de sedução publicitária, dizendo o que estava bom, o que precisaria ser retirado e o que deveria ser

alterado, com a finalidade de tornar as peças mais atraentes para o público juvenil, instigando a maciça participação no projeto.

No final de janeiro de 2011 pudemos acompanhar a gravação de parte dos vídeos promocionais com os jovens envolvidos no *KDM*. A idéia de produzir os vídeos promocionais partiu de Pablo, cujo objetivo que procurava atender, a partir desses pequenos filmes, era o de incentivar a participação juvenil no projeto, demonstrando formas de participação e modelos de produção para que os adolescentes pudessem se inspirar na elaboração dos vídeos que enviariam como inscrição no processo seletivo do *KDM*. Segundo Pablo, alguns jovens poderiam ter o desejo de envolver-se no projeto, mas poderiam não ter nenhuma idéia de como se implicar no processo e nem como criar um vídeo curto falando de si e de suas expectativas com a participação na empreitada. Nesse sentido, os vídeos promocionais, que estariam disponíveis no *site* do *KDM* materializariam formas de produção de filmes caseiros, bem como explicitariam os mais variados modos de atuação no projeto, tais como através de atuação, operação de câmera, som, luz, edição, criação de roteiros e cenografias, etc. Os vídeos promocionais funcionariam, grosso modo, como exemplos de vídeos que os jovens interessados em atuar no *KDM* poderiam adaptar ao seu estilo na hora de fazer sua inscrição. Parte dessas imagens também seria utilizada em um vídeo maior, que seria produzido pela equipe de investigadores do *KDM* para ser exibido em uma grande apresentação dos encaminhamentos do projeto para uma equipe de profissionais da prefeitura, agendada para o início de fevereiro. Pudemos acompanhar a gravação dos vídeos promocionais com Alberto e Lien. O primeiro realizou-se nas áreas externas do Instituto Príncipe de Viana, onde Andrés encenou que gostaria de participar do *KDM* como operador de câmera, e o segundo concretizou-se nas dependências do Centre Garcilaso e nos arredores da associação, onde Lien encenou que seu desejo em atuar no projeto se daria como maquiadora. A linguagem dos vídeos buscava uma identificação com os jovens, utilizando-se de cortes rápidos, auto-filmagem, movimentos não-lineares, etc. Alberto contava brevemente sobre si, sobre o que gostava, andando pelo pátio da escola, e Lien começava seu vídeo no banheiro, maquiando-se, e terminava falando de si e de seu desejo em fazer parte da equipe de profissionais do *KDM*, enquanto andava nos arredores do Espaço Juvenil Garcilaso. As filmagens eram feitas por Pablo, pelos outros integrantes da equipe de investigadores e por outros jovens da equipe motor do projeto, que também

cuidavam da luz, do som e participavam na edição dos materiais audiovisuais. O acompanhamento dessas gravações foi bastante válido por revelar questões concernentes ao processo de produção audiovisual no contexto do *KDM*, os processos criativos desencadeados nas atuações juvenis, as relações entre Pablo e os jovens nos momentos das filmagens, as hierarquizações que se constituíam na tomada de decisões, dentre outros elementos que puderam ser descortinados nesse movimento de “pôr a mão na massa” e gravar.

Ainda no sentido de acompanhar as atividades do *KDM*, pudemos participar – como observador, coletando dados para a pesquisa de tese, e como membro da equipe de investigadores – de uma apresentação formal do projeto para uma comissão de técnicos e outros profissionais do Centre Garcilaso (os escalões mais altos da instituição) e do Ayuntamiento de Barcelona, o que corresponde à prefeitura da cidade. Nesse evento, ocorrido em uma noite do início de fevereiro de 2011, pudemos explicitar a caminhada trilhada pelo *KDM* até então, bem como apresentar as perspectivas de trabalho que seriam seguidas posteriormente na concretização da série audiovisual. Diversos elementos foram ressaltados, como a boa acolhida, por parte dos jovens, do projeto e a riqueza dos debates gerados em torno de conceitos tão importantes como juventude, participação, interculturalidade, imigração, meios de comunicação, mídias digitais, integração, etc. A platéia interagiu com a equipe de investigadores, fazendo uma série de perguntas e comentários, e demonstrou entusiasmo com a continuidade das atividades do projeto, apoiando a trajetória executada até então.

Um dado importante revelado nestes encontros com os jovens e no processo de formação da equipe motor deu conta de um fato peculiar: a pouca presença dos jovens migrantes nas atividades propostas para se realizarem no Centre Garcilaso. Tanto no evento de dezembro como no de janeiro a participação dos autóctonos foi muito mais expressiva numericamente. Muitos foram os esforços da equipe de investigadores para reverter essa situação, pois foram vários os e-mails enviados convidando e reforçando o convite para as dinâmicas, para não falar nas ligações que eram efetuadas na hora, para avisar que já estávamos a espera deles (dos jovens que haviam confirmado presença). Eram inúmeras as desculpas, como falta de tempo, tarefas escolares para terminar ou a falta de permissão dos pais para a saída. É como se, a partir do momento em que a participação tornava-se

voluntária – ao contrário do que ocorria na realização dos grupos de discussão, no qual os jovens eram selecionados pelos professores e, de certo modo, “obrigados” a participar, já que estavam inseridos em um ambiente institucional, no qual não é fácil recusar uma atividade proposta por um docente – os jovens migrantes tivessem iniciado um processo de recusa em participar do projeto, pois foram poucos os que se dispuseram a comparecer nos eventos que se seguiram aos grupos de discussão.

Apesar da decepção gerada com a pouca participação dos migrantes, o acompanhamento das atividades desenvolvidas com os jovens da equipe motor foi bastante satisfatório e produtivo, por permitir que pudéssemos compreender as percepções dos adolescentes acerca das temáticas concernentes ao projeto, bem como para analisar a desenvoltura para atuarem como atores, a criatividade para escreverem roteiros e o conhecimento técnico para manipularem equipamentos de filmagem e edição. Foi de suma importância para a tese poder observar o que acontecia nesses eventos, como a cultura de cada um desses jovens era acionada no momento em que estavam expondo suas visões acerca das temáticas caras ao *KDM*, quais as relações dos adolescentes entre si e com os adultos participantes da equipe do projeto, qual o grau de atuação e de liberdade dos jovens envolvidos, quais repertórios técnicos e midiáticos esses sujeitos possuíam na hora de editar os materiais gráficos, etc. Acompanhar detalhadamente “os bastidores” do projeto, o que sucedeu durante o momento de amadurecimento do projeto audiovisual foi de extrema relevância, também, para estreitarmos os laços com os rapazes e moças participantes no *KDM* e possibilitar que eles se sentissem à vontade para atuar como informantes da pesquisa, concedendo-nos entrevistas em profundidade.

3.5.2.2.2. Entrevistas em profundidade

A partir das entrevistas em profundidade procurávamos tecer relações – com os jovens – distintas das que haviam sido desenvolvidas nas atividades anteriores. O foco se daria em um vínculo individual com cada um dos adolescentes, que estariam narrando aspectos de suas trajetórias de vida, suas participações associativas, suas percepções de cidadania, seus consumos de meios de comunicação e seus atravessamentos com outras questões importantes para o desenvolvimento da tese, como migração, interculturalidade,

integração, etc. A intenção das entrevistas era poder aprofundar determinadas questões que não puderam ser tocadas ou melhor tratadas anteriormente. Neste momento a pesquisa do doutorado separa-se das atividades relacionadas com a equipe de investigadores do *KDM* – da qual fizemos parte, juntamente com Pablo e Carolina –, pois as estratégias articuladas para esta etapa dizem respeito somente às demandas da investigação doutoral. As entrevistas em profundidade configuraram uma fase da pesquisa de tese completamente apartada dos eventos articulados no âmbito do grupo motor do projeto.

Em virtude das especificidades inerentes a um ou outro grupo, optamos por fazer dois roteiros distintos de entrevistas, um²⁶² para ser usado com os jovens autóctonos e outro²⁶³ para servir de apoio nas conversas com os adolescentes migrantes. Era preciso agir dessa forma, com o objetivo de que determinadas questões pudessem ser contempladas de um modo mais minucioso, de acordo com o universo de sentidos e o contexto vivencial de um ou outro coletivo. Apesar das pequenas adaptações que foram feitas no primeiro e no último bloco, quase que a totalidade do roteiro é o mesmo, tanto para os jovens de Barcelona como para os de fora.

As entrevistas foram realizadas na última semana de janeiro e na primeira de fevereiro de 2011, nas instalações do Centre Garcilaso, que foram cedidas especialmente para esta finalidade. Os jovens que participaram como informantes nesta etapa foram selecionados a partir de alguns critérios, tais como: estarem atuando no grupo motor do *KDM*; terem entrado no grupo motor a partir de origens distintas – grupos de discussão, outros projetos do Centre Garcilaso ou por serem outros alunos indicados pelos professores do Instituto Príncipe de Viana –; e terem interesse em participar da etapa das entrevistas. Apesar de todo o nosso esforço para ter como entrevistado algum jovem que fosse migrante de primeira geração – ou seja, nascido, ele mesmo, em um outro país, que não a Espanha – isso não foi possível. Mandamos diversos e-mail a todos os migrantes que haviam participado dos grupos de discussão, enviamos SMS aqueles os quais conseguimos obter seus números pessoais e convidamos presencialmente a única migrante de primeira geração que havia participado em algumas das atividades do *KDM* realizadas no Centre Garcilaso, a colombiana Angel, que não aceitou participar.

²⁶² Apêndice 9

²⁶³ Apêndice 10

Em virtude dessa limitação advinda de uma extrema e irresoluta dificuldade imposta pelos jovens migrantes em conceder-nos entrevistas, nosso universo de informantes é composto por autóctonos e por autóctonos filhos de migrantes. Os protagonistas desta etapa da pesquisa aprofundada, no contexto espanhol, são Juan (pais catalãos), Julia (pai catalão e mãe francesa), Pep (pai colombiano e mãe catalã), Alberto (pais chilenos) e Lien (pais chineses). Como sentíamos, todo o tempo, uma certa aproximação entre Alberto e Lien e um alto grau de distanciamento entre eles dois e os demais jovens autóctonos que faziam parte da equipe motor (cujos pais nasceram na Catalunha ou, no caso, de Pep e Julia²⁶⁴, apenas o pai ou a mãe), reverberava uma percepção de que os coletivos migrantes, mesmo a partir dos filhos já nascido em solo catalão, ainda vivenciavam uma prática cotidiana atravessada por uma certa separação com relação aos autóctonos. Era visível a presença de dois grupos distintos e bem marcados nas atividades do *KDM*, um formado pela maioria, de autóctonos cujas origens familiares eram europeias, e outro formado por Angel, migrante (nascida na Colômbia), Alberto e Lien, os dois últimos autóctonos, porém oriundos de famílias nascidas no exterior, e cujos traços físicos, “denunciava” sua origem migrante.

Apesar do sentimento de profunda frustração que nos trouxe o fato de não conseguirmos entrevistar a jovem Angel ou alguma outra pessoa efetivamente nascida no exterior, o processo de desenvolvimento das entrevistas em profundidade ocorreu sem problemas. Com alguns jovens, mais espontâneos e extrovertidos, a conversa fluía de uma forma mais natural, com outros, fechados e introspectivos, era necessário um esforço constante nosso para motivar-lhes a falar, para “puxar” os assuntos a serem debatidos, para insistir na pergunta quando nos era respondido apenas “sim” ou “não”. Mas, de modo geral, as entrevistas em profundidade foram realizadas de maneira produtiva e atingiram o objetivo original, que era o de revelar vivências, histórias de vida, posturas e concepções de mundo desses jovens, tendo em vista que a dinâmica coletiva das estratégias metodológicas adotadas até então ainda não haviam podido dar conta de desvelar o contexto mais individual de nossos protagonistas.

²⁶⁴ No caso de Julia, vale destacar que sua mãe, mesmo que não seja catalã, é europeia, o que configura um status social muito diferente de alguém que tem pais cujas origens são de países que estão fora do EurAm (MORLEY, 2008). No caso de Pep, como veremos adiante, sua família paterna inteira é catalã, apenas o pai nasceu na Colômbia, mas não possui qualquer vínculo com o país.

Apesar do longo convívio – muitas vezes quase que diariamente – que tecemos com Pablo durante a realização do *KDM* – da parte do projeto que pudemos acompanhar de modo presencial –, também tivemos a oportunidade de realizar uma entrevista²⁶⁵ com o coordenador do projeto, com o intuito de aprofundar as informações sobre sua trajetória profissional e de envolvimento com esse tipo de experiência coletiva, procurando refletir sobre os modos como desenhou a materialização do projeto, seu interesse em trabalhar com o universo juvenil, as maneiras como percebe esse movimento de emergência e disseminação das mídias digitais na sociedade contemporânea, especialmente como um potencial de inserção sociocultural, e sua posição sobre os movimentos sociais e os diálogos que podem existir entre essas associações da sociedade civil e a prática concretizada em ações como a do *KDM*.

3.5.2.2.3. Análise dos materiais audiovisuais

No marco teórico e prático do projeto, elaborado em setembro de 2011, quando o título *KDM* ainda nem havia sido definido, foi proposto pela equipe de investigadores, liderada por Pablo, coordenador geral, um cronograma de atividades, que dava conta de apontar em quais meses seriam realizadas todas as atividades do projeto, até a sua finalização, que culminaria com a série audiovisual pronta para a veiculação. Nesse calendário estava previsto para o mês de fevereiro de 2011 a execução das oficinas (de atuação, de roteiro, de operação de câmera, etc.) e para o mês de março a realização dos ensaios da série. Já sabíamos, desde o início, da impossibilidade de coincidência total entre a temporalidade do projeto e o cronograma previsto para o estágio de doutorado no exterior, que não poderia ultrapassar o período de um ano. Já havíamos levado em conta que, infelizmente, não seria possível poder acompanhar as gravações da série, bem como sua edição e montagem, mas, acreditávamos que as oficinas e ensaios nos dariam prévias significativas de como seria a concretização do produto audiovisual. O que ocorreu no âmbito do *KDM*, entretanto, foi um processo de atrasos sucessivos e de excessiva flexibilização nos prazos estipulados no marco teórico e prático, que eram sempre alargados e tinham suas temporalidades, muitas vezes, triplicadas ou quadruplicadas. Em

²⁶⁵ Apêndice 11

virtude dos questionamentos gerados a respeito dos atrasos, Pablo sempre apontava o compromisso com uma dita qualidade no desenvolvimento das etapas do projeto, em detrimento de uma preocupação com o tempo. Essa postura adotada pela coordenação do *KDM* alterou sobremaneira os encaminhamentos das pesquisas individuais dos membros da equipe investigativa, não só a nossa, como a da colega chilena, Carolina, que finalizava, na época, seu mestrado em Políticas Públicas. Foi somente em meados de novembro de 2011, com muitos meses de atraso, que o *KDM – la web serie* apresentou sua equipe definitiva, através de sua página no Facebook. Atualmente o grupo encontra-se na fase de realização de oficinas, cursos, provas de teste, dentre outras atividades que deveriam ter sido desenvolvidas no início de 2011. Inseridos em um cenário de constantes movimentos limitadores e de processos de readaptações que vêm nos impondo nosso objeto de referência no contexto espanhol, tivemos que reestruturar a lógica de trabalho, no que diz respeito às produções audiovisuais do projeto.

Nesse sentido, surgem como elementos passíveis de análise os vídeos promocionais – disponíveis no *site* do *KDM* –, cuja elaboração pudemos acompanhar, pois ainda nos encontrávamos em Barcelona no período de realização desses materiais audiovisuais. Há alguns outros vídeos aleatórios disponíveis na página do projeto na internet, entretanto não fica claro qual o objetivo deles, em virtude da possibilidade de serem resultados de ensaios, testes com os atores ou filmagens de alguma outra dinâmica do *KDM*. A série não está pronta ainda, portanto não há nenhum capítulo ou episódio terminado e editado que nos sirva de material de análise. E não gostaríamos de analisar um material audiovisual que fosse resultado de um teste com atores, por exemplo, mas, por outro lado, procuramos algo que tenha um significado importante no âmbito do projeto e que efetivamente tenha sido usado como referente identificatório do *KDM*. Acreditamos, então, que os vídeos promocionais, realizados para divulgar o projeto e despertar o interesse de participação nos jovens supra as nossas necessidades. Os vídeos trazem Juan falando sobre o interesse em participar como operador de som²⁶⁶, Lien mostrando como é possível atuar no projeto como maquiadora²⁶⁷, Alberto explicitando seu desejo em operar câmeras²⁶⁸ e Angel destacando o

²⁶⁶ Disponível em:
<http://vimeo.com/21671917>
Acesso em: 28 fev. 2012

²⁶⁷ Disponível em:

quão interessante pode ser a participação no *KDM* como figurinista²⁶⁹. Os vídeos foram feitos pelos jovens – supervisionados por Pablo – e usados como material de propaganda do projeto, daí sua relevância no marco do *KDM*.

3.5.3. Procedimentos de análise das entrevistas

Para analisar as entrevistas realizadas com os sujeitos-pesquisados nesta investigação, procuramos utilizar os conhecimentos da hermenêutica. Schleiermacher (1999) define a hermenêutica como "reconstrução histórica e divinatoria, objetiva e subjetiva, de um dado discurso". Ou seja, trata-se de uma tentativa de compreensão das experiências e dos universos de sentidos dos jovens participantes no *Aldeia* e no *KDM*, empreendida a partir da análise dos discursos construídos pelos informantes durante o trabalho de campo.

Procuramos compreender as falas, os pontos de vista, enfim, as narrativas dos nossos sujeitos-pesquisados, no que diz respeito às questões abordadas nesta investigação, tentando captar os cenários onde essas posturas são produzidas, ou seja, de onde elas vêm. Objetivamos ver de que forma os contextos, os repertórios culturais, as vivências, as trajetórias de cada um dos nossos jovens protagonistas atuam como mediações, como atravessamentos em suas relações com a sociedade, a mídia, as ações coletivas, a periferia, as migrações, dentre outros temas refletidos nesta tese. Nesse sentido, atuamos, analiticamente, tecendo relações entre a teoria e a prática, procurando, constantemente, vincular o conceitual com o empírico, alicerçando no arcabouço teórico sobre as temáticas analisadas as reflexões para compreender as práticas e os posicionamentos dos sujeitos-investigados.

Gostaríamos de deixar claro, ainda, que nossa análise acerca das apropriações e dos usos das mídias digitais pelos jovens envolvidos em projetos socioculturais em Fortaleza e em Barcelona, bem como das dinâmicas sociocomunicacionais desenvolvidas no âmbito do

<http://vimeo.com/21746432>

Acesso em: 28 fev. 2012

²⁶⁸ Disponível em:

<http://vimeo.com/21746299>

Acesso em: 28 fev. 2012

²⁶⁹ Disponível em:

<http://vimeo.com/21748638>

Acesso: em 28 fev. 2012

Aldeia e do *KDM*, já é, também, uma mediação. Nossa interpretação é mediada e atravessada por nossa subjetividade. “A visão de mundo do pesquisador e dos atores sociais estão implicadas em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho” (MINAYO, 2004, p. 21). Ou seja, o que apresentamos e discutimos sobre o universo de sentidos e as experiências de nossos jovens com as mídias digitais no Ceará e na Cataluña é a nossa compreensão dos processos e das relações tecidas na associação e no projeto, a partir do nosso olhar sobre o fenômeno. Baccega (2007)²⁷⁰ corrobora este raciocínio quando afirma que “não existe o puro. A entrevista é uma intercambiação de mundo entre o pesquisador e o entrevistado”.

²⁷⁰ Em comentário proferido no GT Recepção, Usos e Consumo Midiáticos, no XVI encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba. 15 de junho de 2007.

**PARTE 2 – AS EXPERIÊNCIAS PARTICIPATIVAS E MUDIÁTICAS DOS
JOVENS NA ASSOCIAÇÃO ALDEIA E NO PROJETO KDM**

4. JUVENTUDE, MÍDIAS DIGITAIS E CIDADANIA: ESTUDO DE CASO EM FORTALEZA

4.1 Fortaleza, uma cidade de contrastes

Seria bastante limitador iniciarmos as análises das visões de mundo dos jovens e de suas experiências com as mídias digitais em Fortaleza, no âmbito de projetos sociais, sem explicitarmos o contexto social e cultural onde estão inseridos essas juventudes e essas práticas, afinal, como nos diz Morley (2008, p. 82), “não há como compreender o mundo se não se leva em consideração as questões locais, específicas de cada contexto”. Não há como entender, portanto, as dinâmicas que se processam no interior do *Aldeia* e, especificamente, do projeto Mapa ao Quadrado, sem levar em conta o panorama no qual são tecidas todas essas relações. É preciso fazer conhecer Fortaleza, trazer à tona suas peculiaridades mais marcantes. É necessário, principalmente, revelar seus contrastes e suas desigualdades sociais, características essas que marcam de forma profunda a vida dos que moram nas periferias da capital. As experiências dos nossos jovens, dos sujeitos dessa investigação, são atreladas não somente ao imaginário construído pela publicidade, que exhibe a “terra do sol” como o lugar perfeito para as férias, mas são profundamente atravessadas pelas ausências que se fazem sentir em uma metrópole – cujas raízes estão fincadas em uma região marcada por uma trajetória de desigualdades – que passou por um intenso e rápido crescimento populacional sem possuir os alicerces necessários para abarcar esse contingente de pessoas, que vive agora, boa parte dele, sufocado pela falta de estrutura da cidade para oferecer-lhes condições dignas e saudáveis de vida.

Muitos dos problemas de Fortaleza são herança de um longo período colonial, que teve o Nordeste como cenário principal de um processo de expropriação de suas riquezas naturais. O ciclo do açúcar aparece como um exemplo ilustrativo do uso dessa região

apenas como um espaço a ser dominado, explorado, servindo tão somente aos interesses econômicos das metrópoles européias, especialmente Portugal. A desigualdade social já se enraizava desde alí na região, quando os dividendos financeiros oriundos da cana-de-açúcar ficavam concentrados nas mãos dos grandes proprietários de terra, sem levar qualquer tipo de crescimento social e estrutural para as áreas que viviam em torno do cultivo e da fabricação da matéria-prima. Quando a exploração do açúcar já não conseguia mais render o esperado e foi substituída pelo cultivo do café, no Sudeste do Brasil, a região Nordeste viu-se imersa em um panorama de ostracismo, no qual se configurou, nacionalmente, uma cena política, social e econômica centralista, que passou a focar, desde então, no eixo Rio de Janeiro – São Paulo como força-motriz do crescimento do país.

O Nordeste, física e politicamente apartado desse epicentro – a macro-região Centro-Sul – no qual se erguia um Brasil moderno, vivenciava uma situação de atraso e de pobreza, consequências de uma política coronelista que atuava sob a ótica do favoritismo, do clientelismo, do voto de cabresto e das inúmeras mortes encomendadas aos cangaceiros²⁷¹, responsáveis por operacionalizar o desaparecimento dos inimigos dos políticos e fazendeiros poderosos da região, local onde a lei costumava esbarrar no poder do coronel. O cenário geográfico, composto por longos períodos de estiagem – o que dificultava o crescimento agrícola do Sertão –, somado ao panorama de ausência de políticas efetivas que pudessem contornar o problema da seca, fez com milhares de famílias deixassem o interior da região e fossem tentar a vida “nas cidades grandes”, que poderiam ser as próprias capitais nordestinas ou, o mais comum, as metrópoles do Centro-Sul, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo. No caso específico do Ceará, foi somente a partir do governo de Tasso Jereissati, do PSDB, em 1987, e que sucedeu ao mandato do coronel Gonzaga Mota, que o Estado iniciou seu percurso de crescimento. A partir de então o Ceará e, principalmente, sua capital, romperam com décadas de pobreza e começaram a construir um novo momento em suas trajetórias, mesmo que ainda marcadas por desigualdades e exclusões.

²⁷¹ O Cangaço foi um fenômeno ocorrido no nordeste brasileiro de meados do século XIX ao início do século XX. Os cangaceiros têm suas origens em questões sociais e fundiárias do Nordeste brasileiro, caracterizando-se por ações violentas de grupos ou indivíduos isolados: assaltavam fazendas, matavam pessoas e saqueavam comboios e armazéns. Não tinham moradia fixa, viviam perambulando pelo sertão brasileiro, praticando tais crimes, fugindo e se escondendo.

A capital do estado do Ceará é uma cidade linda, moderna, grande, hospitaleira e alegre. Tem belas praias, conhecidas internacionalmente; gente bonita e divertida, que lota os restaurantes, shoppings e outros pontos de encontro da metrópole; vida noturna agitada e cheia de opções, para todos os gostos. Fortaleza já foi cenário de algumas novelas globais²⁷², possui o maior parque aquático da América Latina²⁷³ (que, inclusive, serve de palco para diversas atrações da Rede Globo, como os programas da Xuxa e do Luciano Huck), recebe milhares de turistas do mundo inteiro, todos os anos. A cidade é a terra das rendeiras, das tapiocas recheadas com carne de sol (ou carne seca), da água de côco e do caranguejo, da belíssima orla da Beira Mar. Fortaleza é a cidade que produz o Fortal, vendido Brasil afora como a maior micareta do país, bem como realiza, ao longo do ano, diversos eventos de negócios e feiras, especialmente as ligadas ao setor têxtil e da moda. A capital orgulha-se tanto de seus hotéis e resorts cinco estrelas, de nível internacional, como das palhaçadas de seus humoristas, que encantam não só a seus conterrâneos, mas, também, a muitos brasileiros, através das telas da TV. Fortaleza é cidade importante no mapa da globalização, ligada à Europa, há mais de 13 anos, por vôos regulares e diretos²⁷⁴, de companhias internacionais, tornando os fluxos de cearenses no mundo e do mundo no Ceará ainda mais intensos. Nada disso que foi dito é mentira, mas também não é a verdade totalitária aos olhos de todos os cearenses. A capital do Estado do Ceará é muito mais complexa, ambígua, contraditória e tensa do que vendem as revistas e jornais de turismo. E não é nessa “cidade fantástica” que vivem os nossos sujeitos-pesquisados, os jovens que moram na periferia da metrópole. “Fortaleza é também uma das campeãs brasileiras em desigualdade, com uma superconcentração de renda que garante um destacado papel no ranking nacional” (SILVA, 2002, p. 11). Dados revelam que aproximadamente novecentos

²⁷² A novela *Tropicaliente*, exibida em 1994 pela Rede Globo era ambientada na capital do Ceará. A novela *Meu bem querer*, da mesma emissora, que foi ao ar em 1998, apesar de ter como contexto uma cidade fictícia no interior do Estado, mostrava várias tomadas de Fortaleza, veiculadas quando as personagens iam visitar a “cidade grande”.

²⁷³ Acqua Park, localizado dentro do complexo Beach Park.

Fonte: Beach Park

Disponível em:

<http://www.beachpark.com.br/beachpark/parqueAquatico/conhecaOparque/conhecaOparque.asp>

Acesso em: 02 ago. 2009.

²⁷⁴ A TAP, companhia aérea portuguesa, tem vôos diários e diretos entre Lisboa e Fortaleza desde 1998. A espanhola Iberia manteve três vôos diretos por semana entre Madrid e Fortaleza em 2011. Os vôos foram cancelados, segundo a empresa, por conta da crise econômica que atinge boa parte dos países europeus, obrigando as companhias aéreas a não investirem em rotas alternativas neste cenário de incerteza.

e vinte mil fortalezenses estão inseridos em um grupo cujos ganhos são inferiores ao meio salário mínimo (vigente no ano de 2010)²⁷⁵.

Fortaleza, portanto, é uma cidade cheia de contrastes, como boa parte das grandes metrópoles da América Latina. Com dois milhões e meio de habitantes²⁷⁶, é atualmente a quinta maior cidade do Brasil e a que possui a maior densidade populacional, apresentando uma proporção de 7.815,70 habitantes por quilômetro quadrado²⁷⁷. Os dados que informam sobre essa enorme concentração de gente no perímetro urbano fazem emergir, para a reflexão, todos os prejuízos que essas colocações no ranking podem trazer. O crescimento rápido e desordenado das últimas décadas (especialmente a partir do êxodo rural e da migração de sujeitos dos estados vizinhos, como o Piauí, por exemplo, em busca de mais oportunidades de crescimento profissional) fez com que a cidade não pudesse atender com atenção e respeito a todos os seus habitantes, deixando boa parte da população da capital carente de acesso (ou de acesso com qualidade) aos serviços de saúde, educação, moradia, transporte, lazer, dentre outras demandas essenciais para a vivência cidadina nos dias de hoje.

Metrópole cuja parte da economia gira em torno do turismo – a capital do Ceará é uma das que mais recebe turistas no Brasil, tanto brasileiros como oriundos de outros países –, é considerada por uma parcela significativa dos fortalezenses (na qual o autor desta tese pode ser incluído) como uma cidade “maquiada”, onde a parte turística é bonita, arrumada, limpa e bem policiada, e o que não faz parte do corredor turístico da capital é deixado de lado, menosprezado pelos poderes públicos locais. A Beira Mar, o Meireles, a Aldeota, a Praia do Futuro são os lugares privilegiados dessa cidade dividida entre o luxo e a pobreza. O turismo crescente das últimas décadas, especialmente de estrangeiros, também fez

²⁷⁵ Fonte: Jornal Diário do Nordeste
Disponível em:
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1071043>
Acesso em: 19 jan. 2012

²⁷⁶ Fonte: Jornal Diário do Nordeste
Disponível em:
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=568092>
Acesso em: 02 ago. 2009

²⁷⁷ Fonte: Jornal Diário do Nordeste
Disponível em:
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1071268>
Acesso em: 19 jan. 2012

florescer um triste título para a capital cearense, vinculando-a ao turismo sexual, que atinge prioritariamente as jovens em situação de risco. Os números²⁷⁸ e as histórias são assustadores acerca da prostituição, sobre meninas que ganham a vida vendendo seus corpos para os “gringos”. Meninas de doze, treze anos são negociadas como mercadorias em troca de alguns euros ou dólares.

A presença de muitos estrangeiros na cidade – sendo significativa a quantidade deles que acaba fixando residência em Fortaleza, passando a atuar profissionalmente, especialmente, na área da hotelaria e da gastronomia – e a proximidade da Copa do Mundo de Futebol – evento que terá Fortaleza como uma das sedes e, inclusive, como uma das poucas cidades que receberá jogos do Brasil, em 2014 – fizeram com que disparassem os preços dos imóveis na capital nos últimos anos. A área do Castelão, onde se localiza o estádio que sediará os jogos de futebol, e do Passaré – nas proximidades do complexo esportivo –, antes uma zona basicamente residencial, e cujos preços dos imóveis – por serem um pouco afastados do Centro da cidade – atraíram compradores das classes média e baixa, já sofrem com a alta dos valores envolvendo casas e apartamentos, dificultando o acesso da população economicamente desfavorecida à habitação, pois mesmo os preços dos aluguéis tiveram um acentuado crescimento – trinta por cento, nos últimos 18 meses²⁷⁹ –, sem que tivesse sido acompanhado por um crescimento proporcional nos salários e no poder aquisitivo dos moradores da cidade. Algumas áreas de Fortaleza, como o bairro Edson Queiroz, por exemplo, tiveram uma valorização de cem por cento no metro quadrado em apenas dois anos. Zonas distantes do núcleo da cidade, como Messejana, Lagoa Redonda e Sabiaguaba, também tiveram crescimentos significativos nos valores dos

²⁷⁸ Dados da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República mostram que o Ceará é o sexto Estado do País no ranking de denúncias para cada grupo de 100 mil habitantes, no período de maio de 2003 a junho de 2009. Está abaixo de Amazonas, Pará, Maranhão, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. No ano de 2008 o Disque 100 recebeu 3.200 denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes oriundas do Ceará, enquanto que do Brasil todo foram contabilizadas 32.588 denúncias.

Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Disponível em:

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=657624>

Acesso em: 08 ago. 2009

²⁷⁹ Fonte: Redimob – A rede social do setor imobiliário

Disponível em: <http://www.redimob.com.br/post/67121d67-58e9-48f7-a22b-5816fcf9c587/alugueis-estao-30-mais-caros-em-fortaleza>

Acesso em: 18 jan. 2012

imóveis²⁸⁰. A população sofre com a especulação imobiliária abusiva e adia planos de compra da casa própria para depois de 2014, quando se acredita que a “bolha” irá estourar e os preços de casas e apartamentos voltarão à normalidade. Mas essa questão, de dificuldade de acesso à moradia, de maneira alguma, é uma novidade completa. É verdade que a cidade nunca havia visto o preço de seus imóveis alçar valores tão altos, mas não é de agora que “a habitação se apresenta como o grande desafio aos problemas de casa e moradia de Fortaleza” (SILVA, 2002, p. 15).

Cidade com o segundo maior PIB (Produto Interno Bruto) entre as capitais do Nordeste²⁸¹ – com números muito semelhantes aos de Salvador, primeiro lugar –, Fortaleza é uma metrópole de extremos, de apartamentos de mil metros quadrados e de luxuosas coberturas duplex, que custam alguns milhões de dólares, que convivem com casebres de apenas um cômodo; de lojas que representam as grandes grifes internacionais, nos espaços privados dos shoppings, em oposição aos vendedores ambulantes, que cantam e falam frases feitas nas ruas e nos ônibus, em busca de alguns trocados. A mesma Fortaleza que ostenta o título de cidade que possui a maior frota (proporcional ao número de veículos) de carros importados do Brasil²⁸² divide o espaço com outra parcela da cidade, majoritária, que faz com que seus cidadãos levem até duas horas para ir de casa ao trabalho, tendo que, muitas vezes, fazer até duas trocas de condução nos terminais de ônibus espalhados pela capital, sofrendo com a falta de investimentos públicos no setor de transporte. O metrô de Fortaleza começou a ser construído em 1999, mas até agora, 13 anos depois, ainda não foi inaugurado. Seu funcionamento é fundamental para aliviar o tráfego cada vez mais

²⁸⁰ Fonte: Jornal Diário do Nordeste
Disponível em:
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=968176>
Acesso em: 18 jan. 2012

²⁸¹ Salvador possui um PIB de R\$ 32.824,22, enquanto Fortaleza fica em segundo lugar na região Nordeste, atingindo a marca de R\$ 31.7891,86.

Fonte: ClickPB
Disponível em:
<http://www.clickpb.com.br/noticias/paraiba/ibge-divulga-pib-e-joao-pessoa-fica-em-penultimo-lugar-no-nordeste/>
Acesso em: 18 jan. 2012

²⁸² Fonte: Revista Veja
Disponível em:
http://veja.abril.com.br/220498/p_085.html
Acesso em: 02 ago. 2009.

congestionado da capital e para proteger a cidade de um colapso urbano durante a Copa do Mundo.

É justamente o evento organizado pela FIFA²⁸³ que impulsiona as promessas de obras e de esperanças entre os fortalezenses, especialmente com relação ao caótico trânsito da cidade. Uma das edições de um dos jornais de maior circulação no estado do Ceará²⁸⁴, veiculada na terceira semana de janeiro de 2012, informava com grande expectativa que havia sido assinada, por parte da prefeitura da cidade – durante uma visita dos representantes da FIFA e do Comitê Organizador Local da Copa –, a ordem de serviço para o início das obras em diversas vias da capital, que ganharão túneis e viadutos, com a finalidade de possibilitar uma maior fluidez ao trânsito de Fortaleza, especialmente nas vias que ligam a Aldeota e a Beira Mar ao aeroporto e ao estádio do Castelão, avenidas pelas quais circulará um grande contingente de pessoas durante o evento esportivo. Serão investidos em torno de 261,5 milhões de reais²⁸⁵ nas obras de mobilidade urbana na metrópole, construções que, para além da Copa do Mundo, deixarão uma herança positiva para a população da cidade, especialmente aquela que enfrenta grandes deslocamentos diários na ida e na volta de casa para o trabalho.

As obras urbanas em prol da Copa, infelizmente, não têm a capacidade de abarcar todas as demandas dos moradores da capital cearense, pois voltam-se para melhorias no setor de transportes, de mobilidade, de equipamentos de lazer e de infra-estrutura nos setores hoteleiros e comerciais, por exemplo, que, notoriamente, agregam à cidade, mas que, de forma clara, não resolvem as necessidades e os problemas de todas as parcelas da população, especialmente daquelas que vivem em regiões que não se localizam nas proximidades dos complexos esportivos e das rotas turísticas. Questões que dizem respeito à habitação, ao saneamento básico, à educação, à saúde, à prevenção das drogas e da violência, dentre uma série de outras demandas sociais, não estão incluídas no “pacote” da Copa. Quais benefícios reais o evento – tomado como um elemento desencadeador da construção de uma “nova” Fortaleza, por parte do discurso das autoridades locais – trará

²⁸³ Federação Internacional de Futebol Associado. Instituição responsável pela organização da Copa do Mundo de Futebol.

²⁸⁴ Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Disponível em:

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1094648>

Acesso em: 19 jan. 2012

²⁸⁵ Idem

para os moradores da periferia, para os atores coletivos que vivem distante das zonas nucleares da cidade e que, mais do que largas avenidas e modernos terminais de ônibus, necessitam de escola, emprego, comida e um posto de saúde funcionando perto de casa? Afinal, apesar de todas as melhorias nos índices socioeconômicos vivenciadas nos últimos anos, o estado do Ceará ainda mantém uma taxa alta de analfabetos, em torno de 19%, o que o posiciona como o sétimo pior no ranking nacional. A taxa de mortalidade infantil no Estado, de 3,5%, apesar da queda de 85% sofrida nas últimas três décadas, ainda permanece superior à média nacional, que fica em 3,4%. O Ceará conta, ainda, com cerca de 23% de domicílios nos quais não existe água tratada pela rede pública de abastecimento e 7,2% de domicílios que não contam com banheiros ou outros tipos de esgotamento sanitário²⁸⁶.

Mas vale ressaltar que as gestões públicas, tanto no Ceará como, especificamente, em Fortaleza, apesar de todos os problemas ainda não resolvidos com relação às demandas da população, têm sido apontadas como dinamizadoras do uso dos espaços públicos na capital. A prefeitura do PT, liderada por Luizianne Lins – que está em seu segundo mandato –, tem sido eficiente capitaneando um processo de revitalização dos locais públicos da cidade, indo na contra-mão do movimento que há anos reinava absoluto em Fortaleza, que priorizava a apropriação de lugares privados – shoppings, bares, restaurantes, cinemas, etc. –, por parte dos habitantes, deixando praças e parques entregues nas mãos de bandidos, comerciantes do sexo e usuários de drogas. O Passeio Público, que faz parte da história da cidade e oferece vista privilegiada do mar, a partir do Centro da cidade, e que há anos era território de prostitutas e michês, foi revitalizado, e hoje concentra famílias e muitos jovens que vão ao local em busca de lazer, natureza e encontro com amigos. Atualmente o local abriga diversos quiosques e, aos sábados, é conhecido entre a população pela combinação entre chorinho e feijoada. A Praia de Iracema, que durante muitos anos ficou abandonada, teve seu calçadão reformado, e hoje é palco de uma juventude que se encontra para andar de patins, skate e bicicleta, namorar e passear. A

²⁸⁶ Os índices dizem respeito ao estado do Ceará, e não à Fortaleza especificamente, mas podem servir como base de reflexão para um contexto menor – o da capital – e, inclusive, para alimentar o debate sobre o paradoxo que vem se alicerçando ao longo das décadas, entre uma capital que se auto-proclama tão moderna e um interior miserável e carente. Todos os dados apresentados no parágrafo advêm dos resultados definitivos do Censo 2010, divulgados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – e veiculados na edição do jornal Diário do Nordeste do dia 17 de novembro de 2011. Fonte: Jornal Diário do Nordeste Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/anteriores.asp>
Acesso em: 19 jan. 2012

Praça Luíza Távora é ponto de encontro de mães e crianças, que frequentam o espaço ao ar livre para deixar a prole correr, brincar e divertir-se livremente em balanços e em diversos outros equipamentos voltados para o lazer infantil. Isso para não falar das festas populares, que têm oferecido cada vez mais oportunidades de diversão para o fortalezense. No réveillon de 2011 para 2012 no Aterro da Praia de Iracema eram esperados um milhão e duzentas mil pessoas²⁸⁷, que iriam aproveitar a virada do ano ao som da cantora baiana Ivete Sangalo, além de diversas outras atrações nacionais e locais. A festa é conhecida, entre a população local, como o segundo maior réveillon do Brasil, perdendo apenas para o que tem lugar em Copacabana, no Rio de Janeiro. A gestão do Partido dos Trabalhadores também foi a responsável por fixar o pré-carnaval no calendário festivo e cultural de Fortaleza. O evento, que ocorre sempre nos finais de semana, inicia-se no mês de janeiro e segue até o carnaval, levando diversos blocos de carnaval para as ruas da cidade, seja na Praia de Iracema, na Praça do Ferreira (Centro da cidade) ou no bairro Benfica, revitalizando o carnaval e trazendo de volta as características originais da festa, que são as de um evento popular, e não voltado apenas para os que podem se proteger da “mundiça”²⁸⁸ dentro das cordas de um bloco privado, quando pagam, por vezes, até mil reais por um abadá²⁸⁹. Nos meses de janeiro e julho – períodos de férias – também são comuns os grandes espetáculos gratuitos de música no Parque do Cocó, mancha verde que cobre a cidade, sendo um dos maiores parques urbanos do Brasil. Eventos como esses revitalizam o parque, que já não estava mais sendo usado pela população local por medo da violência, que pairou, durante muito tempo, no local. Todo este movimento de revalorização do espaço público, entretanto, não é visto de forma unânime pelos moradores da cidade. Existem diversos grupos (ligados ou não à oposição política) na população que questionam

²⁸⁷ Dados informados no telejornal Jornal da Globo, veiculado no dia 30 de dezembro de 2011. Fonte: Globo.com

Disponível em:

<http://g1.globo.com/videos/jornal-da-globo/t/edicoes/v/capitais-brasileiras-se-preparam-para-o-momento-da- virada/1750347/>

Acesso em: 18 jan. 2012

²⁸⁸ Termo pejorativo (e bastante conhecido) usado pelos fortalezenses para se referir aos mais pobres.

²⁸⁹ Abadá é uma roupa colorida usada para identificar os foliões que pagaram para desfilar nos blocos de carnaval ou nas micaretas, no espaço demarcado por uma corda, que tem a função de separar aqueles que fazem parte do grupo e aqueles que não fazem, esses últimos chamados de “pipoca”. Um abadá no Fortal, micareta realizada em Fortaleza, no mês de julho, pode custar cerca de quinhentos reais (válido por três dias). No carnaval de Salvador um abadá de um bloco famoso pode chegar a ser vendido por mais de mil e quinhentos reais.

o uso do dinheiro público para a promoção de grandes festas e para a contratação de grandes artistas do *show business* nacional, enquanto a cidade padece de inúmeros males. A revista *Veja*²⁹⁰ já noticiou em suas páginas algumas matérias falando das irregularidades no uso do dinheiro público por parte da prefeitura de Fortaleza. A reportagem dava conta de que os valores informados oficialmente como pagos aos artistas não condiziam com o que, de fato, eles recebiam por seus shows. Outras denúncias²⁹¹ na mídia local também dão conta de atos de improbidade administrativa na gestão da prefeita da capital, como o uso indevido do cartão corporativo para pagar gastos pessoais de Luizianne.

Mas um estigma que vem marcando Fortaleza nos anos mais recentes, infelizmente, é o de cidade violenta, onde os diversos casos de crimes, assaltos e sequestros e a constante sensação de inseguranças povoam o imaginário dos seus habitantes. Talvez uma das maiores marcas do crescimento acelerado e desordenado dos últimos anos, que já assinalamos anteriormente, seja o avassalador aumento dos índices de criminalidade na capital cearense e da sensação de medo que impera entre seus moradores, também os de classe média e alta, mas, principalmente, os habitantes com menos recursos financeiros. Uma pesquisa realizada pela FUNECE - Fundação da Universidade Estadual do Ceará, que mapeou todos os bairros da capital, aponta que entre 2007 e 2009 foram documentados mais de 2.300 homicídios, cerca de 74.800 roubos, além de 16.900 casos de lesão corporal em Fortaleza. O mesmo levantamento ainda afirma que 63% das vítimas de homicídio são jovens, entre 15 e 29 anos²⁹². Os dados corroboram o que diz outra pesquisa²⁹³, que explicita que o número de homicídios de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos cresceu

²⁹⁰ Revista *Veja*. Edição de 27/04/2011

Disponível em:

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-casa-da-mae-joaninha/>

Acesso em: 18 jan. 2012

²⁹¹ Fonte: Campanha Por Amor à Fortaleza

Disponível em:

<http://www.poramorafortaleza.com/transparencia/>

Acesso em: 18 fev. 2012

²⁹² Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Disponível em:

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1024253>

Acesso em: 19 jan. 2012

²⁹³ Fonte: Jornal O Povo

Disponível em:

<http://www.opovo.com.br/opovo/fortaleza/642365.html>

Acesso em: 3 ago. 2009

88,2% entre os anos de 1994 e 2004. Dados preliminares do Mapa da Violência²⁹⁴ de 2010 atestam que na Região Metropolitana de Fortaleza a taxa de homicídios é de 42,9 (em 100 mil). Um cenário como esse assusta os moradores da cidade, que se surpreendem ao recordarem que até há bem pouco tempo ainda era possível circular pelas ruas da capital sem medo de assaltos, sequestros-relâmpagos, arrastões – como os que houve, principalmente, no início de janeiro de 2012, em virtude da greve da Polícia Militar na capital, e deixou a população em estado de pânico –, dentre outros atos de criminalidade.

Nesse panorama de violência e medo, algumas regiões da cidade ficam estigmatizadas pelos meios de comunicação locais como lugares de alta periculosidade, onde reinam os assassinatos, as lutas entre gangues rivais e o tráfico de drogas. A região do Mucuripe, especialmente o Morro Santa Terezinha, insere-se nesse rótulo, sendo apontada pelos fortalezenses como um local sitiado pelos traficantes, no qual só se pode entrar com ordem de alguns dos poderosos do lugar. Os moradores do morro, que têm, desde suas pequenas e amontoadas casas, uma das vistas mais bonitas da cidade, vivem, em grande parte, abandonados pelos poderes públicos e amedrontados pela violência do lugar. Os jovens da periferia de Fortaleza (especificamente da região do Mucuripe, que nos interessa sobremaneira) são frutos de uma metrópole dividida, desigual, onde são formadas áreas periféricas mesmo no interior da cidade (geograficamente próximas do Centro da cidade).

Esta cidade extremamente assimétrica é caracterizada pela incessante luta pelo espaço e demarcação acirrada de territórios de conquistas pela população carente, em permanente estado de alerta com suas demandas sociais. A cidade rica com seus espaços nobres, shoppings centers, grandes lojas de cadeia nacional e internacional é bem distinta da cidade dos pobres, carente de infra-estrutura e serviços (SILVA, 2002, p. 12).

A Fortaleza de ações populares, de movimentos sociais e culturais, vem assistindo à congregação de variados grupos, formados especialmente a partir de associações de bairro – com uma perspectiva de trabalho voltado para o entorno territorial –, através das

²⁹⁴ Fonte: Mapa da Violência
Disponível em:
<http://www.sangari.com/mapadaviolencia/>
Acesso em: 18 jan. 2012

lideranças comunitárias, e tendo, muitos desses coletivos, ampla participação da juventude, que tem se envolvido, principalmente, em torno de projetos que se voltam para questões relacionadas à cultura e à expressão artística, na perspectiva da dança, da música e do audiovisual. Todos esses movimentos – sejam os mais antigos, de bairro, ou os mais recentes, que se erigem em torno dos usos dos meios de comunicação e da produção audiovisual, vêm, historicamente, atuando de modo a visibilizar e a tentar suprir as demandas dos cidadãos que vivem nas áreas desfavorecidas da cidade.

4.2 Periferia e ação juvenil

A periferia parece estar passando por um processo de apropriação (ou reapropriação) pela sociedade nos últimos tempos, tanto a midiaticizada como a acadêmica. O surgimento da temática na grade de programação das grandes emissoras – como a Rede Globo, por exemplo –, que passam a falar da periferia para além das notícias de criminalidade nos telejornais diários, é bastante ilustrativo deste novo momento. Programas e quadros como *Cidade dos Homens*, *Canal da Periferia*, *Central da Periferia*, *Antonia*, *Lan House*, dentre outros, bem ou mal (muitas vezes, silenciosamente, reforçando estigmas e preconceitos) vêm retratando a periferia a partir de uma perspectiva um pouco diferente do que ela vinha sendo mostrada, prioritariamente nos programas noticiários e sensacionalistas. A periferia agora está na moda na mídia.

Também no âmbito acadêmico a periferia parece cada vez receber mais luz, a partir das investigações de sociólogos, antropólogos e comunicólogos, que têm se interessado por este campo de possibilidades para além das pesquisas sobre violência e criminalidade nestes espaços (apesar de termos em conta que investigações desta natureza ainda somam grandes proporções e são de fundamental importância). Parte deste interesse pela periferia está orientado a perceber as relações tecidas nestes ambientes de exclusões e conflitos, as sociabilidades, as produções de sentidos, as micropolíticas de resistência, a reinvenção das culturas, a organização dos atores coletivos e suas ações por cultura, lazer, visibilidade e justiça. Tem interessado o morador de periferia para além de sua condição de “coitadinho” (apesar de não ser possível, e nem produtivo, negligenciar sua posição muitas vezes desfavorável na pirâmide social brasileira), mas como um ator coletivo, capaz de produzir

subjetividades e de inserir-se socialmente. Pesquisadores como Alexandre Barbalho, Hermano Viana, Micael Herschmann, Simone Sá, Ronaldo Henn, Deisimer Gorczewski, Ivana Bentes, Guaciara Freitas, dentre muitos outros, vêm dedicando-se à questão da periferia, aos diálogos (apropriações, cooptações, conflitos, tensões) entre mídia e periferia. É no bojo deste movimento que a periferia nos interessa, na tentativa de perceber como seus jovens moradores, participantes de associações, podem produzir mídias e reinventar seus próprios processos de subjetividades, reconhecimentos, pertencimentos e visibilidades. Para além de sua condição de fragilidade social. Para além de sua condição de mero espectador dos meios de comunicação de massa ou de sujeito representado por esses meios.

Martins (2008) nos oferece algumas valiosas contribuições para entender o conceito de periferia. Para este autor a periferia é a negação do urbano, a patologia do viver urbano, das promessas transformadoras, emancipadoras, civilizadoras e revolucionárias do urbano. O autor afirma que

A periferia é o produto da especulação imobiliária, ruas estreitas, calçadas estreitas, falta de praças, terrenos minúsculos, casas ocupando na precariedade de seus cômodos todo o reduzido espaço disponível para a construção, falta de plantas, muita sujeira e fedor (MARTINS, 2008, p. 50).

Já quando fala do subúrbio, o teórico nos faz perceber as distinções que esta denominação adquire em países da Europa e nos Estados Unidos em relação à imagem que tem para as cidades da América Latina. No dito primeiro mundo o subúrbio é o lugar das classes privilegiadas, que encontram nas regiões afastadas do centro da cidade a calma necessária para a qualidade de vida urbana. Morar no subúrbio é viver nas espaçosas casas com jardins, ter ruas tranquilas nas redondezas, respirar ar menos poluído e possuir um veículo próprio para deslocar-se à cidade sempre que preciso for. Aqui a visão é justamente oposta. Como grande parte da população depende de transporte público (e o sistema é quase sempre falho e ineficiente nas grandes cidades) e como, mesmo os que possuem veículos particulares, sofrem com os congestionamentos, consequência da falta de planejamento urbano que existe na maioria de nossas cidades, bom é morar perto do trabalho, da escola dos filhos, da universidade, dos serviços. Como nem todos podem pagar

o preço dessa comodidade (o metro quadrado nas áreas mais centrais dos municípios adquirem valores cada vez mais altos), resta às classes menos providas de recursos financeiros viver nos subúrbios.

O subúrbio seria um “entre”, na visão de Martins (2008). Um intermediário entre o urbano e o rural, entre a cidade e o campo, entre a modernidade e a tradição. “A cultura suburbana foi grandemente responsável pelo modo de vida humanizado e comunitário que é próprio da região suburbana e dos bairros operários da cidade” (MARTINS, 2008, p. 48). A noção de subúrbio ainda pode carregar um certo tom nostálgico e melancólico, sendo percebido como o espaço onde ainda seja possível um remanescente do rural no urbano, com casas com quintal, fruteiras, hortas, galinheiros, jardins e flores. Visão essa bem distinta da de periferia, que parece englobar, na maioria das vezes, o pobre, o feio, o sujo, o atraso do urbano. Até em seus problemas subúrbio e periferia difeririam.

O problema da periferia é o problema do tumulto da ocupação, o da urbanização patológica, da exclusão, que é a inclusão perversa, da falta de efetivas alternativas de inserção no mundo urbano. O problema do subúrbio é hoje essencialmente o problema da velhice, do encontro de políticas públicas para lidar com os idosos e, sobretudo, para que continuem tendo crescente acesso a um modo de vida em desenvolvimento, propriamente urbano, que aponta na direção do bem-estar social (MARTINS, 2008, p. 52).

Apesar de dissertar sobre um outro contexto que não o fortalezense, a pesquisa de Gorczewski (2007) nos oferece pistas para refletirmos sobre a questão da periferia, quando fala de uma situação de confinamento vivida pelos moradores dessas áreas – no caso específico de sua investigação, a população da Restinga –, localizadas na cidade de Porto Alegre. Em meados dos anos sessenta, com o lema “remover para promover”, milhares de famílias que viviam em vilas e favelas situadas na capital gaúcha foram remanejadas para territórios distantes. Na teoria o propósito era melhorar as condições de vida desses habitantes, mas na prática o interesse voltava-se para uma tentativa de “limpar” a cidade da degradação das favelas. Confinados e distantes, os moradores dessas áreas passam por todo tipo de restrição, especialmente ao próprio uso da cidade, de seus equipamentos de lazer, esporte e cultura. Os transportes que levam as pessoas da periferia para os centros urbanos

são ineficientes, escassos, demorados e, muitas vezes, caros. Os cidadãos acabam ficando apartados do município no qual, pelo menos oficialmente, vivem. Como já afirmamos anteriormente, essa prática de remoção também pôde ser observada da cidade de Fortaleza, com os Conjuntos Ceará e José Walter, por exemplo, construídos nos anos setenta, para abarcar a população de baixa renda da capital que não tinha onde morar. Os moradores foram confinados nesses espaços e, até hoje, mais de trinta anos depois, ainda sofrem com a falta de serviços, a distância e a discriminação.

Mas vale ressaltar, também, que a periferia – ou o bairro, nas considerações de Martín-Barbero (1997) – pode ser tomada a partir de uma outra perspectiva, que a percebe como um espaço de reconhecimento para quem nela vive, de vínculos tecidos entre os moradores, de sentidos que os lugares que fazem parte da história da região adquirem para seus habitantes. Na periferia constroem-se relações de sociabilidade entre vizinhos, articulam-se movimentos de bairro, em prol da defesa dos direitos dos que alí vivem, organizam-se festas, quermesses, bingos e rifas. A precariedade que atravessa muitas das formas de vida na periferia não exclui seus moradores de atuar em diversas dinâmicas em torno da comunidade, inclusive (ou, talvez como consequência direta de uma certa ausência dos poderes públicos no local) em ações mobilizatórias.

Falando sobre os jovens moradores de periferia e suas formas de organização, Damasceno (2007) nos remete aos anos setenta, quando a até então pequena cidade de Fortaleza começava a experimentar de forma voluptuosa um inchaço desordenado de seu território, “sem os necessários investimentos: lazer, emprego e opções de vida para uma população marcadamente jovem” (DAMASCENO, 2007, p. 227). É nesse cenário que os jovens começam a construir tentativas de organização e de participação na cidade, muito a partir da música e da arte, com um objetivo claramente definido: o de opor-se à sociedade excludente.

Devido à forte presença do forró na cultura fortalezense é somente nos anos oitenta que movimentos como o *punk* e o *hip hop* começam a serem disseminados entre os jovens da cidade, propiciando um encontro de articulações políticas, culturais e sociais entre a juventude (principalmente a de periferia) de Fortaleza. “Assim, o que era apenas festa, lazer, tornou-se movimentação, e essa movimentação das culturas [...] se institui como movimento sócio-político-cultural” (DAMASCENO, 2007, p. 221).

Vários movimentos são, então, criados pelos jovens da cidade, como o MH20CE (Movimento Hip Hop Organizado do Ceará), o MCR – Movimento Cultura de Rua, o NCCL – Núcleo Coletivo de Consciência Libertária, o Coletivo Ruptura, o Comuna Libertária, dentre outros, especialmente em bairros periféricos como o Conjunto Ceará, a Parangaba, o Conjunto José Walter, etc. É em torno desses movimentos que tanto *punks* quanto *hip hoppers*, para citar os mais destacados, insurgem-se no espaço urbano contra a exploração, a mesmice, o capitalismo, a anti-cidadania, a falta de condições de vida dignas e justas, e tantas outras questões que os incomodam e o afligem e com o que imaginam estar produzindo um mundo melhor e reinventando sua cidadania.

Esses grupamentos urbanos constroem suas identidades a partir das vestimentas que os caracteriza, das gírias que falam, dos estilos musicais que apreciam, das letras que produzem e cantam em suas músicas, da conscientização que fazem aos mais novos, dos processos de ressignificação que fazem da cidade, enfim, das maneiras que encontram para encaixarem-se nas “brechas” da sociedade desigual, injusta e excludente na qual nasceram. “Trata-se de uma juventude ‘de periferia’ que se manifesta de forma política, social e cultural e insere-se nos mais variados contextos pela sua arte, pela sua música, fazendo disso sua forma de intervenção” (DAMASCENO, 2007, p. 225).

Dentro desse cenário de periferia e de trajetórias de ação coletiva juvenil, em Fortaleza, interessa-nos, especialmente, os processos de atuação – e de compreensão do mundo ao seu redor – dos jovens do *Aldeia*, muitos deles moradores do Morro Santa Terezinha, na degradada região do Mucuripe. O local, que antes atraía fortalezenses e turistas para apreciar a vista da cidade e saborear os frutos do mar dos famosos restaurantes, hoje está abandonado. É em violência e criminalidade que os setores de classe média referem-se ao pensar no Morro. Mas, certamente, não é só isso que os jovens moradores da região vivenciam em suas trajetórias, e tampouco restringe-se a isso o que têm a dizer sobre o território onde vivem.

Até o final dos anos noventa do século passado o Mirante do Morro Santa Terezinha era conhecido por sua tranquilidade e por proporcionar uma das mais belas vistas da cidade. Justamente por isso, recebia grande quantidade de visitantes, especialmente turistas, que enchiam o local, principalmente de quarta à domingo. Comer o famoso peixe servido na telha no restaurante Tudo em Cima era um dos programas indispensáveis para quem estava

com parentes de fora em Fortaleza, bem como assistir ao pôr-do-sol nas águas da Beira Mar e ver o *skyline* da cidade, com seus prédios majestosos. Quando estava no auge, quatorze restaurantes chegaram a funcionar no Mirante. No início da década de 1990 a média de freqüentadores era de duas mil pessoas por fim de semana²⁹⁵.

O pesquisador que desenvolveu esta investigação passou a infância e o início da adolescência frequentando o lugar. Tudo em Cima, João Branco, Rei do Polvo, Convés, dentre outros nomes de restaurantes tantas vezes frequentados com a família, agora são só lembranças da época em que apreciar a vista da janela do restaurante era um verdadeiro deleite. Nunca houve um acesso fácil ao Mirante (onde se localizavam os restaurantes), com avenidas ou ruas largas que levassem diretamente ao local. Para chegar lá em cima era preciso literalmente “entrar no Morro”, passar por suas vielas, perder-se por ruas sem saída, pedir informações aos moradores de como seguir. E eram vários os caminhos que davam no topo. A ausência de placas indicativas talvez fosse o charme do lugar, pois cada vez que se ia se fazia um caminho diferente, tornando quase impossível ensiná-lo a alguém.

Tudo ficou muito diferente na região logo após a virada do milênio. O lixo, acumulado na praça, dava a certeza do abandono. Dos estrelados restaurantes e bares, que faziam a fama do lugar, só restaram algumas placas e a lembrança. Só uma pizzaria persistia, e era frequentada basicamente pelos moradores do morro, pois os habitantes de outras regiões da cidade já não tinham mais coragem de ir ao local. O lugar mágico, que ainda proporciona uma vista espetacular de Fortaleza, seja dia, seja noite, deu lugar ao descaso e aos inúmeros varais de roupas estendidas, já que as casas das redondezas, muitas vezes construídas de forma desordenada, não possuíam um quintal no qual se pudesse secar as peças lavadas. O jeito era estender a roupa na praça do mirante, que estava abandonada.

O medo da violência que se espalhou pelo morro afugentou os visitantes. Com os restaurantes e os visitantes indo embora do Mirante, foram levados, também, os empregos e a renda dos moradores do Morro Santa Terezinha, que, sem dinheiro e sem perspectivas, vêm passando por um processo constante de degradação de qualidade de vida. Criou-se um círculo vicioso, no qual parte dos moradores, desempregados e sem dinheiro, entrava no

²⁹⁵ Fonte: Jornal O Povo
Disponível em:
<http://www.opovo.com.br/opovo/fortaleza/764020.html>
Acesso em: 4 ago. 2009.

ramo da criminalidade, o que deixava o lugar mal falado e afastava ainda mais os visitantes, tornando a reabertura dos bares e dos restaurantes – o que traria os empregos de volta para a região – algo cada vez mais remoto. Contemporaneamente o que mais se houve dos fortalezenses que não moram na região é que o Morro virou um local dominado e que só sobe lá quem os traficantes deixam, o que não é, em absoluto, uma verdade, vide o exemplo do autor desta tese, que frequentou cotidianamente o lugar durante o período da investigação e que não tem qualquer relação com nenhum traficante. Também são muitos os relatos de indivíduos que sofrem sequestros-relâmpagos e são levados ao morro, onde supostamente ficam as gangues dos sequestradores.

A mídia local retrata a região quase sempre de modo muito negativo, com a maior parte das reportagens sendo sobre crimes e violência no Morro. Também existem matérias jornalísticas sobre ocupações ilegais dos moradores, abandono do local pelos poderes públicos, risco de desabamento por causa das chuvas, dentre outras notícias que em nada ajudam a reconstruir a imagem positiva do Morro Santa Terezinha. Na pesquisa que realizamos nas versões online dos principais jornais impressos da capital do Estado do Ceará, O Povo e Diário do Nordeste, era majoritariamente esse o perfil das notícias relacionadas ao Morro encontradas. No Diário ainda foram encontradas algumas reportagens sobre projetos sociais, mas a tônica dos resultados da busca foi mesmo voltada para os inúmeros problemas da região.

Os dados indicam que são atualmente 1.818²⁹⁶ famílias morando no Morro Santa Terezinha. Desse total de famílias, cerca de 700²⁹⁷ estão na área de invasão, na encosta do morro. Esse indício gera bastante preocupação, principalmente no período das chuvas, que costumam ser no primeiro semestre do ano, provocando constantes riscos de desabamento e deslizamento das casas morro abaixo. O total residente na região é de 7.872²⁹⁸ moradores. O levantamento é feito a cada dois anos pela Associação Comunitária do Morro Santa Terezinha.

²⁹⁶ Fonte: Jornal O Povo
Disponível em:
<http://www.opovo.com.br/opovo/fortaleza/764020.html>
Acesso em: 4 jan. 2012

²⁹⁷ Idem.

²⁹⁸ Idem.

Durante a realização das entrevistas com os jovens, levada a cabo no final de junho de 2011, estava tendo início o processo de revitalização do mirante do Morro Santa Terezinha. A praça estava passando por uma significativa reforma, bem como todo o entorno dela. As obras, previstas para ficarem prontas em dezembro de 2012, fazem parte do movimento de reurbanização da área, no qual está previsto a construção de campo de futebol, anfiteatro, playground e quadra poliesportiva, além de um bondinho, que vai ligar o alto do Morro com a Beira Mar. Os recursos para a obra estão estimados em dez milhões de reais²⁹⁹ e advêm do PRODETUR – Programa de Desenvolvimento do Turismo, do Ministério do Turismo.

O *Aldeia* – juntamente com o projeto Enxame³⁰⁰ –, tem ativa participação social e cultural perante os jovens do Morro, desenvolvendo atividades em prol de capacitar a juventude moradora da região do Mucuripe para os usos das mídias digitais, para a apropriação criativa dos recursos audiovisuais oferecidos na era da digitalização e da sociedade em rede. Ocupar os jovens, tirar-lhes das ruas e da ociosidade, potencializar-lhes para a ampliação de seu repertório e para a transformação de seu olhar sobre o entorno têm sido os elementos norteadores do trabalho da associação na área. Além do apoio e dos alicerces oferecidos pelo *Aldeia* (em termos de oficinas de capacitação, equipamentos, espaço físico, etc.), são propostos, no âmbito da instituição, os instrumentos e as ferramentas para que os próprios jovens teçam seus processos de autonomia e assumam um papel protagonista nos projetos levados a cabo.

4.3 Apresentação da associação

O *site*³⁰¹ do *Aldeia* na internet apresenta uma caracterização limpa, com muito branco e, de certa maneira, pouca poluição visual. A página inicial há tempos não é atualizada, já que as informações mais recentes – sobre um edital de seleção de profissionais para atuarem no projeto Escola de Mídia 4 – datam de 7 de julho de 2011. Há,

²⁹⁹ Fonte: Fortaleza – Capital do Nordeste. Suplemento do jornal Diário do Nordeste.

Disponível em:

<http://fortalezacapitaldonordeste.diariodonordeste.globo.com/>

Acesso em: 11 fev. 2012

³⁰⁰ O coletivo Enxame já foi apresentado no capítulo anterior desta tese.

³⁰¹ Apêndice 12

ainda, notícias sobre o Festival de Jovens Realizadores³⁰², ocorrido em junho de 2011, e acerca do filme “Todos são Francisco”, produzido por Xaiane, contando a história de sua família. Há um link para os *blogs* relacionados à ONG e a alguns de seus parceiros e outro para as fotos, que focam nas diversas exposições realizadas pelo cine-clubes Farol (coordenado por Xaiane) no Morro Santa Terezinha. Há, também, uma seção destinada à hospedagem dos vídeos produzidos pelos jovens do *Aldeia* e um outro link no qual são explicitados de forma bastante sucinta alguns dos projetos desenvolvidos pela associação.

A idéia da criação do *Aldeia* surgiu a partir de um coletivo de quatro sociólogos, todos na faixa etária compreendida entre os quarenta e os cinquenta anos, ligados à academia, mas que queriam ter a oportunidade de fazer coisas externas ao âmbito universitário. Sujeitos inquietos, Simone Lima, Elson Batista, Ricardo Salmito e Leonardo Sá procuravam expandir sua atuação para fora da universidade onde lecionavam, tentando ultrapassar os “muros científicos”. O foco de trabalho conjunto do grupo era pensar na prática cotidiana, relacionada aos desvalidos (termo usado pelos entrevistados), procurando ajudar às pessoas que precisassem realmente de auxílio em seus processos de inserção social. Nesse sentido, Siqueira (2009)³⁰³, um dos coordenadores que concedeu entrevistas para o desenvolvimento da investigação, percebe também a angústia de certos jovens que estão na universidade e querem atuar para além dela, convergindo com os desejos dos fundadores do *Aldeia*. Lima, Batista, Salmito e Sá, apesar de sociólogos, tinham uma trajetória de vínculos com a mídia, de reflexão crítica sobre os meios de comunicação e começaram a construção do *Aldeia* justamente com essa perspectiva e, também, com foco voltado para as DSTs. A área de atuação da ONG é, desde o início, a região do Mucuripe, englobando, especialmente, o Morro Santa Terezinha. Um dos grandes projetos da associação, nas palavras de Siqueira (2009) é o Escola de Mídia, que já tem 5 anos e é feito, normalmente, todos os anos. Trata-se de um curso para a capacitação da juventude para a leitura e produção midiática, realizando análises de conteúdos de gêneros e programas

³⁰² Festival de Jovens Realizadores de Audiovisual, evento desenvolvido pelo Aldeia e que ocorreu em Fortaleza, no Centro Cultural Banco do Nordeste, entre os dias 21 e 25 de junho de 2011.

³⁰³ Todas as citações neste tópico da tese vêm das entrevistas realizadas com Simone Lima e Valdo Siqueira (diretores do *Aldeia*) e com Valentino Kmentt (coordenador do projeto Mapa ao Quadrado).

televisivos, bem como ampliando a capacidade de expressão e criação, buscando transformar os jovens em produtores e emissores de suas próprias mensagens audiovisuais.

Valdo Siqueira denomina-se ongueiro “das antigas”, trabalhou na primeira ONG do Estado do Ceará, em 1984, a FASE, como videomaker. Também teve um programa de rádio por 8 anos na Rádio Universitária da Universidade Federal do Ceará. Siqueira está no *Aldeia* desde 2004, quando começou como educador. Simone Lima é professora do curso de comunicação da Universidade de Fortaleza e é uma das fundadoras da associação. Antes de começar a desenvolver, junto com outros sociólogos, o projeto do *Aldeia*, Simone já havia atuado em outra ONG, a Íris, onde fez um trabalho com os jovens sobre Aids e prevenção. Mas desde a faculdade a coordenadora já participava de projetos sociais de extensão na periferia de Fortaleza. Em sua fala, Lima deixa transparecer que o trabalho social com os jovens de periferia torna-se ainda mais gratificante quando percebe que é através do *Aldeia* que a juventude muitas vezes tem o primeiro acesso às mídias, já que grande parte das escolas não possibilitam esse processo de empoderamento. A coordenadora também destaca que um dos maiores prazeres que sente no trabalho no *Aldeia* é com relação à liberdade que tem, junto aos jovens, para poder criar, para romper pressupostos, inovar, enfim, fazer coisas que em seu trabalho como professora em uma universidade particular não lhe é possibilitado.

O Ministério da Cultura, segundo nos informa Siqueira (2009), dotou os pontos de cultura de alguns equipamentos que para ele são chaves: suporte ao portal da internet, com um bom servidor; softwares de criação, para toda a parte audiovisual; câmeras digitais profissionais, semi-profissionais e amadoras; equipamentos de captação de som; mídias locativas, como celulares; equipamentos básicos para o trabalho com música; equipamentos para a montagem do cine-clube; ilhas de edição; e software livre para gerir isso tudo. Atuam de forma efetiva na associação quatro coordenadores e quatro jovens estagiários, mais as pessoas que atuam indiretamente, nos pontos de cultura. São mais de quarenta pontos de cultura distribuídos por todo o Estado do Ceará.

O *Aldeia* é “uma ONG que tem alguns projetos. Dentro dos projetos, ou das ações, a gente tem uma escola de mídia, tem o festival jovem, tem o Aldeia Digital. [...] E a gente atua em parcerias com outras instituições e outros projetos” (LIMA, 2009). A atuação dos jovens no âmbito do *Aldeia* se dá de duas maneiras: há os participantes voluntários e

aqueles que têm uma bolsa para desenvolver atividades na associação. Para o pagamento das bolsas, bem como para todo o equilíbrio financeiro da associação, o *Aldeia* mantém uma relação íntima com as políticas públicas. “A gente tem várias frentes. [...] entra em edital público, [...] busca parcerias nos fundos de cultura estadual, federal e municipal, [...] vai atrás de quem pode nos apoiar para desenvolver um projeto” (LIMA, 2009). O *Aldeia* direciona muito de seu trabalho em função dos editais, “que são lançados e envolvem educação, arte, cultura, cidadania, direito civil, tudo o que traga alguma melhoria para as pessoas” (SIQUEIRA, 2009).

Os coordenadores da associação vêem uma certa dificuldade em denominar os movimentos como o *Aldeia* de movimentos sociais. Eles percebe o que é feito hoje mais como movimentos desorganizados, pois não haveria atualmente uma arquitetura de movimentos sociais, pelo contrário, seria mais uma obra do “acaso”, do encontro de pessoas que querem atuar no sentido de transformação, mas sem ser de maneira organizada e enrijecida. Vale a pena relacionar esse posicionamento do *Aldeia* com um contexto atual, que engloba um tipo de movimento social mais efêmero, mais plural, enfim, com um tipo de engajamento múltiplo, que faz com que o envolvimento dos sujeitos sociais com cada uma das associações das quais participam seja menos organizado e mais fragmentado. Segundo Siqueira (2009), boa parte desse “encontro” de atores coletivos se dá em função da disseminação das novas mídias,

do encontro das pessoas a partir de uma concepção, do advento da aproximação da tecnologia. [...] O fato de a gente se apoderar das mídias móveis, fazer os próprios vídeos [...] eles começaram a criar a partir disso um repertório deles, que reforça a identidade local.

Mídias essas que possibilitam o encontro dessas pessoas e o trabalho conjunto. Movimentos como o *Aldeia*, na visão dos diretores, são muito mais comunicacionais do que sociais, pois atuam através da comunicação, a partir de profissionais da comunicação. Não se consideram uma ONG tradicional, mas que faz um trabalho de inclusão através da comunicação, da arte e do audiovisual. A fala dos responsáveis pelo *Aldeia* nos dá pistas para pensarmos que também seriam as potencialidades de intervenção e agregação das novas mídias digitais os diferenciais que fariam com que associações como as que

estudamos não pudessem mais ser enquadradas como movimentos sociais de forma estrita (como os tradicionais movimentos sociais dos anos sessenta, setenta e oitenta), apesar de termos em conta que os usos das mídias fazem parte da trajetória dos movimentos já faz muito tempo, tendo sido sempre utilizadas, em maior ou menor grau, pelos atores sociais organizados. Um exemplo clássico são os usos das rádios comunitárias nesse meio, que se desenvolvem já há bastante tempo e fazem parte da trajetória de ação e luta dos sujeitos sociais engajados. Podemos pensar, a partir disso, num novo momento no qual estão inseridas associações como o *Aldeia*, fazendo parte de um conjunto de organizações que se dedicam especificamente à problemática da comunicação.

A compreensão que o *Aldeia* tem é que a apropriação das mídias pelos jovens pode funcionar como um “veículo de entrada para o conhecimento” (LIMA, 2009). O domínio da linguagem e da técnica do audiovisual proporcionaria à juventude, na visão dos coordenadores da associação, a possibilidade de narrar sua própria história. Interessante quando Lima (2009) afirma que “o uso da mídia serve para pensar. [...] Ter a mídia faz parte da cidadania, da consciência e da necessidade de auto-afirmação como sujeito”. Ao apropriar-se de um conhecimento ligado ao audiovisual os jovens estariam adquirindo vários outros conhecimentos distintos e acabariam por incorporar um repertório diferente. O *Aldeia* procura “falar a linguagem do jovem mesmo, sem aquela coisa de transmissão vertical” (LIMA, 2009). Os coordenadores afirmam, ainda, que cidadania é ter todos os direitos sociais resguardados, a igualdade, a equidade, as relações de equilíbrio, dentre outras questões que tocam os jovens, mas protegendo as especificidades de sua geração, as particularidades de suas culturas juvenis. Isso faz com que se procure dar um sentido ao que se chama de cidadania. “Só começamos a notar o que é cidadania quando percebemos a ausência dela, o que não é cidadania. Cidadania é acesso, acesso a alguma coisa, acesso às mídias e às potencialidades das novas tecnologias” (SIQUEIRA, 2009).

Sobre as temáticas juvenis trabalhadas no *Aldeia* o discurso de seus coordenadores é que a metodologia de trabalho da associação é construtivista, apesar de acharem o termo desgastado e “cafona”. Quando se inicia um trabalho com os jovens, “a gente entra na comunidade para dar uma informação, a gente começa a trabalhar a visão, o olhar, a formação do olhar deles a partir do que a gente chama de antropologia visual” (LIMA, 2009). Essa antropologia visual seria, segundo os dirigentes do *Aldeia*, um reconhecimento

de si, por parte dos jovens, um olhar deles sobre si mesmos, no sentido do bairro, da comunidade, da família, dos amigos. “A partir daí que eles vão criar uma relação mais forte com a própria identidade, com a construção da sua identidade e, também, o olhar do reconhecimento, da descoberta de coisas que estão fora” (SIQUEIRA, 2009). Os coordenadores falam que os projetos passam por fases de temáticas e que a AIDS e as DSTs, por exemplo, foram objeto de abordagem durante um tempo, mas que hoje já não são mais tema principal das produções, assim como a cultura da pesca também já teve seu período de destaque na instituição. A fala de Simone Lima e de Valdo Siqueira nos oferece pistas, por mais que bastante sutis, de uma certa “catequização” dos jovens, como se ela, a associação *Aldeia*, fosse o instrumento de salvação do olhar desses indivíduos, como se só a partir da ONG os jovens fossem capazes de reconhecer-se como parte de uma comunidade, construindo sua identidade alicerçada nisso. A linha que separa um processo dialógico de conhecimento de um movimento assimilatório de constituição de saberes é sempre muito tênue, e o cuidado e a vigilância para não acabar caindo em uma lógica transmissionista devem ser constantes no modo como é concebido e levado a cabo esse método da antropologia visual, apontada pelos coordenadores.

Com relação a uma preocupação com a educação para as mídias, há, no *Aldeia*, o projeto “Escola de Mídia”, que tem o objetivo de discutir a produção midiática hegemônica e de descobrir e efetivar formas alternativas a essa mídia. Os coordenadores afirmam que, como o universo dos jovens moradores de periferia acaba sendo mais o da TV aberta, seus contextos acabam ficando reduzidos ao da mídia oficial, mas a proposta do projeto é o de justamente propiciar o debate sobre essa hegemonia. “A gente começa com a crítica da mídia mesmo e é muito forte, a presença da mídia é muito forte... todas as mídias” (LIMA, 2009). O Escola de Mídia, dentre outras atividades, levam os jovens às *lan houses*, no intuito de que eles descubram esses espaços. “A gente foi fazer a visita para descobrir a lan house, a internet como outra fonte e não aquela do MSN e do Orkut. Então, a gente trabalha não só a leitura, como a coisa de criar também alternativas” (SIQUEIRA, 2009).

Acerca da produção midiática do *Aldeia*, os coordenadores afirmam que nos últimos tempos a produção tem se voltado basicamente para o trabalho com a cultura digital, a partir de uma ação colaborativa com mais de 40 pontos de cultura no Ceará. São citados os projetos de formação no audiovisual. “Uma vez feita a formação do audiovisual aí os

jovens conseguem se apoderar dos conceitos de tecnologia e aí eles fazem seus vídeos” (SIQUEIRA, 2009). Há toda uma troca de vídeos entre os *sites* que fazem parte destes pontos de cultura, formando uma verdadeira rede de atuação, pois o *Aldeia* quer “passar a história do conhecimento livre, de todo conhecimento compartilhado e colaborativo” (LIMA, 2009). A associação se considera um “guarda-chuva” de projetos, amparando, inclusive por meio de editais, diversos projetos de inserção cultural da juventude de periferia. O *Aldeia* também trabalha com internet (*blogs*, por exemplo), música e promove semanalmente as atividades de um cine-clubes no próprio Morro Santa Terezinha.

O interessante quando os coordenadores falam dos produtos desenvolvidos pela associação é perceber que uma posição contrária à mídia hegemônica algumas vezes aparenta ser contraditória, quando, por exemplo, Valdo Siqueira afirma euforicamente que um grupo musical de Fortaleza, vinculado a algum projeto do *Aldeia*, recebeu um certo incentivo e apoio logístico de Hermano Viana, antropólogo que atua como consultor da Rede Globo e curador do Tim Festival, por exemplo, e figura que circula na mídia hegemônica quando o assunto é periferia. Siqueira (2009) afirma que o Costa Costa, um banda local fez

um disco, uma Mix Table, e aí essa Mix Table acabou chegando nas mãos do Hermano Viana e ele fez essa generosa logística a eles [integrantes da banda], por causa da ousadia deles. Essa ousadia se dá pelo que? Se dá pelo conhecimento. Os caras estão na periferia, em comunidades difíceis de viver e ali estão aprendendo e exercitando o conhecimento. É muito interessante ver esses produtos. Esses caras também, depois desse disco, já entraram em editais via Aldeia.

A tentativa de pensarmos o *Aldeia* a partir de um viés intercultural encontra embasamento na fala dos coordenadores da associação. A relação com uma perspectiva de trabalho que se pauta a partir de um diálogo entre culturas, valorizando as diversidades, segundo afirmam Siqueira e Lima, é explícita e pensada a priori, já que os envolvidos na coordenação do *Aldeia* são, em sua maioria, comunicólogos e professores universitários do curso de comunicação, fazendo com que a ótica da afetação produtiva – não aquela afetação que repele, mas que, pelo contrário, aproxima – e da interação interculturais sejam um dos norteadores dos projetos da ONG. No entanto, a fala dos nossos entrevistados

procura se distanciar de uma certa teorização reflexiva sobre este ponto, quando Lima (2009) afirma:

a gente trabalha nessa idéia do multicultural e da hibridação. [...] A gente tem consciência disso, só que a gente não chega teorizando porque essa não é a nossa praia. A gente tá trabalhando em fazer prática, em fazer vídeo. [...] Então a gente tá aqui trabalhando no roteiro de um vídeo que um jovem faz e que queira fazer diferente, ou queira fazer com outra perspectiva, com outra mídia, com o celular.

Ao longo da pesquisa de campo pudemos observar dois momentos distintos na trajetória do *Aldeia*, em que o fator determinante para a transformação das dinâmicas de ação foi o fechamento do escritório em um prédio de salas comerciais e a tentativa de transferência da sede da associação para o Morro Santa Terezinha. Quando a instituição funcionava na sala comercial havia uma certa rotina de trabalho e a presença constante de pessoas envolvidas nos projetos, tanto os coordenadores quanto os jovens participantes nas atividades do *Aldeia*. O espaço era como o de um escritório comum, com muitos computadores, escrivinhas, equipamentos, local para reuniões, etc. Após a intenção de deslocar-se para o Morro o *Aldeia* ficou “sem lugar”, pois a mudança nunca aconteceu de fato, já que durante o processo de reforma do novo local – um antigo restaurante no mirante do Morro Santa Terezinha – a associação entrou em uma severa crise financeira e não pôde concluir as obras. A instituição está funcionando, então, na casa de Simone Lima, uma das coordenadoras, o que fez com que o *Aldeia* perdesse seu caráter aglutinador, pois passou a não contar mais com aquele espaço físico oficial, em virtude da precariedade das condições de funcionamento de uma ONG na residência de alguém. No *site* ainda constam, mesmo após mais de dois anos de encerramento das atividades no escritório, o endereço e o número de telefone antigos, portanto é válido pensar que a associação, nesse momento de sua história, não conta nem com uma sede e nem como uma dinâmica estável de funcionamento.

Foi nesse momento de crise do *Aldeia*, cuja fase mais aguda ocorreu durante o ano de 2012, que surgiu a parceria com um novo projeto. Com uma perspectiva de atuação semelhante, que se alicerça nas liberdades criativas, nos processos de empoderamento das mídias digitais e nas experimentações em torno do audiovisual, emerge o Mapa ao

Quadrado, idealizado e coordenado pelo jornalista e realizador audiovisual Valentino Kmentt, de 25 anos. O rapaz concebeu o projeto tendo como objetivo a sua inscrição em um edital aberto pelo FUNARTE. Selecionado na região Nordeste, foi contemplado com uma verba para desenvolver a sua idéia, que tinha como eixo norteador o trabalho feito de forma coletiva com os jovens moradores do Morro Santa Terezinha, nos moldes do que já vinha sendo levado a cabo pelo *Aldeia* há alguns anos. O período para o desenvolvimento das atividades do Mapa ao Quadrado era curto, e em poucos meses Kmentt já deveria estar preparando o relatório final para enviar à agência estatal que subsidiou os recursos financeiros para possibilitar a execução do projeto. O Mapa ao Quadrado, desde o primeiro encontro com os jovens até o dia do grande evento, no qual o vídeo realizado pelo grupo foi exibido no Mirante do Morro Santa Terezinha, durou três meses.

A página³⁰⁴ do projeto na internet segue uma tendência semelhante ao do *site* do *Aldeia*, com muito branco e pouca poluição visual, seguindo uma estética mais limpa e dando destaque à enorme logomarca do Mapa ao Quadrado. As informações sobre as atividades do projeto vão sendo disponibilizadas para leitura no centro da página, à medida que vão sendo postadas pelos moderadores do *site*. A última postagem que pode ser visualizada é do dia 14 de junho, e traz o cartaz feito pelo grupo para divulgar o evento que serviria de encerramento do projeto e que teria como grande atrativo a exibição do vídeo final feito pela equipe do Mapa ao Quadrado, durante o período de trabalho no Morro. À direita vemos a logomarca do *Aldeia* como um dos parceiros, acima mesmo do nome da FUNARTE – financiadora do projeto –, tal é a importância que a associação capitaneada por Valdo Siqueira e Simone Lima tem na fundamentação da proposta de Valentino. Seguindo na leitura das informações disponibilizadas no *site* podemos observar que a página não foi muito dinamizada durante a execução das atividades, havendo grandes intervalos entre uma postagem e outra. Entre 20 de abril e 14 de junho há apenas uma postagem, de Valentino, justamente desculpando-se por não estar atualizando a página, em virtude de um acúmulo de atividades em torno do projeto, especialmente relacionado ao ritmo das gravações. Ou seja, a página do projeto na internet – que funciona de forma semelhante a um *blog*, já que permite postagens de notícias e informações, por parte dos

³⁰⁴ Apêndice 13

moderadores, e comentários e compartilhamentos, por parte dos usuários – foi um recurso pouco utilizado pela equipe do Mapa ao Quadrado.

A trajetória de Valentino Kmentt junto à realização audiovisual começou já na faculdade, quando conheceu Simone Lima e passou, com isso, a atuar de forma mais próxima nas atividades desenvolvidas pelo *Aldeia*. “Foi na faculdade. Eu estudava jornalismo na UNIFOR e aí apareceu essa oportunidade de trabalhar com o audiovisual. Foi aí que surgiu essa história de ser monitor no *Aldeia* e tudo mais” (KMENTT, 2011). Valentino atuou como monitor do Escola de Mídia, um dos projetos do *Aldeia*, já falado anteriormente, e participou ativamente da produção do vídeo “Os que trazem o peixe”, sobre a realidade da pesca no Mucuripe e como essa forma de ganhar a vida impacta na cultura dos moradores do Morro. O rapaz afirma que, após o surgimento do interesse pelo tema, passou a buscar mais informações, a estudar, a ler livros a respeito do assunto. A inspiração no *Aldeia* aparece em sua fala.

Eu trabalhava vendo como a Simone trabalha, como todo mundo trabalhava. E fui aprendendo. Sempre gostei de cinema, de trabalhar com imagem cinematográfica. Já faz uns quatro ou cinco anos que trabalho com audiovisual, já fiz algumas reportagens e alguns documentários (KMENTT, 2011).

A idéia do Mapa ao Quadrado surgiu do desejo de Valentino de criar um espaço livre de idéias e de trocas, vivenciadas em um ambiente onde as pessoas interagissem com vontade de aprender, tendo as novas tecnologias da comunicação como alicerces para esse processo de aprendizagem. O coordenador do projeto enfatiza a ausência de rigidez e de rotas pré-estabelecidas e imutáveis para serem seguidas no andamento do trabalho com o grupo, ressaltando o caráter libertário do Mapa. “A idéia inicial do Mapa ao Quadrado era criar esse ambiente trabalhando com novas tecnologias audiovisuais, mídias digitais, em busca de passar o tempo, sei lá, curtir, fazer o que se gosta” (KMENTT, 2011). A intenção de Valentino parece, pelo menos em boa parte, ter se materializado no desenvolvimento do projeto, já que a falta de um planejamento detalhado e a recorrência da pergunta “e aí, o que vocês acham que podemos fazer hoje” deram a tônica durante a realização das atividades, ressaltando o caráter grupal e a importância da participação dos jovens no

direcionamento das tarefas. O caráter extremamente aberto e livre, entretanto, pode ter prejudicado um pouco a organização do Mapa ao Quadrado, pois, ao final, as consequências da ausência de uma racionalização um pouco mais efetiva se fizeram sentir, quando um certo medo no atraso da produção do vídeo passou a rondar as oficinas. Nesse sentido, para evitar atrasos e com o intuito de operacionalizar de modo mais eficiente a elaboração do documentário – saindo um pouco do abstracionismo dos debates e das idéias vagas que surgiam nos encontros do grupo –, foi que Valentino teve que produzir partes do material audiovisual em casa, indo completamente contra sua idéia inicial de máxima democratização nas decisões. A desorganização e a falta de um roteiro de atividades mais “fechado” podem também terem sido os responsáveis pela falta de tempo para que se pudesse dedicar mais atenção ao *site* do Mapa ao Quadrado.

Ainda sobre a maneira como enxerga o projeto, Valentino aponta o Mapa ao Quadrado como uma maneira de ocupar os meninos do Morro, tirá-los da ociosidade e potencializar para que esses jovens possam construir processos de autonomia, movimentos de empoderamento, a partir das mídias, e de transformação do olhar, tanto sobre a sociedade como acerca do espaço que os rodeia, enxergando a si mesmos sob outro prisma, distinto daquele que sempre os percebe como vítimas, papel esse contra o qual não adiantaria lutar.

Esses meninos ficam alí sem fazer nada o dia inteiro. Muitas vezes não vão para a escola. E a escola também não faz o seu papel por uma série de razões. Então eles ficam sem fazer nada. E lá [no projeto] seria um espaço onde eles iriam enxergar o mundo sob outro rumo. *Tem isso aqui que é possível fazer, que é acessível, com o qual eu posso crescer* [colocando-se no lugar dos jovens]. É um momento de ócio criativo (KMENTT, 2011).

Talvez apoiado nesse horizonte de atuação que prioriza a liberdade, o ócio criativo e a experimentação sem qualquer tipo de modelo a ser seguido é que Valentino se mostre radicalmente contra a categorização do Mapa ao Quadrado como um movimento social. “Não, não, não tem nada a ver com isso. É uma coisa altamente dissociada de qualquer movimento social” (KMENTT, 2011). O coordenador do projeto prefere enxergá-lo como um laboratório de experiências de vida, espaço esse no qual se tenta fazer com que cada uma dessas vivências tenha significado, afastando do Mapa qualquer rotulação mais

fechada. Interessante quando Kmentt aponta que o que ele faz pode ser visto, aos olhos das elites e dos partidários de direita, como ação social, mas que a influência deste tipo de ideal socialista só se fundamenta em parte no projeto, daí o fato de o Mapa ao Quadrado não poder ser “encaixotado” como um movimento social nos termos formais e clássicos da denominação. “Tipo, meu tio, por exemplo, ele é de direita, então ele olha o que eu faço e diz que é coisa de socialista, porque ele enxerga dessa forma. Mas não é guiado por isso, entende? Tem influência de algumas coisas, mas não é embasado nisso. Por isso que não se encaixa” (KMENTT, 2011).

A importância da ação social junto aos jovens, nas reflexões de Valentino, advém, principalmente, do fato de ser possível realizar uma atuação coletiva de forma mais participativa com um grupo que está em fase de formação, algo diferente do trabalho desenvolvido no universo adulto, por exemplo, quando se lida com pessoas já formadas, com pontos de vista, muitas vezes, já consolidados, com experiências de vida que tornam determinados comportamentos e visões de mundo, por parte de um grupo de mais idade, difíceis de serem relativizados. O coordenador do projeto enfatiza a relevância de um intercâmbio entre aprendizagem e ensino, quando afirma que “você também está em uma fase de formação, então você meio que aprende muito, sabe, tentando passar algumas coisas. É grande o meu interesse nessa troca, não só pensando no meu lado, mas no que eu poderia passar para eles” (KMENTT, 2011). Valentino acredita no potencial e na capacidade dos jovens para criar e transformar as coisas – ressaltando o perfil transgressor que muito dessa faixa etária têm –, apontando que o que falta são oportunidades, são espaços e apoio para que a juventude possa desenvolver determinadas atividades e mostrar que é capaz de atuar de forma positiva na sociedade. “São jovens que se tivessem oportunidades poderiam ser ótimos fotógrafos, jornalistas, produtores, criadores, artistas. [...] Agora ficam presos, ficam alí enjaulados, abandonados e acabam tendo muita dificuldade” (KMENTT, 2011).

Acerca especificamente dos jovens que participaram do projeto, Valentino afirma que eles eram meio “paradões” e desanimados, creditando esse comportamento a um ambiente de desestímulo – tanto na escola como no universo familiar – no qual cresceram esses rapazes e moças. O coordenador do Mapa ao Quadrado diz que uma das estratégias das quais se utilizou para “quebrar o gelo” e motivar os participantes foi a de posicionar-se

não como uma autoridade, indo de encontro à postura de instalar uma relação assimétrica professor-aluno. “Embora eu sempre tivesse que exercer um papel de coordenador, nunca fiz isso de forma opressora. Sei lá, eu conversava muito, tentava insistir, quebrar com a vergonha, tentava trazer humor para descontraír, por aí...” (KMENTT, 2011). Nesse sentido, a proximidade de idade entre coordenador e participantes parece ter sido um ganho do projeto, nas avaliações de Valentino, que percebe que, quando existe uma proximidade entre as idades, costuma haver, igualmente, uma aproximação entre as pessoas, pelo fato das experiências de vida serem semelhantes. Isso também acarreta outros fatores positivos, como a criação de uma zona de conforto, na qual o coordenador não vê problemas em abordar determinados tipos de assuntos, que talvez seriam um tabu se dialogado em um universo composto por adultos. Na visão de Valentino, um projeto formado por gente jovem tem um potencial maior para discutir assuntos mais controversos e polêmicos, por ser próprio da personalidade juvenil esse caráter mais transgressor.

Quando tem uma pessoa mais velha eu acho logo que eu tenho que ser mais responsável. Daí eu penso que não posso falar de pirataria, por exemplo, porque é um crime. E eu não acho que tem que ser assim. [...] Eu tenho essa coisa de achar que o jovem tem de ser mais passional e tal, e menos politicamente correto. O jovem tem essa carga mais anti-autoritária e contestadora. Uma pessoa mais velha, às vezes, pensa diferente. Então eu acho que o meu projeto dava mais liberdade também (KMENTT, 2011).

Valentino Kmentt aponta cidadania e respeito como elementos intrinsecamente vinculados, entendendo a segunda com condição indispensável para o exercício da primeira, mas, enfatizando, como é de praxe em seus posicionamentos, um caráter contestatório que a atitude cidadã deve conter para se afirmar de modo positivo. “Cidadania é respeitar as liberdades e também buscar ser respeitado. Respeitar cada um, mas, também, não deixar ser passado por cima, manipulado, e nem deixar ser feito de cordeirinho” (KMENTT, 2011). A visão do coordenador do Mapa ao Quadrado, pelo menos discursivamente, parece ir muito menos ao encontro de uma conotação passiva de cidadania – que somente espera resoluções da parte do Estado – e muito mais no sentido de um exercício ativo do cidadão, que deve manter uma atitude vigilante, para não se deixar enganar. Ainda em sua análise sobre o Estado, acredita que as políticas públicas voltadas

para a juventude, apesar de existirem e de terem a sua importância na transformação da realidade, ainda são pouco incisivas. Ao mesmo tempo, o rapaz, que pôde desenvolver seu projeto a partir de verba pública, ressalta esse tipo de iniciativa por parte dos governos, destacando a eficácia que podem ter no sentido de transformação da realidade – mesmo que a passos mais lentos – do público ao qual se destinam. “Eu acho que ajudei algumas pessoas a tentar trazer alguma coisa nova para o cotidiano delas” (KMENTT, 2011).

Ainda sobre as políticas públicas, o coordenador do Mapa ao Quadrado destaca – apesar de uma severa crítica que faz às associações que usam de má fé no gerenciamento do dinheiro público e que são “cheias de maracutaia” (KMENTT, 2011) – a importância fundamental do trabalho das ONGs sérias e honestas, como experiências que podem dar um rumo na vida de milhares de jovens que se encontram perdidos e sem alternativas para construir seus projetos de autonomia. “São vítimas [os jovens], falam aí, e eu concordo. Por isso acho que precisam existir mais projetos desses. Precisa incentivar as ONGs que já estão bem estabelecidas, não só de estrutura, mas, principalmente, de relações com as pessoas, e tudo mais, da comunidade” (KMENTT, 2011). Percebemos aí uma supervalorização da presença das ONGs no cenário brasileiro, posicionamento este que pode acabar transferindo do Estado para as organizações não-governamentais – apesar de termos em conta que a grande maioria delas, nos dias de hoje, sobrevive às custas do dinheiro público – as funções relativas ao gerenciamento da questão juvenil, como o encaminhamento ao primeiro emprego, o planejamento do combate ao uso de drogas, a prevenção da violência juvenil, etc. As associações do terceiro setor têm um peso importante na sociedade hodierna, mas não podem ser totalmente responsabilizadas por fazer um papel que é, antes de tudo, do Estado. Se este funcionasse a contento, o “rumo” – termo utilizado por Kmentt (2011) – na vida dos jovens brasileiros em situação de exclusão não precisaria ser dado exclusivamente através das organizações não-governamentais.

Especificamente sobre as associações que trabalham a partir do objetivo de empoderamento das mídias digitais, por parte de jovens moradores de periferia, Valentino ressalta que ONGs desse tipo podem auxiliar na constituição de novas redes e estender e democratizar a fala dos cidadãos, não só os que atuam nela diretamente, mas, também, os que vivem em sua zona de atuação. Kmentt (2011) afirma que se deve “ampliar os meios, as redes de informação, e não só limitar, mas distribuir o poder. Informação é poder, então

é preciso distribuir isso, tornar mais acessível”. As mídias digitais estão se tornando cada vez mais acessíveis, daí a importância de se desenvolver projetos com a juventude que tenham os meios de comunicação como ferramentas de trabalho e, também, como eixos de reflexão. O rapaz ainda completa, afirmando que com a disseminação das novas tecnologias da comunicação “qualquer um tem esse poder de ser atuante, protagonista, e não se limitar a ser somente um espectador. Mas isso vai muito da curiosidade de cada um” (KMENTT, 2011). Hoje é possível dialogar com as múltiplas possibilidades de se utilizar as ferramentas digitais e se experimentar na seara do audiovisual, mas a fala de Valentino induz à reflexão de que as mídias não fazem nada sozinhas, e que, portanto, não adianta montar um projeto se não houver o real desejo, o interesse e a curiosidade do público de se empoderar desses meios, de absorver o conhecimento para além de um modelo tecnicista e de participar efetivamente nesse tipo de trabalho criativo.

O coordenador do Mapa ao Quadrado enxerga esses jovens – que se interessam por este tipo de atuação social junto às mídias digitais – como multiplicadores do conhecimento, como pulverizadores, no âmbito da comunidade, dos saberes discutidos e construídos durante o projeto. O rapaz ainda afirma que hoje em dia é possível dar continuidade às experimentações midiáticas mesmo após o fim do Mapa, pois há sempre a possibilidade de acessar os meios na casa de amigos, nas *lan houses*, por meio de *softwares* piratas, etc. “Os participantes não estão em miséria total não, eles têm condições de acessar softwares, de acessar computadores, talvez não de última geração, internet... Alguns têm internet em casa. [...] A Jaqueline mesmo tem uma lan house na casa dela” (KMENTT, 2011). É claro que o fim do projeto não inviabiliza por completo que os jovens continuem a desenvolver atividades semelhantes em outros espaços, mas não podemos deixar de apontar que os limites que surgem quando se passa a usar computadores mais antigos e se recorre à internet de *lan house* são grandes, pois muitos desses *softwares* necessitam de equipamentos novos e rápidos para funcionar, e o acesso à rede via locais pagos envolve sempre um custo, que, mesmo que não seja alto, pode ser oneroso para quem vive com um orçamento mais restrito e não possui renda própria.

Sobre as temáticas que mais vieram à tona no desenvolvimento do Mapa ao Quadrado, Valentino afirma que houve uma variedade grande nos temas discutidos durante as oficinas, e que todos os assuntos eram debatidos e negociados de forma aberta e

livre. Apesar desta multiplicidade, segundo o rapaz, um tema que acabou ganhando preponderância foi relativo ao entorno local dos jovens participantes, às percepções desses rapazes e moças sobre a região do Mucuripe. Conquistaram destaque “o lugar onde eles moram. Muitos falavam de violência, de tráfico de drogas” (KMENTT, 2011). Nesse sentido, a emergência de elementos referentes à vivência no Morro como eixos condutores na produção do documentário atestam a necessidade desses jovens de ressignificar a imagem da região onde moram, do perímetro do Mucuripe, vinculando-lhe a outros símbolos, visibilizando-o a partir de sua própria ótica, e não sob a perspectiva de um olhar externo, como a de um repórter de um veículo de comunicação hegemônico que sobe o Morro para cobrir um assassinato. Ainda sobre a questão do local, o coordenador do projeto enfatiza a estranheza – de sua parte – de que ali são, primeiramente, os próprios jovens do Morro Santa Terezinha que têm preconceito contra eles mesmo, e completa, ao afirmar que o preconceito não existe em Fortaleza somente contra os moradores dessa região, mas que surge de todos contra todos. “Todos sofrem algum tipo de preconceito” (KMENTT, 2011).

4.4. Caracterização dos jovens entrevistados

Roberta: Têm 18 anos e nasceu em Chaval, no interior do Estado do Ceará. Veio para Fortaleza há três anos e meio e mora no Morro Santa Terezinha, perto do farol. Não tem namorado e faz parte de uma família nuclear, morando com os pais e os dois irmãos. Terminou o ensino médio, e, no período de realização do projeto, não estava estudando e nem trabalhando, a espera do início de um cursinho oferecido pela prefeitura para formar recepcionistas. É bastante tímida, gosta de escutar música e ver telejornal nos momentos de lazer e se relaciona com poucas pessoas em Fortaleza, pois a maior parte de seus amigos ficou no interior. Não conhece muita gente na metrópole, mas os poucos que conhece estão espalhados pela cidade. Não gosta de morar em Fortaleza, pois tem medo dos assaltos – afirma ter pânico de andar com celular e relógio pelas ruas – e acha a capital muito movimentada, apesar de destacar sua beleza e seus muito atrativos. A participação no Mapa ao Quadrado foi sua primeira experiência em projetos dessa natureza.

Xaiane: Têm 22 anos e nasceu em Fortaleza. Vive no Morro Santa Terezinha há 15 anos, quando os moradores do Castelo Encantado (região constituinte do perímetro do

Mucuripe, no Cume do Morro) tiveram suas casas desapropriadas para a construção de uma fábrica de manteiga. O governo deu a casa nova, onde vive até hoje com sua família, chefiada pela mãe e constituída por mais 7 irmãos. Acha Fortaleza uma cidade linda, boa de se viver e com bastante coisa para se fazer, apesar de apontar as dificuldades de se morar no Morro, por conta da violência, o que faz com que ela não tenha coragem de andar tarde com o celular e o MP4. Mesmo assim, em diversos momentos procura minimizar a criminalidade na região, afirmando que não é tão perigoso como as pessoas dizem. Nos momentos de lazer costuma ir à praia, sair com os amigos para o shopping, o cinema, o Dragão do Mar³⁰⁵ ou um barzinho. Conhece muita gente no Morro e tem amigos espalhados por toda a cidade. É solteira e não completou o ensino médio, faltando-lhe terminar o último ano. Afirmo que vai voltar a estudar, para ter o certificado de conclusão e poder fazer o ENEM³⁰⁶, já que objetiva entrar na faculdade. É extremamente extrovertida e pode ser considerada uma personalidade dentro de sua comunidade, já que produziu um curta-metragem contando a história de sua família. É bastante atuante em projetos sociais e tem como desejo seguir carreira no ramo do audiovisual.

Rosa: É irmã de Roberta, tem 19 anos e igualmente nasceu no interior, em Chaval, distante 414 quilômetros de Fortaleza e já quase na divisa com o Piauí. Tem namorado e vive na mesma casa em que mora Roberta, dividindo a residência com os pais e os irmãos, moradia essa que afirma se localizar em um beco. Faz muitas críticas à Fortaleza – apesar de ponderar que as oportunidades de emprego são maiores nela – e afirma categoricamente não gostar da cidade, pontuando que não entende esse afã das pessoas do interior em ir para a capital, pois é nas cidades pequenas que se encontra tranquilidade para viver bem. Tem muito medo de morar no Morro, pois acha que a qualquer momento pode ser atacada, além de não gostar de sair de casa e ver pessoas sentadas no beco se drogando. Nos momentos de ócio costuma sair com o namorado, mais do que com amigos. Tem o hábito de frequentar uma das pracinhas da comunidade e diz que não conhece muitos lugares na cidade, sendo as suas saídas do Morro restritas basicamente à Beira Mar. Já concluiu o ensino médio e no

³⁰⁵ Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é um grande complexo de lazer localizado em uma área restaurada da Praia de Iracema. Abriga um planetário, museus, cinemas, teatro, áreas abertas, que recebem inúmeros shows, além de uma enorme gama de boates, bares e restaurantes no seu entorno, muitos deles funcionando em antigos casarões revitalizados.

³⁰⁶ Exame Nacional do Ensino Médio

período do projeto as oficinas eram a sua única ocupação, pois, apesar de haver distribuído uma série de currículos em lojas e supermercados, ainda não havia sido chamada para trabalhar em nenhum desses lugares. É extrovertida e, como a irmã, fala sempre com muita saudade do tempo em que morava no interior. A experiência no projeto coordenado por Valentino é sua estréia em atuações desse tipo.

Jaqueline: Tem 22 anos e nasceu no Morro Santa Terezinha, onde mora até hoje, apesar de seus pais terem vindo do interior. É solteira e vive com a mãe, o padrasto e um irmão em casa. Acha Fortaleza uma cidade muito bonita, apesar da dificuldade que enxerga em falar da capital de um forma generalizada, pois acredita que há várias cidades dentro de uma só. Aponta a difícil situação pela qual passa o Morro, percebendo-o como uma vítima da falta de assistência por parte do Estado. Usa os momentos de lazer para navegar na internet, e acredita que, atualmente, é possível fazer quase tudo através da rede. Tem amigos nos mais variados bairros da cidade, e credita isso ao fato de conhecer muita gente, como consequência da articulação política. Gosta de ir ao shopping e à praia com os amigos, além de procurar pôr em prática o constante desejo de conhecer lugares novos, pois não gosta de sair de casa para passear no próprio Morro. Tem o ensino médio concluído e atualmente faz o cursinho do PopFor – oferecido pela prefeitura –, pois quer ser aprovada em uma faculdade pública, já que a bolsa Prouni para a qual foi selecionada só custeia 50% do valor da mensalidade na faculdade. Mesmo assim vai começar o curso de Gestão de Turismo na Faculdade Ateneu, enquanto espera passar na UFC³⁰⁷ ou na UECE³⁰⁸, por isso vai dar seguimento ao cursinho no período noturno. Já trabalhou em partido político – no PPS – Partido Popular Socialista –, com produção e divulgação de eventos. É bastante articulada, madura e tem ampla trajetória junto aos movimentos sociais e às mobilizações urbanas. Em sua casa funciona uma *Lan House*.

Lucas: Tem 22 anos e mora atualmente na Varjota³⁰⁹, em uma parte do bairro – que é de classe média – que faz fronteira com algumas favelas, especialmente a do Trilho, que é bastante visibilizada na mídia local como uma área violenta. A região fica a poucos metros do Morro Santa Terezinha. Vive com uma menina, mas não é casado formalmente, e divide

³⁰⁷ Universidade Federal do Ceará.

³⁰⁸ Universidade Estadual do Ceará.

³⁰⁹ A Varjota é um bairro conhecido em Fortaleza por abrigar inúmeros bares e restaurantes e por oferecer inúmeras opções para os que querem aproveitar a vida noturna na capital.

a casa – que fica em uma espécie de comunidade, erguida em uma viela – com os pais, a avó e os irmãos. Aponta a vida noturna de Fortaleza como uma de suas maiores qualidades, ressaltando seu caráter agitado e suas inúmeras opções de lazer e de diversão. Gosta de morar na Varjota, pois não precisa se deslocar muito para encontrar algum tipo de divertimento, destacando, também, que sua vizinhança é animada e gosta de se reunir. Nos momentos de ócio gosta de fazer coisas tranquilas, como ir ao cinema, passear na Beira Mar ou encontrar os amigos em um barzinho, já que não é ligado a badalações. Apesar de conhecer muita gente de distintas partes da cidade, acaba tendo mais vínculo com as pessoas que moram nas redondezas, pela maior facilidade que tem de encontrá-las. Tem o ensino médio completo e, inclusive começou a faculdade de Recursos Humanos, mas acabou trancando o curso, porque a faculdade não o instigava mais. É empregado do setor administrativo de uma fábrica de plástico, localizada em Aquiraz, na região metropolitana de Fortaleza. É falante, bem informado, expressa-se bem e tem uma rica história junto às ações sociais, desde o colégio. Tem vontade de trabalhar efetivamente com o audiovisual, mas considera arriscado deixar o emprego estável por uma coisa que não lhe passa segurança.

4.5 As visões de mundo e as experiências dos jovens com as relações entre mídias e mobilizações coletivas

Esse tópico tem como objetivo apresentar e analisar as visões de mundo e as trajetórias de vida de nossos jovens sujeitos-pesquisados, bem como refletir sobre as experiências deles no âmbito do *Aldeia* e, mais especificamente, do projeto Mapa ao Quadrado. Os apontamentos que materializam o tópico advêm não só das análises das entrevistas em profundidade, mas, também, da observação constante que foi empreendida durante o acompanhamento sistemático das atividades desenvolvidas por nossos protagonistas. Com a finalidade de facilitar a apreensão do leitor acerca da imensa quantidade de dados originados no percurso da pesquisa, a análise está dividida em cinco blocos – relações entre juventude e participação; consumo e uso dos meios; relações entre juventude e mídia; relações com o *Aldeia* e/ou o Mapa ao Quadrado; relações entre cidadania, mídia e entorno local –, referentes aos blocos existentes no roteiro das

entrevistas. O primeiro bloco da entrevista, que diz respeito ao contexto familiar, social, educativo e profissional, nos serviu de base para construir um pequeno perfil de cada um de nossos protagonistas, explicitado no tópico anterior.

4.5.1 Relações entre juventude e participação

Com relação ao modo como enxergam a juventude no Brasil atualmente, nossos jovens explicitam opiniões as mais diversas, desde as que vêem o jovem sob um viés altamente negativo às que percebem nele um potencial de transformação mal aproveitado, como Jaqueline, 22 anos, que acredita no poder juvenil de atuação: “se você der oportunidade para ele [o jovem] falar, dele se expressar, você pode ter grandes idéias a partir dos jovens”. Felio e Lajeunesse (2006, p. 25) parecem corroborar esta reflexão, quando nos dizem que “los jóvenes también son especialistas en sus temas, también poseen conocimiento y experiencia para compartir, también tienen intereses legítimos”³¹⁰. Em um sentido contrário ao que acabamos de destacar, alguns dos nossos protagonistas apontam a falta de amadurecimento que cerca as vivências dos adolescentes atualmente, que parecem muito mais preocupados com temas banais e com futilidades, além, claro de ressaltarem seu envolvimento com a criminalidade e com as drogas. “Os assuntos que os adolescentes conversam não tem base, não têm sentido, só falam de drogas e não sei que, de desenhos, não têm uma perspectiva, não têm uma visão de futuro” (Lucas, 22 anos). “Tem muito jovem que fica se drogando por aí, muitos [jovens] daqui não vale nem a pena...” (Roberta, 18 anos). Percebemos nessas falas, primeiramente, uma reprodução de um certo modelo de jovem – marginalizado – construído pela sociedade adultocrática (FEIXA, 1998), que o enxerga, na grande maioria dos casos, como sujeito sem responsabilidade, cuja vivência se desenrola no vazio das drogas e da violência. Não se pode negar, entretanto, que as experiências desses rapazes e moças, na cotidianidade do Morro, acaba por apontar para este tipo de apreensão da realidade juvenil, quando suas rotinas são marcadas de perto pela presença das drogas, dos crimes e da ociosidade. A mediação contextual (MARTÍN-

³¹⁰ “os jovens também são especialistas em seus temas, também possuem conhecimento e experiência para compartilhar, também têm interesses legítimos”. Tradução do autor.

BARBERO, 1997) atravessa aqui fortemente a concepção que os moradores da região do Mucuripe têm da juventude, pelo destaque que adquire um tipo de jovem criminalizado – seja pelas experiências concretas de cada um, seja pela atuação da mídia local na construção dessa personagem vinculada ao Morro – em seu dia-a-dia.

Outras falas apontam para um perfil de jovem que, apesar de igualmente se vincular ao contexto do Morro, distancia-se da relação direta que se costuma fazer entre jovem de periferia e criminalidade. Um dos sujeitos que dão vida à esta investigação afirma que, primeiramente, se deve sublinhar sobre qual tipo de juventude se fala, pois as experiências dos jovens das classes médias e altas não são as mesmas dos jovens pobres, restando a esses últimos a pressão da sociedade para que abdicuem de sua juventude para conseguir um trabalho. “O jovem da comunidade carente não tem uma expectativa de curtir a juventude, você tem logo que arranjar um trabalho, tem que se virar. Quando você tá terminando o ensino médio já existe aquela pressão para você fazer alguma coisa” (Xaiane, 22 anos). A crise do emprego em âmbito mundial (SOUSA SANTOS, 1994), faz com que os jovens das classes populares sejam impelidos, cada vez mais cedo, a buscar postos de trabalho, muitas vezes tendo que adiar os planos de cursar uma faculdade ou mesmo sendo obrigados a abandonar a vontade de experimentar determinadas inconseqüências próprias da faixa etária. Rosa, 19 anos, reclama da situação, quando afirma que “a gente tem que aproveitar, se divertir, pois o tempo vai passando, a gente vai ficando velho e vê que não aproveitou nada quando era jovem”. Interessante quando Hansen (2008, p. 209) afirma que

Muitas vidas de jovens são incertas devido às mudanças econômicas e às mudanças dos destinos das famílias. Mudanças nos planos de vida, status socioeconômico, educação e relações pessoais complicam muitas outras dificuldades que os jovens enfrentam na contemporaneidade.

Acerca da abertura ou não da sociedade para escutar o jovem, as opiniões dos nossos sujeitos-pesquisados são diversas, mas quase sempre apontando para a percepção de uma abertura apenas parcial. “Ao mesmo tempo que se abre para escutar ela mostra que o jovem não tem responsabilidade e que aquilo que ele tá falando não tem nada a ver. [...] Você tem até uma sociedade democrática, mas não sabe se vai ser ouvido” (Lucas, 22 anos). Feliu e Lajeunesse (2006, p. 25) apontam, neste sentido, que “cuando las personas no

escuchadas deciden intervenir, entonces se les acusa [...] de delinquentes o simplemente de inmorales”³¹¹. Jaqueline, 22 anos, destaca que, para que a juventude possa ser escutada, é preciso que haja a interferência de um mediador ou a atuação de um grupo poderoso reverberando a sua voz. “Se o jovem quer dizer alguma coisa ele tem que ter alguém à frente dele, ou ele tem que estar em um grupo religioso, que tenha uma certa influência ou que tenha poder, ou em um grupo político, porque tem que ser ele e mais tantos outros”. O informante ainda acrescenta à discussão, refletindo que os adultos, que são as pessoas que estão no poder, têm medo do novo, de outros caminhos que possam ser abertos pelos jovens. Indo ao encontro do que expressa a postura de nosso entrevistado, Dayrell (2004) ressalta que são poucos os casos em que os jovens são efetivamente levados em consideração, pelo Estado, no ato de gerir as políticas públicas voltadas para os adolescentes, pois, na maioria dos casos, tratam-se de adultos pensando sobre o que seja melhor para o universo juvenil. E atitudes autoritárias como essa, de fato, vão contra a prática de escutar o segmento para o qual essas iniciativas se voltam. É por isso que muitas políticas públicas fracassam ou não atingem o retorno esperado, porque simplesmente são executadas sem levar em conta as especificidades da juventude (SPOSITO e CARRARO, 2003).

Já Xaiane, 22 anos, aponta que na era das mídias digitais e da sociedade em rede está mais fácil ouvir o que o jovem tem a dizer, porque existem agora muito mais canais através dos quais ele pode se expressar. “Eu posso criar um blog e botar nele o que eu quero dizer, posso divulgar o que eu quiser e agregar o meu blog a outros blogs e sites. [...] Eu tava vendo o jornal, sobre a galera da marcha da maconha. Os caras conseguiram transmitir tudo ao vivo, via blog”. Esse movimento de democratização do acesso e das instâncias de produção vai diretamente ao encontro de um processo de consolidação da cidadania comunicativa (COGO, 2010b), quando permite que grupos sociais que estejam fora das esferas de poder possam visibilizar suas demandas e materializar encaminhamentos práticos afim de satisfazê-las. Os meios digitais têm o potencial, então, de fragmentar um fluxo unidirecional da comunicação – dos meios hegemônicos para os públicos, possibilitando que diversos atores coletivos possam manifestar-se e mobilizar-se a

³¹¹ “quando as pessoas não escutadas decidem intervir, então lhes acusam de delinquentes ou simplesmente de imorais”. Tradução do autor.

partir das redes. Relativizando um pouco esse dito poder que as mensagens adquirem ao circularem nas redes sociais – visto que nem todas conseguem sair do espaço virtual e chegar, de fato, até às instâncias decisórias, até os órgãos públicos, e conquistar uma transformação concreta na sociedade –, vale a pena enfatizar o ponto de vista de Xaiane, 22 anos, quando ele afirma que “hoje em dia, com as mídias digitais, com a internet, eu acho que a gente pode se manifestar que, com certeza, alguém vai escutar”.

Sobre os pontos positivos e negativos acerca de sua cidade e de seu país – além dos aspectos os quais gostariam de mudar nessa realidade –, os jovens dividem-se entre divergências e unanimidades. Todos os nossos informantes apontam o problema da violência como elemento a ser modificado, ou seja, como uma questão urgente que deve ser tratada como tal pelos poderes públicos. “Tem a questão da violência, que todo mundo fala” (Xaiane, 22 anos). “Eu mudaria a violência, que tem muita, né, eu pararia com a violência para o pessoal aproveitar mais a vida, em vez de se envolver em crack, maconha, esses vícios todos” (Rosa, 19 anos). Ainda com relação a esse discurso recorrente sobre a violência, na postura dos protagonistas da pesquisa, vale destacar uma visão descontextualizada do fenômeno, que aparece na fala de um dos jovens, que o enxerga como elemento imanente ao indivíduo, e não como algo que pode ser também fruto de uma situação social desigual e fragmentada. “O que eu mudaria seria a violência, se eu tivesse o poder de mudar alguma coisa. [...] A violência é algo individual, que tem dentro de você. Com o tempo é que vai se formando o caráter, então, o que teria que acontecer é essa pessoa receber uma orientação espiritual” (Jaqueline, 22 anos). A cultura da violência aparece nessa fala de forma descolada de um aparelho estatal e dos modos de estruturação da sociedade que, muitas vezes, são justamente os responsáveis pela sua disseminação e manutenção, o que pode ser denominado de violência estrutural (TAVARES DOS SANTOS, 1999), que envolve não só a criminalidade, mas uma série de outras ausências, por parte dos governos, com relação às políticas públicas. Alguns dos jovens entrevistados apontam essas deficiências. “O governo tem que investir mais nas políticas públicas, falta verba para se trabalhar uma educação apropriada, pois o jovem não tem muitas oportunidades na escola” (Lucas, 22 anos). “Eu criaria mais hospitais, mais escolas, porque muitos necessitam, faria abrigos para os pobres que dormem nas ruas” (Roberta, 18 anos).

No que concerne especificamente aos aspectos positivos envolvendo o local onde vivem, vale a pena destacar duas considerações feitas por nossos jovens. Uma delas diz respeito à importância de iniciativas como a do *Aldeia*, que trabalham com ação social e cidadania através das mídias, no cenário de Fortaleza. “Tem alguns projetos que trabalham com juventude que são bem bacanas, não pode esquecer essa parte, né, da participação de algumas ONGs ou mesmo de alguns projetos do governo e da prefeitura” (Xaiane, 22 anos). Apesar da fala do jovem destacar o papel ativo do Estado no âmbito dos projetos sociais, Sposito e Carraro (2003), ressaltam que as políticas públicas voltadas para o segmento juvenil são, de certo modo, uma novidade, pois só vieram a surgir no final dos anos noventa do século passado, tanto nas instâncias federais como nas estaduais e municipais. As autoras (2003, p. 3) ainda acrescentam, no que tange à relevância de iniciativas como essas, afirmando que “as políticas públicas de juventude não seriam apenas o retrato passivo de formas dominantes de conceber a condição juvenil, mas poderiam agir, ativamente, na produção de novas representações”.

Já um outro informante faz uma interessante consideração sobre uma condição intercultural vivenciada em Fortaleza, apontada como um fator positivo em sua análise sobre a cidade. “Eu acho boa a cultura da minha cidade, pois é um povo misto, que aceita todas as raças, todas as cores, e eu acho isso muito legal” (Jaqueline, 22 anos). Quem sabe afetada pela ampla participação no *Aldeia*, que trabalha a partir de uma ótica de autovalorização desses jovens do Morro, no sentido de transformar o olhar deles – que é quase sempre negativo acerca de seu entorno – e de dinamizar diálogos produtivos – que não sejam pautados em assimetrias – com os sujeitos sociais “do asfalto”, a fala do jovem leva a crer no imaginário de uma cidade cosmopolita e alicerçada em uma prática de cidadania intercultural (COGO, 2010b; CORTINA, 2005), quando a realidade dos fatos não é bem essa. Fortaleza, talvez por não possuir um contingente de negros significativo, como há em outras cidades do Nordeste, como Salvador e São Luís, não aceita de bom grado o afrodescendente, muitas vezes marginalizado e confundido com bandido. A cidade também parece não receber de forma muito receptiva os que vêm de fora para morar, nas palavras dos nossos jovens que nasceram no interior e migraram para a capital com os pais.

Pra cá o pessoal trata na porrada se você perguntar alguma coisa. [...] Eu sofri muito quando eu cheguei do interior, porque as pessoas aqui

acham que a gente que vem de cidade pequena é tudo matuto. [...] Quando eu perguntava a alguém alguma coisa eu não queria que me tratassem com ignorância (Rosa, 19 anos).

Com exceção de Xaiane, 22 anos, cujo irmãos também têm participação em movimentos e projetos sociais, todos os demais protagonistas da investigação atuam como pioneiros em suas famílias com relação a este tipo de atividade coletiva. As irmãs que vêm do interior do estado apontam que o Mapa ao Quadrado é o primeiro projeto social no qual participam de forma efetiva, apesar de uma delas destacar uma atividade voluntária que desenvolvia, catando coisas nas ruas para fazer reciclagem. Seja porque em cidades pequenas, como Chaval – que possui pouco mais de treze mil habitantes³¹² –, a atuação de projetos vinculados às questões sociais e à cultura seja mais escassa – somente no ano passado, por exemplo, foi aberto um edital para contemplar com um ponto de cultura³¹³ a região onde localiza-se Chaval, no extremo-oeste do estado –, ou por falta de interesse pessoal no assunto, o que fica claro é o contraste das experiências das meninas oriundas do interior com relação às vivências junto às mobilizações coletivas que fazem parte da bagagem dos jovens que nasceram em Fortaleza. Na trajetória destes últimos constam atividades diversas, exercidas desde a época do colégio, passando, também, por atuações externas ao ambiente escolar, vinculadas a partidos políticos ou às associações da sociedade civil. É nesse sentido que Melucci (2001) aponta os pertencimentos múltiplos como uma característica da atuação coletiva na atualidade, a participação efêmera em vários projetos e movimentos sociais, como podemos ver a partir das falas dos nossos jovens. “Eu era a presidente do grêmio, coordenava os dois jornais do colégio, era do conselho escolar. Eu gostava demais dessa questão de ter que correr atrás, de buscar ser merecedora das coisas” (Jaqueline, 22 anos). “Eu participava de tudo. Quando eu comecei com o movimento eu tinha 14 anos, no jornal escolar. Já fui do grêmio estudantil, já participei de grupo político, já fiz parte do Instituto Intervalo, que era uma ONG, já entreguei pizza vestido de palhaço na assembléia” (Lucas, 22 anos).

³¹² Censo de 2006.

³¹³ Fonte: Site da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará

Disponível em:

<http://www.secult.ce.gov.br/noticias/prorrogadas-as-inscricoes-para-o-ii-edital-pontos>

Acesso em: 24 jan. 2012

Participei algumas vezes do Escola de Mídia. [...] Já fui algumas vezes em passeatas de partidos políticos, como uma na Praia de Iracema. A gente tava reivindicando a revitalização da área, fazendo passeata, botando adesivos nos carros, porque a Praia de Iracema tava toda quebrada, e a gente queria ir passear lá e não tinha como. Eu não vi resultado algum, porque só depois de dois anos foi que consertaram a área, mas assim, foi uma experiência bem bacana (Xaiane, 22 anos).

É interessante atentar, a partir do depoimentos dos jovens, para um movimento de entrada e saída constante de associações, no qual se tecem poucos vínculos duradouros com elas (MELUCCI, 2001). Mesmo com o *Aldeia*, que sinaliza ter centralizado a maior parte das atuações sociais dos nossos informantes, parece não haver uma lógica de fidelidade absoluta, até porque a intermitência nas atividades das ONGs – que, devido à ausência de auto-sustentabilidade financeira, muitas vezes só funcionam quando há verba pública – faz com que os atores coletivos busquem alternativas – seja em outras instituições, seja, até mesmo, no mercado, distanciando-se dos movimentos socioculturais e das mobilizações coletivas – nos períodos em que as associações ficam paradas. Outro elemento importante advindo do universo de sentidos dos protagonistas dessa pesquisa diz respeito ao fato de boa parte das experiências deles com a ação social ter surgido no âmbito da escola. Foi nas atividades ligadas ao grêmio juvenil ou ao jornal-laboratório que esses rapazes e moças iniciaram suas trajetórias de participação e de voluntariado, o que nos leva a resgatar o ponto de vista de Ives Albuquerque (2009)³¹⁴, quando ele destaca a importância de se trabalhar na escola, desde o início da adolescência, as percepções e as sensibilidades de meninos e meninas que, vítimas de uma situação de exclusão em boa parte de suas vivências domésticas, podem encontrar no ambiente do colégio uma alternativa a partir da qual têm o potencial de tecer seus projetos de autonomia. Daí a relevância atribuída por Albuquerque às associações da sociedade civil que trabalham diretamente nas instituições educativas – como o *Encine*, por meio dos LACEs³¹⁵, e o próprio *Aldeia*, através do Escola de Mídia –, já que boa parte das escolas públicas não tem recursos próprios para possibilitar este tipo de ação.

³¹⁴ Ives Albuquerque é diretor do *Encine*. Seu ponto de vista foi resgatado a partir de uma entrevista concedida por ele ao autor desta tese, em 2009.

³¹⁵ Laboratório de Comunicação Educativa. Um dos projetos desenvolvidos pela associação Encine.

Sobre os usos da internet para fins de participação social e cultural, as opiniões e apropriações de dividem, mais uma vez. Há os informantes que não entram na rede com este tipo de objetivo, como Roberta, 18 anos, que nos conta que entra “mais para conversar e se distrair” e Rosa, 19 anos, que afirma: “não entro para essas coisas não, entro mais no Orkut, para saber como estão as meninas lá no meu interior”. Posturas como essas são exemplares no sentido de nos mostrar que as mídias digitais não criam desejos de atuação social a partir do nada, que a tecnologia, por mais que aproxime coisas e pessoas, ainda não possui o dom de tecer reações humanas sem que haja um repertório pessoal e cultural por trás (MORLEY, 2008). Quando não existe uma trajetória – nas vivências dos jovens – marcada pela ação coletiva, fica difícil os dispositivos midiáticos atuarem de forma a criar essa competência. Existe, porém, um grupo de jovens que enxerga nas redes sociais uma ferramenta de participação, para além do instrumento da diversão e do entretenimento.

O projeto do Valentino, por exemplo, eu divulguei todo pelo Orkut, pelo MSN, pelo Facebook. O Festival de Jovens Realizadores eu também divulguei, a maior parte, através das redes sociais. [...] As campanhas políticas, se eu via que tinha alguma coisa errada eu mesma postava lá (Xaiane, 22 anos).

Moraes (2001, p. 129) resgata a opinião da diretora do Greenpeace na Espanha, María Peñuelas, para afirmar que “na internet, até as pequenas entidades têm oportunidade de divulgar suas atividades ao conhecimento de segmentos mais amplos da sociedade. Apesar de anárquica, a rede é muito mais democrática, pois deixa que todo mundo se expresse”. Apesar de sabermos que nem sempre as coisas acontecem na internet através de tamanhos processos democráticos – afinal, como já pontuamos anteriormente, a rede conceta e desconceta espaços ao mesmo tempo, o que nos serve para relativizar a postura da diretora do Greenpeace –, não podemos deixar de ter em conta que projetos de cunho local, como o Mapa ao Quadrado, ou mesmo outras atividades desenvolvidas pelo *Aldeia*, como a mostra competitiva de audiovisual, acabam tendo o potencial de atingir um número significativo de pessoas e, principalmente, de ultrapassar as barreiras do local. Um dos nossos sujeitos-pesquisados, entretanto, aponta a ausência da presencialidade, do contato físico, como um elemento bastante limitador para que questões sociais possam ser

debatidas na rede e encaminhadas de forma prática, apesar de não achar que seja algo impossível.

Eu acho que sou inclusa em todas as causas sociais aqui em Fortaleza, mas eu não tenho muita paciência para estar debatendo ‘teclando’ com o povo. [...] É muito diferente você ler e você ver e ouvir as pessoas, porque lendo você julga do jeito que quiser. Eu faço parte de grupos sobre a Praia de Iracema, sobre o Theatro José de Alencar, eu só não estou alí de prontidão esperando lançarem um tópico para eu dar a minha opinião (Jaqueline, 22 anos).

4.5.2 Consumo e uso dos meios

Em períodos de convergência midiática como o que vivemos, em que cada vez mais, alicerçados pelo intenso processo de digitalização experimentado pela sociedade, os meios de comunicação procuram integrar o máximo de funções em um só suporte, nada mais acertado do que o ponto de vista de Morley (2008), quando este autor afirma que não se deve estudar os meios de forma separada, mas como um ecossistema de tecnologias, ambiência na qual a centralidade das mídias nas configurações das experiências cotidianas dos cidadãos torna-se cada vez mais incisiva. Vivendo em uma espacialidade marcada pelas ausências, de diversas ordens – materiais, de oportunidades, de políticas públicas, etc. –, a juventude que vive na região do Mucuripe mostra estar em sintonia com os usos e as apropriações que são feitos dos meios comunicacionais em outras parcelas da sociedade, desvelando as táticas postas em prática pelos jovens de periferia para ocupar as brechas do sistema (DE CERTEAU, 1998) e se fazer presentes nos circuitos do consumo midiático. Nesse sentido, apesar da maior parte dos nossos informantes não ter computador em casa, eles têm acesso ao equipamento por meio de *Lan Houses* ou através do uso na casa de amigos. Nem todos têm um aparelho reproduzidor de MP3, mas os que não têm conseguem escutar música através do celular, este sim, uma unanimidade, pois todos os jovens pesquisados o possuem e fazem dele diversos usos. Os rapazes e moças ainda acrescentam à lista os aparelhos de DVD e a presença dos ditos meios “tradicionais” em suas residências, como a televisão e o rádio. Vale a pena enfatizar que o consumo das mídias – atrelado ao consumo cultural – torna-se uma metáfora e o material simbólico mediante o

qual as pessoas se relacionam entre si e com os objetos que produzem e consomem (FEATHERSTONE, 1991).

A dieta midiática dos nossos jovens pode ser pensada a partir de um sentido de complementaridade nos usos das mídias (MORLEY, 2008), configurando um cenário no qual os acessos se dão de formas múltiplas e complementares, combinando apropriações de meios “novos” e “tradicionais”. As fotos e os vídeos são feitos em câmeras ou nos celulares, o conteúdo da TV é visto na internet e na televisão, o acesso à internet se dá a partir de computador e do celular, o consumo de filmes e músicas se processa através da compra de DVDs piratas e de *downloads* através de *sites* na rede, as notícias são vistas nos jornais impressos, nos telejornais e nos portais da internet. Os meios de comunicação que têm uma presença maior nos cotidianos de nossos jovens são a televisão, o rádio e a internet. “Eu acordo e já ligo o rádio, porque eu adoro escutar música” (Xaiane, 22 anos). “O que eu mais vejo é a televisão, ela fica o dia todo ligada lá em casa, porque sempre tem alguém assistindo” (Rosa, 19 anos). “Como eu gosto de cuidar da casa eu ligo primeiro o rádio e fica fazendo as minhas coisas de casa. Depois eu corro para a internet, para olhar os meus e-mails” (Jaqueline, 22 anos). “Pra mim é, basicamente, internet e televisão. E o rádio, que escuto quando tô indo para o trabalho” (Lucas, 22 anos). Um dos nossos informantes vai além, afirmando acessar outros tipos de veículos:

Onde eu vou que tem um jornal solto eu pego para ler, e não leio só o Zoeira³¹⁶ não, leio o [caderno] principal também. [...] Leio muita revista também, a Mundo Estranho, a Super Interessante e a Galileu. Pego emprestado das minhas amigas, e, se não conseguir, vou no site (Xaiane, 22 anos).

Todos os jovens pesquisados, apesar de não seguirem uma agenda de acesso à risca, mantêm algum tipo de rotina com relação ao consumo dos meios de comunicação. O rádio é ligado sempre pela manhã, a televisão é mais assistida durante à tarde e à noite e a internet é acessada sempre que possível, sendo que se torna um pouco mais complicado para aqueles que dependem das *Lan Houses*. “Eu vou mais à noite [na Lan House], quando eu não estou fazendo nada. Às vezes eu vou pra casa da minha amiga, que lá tem

³¹⁶ Zoeira é o caderno do jornal Diário do Nordeste dedicado às notícias da televisão e às fofocas sobre as celebridades.

computador, e passo o dia todinho na internet” (Roberta, 18 anos). “Eu não vou mais muito não. Antes eu ia todo dia, mas agora eu parei mais, porque vicia, e quando a gente vai na Lan House a gente gasta muito” (Rosa, 19 anos). As *Lan Houses* e cibercafés podem ser tomados como espaços significativos na configuração da cultura digital juvenil, por oferecer a esses jovens usuários um espaço físico de encontro, que não serve somente aos que não tem acesso à internet de casa, já que são muitas as pesquisas que atestam que muito adolescentes, mesmo tendo computador e banda larga em casa, vão a esses locais em virtude das sociabilidades que lá são construídas, em mais um exemplo da complementaridade entre experiência online e vida offline que se tecem nos usos das mídias digitais (JUÁREZ, 2006).

Acerca especificamente dos conteúdos que mais gostam, os nossos sujeitos-pesquisados mais uma vez demonstram a diversidade de seus universos de sentidos, apontando, entretanto, para uma certa preferência em torno dos noticiários, sejam na TV, na internet ou no rádio. Os programas de humor também parecem ter uma boa aceitação entre esse público. “Adoro [tele]jornal. O meu preferido é o Record News, que passa notícias do mundo inteiro” (Roberta, 18 anos). “Eu gosto de ver um pouco de tudo, sabe, eu vejo fuxico dos artistas, mas não muito, eu vejo notícias, eu vou muito no site do G1 e no UOL, pra ver o que tá acontecendo no Brasil e no mundo” (Xaiane, 22 anos). “Vejo novela e muito aqueles programas de humor, a gente ri que chega a gente chora” (Rosa, 19 anos). “Você vai crescendo, tendo uma certa maturidade, aí você fica querendo saber mais sobre o seu meio, então, ultimamente eu tenho me voltado mais para as notícias nacionais e regionais. [...] mas eu também gosto de programa de humor, adoro Pânico e Legendários” (Jaqueline, 22 anos). “Eu gosto muito de ver filme e [tele]jornal e, de vez em quando, eu vejo a novela. [...] Na internet eu gosto de ver as notícias. O que eu escuto na rádio eu vou lá nos portais da internet pra ver mais informações. Um elemento curioso diz respeito ao fato de que, embora participem do Mapa ao Quadrado, que visa transformar o olhar e aumentar as competências midiáticas – somado ao fato de que três dos nossos informantes participaram efetivamente de um curso de leitura crítica da mídia, como o Escola de Mídia, projeto do *Aldeia* –, todos os jovens entrevistados listaram programas e *sites* relacionados às corporações midiáticas hegemônicas, como atrações da Record, páginas virtuais da Globo e portais vinculados ao Jornal Folha de São Paulo. Nenhum dos sujeitos-

pesquisados, que dizem gostar tanto de notícias, citou o consumo de algum *blog* alternativo, por exemplo, ou a assistência a algum produto televisivo de uma emissora educativa. Ou seja, apesar de todos os percursos que têm sido feitos no sentido de multiplicar e redirecionar os fluxos comunicacionais, procurando tecer um movimento de todos para todos (CARDOSO, 2007), percebemos a força que ainda têm os grandes conglomerados midiáticos, que funcionam a partir de um sistema oligopólico, congregando – e remetendo sempre ao mesmo grupo – em uma mesma empresa o acesso à televisão, revista, jornal, rádio e internet (GARCÍA CANCLINI, 1996).

Já sobre os conteúdos que rechaçam, os jovens seguem uma linha mais previsível, criticando, especialmente, a televisão e aqueles programas que se convencionou socialmente que não são bons ou dignos de audiência. “Esses reality-shows eu não suporto, algumas novelas, alguns programas que não tem nada a ver, como o Faustão. Praticamente eu não assisto televisão, e quando eu vejo é mais filme e jornal, pronto” (Lucas, 22 anos). “Eu não gosto de ler revista de famosos. [...] Tem uns programas tão bestas, tipo assim o Gugu, Sílvio Santos e, como é o nome daquele, ah, Celso Portioli. [...] Uns programas tão bobos que eu não gosto, não assisto” (Jaqueline, 22 anos). “Não gosto desses programas que mostram crimes, como Barra Pesada e Cidade 190³¹⁷” (Roberta, 18 anos). “É muito sem graça, é aquela coisinha muito chata. Acho que novela ficou coisa pra fuxiqueira. Acho uma perda de tempo ficar assistindo novela enquanto você poderia estar fazendo uma outra coisa” (Xaiane, 22 anos). Como podemos ver é reproduzido, na fala de nossos jovens, o discurso moralizante construído socialmente – principalmente através de um debate adulto – sobre as telenovelas, os programas de auditório, os reality-shows e os programas policiais. Mesmo participando de um projeto sobre as mídias, nenhum deles foi capaz de fazer uma crítica mais aprofundada acerca dessas atrações, que envolvesse considerações sobre roteiro, som, luz, edição, ritmo, linguagem, etc. As críticas giraram em torno da perda de tempo, da bobagem e do vazio que, na visão deles, se vincula a certos programas. Acerca de posturas como essas, Fischer (2004) pontua que vivemos uma fase marcada pela necessidade de sermos politicamente corretos. O contraditório, como poderemos notar mais adiante, é que quase todos eles, apesar de criticarem, sabem o que se passa nos programas

³¹⁷ Barra Pesada e Cidade 190 são programas policiais, no estilo do lendário Aqui Agora, exibidos localmente. O primeiro na TV Jangadeiro, retransmissora do SBT, e o segundo na TV Cidade, retransmissora da Record.

policiais, até porque muitas dessas atrações retratam a realidade local. Isso para não citar uma fala recorrente entre os informantes, que diz respeito ao fato de acessarem os meios de comunicação só quando não tem o que fazer ou acessarem pouco porque não têm tempo. Llovet e Tur (2006) fazem uma crítica às posturas moralizantes contra os meios de comunicação, refletindo que para intervir politicamente na sociedade é preciso compreender o que se passa na mídia, em virtude de ser nessa ambiência midiática o local onde as subculturas juvenis nascem, reproduzem-se e morrem na contemporaneidade.

Sobre os usos do celular, um elemento interessante a ser destacado é o fato de alguns jovens terem afirmado já não possuírem mais aparelhos sofisticados e caros, em virtude de terem sofrido prejuízos financeiros como consequência de assaltos. “Em um assalto levaram o aparelho. E em outra vez eu quebrei o celular, ele caiu e aí não prestou mais. Agora eu tenho um simples” (Lucas, 22 anos). “Na verdade eu fui roubada duas vezes, perdi dois celulares com câmera, que filmava, batia foto, pô, é claro que eu não vou ficar pagando, porque o prejuízo é grande” (Xaiane, 22 anos). Percebemos aí, mais uma vez, a presença das mediações contextuais (MARTÍN-BARBERO, 1997) atravessando os modos como os sujeitos sociais apropriam-se das novas mídias, obstaculizando os usos, por parte desses jovens, de todos os recursos disponíveis pelas tecnologias móveis. Viver em um cenário onde os índices de criminalidade são altos é impor-se limites no acesso aos aparelhos celulares mais modernos, em virtude da probabilidade grande de ser assaltado.

Mesmo assim, através das falas dos nossos jovens percebemos a presença importante que os celulares têm nas vivências cotidianas dos protagonistas da pesquisa. Seja para comunicar-se via SMS – “Às vezes eu passo o dia só conversando por mensagem” (Roberta, 18 anos). “Como o meu é TIM, e tá tendo promoção de 25 centavos o torpedo, eu praticamente converso a maioria do tempo por mensagem mesmo” (Xaiane, 22 anos) – ou através das ligações, a dependência do celular parece dar a tônica da experiência moderna. “Não uso muito para escutar música não, porque eu acho que se eu escutar a bateria vai descarregar e eu vou precisar dele e não vou poder usar” (Jaqueline, 22 anos). “Eu ligo muito, de repente eu tô aqui e dá uma vontade de ligar para alguém para falar alguma besteira. [...] Não sou muito de mandar mensagem não, eu prefiro ouvir a voz da pessoa” (Lucas, 22 anos). Apesar de alguns jovens afirmarem possuir aparelhos com câmera e rádio e usá-los para esta finalidade, a maior parte dos nossos entrevistados nos

fala que o uso se resume mesmo às ligações – recebidas e chamadas, ou seja, nenhum deles afirmou ter um celular “pai de santo”, como é conhecido na linguagem popular aquele aparelho que, recorrentemente, fica sem crédito e que, portanto, só recebe chamadas – e às trocas de mensagens, contrariando os resultados de muitas pesquisas, como a desenvolvida por Bringué e Sábada (2009), que indicam um uso cada vez mais diverso da telefonia móvel. Mas, mesmo que, no contexto que nos interessa, o celular seja usado de forma limitada – “apenas” para ligações e troca de SMS – a relevância de sua presença na cotidianidade dos nossos jovens vai ao encontro do ponto de vista de Myerson (2001), cuja reflexão dá conta de entender o celular como o objeto que de forma mais significativa expressa o espírito do nosso entorno em transformação. Ou seja, se alguém deseja assegurar-se de que pertence à contemporaneidade deve possuir um celular em mãos.

Acerca dos usos da internet, excetuando-se as meninas que vieram do interior – e que só tiveram acesso à rede já morando em Fortaleza, portanto, há pouco mais de três anos –, os outros informantes da pesquisa afirmam terem contato com a mídia há bastante tempo, sendo a escola ou, principalmente, cursos extra-curriculares os locais onde, pela primeira vez, puderam navegar em suas páginas e descobrir suas ferramentas. “Foi com uns 16 anos, num curso de tecnologia da informação, que a CDL³¹⁸ oferecia. Mas acesso ao computador acho que eu tenho desde os 13 anos” (Jaqueline, 22 anos). “Foi no colégio. Desde os 13 anos que eu uso a internet. Só que depois eu fui fazendo um curso e me envolvendo mais” (Lucas, 22 anos). “Eu paguei um curso de computação naquela época em que eu trabalhava no trezinho, e aí eu investia uma grana nesse curso de informática, que era dia de sábado” (Xaiane, 22 anos). Nesse sentido, as contribuições de projetos que visam potencializar os adolescentes para os usos e as experimentações com as mídias digitais no âmbito escolar – como o *Aldeia* e o *Encine*, por exemplo – são fundamentais para possibilitar que meninos e meninas tenham uma prática corriqueira com esses meios, sem que precisem recorrer a cursos externos, alguns deles pagos. A escola seria, então, um ambiente “natural” no qual se poderia construir esses vínculos, um lugar privilegiado para professores e alunos pensarem sobre e experimentarem as mídias, abrindo espaço “para que se produza pensamento, que se criem idéias outras, para além do que é dado” (FISCHER, 2004, p. 11).

³¹⁸ Câmara dos Dirigentes Lojistas

Com relação aos percursos tecidos nos usos da internet, os roteiros seguidos pelos nossos jovens, da hora em que entram na rede até o momento em que desconectam, passam, principalmente, por três pontos: entrar nas redes sociais, ver os e-mails e conversar com os amigos no Messenger. “Eu vou no Hotmail para ver minhas mensagens e ver se tem algo importante” (Roberta, 18 anos). “Normalmente é MSN, falo com meus amigos, abro Orkut, Facebook, tô tentando aprender a mexer no Twitter. [...] Além das redes sociais eu olho muito o meu e-mail” (Xaiane, 22 anos). “Esse negócio de Facebook e Orkut é automático, não tem como você não entrar nas redes sociais. Depois eu vou ver os meus e-mails. E sempre dou uma olhada pra ver quem tá online no MSN” (Jaqueline, 22 anos). “A primeira coisa é ver os e-mails, os da minha conta pessoal e os e-mails do trabalho” (Lucas, 22 anos). Dados como esses relativizam determinados pressupostos teóricos, como os levantados pela pesquisa de Huertas (et all, 2010) – sobre os tempos livres e os usos das tecnologias da comunicação por jovens migrantes e autóctonos na Espanha – que, resgatando contribuições de outras investigações, aponta que, apesar de possuírem um endereço eletrônico, o uso do e-mail é, cada vez mais, escasso entre o público juvenil. Todos os jovens investigados, sem exceção, relatam a verificação de sua caixa de mensagens como uma das atividades que exercem quando entram na internet. As posturas explicitadas também contradizem as próprias falas dos informantes, que anteriormente ressaltavam a procura por notícias quando acessam a rede. Praticamente nenhum deles explicitou a busca por portais ou *blogs* noticiosos quando questionados sobre os usos efetivos da internet.

Na verdade, o que parece ter ficado claro, a partir das experiências relatadas, é que o maior consumo da internet, por parte dos sujeitos-pesquisados, se dá via redes sociais. Todos os nossos jovens, sem exceção, possuem um perfil no Orkut ou no Facebook, quando não acessam os dois *sites*. E foi justamente a curiosidade acerca do Orkut o que motivou parte deles a iniciar suas incursões na rede mundial de computadores. “Faz uns cinco anos que eu tenho Orkut, foi nessa época que eu comecei a mexer mesmo, a ter contato com a internet” (Xaiane, 22 anos). “Quando eu cheguei aqui eu nem sabia o que era Orkut. As meninas tudo tinham Orkut e eu fiquei doida pra ter um. Aí eu fui alí na Lan House e fiz meu Orkut. Eu ia de manhã, de tarde e de noite na Lan House, fiquei viciada no começo” (Rosa, 19 anos). Nas redes sociais, a troca e o compartilhamento de materiais

audiovisuais é constante, atestam os nossos jovens, que parecem experienciar na prática o sentido de rede, sendo que alguns deles, inclusive, chegam a atuar como produtores, gravando seus próprios vídeos e jogando na rede. Castellano (2008) traz a reflexão de que, com a difusão das mídias digitais, os adolescentes passam a ter à disposição inúmeras ferramentas – antes pouco acessíveis – que possibilitam a produção de vídeos caseiros. “Em vez de simplesmente assistir ao desenho, série ou filme, por que não criar uma versão caseira, uma paródia, uma redublagem e colocá-la à disposição dos amigos (e desconhecidos) em sites como o Youtube?” (CASTELLANO, op. Cit, p. 289). “Coloco fotos, indico páginas... A gente fazia alguns vídeos caseiros, eu e meus amigos, satirizando as novelas e colocava no Youtube. Depois a gente ficava compartilhando e divulgando esse material” (Lucas, 22 anos).

Ainda com relação ao compartilhamento de materiais audiovisuais nas redes sociais, vale a pena destacar duas visões antagônicas dos nossos jovens no que diz respeito à exposição na internet. Roberta, 18 anos aponta: “Às vezes eu saio mostrando por aí [fotos e vídeos], mas na internet eu não coloco, para me prevenir mais, porque é muita exposição. Apesar desta fala, o pesquisador, que tem a informante entre seus contatos no Facebook, atesta que na prática a prevenção não funciona como no discurso, pois a moça disponibiliza uma série de fotos em seu perfil, nas quais aparece, inclusive, de biquine na praia. Já Jaqueline, 22 anos, afirma claramente a falta de preocupação com a auto-exibição na rede. “Praticamente a minha vida toda está exposta nas redes sociais. [...] Todo dia eu mudo a foto do perfil, coloco fotos e vídeos, atualizo as coisas, compartilho vídeos do Youtube, etc.” Em nosso acompanhamento sistemático, pudemos observar que Xaiane e Jaqueline são as que participam de forma mais contínua das redes sociais, atuando de forma constante – algumas vezes durante o dia – na atualização e no compartilhamento de fotos, vídeos, brincadeiras, memes, além, claro, de usarem esses espaços como mais um modo de comunicação entre os amigos, convocando-os para saídas ou indicando-lhes materiais.

Os elementos tecnológicos e suas interfaces têm mudado o modo como as pessoas se relacionam, proporcionando interações e novas sociabilidades. As relações mantidas através dos sites de redes sociais, por exemplo, representam esse novo tipo de sociabilidade estabelecida na internet com a popularização e a adesão dos internautas (AMARAL e DUARTE, 2008, p. 272).

4.5.3 Relações entre juventude e mídia

Todos os jovens pesquisados ressaltam o caráter positivo deste tipo de projeto social envolvendo as mídias, a partir de considerações que analisam desde a chegada de um conhecimento novo até aquelas que enfatizam a mudança do olhar e a transformação da sensibilidade, com relação ao entorno local, depois que se passa a atuar em grupos como esses. “Pra gente foi muito importante, porque a gente aprendeu uma coisa que a gente não sabia. Aprendeu a mexer em câmera, a filmar, a entrevistar alguém” (Rosa, 19 anos). “É muito importante, porque pode mudar o pensamento dos jovens aqui da comunidade e buscar uma galerinha aqui que se interessa pelo assunto, que quer trabalhar com audiovisual. Boa parte deles me tem como uma influência, e é bem bacana isso” (Xaiane, 22 anos). “Você passa a despertar para as coisas, aprende mais sobre a sociedade, você vai entender a raiz, porque a comunidade é daquela forma, a história dessas pessoas” (Lucas, 22 anos). A partir, especialmente, da fala desse último jovem percebemos que os projetos dessa natureza podem ser, de fato, alicerçados na antropologia visual, da qual nos fala Lima (2009), quando possibilitam a mudança de percepção sobre o espaço que habitam, o resgate da história e da cultura local.

Ainda sobre a relevância de associações e projetos que trabalham a partir dos meios de comunicação, os jovens destacam que iniciativas como essas possibilitam que outras pessoas, que não sejam graduadas e nem trabalhem formalmente com isso, possam atuar como produtores midiáticos. “Até algum tempo atrás esse negócio de mídia, rádio, TV era só pra quem tinha algum tipo de formação nisso, só pra quem tinha feito faculdade” (Jaqueline, 22 anos). Sobre essa transformação, Martín-Barbero (2006) nos fala da emergência dos saberes-mosaico, tecidos a partir de uma maior acesso aos conhecimentos proporcionados pelas novas mídias, e complementa, quando nos diz que movimentos como esses podem ser encarados como “embriões de uma nova cidadania e de um novo espaço público, configurados por uma enorme pluralidade de atores e leituras críticas, que convergem para um compromisso emancipador” (MARTÍN-BARBERO, op. Cit, p. 53). A

mesma jovem ainda acrescenta, categorizando projetos que se constroem a partir da mídia como inovadores, ao contrário de outros, cuja função é formar mão-de-obra para fazer um trabalho mecânico e que não desenvolve capacidades criativas e experimentais.

Eu acho esse projeto inovador. Projeto comum, pra mim, é projeto de costura, de treinamento de garçom, de camareira. Mas um projeto com mídia é diferente, porque você pode dar uma aula, ajudar a criar um vídeo e esse vídeo circular o mundo inteiro. Isso é uma iniciativa legal para os jovens (Jaqueline, 22 anos).

Sobre o investimento dos poderes públicos neste tipo de iniciativa, os jovens que protagonizam a pesquisa são unânimes em afirmar que o investimento é muito pequeno, aquém da demanda. “Não, não investem. Tanto que só agora no festival, por exemplo, que eu fui saber que o Vila das Artes³¹⁹ disponibiliza equipamentos para quem quiser fazer um vídeo. O curso de audiovisual de lá, que é pela prefeitura, só é para 40 alunos. É muito pouco pra Fortaleza” (Xaiane, 22 anos). A informante ainda acrescenta, dizendo que o curso de audiovisual da Universidade Federal do Ceará “nem conta”, porque oferece poucas vagas, que são preenchidas, predominantemente, por alunos das escolas particulares da capital. “Acho que o governo visa muito mais esses projetos que já te falei, cursos para restaurante e pra ser costureira. Voltados para a mídia eu não vejo tantos. O que salva são esses projetos de audiovisual, como os da *Aldeia*, como esse do Valentino” (Jaqueline, 22 anos).

A crítica de Lucas, 22 anos é ainda mais aprofundada, quando ele reflete que pode até haver alguma parcela de investimento nessa seara, mas que não existe qualquer tipo de fiscalização e de interesse, por parte do Estado, para acompanhar de perto o trabalho dessas ONGs. “Eles [Estado] não procuram saber se o projeto é legal, se está sendo desenvolvido eticamente, se tá sendo baseado no que foi proposto no cronograma, eles só querem a prestação de contas, e olhe lá”. Acerca da falta de incentivo do Estado e da ausência de políticas públicas mais amplas e efetivas, que contemplem a dinamicidade do universo

³¹⁹ Equipamento da Prefeitura Municipal de Fortaleza, a Vila das Artes é um lugar de formação em Artes, apoio à Produção, incentivo à pesquisa e difusão cultural. Trata-se de um espaço onde funcionam as escolas públicas de dança e audiovisual, o núcleo de produção digital e uma biblioteca. A Vila das Artes oferece, gratuitamente, diferentes formatos de cursos e atividades como mostras de filmes, debates, encontros e intervenções artísticas.

juvenil, Lopategui (2010)³²⁰ nos faz perceber que as políticas públicas voltadas para os jovens não podem se fechar apenas nesse universo, como um público-alvo específico a ser atingido, mas devem, também, abarcar outras esferas as quais esses atores coletivos se vinculam, tais como a escola, a mídia, a polícia, os profissionais de saúde, articulando projetos que dêem conta das relações entre essas instâncias e a juventude. Os jovens do Morro Santa Terezinha atestam a falta de incentivo a ações que tenham como eixo a atuação social a partir dos meios de comunicação.

Com relação aos meios com os quais mais gostam de trabalhar, a maioria dos jovens entrevistados ressaltou o interesse pelo audiovisual, pelo uso da câmera. “Eu prefiro a câmera, os vídeos em si. Eu gosto mesmo é do audiovisual” (Xaiane, 22 anos). “Produção de filmes e documentários, eu adoro isso. Você tem que ter uma idéia bacana, tem que fazer algo diferenciado dos outros e descobrir o seu potencial. A produção de audiovisual combina mais comigo” (Jaqueline, 22 anos). “É a câmera mesmo... Você estar por trás das câmeras e fazer as pessoas falarem. Eu não gosto de aparecer, então prefiro ficar na produção” (Lucas, 22 anos). No que diz respeito aos meios nos quais não se interessam em atuar, os pontos de vista são heterogêneos. As meninas que vieram do interior afirmam que não gostam de se expor, de ter suas imagens visibilizadas, por isso não fariam nenhum tipo de produto voltado para a televisão, por exemplo. Mesmo questionadas sobre outras possibilidades de se atuar na TV sem que sua imagem apareça elas seguem reticentes quanto a este meio. Já Jaqueline, 22 anos afirma: “Eu não gostaria de trabalhar em um portal de internet, eu não tenho paciência, não conseguiria ficar o dia todo trancafiada em um escritório só fazendo aquilo”. “Eu não gostaria de trabalhar com jornal, porque eu não gosto muito de escrever. Escrever é muito chato, e jornal é aquela coisa muito padronizada, muito certinha e tal, então eu não tenho paciência” (Xaiane, 22 anos). “Eu nunca fiz nada com rádio, então eu não posso dizer que eu não gostaria, mesmo não tendo a questão da imagem” (Lucas, 22 anos). Nesse sentido, Martín-Barbero (2006) nos faz pensar sobre um novo estatuto cognitivo da imagem – consequência de sua possibilidade de digitalização –, enfatizando que ela passa a alcançar um novo patamar na busca pelo conhecimento, que antes se restringia ao escrito. Indo ao encontro das posturas dos nossos jovens, que parecem

³²⁰ Conferência de Patrícia Rosas Lopategui na sessão inaugural do Congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010.

manter um certo fascínio pela imagem e pelo som, e um certo rechaço pela escrita, o autor aponta que

deparamo-nos [...] com um tipo de textualidade que [...] se desdobra numa multiplicidade de suportes e escritas que, da televisão ao videoclipe e da multimídia aos videogames, encontram uma complexa e crescente cumplicidade entre a oralidade e a visualidade dos mais jovens (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 74).

Com relação aos motivos que os fizeram começar a atuar neste tipo de projeto, nossos jovens dividem-se entre aqueles que foram impelidos pela curiosidade em adquirir novos saberes e os que afirmam possuir um interesse prévio pelo tema, sendo a possibilidade de participar em projetos como o *Aldeia* um elemento importante no processo de ampliação e aprofundamento desse conhecimento. “Eu me interessei porque eu só ficava dentro de casa, aí eu pensei: [falando consigo mesma] quer saber saber, eu não vou ficar dentro de casa não, eu vou é pra esse negócio da Xaiane, pra aprender alguma coisa” (Rosa, 19 anos). “Eu já gostava de cinema, de música, e a Escola de Mídia veio me dar uma direção certa. [...] Desde o primeiro vídeo feito, pô, só de pensar que foi a gente que fez e que eu poderia fazer outros” (Xaiane, 22 anos). “Eu me interessei em participar do Escola de Mídia, mas inicialmente não fui selecionado. Mas depois acabou dando certo eu entrar. Participei de duas edições e na terceira já fui monitor. Depois acabei me vinculando ao *Aldeia*, trabalhando mais com a parte de produção” (Lucas, 22 anos). Percebemos, a partir das falas dos protagonistas da pesquisa, um certo sentido de auto-valorização – envolvendo crescimento profissional, atribuição de responsabilidades, confiança no trabalho dos jovens, constituição de novas competências –, cultivado no decorrer da participação nos projetos do *Aldeia*. É como se esses atores coletivos passassem a se sentir mais úteis no âmbito da comunidade. Lóssio (2004), dissertando sobre o uso das tecnologias nos contextos populares, destaca que projetos dessa natureza são uma forma de ocupar os jovens, inserindo-lhes no contexto pós-industrial, evitando, com isso, a violência em certas cidades, e favorecendo a inclusão social. Dayrell (2004, p. 13) corrobora o posicionamento, quando aponta “a importância das atividades culturais como um dos meios de afastar das drogas.

Constituindo-se em uma adesão que envolve sentimentos e desejos, preenche a vida dos jovens, atuando como antídoto aos atrativos da marginalidade”.

No que diz respeito aos processos criativos desenvolvidos na produção com as mídias digitais, a maior parte de nossos sujeitos-pesquisados acredita que os jovens são mais criativos e inovadores, por possuírem uma mente mais aberta e por terem mais abertura para ousar. “Os jovens têm mais imaginação, uma cabeça mais avançada e conseguem criar mais coisas” (Roberta, 18 anos). “O jovem tem uma linguagem que chama mais a atenção de outros jovens” (Xaiane, 22 anos). Um fator interessante a ser destacado é a divisão de opiniões entre dois informantes com relação à experiência, que faria com que jovens ou adultos fossem mais criativos. “Os adultos têm mais experiência, já estão mais acostumados a fazer essas coisas, por isso acho que eles são mais criativos” (Rosa, 19 anos). “O jovem tá descobrindo as coisas, ele quer experimentar. Já o adulto, por já ter uma certa experiência, ele acaba tendo um padrão a seguir. Aí ele não quer arriscar algo novo. Já o jovem tem mais coragem para inovar, pra fazer alguma coisa diferente” (Jaqueline, 22 anos). Lucas, 22 anos, entretanto, não enxerga diferenças com relação à criatividade entre jovens e adultos, apontando que o que diferencia os produtos midiáticos é mais um certo estilo, um tipo de edição, mas que não dá para saber se quem seguiu determinada gramática audiovisual é um rapaz ou um senhor. Apesar de alguns autores como Juárez e Lajeunesse (2006) apontarem que a cultura digital é, eminentemente, juvenil, são cada vez mais constantes e amplas as apropriações dessa linguagem e desse saber-fazer por parte dos adultos, até porque muitos dos projetos envolvendo as mídias digitais são coordenados por sujeitos desse universo.

No que concerne ao fato de considerarem-se pessoas que trabalham com mídia, as percepções variam conforme o tempo de dedicação que os jovens vêm dedicando à prática. Talvez como consequência do pouco tempo em que estão envolvidas com atividades ligadas aos meios de comunicação, as meninas que vieram do interior para viver em Fortaleza não se enxergam como pessoas que trabalham nesta área. Uma delas ressalta que não poderia se perceber dessa forma se não consegue fazer nada sozinha, já que todas as atividades que faz no Mapa ao Quadrado são coletiva e realizadas em grupo. Já os outros informantes, que possuem uma longa trajetória de participação social a partir dos usos das mídias, afirmam serem sujeitos que trabalham com os meios, mesmo apontando algumas

ressalvas, que se dão principalmente com relação à instabilidade e a intermitência do trabalho, à falta de vínculos mais sólidos. “É uma coisa muito inconstante... Mas assim, eu trabalho muito nos projetos do *Aldeia*, fui aluna e monitora do Escola de Mídia, monitora do Mapa ao Quadrado, auxiliei no Festival de Cultura, produzi o Festival agora... É, então eu acho que trabalho com mídia” (Xaiane, 22 anos). “Hoje em dia qualquer pessoa pode fazer mídia, se quiser, mas trabalhar mesmo com isso é um pouco diferente. Mas eu acho que sim, eu posso me considerar uma pessoa que trabalha com isso, porque eu tenho um interesse profundo pelo tema” (Jaqueline, 22 anos). “Eu já trabalhei muito com isso, já participei de várias produções, participei de vários projetos, tenho um vídeo de autoria minha, sobre Fortaleza à noite. Mas agora estou um pouco afastado, por conta desse meu trabalho na fábrica” (Lucas, 22 anos). A instabilidade das associações, que hora funcionam e hora interrompem os projetos, e a necessidade de buscar um outro trabalho que seja sólido, que garanta uma renda fixa, acabam por confundir os jovens na hora de assumirem-se como profissionais da mídia. Apesar da ampla trajetória e das várias participações em torno dos meios de comunicação, nenhum deles efetivamente foi um funcionário, até porque projetos sociais e ONGs não são firmas e não oferecem empregos, na maioria dos casos, mas vínculos temporários.

Sobre o perfil que deve ter o profissional de mídia, os jovens apontam as mais diversas características. “Tem que ser uma pessoa informada, pra poder mostrar o que está acontecendo no mundo” (Roberta, 18 anos). “Tem que ser assim bem falante, não ter vergonha das coisas, nem de aparecer” (Rosa, 19 anos). “Tem que ser uma pessoa desinibida, que saiba se relacionar bem com os outros e que se doe à sociedade” (Jaqueline, 22 anos). “Deve ser uma pessoa perceptiva, com a capacidade de olhar as coisas e conseguir transformar em boas histórias. Tem que ser persistente e desinibido” (Lucas, 22 anos). Ou seja, percebemos, através das falas desses jovens, algumas qualidades priorizadas por eles na formação de um profissional de mídia, como o fato de serem pessoas informadas e sujeitos sensíveis e perceptivos. Mas vale a pena destacar a reiteração, por parte de 3 dos nossos informantes, do estereótipo do profissional de mídia como alguém desinibido, extrovertido e falante, rotulação essa que parece se sustentar quando as pessoas passam a confundir o profissional dos meios de comunicação como alguém que vai, necessariamente, “aparecer”, seja na TV ou na internet, ou ter sua voz exibida no rádio. O

profissional dos bastidores, aquele que nunca aparece, não é lembrado pelos nossos jovens, que vivem em uma sociedade em boa medida marcada pelas imagens e pelo espetáculo (DEBORD, 2003).

Todos os jovens acreditam haver diferenças entre participar de um projeto cuja ação desenvolve-se em torno da mídia e trabalhar em um veículo de comunicação, de fato. A maior parte das falas centra-se no argumento de que no projeto você tem a opção de errar, já que está nele para aprender, e que, para estar no emprego, você já deve ser um profissional experiente. “O projeto ou um curso são preparatórios, algo que você vai para aprender. Já no trabalho você vai ter que prestar conta do seu serviço, senão você está fora” (Jaqueline, 22 anos). “Quando você está em uma ONG você está aprendendo. Se você tá trabalhando em uma televisão, por exemplo, você não pode ter erros, não pode dar prejuízo”. A fala de um dos nossos informantes, entretanto, aprofunda mais as diferenças, ressaltando as características comunitárias que envolvem um projeto social. “Na empresa é uma coisa mais centrada, a gente só faz aquilo, não pode experimentar. E nessas ONGs a gente trabalha com projetos sociais, com pessoas, com a comunidade. A gente trabalha com as mídias sim, mas é para melhorar a comunidade onde a gente vive” (Xaiane, 22 anos). Peruzzo (2007) alicerça este ponto de vista, quando nos faz refletir que os projetos sociais e a comunicação comunitária, de um modo geral, devem tratar de temas que digam respeito à realidade concreta da localidade onde atuam, envolvendo, principalmente, os assuntos e as temáticas que não têm espaço na mídia hegemônica.

4.5.4 Relações com o *Aldeia* e/ou o Mapa ao Quadrado

Os jovens destacam distintos elementos que lhes chamaram a atenção nos projetos do *Aldeia* e no Mapa ao Quadrado, mas a ênfase se dá na possibilidade de colocarem a “mão na massa”, de atuarem de forma prática na elaboração de um produto midiático, e de conhecerem melhor a comunidade onde vivem. “Me chamou atenção a forma de fazer os vídeos, as filmagens, as pessoas falando, sei lá, a forma como eles falam daqui. Tinha umas histórias até bem tristes” (Roberta, 18 anos). “Adorei mexer na câmera, filmar as pessoas, entrevistar. No começo foi mais como uma maneira de sair de casa, mas depois fui me apegando ao curso. [...] Acho que valeu muito a pena” (Rosa, 19 anos). “Foi a oportunidade

de colocar a minha idéia, o meu pensamento aqui sobre o bairro, pra gente produzir esse documentário, apesar de que as minhas idéias não são tão aceitas, porque elas são muito doidas. Mas foi bom ver a gente produzindo o vídeo desde o começo” (Jaqueline, 22 anos). “Eu acho que tudo meu chamou atenção. Eu gostava de participar em tudo, de fazer tudo o que me propunham. Eu gosto desse lance de produção, de pegar a câmera e filmar” (Lucas, 22 anos). “Acho que o mais importante foi a minha atuação dentro da comunidade, essa oportunidade de pegar uma câmera e rodar o bairro todo. Também tem o cine-clube, que é uma forma de mostrar ao pessoal daqui que existe mais do que televisão” (Xaiane, 22 anos). Nesse sentido, Peruzzo (2007) aponta que experiências como essa, que vão desde a concepção da idéia até a sua realização em um produto comunicacional, não serve só para informar, educar e entreter, mas, principalmente, para dotar a comunidade de mais poder ao possibilitar a palavra a todos os “sem-voz”.

Sobre os processos de capacitação, ou seja, as oficinas realizadas no âmbito dos projetos do *Aldeia* e no Mapa ao Quadrado, nossos informantes mantêm opiniões contraditórias, que mais uma vez se vinculam ao tipo de trajetória que eles têm dentro do universo dos projetos que envolvem usos e apropriações midiáticos. As jovens que nasceram em Chaval, no interior do Ceará, e que fazem sua estréia em ações dessa natureza enfatizam o caráter enfadonho das aulas teóricas, consideradas por elas como um momento chato do projeto. “Ele [Valentino] falava muito sobre cinema e era um pouco chato, porque ele ficava só falando...” (Roberta, 18 anos). “No começo eu não gostava, porque era muito chato, era só besteira, a pessoa só alí falando e a gente só parado. Eu até ia desistindo, mas aí resolvi ficar” (Rosa, 19 anos). As falas das garotas refletem a realidade observada no acompanhamento das atividades do Mapa ao Quadrado. Enquanto as oficinas teóricas se desenvolviam era nítido um certo desinteresse por parte da turma – tanto que foi nesta etapa do projeto que muitos dos jovens desistiram da participação. Saídas constantes da sala, brincadeiras no celular, olhares perdidos e entediados marcavam a participação de alguns dos jovens, especialmente daqueles que iniciavam sua caminhada naquela seara. Era como se as aulas fossem em um idioma incompreensível à percepção deles. Além da falta de experiência de parte dos informantes com a temática, vale ressaltar a dificuldade, de certa forma comum, de se prender a atenção dos jovens para ouvir uma fala mais prolongada,

como a que ocorre em uma aula teórica, seja em uma escola ou em uma oficina de um projeto sociocultural.

Los adolescentes, en contacto permanente con las pantallas (de televisión, de cine, de teléfonos celulares y de ordenador), están acostumbrados [...] a una mayor rapidez, inmediatez y fragmentación. [...] Los adolescentes experimentan una nueva sensibilidad en que la lectura lineal dio paso a la percepción simultánea³²¹ (MORDUCHOWICZ, 2008).

Já os informantes que têm em sua bagagem uma experiência mais longa junto aos meios de comunicação e à realização audiovisual, apontaram positivamente as aulas teóricas como parte enriquecedora do processo de formação para atuar nas mídias, destacando o preparo que foi feito e a escalação dos profissionais para ministrar as oficinas. “Na Escola de Mídia eram cinco monitores, eles ficavam orientando a gente. A gente teve aula de roteiro com a Simone, de som e câmera com o Salvani. No Mapa também teve todo um cuidado com isso. Eles passaram toda uma idéia de como seria esse projeto inovador” (Jaqueline, 22 anos). “Primeiro a gente teve aula de introdução às linguagens básicas do audiovisual, a gente assistiu muito vídeos no começo, e discutia sobre eles, sobre os planos, os roteiros, foi bem bacana” (Xaiane, 22 anos).

Teve muita teoria, a gente assistia muitos vídeos, eles mostravam e explicavam os modos de edição, a gente viu muito filme antigo, muito de fotografia, som, câmera, roteiro. Foi muito bom ver a história do audiovisual, os vídeos polêmicos. A gente também analisava os programas de TV. Foi muito bom (Lucas, 22 anos).

Apesar de parecer chato para alguns, o processo formativo para atuar junto às mídias, contemplou em suas oficinas aulas teóricas, antes que fosse chegado o momento de sair pela comunidade fazendo as gravações e materializando o produto audiovisual. É

³²¹ Os adolescentes, em contato permanente com as telas (de televisão, de cinema, de telefones celulares e de computador) estão acostumados a uma maior rapidez, imediatividade e fragmentação. Os adolescentes experimentam uma nova sensibilidade na qual a leitura linear deu lugar à percepção simultânea. Tradução do autor.

justamente nisso que consiste o projeto, em capacitar, em preparar os jovens para os usos e as apropriações das mídias digitais, e não em simplesmente dar-lhes equipamentos para que saíssem por aí filmando aleatoriamente. Era preciso, antes, discutir sobre a mídia, debater sobre seus produtos, tecer movimentos de leituras críticas, de percepção das entrelinhas do discurso midiático, mesmo que se corra o risco de parecer chato ou enfadonho. Muito se fala sobre a importância de levar as novas tecnologias da comunicação para a escola – e que, inclusive existe um certo receio de educadores com relação à incorporação dessa “novidade”. Mas é importante atentar, também, para a necessidade de não descolar os usos dos meios de comunicação de uma reflexão teórica que deve sustentar essas apropriações, sob pena dos usos tornarem-se vazios de sentido, ou meras repetições do que vemos na mídia hegemônica. Nesse sentido, as oficinas reflexivas – e não somente práticas – são fundamentais. Interessante quando Pinto (2008, p. 113) afirma que

Lo que consolida y profundiza la democracia no es la información, sino el debate. [...] La ciudadanía y la formación de los ciudadanos pasa cada vez más por la capacidad de crear puentes entre universos como el de la escuela y los medios de comunicación, y actualmente las redes globales de comunicación³²².

Todos os jovens pesquisados apontam sua participação no projeto como positiva, ressaltando o caráter ativo de sua presença, sempre disposta a ajudar no que fosse necessário. Um dos informantes, entretanto, ressalta que se houvesse mais tempo acredita que poderia ter desempenhado uma atuação mais protagonista e, principalmente, acha que poderia ter aprendido mais, mas que, infelizmente o projeto foi muito curto. “Acho que foi boa [a participação], mas eu acho que poderia ter feito mais coisas e aprendido mais, sendo que o projeto foi muito curto, sabe? Mas eu desenvolvi algumas coisas” (Roberta, 18 anos). Já com relação às atividades assumidas por cada um dos participantes em suas experiências nos projetos – tanto do *Aldeia* como no Mapa ao Quadrado –, percebemos, a partir das falas dos nossos jovens, que as funções com mais responsabilidades eram destinadas aos atores

³²² O que consolida e aprofunda a democracia não é a informação, senão o debate. A cidadania e a formação dos cidadãos passam, cada vez mais, pela capacidade de criar pontes entre universos como o da escola e os meios de comunicação, e, atualmente, as redes globais de comunicação. Tradução do autor.

juvenis com mais experiência no assunto, ficando a cargo das meninas de Chaval as obrigações mais relacionadas às filmagens e às entrevistas, sem que a elas coubessem atividades mais amplas e de caráter mais gerencial. Mas isso não quer dizer que exista uma falta de confiança da parte do coordenador do projeto. Como foi possível observar ao longo do trabalho de campo, elas mesmas se eximiam de assumir qualquer coisa que exigisse um grau maior de dedicação, optando sempre por ajudar nas atividades, de certo modo, mais mecânicas, como as filmagens, por exemplo.

Já os jovens que possuem uma trajetória mais longa nesse tipo de atuação, atestam o exercício de múltiplas funções, passando por filmagens, edição, roteiro, produção, monitoria, etc. “No Mapa eu fiz produção e monitoria. Nos projetos do *Aldeia* era mais produção e roteiro também. Tem o cine-clube, que eu que coordeno, mas que agora tá meio parado. Produzi o festival agora em junho, trabalhei feito uma condenada, era responsável por muita coisa” (Xaiane, 22 anos). “Eu atuo mais na parte de roteiro e produção. No Mapa eu corria atrás de resolver as coisas, ligava, mandava e-mail, tava sempre em contato com o Valentino. Ninguém queria ir atrás das personagens do Morro, porque tinha vergonha. Daí eu fui lá e fiz isso também” (Jaqueline, 22 anos). “Além da parte das filmagens e dos roteiros, eu me envolvia muito na produção dos vídeos, organizando, planejando, divulgando, marcando passagem e hotel para as viagens, cuidando da documentação, fazendo contato, já fiz plantão digital” (Lucas, 22 anos). Como podemos perceber, constroiu-se um panorama no qual os jovens assumem responsabilidades e atuam de forma direta na produção de conteúdos midiáticos, participando em todo o processo de materialização dos vídeos, desde a criação do roteiro até a edição final. Nesse sentido, vale a pena resgatar a fala de Montiel (2003, p. 159), quando este autor afirma que “a irrupção das novas tecnologias na economia mundial está transformando radicalmente a maneira de criar, produzir, distribuir e consumir os produtos culturais”. Cardoso (2007) complementa o raciocínio, quando nos faz atentar para o fato de que a sociedade em rede potencializa para que sejam produzidos novos formatos de comunicação e ampliados os processos de empoderamento, proporcionando um movimento de autonomia comunicativa.

Sobre os modos como se sentem culturalmente retratados no projeto, todos os nossos informantes afirmam que enxergam naquele espaço uma representação das suas vivências, em maior ou menor grau. “Os projetos em que eu trabalhei mexem muito com

isso, com a cultura do meu bairro, do meu cotidiano. As idéias que a gente passa são das nossas vivências. As nossas experiências tão alí quando a gente tá escrevendo um roteiro. Não tem como não se identificar” (Jaqueline, 22 anos). “Mostra mesmo como é a comunidade, o que a gente gosta de fazer, a cultura do local. Mostra a questão da pesca, o jogo de bola dos meninos, a feira, a pracinha. Mostra as coisas simples mesmo, por isso eu acho que a cultura daqui foi muito bem representada” (Xaiane, 22 anos). Nesse cenário é perceptível a incorporação, na perspectiva de trabalho dos projetos socioculturais, de demandas pautadas nas identidades culturais, nas necessidades de reconhecimento e de pertencimento, movimentos característicos de um exercício de cidadania intercultural. Sobre isso, Cogo (2005a, p. 2), afirma que os processos de “incremento das tecnologias da comunicação [...] são fatores que favorecem a emergência e a afirmação de múltiplas identidades culturais, assim como a busca de sua visibilidade pública por meio das mídias” Lucas, 22 anos nos oferece, em sua fala, um exemplo das dinâmicas que se sucedem no marco dessa (re)descoberta da comunidade.

Você passa sempre pelo mesmo caminho, vê sempre aquela senhora que está alí fazendo a renda, mas aquilo passa despercebido. Aí você desperta o seu olhar pra querer saber como foi que ela aprendeu. A mesma coisa com relação à pesca, você vai entendendo as histórias, vai sabendo que, na maioria dos pescadores, essas atividades são passadas de pai para filho, e aí, você acaba descobrindo que é parente de algum. Você vai identificando verdadeiros personagens da comunidade, que são interessantes, mas que você nunca atina para eles. [...] Eu nunca mais fui o mesmo. Eu quero sempre saber o porquê, quem, como, onde. Você passa a fazer essas perguntas básicas.

Sobre o exercício da cidadania em projetos como esse, a partir dos usos e apropriações das mídias digitais, os jovens pesquisados dividem-se entre aqueles que acreditam no potencial cidadão através da disseminação de conhecimento e os que crêm na atuação comunitária, na transformação do entorno local, como o principal potencial de inserção cidadã das mobilizações coletivas. “A gente aprendeu coisa nova aqui, eu nunca tinha usado essas coisas de câmara” (Roberta, 18 anos). “As pessoas ajudam a gente a fazer uma coisa que a gente não sabe, elas trazem um conhecimento” (Rosa, 19 anos). “É algo que me tira das ruas, que deixa a minha mente mais envolvida. Eu vou poder estar expondo

as minhas idéias. [...] O poder do cidadão é poder fazer algo que pode melhorar o meio em que você vive, o local onde você mora” (Jaqueline, 22 anos). “Você tá trabalhando para desenvolver uma parte da sua comunidade, ensinar o que você sabe, passar o conhecimento. E você aprende ao mesmo tempo. Você está fazendo todo um papel de cidadão” (Lucas, 22 anos). “Nesses projetos a gente trabalha diretamente com o jovem e você pode influenciá-los em muitas coisas. [...] Qualquer trabalho na comunidade, voltado para a comunidade onde você vive, já é fazer um papel cidadão” (Xaiane, 22 anos). Nesse sentido, Tufte (2010) levanta elementos que nos fazem perceber que os jovens de hoje utilizam a mídia – seja como consumidores ou como produtores – para se referirem à sociedade circundante e ao entorno local e para tentar responder civicamente à injustiça, à desigualdade e à violência, atuando de forma a comunicar para a transformação social. O autor (2010, p. 56) ainda completa, apontando o potencial dos “movimentos sociais e da sociedade civil orientados para atividades de mudança, incluindo as atividades insurgentes da juventude na produção e utilização da comunicação e da cultura popular mediada”.

Sobre a opinião dos jovens informantes acerca do Mapa ao Quadrado – e dos projetos do *Aldeia*, de forma geral –, todos fazem considerações positivas, avaliando que a experiência superou as expectativas depositadas por eles. “Como participante, eu acho que o Mapa ao Quadrado correspondeu às minhas expectativas. Tive aulas teóricas, aulas práticas, acho que foi um projeto novo, experimental” (Jaqueline, 22 anos). “Eu gostei do projeto. Ele ensinou a gente a mexer nas câmeras, a fazer filmagens. Acho que correspondeu sim” (Rosa, 19 anos). “Acho que o resultado final do Mapa foi muito, muito bom. Foi muito bacana, surpreendeu. Fiquei muito feliz com a experiência e com o documentário que foi apresentado no final” (Xaiane, 22 anos). Sobre o que mudariam no desenvolvimento do projeto, caso lhes fosse possibilitado fazer algo de diferente, os protagonistas da pesquisa apontam diversas questões desfavoráveis, em seus pontos de vista, ressaltando a ausência de transformações concretas na comunidade, a falta de planejamento e a “chatice” das oficinas teóricas. “Deveria ter acontecido mais coisas no projeto, porque o tempo que durou não mudou muito as coisas por aqui. No final do curso, quando a gente botou o vídeo para o povo ver, a gente chamou todo mundo do Morro, mas não apareceu muita gente” (Roberta, 18 anos). “Eu achei ruim uma coisa: a gente se perdia durante o projeto, a gente teve um pouco de dificuldade. É tanto que uma parte da galera

deixou de ir” (Xaiane, 22 anos). “Eu sei que ele tava explicando as coisas, o que era para fazer, como era pra ser feito, mas eu não gostei das partes onde ele só falava e a gente só ficava ouvindo” (Rosa, 19 anos). Apesar da pluralidade de críticas, podemos perceber uma certa concentração de opiniões a respeito da falta de encaminhamento ao mercado de trabalho. “A questão é que você precisa de dinheiro, você precisa trabalhar. Como eu te disse, não é uma coisa constante, que te dê estabilidade. Você precisa ser adulto, pagar suas contas, sustentar sua família” (Lucas, 22 anos).

Acho que o único defeito é que eles não te colocam no mercado de trabalho. Eu sei que é muita gente para encaminhar para o mercado, mas eles podiam, tipo, ter mais atenção durante o projeto para ver quem se destaca e selecionar esses para serem contratados por um período de experiência em um veículo de comunicação, na TV Verdes Mares, por exemplo. [...] O problema também é que a pessoa participa desses projetos, ela faz esses cursos, mas quando termina ela não tem uma graduação, então fica difícil ela ser inserida no mercado se ela não tem tanto conhecimento teórico (Jaqueline, 22 anos).

Percebemos aqui dois elementos interessantes com relação à questão do trabalho. Primeiramente vemos a emergência de um certo paradoxo que se apresenta na fala de parte desses jovens, quando, ao mesmo tempo que criticam os meios de comunicação por uma série de falhas, mantêm o desejo de que os projetos do *Aldeia* os forme e os encaminhe para empregos na grande mídia, como o Sistema Verdes Mares, em Fortaleza, afiliado da Rede Globo. Podemos tecer relações entre esse tipo de ânsia por atuar nos meios hegemônicos com a era em que vivemos, tão marcada pela visibilidade midiática e por uma ênfase no individualismo contemporâneo, cultivado, em parte, pela própria mídia. O outro elemento peculiar diz respeito à questão da precariedade do emprego e da ausência de vínculos trabalhistas estáveis e duradouros como elementos que marcam o contexto de nossos informantes – de certo modo impedindo-os de entrar no “mundo” adulto –, apontando uma necessidade de que os projetos sociais que lidam com o universo juvenil encaminhem esses jovens de forma prática, para que as mudanças em suas vidas não cessem quando o projeto tiver fim ou quando a associação passar por problemas financeiros e suspender suas atividades. Apesar de termos em conta que existem casos em que os jovens – após passar pela experiência de atuar com as mídias em projetos socioculturais – começam a trabalhar

como cinegrafistas, sendo contratados para cobrir festas e eventos realizados, muitas vezes, na própria comunidade – como casamentos, batizados, apresentações artísticas, etc. –, os custos dos equipamentos envolvidos na profissão, apesar de todo o barateamento sofrido, ainda podem ser tomados como empecilhos para disseminar este tipo de prática. É claro que deve haver nesse movimento de transformação social, também, a ativação de um recurso individual – a força de vontade, por exemplo –, que é o de usar a vivência nas ONGs a seu próprio favor, procurando não deixar que a rotina volte a ser o que era antes da participação nas associações e em suas atividades. O exemplo de Xaiane – que trabalhava como um boneco, com o corpo e o rosto cobertos, e hoje tem filme produzido e viagens à São Paulo e à Canoa Quebrada para receber prêmios – é interessante nesse sentido. Mas as constantes preocupações com o mercado de trabalho não deixam de ser reveladoras de uma situação angustiante para a juventude, como nos diz Dayrell (2004, p. 7), quando destaca que “o quadro de escassez de empregos, em meio ao elevado excedente de mão-de-obra, torna os jovens um dos principais segmentos da população ativa mais fragilizados”.

No que diz respeito aos processos decisórios e à gestão desenvolvidos no âmbito do Mapa ao Quadrado e dos demais projetos do *Aldeia*, os jovens apontam o caráter democrático e a participação de todos nos debates e encaminhamentos, o que pôde ser observado na prática, ao longo do trabalho de campo. “Eles são muito democráticos. Eu gosto no *Aldeia* e no Mapa justamente isso, a chance e o espaço que eles dão pra gente falar, pra gente colocar nossas idéias, pra gente se expressar e agir. Eu acho isso bacana demais” (Jaqueline, 22 anos). “A gente debate sobre tudo. Porque o importante desses projetos não é você chegar com tudo pronto, mas botar os jovens pra pensar. É mais bacana de se trabalhar assim. No Escola de Mídia, por exemplo, os roteiros filmados todos saíram das nossas mãos” (Xaiane, 22 anos). A exceção dessas dinâmicas democráticas fica, como já foi dito anteriormente, por conta dos momentos em que Valentino editava o vídeo em casa – por conta dos atrasos – e trazia o material pronto no encontro seguinte, perguntando aos jovens sua opinião. É claro que quando o coordenador do projeto chega com algo feito por ele mesmo e abre a discussão sobre o produto as chances de alguém criticar o que foi feito ou propor algo diferente são bem pequenas, reduzindo-se, então, o espaço democrático. Por outro lado, o rapaz comentava diversas vezes sobre a necessidade urgente de concretizar a edição dos materiais audiovisuais e sair um pouco do âmbito abstrato, na

qual as “viagens” – como, às vezes, definem os próprios jovens as suas idéias – não se convertiam em produtividade. Também vale atentar para a existencia de dois cenários de gestão, um que seria mais vinculado à experiência artística e outro, voltado para as questões burocráticas. “Em termos administrativos não tinha como ser democrático, porque são eles [coordenadores] quem respondem pelas coisas. As decisões já vinham prontas desde o edital, já existia um roteiro pronto, que havia sido aprovado, então a gente não tinha muito como opinar” (Lucas, 22 anos). A fala de Rosa, 19 anos também nos faz refletir que a falta de participação nas tomadas de decisão pode ser uma opção dos próprios envolvidos, que se abstêm de dar a sua opinião, seja por timidez, insegurança ou mesmo desinteresse. “Às vezes nem todo mundo falava, porque ficava nervosa. A gente ficava com vergonha, por isso muitas vezes eu ficava só na minha mesmo”.

Se fossem selecionados para coordenar um projeto social que utilizasse as mídias, nossos informantes afirmam que o fariam nos moldes do que é executado pelos projetos e parceiros do Aldeia, como o Mapa ao Quadrado. “Ah, acho que faria mais ou menos assim como o Mapa ao Quadrado” (Xaiane, 22 anos). “Acho que seria mais na linha do Aldeia mesmo, porque eu ainda não vi um projeto sobre produção de filmes e documentários que tratasse das seis coisas fundamentais, que são roteiro, produção, direção, câmera, som e edição” (Jaqueline, 22 anos). “Eu faria igual aos projetos do Aldeia” (Lucas, 22 anos). Sobre o que mudariam, os pontos de vista contemplam demandas diversas, desde a causa da habitação até o acompanhamento dos jovens envolvidos no projeto, para que fossem incorporados pelo mercado e saíssem da associação empregados. “Eu tentaria fazer algo mais aqui pelo bairro, ajudar muita gente aqui que precisa. Podia falar com o governo para ele construir mais casas. Muitos fazem barracos por aí e eles são derrubados pela prefeitura. Também podia conseguir mais trabalho para o pessoal aqui” (Roberta, 18 anos). “Eu acrescentaria no projeto a inserção no mercado de trabalho das pessoas que mais se destacaram no curso” (Jaqueline, 22 anos).

Eu faria até com menos integrantes, para que o projeto fosse algo mais ativo, para formar profissionais mesmo. Poderia se gastar não com a contratação de monitores, mas de técnicos mesmo, para formar essas pessoas como profissionais, que pudessem ter uma continuidade na profissão. [...] Com menos gente você consegue ter um controle maior, identificar melhor quais são as pessoas que realmente tem interesse,

porque você faz um projeto para mais gente e quando ele acaba as pessoas jogam tudo para o ar (Lucas, 22 anos).

Enxergamos aí mais um exemplo nítido da importância do trabalho nas demandas dos jovens do Morro Santa Terezinha, que acreditam no encaminhamento profissional como um objetivo a mais que poderia ser desenvolvido no âmbito dos projetos sociais. Nas entrelinhas das falas dos nossos informantes é possível detectar a necessidade, da parte deles, de perceber uma herança mais concreta, palpável, tangível da atuação das associações no seio da comunidade, para além de todas as transformações de ordem identitária. Hopenhayn (2002), teorizando sobre a relação entre trabalho e cidadania, nos fala que na contemporaneidade o crescimento econômico não tem sido acompanhado de um aumento nos postos de trabalho, em virtude do desenvolvimento tecnológico, que vem substituindo o trabalho humano pelo emprego de máquinas. Neste sentido, o autor nos fala que “o enfraquecimento das organizações sindicais, a flexibilização do emprego, o desemprego crescente [...] e a perda da centralidade do trabalho implicam o descentramento deste sistema. Com isso, o exercício da cidadania também se descentra” (HOPENHAYN, 2002, p. 6).

4.5.5 Relações entre cidadania, mídia e entorno local

As percepções dos jovens informantes sobre o significado de cidadania parecem girar, em sua maioria, em torno do vínculo direto entre retidão e bom caráter e o exercício cidadão. “Cidadania é você fazer o seu papel corretamente, eu acho que é saber identificar o que é certo ou errado. E saber passar isso ao próximo. Eu acho que é isso” (Lucas, 22 anos). “Cidadania é a gente ser mais prestativo, ajudar mais a quem precisa, fazer alguma coisa boa (Roberta, 18 anos). “Cidadania é a gente fazer as coisas direito, a gente aprende isso no colégio” (Rosa, 19 anos). A partir dessas expressões, podemos destacar um sentido moral e normativo da cidadania, intrinsecamente vinculado ao politicamente correto. Nesse sentido, DaMatta (1991) aponta que ser cidadão pode ser visto como algo que se aprende, como um papel social, demarcado por expectativas de (bom) comportamento. Outras falas fizeram emergir, também, sentidos de uma cidadania intercultural, vinculada a um

sentimento de pertencimento e de reconhecimento identitário a partir da relação com o local (CORTINA, 2005), no caso dos jovens, com a comunidade. “O fato de você fazer parte da comunidade, de ter um papel nela, de representar a sua cultura, você já está exercendo a sua cidadania” (Xaiane, 22 anos). Somente um dos nossos informantes explicita um ponto de vista mais amplo – e aprofundado, ao mesmo tempo – sobre a cidadania, que não a caracteriza de forma passiva e apenas condicionada ao bom comportamento no espaço público.

Cidadania é ter direito à saúde, à educação de qualidade, à moradia digna, a um espaço cultural, a coisas gratuitas, que, na verdade, não são gratuitas, já que eu pago os meus impostos ao governo. Ser cidadão é tudo isso, é você ter acesso a um teatro, você não ser privado de segurança e policiamento. Cidadania é você dar o seu voto. Eu acho que ser cidadão é ter direitos e ser consciente dos seus deveres. Pense em quanta coisa de errado que você vê e deixa pra lá. Ai vem outra pessoa e deixa pra lá também. Ai, quando você vai ver, quantas pessoas deixaram isso pra lá? Eu acho que você também tem que tomar uma posição (Jaqueline, 22 anos).

Com relação ao que acreditam ser a periferia, a noção construída pelos jovens a esse respeito aparece, na maior parte dos casos, como uma identidade atribuída ao outro. A periferia surge também, na visão dos nossos informantes, com o mesmo sentido que favela, englobando a mesma visão pejorativa que cerca este termo, ou seja, como lugar de ausências, onde os excessos só são encontrados no que diz respeito à violência. “Periferia é onde você vê essas meninas tudo grávidas, os meninos sendo marginais, drogas, assaltos, miséria, gente que tem aquele instinto de violência. Você vê muita pobreza e até consegue identificar com aquelas imagens da África, são bem parecidas” (Lucas, 22 anos). “Aqui não é periferia, porque a gente tem saneamento básico, a gente tem escolas. A gente não considera isso aqui favela, e sim comunidade. Comunidade é, na verdade, um termo político, mas quando você fala em comunidade dá uma idéia de algo mais organizado” (Jaqueline, 22 anos). “O pessoal do interior não sabe o que é periferia não, lá é diferente. Pode perguntar a qualquer um que tenha vindo do interior que a pessoa não vai saber” (Rosa, 19 anos).

Quando eu penso em periferia me vem à cabeça favela. As meninas de shortinho curto, aqueles viados dançando até o chão, aquele monte de moleques, isso sim é periferia. Aqui no Morro é uma comunidade, mas, na verdade, você nem sabe direito onde termina a comunidade e começa a favela. E o doido disso tudo é que agora você não pode mais chamar um lugar de favela não, tem que chamar de comunidade, sabia? (Xaiane, 22 anos).

É possível atentar, na fala desses jovens, para a existência de um processo de negação da periferia enquanto realidade experiencial a qual podem estar associados. Em termos geográficos, de fato, não é possível apontar o Morro Santa Terezinha como zona periférica, já que a região do Mucuripe não se encontra distante do Centro da cidade, e tampouco longe das áreas mais nobres de Fortaleza, como a Beira Mar. Mas a precariedade na assistência do Estado, a dinâmica de confinamento – poucas linhas de ônibus, recusa de taxistas em subir o Morro –, a estigmatização da região pela mídia local, e o preconceito enfrentado pelos moradores da área atestam a presença de uma dimensão simbólica de periferia. Percebemos, nesse sentido, a construção, por parte dos jovens, de formas de auto-preservação contra o preconceito – que, muitas vezes, vem do próprio jovem morador das áreas pobres das cidades, como podemos observar nas falas dos nossos protagonistas – que há com relação à periferia, sendo uma categorização que parece não lhes alcançar, mas apenas ao outro. Segundo nos faz refletir Dayrell (2004), viver na periferia implica conviver com a lógica perversa da metrópole que tende a segregar esses sujeitos sociais, reforçando a existência de uma cidade partida.

Por outro lado, Paiva (2007) resgata a visão de Tönnies sobre as formas de convivialidade humana para apontar que a vida comunitária pode ser dada a partir de três possibilidades: a consaguínea, que envolve relações de parentesco; a espiritual, atravessada pelos afetos comuns; e a de proximidade, baseada nas relações de vizinhança, que nos interessa especificamente. A autora afirma que as relações vicinais caracterizam, principalmente, as comunidades tecidas no âmbito dos espaços populares, como podemos perceber no Morro Santa Terezinha, que inclusive possui associações de moradores, caracterizando o tecido social que habita este perímetro urbano. Apesar da violência, dos problemas habitacionais, das casas erguidas em terrenos invadidos, das drogas e de outros elementos constituintes de um sentido de favela, os jovens moradores do Morro identificam-se com o sentimento de comunidade – um pouco mais organizado, segundo a

fala de uma deles – e com o comportamento politicamente correto, que coage para a não utilização do termo “favela”.

Ainda nesta seara, a totalidade dos jovens investigados nesta pesquisa aponta os preconceitos sofridos pelos moradores do Morro Santa Terezinha, quando interagem com atores coletivos de outras regiões da cidade. “Algumas pessoas são preconceituosas. Você é mais pobre, e acho que as pessoas mais desenvolvidas não dão muita atenção ao que as pessoas fazem aqui no Morro” (Roberta, 18 anos). “Quando você diz que mora aqui no Morro a pessoa fala ‘vixe’. A mídia foca principalmente nas mortes, nos assassinatos. Eu acho que é um preconceito sim, uma idéia pré-concebida por falta de conhecimento, já que muitos dos que falam nunca vieram aqui” (Jaqueline, 22 anos). “Com certeza há preconceito. Quando você fala no Morro Santa Terezinha já existe um estereótipo, as pessoas que não conhecem acham que só mora marginal, gente que não presta. E não é também desse jeito. As pessoas hoje são identificadas pelo local onde moram” (Lucas, 22 anos).

Há preconceito sim. Uma vez eu tava no Dragão do Mar e queria voltar para casa, só que nenhum taxista quer vir para cá, porque dizem que aqui é favela, que aqui é perigoso, que só tem violência. Também já ouvi falar de muitas histórias de gente que não foi chamada pra trabalhar porque disse que morava aqui, foi muito chato, preconceito total. Eles falam que não tem mais a vaga porque acham que as pessoas que moram aqui são ladrões. Não é porque você mora na favela que você é bandido. Tem muita gente que mora na favela e não é criminoso e não tem nada a ver com tráfico de droga. O problema é que por causa de uma parcela os outros todos pagam (Xaiane, 22 anos).

Desde a antiguidade que se criam e se disseminam preconceitos para indicar o outro como causa do perigo e do medo. Todos que fugissem ao padrão estabelecido pela igreja – os feiticeiros, os bruxos, os muçulmanos, os ciganos, etc. – eram vistos como outros, como inimigos a serem combatidos. No processo de desenvolvimento e de urbanização das cidades a percepção do outro se dava através do imigrante, do indivíduo que vinha “de fora” e que, muitas vezes, via-se responsabilizado pelos atos de incivilidade que se multiplicavam na metrópole. Mas esse tipo de preconceito não ficou restrito à antiguidade, pois até hoje o nordestino é visto como o outro que traz a barbárie de volta aos modernos

centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente. “A fala do crime nunca abandona suas categorias preconceituosas, essas categorias a constituem. Associam o crime às favelas e denigrem os favelados” (CALDEIRA, 2000, p. 81). Grisolia (1998, p. 38) alicerça esta posição, quando afirma que

em muitas ocasiões os malfeitores apresentam características de um grupo determinado. Isto reforça nossos preconceitos sociais e contribui para a marginalização destes grupos. Este aspecto da violência, além disto, nos reconforta, já que parece confirmar que nossos preconceitos pessoais são corretos, ainda que na realidade não o sejam.

Acerca das expressões culturais que os jovens percebem ao seu redor, a maior parte deles ressalta o forró como a grande manifestação de cultura em Fortaleza. Com relação especificamente ao entorno local, o *hip hop* aparece na fala de todos os protagonistas da pesquisa como o maior referente cultural do Morro Santa Terezinha. “Aqui tem muitos grupos de dança, de hip hop” (Roberta, 18 anos). “A quadrilha, o break, o hip hop, a capoeira também. Tem uma galera que trabalha com isso aqui, tem projetos sociais e tudo” (Xaiane, 22 anos). “Aqui no morro é mais funk e hip hop. Acho que onde tem favela aqui em Fortaleza tem hip hop” (Rosa, 19 anos). “O pessoal aqui curte muito hip hop, forró, suingueira” (Jaqueline, 22 anos). “hip hop, quadrilha, festa junina, muita banda de pagode” (Lucas, 22 anos). Herschmann e Galvão (2008) apontam o *hip hop* como uma manifestação do universo cultural juvenil identificado, especialmente, com as periferias e favelas.

O *hip hop* pode ser pensado como um contradiscurso, que vai de encontro ao modo como as periferias, favelas e demais áreas pobres das cidades são visibilizadas pelos meios de comunicação e apropriadas pela classe média. Essa subcultura juvenil – que não é marcada só pela música, mas, também, pela forma de vestir e por uma linguagem que lhe é própria – configura-se a partir de um sentido mais sociopolítico, constituindo-se como uma espécie de manifestação cultural de tempos mais conflituosos, como os que vivemos agora. As batidas e as letras pesadas do *hip hop* fazem referência ao tráfico de drogas, ao preconceito racial e social, à violência policial, à pobreza e às demais situações de exclusão vivenciada de forma constante na rotina dos moradores das zonas mais abandonadas das

grandes metrópoles. Herschmann e Galvão (2008) falam na expressão de uma cultura das favelas, que se constitui

em uma produção cultural capaz não só de espelhar uma realidade ‘dura’ dessas localidades, mas que, também, de alguma forma, exprime a reivindicação da ampliação da cidadania ao segmento social que habita essas áreas urbanas e que durante muito tempo foi relegado a um segundo plano: um universo escondido ou ignorado por meio de uma segregação compulsória na dinâmica urbana (HERSCHMANN e GALVÃO, 2008, p. 198).

Com relação ao modo como os meios de comunicação tratam as questões vinculadas ao exercício da cidadania, nossos jovens apresentam uma posição que – apesar de ter em conta a ampliação do espaço destinado à informação – tende mais para uma visão negativa acerca da atuação das mídias a esse respeito. E o mais contraditório nessa apropriação dos informantes da pesquisa é que, mesmo tendo em mente a atuação falha dos meios, os jovens ressentem-se do fato dos projetos socioculturais não os formarem para trabalhar nesta mesma mídia que criticam. “Vejo muito no jornal eles mostrarem os projetos que estão sendo desenvolvidos nas comunidades, mas a gente também tem uma mídia que passa muita criminalidade. É importante saber a realidade, mas isso é ruim para a imagem da comunidade (Lucas, 22 anos). “Tem umas coisas que a gente vê na mídia que mostram os trabalhos legais da comunidade, mas a mídia gosta muito de mostrar o lado podre das coisas, né, pelo menos os jornais que fazem sucesso aqui em Fortaleza são aqueles que mostram quem morreu e como” (Xaiane, 22 anos). “A mídia mostra as coisas do mundo inteiro, mostra as notícias, o que as pessoas estão fazendo, deixa a gente informando dos acontecimentos. Mas também fala muita coisa ruim, muita coisa de crime, violência, acidente. É só pra dar audiência” (Roberta, 18 anos).

Hoje em dia é bem divulgado na mídia a questão dos direitos e dos deveres, eles estão informando mais, dando mais espaço para essas notícias. Mas isso até certo ponto, porque se a informação dos seus direitos chegar a todos tu acha que não vai haver uma revolução? Se ainda em 2011 existe o voto de cabresto, o voto em troca de uma dentadura ou de um saco de cimento é porque essas pessoas não têm conhecimento de seus direitos, então a mídia passa as informações de forma maquiada, porque ela está a favor de quem está mandando, de

quem está na situação no governo. Então a mídia mascara um pouco a questão da cidadania (Jaqueline, 22 anos).

Nesse sentido, percebemos uma atuação midiática na esfera da cidadania que, na visão de nossos sujeitos-pesquisados, se volta para a informação, para a publicização dos fatos e dos acontecimentos. Mas até mesmo a informação – tão propalada por alguns autores como um elemento primordial na configuração da cidadania midiaticizada dos sujeitos – vem sofrendo sucessivas transformações ao longo dos tempos, propiciando um reenquadramento de suas condições de produção e uma atualização de sua concepção nos dias atuais. A questão do interesse público passa por uma reelaboração de sua definição em grande parte do campo jornalístico contemporâneo, que deixa o modelo da imprensa de opinião para constituir-se, no cenário hodierno, em modelo de imprensa empresarial. Com isso, o jornalismo passa a ser entendido não mais

como um conjunto de serviços sociais destinados a suprir a ‘arena da opinião civil’, mas como um sistema industrial de serviços voltados para prover o ‘mercado de informações’ segundo o interesse das audiências [...] num estado de enorme concorrência (GOMES, 2003, p. 37).

Nesse processo de transformação do jornalismo o sentido de “público” também passa por reconfigurações, também tem seu sentido original modificado. O público deixa de estar relacionado à cidadania, ao povo, para se vincular, na contemporaneidade, à audiência, a uma cota de pessoas, a uma grandeza demográfica qualquer. Com a mudança na noção de público e de interesse público, a partir da transferência de foco do cidadão para a audiência, muda, também, obviamente, o conceito de notícia, do que é e deve ser notícia. A informação para um público entendido como cidadão é diferente da notícia de interesse para um público convertido em audiência. A audiência, agora configurada em públicos segmentados e diversos, tem interesses distintos, procura por informações diferenciadas, as quais o jornalismo, pensado sob uma configuração mercadológica (BOURDIEU, 1997) deve corresponder. Com isso tudo, a cidadania proporcionada através da informação, da visibilidade de acontecimentos oferecida pelo sistema midiático ao conhecimento público, sofre uma substancial mutação. Segundo Gomes (2003, p. 48), “uma parte apenas [das

notícias] consiste em informações imediatamente importantes para a tomada de posição política e para a orientação política do cidadão. O resto satisfaz todo tipo de demandas de informação”.

Sobre a maneira como enxergam o tratamento dado pelos meios de comunicação ao perímetro do Mucuripe, todos os jovens informantes apontam o apelo sensacionalista da mídia quando da abordagem da região. “Eu vejo que eles mostram mais os pontos negativos do Morro, a violência. Coisa boa é difícil aparecer” (Roberta, 18 anos). “Os programas só mostram sobre quem morreu, sobre tráfico de drogas, é chato isso, sabe? O jovem sempre aparece como se tivesse se acabando em drogas” (Xaiane, 22 anos). “Só mostram morte, violência, as pessoas se envolvendo com drogas. Mostram o jovem como abandonado e viciado em droga” (Rosa, 19 anos). “Muitas mortes, drogas, crimes... A maior parte das reportagens sobre o Morro são sobre essas coisas. Não que seja tudo inventado, existe isso sim, mas também existem coisas boas que dificilmente são mostradas” (Lucas, 22 anos).

A mídia meio que sufoca a realidade daqui, ela mostra bem mais o lado ruim do bairro, e poucas vezes fala dos talentos. Ela sempre enfatiza o lado negativo da região. O jovem é sempre mostrado como marginal, malandro, ladrão, menor infrator, usuário de crack, maconha e cocaína. Teve uma época que a Aldeota tinha um dos maiores índices de dengue em Fortaleza e no Vicente Pinzón a dengue tava controlada. Mas a mídia nunca mostrou isso, porque não é algo que gere interesse e audiência (Jaqueline, 22 anos).

Os grupos sociais historicamente marginalizados e excluídos da sociedade aparecem nos produtos da mídia hegemônica a partir de um determinado enquadramento que, em muitos casos, não correspondem às suas vivências rotineiras. Mas é preciso dar conta das regras sedimentadas nos sistemas socioculturais nos quais estamos inseridos. Henn (2006, p. 182) aponta “uma série de silenciamentos a que segmentos mais marginalizados são submetidos. [...] A população mais pobre tende a ser vista como inimiga em potencial. Suas mortes são noticiadas de forma sordidamente replicante”. Após anos afastados do Morro, voltamos a frequentar o lugar durante o trabalho de campo para esta pesquisa, o que nos possibilitou enxergar, na prática cotidiana, a existência de um local descolado da imagem

de constante guerrilha urbana retratada pela grande mídia local. As pessoas estão nas ruas, passeando, indo e voltando do trabalho, namorando nas praças, andando com o carrinho da feira, sentadas nas calçadas conversando. Os carros estacionados no Mirante não são necessariamente arrombados e os transeuntes da área não têm obrigatoriamente seus pertences roubados. Os índices de criminalidade no Morro são altos, a própria fala dos moradores do local atesta isso, mas acreditamos – e o ponto de vista dos jovens corrobora isso – que a região não pode ser reduzida à violência e ao tráfico de drogas. É neste sentido que os protagonistas da pesquisa, sem exceção, gostariam de mostrar as coisas boas do morro, se pudessem comandar uma reportagem sobre o local. Os projetos sociais, os laços de amizade e vizinhança, a história das pessoas que fundaram a comunidade, a cultura do *hip hop*, as festas locais, especialmente as do mês de junho, surgem como elementos positivos da região que poderiam ser visibilizados, na fala de nossos jovens.

Com relação ao modo como os jovens passam a enxergar a comunidade após a participação em projetos socioculturais da natureza do Mapa ao Quadrado e de outros projetos capitaneados pelo *Aldeia*, somente um dos sujeitos-pesquisados afirma não ter percebido nenhuma transformação em seu modo de se apropriar do entorno local. Todos os outros jovens apontam as mutações pelas quais passaram seu olhar sobre a espacialidade de seus cotidianos. “Tinha uns lugares aqui onde eu não tinha coragem de andar. Mas aí a gente foi lá, fez entrevista com uma mulher, andou por lá. Agora eu já não tenho mais medo, e foi uma coisa que o projeto trouxe para mim” (Roberta, 18 anos). “Antes eu não ligava a mínima para o bairro. Hoje eu vejo que a gente pode trabalhar com uma coisa legal, que a gente pode mudar muita coisa com um simples gesto. E a gente pode começar a fazer isso aqui mesmo na comunidade, com os jovens daqui” (Xaiane, 22 anos). “Eu acho que, além da minha relação com o bairro, mudou a minha própria vida, porque essa experiência foi algo que contribuiu para o meu currículo, para o meu engrandecimento. Agora eu penso sempre que eu mesma posso fazer as coisas, sem esperar pelos outros” (Jaqueline, 22 anos). “Eu vi coisas, vivenciei experiências, andei em lugares que eu nunca pensei em andar na vida. Você começa a ver as coisas de uma forma diferente, você percebe que não é só criminalidade, você começa a ver as pessoas ao teu redor de outra forma” (Lucas, 22 anos).

As experiências em projetos culturais e em movimentos sociais possibilitam uma outra dinâmica com relação ao bairro, à comunidade, baseada na (re)descoberta, seja das pessoas como dos lugares, das festas como dos problemas. É possível perder o medo, ver o outro a partir de um prisma diferente e até mesmo enxergar-se de um modo distinto, afinal, como nos conhecermos se nos furtamos de compreender o local onde vivemos? Nesse sentido, os projetos socioculturais que trabalham com os usos e apropriações das mídias digitais proporcionam, ainda, o (re)contar de uma história, da nossa história cotidiana, que, quando é ordinária – e não excepcional – parece não encontrar espaço na mídia hegemônica. Nunes (2007, p. 98) afirma que “é essa cultura do cotidiano que aproxima e identifica os indivíduos em uma comunidade. Buscar subjetividade no processo comunicativo é ‘agir’ e ‘deixar agir’ dentre da relação emissão-recepção”.

4.6 Análise do vídeo *Mirada*

O produto analisado propõe-se a registrar o evento de exibição do documentário realizado pela equipe do projeto Mapa ao Quadrado, e faz isso com eficiência, mostrando a apresentação artística de algumas performances simultâneas, que acontecem ao ar livre no Morro Santa Terezinha: o rapper Erivan, a Mc Treta e o DJ Robson. As imagens variam entre as que são projetadas por um *VJ*, em um telão; as provenientes de pessoas que prestigiam a apresentação; e as advindas de um jovem que grava o show. Mas a parte visual concentra-se, principalmente, na performance dos rappers. Esta predominância está em sintonia com a própria natureza da música apresentada, em que o gestual dos artistas, em geral, é mais vigoroso que em outros estilos musicais, em que tendem a ser valorizadas posturas mais comedidas. Segundo afirma Machado (2000, p. 161), “de fato, o discurso musical pressupõe, ao lado dos seus atributos mais propriamente acústicos, todo um sistema kinésico, entendendo-se como tal o conjunto dos elementos motores invocado pelo intérprete durante a performance”.

Analisando o despojamento do material, aliado a forte presença da música que está em cena, logo surge uma associação com o formato videoclipe. A aproximação com o videoclipe, contudo, é menos pelo fato de os artistas constarem na imagem concretamente durante um tempo razoável e mais pelas estratégias expressivas que se manifestam na

composição visual. Dentre as estratégias visuais examinadas, incluem-se tanto aquelas criadas no momento da gravação – em parte, de improviso, ao acaso –, quanto as criadas no momento posterior, no processo de edição. Observando o material audiovisual, podemos afirmar, sem receio, que existe uma referência estética televisiva. Movimentos de câmera ágeis e escolhas de enquadramentos e ângulos no decorrer da apresentação são resultados de uma improvisação que, embora esteja ela também ligada a um repertório audiovisual dos autores do vídeo, nasce e se desenrola na dispersão das diversas ações, diluídas naquele ambiente e naquele momento preciso.

Esta mesma condição parece ter rendido ao material momentos de metalinguagem no vídeo, o que pode ser verificado na ação livre do jovem de camisa branca que grava o show com uma câmera de vídeo – acompanhado desde o início de seu trabalho, quando ele cumprimenta uma garota e começa a gravar. É possível vê-lo com frequência. Em vez de ser ocultado da imagem e ficar no extracampo – o que seria uma escolha aceitável –, a presença do rapaz é preservada e valorizada pelo enquadramento. Um momento mais específico acentua isso: quando a imagem registra o jovem apontando a lente da própria câmera para o espectador. Aqui, o vídeo e o seu aparato técnico tornam-se, também, por um momento, o assunto tratado pelas imagens. Sua inclusão na imagem não é gratuita, sendo tal opção uma escolha por uma linguagem metalinguística.

Com relação aos recursos plásticos de pós-produção, percebemos que foi aplicado, nesta etapa, um efeito que se assemelha a um “pulo” na imagem, que se repete com regularidade durante os oito minutos, tempo de exibição do vídeo. O que em outros contextos seria lido como uma falha na captação ou de exibição, aqui foi tomado como recurso expressivo para desestabilizar a imagem e a organização do quadro, bagunçando as figuras. Nota-se que, assim como o videoclipe, o material “busca também algo assim como uma nova visualidade, de natureza mais gráfica e rítmica do que fotográfica” (MACHADO, op. Cit, p. 178), embora alguns desses recursos já não sejam mais considerados inovadores dentro do próprio contexto de produção de videoclipes.

Seguindo este mesmo princípio, que busca uma gramática mais gráfica e rítmica, tem-se as primeiras imagens manchadas de tons da escala de cinza, com alto contraste. A imagem perde nitidez e se aproxima da abstração, tornando bem menos evidentes o reconhecimento dos detalhes das figuras no quadro. À medida que o *rap* se desenvolve e o

jovem com a câmera se posiciona, a imagem torna-se colorida. Pintar a imagem, fazendo-a sair do preto e do branco para as cores – não frias, mas cores vibrantes e ressaltadas no ambiente com pouca luz –, imprime um ritmo no plano visual que busca entrar em harmonia com o som que se ouve. É a imagem sintonizando-se com a música.

O som corresponde diretamente ao som do evento: união do som ambiente com *DJ* e *rappers*. Isto significa dizer que o som não foi construído pela equipe de vídeo, foi registrado tal e qual a percepção auditiva de quem assistia ao show naquele local. Os ruídos do ambiente se mesclam à sonoridade dos microfones dos *rappers* e ao equipamento de som do *DJ*. As imagens, assim como no videoclipe, tentam casar-se com o som, sendo o videoclipe mais interessante, na concepção de Machado (op. Cit, p. 178), pois se trata “daquele que nasce de uma sensibilidade renovada e de uma decisão crítica nos planos musical e audiovisual ao mesmo tempo”.

Toda a banda sonora é preenchida, assim, pela apresentação, que inclui as diferentes gravações do *DJ* – que aqui funcionam como refrões, que se repetem no decorrer do *rap* –, seus improvisos, e a interpretação das canções pelos *rappers*. As letras reúnem expressões que demonstram e compartilham indignação com a realidade vivida, que buscam a afirmação e o fortalecimento de uma auto-estima das pessoas do morro e que procuram transmitir mensagens positivas, religiosas ou não, para ajudar a enfrentar as dificuldades que surgem. Existe uma tentativa de resgate e de valorização de importantes fatos na história da cidade, elementos simbólicos e inspiradores para qualquer iniciativa de resistência. Extremamente necessário, pode-se dizer, do ponto de vista cultural, é conhecer essa história, assim como conhecer a canção de Belchior que nela se baseou, e ampliá-la, a princípio em forma de *rap*, depois em forma audiovisual. Esta preocupação com a história cultural local, a cidade de fortaleza, condiz com um pensamento de resistência e engajamento buscado pelo vídeo.

Se, por um lado, definir o material analisado apenas como registro videográfico de certo modo privilegia a atuação dos *rappers* que se apresentam em detrimento daqueles que produziram o vídeo (sendo assim eles simplesmente teriam captado a ação que ocorreu em frente à câmera), por outro lado, ao defini-lo como videoclipe, acentuam-se as estratégias expressivas da equipe de vídeo, que enriqueceu e modificou o material, transformando um registro videográfico em um produto audiovisual que possui traços fortes de um videoclipe.

“Mais recentemente o vídeo deixa de ser concebido e praticado apenas como uma forma de registro ou de documentação, nos sentidos mais inocentes do termo, para ser encarado como um sistema de expressão” (MACHADO, 1997, p. 188). Podemos dizer que o produto não apenas registra o evento, mas constrói um sistema de expressão que o caracteriza como videoclipe, o que o reveste de uma espécie de autonomia significativa para ser apreciado como tal, independente de outros produtos.

Aumont e Marie (2003), buscando maior apuro na análise de filmes, dividem em três tipos as informações que estes ofertam para a audiência: informações sensoriais, cognitivas e afetivas. A depender do caso, há predominância de um dos grupos. Apesar de todo o investimento plástico (oferta de informação sensorial) e de todo o engajamento mobilizado pelas letras (oferta de informação cognitiva), após o exame realizado no vídeo e nas mensagens do rappers, combinadas ao seu “sistema kinésico” (Machado, 2000) é possível afirmar que predomina no material a oferta de informação emocional. No material estudado a partir de uma análise imanente, como um todo, há um conjunto de estratégias que busca gerar efeitos emocionais.

5. JUVENTUDE, MÍDIAS DIGITAIS E CIDADANIA: ESTUDO DE CASO EM BARCELONA

5.1 Barcelona, uma cidade intercultural?

Para romper com o cenário fortalezense da pesquisa e transportar os leitores para os universos de sentidos e as experimentações com as mídias digitais desenvolvidos no âmbito do projeto *KDM* é preciso, antes de tudo, contextualizar e aproximar a cidade de Barcelona, corporificando-a através deste relato sobre sua história, sua cultura, seus moradores e, principalmente, acerca das experiências que se vivenciam na capital da Catalunha. Vale ressaltar que esta contextualização não se constrói a partir das análises de um barcelonense, nem mesmo de um catalão ou espanhol. Não se trata, aqui, de um nativo da cidade falando sobre ela, mas de um sujeito que, apesar de ter morado por um ano na metrópole, ainda se considera como um observador, de certo modo, imparcial, por julgar que doze meses não configuram um tempo suficiente para se formar um olhar entranhado. A dificuldade de tecer este resgate sobre a cidade e de apontar as experiências significativas vivenciadas em seus espaços torna-se maior e mais complexa ainda quando a narrativa é feita a partir de um olhar, de certa maneira, estrangeiro, sob o risco de acabar sendo superficial, caricato e de não conseguir expressar em texto a riqueza das práticas socioculturais múltiplas e contraditórias experimentadas na capital catalã, afinal, Barcelona é uma cidade de muitas nuances e de tonalidades extremadamente plurais para ser apresentada de forma escrita.

Barcelona é a capital da província de mesmo nome e da região autônoma da Catalunha, situada no nordeste da Espanha. É a segunda cidade espanhola em população – com, mais ou menos, 1,6 milhões de habitantes³²³ –, e possui o porto mais importante do

³²³ Fonte: IDESCAT - Instituto de Estadística de Cataluña
Disponível em:

Mar Mediterrâneo. A capital catalã configura-se como o núcleo de uma dinâmica região metropolitana, que comporta quase 5 milhões de moradores³²⁴. É uma cidade efervescente e vibrante, o que contribui para uma histórica disputa com Madrid – a capital do país – pelo posto de cidade mais cosmopolita da Espanha. Os barcelonenses apontam-na como motor de desenvolvimento econômico, comercial, social e cultural do país (MASCARELL, 2007), alimentando a rixa com os rivais nascidos na Comunidade de Madrid. Barcelona é uma cidade tipicamente mediterrânea, com temperaturas quentes no verão e suaves no inverno. A cidade delimita-se com o mar, para frente, com a Serra Collserola, para trás, e entre dois rios, o Besós e o Llobregat.

Já faz um certo tempo que Barcelona está “na moda” – quem não conhece alguém que afirme ter passado uma temporada na cidade ou ter vontade de fazê-lo?! – e vem cultivando determinadas unanimidades – mesmo que superficiais e provenientes do senso comum – em torno de si. Todos adoram Barcelona, todos acham a cidade linda, todos se encantam pela sua vida noturna e por sua bagagem cultural, todos amam perder-se pela arquitetura de Gaudí³²⁵. Enfim, a cidade enche os olhos dos milhões de turistas que a visitam todos os anos. E é lá que percebemos, de forma explícita, como algumas cidades do Brasil – mesmo as que aparentam trabalhar arduamente em prol de receber mais visitantes – engatinham ainda na indústria do turismo. Barcelona é cheia de gente o tempo todo, não importa a estação do ano ou o dia da semana, se chove ou se faz calor. É outra dimensão do mercado turístico, tanto em termos quantitativos – em 2010 foram mais de sete milhões de visitantes³²⁶ – como no que diz respeito à qualidade dos equipamentos – hotéis, centros de

<http://www.idescat.cat/territ/BasicTerr?TC=5&V0=1&V3=863&V4=435&ALLINFO=TRUE&PARENT=1&CTX=B&V1=08019&VOK=Confirmar>

Acesso em: 01 fev. 2012

³²⁴ Fonte: IDESCAT - Instituto de Estadística de Catalunya

Disponível em:

<http://www.idescat.cat/territ/BasicTerr?TC=5&V0=4&V3=863&V4=435&ALLINFO=TRUE&PARENT=1&CTX=B&V1=1&VOK=Confirmar>

Acesso em: 01 fev. 2012

³²⁵ Antoni Placid Gaudí i Cornet é um arquiteto catalão, reconhecido internacionalmente como um dos símbolos da cidade de Barcelona, onde se educou e passou grande parte da vida. É apontado como um arquiteto de novas concepções plásticas, ligado ao modernismo catalão. Gaudí tem seu estilo arquitetônico e artístico espalhado por toda a cidade. É o autor, dentre outros, do projeto da Sagrada Família, por exemplo, cartão postal da capital catalã.

³²⁶ Fonte: El Periódico de Catalunya

Disponível em:

<http://www.elperiodico.com/es/noticias/barcelona/20101220/barcelona-despedira-con-lleno-hotelerero-mejor-ano-turistico/630766.shtml>

convenções, estações de metrô, trens, ônibus e aeroportos, pontos turísticos, etc. – para receber este contingente de pessoas.

Para um observador comum – seja um turista ou mesmo alguém que passe um certo tempo, não muito, vivendo por lá – a capital da Catalunha pode até sugerir se encaixar em um ideal de cidade perfeita. Guarda a atmosfera clássica das grandes cidades européias, mas tem o mar e a praia, que a diferencia de boa parte das outras metrópoles; mantém a elegância e o estilo europeus, mas abre um grande espaço para a leveza e a descontração, talvez uma herança das mil cores e da ausência de formas retilíneas de Gaudí; preserva a sobriedade do Velho Mundo no trato com as pessoas, mas permite que seus bares, boates e demais opções de lazer noturno mantenham as portas abertas até de madrugada, enquanto muitas outras cidade no continente – algumas até maiores, como Paris, por exemplo – encerram suas atividades muito cedo. Barcelona parece ser, então, a cidade que reúne as melhores características dos dois “mundos”: a classe da Europa com a espontaneidade “caliente” do Mediterrâneo, apimentada pela presença de inúmeros migrantes, que acrescentam suas culturas diversas à receita dessa “mistura intercultural”.

Barcelona é uma cidade muito antiga. Em seus mais de dois mil anos de história tem vivenciado momentos de grande esplendor e de notável decadência. Sem dúvida alguma, é uma das cidades européias que mais têm se destacado no que diz respeito a um constante processo de desenvolvimento (MASCARELL, 2007). A capital da Catalunha é reconhecida por suas notáveis singularidades e através de diversos paradoxos que vêm sendo alimentados durante o passar dos anos. Na era medieval teve reis e condes, que protagonizaram a construção da “nação catalã”. Destacou-se como porto e desenvolveu um império ao longo do Mar Mediterrâneo. A cidade criou, no século XIII, um dos embriões do governo democrático urbano mais antigos da Europa, o Conselho de Cent, e pouco depois alicerçou a construção de uma das primeiras bolsas de valores do mundo. A riqueza dos tempos medievais foi substituída, entretanto, por um longo período de decadência, entre os séculos XV e XVIII.

A cidade sempre teve o trabalho como um de seus motores principais, e pode ser tomada mais como uma urbe de capital e classe operária do que de nobres e plebeus (HUGHES, 2008). Em 1854 os moradores de Barcelona derrubaram as muralhas que

dividiam a cidade desde a época medieval. A partir de então, novos ideais de ordem, de saneamento e o nascimento de uma estratificação social representativa de uma sociedade burguesa passavam a emergir de forma bastante expressiva e veloz. Pouco depois a cidade passou a consolidar o traçado de um moderno plano urbanístico para a construção de uma nova expansão, o plano Cerdà. Com isso, foi cada vez mais se convertendo em uma cidade de burgueses e proletários, que, em momento algum, se furtavam de alavancar seu vínculos com a cultura, já que em suas ruas tomavam forma fortes e importantes movimentos culturais, como o modernismo catalão³²⁷, por exemplo. Barcelona converteu-se em uma capital cultural reconhecida. A prefeitura passou a discutir, já no começo dos anos 1900, um primeiro planejamento acerca das questões culturais.

Em seu cenário político construíram-se dezenas de alternativas ao Estado espanhol centralizador, no início do século XX. Após uma significativa crise econômica no país, que teve como consequência um grande número de greves, manifestações e levantes de direita e de esquerda, em 1931, nas largas avenidas da capital catalã, proclama-se a Segunda República da Espanha. Mas as reformas que o período republicano promovem não conseguem sanar a economia, deixando descontentes vários setores da sociedade. Durante todo esse tempo, explodem pelo país revoltas e manifestações antigovernamentais. Barcelona converte-se na capital de uma nação autônoma dentro da Espanha, mas os separatistas da Catalunha são cruelmente reprimidos. Crimes e violências envolvem a vida espanhola, em um movimento que parece não ter fim (BUSQUETS, 2004). Em 1939 o exército do ditador Franco conquista mais uma vez o poder e a cidade volta a viver em sua condição de cidade derrotada. Sofre uma enorme perda em seus atributos capitalistas e acaba por ser submetida à uniformidade política e cultural que sustentam a ditadura franquista. Barcelona segue, nesse panorama, o movimento de várias outras cidades espanholas, que assistem à constante instensificação do déficit de serviços sociais e a um progressivo distanciamento do estado de bem-estar social. A guerra civil espanhola deixa mais de meio milhão de vidas somente em combate, sem contar os que morreram de fome, desnutrição e doenças provocadas pelos embates. Além disso, o conflito serve de palco para

³²⁷ O modernismo catalão é um estilo arquitetônico que se desenvolveu na Catalunha, principalmente em Barcelona, durante cerca de cinquenta anos, entre 1880 e 1930. Apesar do nome modernismo, considera-se que este estilo seja uma variação catalã do *art nouveau*.

testes de novas armas e técnicas nazi-fascistas, deixando na Europa uma situação preparatória para a segunda grande guerra que eclodiria em seguida.

No final da década de cinquenta do século passado Barcelona recebe uma grande onda migratória, recepcionando gente de quase todas as regiões espanholas. Nas duas décadas seguintes, impulsionada pela ação desses atores coletivos de origens diversas, a cidade empreende um poderoso movimento cultural e cívico contra a ditadura franquista. A geração daquela época consegue provocar uma verdadeira transformação na vida urbana e materializa mudanças profundas no tecido social, criando diversos instrumentos políticos de afirmação democrática que tinham uma enorme importância na configuração de uma alternativa à ditadura franquista. O pioneirismo da cidade se faz sentir não somente na seara política e cultural, mas, também em diversos outros feitos que deixam os barcelonenses orgulhosos de sua posição de vanguarda no cenário europeu.

A los barcelonenses les satisface ser los primeros peninsulares en tener para sí las cosas más modernas, como, por ejemplo, la primera imprenta, los primeros vapores industriales, el primer ferrocarril, el primer funicular, la primera iluminación callejera con gas, la primera emisora de radio, las primeras fotografías, los primeros estudios de cine, la primera industria automovilística, aeronáutica y editorial, los primeros clubes deportivos, ateneos obreros, asociaciones sindicales, patronales, vecinales y culturales³²⁸ (MASCARELL, 2007, p. 24).

Mas em finais da década de setenta a cidade se destaca através do alto grau de criatividade de seus moradores e, contraditoriamente, a partir de um estado geral de abandono urbanístico, a flagrante carência de serviços e a situação de forte crise social. Ou seja, a percepção de Barcelona como uma espécie de cidade-modelo na Europa não é muito antiga, afinal, antes das olimpíadas de 1992 a capital catalã era uma cidade degradada e que possuía muitos problemas, panorama bem diferente do que a metrópole tem ostentado desde os jogos olímpicos. A transição espanhola da ditadura de Franco para a democracia,

³²⁸ Aos barcelonenses lhes satisfaz serem os primeiros peninsulares a ter para si as coisas mais modernas, como, por exemplo, a primeira imprensa, os primeiros vapores industriais, a primeira estrada de ferro, o primeiro trem, a primeira iluminação de rua com gás, a primeira emissora de rádio, as primeiras fotografias, os primeiros estudos de cinema, a primeira indústria automobilística, aeronáutica e editorial, os primeiros clubes esportivos, centros culturais trabalhistas, associações sindicais, patronais, vecinais e culturais. Tradução do autor.

iniciada em 1975, coincide com uma grave crise econômica, que provoca impactos fortes em Barcelona, como a transferência de certas indústrias para outras regiões, a estagnação da população e a baixa atividade política. Dessa forma, o melhor modo de revitalizar a cidade – o que proporcionou esforços conjuntos de renovação urbana e projeção externa –, parece ser sua nomeação para sede dos Jogos Olímpicos de 1992. Entre outubro de 1986, quando foi escolhida, até o verão europeu de 1992, Barcelona empreende um movimento de sair da depressão para a prosperidade.

Nesse sentido, os principais objetivos de todo o investimento na cidade, gerado pelos jogos, focam, especialmente, em estradas e infra-estrutura de transporte, habitação, escritórios e salas comerciais, telecomunicações e serviços tecnológicos, hotelaria, construções esportivas e infra-estrutura de meio ambiente. Segundo dados da prefeitura de Barcelona³²⁹, entre 1985 e 1992 o consumo elétrico da cidade cresceu 29.7%. Na mesma proporção aumentou o consumo de gás. A produção de lixo por habitante cresceu 56%, o volume de passageiros que entraram e saíram pelos aeroportos da cidade aumentou 66.6%, em vôos nacionais, e 119%, em vôos internacionais. Os telefonemas interurbanos cresceram 44%; e de Barcelona para fora do país, 306.2%.

Um elemento importante para o sucesso da empreitada dá-se a partir do estabelecimento de um modelo de organização que tem como objetivo fundamental, além daqueles que dizem respeito mais diretamente ao espírito olímpico, proporcionar uma ampla e profunda transformação urbana da cidade, que tenha como prioridade melhorar a qualidade de vida da população e tornar Barcelona mais atrativa interna e externamente. O mais importante era não perder de vista que essa mudança deveria ser grande o suficiente para manter-se mesmo após as Olimpíadas, como uma herança positiva para os moradores da capital catalã. Segundo nos fala Brunet (1995), entre 1986 e 1993, Barcelona sofre a mais dramática transformação urbana de toda a Europa.

Mas o “modelo Barcelona de cidade perfeita” também sofre severas críticas. Delgado (2007) nos fala de uma cidade mentirosa, que tem se convertido, na verdade, em um produto de marketing, com o qual se pretende – sem resultado, entretanto – mostrar um espaço público livre de conflitos e onde não há lugar para a pobreza e para a delinquência. O autor aponta que as autoridades, respondendo aos anseios das classes altas da capital,

³²⁹ Fonte: (BRUNET, 1995).

empreendem um movimento de repreensão à pobreza, não lutando para acabar com ela, mas perseguindo-a para ocultá-la, com a finalidade de que não suje a imagem da cidade que se pretende vender. O monitoramento constante do espaço público da metrópole, buscando acabar com a heterogeneidade e acuando as “classes perigosas”, e a forte repressão aos atos de incivilidade, que surgem como reação ao controle imposto à população pelo Estado, podem ser pensados como produtos originados desse movimento de acabar com a “verdadeira cidade” e criar uma “cidade-espetáculo”, irreal e teatral, enfim, uma cidade que parece esquecer – ou, pelo menos assim o tenta – a essência que define o urbano: a desobediência.

Nesse sentido de controle do espaço público, vale refletir que a convivência – mesmo que forçada – com o outro, em virtude das ondas migratórias que se destinaram à cidade, especialmente a que se deslocou no final do século XX e inícios dos anos dois mil, trouxe à Barcelona um caráter de cosmopolitismo e de certa aceitação das diferenças – com muitas ressalvas, como poderemos compreender melhor no próximo tópico. A cidade aparenta lidar bem com determinados tipos de diversidade, e o que seria motivo de medo ou vergonha em metrópoles brasileiras em Barcelona é, muita vezes, visto com naturalidade, como acontece nas cidades européias, de modo geral. Gays andam de mãos dadas livremente pelas ruas da capital, bem como lésbicas beijam-se na boca “em plena luz do dia”, cientes de que nada de errado estão fazendo. Não há caras de choque – exceto de pessoas que tenham acabado de chegar à cidade e que venham de países mais conservadores –, repreensão e, nem mesmo, olhares surpresos. Coisas desse tipo fazem parte da dinâmica da cidade, são comportamentos corriqueiros e vistos como normais pelos demais cidadãos. Parcelas significativas dos jovens da cidade andam com os cabelos pintados das mais variadas cores, do azul ao rosa, piercings espalhados pelo corpo, roupas customizadas, penteados exóticos, maquiagens berrantes, acessórios em excesso. Se algum dia atitudes deste tipo objetivaram causar repulsa ou indignação nos adultos esse tempo já passou, pois atualmente a rebeldia juvenil barcelonense na forma de se mostrar só causa indiferença. Nas ruas, nos metrô e nos demais espaços públicos da cidade ninguém – nem mesmo os conservadores adultos – olha mais aterrorizado para esse tipo de performance adolescente.

Em Barcelona pode, até mesmo, andar pelado pelas ruas, e há, inclusive, figuras famosas na cidade por se permitirem andar pela cidade como vieram ao mundo. Diante de práticas como essa, citar que nas praias da capital – bem como em outras urbes litorâneas da Europa – é permitido fazer topless perde até um pouco de sentido. O costume é absolutamente disseminado e seguido por muitas mulheres, e não só por mocinhas cujos seios foram aperfeiçoados através do silicone, mas, também, por senhoras de idade avançada, que aparentam simplesmente não se importar com a opinião dos outros. Preconceito – pelo menos com relação a este tipo de coisa – parece ser algo em desuso na capital catalã. Ao contrário do Brasil, onde boa parte das pessoas tem uma excessiva preocupação com a magreza, com a celulite, com os músculos “sarados”, e uma constante vergonha de mostrar-se como queiram, em função da opinião alheia, em Barcelona tudo é possível, como salienta uma campanha de conscientização da prefeitura para que as pessoas não urinem nas ruas, não depredem os espaços públicos, dentre outros tipos de comportamentos reprováveis. A campanha diz: “En Barcelona todo cabe pero no todo vale”³³⁰ e serve-nos como exemplo desse discurso que se construiu em torno da cidade como um espaço de diversidade.

Mas a aceitação da diversidade linguística, por exemplo, só vai até certo ponto. Em Barcelona falam-se, oficialmente, dois idiomas, o catalão e o espanhol. Na verdade, na prática, falam-se muito mais, em virtude de viverem na cidade milhares de migrantes, oriundos das mais variadas partes do mundo, e que falam chinês, português, inglês, francês e diversas línguas de origem africana, já que o maior coletivo estrangeiro morando na metrópole é formado pelos marroquinos. Mesmo o espanhol é falado com seus inúmeros sotaques, seja o argentino, o cubano, o boliviano ou, principalmente, o equatoriano, que configura o maior coletivo estrangeiro de origem latina. Mas em Barcelona, para ser aceito como um nativo, como um autóctono, e ultrapassar a categoria dos migrantes, é preciso saber falar catalão. Do contrário, o interlocutor sempre será apropriado pelo barcelonense como um “outro”, um alguém que não faz parte daquele cenário, enfim, como um migrante. É absolutamente forte a campanha para não deixar que o catalão se perca no tempo, o que é justo, afinal de contas trata-se de uma questão identitária, cultural, de reconhecimento e de

³³⁰ Há, também, a versão em catalão da campanha, que diz: "A Barcelona tot hi cap però no tot s'hi val".

pertencimento. Há uma série de políticas públicas voltadas para a preservação do catalão, como canais de televisão em que só se fala neste idioma, bem como a obrigatoriedade de uso da língua nas escolas da cidade e no comércio local, que deve ter tudo o que for escrito – descrição de produtos e formas de pagamento, por exemplo – em catalão. Em qualquer evento institucional, no qual estejam presentes representantes do Ayuntamiento e da Generalitat, também é praxe que se utilize o catalão, mesmo que seja um seminário voltado para um público migrante. Vale destacar, também, que parte das salas de cinema da cidade dubla os filmes estrangeiros para a língua catalã, restando poucas opções³³¹ em Barcelona para quem busca um filme legendado.

Mas, ao mesmo tempo, com a quantidade de migrantes – especialmente latinos, cuja língua materna é o espanhol – vivendo na cidade fica praticamente impossível pensar na extinção do castelhano nos diálogos entre as pessoas. Em propagandas da televisão e em campanhas veiculadas em cartazes nas ruas ou nos vidros dos ônibus vemos os apelos dos catalães para que as pessoas falem a sua língua, como se isso fosse uma prova do desejo dos estrangeiros de fazer parte, de fato, da cidade. O recado é mais ou menos esse: já que querem se integrar, pois que falem o catalão. Do contrário sempre serão vistos como migrantes.

Mas a cultura catalã não se apresenta como diferente da identidade nacional espanhola em todos os pontos. Por mais separatistas que sejam, os barcelonenses preservam elementos dos hábitos e costumes disseminados na Espanha, como a siesta, os diversos feriados e o fluxo de atividades diárias que começa e termina mais tarde do que se comparado, por exemplo, com o que acontece no Brasil. O comércio de bairro³³² em Barcelona fica todo fechado das 14 horas até em torno de 16:30 ou 17 horas. Os comerciantes literalmente fecham as portas das lojas e recolhem-se para o almoço e para o descanso pós-refeição. E mesmo as instituições da prefeitura seguem a tendência, visto que as bibliotecas dos bairros também não abrem ao público neste horário. Em agosto, mês de férias, não é raro ver estabelecimentos que não funcionam ou apenas prestam atendimento

³³¹ As salas de cinema Verdi são conhecidas na cidade justamente por oferecerem filmes legendados, já que a imensa maioria dos filmes em Barcelona são disponibilizados com o idioma dublado, especialmente para o castelhano, mas, também, para o catalão.

³³² Estamos nos referindo aos bairros residenciais da cidade, e não às regiões centrais. Em áreas nucleares de Barcelona, como as do entorno da Praça Catalunha, por exemplo, o comércio não fecha na hora do almoço e nem em agosto, mês de férias na Espanha.

em horário (bastante) reduzido. Até farmácias fecham no verão. Os feriados ao longo do ano são inúmeros – alguns como “segunda páscoa”, desconhecidos para a maior parte dos brasileiros –, e muitas instituições já começam a funcionar em horário reduzido dias antes da data oficial do feriado, fazendo com que a semana toda se converta em um período de recesso. Outro interessante elemento da cultura catalã diz respeito à preservação de certas práticas que, em um primeiro olhar, não condizem com o caráter moderno, capitalista e industrial de Barcelona. Ainda hoje os Bancos mantêm a caderneta para seus clientes, aquelas agendas nas quais são anotadas – não mais à mão, como antigamente, mas de forma automática, quando se introduz a caderneta no caixa-eletrônico – as operações financeiras, como saques, transferências, etc. Após totalmente preenchida, o cliente recebe uma nova caderneta. Em um país com um número expressivo de idosos – há 7,3 milhões de pessoas com mais de 65 anos na Espanha³³³ –, sustentar o uso das cadernetas talvez seja uma forma de preservar o hábito disseminado entre os mais velhos, que ainda hoje – apesar de todos os movimentos que têm sido feitos em sentido contrário – mantêm uma certa rejeição com relação ao uso de tecnologias mais modernas.

Contribuindo com a polêmica discussão sobre a crise econômica – que se arrasta no país desde 2008, e cuja culpa, na fala da maioria dos que vivem na Espanha, é recorrentemente posta no governo –, não é raro ouvir de visitantes e turistas – vale destacar que a questão já foi até assunto de reportagem em revista de circulação nacional no Brasil, como apontamos no capítulo 2 – que a culpa da crise na Espanha vem da “vagabundagem” do espanhol, que não quer saber de trabalhar, mas sim de dormir e viver de festas. Seja consequência da ausência do governo ou da existência de um Estado assistencialista – que “brinda” o cidadão com todo tipo de seguro –, o que tem ficado claro é que a paisagem em Barcelona, em virtude da crise, tem mudado nos anos mais recentes. Recessão econômica, altas taxas de desemprego, preço de mercadorias que aparenta mal pagar o custo de produção, cafés, restaurantes e bares esvaziados para o padrão da cidade. A crise tem deixado sua marca nas dinâmicas da capital catalã.

³³³ Fonte: Globo.com
Disponível em:
<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL71562-5602,00.html>
Acesso em: 01 fev. 2012

Mas, mesmo em um cenário de crise, alguns pressupostos básicos ainda são mantidos pelo Estado e determinados elementos constituintes do que se poderia chamar de qualidade de vida perduram. A vida em Barcelona, grosso modo, não tem criminalidade. Ainda é possível andar de madrugada pelas ruas da cidade, mesmo desacompanhado, sem medo de ser assaltado à mão armada ou assassinado. Não há flanelinhas nas ruas e nem meninos limpando os para-brisas dos carros. Há, isso sim, muitos furtos, nas estações e dentro dos metrô, nas Ramblas³³⁴ e em demais lugares que concentram muitos turistas, mas isso não é uma consequência da crise, pois práticas desse tipo existem – em todas as grandes e turísticas cidades da Europa – já há bastante tempo. Enfim, a miséria não se apresenta lá, nem de longe, como se exhibe aqui no Brasil. Algumas vezes um extremo precisa da existência do outro para visibilizar-se. Talvez não se perceba uma miséria absoluta em Barcelona, da forma como ainda vemos, infelizmente, no Brasil, porque lá a riqueza não se mostra de um modo tão acintoso como aqui. Em Barcelona esse tipo de paradoxo provocativo entre luxo e pobreza não é comum, porque na cidade não há um índice de desigualdade social tão grande como nos países da América Latina de um modo geral. Nesse panorama de recessão, que afeta, sobretudo, a juventude, os migrantes, muitas vezes, são apontados como contribuintes de um mercado de trabalho saturado e em queda. São muitos os estrangeiros que embarcaram rumo a uma Barcelona próspera, na última década do século XX, e hoje convivem com um cenário de rechaço, medo e diferenças culturais, algumas delas intransponíveis. Os veículos de comunicação colaboram para a construção desse estereótipo de ojeriza para com o migrante quando visibilizam, cotidianamente, reportagens nas quais o sujeito “de fora” é apontado como culpado por algum ato de vandalismo, roubo ou prostituição. Mesmo em matérias midiáticas que não digam respeito diretamente ao tema das migrações os estrangeiros – especialmente africanos, latinos e asiáticos – costumam ser mostrados de forma ultrajante e vexatória³³⁵

³³⁴ Las Ramblas são uma série de pequenas ruas que se juntam. Las Ramblas de Barcelona têm, ao todo, 1km e 200 metros e liga a Praça Catalunha ao porto da cidade. Elas se chamam, sucessivamente, por La Rambla de Canaletes, La Rambla dels Estudis, La Rambla de Sant Josep, La Rambla dels Caputxins e La Rambla de Santa Monica.

³³⁵ Há um exemplo ilustrativo deste movimento, quando um prostíbulo, erguido e gerenciado por espanhóis, em Málaga, foi descoberto. A reportagem centrou-se, basicamente, em mostrar a decoração do local, composta por ambientes brasileiro, cubano, mexicano, etc. A discussão sobre tráfico de seres humanos e prostituição perdeu espaço para o “debate” sobre a decoração das salas, com temas e referentes identitários – caricaturizados – de cada um dos países que davam nome aos ambientes do lugar.

5.2 Migração e juventude em Barcelona

O fenômeno migratório compreende dinâmicas complexas e plurais, que, muitas vezes, se afastam do imaginário construído pelos meios de comunicação, que dá conta de expressar a questão quase sempre a partir de estereótipos, especialmente o da vitimização, que constrói um perfil de inferiorização, exibindo pobres coitados que, em meio ao cenário de miséria absoluta de seus países, são obrigados a tentar uma vida melhor em outro lugar. O senso comum – talvez alimentado pelo discurso midiático – tem solidificado uma relação causal entre problemas – a maior parte deles voltada para aspectos econômicos – e migrações, como se existisse sempre um motivo palpável, mensurável e concreto para ativar os processos migratórios, que, na verdade, envolvem, muitas vezes, uma trajetória marcada por várias experiências e composta por vários países, e não um movimento linear entre país de origem e nação de destino.

Nesse sentido, Gorczewski, Kuhn e Silva (2008) elaboram um interessante paralelo entre motivos e desejos, ressaltando as implicações que ambos os sentimentos têm nas dinâmicas migratórias. Os motivos seriam alicerçados nas questões mais concretas – os problemas, na maioria dos casos –, nas causas que existem no país de origem e que impulsionam esse movimento de deslocamento. Já os desejos podem ser pensados como as expectativas que se tem com a mudança de país, os sonhos que se planejam realizar na nova cidade: o conhecimento de uma outra língua, a maturidade de morar e conviver com pessoas diferentes, o engrandecimento curricular a partir de cursos especializados, a experiência de descobrir novas culturas, etc. Isso tudo para destacar que nem sempre as migrações transnacionais são marcadas somente por fatores econômicos – motivos, problemas –, mas podem ser, também, alimentadas por desejos das mais variadas ordens, ou mesmo por outros motivos – políticos, religiosos, por exemplo – que não estejam vinculados às questões financeiras. Na elaboração dos projetos de migração (COGO, 2005b) os motivos de natureza socioeconômica têm grande peso e preponderância, não há como negar, mas, mesmo assim, esses fatores não assumem a totalidade de causas do fenômeno, já que também incidem sobre ele aspectos mais subjetivos, ligados aos desejos e sonhos.

Na Espanha os dados de 2010 indicam que existem, aproximadamente, 6,4 milhões³³⁶ de migrantes com autorização para residência. Este país registrou, nos últimos anos do século XX e em inícios dos anos dois mil, um grande aumento de sua população estrangeira, deixando de ser um país de emigrantes para posicionar-se como uma nação receptora de pessoas nascidas em outros países e regiões do mundo (RETIS, 2004), especialmente América Latina, África, e, mais recentemente, Ásia e Europa do Leste. Esse movimento migratório de entrada na Espanha deu-se por um conjunto de fatores, segundo Cavalcanti (2010)³³⁷, como o boom da construção civil na última década do século passado e na virada do milênio no país, o que fez com que aumentasse a demanda por mão-de-obra; a dificuldade de entrada nos Estados Unidos e na Inglaterra, países que impunham restrições cada vez mais fortes ao acesso de estrangeiros ao seu território; a ausência da necessidade de visto de turista para alguns coletivos da América Latina (Brasil, México, Argentina, Chile e Uruguai), indivíduos de determinados países da Europa não-comunitária (Romênia, Bulgária, dentre outros), bem como para todos os cidadãos da Europa comunitária, o que proporciona uma maior circulação de pessoas oriundas desses países no território espanhol; e a valorização do euro frente ao processo de desvalorização do dólar e da libra.

Portanto, é neste período de esplendor econômico³³⁸ que Barcelona – como segunda cidade em população da Espanha – vivencia um exponencial aumento do fluxo migratório para seu território. Ainda hoje, mesmo com o retorno de parcelas dos coletivos estrangeiros para seus países de origem, em virtude da crise econômica, a cidade ainda é profundamente atravessada pelo fenômeno da migração. Basta andar pelas ruas da metrópole para se dar conta deste fato, seja através da profusão de idiomas que se escuta, dos mais diversos tipos de vestimentas – que vão de saris indianos a burcas islâmicas, passando pelos polêmicos

³³⁶ Fonte: Refugees United Brasil

Disponível em:

[http://refunitebrasil.wordpress.com/2010/11/25/eua-tem-mais-imigrantes-mas-paises-do-golfo-sao-destino-maisatrativo/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+RefugeesUnitedBrasil+\(Refugees+United+Brasil\)](http://refunitebrasil.wordpress.com/2010/11/25/eua-tem-mais-imigrantes-mas-paises-do-golfo-sao-destino-maisatrativo/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+RefugeesUnitedBrasil+(Refugees+United+Brasil))

Acesso em: 12 fev. 2011

³³⁷ Ao ministrar a palestra “Imigração Brasileira na Espanha”, no I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, na Universidade de Barcelona, em 25 de novembro de 2010.

³³⁸ Esplendor econômico não-sustentável, baseado em uma bolha imobiliária, como veremos mais adiante.

véus – e das inúmeras festas de grupos migrantes que se ouve falar – festa colombiana, apresentação de dança indiana, festival de comida peruana, etc. O ano inteiro tem-se a impressão de que o fenômeno da migração está o tempo todo presente da dinâmica da cidade, seja por conta das campanhas que se vêem na televisão – contra ou a favor –, ou através da agenda de conversações dos habitantes da cidade. Não é toda cidade que disponibiliza uma área nobre de seu calçadão praiano, em pleno domingo de verão, para receber festas comemorativas em torno da data de independência de determinados países³³⁹, cujos coletivos migrantes compõem a paisagem cultural da metrópole.

Em um primeiro momento a impressão que se pode ter é que todos esses grupos de estrangeiros convivem pacificamente entre si e com relação aos autóctonos, mas a verdade da prática cotidiana não é bem essa. Basta adentrar um pouco mais os espaços das relações tecidas no âmbito da cidade para darmos conta dos processos de estigmatização pelos quais passam esses grupos. É através dessas convivências que surgem os mais diversos rótulos, como o do chinês estranho e que só faz trabalhar, como um escravo do dinheiro; dos árabes sujos e machistas; das muçulmanas submissas; dos paquistaneses, que só sabem vender cerveja nas ruas; dos equatorianos barulhentos – dos quais se deve fugir na hora de alugar uma apartamento compartilhado –; etc. Os catalães também não são poupados desses processos, sendo apontados, pelos migrantes, como fechados, grosseiros e frios. E as catalãs são, pejorativamente, rotuladas como “mala leche”, ou seja, como mulheres que vivem de mau humor³⁴⁰. Já os brasileiros, apesar de terem alçado um patamar superior ao dos demais coletivos migrantes latinos e africanos – até porque o Brasil também está “na moda” –, não escapam dos mesmos e velhos processos estigmatizantes, que os enxergam como amantes do futebol, do samba e do carnaval. Isso sem falar na imagem vulgarizada

³³⁹ Uma dessas festas é o “Dia de Brasil”, comemorado em setembro, no domingo mais próximo do dia sete, em homenagem ao dia da independência do Brasil. O evento, realizado em uma área nobre da praia da Barceloneta, conta com a apresentação de músicos brasileiros, além da presença de quiosques vendendo comida e bebida típicas do país.

³⁴⁰ Parte dos estereótipos resgatados aqui não tem nenhum valor científico, pois não são oriundos de nenhum relatório de investigação acerca do tema, mas são resultados de observações pessoais, empreendidas pelo autor desta tese durante sua experiência de vida em Barcelona, onde morou por um ano e, neste período, conviveu com pessoas de diversas origens. Outra parcela dos preconceitos, explicitada acima, vem das informações coletadas nas entrevistas com os jovens participantes no projeto *KDM*. Apesar de originários do senso comum, processos de rotulação como os registrados aqui servem para ilustrar as inúmeras tensões que cercam o fenômeno das migrações transnacionais no contexto de Barcelona, atestando que a convivência entre os coletivos migrantes e os autóctonos é bastante complexa, constantemente atravessada por rechaços e choques.

que tem a mulher brasileira em Barcelona – e na Espanha, de modo geral –, vista, muitas vezes, como prostituta.

Ou seja, apesar de um ideal de interculturalidade que se busca construir para a cidade de Barcelona – a partir, por exemplo, de órgãos do Estado que buscam, especificamente, tratar dessa questão, como a Dirección de Inmigración y Diálogo Intercultural – esse acentuado processo de entrada e posterior fixação de estrangeiros na Espanha transformou a questão da migração, tanto por parte dos governos como dos meios de comunicação, em um problema de destaque no cenário nacional. “La inmigración en este país se ha convertido perceptivamente en un ‘problema público’ de gran magnitud, comparable únicamente al terrorismo de ETA y el paro”³⁴¹ (OLMOS, 2003). A crise econômica mundial, que se iniciou em 2008 – e, em muitos países, perdura até os dias atuais –, faz com que os índices de desemprego na Espanha cheguem, aproximadamente, a 20%³⁴². A crise financeira tem duas consequências imediatas para o cenário das migrações transnacionais na Espanha: a forte diminuição no número de entrada de estrangeiros para fixar-se no país – ilustrada de forma clara pelo fato de que em 2011 mais migrantes deixaram a Espanha do que chegaram para viver em solo espanhol³⁴³ –; e a intensificação do processo de negativização da imagem do migrante que já reside no país, tido por parte da população autóctona como um dos responsáveis pela situação de desemprego, já que os coletivos estrangeiros oferecem mão-de-obra mais barata e incham o mercado de trabalho. “En las épocas de crisis aumentan las actitudes de rechazo hacia los extranjeros”³⁴⁴ (OLMOS, 2003, p. 149).

Boa parte da configuração deste imaginário sobre a migração vem da atuação dos meios de comunicação no que diz respeito ao tema. A cobertura da mídia sobre o fenômeno

³⁴¹ “A imigração neste país tem se convertido perceptivamente em um ‘problema público’ de grande magnitud, comparável unicamente ao terrorismo de ETA e ao desemprego”. Tradução do autor.

³⁴² Fonte: Folha.com

Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/824637-desemprego-na-espanha-sobe-17-em-outubro.shtml>

Acesso em: 25 jan. 2011

³⁴³ Fonte: Terra

Disponível em:

[http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5426553-EI8142,00-](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5426553-EI8142,00-Mais+imigrantes+deixarem+Espanha+do+que+entraram+em.html)

[Mais+imigrantes+deixarem+Espanha+do+que+entraram+em.html](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5426553-EI8142,00-Mais+imigrantes+deixarem+Espanha+do+que+entraram+em.html)

Acesso em: 07 fev. 2012

³⁴⁴ “Nas épocas de crise aumentam as atitudes de rechaço até os estrangeiros”. Tradução do autor.

das migrações é, muitas vezes, tendenciosa, vinculando de forma imediata e sem alternativa a presença dos estrangeiros na Espanha com o aumento da criminalidade, dos gastos da segurança social para não-espanhóis e do desemprego, como já apontamos anteriormente. Isso sem falar na possibilidade, aventada pelos meios de comunicação, da presença dos migrantes ocasionar a perda da identidade cultural no país (RETIS, 2004). Alguns dos protagonistas da investigação, no contexto espanhol, trazem à tona esta preocupação, de que a Espanha e a Catalunha deixem de ser o que são em virtude dos hábitos e dos costumes diferentes que fazem parte do universo dos estrangeiros.

A globalização criou novos fenômenos migratórios, verificando-se, no presente, o convívio numa mesma sociedade de indivíduos portadores de culturas muito díspares. Esta nova realidade altera inevitavelmente a velocidade do sincretismo próprio das culturas, assim como pode criar fenômenos de xenofobia aguda ou movimentos puristas que tendem a ver suas culturas como únicas e impenetráveis (FARMHOUSE, 2008, p. 16).

Neste contexto de rechaço torna-se cada vez mais importante pensar sobre as dificuldades de convivência cultural pelas quais passam migrantes e autóctonos, quando sabemos que atitudes preconceituosas levam à exclusão e representações estigmatizadas dos coletivos migrantes acabam tendo como consequência a impossibilidade de um diálogo intercultural. A diversidade pode chegar a ser uma fonte de conflitos (HALL, 2003), quando nos vemos inseridos em um contexto no qual fazem parte as alteridades provenientes da presença do outro, especialmente quando esse outro é pobre e negro. Olmos (2003) fala de “desencontros culturais”, quando há nesse processo “distanciamiento, con recelo y desconfianza mutuas”³⁴⁵ (OLMOS, 2003, p. 159). Mas é interessante pensar esses desencontros através de uma perspectiva positiva, quando nos possibilita passar por um movimento de desnaturalização daquilo que, muitas vezes, é tomado por nós como algo natural.

Tendo como cenário a cidade de Barcelona, na qual existem pessoas de 167 nacionalidades distintas³⁴⁶ residindo, mais do que números e estatísticas o que nos importa

³⁴⁵ “distanciamiento, con recelo e desconfianza mútuos”. Tradução do autor.

³⁴⁶ Fonte: Marco Teórico do Projeto *KDM*. Barcelona, 2010.

é refletir sobre as reconfigurações culturais provocadas pelas migrações, e como isso tem afetado os movimentos de integração entre jovens migrantes e autóctonos. Como estão sendo levados a cabo os diálogos – ou poderíamos falar em embates? – entre adaptação e assimilação no contexto da juventude em Barcelona? Os processos de integração, pelo menos idealmente, deveriam supor transformações em ambos os grupos, tanto o estrangeiro quanto o autóctono (CABECINHAS e CUNHA, 2008), e não somente em um deles, pois envolve uma dinâmica de aprendizagem com a cultura do outro, no qual nativos aprendem a partir do encontro com os migrantes, e estes adquirem conhecimento através do contato com os autóctonos. O que acontece na prática cotidiana, entretanto, é algo muito distante deste ideal, já que os processos de integração empreendidos pelas políticas públicas visam, em sua maioria, a um movimento de domesticação daquele que é diferente do que é hegemônico, ou seja, do migrante. É preciso (re)modelar o sujeito de fora para que ele se enquadre no perfil aceito pelos autóctonos, por isso os migrantes sofrem muito mais com os processos de aculturação (ZLOBINA e PÁEZ, 2008), já que são eles os grupos que preferencialmente devem despir-se de todos os seus referentes culturais para encaixar-se em um novo padrão.

Neste sentido, o cenário catalão faz emergir uma realidade cotidiana que é traçada pela dificuldade de integração e de diálogo intercultural, já que para que se tenham aproximações produtivas e construtivas entre estrangeiros e autóctonos é necessário que não exista um controle muito ostensivo e humilhante sobre os coletivos migrantes, porque interculturalidade e integração demandam confiança como base para suas relações (CARVALHAIS, 2008). Mas em Barcelona o poder que é exercido sobre os sujeitos migratórios faz-se cada vez mais presente, especialmente em épocas de crise, manifestando-se em diversas esferas da vida doméstica e profissional. Os de fora têm mais dificuldade para entrar e sair da Espanha, para conseguir emprego, para alugar um apartamento, para pedir a renovação da permissão de moradia, são revistados nas ruas e nos metrô, sofrem perseguições da polícia, são visibilizados de forma negativa pela mídia e tratados como problema social pelo Estado. Interessante quando este panorama de fragmentação do tecido social nos faz refletir que não há como confundir um certo mundo “menor” que a globalização nos oferece – no qual os produtos e as informações podem

circular de forma mais acelerada e eficaz – com uma efetiva convergência econômica, política e social de quem habita o planeta.

Este cenário de desigualdades que ronda os movimentos de integração associado a um processo de perpetuação da discriminação e do preconceito – que passa dos migrantes para seus filhos, mesmo que estes já tenham nascido no país receptor – nos impele em trazer à tona o conceito de “migrantes de segunda geração” para refletir sobre esses jovens que, autóctonos juridicamente, muitas vezes vivenciam na esfera simbólica de suas práticas cotidianas o estigma da migração. O termo “migrantes de segunda geração” tem sido percebido, na visão de alguns pesquisadores, como um termo pejorativo e criminalizador dos jovens que são nascidos na Espanha, e que são, portanto, autóctonos, devendo ser tratados como tal. A denominação, neste caso, teria como ônus a atribuição e o reforço de uma identidade migrante que, talvez, esses rapazes e moças não possuam. Apesar de termos consciência desse risco e de concordarmos – em parte – com o argumento, acreditamos, também, que as experiências rotineiras – a segregação no espaço escolar; o agrupamento com outros jovens igualmente filhos de migrantes; os traços fenotípicos, que podem evidenciar suas raízes; dentre outras características – são significativas para nos fazer pensar que há uma certa continuidade – pelo menos em alguns aspectos – dos conflitos envolvendo migrantes e autóctonos no universo de práticas e sentidos dos filhos dos migrantes. Canelo (2003) nos faz pensar que, embora a cidadania diferencie esses sujeitos sociais, a cor da pele, a língua, os referentes culturais familiares algumas vezes identificam de tal modo a segunda geração dos coletivos migrantes que a igualdade prometida na lei, pelo estatuto da cidadania, não se concretiza em todas as situações e nem para todos os grupos. Martinez (1997) complementa o raciocínio, quando pontua que o fato de terem nascido no país receptor, muitas vezes, tem um impacto meramente marginal no que diz respeito aos comportamentos adotados pelos autóctonos – cuja ascendência imediata não seja de origem exterior – com relação aos filhos de migrantes. Segundo este autor (op. Cit) os cidadãos nascidos no país onde seus pais, migrantes, decidiram fixar residência, por vezes, continuam a ser vistos e tratados como outros, como seres de segunda categoria, não conseguindo usufruir das regalias e dos privilégios que são comumente associados aos “legítimos autóctonos”.

Acreditamos que há um tom exagerado no ponto de vista de Martinez (1997), até porque os coletivos migrantes (e os autóctonos filhos de migrantes) não são grupos apáticos a tal ponto que só lhes restam a opção de ficar à mercê das ações das esferas hegemônicas, mas, pelo contrário, têm demonstrado, muitas vezes, um perfil ativo, de conquista de demandas e de representatividade. Mas não podemos negligenciar que nas relações ordinárias, do dia-a-dia, há sim um certo sentido de continuidade que categoriza esses sujeitos como diferentes. Eles até podem ser barcelonenses de nascimento, mas seus pais são migrantes, e é essa filiação o que os rotula e os estigmatiza, principalmente se a origem dos pais é africana, latina ou asiática, já que a situação tem outros contornos se os progenitores são europeus de outros países, mesmo que não-comunitários. O que pudemos perceber a partir das entrevistas e do acompanhamento sistemático de atividades envolvendo os jovens protagonistas dessa investigação é que, apesar de lutarem contra esse enquadramento que os secundariza, por mais que digam que se sentem catalãos, o olhar dos colegas e a própria postura de recolhimento e mera coadjuvância parecem prender-lhes ao estigma do diferente, ou seja, daqueles que, por mais que tenham nascido em Barcelona, não são iguais aos que nasceram na cidade, mas cujos pais também são originários da metrópole. No sentido de evitar um discurso pejorativo e criminalizador – ressaltando e demarcando, entretanto, as diferenças entre os jovens cuja ascendência é europeia e os que têm famílias de origem migrante –, optamos, no espaço desta tese, por falar em “autóctonos filho de migrantes”, no lugar de “migrantes de segunda geração”.

Acreditamos que as dificuldades de integração dos jovens autóctonos filhos de migrantes são, em diversas instâncias, semelhantes às sofridas pelos migrantes de primeira geração, quando chegam à cidade, o que proporciona um movimento de continuidade na dificuldade de aproximação e de diálogo intercultural. Zlobina e Páez (2008) afirmam que quanto mais são discriminados por seus pares juvenis, menos esses adolescentes têm vontade de integrar-se, dando início, muitas vezes, à construção de um círculo vicioso. Os migrantes (ou filhos de migrantes) muitas vezes aglutinam-se em espécies de guetos porque não se sentem integrados e os autóctonos distanciam-se ainda mais desses grupos porque os sentem como fechados ao diálogo. É em virtude da existência de um cenário como esse que Farmhouse (2008) nos fala da importância de operar uma cidadania consciente dos aspectos

positivos da diversidade cultural que propicie a convivência e a partilha no seio de uma sociedade solidária, integradora e intercultural.

Vale ressaltar que os processos de integração dos migrantes (ou filhos de migrantes) em idade juvenil são fundamentais por se tratar essa faixa etária de um grupo de pessoas em plena etapa de desenvolvimento, na qual a socialização é absolutamente central no estabelecimento de sua identidade e na integração com sua comunidade de pares, especialmente no caso dos jovens estrangeiros, que, muitas vezes, vivenciam sua maturidade em uma espécie de vácuo, entre o país de origem e o de destino (DE LA PRADA, 2005). Dada a multiplicação das transições vitais dos adolescentes migrantes entre o antes e o depois da partida, e a incerteza sobre seu futuro, o fato de este sujeito ter amigos pode adquirir uma especial importância, visto que as relações de amizade podem funcionar como elementos que fixam as pessoas em determinados lugares, fazendo-as sentirem-se parte de algo. E o sentir-se parte, as relações de reconhecimento e integração com o todo que os rodeia são essenciais para a participação na sociedade e a construção de uma cidadania ativa (CORTINA, 2005), afinal só lutamos por aquilo que reconhecemos como nosso. Zlobina e Páez (2008), acrescentam ao debate, quando afirmam que a ausência de um diálogo intercultural e a presença constante de choques entre valores, crenças, normas e formas de atuar que possuem os adolescentes de culturas diferentes podem acabar resultando em problemas de saúde ou psicológicos e, inclusive, de relação social.

Mas os jovens autóctonos também passam por mudanças de comportamento e têm suas percepções de mundo atravessadas pelo fenômeno das migrações. “Los autóctonos [...] desarrollan un sentimiento de identidad localista muy pronunciado, apareciendo posturas extremas en la defensa de una pureza antes no reivindicada”³⁴⁷ (OLMOS, 2003, p. 161). Nesse panorama presenciamos um vínculo cada vez mais forte – marcado por aproximações e enfrentamentos – entre o universalismo dos direitos humanos e a particularidade das situações e relações sociais nas quais esses direitos devem ser protegidos (TOURAINÉ, 1995). Ou seja, o trabalho de auxiliar nos processos de integração entre espanhóis e estrangeiros deve possibilitar que a juventude reflita ativamente acerca da interculturalidade como uma fonte de enriquecimento da sociedade.

³⁴⁷ “Os autóctonos desenvolvem um sentimento de identidade localista muito pronunciado, aparecendo posturas extremas na defesa de uma pureza antes não reivindicada”. Tradução do autor.

Esse processo, entretanto, torna-se ainda mais complexo quando a própria juventude – de forma geral, seja ela autóctona ou migrante – parece perdida em meio a uma crise econômica e social que assombra a Espanha – e não só este país, como praticamente toda a Europa – há cerca de quatro anos, tornando-se cada vez mais aguda e deixando jovens em toda a nação inseguros com relação ao seu futuro. Sinteticamente, podemos afirmar que a crise na Espanha descortinou-se baseada em uma bolha imobiliária, que teve início em 1998, com a entrada em vigor da “ley del suelo”³⁴⁸, e prosseguiu a partir da fragmentação dos direitos trabalhistas em 2002 – que tinha como objetivo, ou como desculpa, a contratação de mais mão-de-obra, por parte dos empresários, multiplicando a oferta de emprego, especialmente no setor da construção civil, atraindo, inclusive, um enorme contingente de migrantes. Foi aí, então, que o investimento em imóveis e a compra da casa própria disseminaram-se na Espanha no começo do milênio, mas, contrariando as previsões do mercado – que anteviam uma queda nos preços, em virtude da grande oferta –, o valor dos imóveis disparou no país. Entre 1995 e 2005 foram construídos na Espanha mais imóveis do que na Alemanha, na França e na Itália juntas³⁴⁹. Graças ao “milagre econômico” da construção civil no país, a economia espanhola encontrava-se como uma das que mais crescia no mundo. Mas em meados da primeira década do século XXI o valor dos imóveis havia atingido níveis estratosféricos no país, problema que era, no entanto, amortecido pelo otimismo gerado através das taxas de desemprego, que permaneciam baixas. O que aconteceu é que, enquanto o preço das moradias subia exponencialmente, o valor dos salários permanecia congelado. Mas, mesmo nesse cenário de incertezas, as pessoas continuaram investindo em imóveis, pois os Bancos diminuíram as exigências para a concessão de crédito, facilitando a aquisição de hipotecas, o que acabou por acarretar um quadro de descontrole, a partir da multiplicação de dívidas descomunais, de famílias que não conseguiam pagar suas prestações, bem como de empresas, dos governos e dos próprios Bancos, que já não podiam mais sustentar essa situação, na qual o crescimento falacioso se alicerçava na dívida. A crise econômica gerada nos Estados Unidos – que pode

³⁴⁸ A Lei do Solo, aprovada pelo governo conservador de José María Aznar, tornava praticamente todo o solo espanhol passível de urbanização.

³⁴⁹ Fonte: Instituto Ludwig von Mises Brasil
Disponível em:
<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=674>
Acesso em: 7 fev. 2012

ser encarada como um estopim para a explosão da bolha espanhola – espalhou-se rapidamente por todo o mundo e chegou à Europa, fazendo com que todo o crescimento e a riqueza concebidos nesse processo fantasioso desmoronassem na Espanha, engrossando uma crise que já perdura há quatro anos e que tem afetado a diferentes setores sociais, especialmente entre o universo juvenil.

As cifras que explicitam as razões dessa angústia entre os mais jovens são significativas. Segundo Rico (2011) aponta no livro desenvolvido pelo coletivo “Juventud sin Futuro”, mais de 40% dos jovens espanhóis estão desempregados – e grande parte da parcela empregada trabalha com contratos temporários e recebendo salários baixíssimos –, seis de cada dez jovens de 18 até 30 anos ainda mora na casa dos pais e 55% desses rapazes e moças dependem financeiramente dos pais para sobreviver. Situações como as que estão sendo vivenciadas pela juventude espanhola podem ser compreendidas como consequências de políticas econômicas que fragmentam cada vez mais os direitos sociais básicos. A crise na Espanha tem gerado uma combinação catastrófica entre altas taxas de desemprego juvenil e de precariedade laboral, queda no valor dos salários e alta de preços no ramo alimentício e no setor imobiliário, o que inviabiliza, cada vez mais, os processos de independência juvenis (ALBA, SERRA e MENÉNDEZ, 2011).

Esse cenário de crise, para além das contradições entre os modos da sociedade encarar a juventude – que se polarizam entre um culto ao glamour da jovialidade e a depreciação dos jovens como protagonistas de suas trajetórias e capazes de empreender relações de autonomia – traz à tona uma outra ambiguidade envolvendo o universo juvenil, que diz respeito aos movimentos de necessidade dos migrantes e de rechaço por esses coletivos. Os migrantes jovens, ativos, em pleno vigor físico têm servido preferencialmente aos interesses de uma Espanha que – há até bem pouco tempo – necessitava de mão-de-obra barata para dar suporte ao crescimento econômico vivenciado na virada do milênio e precisava (e ainda precisa) aumentar as taxas de natalidade, em virtude do envelhecimento de sua população e do declínio demográfico acelerado e da preocupante ausência – em um futuro próximo – de gente jovem para fazer a economia do país girar. São esses mesmos jovens migrantes, entretanto, os primeiros a serem descartados em períodos de crise econômica, como o que se vive atualmente, e o rechaço por eles é explícito, pautado,

principalmente, na visão de que também são responsáveis pelo inchaço no mercado de trabalho e pela queda no valor dos salários.

Ou seja, diante desse panorama percebemos as dificuldades que tem enfrentado a juventude em Barcelona – e na Espanha, de modo geral – no que diz respeito à construção de projetos de autonomia em meio a um cenário de forte crise econômica e social. Compreendemos, também, as complexidades que envolvem os processos de integração de jovens migrantes e autóctonos nesse âmbito, em que a fragmentação da cidadania social, política e econômica acaba por interferir de modo bastante significativo na constituição de uma cidadania intercultural, aumentando o rechaço pelo outro e dificultando o diálogo com as diferenças. É preciso que se criem e se ampliem mecanismos que, mesmo em uma situação de crise, possam promover a aproximação produtiva e a afetação mútua – e não somente uma relação assimétrica e assimilatória que produz transformações em apenas um dos pólos – entre jovens nativos e de origem estrangeira. Pajares (2005, p. 99) complementa o raciocínio, nos falando de uma integração cidadã, que seria o processo “de equiparación de derechos, de forma legal y efectiva, de las personas inmigradas con el resto de la población, así como el acceso, en condiciones de igualdad de oportunidades y de trato, a todos los bienes, servicios y cauces de participación que ofrece la sociedad”³⁵⁰. E para que se estabeleça uma integração cidadã é preciso que ambos os coletivos implicados nessa relação – migrantes e autóctonos – trabalhem e sejam trabalhados de forma conjunta. É justamente este um dos objetivos do *KDM*.

5.3 Apresentação do projeto

Para falar do *KDM* e da trajetória de Pablo Herrera – coordenador do projeto – no âmbito das experimentações juvenis em torno das mídias digitais e do audiovisual é necessário, antes, situar o Centre Garcilaso como espaço que acolhe esse e outros projetos voltado para o universo da juventude. O Centre Garcilaso é um equipamento da prefeitura de Barcelona, que se destina aos jovens que tenham interesses sociais, culturais e

³⁵⁰ “de equiparação de direitos, de forma legal e efetiva, das pessoas imigradas com o resto da população, assim como o acesso, em condições de igualdade de oportunidades e de trato, a todos os bens, serviços e canais de participação que oferece a sociedade”. Tradução do autor.

associativos, como consta em sua página na internet³⁵¹. O local oferece informação e apoio para que os adolescentes possam desenvolver idéias e ações em torno da cultura e dos meios de comunicação. O prédio que abriga o equipamento possui amplo espaço físico, com sete andares, nos quais é possível encontrar uma biblioteca, salas de acesso à internet, laboratórios projetados para facilitar o uso das diversas mídias digitais, estúdios de rádio, salão de jogos, auditório, lanchonete, espaço para shows, além dos escritórios que abrigam funcionários e parceiros nas atividades desenvolvidas alí. O Centre Garcilaso disponibiliza recursos e diversos cursos de formação para a utilização das ferramentas multimídias; suporte ao desenvolvimento e consolidação de projetos dirigidos aos jovens, realizados por grupos ou associações juvenis da cidade; espaços de ensaio e produção, promovendo a criação cultural; programação de cinema gratuita, shows, dentre outras atividades voltadas para o público juvenil. Como não poderia deixar de ser, o prédio é sempre cheio de jovens, seja consultando livros na biblioteca, lanchando, usando a internet, jogando ou mesmo conversando, deitados nos vários sofás que ficam no porão do lugar. Percebemos, nesse sentido, uma efetiva apropriação do equipamento público por parte dos adolescentes. O *KDM* – assim como *El Culebrón del Barrio*³⁵², outro projeto coordenado por Pablo – pode ser pensado como uma idéia que toma forma e consolida-se a partir do fomento à ação juvenil que se pratica no Centre Garcilaso.

O Centre Garcilaso também é a instância a qual Pablo deve prestar contas – além de financeiras, no que diz respeito ao adamento do projeto. Em algumas das reuniões mais importantes havia a presença dos escalões mais altos da instituição, que aparentavam estar presentes para avaliar o desenvolvimento do projeto e os prognósticos para o futuro do *KDM*. Também houve, em fevereiro de 2011, uma grande apresentação, realizada no auditório do Centre Garcilaso, para funcionários do equipamento juvenil e membros e técnicos da prefeitura, para expor uma espécie de balanço das atividades relacionadas à primeira fase do projeto, a etapa investigativa. Não parecia, entretanto, que Herrera tivesse algum tipo de receio com relação a esses eventos, dando a entender que esses encontros

³⁵¹ Disponível em:

http://w3.bcn.es/XMLServeis/XMLHomeLinkPI/0,4022,429368452_433159992_2,00.html

Acesso em: 10 fev. 2012

³⁵² Algo como “o melodrama do bairro”. Tradução do autor.

com equipes do Centre Garcilaso e da prefeitura apresentavam-se mais como uma formalidade.

No que concerne à presença do projeto na rede, podemos dizer que o *site*³⁵³ do *KDM* apresenta uma estética limpa, sem poluição visual, apesar do uso de muitas cores – talvez com o intuito de oferecer à página uma roupagem mais descontraída, indo ao encontro do perfil do público que este canal busca atingir. O *site* funciona como um *blog*, e as notícias sobre o desenvolvimento do projeto ocupam a parte central da página. A postagem mais recente – do dia 30 de janeiro de 2012, o que leva a crer que as notícias têm sido atualizadas de uma forma relativamente constante³⁵⁴ e que a ferramenta do *blog* tem sido usada de forma produtiva, como mais uma ferramenta de comunicação com os jovens –, feita pelo próprio Pablo, diz respeito à oficina de roteiro e aborda o tema das personagens da série audiovisual que se está produzindo no âmbito do *KDM*. Há no canto superior esquerdo a presença da logomarca da Prefeitura de Barcelona – atestando o forte vínculo do projeto com o Estado – e, abaixo, uma grande logomarca do *KDM*, que, além das letras, possui alguns sinais – expressando um sorriso e uma piscadela de olho – típicos da linguagem SMS, complementando a idéia que deu origem ao título do projeto. Na parte de cima da página são disponibilizados links contendo algumas informações básicas acerca do projeto e da série audiovisual, tais como: que es *KDM*; vídeos (ainda não há nenhum vídeo postado); personajes (conta um pouco do perfil das personagens da série); talleres (disponibiliza informações e vídeos sobre as oficinas levadas a cabo durante a preparação para a produção da série); equipos (explicita os nomes das equipes e seus respectivos participantes); prensa (traz fotos, materiais gráficos e notas sobre o *KDM* que tenham saído na imprensa); e contacto (espaço para mandar mensagens para a equipe coordenadora do projeto).

No que diz respeito à concepção do projeto, é possível afirmar que, se existem algumas experiências audiovisuais que conseguem manter uma certa neutralidade com relação aos pontos de vista e à trajetória de seu coordenador, este não é o caso da relação que se dá entre o *KDM* e seu idealizador. Podemos dizer, inclusive, que se trata do “projeto

³⁵³ Apêndice 14.

³⁵⁴ A postagem do dia 30 de janeiro era a mais recente no dia 2 de fevereiro, data em que foi escrito este tópico. A informação ficou como a mais recente durante quatro dias, até a atualização seguinte, que ocorreu no dia 03 de fevereiro.

do Pablo”, tal é força da marca do coordenador impressa em todo o processo de amadurecimento do *KDM*, desde que era uma idéia ainda sem contornos mais concretos. Mas, mesmo sem detalhes definidos acerca de sua idéia, desde o começo do processo o coordenador do projeto parecia ter muito claro o que objetivava fazer: desenvolver um produto audiovisual, juntamente com os jovens, que refletisse sobre juventude, interculturalidade e integração, tendo como cenário uma Barcelona profundamente atravessada pelo fenômeno das migrações transnacionais.

Pablo Herrera, 37 anos, é argentino, mas mora há muitos anos na Espanha. Seu vínculo com a América do Sul raramente vem à tona nos diálogos traçados com ele, exceto por conta do sotaque, que, de certo modo, denuncia sua origem, mesmo após tantos anos na Catalunha. Sendo assim, faz-se importante refletir sobre a condição de migrante do coordenador do *KDM*, em virtude dessa característica não estar presente – pelo menos não de forma clara – nos modos como o projeto veio se corporificando. Pablo nunca mencionava sua origem para os jovens – incluindo os que não o conheciam previamente –, e sua trajetória migrante nunca foi trazida como exemplo nas discussões geradas em torno do tema dos deslocamentos transnacionais da contemporaneidade. É como se o próprio coordenador do *KDM* empreendesse um movimento de negação de suas origens em virtude de um processo de assimilação. Não que a condição de argentino devesse pontuar toda a fala dele, em todos os âmbitos pelos quais ele circula, mas se Pablo coordena um projeto que tem a questão das migrações como um dos eixos conceituais, nos parece presumível que suas experiências em torno do que se discute ali emergissem de um modo mais constante e natural ao longo das discussões geradas nos encontros da equipe piloto, o que não aconteceu. Em nenhum momento dos diversos diálogos traçados com o coordenador do *KDM* o fato de ele ser um migrante aparece como um fator motivacional para a criação de um projeto que se volta a este tema. Pablo, apesar de ser um sujeito entranhado com seu objeto, coloca-se a apresenta-se como um observador externo, como mais um catalão pensando sobre a questão das migrações em Barcelona.

Herrera começou sua trajetória de atuação no âmbito do audiovisual trabalhando em festivais de cinema. O coordenador do *KDM* enfatiza, inclusive, que ajudou a realizar “el primer festival que hubo en España de películas hechas a través de teléfono móvil y nuevos

dispositivos”³⁵⁵ (HERRERA, 2011), destacando seu vínculo com a apropriação das novas tecnologias da comunicação. Pablo acrescenta, afirmando que o interesse por este tipo de prática não se sustentava na promoção de nenhuma marca de celular ou empresa telefônica, mas, pelo contrário, no objetivo de sensibilizar sobre a utilização das mídias digitais para potencializar a produção de coisas artísticas e criativas. Posteriormente começou a trabalhar na Prefeitura de Barcelona, desenvolvendo e ministrando oficinas de audiovisual para adolescentes, no espaço das escolas da cidade. Antes da concepção do *KDM*, Pablo desenvolveu um outro projeto audiovisual no âmbito do Centre Garcilaso, que se chamava El culebrón del barrio, que focava igualmente no público juvenil, porém envolvendo outras temáticas. Enquanto no *KDM* os temas da juventude vinculam-se às questões de interculturalidade, integração, migrações, etc., no Culebrón, como o próprio nome sugere, a estética era mais a de uma dramalhão, de uma novela, contemplando dramas, amores proibidos, relações familiares e outros temas do universo juvenil.

Herrera conta que em suas incursões pela seara do audiovisual importa muito mais a contribuição amadora dos usos das mídias do que as experiências dos expertos, sendo este um dos motivos pelos quais eleger trabalhar com adolescentes, por estar este grupo em fase de formação e aberto à experimentação. Como fica explícito em sua fala, a relação de Pablo com o audiovisual possui uma pré-disposição para o viés não comercial, nem de autoria, senão muito mais voltada para a perspectiva educacional. Nesse sentido, o coordenador do *KDM* ressalta um caráter de encaminhamento desses jovens no âmbito do emprego, perguntando-se se projetos audiovisuais como esses não teriam o potencial de revelar futuros profissionais na área. Percebemos aqui, de forma clara, um contraste com os projetos desenvolvidos no *Aldeia*, em que a preparação para o mercado é algo que fica relegado a um segundo plano. Pablo destaca, ainda, que as novas mídias proporcionam a oportunidade de maior participação dos jovens em projetos como o *KDM*.

La novedad de ese proyecto era que no era solamente para adolescentes, sino que lo que se intentaba es que los chicos también participaran de otras formas y no únicamente como actores o atrices

³⁵⁵ Assim como fizemos com as narrativas dos jovens que participaram da investigação, optamos por não fazer a tradução das falas de Pablo Herrera, deixando-as em espanhol, como uma forma de manter os relatos do coordenador de um dos objetos de referência da pesquisa – *KDM* – o mais próximo possível do modo como foram narrados.

sino también en cualquiera de las otras disciplinas que conforman el mundo audiovisual, que va desde los actores hasta el montador, o sea, pasando por los técnicos de luz, por los operadores de cámara, escenografía, maquillaje, fotografía y estas cosas (HERRERA, 2011).

Acerca do que pode trazer de positivo o trabalho com os jovens, Pablo afirma achar divertido e prazeroso atuar junto aos adolescentes, destacando que se sente muito à vontade em interagir com esse público. A empatia do coordenador do *KDM*, no que diz respeito ao trato com a juventude, ficou clara durante todo o trabalho de campo realizado em Barcelona. Pablo exerce, mais do que um poder de autoridade, um papel de admiração. Seja nas escolas – durante os grupos de discussão – ou nas dependências do Centre Garcilaso, os rapazes e moças demonstram respeito e afetividade para com o argentino, dirigindo-se a ele para conversar, tirar dúvidas ou mesmo para cumprimentá-lo. Herrera aponta que o período de transformações, de indefinições e de crise, pelos quais passam os sujeitos na juventude, os tornam muito mais espontâneos e abertos às experimentações. “Me atrae en ciertos aspectos trabajar con adolescentes porque están en una edad en que todavía no están muy condicionados como los adultos” (HERRERA, 2011). Pablo diz que um dos elementos norteadores ao pensar o projeto é o fato de possibilitar que os jovens possam utilizar, no decorrer das dinâmicas do *KDM*, a linguagem que eles estão criando e desenvolvendo em suas rotinas de usos e apropriações dos meios de comunicação para além do objetivo de ócio e diversão, mas, também, no sentido de aprendizagem e de participação social. “En lugar de colgar los vídeos por pura distracción, lo hagan por un objetivo específico, que es poder estar en un proyecto y este tipo de cosa” (HERRERA, 2011). Um outro ponto interessante, destacado pelo coordenador do projeto sobre sua atuação com os jovens, diz respeito ao fato de Pablo não se considerar um reeducador de adolescentes, ressaltando que seus projetos audiovisuais não são uma escola, no sentido formal da palavra. Portanto, ele deixa muito claro que não é de seu interesse trabalhar com “jovens problemáticos” (palavras dele), já que é uma prioridade para si que os produtos audiovisuais tenham qualidade e que o trabalho executado seja sério e bem feito. Aqui é possível perceber mais um ponto de distanciamento entre *Aldeia* e *KDM* – e entre o projeto em Barcelona e um caráter mais social –, quando o primeiro lida – senão direta, mas indiretamente – com jovens cujas vivências são perpassadas por problemas, de muitas ordens. Problemas

relativos à dinheiro, à criminalidade, às drogas, à habitação, etc. No *Aldeia*, que foca suas atividades no perímetro do Mucuripe, seria bastante difícil eleger a ausência de problemas e conflitos como pré-requisito para a participação em seus projetos.

No que diz respeito aos vínculos do *KDM* com os movimentos sociais, Pablo aponta que, diferentemente do que ocorre em países da América Latina, que apresentam um cenário de mobilização coletiva, na Espanha os movimentos da sociedade civil vêm se desenvolvendo a partir de uma ótica de manipulação. “Acá no existe movilización social, creo yo desde mi perspectiva, como um factor verdadero de cambio, acá está todo absolutamente planificado y normalizado” (HERRERA, 2011). O coordenador do *KDM* destaca que, na verdade, o importante não é trabalhar a partir de um movimento social, mas a partir de uma perspectiva social. Pablo afirma que determinadas questões sociais aparecem no desenvolvimento do projeto, mas de forma espontânea, e não como algo enrijecido e forçado, afinal, o panorama de ação do *KDM* – e de seus debates – advém de um fluxo natural, no qual não há regras, para que não se caia no risco de desenvolver algo moralista e de panfletagem reivindicativa, o que não condiz com a proposta e com a idéia de Herrera. O idealizador do *KDM* ainda afirma que não há a identificação direta do projeto com nenhuma classe social específica, mas que se procura, pelo contrário, trabalhar as questões que funcionam como eixos de ação – como as migrações, por exemplo –, de um modo transversal, transclassista. Pablo faz questão de enfatizar que seu projeto não está identificado com nenhum discurso determinado, bem como não tem nenhuma “cor” ou posição específica, acrescentando que a associação que o representa institucionalmente – o Centre Garcilaso – também não assume nenhum papel no interior dos movimentos sociais.

No me implico en ningún tipo de movimiento politizado. Aquí en España todos los movimientos están, de una manera u otra, politizados. En Latinoamérica probablemente no, porque es más por necesidad, y, a lo mejor, no hay politización, pero aquí en este país no me voy a asociarme a ningún movimiento (HERRERA, 2011).

Sobre a sua percepção do que seja cidadania, Pablo ressalta o caráter de liberdade para fazer as coisas de um modo ou de outro, enxergando o exercício cidadão como uma maneira cívica na qual todos têm – ou, pelo menos, deveriam ter – a oportunidade de dizer

algo, e que o ideal é que a cidadania seja uma coisa praticada na rotina, no cotidiano das pessoas, nas relações com os outros e com as instituições, e não somente em períodos eleitorais. “Creo que el ejercicio de la ciudadanía es bastante más simple en definitivo de lo que la gente cree o considere. Yo creo que la gente ya ejerce la ciudadanía y a veces no lo hace de una manera plenamente consciente” (HERRERA, 2011). Herrera aponta que nos dias de hoje são múltiplos os canais através dos quais se faz possível o exercício cidadão, enfatizando que as mídias digitais podem ser consideradas espaços privilegiados, nos quais se potencializa essa prática. “Los chicos pueden utilizar las redes sociales, ya sea en el Facebook com en un proyecto de esta manera como estamos haciendo nosotros. Eso, para mí, es ejercitar la ciudadanía” (HERRERA, 2011). O coordenador do *KDM* afirma que a prática cidadã a partir das mídias digitais efetiva-se a partir do momento em que passa por sistemas ainda não inteiramente controlados pelas marcas e pelo Estado. “En Twitter alguien dice alguna cosa y ya se puede armar un gran escándalo y una movilización alrededor del tema” (HERRERA, 2011). Pablo enfatiza que está justamente nesta característica de distanciamento dos governos e do mercado o potencial cidadão de projetos como o *KDM*, o que pode ser relativizado, pois, apesar de não possuir nenhum vínculo com marcas comerciais, o projeto é subsidiado por dinheiro público e intrinsecamente ligado à prefeitura de Barcelona, já que o Centre Garcilaso, instituição que acolhe o *KDM* – inclusive fisicamente –, é um equipamento do Estado. Vale a pena ponderar se é possível que esta proclamada liberdade se efetue na prática, em virtude do projeto em desenvolvimento necessitar de apoio dos governos para realizar-se.

Sobre o papel que desempenham as mídias digitais na construção da cidadania, Pablo, resgatando o exemplo da bomba atômica, afirma que tudo o que está relacionado aos usos da tecnologias pode ser encaminhado de diversas maneiras, trazendo resultados positivos ou nocivos para a sociedade. O coordenador do *KDM* destaca sua paixão e fanatismo pelo tema das novas tecnologias da comunicação e da internet, por serem, em seu ponto de vista, coisas absolutamente revolucionárias e que têm transformado as relações em torno do planeta de uma forma antes não vista. Herrera destaca que seu interesse se dá, especialmente, em observar o que e como as pessoas estão usando as novas mídias.

Me interesa saber como los chicos están grabando, como ellos utilizan la cámara, como ellos se presentan delante de la cámara y como ellos

se venden utilizándola, lo que hacen con eso después, para donde envían estos materiales y todas estas cosas que hacen en las redes sociales y toda la movida (HERRERA, 2011).

Pablo aponta sobre o acesso cada vez mais crescente que se tem às mídias digitais e destaca, então, o perigo de que as zonas de emissão de conteúdos fiquem em poder somente de uns poucos, afirmando que as dinâmicas no seios da sociedade em rede não podem se restringir ao consumo de informação através dos grandes portais de notícias, por exemplo. É preciso, nesse panorama, potencializar as pessoas – e os jovens, de modo especial – para adentrarem esses espaços, para ocuparem e interferirem nas lógicas de produção, para mobilizarem-se socialmente a partir dessas novas ferramentas que vêm sendo disponibilizadas. O coordenador do *KDM* enfatiza que quando muda o objetivo do jovem nos usos das redes sociais – para além do desejo de diversão e entretenimento – muda, também, a estrutura mental dele.

Es un pequeño granito de arena para que la gente, a través de determinadas cosas, vaya tomando consciencia realmente del potencial que tiene en sus manos. [...] Fundamentalmente las nuevas tecnologías están al servicio del desarrollo, desarrollo, digamos, comunitario y social (HERRERA, 2011).

Sobre os motivos que o levaram a desenvolver um projeto voltado para a juventude usando mídias digitais e meio audiovisuais, Pablo afirma que a junção acabou surgindo como uma consequência natural do trabalho desenvolvido por ele ao longo de anos, que, na maior parte das vezes, envolveu jovens, por um lado, e meios de comunicação, por outro. O coordenador do *KDM* afirma que, para além dos gostos pessoais, faz-se relevante desenvolver projetos nesse sentido, já que vivemos em uma sociedade que é puramente audiovisual, e na qual predomina este tipo de linguagem. “Audiovisual y nuevas tecnologías son cosas que no se pueden dissociar de ninguna manera y que es potencial y absolutamente el futuro de los nuevos medios de comunicación” (HERRERA, 2011). Pablo acrescenta à questão, quando diz que, como educador, seu interesse alicerça-se em ajudar a desenvolver com os jovens experimentações na linguagem audiovisual, já que é, especialmente, a gramática dos sons e das imagens a que vem sendo apropriada em maior medida – e de forma mais aprofundada – pela juventude contemporânea.

Sobre o fato de Barcelona ser tomada – ou de ter construído essa imagem para si – como uma cidade intercultural, Pablo concorda que existe muita gente que nasceu em outros países morando na capital, mas afirma que não sabe até que ponto a cidade é intercultural, porque não consegue dimensionar se essas pessoas relacionam-se na prática, em suas vivências cotidianas. Uma cidade possuir muitos migrantes como moradores não quer dizer, necessariamente, que se vivencie alí um ideário intercultural, pelo simples fato de que a presença de uma grande quantidade de coletivos migrantes não diz respeito, de forma direta e imediata, ao modo como cada um desses grupos convive entre si e com os autóctonos. O coordenador do *KDM* sugere, então, que a rotina da cidade não acompanha o imaginário que, por vezes, se constrói em torno dela. “Creo que Barcelona tiene sus puntos desarrollados y sus falencias muy gruesas también. Es mucho menos de lo que se habla por supuesto, o sea, no es modélico en absoluto, ni Barcelona ni ninguna ciudad de España, para nada” (HERRERA, 2011).

Falando especificamente sobre o *KDM*, Pablo ressalta a inovação do projeto, dizendo não conhecer nada do tipo que tenha sido desenvolvido em Barcelona. Uma característica do *KDM* que merece ser destacada, no ponto de vista de Pablo, diz respeito à formação do grupo motor, que proporcionou aos jovens participar das discussões em torno dos eixos teóricos e conceituais do projeto, através de debates gerados em torno de temas como integração, interculturalidade, participação, migrações, preconceito, etc. Pablo ressalta, também, a surpresa positiva que o projeto tem causado, tantos nos professores e diretores das escolas nas quais se tem divulgado o *KDM* quanto nos próprios jovens, que talvez não estejam acostumados a ter contato com um espaço como esse, onde possam atuar com as novas tecnologias de forma ampla, a partir de distintas funções. Um dos grandes diferenciais do projeto, segundo o ponto de vista de Herrera, é o fato de possibilitar aos jovens a atuação para além do papel de ator ou atriz, mas, também como roteiristas, operadores de câmeras, cenógrafos, técnicos de luz e som, etc., proporcionando uma apropriação por completa dos usos das novas mídias e do fazer audiovisual. Os jovens participantes estão envolvidos em todas as fases do processo produtivo, desde a concepção do roteiro até a fase de pós-produção da série audiovisual, criando, assim, um movimento de protagonismo juvenil nas dinâmicas do projeto. Pablo afirma que muitos atores coletivos utilizam as ferramentas audiovisuais nesse momento, mas que o universo das pessoas mais

velhas ainda não tem conseguido adquirir a devida – e importante – consciência do potencial de transformação que há nas mídias digitais. Com um pouco de exagero – afinal, como já explicitamos antes, é cada vez maior o número de adultos que passa a se envolver com os usos das novas tecnologias da comunicação –, Herrera (2011) afirma que “las personas que son mayores están totalmente out del sistema new-age, están totalmente out del ‘modernagio’ de las nuevas tecnologías”. O coordenador do projeto acaba por reforçar alguns estereótipos, como o dos sujeitos mais velhos que não sabem nem ligar o computador, acentuando uma barreira intransponível que, na prática, tem se fragmentado.

Acerca do financiamento do projeto, Pablo aponta que a verba para a realização do *KDM* vem de fundos públicos, tais como a prefeitura de Barcelona, a sub-prefeitura do distrito de Sant Andreu – onde localiza-se o Centre Garcilaso e onde vive parte dos jovens envolvidos no projeto – e a Direção de Imigração e Diálogo Intercultural. O coordenador do *KDM* afirma, entretanto, que nada impede que no decorrer do desenvolvimento do projeto surjam outras formas de financiamento. Sobre os vínculos com os poderes públicos – tecidos a partir do momento em que a verba para concretizar o projeto vem, especialmente, do Ayuntamiento da cidade –, Pablo destaca que sua experiência neste marco é pontuada por muita liberdade para trabalhar, autonomia e independência para fazer o que e como queira, arriscar e experimentar. Herrera afirma que alguém sempre tem que responder pela parte financeira e, sobre isso, completa: “me parece mucho más interesante trabajar para el Ayuntamiento de Barcelona que para una ONG, por ejemplo, o depende para que ONG, porque claro que hay muchas ONGs distintas, ¿no?” (HERRERA, 2011).

Sobre as reflexões que faz acerca do modo como o projeto está se desenvolvendo, bem como do grau de participação dos jovens, Pablo afirma que sua avaliação é muito positiva. “Mi valoración del proyecto, de momento, yo le pondría un porcentaje muy alto, está funcionando muy bien, está despertando expectativas. Yo veo que los chicos están interesados, veo que es una cosa que me estimula. En el grupo hay chicos que son muy capaces” (HERRERA, 2011). O coordenador do *KDM* ainda afirma que o número de jovens envolvidos no projeto e na elaboração da série audiovisual não é o mais importante, pois, mais relevante do que a quantidade de jovens relacionados ao processo, o que é significativo para a equipe gestora é a forma como o *KDM* está mobilizando a juventude implicada ao seu desenvolvimento. Vale destacar, no entanto, que um dos fatores

responsáveis pelo atraso na concretização do projeto foi, justamente, o interesse, por parte de Pablo, em obter um número maior de inscritos. A posta em marcha do *KDM* começou a caminhar a passos lentos quando a equipe coordenadora optou por dedicar um tempo substancial e um investimento de esforços significativos na divulgação ampla do projeto, com o objetivo de conseguir o maior número possível de inscritos. O próprio período de inscrição, cuja previsão inicial era a de não ultrapassar um mês, ficou aberto por mais de dois meses, para que se pudesse chegar ao expressivo número de cento e cinquenta jovens inscritos. O fator quantitativo adquire um papel importante na medida em que produzir uma série audiovisual do princípio ao fim – sem que haja qualquer parte da “linha de montagem” cuja mão-de-obra para desenvolvê-la não venha da própria equipe do projeto – requer a participação de muita gente. Em virtude disso, minimizar a questão da quantidade de jovens interessados na atuação em torno do *KDM* é algo que se efetiva menos na prática do que no discurso.

No que diz respeito à análise acerca das maneiras como as questões relativas ao tema das migrações e da interculturalidade vêm surgindo na trajetória do *KDM*, Pablo afirma que as discussões em torno desses eixos vêm aparecendo de uma forma natural, por meio de debates desenvolvidos nos encontros do grupo e na realização das oficinas. O coordenador do projeto faz questão de enfatizar que as dinâmicas que têm sido postas em prática na materialização do *KDM* não fazem respeito apenas ao trabalho operacional e técnico junto às novas mídias, mas, também, a conversações que se voltam para as temáticas que são caras ao projeto.

Te voy a poner un ejemplo... Si los que están eligiendo la ropa tienen que vestir un chico que es ecuatoriano, ¿como lo visten? ¿Como lo imaginan, vale? Entonces ahí viene la primera pregunta y el primer trabajo que tú haces con los chicos... ¿Lo visten típicamente ecuatoriano? Los chicos pueden ver que a través de como visten un personaje están diciendo cosas, ¿vale? (HERRERA, 2011).

Sobre os temas que sustentam – ou, pelo menos, deveriam ter grande ressonância – o *KDM*, como migração e integração, Pablo afirma que seu interesse – que tem sido colocado em prática – é que os assuntos surjam de modo tangencial, de forma implícita, e não como um tema de “lição de classe”. “A mí no me gusta sentar a la gente y decirles:

bueno, ahora vamos a tener una clase. A mí me gusta aprender a través de la creación, me gusta que la reflexión surja de la creatividad” (HERRERA, 2011). O coordenador do *KDM* destaca que acha importante romper estereótipos, mas que não acha produtivo cair em extremos e tratar de assuntos tão polêmicos e delicados, como os que o projeto se propõe a discutir, de modo explícito. Este é um argumento utilizado por Pablo desde o início da concepção do projeto, quando o *KDM* não possuía nem este nome ainda. A preocupação, da parte do idealizador da série audiovisual, alicerçava-se, então, a partir do medo de afugentar os jovens do interesse em participar no projeto, caso o vínculo com temas “chatos e adultos” ficasse muito evidente. Durante a realização dos grupos de discussão nas escolas e dos encontros da equipe motor esta preocupação ficava muito nítida, já que os assuntos eram introduzidos de forma muito sutis, de modo a não chocar e repelir os jovens. Inclusive algumas questões, como as relativas ao preconceito, por exemplo, não eram perguntadas diretamente, mas aguardadas para que viessem à tona de forma espontânea, o que nem sempre acontecia. A ponderação que fazemos é para que não se corra o risco de acabar amplificando demais o desejo por discricção no que concerne aos assuntos “sérios” e eles se percam no fluxo veloz e dinâmico da gramática audiovisual juvenil. Um exemplo de como se pode perder em qualidade e inovação quando se opta por um caminho intermediário vem do fato de Pablo afirmar, durante a entrevista, que gostaria de ter um rapaz inserido na equipe de maquiadores – um trabalho frequentemente exercido por mulheres – e uma menina no grupo dos técnicos de som – uma tarefa que, na maior parte da vezes, é cumprida por homens –, como uma forma de romper com os rótulos construídos socialmente. Após a divulgação oficial das equipes de trabalho do *KDM* pudemos constatar, infelizmente, que na equipe de maquiagem só há moças e que o grupo de técnicos de som é composto apenas por rapazes.

5.4. Caracterização dos jovens entrevistados

Julia: Tem 18 anos, é solteira e nasceu em Barcelona. Sua mãe é francesa e seu pai é catalão. Vive em Sant Andreu, apenas com a mãe e o padrasto, pois é filha única. Abandonou a escola porque queria uma mudança de vida, novos ares, e passou a dedicar-se a um curso que forma cuidadoras de bebês, mas o curso terminou e a moça agora está sem

fazer nada, além das atividades do *KDM*. Acha Barcelona uma cidade muito grande, porém enxerga o bairro onde mora como um lugar tranquilo e familiar para se viver. Nos momentos de lazer diverte-se navegando por horas na internet ou na companhia de amigos – a maioria de origem catalã –, quando saem para passear nos espaços livres da cidade. Quer ser atriz e já teve participação em outro projeto capitaneado por Pablo, o *Culebrón del Barrio*.

Juan: Tem 16 anos, é solteiro e nasceu em Barcelona. Seus pais também nasceram na cidade. Vive em La Sagrera, com a mãe e a irmã, mas tem, também, muita proximidade e convivência com os avós e uma tia. Estuda na escola Príncipe de Viana, mas começou a trabalhar como relações públicas e DJ em festas da cidade, além de estar inserido na equipe jovem do *KDM*, tendo, portanto, que se dividir entre as três tarefas. Gosta de Barcelona e do bairro onde vive devido, principalmente, à facilidade para encontrar tudo o que necessita em seu dia-a-dia. Nos momentos de ócio as atividades variam conforme as estações do ano. Quando o tempo está bom costuma andar de bicicleta na montanha, e quando está mais frio tem o hábito de marcar com os amigos na casa de alguém, onde jogam videogame e fazem experimentações com equipamentos de música. A maior parte de seus amigos é de Barcelona, tanto da escola quanto do grupo de escoteiros do qual faz parte. Tem várias participações em projetos voltados para a juventude, alguns deles coordenados por Pablo.

Pep: Tem 16 anos, é solteiro e nasceu em Barcelona. Seu pai é colombiano e sua mãe é catalã, mas o rapaz faz questão de enfatizar que, de toda a família paterna, somente seu pai nasceu na Colômbia, pois seus avós e os demais membros todos nasceram na Espanha. Mora no Camp de l'Arpa, com os pais, já que a única irmã já é casada e tem sua própria casa. Estuda no Instituto Alsina, ao contrário da maioria dos outros jovens da equipe, que frequentam o Instituto Príncipe de Viana. Aponta Barcelona como uma cidade bonita, com muitos lugares para visitar, e o bairro como um lugar agradável para viver, apesar do incômodo trazido pela quantidade de obras nas proximidades de casa. Tem amigos catalães, mas, também, nascidos em outros lugares, como Colômbia, Perú, Argentina, etc. Nos momentos de lazer costuma usar a internet, jogar videogame e encontrar os amigos, saídas essas que incluem passeios em parques e jogos de futebol ao ar livre. Sua trajetória de participação em projetos voltados para a juventude também inclui o *Culebrón del Barrio*, como alguns de seus colegas do *KDM*.

Alberto: Tem 15 anos, é solteiro e nasceu em Barcelona. Seus pais são chilenos. Vive em La Sagrera com a mãe e dois irmãos, também nascidos no Chile, já que seu pai, separado da mãe, foi morar em Sevilha. Estuda no Instituto Príncipe de Viana e quer cursar uma faculdade. Gosta de Barcelona, por ter sido a cidade onde nasceu, e afirma se sentir seguro ao andar por suas ruas, ao contrário do que acontece em outros países, onde as pessoas têm medo até de ir à escola. Nos momentos de ócio tem o hábito de escutar música, entrar no Facebook e desenhar. A maior parte de seus amigos é de migrantes, especialmente colombianos, seguidores da igreja evangélica que costuma frequentar com sua mãe. Usa o Facebook para falar com os primos chilenos e, de vez em quando, fala com a avó e as tias por telefone, mas sua mãe fala frequentemente com os parentes de lá. Tem muita vontade de ir ao Chile para conhecer melhor suas raízes e seus familiares, já que foram poucas as vezes em que os parentes de lá foram à Barcelona visitá-los. A participação no *KDM* é sua estréia nos projetos audiovisuais voltados para a juventude.

Lien: Tem 14 anos, é solteira e nasceu em Múrcia, na Espanha. Seus pais são chineses. Mora em Sant Andreu com os pais e mais três irmãs, que também são chinesas. Estuda no Instituto Príncipe de Viana, próximo ao Centre Garcilaso. Acha Barcelona uma cidade muito bonita, porém muito barulhenta. Gosta do bairro onde vive, pois, como mora nele desde que se mudou para a cidade, acabou se acostumando. Não tem muitos amigos em Barcelona, mas os poucos que tem se dividem entre catalães e asiáticos. Os momentos de lazer são dedicados quase que exclusivamente ao uso da internet, especialmente do Facebook, pois seus amigos não marcam muitos encontros e saídas, então ela acredita que tem que se divertir por si só. Quando sai de casa costuma ir aos parques e aos shoppings da cidade. Tem contato frequente, por telefone, com os avós, que ficaram na China, mas não conhece o país onde sua família nasceu, apesar de possuir interesse em fazê-lo. Sua primeira participação em projetos dessa natureza acontece a partir do vínculo com o *KDM*.

5.5 As visões de mundo e as experiências dos jovens com as relações entre mídias e mobilizações coletivas

Esse tópico tem como finalidade trazer à tona e discutir sobre as visões de mundo e as trajetórias de vida de nossos jovens protagonistas, bem como refletir sobre as

experiências deles no âmbito do *KDM*. As questões que dão vida ao tópico são provenientes não só das análises das entrevistas em profundidade, mas, também, da observação constante que foi empreendida durante o acompanhamento sistemático das atividades desenvolvidas pelos sujeitos-pesquisados, nos grupos de discussão, levados a cabo na escola, e nos encontros da equipe motor, realizados no Centre Garcilaso. Do mesmo modo como fizemos no capítulo anterior, com o intuito de facilitar a leitura, a análise está dividida em cinco blocos – relações entre juventude e participação; consumo e uso dos meios; relações entre juventude e mídia; relações com o *KDM*; relações entre cidadania, mídia e migração –, referentes aos blocos existentes no roteiro das entrevistas. O primeiro bloco da entrevista, que diz respeito ao contexto familiar, social, educativo e profissional, nos serviu de base para construir um pequeno perfil de cada um de nossos protagonistas, explicitado no tópico anterior.

5.5.1 Relações entre juventude e participação

Sobre as percepções que os jovens participantes do *KDM* têm sobre a juventude dos dias de hoje na Espanha e, especialmente, em Barcelona, os pontos de vista parecem convergir para uma imagem da juventude vinculada de forma significativa ao hedonismo, ao aproveitamento intenso da vida, algumas vezes até de modo irresponsável, sem qualquer preocupação com o futuro. “Bueno, yo creo que en el fondo es pasárselo bien, disfrutar, porque la juventud acaba terminado rápido y luego ya cuando te pones a trabajar...” (Juan, 16 anos). “Hay muchos jóvenes que están de farra en la discoteca, bebiendo alcohol y fumando porros³⁵⁶, es que hay bastante así, casi todos son así. [...] La mayoría de ellos pasan de todo, prefieren divertirse y ya verán lo que pasa el futuro” (Pep, 16 anos). “Hay valores que en el joven se implantan que a lo mejor para mi no son los adecuados, pues no le van a ayudar tanto a crecer. Lo de tener relaciones sexuales a los doce años. Lo único que les importa es pasárselo bien y para eso tengo que drogarme o emborracharme” (Alberto, 15 anos). “La gente joven hace normalmente lo que le da la gana sin hacer caso de los demás” (Lien, 14 anos). Essas percepções vão ao encontro de uma pesquisa (RODRÍGUEZ e NAVARRO, 2007) realizada com jovens espanhóis, na qual a juventude era relacionada,

³⁵⁶ Maconha. Tradução do autor.

pelos próprios jovens, de forma preponderante, com imagens vinculadas à moda, à discoteca e ao álcool. Os adolescentes na Espanha “separan todas aquellas imágenes que tienen que ver con lo que se entiende por ocio, diversión y tiempo libre de las que serían imágenes relacionadas con cuestiones ‘serias’, que hacen parte del mundo de los adultos”³⁵⁷ (RODRÍGUEZ e NAVARRO, op. Cit, p. 7).

Há, ainda, interessantes comparações que constroem da juventude na Espanha com a de outros países, fazendo emergir modos distintos de relação com o outro, que adquire conotações diferentes quando se trata de um outro que faz parte dos países ditos ricos ou de um outro que está inserido no grupo das nações em desenvolvimento. As falas de dois jovens autóctonos e cujos pais são europeus podem ser significativas nesse sentido. “Por ejemplo, Estados Unidos incentivan el deporte. Es un país que está un poquito más desenvuelto en este concepto, sabes... Yo creo que deberíamos hacer más deportes como ellos” (Julia, 18 anos). “El año pasado estuve haciendo un trabajo para Save the Children³⁵⁸ y vimos las diferencias de la gente entre países pobres y los de aquí. Hay algunos sitios donde hay mucha pobreza, pero en España te lo acabas pasando bien” (Juan, 16 anos). A comparação com países latinos e africanos, alimentada pela mídia, pela opinião pública e mesmo através dos setores acadêmicos, muitas vezes, acaba por sedimentar uma visão pejorativa dessas regiões do mundo, quando elas são visibilizadas sempre de modo imparcial. É sabido que a ausência de condições de vida digna em determinadas nações são graves, mas a realidade desses povos não se resume a isso. Meneses (2008, p. 77) faz uma crítica a esta questão, quando afirma que “a construção de representações sociais reificadas através de categorias conceptuais como tribo, etnia, tradicionalismo, atraso, subdesenvolvimento, entre muitas outras, exige uma reflexão sobre o seu conteúdo”.

Acerca do que acreditam haver de positivo e de negativo em seu entorno, e sobre o que mudariam se fosse possível, a análise dos jovens investigados concentra-se em uma

³⁵⁷ “separan todas aquelas imagens que têm a ver com o que se entende por ócio, diversão e tempo livre das que seriam imagens relacionadas com questões sérias, que fazem parte do mundo dos adultos”. Tradução do autor.

³⁵⁸ Save the Children é uma ONG sem fins lucrativos e sem qualquer vínculo político ou religioso. O objetivo fundamental da associação é a defesa ativa dos interesses das crianças, especialmente das mais desfavorecidas. Save the Children conta com organizações em vinte e nove países e está presente em mais de cento e vinte programas de ajuda. Os principais temas trabalhados pela ONG são educação, saúde, nutrição, trabalho infantil, prevenção de abuso sexual, dentre outras questões.

visão bastante positiva acerca de Barcelona, apontando-a como uma metrópole onde é possível ter acesso a tudo o que se queira. “Hay muchas tiendas y todo eso para comprar ropas, comida, porque puedes bajar a la casa y tienes al lado tres o cuatro fruterías. Es una ciudad bastante bien comunicada” (Juan, 16 anos). Sobre os pontos negativos, os protagonistas da pesquisa dividem-se entre percepções diversas, que vão da sujeira das ruas à fumaça emitida pelas fábricas, além dos que não enxergam nenhum ponto negativo e não gostariam de mudar nada na cidade e no entorno onde vivem. “Hay calles que están llenas de meado³⁵⁹, sucias, todo tirado por el suelo. Me gustan las cosas limpias, pero hay mucha gente que pasa de todo eso. Muchas veces solo las calles principales están limpias” (Pep, 16 anos). “Hay muchas fábricas que desprenden un olor que no me gusta cuando paso delante de ellas” (Lien, 14 anos). Apenas um dos jovens pontuou questões problemáticas que se vinculam à ausência ou a ineficiência de políticas sociais mais concretas e efetivas: os furtos e a injustiça. “No cambiaría muchas cosas, pero creo que hay muchos robos, no sé, necesitamos más justicia” (Julia, 18 anos).

É bastante significativo que em meio a uma grave crise econômica e social, que tem atingido a quase todas as parcelas da sociedade, especialmente a juventude, nossos sujeitos-pesquisados não tenham citado elementos relativos à situação vigente, como desemprego, especulação do mercado imobiliário, congelamento dos salários, estagnação econômica, etc. A maior parte dos protagonistas da pesquisa versou sobre assuntos que, apesar de não serem irrelevantes, não deveriam chamar a atenção em um período no qual quase a metade dos jovens em idade ativa está sem emprego. Mesmo os jovens filhos de chilenos e de chineses não expuseram seus pontos de vista acerca da forma como o Estado trata a questão da migração ou sobre os problemas relacionados às políticas públicas voltadas para a integração dos estrangeiros na sociedade. Nesse sentido, parece válida a contribuição de Megías, Rodríguez e Navarro (2005, p. 36 e 37), quando apontam que os jovens na Espanha identificam-se, majoritariamente, com “un modelo social que prioriza valores individualistas, y centra el objetivo en sobrevivir”, configurando um cenário no qual

³⁵⁹ Urina. Tradução do autor.

“simplemente les resulta indiferente lo que ocurra en términos políticos, lo consideran ajeno a sus intereses”³⁶⁰.

Nenhum dos jovens possui uma tradição familiar de participação em movimentos sociais ou outras mobilizações coletivas, mas todos eles, com exceção de apenas um, possuem alguma trajetória neste sentido, mesmo com a pouca idade. São experiências em projetos socioculturais, acampamentos de juventude, manifestações contra o governo, dentre outras causas diversas. “Ya he participado en una manifestación sobre la subida de alquiler, para que no fueran tan caros. Salí en Plaza Cataluña y a hacer una vuelta bastante grande por Barcelona” (Julia, 18 anos). “Yo participé en el otro proyecto de Pablo, El Culebrón del Barrio” (Pep, 16 anos). “Yo participo en el Acampamento de la Paz, que ocurre todos los años desde 2004. Durante diez días se hablan de valores para cambiar el mundo para un nuevo orden. En 2009 yo fui elegido en el colegio para ir a este acampamento” (Alberto, 15 anos). Como podemos observar, tratam-se de experiências pontuais e esporádicas, que têm marcado os modos de ação coletiva na sociedade contemporânea, em que predomina um certo caráter transitório e, muitas vezes, fragmentado da atuação nos grupos juvenis (MAFFESOLI, 2000). Melucci (2001, p. 125) complementa o raciocínio, quando afirma que “los individuos participan de una pluralidad de redes, asociaciones y grupos. La entrada y salida de estas pertenencias diferentes es mucho más rápida y frecuente que antes, a la vez que disminuye la cantidad de tiempo que invertimos en cada una de ellas”³⁶¹. Somente um dos nossos jovens aparenta ter uma trajetória mais consistente e menos esporádica no seio das mobilizações coletivas.

Yo participé en El Culebrón del Barrio, en un proyecto de Save the Children, estoy ahora con Butaca Barcelona, que es un proyecto que se mueve por Cataluña, que se encarga de traer los jóvenes al teatro de forma voluntaria. Ya participé también en la manifestación del 11 de septiembre³⁶². Tengo unos amigos que son también muy

³⁶⁰ “um modelo social que prioriza valores individualistas, e centra o objetivo em sobreviver”. “simplesmente resulta-lhes indiferente o que ocorre em termos políticos, consideram-no alheio a seus interesses”. Tradução do autor.

³⁶¹ “os indivíduos participam de uma pluralidade de redes, associações e grupos. A entrada e saída destes pertencimentos diferentes é muito mais rápida e frequente que antes, ao passo que diminui a quantidade de tempo que investimos em cada um deles”. Tradução do autor.

³⁶² No dia onze de setembro é comemorada a festa oficial da Catalunha.

independentistas y se propuso ir a la manifestación y fuimos. El año pasado intenté con unos amigos hacer un proyecto de radio en Garcilaso, para darle un poco de voz a los jóvenes, pero al final no se consiguió tirar adelante, por problemas de dinero (Juan, 16 años).

No que diz respeito ao uso da internet voltado para questões sociais, a totalidade dos nossos informantes afirma que a navegação na rede se dá somente para fins de diversão e lazer. Nenhum dos jovens aponta qualquer apropriação da internet para organizar-se ou debater virtualmente sobre temas de interesse social ou cultural, o que encontra respaldo teórico na abordagem que propõem Megías, Rodríguez e Navarro (2005), quando refletem que a maior parte da juventude espanhola dos dias de hoje é menos comprometida com questões sociais, culturais e políticas. Os autores complementam seu ponto de vista, ao enunciar que “no les preocupa [aos jovens] estar al tanto de la actualidad sociopolítica y consideran que no hay porque participar en cuestiones sociales”³⁶³ (MEGÍAS, RODRÍGUEZ e NAVARRO, op. Cit, p. 37). Contrariando o que Castells (et all, 2007) postula, sobre o potencial de mobilização coletiva da internet – que afetaria as experimentações dos jovens na rede, que passariam de apropriações individuais para usos mais coletivos –, o que podemos afirmar com base no discurso de nossos jovens participantes do *KDM* vai muito mais ao encontro do que revela a investigação de Huertas (et all, 2010), que destaca, no cenário espanhol, um uso juvenil da internet cujos objetivos voltam-se, especialmente, para comunicação com amigos, diversão e ócio. Vale ressaltar, entretanto, que experiências recentes como a do *15-M*, que tiveram na rede um vetor de mobilização e um aglutinador de participação social e coletiva, servem para relativizar a visão de pouco comprometimento dos jovens espanhóis com a política, levantando pistas de que a juventude engajada pode encontrar na – e a partir da – internet um espaço de atuação.

A visão dos nossos jovens sobre a participação de migrantes e autóctonos na sociedade divide-se em duas vertentes, sendo uma delas a que percebe que tanto um grupo quanto o outro não participa de modo algum em causas sociais, indo ao encontro do que expusemos anteriormente, sobre o desinteresse da juventude espanhola por este tipo de

³⁶³ “não lhes preocupa [aos jovens] estar por dentro da atualidade sociopolítica e consideran que não há porque participar em questões sociais”. Tradução do autor.

temática. “Es que no hay mucha gente que quiera participar en esas cosas, actualmente, porque la gente... diria que prefiere divertirse” (Lien, 14 anos). A postura da jovem, filha de chineses, explicita um cenário juvenil hedonista, no qual a seriedade de assuntos econômicos, políticos e sociais posiciona essas questões de modo distante do repertório dos adolescentes. Há, entretanto, uma outra maneira de refletir sobre a participação dos jovens, que parece estar diretamente relacionada à questão da integração, pois o fato dos estrangeiros não estarem tão integrados à sociedade catalã pode surgir como um empecilho para a ação coletiva juvenil. Um dos filhos de pais migrantes aponta: “Pues a lo mejor es más fácil para ellos [autóctonos], yo creo que los inmigrantes no sienten que es su casa, pero creo que a nosotros nos gustaría participar más” (Alberto, 15 anos). É interessante percebermos um ponto de vista semelhante – o de que os autóctonos são mais participativos –, porém a partir de outra ótica, que enxerga esse afastamento social como opção dos migrantes, como se fosse uma situação construída somente por eles, e não de forma conjunta com os nativos. A jovem cujos pais são europeus aponta: “A lo mejor los españoles participan un poco más, porque los de fuera tampoco se integran mucho con nosotros. Nosotros tampoco le cerramos las puertas, pero ellos se van con los suyos, los chinos solo van con los chinos. Pues nosotros nos vamos con los españoles” (Julia, 18 anos).

Seja como consequência do fechamento dos autóctonos ou do isolamento dos migrantes, o que parece ficar claro é o peso negativo que a falta de integração tem nos processos participativos mais amplos, que possam interferir de forma mais efetiva na tomada de decisões políticas que digam respeito às diversas instâncias da sociedade. A partir das contribuições de Alfageme, Cantos e Martínez (2003), vemos a importância da relação com o local para que se efetive uma dinâmica de participação. Diferentes tipos de sentimento, especialmente o de pertencimento – o de sentir-se parte de uma coletividade, de uma família ou de um grupo de amigos, por exemplo –, são essenciais para possibilitar que os sujeitos sociais se envolvam nos assuntos que dizem respeito ao seu entorno, ao espaço público ao qual se vinculam. Em virtude da ausência de integração entre migrantes e autóctonos, o que tem acontecido, em diversas ocasiões, é a formação de comunidades associativas fechadas, quando migrantes criam grupos para defender seus direitos e debater assuntos de seu interesse (SCHERER-WARREN, 1998). Esses coletivos – como podemos

perceber, a partir do caso da igreja frequentada por um de nossos informantes – têm seu espaço de atuação muito reduzido, muito pontual, não conseguindo, algumas vezes, fazer valer suas demandas e nem conquistar representatividade nos contextos mais amplos da sociedade, ficando restritos à comunidade local.

No que diz respeito à abertura da sociedade para ouvir o que os jovens têm a dizer, a maior parte de nossos informantes aponta que não se sentem escutados e nem valorizados, tanto por parte dos adultos, de forma geral, quanto dos governos. “Creo que no, porque la gente no hace mucho caso de los jóvenes” (Lien, 14 anos). “Hay pocos sitios donde pueden intervenir los jóvenes, donde te tengan más atención, te escuchen. Muchas veces tú vas a pedir algo y te van diciendo que sí, pero luego nada...” (Juan, 16 anos). “Yo creo que no nos tienen mucho en cuenta, creen que nosotros somos unos pasotas³⁶⁴, que solo pensamos en nosotros, que todo nos parece un aburrimiento” (Julia, 18 anos). Nesse sentido, vale a pena resgatar as contribuições de Comas (2005), quando ele aponta que os jovens se vêem como interlocutores que são deslegitimados pelos adultos no que concerne ao debate sobre certos assuntos “sérios”. Este autor ainda complementa, refletindo que a ausência de diálogo entre os universos adulto e juvenil pode ser prejudicial, na medida em que pais, educadores e demais profissionais e técnicos do governo que trabalham com políticas públicas para a juventude, muitas vezes, como consequência da falta de abertura aos segmentos adolescentes, podem não acompanhar a velocidade das transformações que afetam essa faixa etária. “Los adultos pueden saberse la teoría, pero no consiguen comprender la práctica, pues han cambiado las drogas, la manera de afrontar el sexo, la forma en que se configuran los grupos, la forma de divertirse, las pautas educativas de los padres”³⁶⁵ (COMAS, 2005, p. 45).

5.5.2 Consumo e uso dos meios

³⁶⁴ Pasota é um termo pejorativo usado na Espanha para apontar uma pessoa que é indiferente às questões que se debatem no espaço público. Tradução do autor.

³⁶⁵ “Os adultos podem saber a teoria, mas não conseguem compreender a prática, pois as drogas, a maneira de relacionar-se com o sexo, o modo como se configuram os grupos, a forma de se divertir, as pautas educativas e os pais têm se transformado”. Tradução do autor.

Com relação ao que possuem em termos de equipamentos de mídia, todos os protagonistas dessa investigação – sem distinção entre autóctonos e autóctonos filhos de migrantes – afirmam ter computador, celular, câmera digital e aparelho reproduzidor de MP3 e destacam o uso constante que fazem dessas ferramentas, o que nos leva a crer que as apropriações das novas tecnologias da comunicação têm um papel fundamental no desenvolvimento dos processos de sociabilidade adolescente e de reconhecimento identitário, pois constituem um instrumento central nas dinâmicas de contato e de comunicação entre os pares. Os jovens podem, inclusive, ser tomadas como sujeitos impulsionadores de uma circulação midiático-digital contemporânea, que alimenta a produção e o consumo audiovisuais na sociedade em rede. Acerca especificamente dos usos da internet, uma pesquisa levada a cabo por Castells (et al, 2007, p. 86), no contexto catalão, aponta que “culturalmente, son los jóvenes, de cualquier condición social, los que, preferentemente, son usuarios de internet”³⁶⁶. Vale a pena refletir que, em um país no qual as mídias digitais se encontram em um movimento de constante disseminação entre o público juvenil – e que, inclusive, apresenta uma população migrante que supera a autóctona no que diz respeito à porcentagem de uso das tecnologias da comunicação e da informação (HUERTAS ET ALL, 2010) –, o risco de exclusão digital entre os jovens tem um potencial enorme de transformar-se, também, em exclusão social.

A dieta midiática de nossos jovens envolve, de forma preponderante, o consumo de internet e televisão. “El ordenador³⁶⁷ y la tele y ya está” (Julia, 18 anos). “Hay temporadas que estoy más con la tele, el ordenador normalmente siempre lo uso” (Juan, 16 anos). “Me pongo a ver la tele por la noche y el Facebook lo uso siempre” (Pep, 16 anos). “Pues la verdad es que estoy siempre en el ordenador, más que con la tele, porque con la tele estoy más por la mañana e ya está” (Alberto, 15 anos). “Tele y, principalmente, internet” (Lien, 14 anos). Podemos constatar a presença da internet como central na configuração das rotinas midiáticas da juventude contemporânea, bem como a presença significativa da

³⁶⁶ “culturalmente, são os jovens, de qualquer condição social, os que, preferencialmente, são usuários da internet”. Tradução do autor.

³⁶⁷ Quando os jovens citam “ordenador”, na verdade, estão referindo-se ao uso da internet, pois responderam afirmativamente quando perguntados sobre isso. Mesmo quando vão jogar necessitam estar conectados, pois a maior parte dos jogos que utilizam são jogados de forma online, em rede.

televisão como um meio de comunicação que, apesar de todos os avanços no que diz respeito à consolidação da sociedade em rede, permanece sendo consumido pelos adolescentes, mesmo que em menor grau quando comparado às gerações passadas, quando a TV era considerada a grande mídia de massa. Também surgem nas falas dos jovens uma série de outros usos, de forma secundária e intermitente, de diversos meios de comunicação. “A mí me gusta revista de moda y de esas cosas” (Lien, 14 anos). “Cuando me pongo a hacer la casa, estoy ordenando, sí que me pongo la radio” (Alberto, 15 anos). “Antes cuando hacia las prácticas en Sants y iba en el metro, bueno, lejos de aquí y me aburría en el metro, eran quince paradas, y bueno yo cogía mucho y mirava los periódicos que ellos distribuyen” (Julia, 18 anos). Nesse sentido, o que parece ficar claro é um sentido de complementaridade entre os diversos meios de comunicação, materializando um uso combinado entre distintas mídias, sejam elas digitais ou analógicas, configurando uma dinâmica interacional na qual diferentes meios são empregados (BRAGA, 2008).

Acerca do que mais gostam, no que diz respeito ao consumo da mídia, nossos jovens informantes, também sem distinção entre autóctonos e autóctonos filhos de migrantes, apontam uma predileção por navegar na internet – especialmente nas redes sociais – e por diversos estilos de programas televisivos, especialmente as séries americanas, tanto as de humor como as de enredo policial. Os seriados já haviam sido destacados como uma certa unanimidade desde os grupos de discussão, em uma etapa preliminar da investigação, nos quais a imensa maioria dos participantes citava os inúmeros títulos de séries, tanto produzidas na Espanha, como, principalmente, feitas nos Estados Unidos. “A mí me gustan las películas, las series, los reality-shows. Yo siempre veo CSI, Mentas Criminales y otras de ese tipo” (Lien, 14 anos). “Me gustan las series de comedia en la TV, como Dos hombres y medio, Me llamo Earl, Como conocí a vuestra madre” (Pep, 16 anos). “Me gustan sobre todo esas series americanas, como el CSI y luego algunas de aquí también, como Hospital Central” (Juan, 16 anos). “Pues mira, yo veo la MTV, reality-shows, series juveniles, de risa, de policia” (Julia, 18 anos). Nesse cenário, faz-se interessante resgatar as contribuições de Ortiz (2000), quando este autor fala de um processo de desterritorialização da cultura, sendo esse movimento um produto característico de nossa sociedade globalizada. Sendo assim, presenciamos uma certa imposição, nos grandes conglomerados midiáticos, de determinados formatos audiovisuais

que vêm de fora, especialmente dos Estados Unidos. As cadeias especializadas em videoclipes – a maioria deles de grandes ícones do *show business* mundial –, os *reality-shows*, as séries policiais e de comédia, dentre outros enlatados dinamizam a configuração de uma cultura internacional popular, alicerçada, especialmente, no mercado.

Com relação ao que menos gostam, os jovens são unânimes em apontar o desinteresse por programas de fofoca, que, semelhante ao que acontece no Brasil, onde também são denominados de “vespertinos”, dominam a grade da televisão aberta espanhola no período da tarde. “Telebasura de Sálvame y todas estas tonterías del corazón no me gustan nada” (Julia, 18 anos). “Las telenovelas e la telebasura” (Juan, 16 anos). “Los programas rosa. A mí no me gusta que comiencen a criticas, a espiar a la gente solo por sacar sus noticias y después las empiecen a insultar. No pueden coger las imágenes sin su permiso y publicarlas ahí. As veces inventan cosas para sacar más audiencia” (Pep, 16 anos). Interessante percebermos, também, os potenciais de rechaço dos jovens com relação a esses formatos “testados e aprovados” e exportados para diversos países. Os mesmos jovens que aderem a determinados gêneros televisivos opõem-se a outros produtos de uma cultura globalizada e indistinta (GARCÍA CANCLINI, 1996), como os programas que se centram na vida dos artistas. Outra oposição aventada por um dos jovens ressalta a relevância do caráter audiovisual como emblema das culturas juvenis contemporâneas (MORDUCHOWICZ, 2008). “Los periódicos no me atraen mucho. Creo que son aburridos, pues hay mucha letra y entonces no suelo leerme toda” (Lien, 14 anos).

Nossos informantes começaram a usar a internet muito cedo, alguns com cinco ou seis anos de idade, e a estréia nas experimentações virtuais se deu, preferencialmente, nos espaços domésticos e escolares, já que locutórios e cibercafés não foram citados por nenhum deles como lugares os quais frequentavam para acessar a rede. “Yo diría que desde los seis o cinco años. Empecé a utilizarla en casa, mirando lo que hacía mi hermana mayor en el ordenador” (Lien, 14 anos). “Creo que tendría seis años. Empecé en el cole, pues hacíamos trabajos en la internet, pero yo veía como mi hermano mayor la manejaba y tal y de hay ya aprendí un poco más” (Alberto, 15 anos). “Hace unos cinco años, más o menos. Yo empecé en clase, básicamente” (Pep, 16 anos). “Internet... pues un poco desde los diez o once años, pero no me acuerdo ahora si empecé en casa a usarla o en el cole” (Juan, 16 anos). “Pues, no hace mucho tiempo, tendría unos quince años. Creo que fue en el cole, que

nos enseñaron un poco como iba y tal. En casa no tenía, pues tan joven yo con un ordenador... Ya empecé mayorcita ya” (Julia, 18 anos). Vale destacar que os jovens autóctonos filhos de migrantes – filhos de chineses e de chilenos – são os que mais cedo começaram a usar a internet – há cerca de oito ou nove anos –, e não porque são os mais novos em idade – o que levaria a crer que a possibilidade de iniciar o acesso mais cedo é maior –, mas porque, cronologicamente, suas apropriações na web principiaram antes dos demais informantes. Experiências como essas parecem corroborar o que postula Castells (et al, 2007, p. 53), ao afirmar que “la población extranjera que reside en Catalunya tiene una tasa de conectividad superior a la población de nacionalidad española”³⁶⁸. A centralidade das mídias digitais e a configuração da sociedade em rede na contemporaneidade têm como uma de suas consequências as implicações nas dinâmicas das migrações transnacionais, antes e depois da mudança de país (COGO; GUTIÉRREZ; HUERTAS, 2008). É sabido que a expansão das novas tecnologias da comunicação tem propiciado o surgimento de novos projetos migratórios, ao facilitar o fluxo de informações sobre o país para o qual se pretende migrar; tem potencializado a criação de redes sociais entre migrantes, com o intuito de ajuda mútua entre os que acabaram de chegar e os que migraram há mais tempo, facilitando um processo de inserção cidadã dos primeiros; bem como tem alterado os vínculos e as formas de comunicação entre as “famílias transnacionais” (BRIGNOL, 2010), quando possibilita que as pessoas que migraram e as que continuam nos países de origem possam encurtar as distâncias físicas através das ferramentas de conversação online oferecidas pelas mídias digitais. Mesmo os nossos jovens, que já nasceram no país receptor, cresceram em uma ambiência na qual a internet, certamente, teve um papel relevante como meio de aproximação de suas famílias tanto com a sociedade receptora quanto com os familiares que ficaram na China ou no Chile.

Sobre as apropriações que fazem quando conectam-se à internet, os sujeitos-pesquisados, de modo indistinto, parecem centrar seus usos, especialmente, nas redes sociais e nas ferramentas de conversação instantânea, tendo sido o acesso ao Facebook e ao Messenger citado por todos os jovens como objetivo prioritário na navegação pela web.

³⁶⁸ “a população estrangeira que reside na Catalunha tem uma taxa de conectividade superior à da população de nacionalidade espanhola”. Tradução do autor.

Alguns ainda citam que vêem vídeos e alguns seriados no Youtube, lêem notícias em portais informativos, conferem seus correios eletrônicos, escutam música e jogam em rede. Nesse sentido, parece ficar claro que os usos da internet não querem dizer, necessariamente, uma apropriação significativamente diferente – mais ativa ou reflexiva, como apregoam alguns teóricos – do consumo da mídia televisiva ou de outros meios ditos “tradicionais”, pois presenciamos, a partir da fala dos jovens, um acesso ao meio que percorre caminhos não tão distintos e interagentes, como a leitura de notícias em portais, a assistência de filmes, e, inclusive de séries que são exibidas na televisão. Segundo afirmam Cogo e Brignol (2010) a internet não pode ser pensada como um universo único e monolítico, mas como um objeto heterogêneo, que também contempla, em sua diversidade de características, usos pouco participativos e, até mesmo, centralizadores. Complementando o raciocínio, Bolter e Grusin (1999) nos falam sobre a remediação, que é o processo pelo qual uma mídia acaba se apropriando de formas e conteúdos desenvolvidos inicialmente para outro meio de comunicação. É nesse sentido que vemos a internet, por exemplo, atuando como uma outra ferramenta onde é possível ver televisão, jogar videogame, ler jornal ou revista, escutar rádio e ver filmes. “La verdad es que internet acoge todo, lo que es la radio, la televisión, bueno, el comunicarse con personas y sí es esa la ventaja de internet” (Lien, 14 anos).

Contrariando o que afirmam os resultados de muitas pesquisas acerca dos usos das novas tecnologias por parte dos jovens, especialmente as desenvolvidas por Morley (2008), Castells (et al, 2007) e Huertas (et al, 2010), que destacam uma presença central do celular nas vivências cotidianas desses sujeitos sociais, quase como uma extensão de seus corpos, as falas de nossos informantes trazem à tona outros tipos de usos, que se voltam, basicamente, para o objetivo de comunicação, ou seja, fazer e receber ligações, especialmente dos amigos e dos pais. Nesse sentido, as práticas dos protagonistas da pesquisa não costumam incluir acesso à internet, constante troca de SMS, ou uso de câmera via celular, por mais que seus aparelhos contenham esses recursos. Os jovens até utilizam essas ferramentas, mas de forma esporádica, e não como algo rotineiro. “La verdad es que solo utilizo el móvil para llamar, pero ahora mismo no tengo saldo para hacer llamadas. Yo de llamar solo lo hago en casos que sean importantes” (Alberto, 15 anos). “Básicamente para llamadas, no soy de los que cogen el móvil solo para internet y están enganchados

todo el día” (Pep, 16 anos). “Va bastante a temporadas, sobre todo cuando se acercan fiestas o en vacaciones, pues el móvil es como una herramienta de trabajo, para llamar a los amigos y avisarles cuando estoy de DJ” (Juan, 16 anos). “Es que no me gusta. Yo, por mi, es que no lo llevaría. No sé ni para que lo tengo. O sea, que casi no lo utilizo. Los chicos que están todo el día enganchados lo veo una tontería, una pérdida de tiempo y de dinero, es que lo veo algo muy materialista” (Julia, 18 anos).

A internet aparece, a partir das apropriações dos jovens informantes, como um espaço de intercâmbio de materiais audiovisuais, onde eles colocam fotos, pegam retratos dos amigos, trocam vídeos, disponibilizam vídeos produzidos em passeios ou viagens com os grupos nos quais estão inseridos, baixam filmes e músicas em *sites* especializados, etc. Todos os jovens protagonistas da pesquisa possuem perfil no Facebook e mantêm uma atividade considerável nele, que se não chega a ser intensa, fica longe de uma participação esporádica, já que acompanhamos suas atividades na rede social. Eles compartilham notícias e vídeos do Centre Garcilaso e do *KDM*, disponibilizam links de vídeos, visibilizam fotos e imagens de auto-ajuda e de humor, tão típicas desde momento atual pelo qual passa o Facebook. “Normalmente todas las fotos o videos que hago los cuelgo en Facebook” (Lien, 14 anos). “Hay amigos que me agregan fotos de amistad o algo, sabes... La verdad es que entre mis amigos la persona que saca las fotos luego las cuelga en Facebook. Yo pongo letras y videos de Youtube, canciones” (Alberto, 15 anos). “Yo, básicamente, la música que quiera escuchar, como todo el mundo, me la bajo por internet. Imagínate que tu gusta una canción y del disco entero solo te gusta esa, no te vas a pagar los veinte euros que cuesta el CD para coger solo esa canción” (Pep, 16 anos). “Yo, normalmente, las fotos, siempre que hago, las subo en Facebook, a no ser que haya una foto que no quiero que se vea o algo, pero normalmente sí que las subo todas. Y videos también” (Juan, 16 anos). “Ahora existe eso de piratear, entonces... Hombre, claro... es que realmente es muy caro [el cine], me parece excesivo. Aparte como todo está ya en la internet, pues las miro [las películas] en el ordenador” (Julia, 18 anos).

Com relação ao compartilhamento de fotos, vídeos e outros materiais audiovisuais, de piadas e outras modas – que são constantemente criadas e disseminadas no panorama das redes sociais –, é importante termos em conta a complementaridade que se constroi entre experiência *online* e *offline* nas vivências dos sujeitos contemporâneos, especialmente

dos jovens. A quantidade de amigos e seguidores, de compartilhamentos de suas postagens, de curtidas acerca de seus comentários, enfim, o destaque que adquire suas atividades no espaço digital não ficam restritos a essa instância, mas reverberam na imagem do indivíduo fora da rede, agregando-lhe – ou não – valor e respaldo. Uma importante contribuição neste sentido é dada por Efimova (2005), quando esta autora nos fala sobre a visibilidade social que se tecem no âmbito das redes sociais, ressaltando que as pessoas, muitas vezes, competem pela atenção dos demais, através de suas atividades na rede. Essa competição poderia ser entendida como uma forma de se sobressair e conquistar confiança e reputação junto aos demais membros, bem como uma possibilidade de atrair um maior número de contatos.

5.5.3 Relações entre juventude e mídia

Acerca do retorno que este tipo de atuação junto às mídias pode ter para os jovens, os informantes da pesquisa centram suas opiniões em torno da experiência de participação em grupo, dos contatos que se tecem nesses ambientes e da ocupação nos períodos em que, muitas vezes, só lhes resta a ociosidade. “Es una manera de ocuparte, de participar en algo cuando tienes tiempo libre, de conocer gente nueva” (Lien, 14 anos). “A ver, si los jóvenes participan en este tipo de cosas, pues conocerán más gente, tendrán más experiencia, mejorarán su vida, porque no estarán tan caseros como hacen algunos” (Pep, 16 anos). “Es importante para dar oportunidades a los jóvenes, es una experiencia más que tienes. Creo que está muy bien porque incentiva a la gente a que se mueva, que haga cosas y que participe” (Julia, 18 anos). A partir das falas dos nossos jovens podemos perceber a importância que eles dão a um sentido de participação coletiva, como uma alternativa a um quadro de individualismo, apatia e ausência de atuação no espaço externo ao da escola e do lar. Cachón e López (2007) destacam que o fato do jovem sentir-se parte de algo, pertencer a uma comunidade ou coletividade determinada e tomar parte nos assuntos públicos é uma condição fundamental para o exercício da cidadania, que se sustenta, especialmente, na participação.

O ponto de vista de um dos jovens, autóctono filho de migrantes, complementa a lógica dos demais participantes, mas adiciona o aspecto da riqueza da diversidade que se

pode encontrar em espaços de participação como esses, em que é possível conhecer e conviver com o diferente. “Es una manera de cambiar tus puntos de vista, pues vas a tener relaciones con personas diferentes a ti, con gustos diferentes, por motivos de religión, de raza, de pensamiento, de costumbres. [...] Si soy racista y me doy cuenta, es una manera de analizarme” (Alberto, 15 anos). Talvez o jovem encontre no projeto um ambiente de (re)construção identitária, no qual exista a oportunidade de representar-se de um outro modo aos demais adolescentes, negociando relações de pertencimento e de reconhecimento a partir da interculturalidade. O *self* – o mesmo que se divide entre uma identidade autóctona e uma forte carga simbólica familiar, que é migrante – é dinamizado em um processo em que, por vezes, se ocultam e se enfatizam determinadas características, dependendo do que as situações e os papéis desempenhados em um determinado momento demandam (HALL, 2003).

A maior parte dos sujeitos-pesquisados iniciou neste tipo de atuação, junto ao audiovisual, como um modo de canalizar seus interesses profissionais, de ganhar experiência e vivenciar um cotidiano prático, no que diz respeito ao que querem fazer de forma efetiva no futuro. “Yo veo el KDM como una oportunidad. Yo me he interesado en participar porque a mí me gusta actuar, bueno, los videos que hicimos ahora, estos videos promocionales, pues, voy dar a conocer lo que me gusta” (Alberto, 15 anos). “A mí me gusta mucho la luz e el sonido y como no consigo tampoco un contrato en alguna empresa, pues para ir haciendo cosas busco así, proyectos voluntarios, y voy haciendo un poco luces y sonido. Es una manera de adquirir experiencia” (Juan, 16 anos). “La verdad es que siempre he querido ser actriz. Año pasado hicimos El Culebrón del Barrio y todo salió muy bien, pero hace poco que hago esas cosas, todavía tengo mucho que hacer, mucho que aprender” (Julia, 18 anos). Ou seja, na falta de um vínculo empregatício efetivo ou de uma oportunidade no mercado de trabalho – o que se torna mais difícil conquistar em períodos de crise, como o que a Espanha enfrenta neste momento – nossos informantes adquirem experiência em atuações audiovisuais – seja na frente ou atrás das câmeras – como as que têm lugar no *KDM*. Vale a pena refletir, entretanto, se projetos como esse podem ser tomados como alternativas eficazes, como espaços de formação e aprendizagem para a entrada e consolidação no mercado de trabalho ou se surgem, na verdade, como “prêmios de consolação” apoiados pelo governo, como estratégias – criadas por um Estado que, não

encontrando resolução efetiva para a crise do emprego, opta por soluções paliativas, via projetos e demais ações de associações do terceiro setor – para ocupar jovens, mesmo que temporariamente, que não encontrariam colocação em um cenário de desemprego crescente. Interessante quando Santamaría (2010, p. 101) diz que

Los cambios acontecidos en el mercado laboral en las últimas décadas han generado espacios diversos de precariedad laboral por los cuales las personas jóvenes, en particular, se están viendo abocadas a pasar y, en demasiadas ocasiones, a quedarse por más tiempo del deseado. Uno de esos espacios de precariedad es en el que se suceden situaciones laborales informales y al margen del empleo, donde son habituales las prácticas formativas, las becas, los trabajos voluntarios y ciertos tipos de trabajos eventuales y de autoempleo. Estas situaciones se han convertido, de forma aparentemente inevitable y en ocasiones hasta socialmente justificadas, en las principales vías de inserción laboral juvenil³⁶⁹.

Sobre o fato de considerarem-se pessoas que trabalham com mídias, os jovens informantes mostram-se bastante confusos, não sabendo ao certo como enxergam a si mesmos nesse tipo de atuação. “Sí, yo todo lo que hago me entrego al máximo, hago todo lo que puedo” (Lien, 14 anos). “No, no creo... porque, a ver, no soy de los que buscan trabajar para salir en la telenovela, ni voy a salir en directo” (Pep, 16 anos). “Bien, creo que sí, pues hago cosas para hacer un rodaje o algo para la radio” (Juan, 16 anos). “Yo creo que no, pues no tengo mucha experiencia para decirte que trabajo con los medios” (Julia, 18 anos). Nos pontos de vista dos jovens intervêm diversos aspectos, como a ausência de experiência ou a falta de contato com o universo da televisão como fatores que demarcariam que suas atuações não podem ser consideradas um trabalho com as mídias. Já o jovem que tem uma trajetória mais rica juntos as experimentações audiovisuais com as mídias digitais – com diversas passagens por projetos dessa natureza – acredita sim que quando participa no processo de elaboração de um produto midiático está trabalhando com os meios de comunicação, levantando elementos que nos fazem pensar que há aí uma

³⁶⁹ As mudanças acontecidas no mercado de trabalho nas últimas décadas têm gerado espaços diversos de precariedade laboral pelos quais as pessoas jovens, em particular, estão se vendo condenadas a passar e, em muitas ocasiões, a ficar por mais tempo do que o desejado. Um desses espaços de precariedade é no qual se sucedem situações trabalhistas informais e às margens do emprego, onde são habituais as práticas formativas, as bolsas, os trabalhos voluntários e certos tipos de trabalhos eventuais e de auto-emprego. Estas situações têm-se convertido, de forma aparentemente inevitável e em ocasiões até socialmente justificadas, nas principais vias de inserção trabalhista juvenil. Tradução do autor.

relação direta entre tempo de dedicação ao tema, repertórios e experiências e uma consciência de si mesmo como alguém inserido no ramo.

Acerca do perfil que deve ter o profissional de mídia, para além das qualidades de informado, dedicado, que goste do que faz e que tenha clareza nas idéias que quer apresentar, vale ressaltar o ponto de vista de um dos nossos informantes, que destaca o comprometimento com o público que deve ter alguém que trabalha com as mídias. “Primero de todo tendría que nunca ofender a lo que es el público. Antes, por ejemplo, de hacer un reportaje, pues que se ponga en la piel del otro y pense si van a sentirse bien o mal” (Alberto, 15 anos). Seja pela condição de alguém que faz parte de um família migrante – e que, portanto, já deve ter se sentido ofendido pela prática midiática a respeito do tema das migrações, que, quase sempre, se utilizam de estereótipos preconceituosos e discriminatórios, visibilizando os migrantes como seres de segunda categoria (RETIS, 2004) – ou como membro de uma comunidade evangélica – que costuma ser menos tolerante com imagens de violência e sexo, por exemplo, temas recorrentemente expostos na televisão aberta, não só na Espanha, como em várias partes do mundo – a fala do jovem traz à tona os contornos de um movimento no qual, cada vez mais, os conteúdos midiáticos transformam-se em mercadorias, situação em que não existem limites claros entre o que pode e o que não deve ser veiculado. Falando sobre a televisão, Bourdieu (1997, p. 22) alicerça nosso ponto de vista, quando afirma que “o sangue e o sexo, o drama e o crime sempre fizeram vender, e o reino do índice de audiência devia alçar à primeira página, à abertura dos jornais televisivos”.

Com relação às mídias com as quais nossos jovens têm mais interesse em atuar, a internet aparece como a mais citada. “Yo prefiero la internet, pues hay más libertad para hacer las cosas en ella” (Lien, 14 anos). “A mí no me importa el medio, se hace lo que sea necesario, pero creo que en internet se pueda hacer más cosas” (Pep, 16 anos). “Pues hombre, es la internet, yo creo. Si abro un blog pues sí puedo poner lo que pienso y tal, y voy a poder expresarme, lo que quiero decir. Entonces yo escogería la internet” (Alberto, 15 anos). Ou seja, podemos ter em conta, a partir de pontos de vistas como esses, que os jovens percebem a rede mundial de computadores como um espaço mais aberto e democrático, no qual se torna possível expor seus pensamentos de um modo mais livre. Pressuposições como essas – embora possam ser controversas, na medida em que a internet

pode reproduzir lógicas hegemônicas no processo comunicacional, como já assinalamos anteriormente – vêm, em grande parte, como consequência de ter sido na internet onde enfatizou-se o processo de liberação do pólo da emissão – movimento esse iniciado, na verdade, desde as experiências de comunicação popular desenvolvidas na América Latina, através de rádios comunitárias, jornais populares, etc. –, a configuração da sociedade em rede e a reformulação, tanto de formatos midiáticos, como de práticas sociais (LEMOS, 2002). Em virtude dessa trajetória de maior abertura, é compreensível que os jovens se sintam mais à vontade em atuar na internet, podendo, inclusive, serem considerados como o grupo de expertos no ramo, como o segmento mais alfabetizado digitalmente nos centros de conexão, conforme nos conta Juárez (2006).

A verdade é que a internet – por ser, como os próprios informantes já disseram, um meio no qual se pode ter acesso a todos os outros, ou, em termos mais conceituais, uma mídia que tem se desenvolvido, em boa medida, a partir dos processos de remediação (BOLTER e GRUSIN, 1999) – não segue uma lógica rígida com relação a um formato ou a uma gramática específica, que deve ser seguida na elaboração de conteúdos midiáticos. Na internet podemos criar produtos com características televisivas, que sigam um formato de programa de rádio, ou podemos escrever matérias jornalísticas, nos moldes do que seria veiculado em um jornal impresso. Ou podemos mesclar gêneros e fórmulas, como o próprio *KDM* está fazendo, já que o enredo principal da série audiovisual que está sendo produzida gira em torno de um programa de rádio. Ou seja, os jovens envolvidos no projeto não estão criando um programa de rádio, mas uma série adolescente que se passa num estúdio de gravação radiofônica.

Acerca do interesse dos poderes públicos em Barcelona no investimento neste tipo de projeto audiovisual, como é o caso do *KDM*, a maior parte dos jovens demonstra um certo descontentamento com as ações governamentais nesse sentido, pontuando que mais coisas poderiam ser feitas pelo Estado em benefício de projetos que trabalhem com a juventude. “Para mí no hacen mucho. Podrían incentivar más las cosas, que nos movamos más, hacer más cosas para los jóvenes, no olvidarnos tanto” (Julia, 18 anos). “Normalmente no hacen muchas cosas... Ahora hay esto del *KDM* y hubo El Culebrón del Barrio, pero no tiene anuncios. Creo que podrían dar más informaciones, ofrecer más cosas” (Juan, 16 anos). “Yo diría que ellos podrían ayudar más, hacer más cosas” (Lien, 14 anos). García

Ramírez (2010)³⁷⁰, abordando a ineficiência das políticas públicas voltadas para a juventude na Espanha, nos faz refletir sobre a emergência de um processo de desconfiança dos jovens para com os governos, quando não se sentem escutados pelo Estado nos momentos de debates e implementações de ações voltadas para os adolescentes. Em virtude desse cenário de polarização, acaba por se criar um círculo vicioso no qual os jovens não se sentem interessados em participar porque não se vêem reconhecidos e levados em conta pelas autoridades governamentais e o Estado não se abre para ouvir os adolescentes porque crê na sua apatia e falta de interesse por qualquer questão política e social. Os jovens participantes do *KDM* reclamam que não há muitas iniciativas por parte do Ayuntamiento, mas também, ao longo de algumas de suas falas, trazem à tona, mesmo que de forma implícita, uma trajetória que pode ser pensada como não tão próxima de uma participação mais constante e efetiva. Ferreira (2010)³⁷¹ complementa, afirmando que os processos participativos juvenis na contemporaneidade são, cada vez mais, pontuais e efêmeros.

Sobre as possíveis diferenças entre trabalhar em um meio de comunicação e atuar em um projeto sociocultural que se alicerça nos usos das mídias digitais, a maior parte dos nossos jovens informantes afirma que as distinções existem, especialmente com relação à questão da responsabilidade e da aprendizagem. “Creo que hay diferencia, pues, a ver, cuando trabajas para los medios de comunicación es bastante más para sacar dinero, en cambio, cuando trabajas para un proyecto así como *KDM* es para aprender, para pasártelo bien” (Pep, 16 anos). “Creo que si trabajas en una tele, por ejemplo, pues eso también es tu oficio y estás más por el trabajo, en cambio, si es algo así voluntario, en el fondo, no te pones tanto. En el trabajo te cobran más cosas” (Juan, 16 anos). “Hombre, realmente sí, porque en *KDM* tenemos un tiempo limitado, pero tampoco tenemos que ir con prisas. Y en los medios es como que es más prisa, no sé, mas movido, supongo. En *KDM* no tenemos tanta responsabilidad y podemos aprender más” (Julia, 18 anos). Nesse sentido, os projetos audiovisuais destacam-se como ambiências mais livres e abertos à experimentação,

³⁷⁰ “¿Están agotados los modelos de los programas y las políticas de juventud?”. Conferência de García Ramírez apresentada no Congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010.

³⁷¹ “Aesthetics of youth scenes: politics of resistance or arts of existence?”. Conferência de Vítor Sérgio Ferreira apresentada no Congresso “Jóvenes Construyendo Mundos”, realizado em Madrid, em outubro de 2010.

distintos dos veículos e das empresas de comunicação, que são regidas, muitas vezes, pela lógica comercial da velocidade, do lucro e da repetição – ou (re)ordenamento – dos formatos já testados e aprovados. Espaços como o *KDM* proporcionam e, inclusive, incentivam a troca, a construção de uma comunicação mais horizontal e dialógica (FREIRE, 1978), baseada na aprendizagem, que se configura através de diversos fluxos, e não em um sentido unitário, partindo do coordenador e “atingindo” os adolescentes. O acompanhamento sistemático das atividades do projeto nos faz compreender com clareza porque os jovens enfatizam a questão da aprendizagem e, ao mesmo tempo, da diversão. Em todos os encontros da equipe motor Pablo sempre fazia questão de deixar todo o grupo à vontade para falar, perguntar, discordar. O coordenador do *KDM* também tinha uma constante preocupação em não tornar as reuniões com os jovens algo enfadonho e que lembrasse as atividades obrigatórias da escola, portanto eram providenciados lanches, dinâmicas, atividades e intervalos que pudessem deixar claro que alí não era um ambiente institucional e regulatório, como os que costumam se construir nos espaços escolares. Mesmo nos dias de gravação, nos quais o estresse e o fator temporal poderiam afetar as relações tecidas no projeto, tudo era feito de forma tranquila, sem pressão. As cenas eram repetidas quantas vezes fossem necessárias, sem qualquer tipo de cobrança da parte de Pablo. Vale ressaltar que, ao contrário do que possa sugerir nossa fala, as atividades no *KDM* não eram desenvolvidas de forma aleatória ou irresponsável, pois dedicação é importante em qualquer tarefa que nos dispomos a fazer, seja em uma empresa – onde somos remunerados para exercer determinado cargo – ou em algum projeto sociocultural – no qual participamos voluntariamente. O comprometimento é parte do processo educativo e de formação dos atores coletivos, mas trabalhar de forma lúdica não inviabiliza a manutenção da responsabilidade. Nesse sentido fica explicado o porquê dos jovens visualizarem diferenças entre as atividades desenvolvidas por eles no *KDM* e as levadas a cabo por empregados de uma empresa de comunicação.

Com relação à criatividade que se imprime nos processos produtivos junto aos meios digitais, nossos jovens concentram-se em opiniões que priorizam a experimentação juvenil e seu caráter de ousadia, mesmo tendo em conta a experiência mais ampla dos adultos. “Los jóvenes tienden a ilusionarse más, a tener fantasías y esas cosas... cosas que los adultos a veces no tienen, porque normalmente son más estrictos y a veces no permiten

cualquier cosa” (Lien, 14 anos). “Los jóvenes tienen más ganas de cambiar las cosas, de hacer cosas diferentes. A veces los adultos son muy repetitivos” (Julia, 18 anos). “Creo que los adultos tienen más experiencia, pero los jóvenes son más innovadores” (Alberto, 15 anos). “Los adultos tienen más experiencia y más fondos, pero los jóvenes tienen menos vergüenza de cometer errores y pueden hacer cosas más espectaculares” (Pep, 16 anos). Interessante percebermos, a partir das reflexões de Juárez (2006), que, com a emergência das novas tecnologias da comunicação, o constructo de jovem se transforma, deslocando-se de uma aceção que o percebe como inferior ao adulto em qualquer circunstância para uma visão que o enxerga como mais inovador em determinados quesitos, como os que dizem respeito às novas mídias.

5.5.4 Relações com o *KDM*

Com relação ao que lhes chama a atenção no *KDM*, os jovens informantes, independente das origens de suas famílias, concentram suas opiniões em torno da importância de se abrir espaços para a escuta do outro, debater a questão das migrações e de se trabalhar em prol da construção de relações de integração mais efetivas. “Por los compañeros, porque cada uno tenemos una forma de pensar un poco distinta, ya que tenemos orígenes diferentes, y podemos aportar cada uno nuestro granito de arena. Conoces las opiniones de otra gente a parte de la tuya y sabes pensar de otra forma” (Lien, 14 anos). “Pues, del proyecto, lo que veo de más interesante es el aceptar al otro, a parte de debatirlo con los otros chavales las ideas. Es guay³⁷² porque también compartes las opiniones. Lo que se hacen en los videos ya hacemos desde las reuniones: compartir opiniones” (Alberto, 15 anos). Uma reflexão interessante advém do fato de que os dois jovens – autóctonos com pais migrantes, filhos de chineses e chilenos – cujas falas acabamos de resgatar, não apontam diretamente a questão da migração, mas apenas de forma implícita, quando ressaltam a importância da aceitação do diferente. Talvez como modo de proteção – como

³⁷² Gíria, cujo significado é “legal”, “ótimo”. Tradução do autor.

consequência de uma identidade que se constroi e se mantém em um entre (BIANCHI; BONIN; SILVEIRA; 2008), em um constante processo de negociação entre a cultura familiar migrante e os hábitos e costumes autóctonos das práticas cotidianas – esses adolescentes preferam não citar diretamente o assunto ou não se vincular de forma mais explícita ao universo migrante, o que não acontece com os outros jovens pesquisados. “Lo de la aceptación de los inmigrantes está bastante bien, a ver si los jóvenes puedan aceptar a las demás personas y no maginarlas solo porque sean de un país o de otro. No es muy común que hagan proyectos así de inmigrantes y todo eso” (Pep, 16 anos). “Esto de debatir la integración de los inmigrantes y todo, pues vá bien, porque mucho de ellos no se integran con nosotros, y luego que al ser um proyecto audiovisual eso me interesa también” (Juan, 16 anos). “Pues, realmente, que hable sobre la inmigración, como si fuera algo normal, está muy bien, porque así la gente se da cuenta de que es la realidad y es lo que hay, que queramos o no, está” (Julia, 18 anos).

Os pontos de vista dos jovens cujas origens são europeias nos fornecem elementos para pensar sobre as ambiguidades que alicerçam seus discursos. Ao mesmo tempo em que parece haver uma certa consciência da importância da discussão sobre os deslocamentos migratórios e da relevância de tecer movimentos de integração e de aproximação entre os dois grupos, os jovens informantes dão pistas de que enxergam a situação a partir de uma postura abnegada, ou seja, como se fosse inútil lutar contra um cenário já consolidado, só restando aceitar a presença dos migrantes, o que se distancia fortemente de um diálogo produtivo com o outro. Eles apontam, ainda, que os processos de integração têm que partir da iniciativa dos estrangeiros, não levando em conta que tanto a sociedade receptora quanto os coletivos migrantes tem que levar a cabo um movimento concomitante de aproximação, no qual os dois grupos passam por transformações, e não somente um deles. Nesse sentido, vale a pena resgatar a contribuição de Olmos (2003) ao debate, quando este autor nos faz refletir que a diversidade étnica, na prática, surge muito mais como uma fonte de conflitos do que de enriquecimento cultural mútuo, por isso o diálogo transnacional e intercultural tantas vezes se vê impossibilitado. O autor (op. Cit, p. 160) completa, quando nos diz que

Todo encuentro transcultural ha de considerarse en un doble sentido: tanto para quien llega a un espacio diferente a su lugar de residencia habitual, como para quienes viven allí y reciben a los extranjeros, a los

extraños; es decir, el desencuentro no es solo para los extranjeros, como parece que estamos acostumbrados e percibir³⁷³.

Sobre os processos de capacitação para atuar no projeto audiovisual, nossos jovens fazem coro em ressaltar as qualidades do que tem sido posto em prática nos encontros do grupo, com excessão de um dos informantes, que, apesar de apontar que está satisfeita com as reuniões da equipe, acredita que estas poderiam ser mais frequentes. “Me parece muy bien, porque nos están llamando a todos y podemos participar, podemos decir lo que creemos, decir si está bien o mal y todo esto. Me parece muy interesante porque nosotros también tenemos voz y voto, sabes...” (Julia, 18 anos). “A mí me gusta como se está haciendo, porque nos reunimos, preparamos las cosas todos juntos, entonces a mí me parece bien” (Juan, 16 anos). “Bastante bien, porque como Pablo siempre vá animando a la gente a que vaya, al final de todo acabaremos siendo más de lo que somos, seguramente” (Pep, 16 anos). “Yo diría que está bien, pero podríamos quedar más veces, para aportar ideas que se nos ocuran o cosas así, pues unos días después de quedar una vez se te ocurre algo, pero si tienes que dejarlo después de dos o tres semanas, se te va a olvidar” (Lien, 14 anos). Apesar de não serem tão contínuos, como os encontros do Mapa ao Quadrado, por exemplo, que ocorriam três vezes por semana, as reuniões do *KDM* sempre foram configuradas de modo a permitir o máximo de participação entre os jovens, “uma participação na qual se aspira ao envolvimento total, de modo que os receptores ou destinatários convertam-se em interlocutores, em atores de um processo compartilhado de comunicação” (KAPLÚN, 2007, p. 189). O tempo que nos foi permitido acompanhar – e, de certo modo, participar, visto que éramos parte da equipe coordenadora – as atividades do projeto em Barcelona não nos possibilitou observar o desenvolvimento das oficinas práticas, acerca dos usos dos meios audiovisuais – como sucedeu no contexto cearense da investigação –, mas permitiu que estivéssemos presentes nos debates conceituais e nas discussões acerca dos temas que permeariam todo o desenrolar do *KDM*. As reuniões do projeto não podem ser tomadas como aulas ou mesmo oficinas teóricas, visto que as

³⁷³ Todo encontro transcultural tem de ser considerado em um duplo sentido: tanto para quem chega a um espaço diferente do seu lugar de residência habitual, como para aqueles que vivem ali e recebem os estrangeiros, os estranhos, ou seja, o desencuentro não é somente para os estrangeiros, como parece que estamos acostumados a perceber. Tradução do autor.

dinâmicas que se teciam nos encontros não eram as que se constroem em um ambiente de “classe”. Dinâmicas, gincanas, debates, “chuva de idéias”, dentre outros fatores podem ser pensados como elementos que deram a tônica no processo de capacitação dos jovens envolvidos no *KDM*, projeto no qual eles são estimulados a falar a todo o momento, o que chega a gerar, muitas vezes, uma profusão de vozes ao mesmo tempo. Nesse sentido, Juárez e Lajeunesse (2006, p. 21), dissertando sobre os espaços de encontros juvenis, nos dizem que “no hay mayor derecho humano que el derecho a ser escuchado. No oído, puesto que también un trueno, el viento, un rugido o un balar pueden ser oídos, sino escuchado, atendido. Escuchar es lo mismo que hablar, pero hablar con la voz del otro”³⁷⁴.

No que diz respeito à avaliação que fazem de suas participações no desenvolvimento do projeto, as falas dos jovens centram-se em destacar o modo como cada um deles está contribuindo na construção do *KDM*. “Hombre, de momento creo que mi participación está buena, porque tengo interés y la verdad que me gustaría, pues, dar a conocer mis pensamientos y también ayudar en lo que sea” (Alberto, 15 anos). “Yo creo que mi participación es bastante buena, yo estoy atento cuando explican las cosas, intento colaborar con mis puntos de vistas, aunque hay veces que digo mal las cosas” (Pep, 16 anos). “Bueno, yo, en el fondo, estoy solo para luz, pero sí que en el fondo acabo haciendo un poco de todo, un poco para lo que hace falta. Por eso creo que mi participación es importante para el proyecto” (Juan, 16 anos). “Estoy contenta con mi participación y con la de todos... Creo que todos cuentan conmigo” (Julia, 18 anos).

Apesar de que possa transparecer uma imagem de total integração dos jovens envolvidos na equipe piloto do *KDM*, a realidade mostra-se um pouco mais complexa, quando nos é possibilitado perceber que existem nos encontros do projeto a formação de dois grupos distintos, um de autóctonos e outro de autóctonos filhos de migrantes. Nas atividades grupais, nos debates e discussões há a participação de todos – embora a participação dos nativos seja mais constante –, mas é nos momentos de intervalo, na hora do lanche ou das brincadeiras que percebemos uma separação entre o “nós” e o “outros”. Zlobina e Páez (2008) dissertam que em certas situações de convívio recente entre

³⁷⁴ “não existe maior direito humano do que o direito a ser escutado. Não ouvido, já que também um trovão, o vento, um rugido ou um berro podem ser ouvidos, mas escutado, atendido. Escutar é o mesmo que falar, mas falar com a voz do outro”. Tradução do autor.

autóctonos e migrantes este últimos tendem a uma posição que varia entre o recolhimento e a postura defensiva. A fala de um dos nossos jovens, de família chinesa, parece oferecer pistas que nos fazem perceber esse movimento de discrição e, em certos momentos, até de apatia. “Yo tengo una manera de participar que es distinta que los otros. Creo que cada uno tiene su filosofía y la mía es esa. No soy de los que hablan mucho y hacen muchas cosas al mismo tiempo” (Lien, 14 anos).

Sobre os modos como vêem suas culturas retratadas no projeto, os jovens parecem embasar suas opiniões a partir de uma visão que enxerga os encontros do *KDM* como um espaço de diálogo e de visibilidade, no qual seria possível dar a conhecer os referentes identitários de cada um – sejam eles relacionados à origem, ao gênero ou à faixa etária, por exemplo – sem a mediação de outras instâncias, como a mídia hegemônica e a opinião pública, cujas construções que fazem da sociedade, muitas vezes, são alicerçadas em rótulos e estigmas. “Yo creo que es una manera de cambiar a los demás la imagen que tienen de ti. A mí, se me burlan de Chile, yo me voy a sentir ofendido” (Alberto, 15 anos). “Yo creo que las culturas son también la forma de pensar de cada uno y aquí ya lo que hacemos en nuestros encuentros es cada uno dar un poco de su punto de vista y de esta forma también pues estamos introduciendo ya un algo de cultura” (Juan, 16 anos). “Pues como todos somos jóvenes, yo creo que estamos bastante retratados en KDM. [...] Supongo que en los rodajes se hablarán en catalán, ya que se hará aquí en Cataluña y hay gente catalana” (Julia, 18 anos).

Faz-se interessante termos em conta, a partir das falas dos sujeitos-pesquisados, a representação das culturas em constante processo de negociação. Quando um jovem expõe sua opinião, seu ponto de vista, ele o faz através de um repertório, no qual atuam diferentes elementos identitários, de acordo com o tema que esteja sendo tratado. A partir do momento em que uma posição é explicitada ela já entra em negociação com as posturas dos demais, visto que, mesmo no interior de um grupo – seja ele migrante ou autóctono –, existem diferenças. “Lo público es plural, es heterogéneo como la sociedad. [...] El espacio de lo público, si quiere ser el espacio de los intereses comunes, tiene que ser conflictivo porque los comunes son muy distintos y tienen intereses diversos, nunca uno solo”³⁷⁵

³⁷⁵ “O público é plural, é heterogêneo como a sociedade. O espaço do público, se quer ser o espaço dos interesses comuns, tem que ser conflictivo porque os comuns são muito distintos e têm interesses diversos, nunca um só”. Tradução do autor.

(MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 10). O projeto ao mesmo tempo que possibilita que as culturas sejam retratadas, pelo menos teoricamente, ao modo como os jovens querem retratá-las, proporciona o tensionamento entre repertórios distintos, como podemos observar a partir do questionamento da jovem catalã – e cujos pais são europeus –, que acredita ser plausível que o idioma da série seja o catalão, mesmo que a língua seja incompreensível para boa parte dos migrantes da cidade. Mas, indo de encontro à proposta da jovem catalã, o que temos percebido, em relação ao idioma, é uma tentativa de aproximação. Em virtude da participação de migrantes e de autóctonos cujas famílias são migrantes e de um dos eixos principais do projeto ser, justamente, o diálogo intercultural, o que temos podido observar, a partir do acompanhamento sistemático das atividades do *KDM* através do *site*, é que roteiros, testes de interpretação, rodas de debates, ensaios, dentre outras dinâmicas levadas a cabo no âmbito do projeto, têm sido realizados tanto em espanhol quanto em catalão (algumas vezes nos dois idiomas na mesma atividade), levantando pistas de que, pelo menos no que diz respeito à questão linguística, o potencial intercultural do *KDM* está sendo desenvolvido de forma positiva, preservando o idioma local – o catalão – e valorizando o idioma pátrio de muitos dos migrantes envolvidos no projeto – o espanhol.

A totalidade dos jovens que protagoniza a investigação acredita no potencial cidadão que existe na participação em projetos dessa natureza, especialmente através da criação de espaços colaborativos, pautados em uma visibilidade alternativa ao formato hegemônico e alicerçados na construção de movimentos de autonomia juvenil. “Pues porque la gente aprende a colaborar con otras personas, se crean vínculos” (Lien, 14 anos). “En KDM se practica la buena actitud hacia la otra persona, a los que te rodean. Nadie te esta diciendo que tengas que aceptar todo. Hay cosas que no te gustan en la otra persona, pero si esa persona se va a quedar a vivir cerca de ti, es necesario conocerla mejor” (Alberto, 15 anos). “Creo que el proyecto ayuda bastante en la ciudadanía, pues, a lo mejor, hay gente que los ve [inmigrantes] y dejan de meterse con otra gente que sea de otros paises. Con el proyecto creo que los aceptan más” (Pep, 16 anos). “Supongo que, pues, como hay gente de distintos sitios cada uno da su punto de vista y de alguna forma ya estás introduciendo todo esto de ciudadanía” (Juan, 16 anos). “Creo que sí, es una manera de

construir la ciudadanía cuando podemos decir que nosotros también estamos aquí, pensando, participando. Es una manera de decir *hey, no somos tal y como la gente cree*” (Julia, 18 anos).

Enxergamos na fala dos nossos jovens um potencial de inserção cidadã, no âmbito do *KDM*, que se conjuga a partir de duas vertentes, principalmente. Uma vai no sentido da possibilidade de recontar a própria história (MENESES, 2008), de um modo diferente do que é narrado nas esferas hegemônicas, oportunizando que esses grupos excluídos – o migrante e a juventude, especialmente – visibilizem-se a partir de outros referentes identitários, que não seja o da criminalidade ou o da apatia. A outra vertente diz respeito ao cenário democrático que se costuma tecer em ambientes como esses, nos quais os processos comunicacionais têm as ferramentas necessárias para romper com a lógica da dominação, pois são construídos não a partir de instâncias superiores, mas através do coletivo, compartilhando, dentro do possível, os códigos que os aproximam (PERUZZO, 2008b).

A avaliação que os jovens informantes da pesquisa fazem do projeto, independente de suas origens familiares, é positiva, ressaltando que até o momento da entrevista – já que não pudemos acompanhar sistematicamente o desenvolvimento do *KDM* até a realização da série audiovisual – tudo estava saindo de modo a suprir as expectativas depositadas por eles. “Para mi está bien, pues conoces a gente nueva, de otros sitios, y también ves lo que ellos piensan y tal, entonces esto está bien” (Julia, 18 anos). “Lo que estoy viendo todos estos días de trabajo y todo, me está gustando bastante y yo creo que conseguiremos que salga todo bien hasta el final” (Juan, 16 anos). “Hasta el momento, las cosas yo las estoy viendo bien, sabes...” (Alberto, 15 anos). “Creo que está bien, yo no cambiaría nada” (Pep, 16 anos). “Mi evaluación es muy positiva, me está gustando participar en eso todo” (Lien, 14 anos).

Se fossem desenvolver um projeto voltado para a juventude, a maior parte dos nossos informantes afirma que faria algo semelhante ao que é levado a cabo no *KDM*. Apenas um dos jovens aponta que criaria algo relacionado com esportes, sem mencionar nenhuma relação com o projeto coordenado por Pablo. “Pues sería algo así también audiovisual, pero en vez de haber empezado ya con un tema, cogería un grupo de gente o de amigos y entre todos buscar un tema que nos interese y con el que se pueda hacer algo y entonces ya desde allí empezar a buscar las salidas” (Juan, 16 anos). “Básicamente lo

mismo que Pablo, con audiovisual, pero también la citación de los jóvenes que están discapacitados que a veces los apartan solo por tener ese problema cuando no los tenía que apartar, los tendrían que aceptar” (Pep, 16 años). “Yo haría también un proyecto de este tipo de KDM, sobre la convivencia, las relaciones, para que la gente no sea enemiga de una a la otra. Creo que en proyectos así la gente se va conociendo y ya se llevan mejor que al principio” (Lien, 14 años). “Yo haría semejante al KDM, pero también daría a conocer en los debates valores religiosos que podrían ayudar al joven” (Alberto, 15 años). Ou seja, mesmo com a sugestão de inclusão de outras temáticas – como a questão dos deficientes físicos e dos valores religiosos –, os jovens que protagonizam a investigação dariam seguimento a este tipo de projeto audiovisual capitaneado por Pablo, nos levando a crer no acerto que se tem conseguido obter – não só no contexto espanhol, bem como no brasileiro e no da América Latina, de modo geral – em torno da relação entre ação coletiva juvenil e meios de comunicação, especialmente os digitais. Nesse sentido, Tufte (2010) fala de um processo de edu-entretenimento que se vem tecendo no âmbito dos projetos socioculturais voltados para a juventude. Tratam-se de iniciativas que usam, muitas vezes, a ficção – novelas radiofônicas, séries de TV ou produzidas para a internet, narrativas veiculadas em *blogs* e peças de teatro, por exemplo – como estratégias da comunicação para atrair os jovens para as causas cidadãs e para a ação comunitária.

Acerca das diferenças que podem haver entre produzir conteúdos comunicacionais para jovens ou adultos, nossos jovens informantes apontam que existem distinções nas linguagens audiovisuais, que respeitam os referentes identitários próprios do ser adulto e do sujeito juvenil. “Hay diferencias, porque con los jóvenes el lenguaje es bastante más popular, de la calle y todo, en cambio el de los adultos es más culto” (Pep, 16 años). “Sí que es distinto, porque, por ejemplo, cuando usas música, no usarías la misma música para jóvenes que para los adultos al igual que cuando haces un guión, el lenguaje también es distinto” (Juan, 16 años). “Es diferente, porque para nosotros tendrás que utilizar otro tipo de lenguaje, otro tipo de cosas que nos llamen más, y a los mayores es normal que les llamará otras cosas” (Julia, 18 años). “Sí, pues creo que los jóvenes buscan más entretenimiento y a los adultos les interesa más informaciones” (Lien, 14 años). Percebemos, a partir dos pontos de vista dos jovens, uma significativa separação que fazem entre seu universo e o dos adultos, destacando que as gramáticas midiáticas para atingir a

esses dois grupos só podem, portanto, ser distintas. Nesse sentido, acerca do cenário juvenil espanhol, Pallarés (2005, p. 45) afirma que

Es interesante comprobar cómo esa diferenciación entre ‘lo joven’ y ‘lo adulto’ a partir del consumo de determinados símbolos culturales, no se limita a la escenificación de las diferencias que procura, sino que llega a traducirse en el señalamiento o censura del tipo de cosas respecto a las que ‘los otros’, por no ser jóvenes, no pueden manifestarse³⁷⁶.

5.5.5 Relações entre cidadania, mídia e migração

Sobre os sentidos que a palavra “cidadania” adquirem para eles, nossos jovens informantes centraram-se em uma percepção que enxerga o exercício cidadão como algo ligado ao espaço público da cidade, à convivência e à ajuda entre os membros de uma coletividade. “Que todos convivamos en la ciudad sin hacernos daños unos a los otros” (Lien, 14 anos). “Ciudadanía es cuando un grupo de personas se ayudan mutuamente, intentando vivir bien unos con los otros” (Pep, 16 anos). “Ciudadanía es um poco la forma de moverte por la ciudad, de manera más o menos correcta, es las relaciones con la gente, la forma de ayudar” (Juan, 16 anos). “Ciudadanía, para mi, es la ciudad, la convivencia entre todos en la ciudad” (Julia, 18 anos). “Es la unión entre las personas” (Alberto, 15 anos). As falas dos jovens protagonistas da pesquisa revelam pistas para pensarmos que a construção de cidadania, na ótica dos participantes do *KDM*, pode ser alicerçada, especialmente, com base nos laços de solidariedade e no fortalecimento do espaço público, elementos essenciais para a inserção cidadã e para a consolidação da democracia, segundo nos explica Cortina (2005). Quando destacam, em seus pontos de vista, a apropriação da cidade, os modos de viver no espaço citadino, suas percepções de cidadania apresentam-se de forma mais vinculada à coletividade, abrangendo o grupo social como um todo, e não de forma compartimentalizada (PINSKY e PINSKY, 2005). Ainda que as falas dos informantes possam apontar no sentido de um comportamento politicamente correto – ou seja, de como

³⁷⁶ É interessante comprovar como essa diferenciação entre ‘o jovem’ e ‘o adulto’, a partir do consumo de determinados símbolos culturais, não se limita à cenificação das diferenças que procura, mas que chega a se traduzir no assinalar ou na censura do tipo de coisa que diz respeito a que ‘os outros’, por não serem jovens, não podem manifestar. Tradução do autor.

atuar de forma adequada no espaço público –, vemos emergir uma noção mais grupal do que individual de cidadania, pois não aparecem nos discursos dos jovens uma apropriação do sentimento cidadão como algo relacionado apenas à “fazer a minha parte”, vinculada a um ideário mais individualista do termo.

Perguntados sobre quais sentidos se materializam em suas mentes quando eles pensam nos imigrantes, os jovens protagonistas da pesquisa apontam, principalmente, elementos vinculados ao deslocamento de pessoas para outros lugares, o que traz, como consequência, a convivência com a diversidade de culturas. “Personas diferentes, que tienen otras culturas, otras creencias, piensan diferente” (Lien, 14 anos). “Me viene a la cabeza una persona que, por alguna causa, ha tenido que salir de su país, por algun motivo” (Alberto, 15 anos). “Alguien que viene de otro país” (Pep, 16 anos). “Una persona que viene de fuera, con una cultura distinta, una forma de pensar distinta, con otra cultura que no es como la nuestra” (Juan, 16 anos). Para além desses sentidos, vale a pena resgatar a fala de um dos jovens, que se centra em apontar as diferenças entre migrante e estrangeiro.

Para nosotros los inmigrantes son los que vienen de fuera, de Sudamérica o de África, por ejemplo. Los que vienen de Europa son extranjeros. Los inmigrantes son los que vienen de tan lejos, fuera de Europa. En la verdad es que lo hemos escuchado así siempre, en general en los medios de comunicación, los amigos, los padres, entonces no sé bien porque se hacen distinciones (Julia, 18 anos).

Os traços fenotípicos diferentes fazem com que o rechaço, ou mesmo a indiferença, contra os migrantes seja construída de forma diferente se esse “outro” tem origem na Europa ou na Ásia, África ou América Latina. A exposição recorrentemente negativa dos migrantes – através da mídia e dos poderes públicos – tem feito com que os europeus, especialmente os comunitários, que há alguns anos compunham mais da metade de todo o conjunto de migrantes, praticamente tenha desaparecido do imaginário coletivo sobre as migrações. Na construção do discurso social sobre a presença de coletivos estrangeiros na Espanha a condição de migrante tem uma relevância especial. “Lo que hoy inquieta o perturba del extranjero no es tanto su condición de no español, como su condición de

inmigrante, que va unido a su pobreza, a las imágenes de desorden, peligrosidad, delincuencia y ilegalidad”³⁷⁷ (OLMOS, 2003, p. 151).

Acerca das causas ou dos motivos que fariam com que as pessoas empreendessem seus projetos de migração, os jovens dividiram-se em dois grupos, com pontos de vista diferentes. Um grupo, o de autóctonos com origens europeias, enfatiza um fator econômico como motivador da mudança de país, enxergando – de forma generalizada, sem perceber as inúmeras peculiaridades que existem em cada uma das regiões nas quais se originam os deslocamentos transnacionais – as nações emissoras de migrantes como pobres e incapazes de oferecer condições dignas de sobrevivência. “Por la necesidad, sobre todo. Porque en su país hay mucha pobreza, no hay oportunidades, las personas no tienen dinero y no quieren que los niños sean unos gamberros³⁷⁸ y tal” (Julia, 18 anos). “Porque no consiguen sacar suficiente dinero como que para salir adelante” (Juan, 16 anos). “Porque hay algunos países que estan pobres e intentan ir a otros países a ver si consiguen algun trabajo y ganar un poco de dinero para las familias” (Pep, 16 anos). Já o grupo dos jovens autóctonos filhos de migrantes – ou seja, nativos cujos pais têm origem chilena e chinesa –, afetados pela experiência de suas famílias, apontam elementos que vão ao encontro da complexidade que envolve o fenômeno das migrações transnacionais, que pode ser articulado através de uma pluralidade de fatores, para além dos econômicos, como questões religiosas, políticas, culturais ou o simples desejo de mudar de vida (COGO; GUTIÉRREZ; HUERTAS, 2008). “Mi madre ha venido a Barcelona porque tenía problemas con sus padres. Hay muchas razones, pues, si se llevan mal entre los familiares, si hay costumbres o su cultura no le gusta, si quiere ir a conocer otra cultura o cambiar de religión. Creo que sería una serie de motivos” (Alberto, 15 anos). “Porque en sus países hay un tipo de ley, como en China que no permiten tener más de una hija” (Lien, 14 anos).

Com relação ao fato de sentirem-se ou não migrantes, os jovens filhos de chilenos e de chineses apontam percepções distintas. A menina que nasceu na Espanha porque os pais não podiam mais ter filhas na China esclarece que não se sente uma migrante em nenhuma

³⁷⁷ “O que hoje inquieta ou perturba do estrangeiro não é tanto a sua condição de não espanhol, como sua condição de imigrante, que vai unido à sua pobreza, às imagens de desordem, perigo, delinquência e ilegalidade”. Tradução do autor.

³⁷⁸ Gíria que significa delinquente, marginal. Tradução do autor.

ocasião e enxerga-se como uma legítima espanhola. Já o rapaz que nasceu em Barcelona, mas cuja família toda é do Chile afirma que não se sente nem chileno de coração e nem catalão de coração, completando que “hay momentos en que me siento más chileno o más español, cuando estoy con mi familia es una cosa, cuando estoy en el cole es otra” (Alberto, 15 anos). A fala do jovem de origem sul-americana oferece-nos elementos para pensar que as relações de pertencimento, muitas vezes, não se tecem de uma forma simplista ou linear, no sentido de que, às vezes, a questão sobre ser autóctono ou migrante, espanhol ou de outra nacionalidade pode ser muito mais complexa do que aparenta. Sobre as diversas nuances que afetam os movimentos identitários, Zlobina e Páez (2008) falam dos distintos processos de aculturação que envolvem cada um dos sujeitos afetados pelas dinâmicas migratórias, que vão da separação, quando o jovem responde afirmativamente à manutenção dos vínculos fortes com o país de nascimento, seu ou da família; à assimilação, quando os adolescentes rompem com os vínculos com as origens, buscando aproximar-se o máximo possível da sociedade receptora; passando pela integração, quando o sujeito juvenil mantém referentes identitários dos dois países e procura estabelecer laços com ambos os grupos, sociedade de origem e de acolhida; e, por fim, pela marginalização, quando o jovem não se enxerga como parte de nenhum dos dois coletivos, não se identificando nem com as origens e nem com o local onde vive na atualidade.

Questionados se haveria diferença nos modos como autóctonos e migrantes exercem a cidadania, as falas dos jovens autóctonos com origens europeias dividem-se em opinar que não há diferenças e que a participação cidadã dos migrantes é maior, envolvida, talvez, por uma atitude de respeito pelas oportunidades que passaram a ter no país de acolhida e que antes não possuíam, em suas nações de nascimento. Mas o que chama a atenção são os pontos de vista dos jovens autóctonos filhos de migrantes sobre esse tema, que se concentram em apontar que o exercício cidadão entre os migrantes não é maior em decorrência de sua falta de adaptação ao novo contexto. “hay mucha gente de otros países que es más agresiva, más atrevida. También hay muchos que no quieren integrarse, usan los pañuelos, tienen religiones diferentes y una manera muy distinta de pensar” (Lien, 14 anos). “Si vas a vivir a un sitio la cosa es moldearte a donde vas a vivir a partir de ahora, pues a los ciudadanos del país donde está, pues sí, que les molestará poco a poco que su tradición sea menos importante que la que el inmigrante ha traído aquí, por ejemplo” (Alberto, 15

anos). Ou seja, apesar do que nos diz Olmos (2003), quando afirma que integração e afirmação de uma cultura de origem não são processos excludentes, o que podemos ressaltar, a partir da postura dos nossos informantes, é que os migrantes devem espelhar-se em autóctonos em seus modos de vida, o que parece configurar muito mais um processo de assimilação e de apagamento de uma cultura de origem do que de integração cidadã pelo viés da interculturalidade (HALL, 2003). Os jovens cujas famílias são chilena e chinesa reiteram esse movimento, no qual se deve despir-se de qualquer referente identitário do país de origem para poder exercer a cidadania na sociedade de acolhida.

Acerca dos modos como enxergam a diversidade cultural em Barcelona, os protagonistas da investigação apontam que percebem uma convivência pacífica e positiva, mas somente até certo ponto. A maior parte deles destaca que, apesar da riqueza trazida pelos referentes identitários diferentes, existem divergências inconciliáveis, que surgem por culpa dos migrantes. “Creo que es más positiva que negativa, pues vamos a conocer las costumbres de los otros, pero sí, hay veces que hay problemas... los que vienen a robar la gente de aquí, porque como vienen aquí para buscar trabajo e as veces no lo encuentran...” (Pep, 16 anos). “Yo creo que acaban conviviendo bien, pero siempre hay las personas que, a lo mejor, no les gustan la cultura de los inmigrantes. Aquí hubo un tiempo que las bandas juveniles de distintos países, pues había mucho conflicto... Pero todos somos iguales” (Juan, 16 anos).

La gente, más o menos, va aceptando las culturas, pero es verdad que hay culturas muy diferentes, hay muchas que son chocantes a las nuestras. Los árabes, por ejemplo, son muy machistas, y aquí en España ya nos ha costado a nuestros antepasados que las mujeres estemos donde estamos ahora. Creo que son culturas que nos están afectando, sabe... Los sudamericanos también son muy machistas. Los chinos son muy raros, muy cerrados, entonces tampoco tenemos tanto problemas con ellos, pero sí que son muy frios, muy calculadores, son bastante separatistas. Hay muchos inmigrantes religiosos también, aquí hay gente religiosa, pero no tanto. Que vengan aquí y nos intenten imponer sus costumbres, eso no me parece justo (Julia, 18 anos).

Percebemos, a partir da fala dos nossos informantes, que o discurso de interculturalidade que se constroi em torno de Barcelona é frágil e contraditório, em virtude dos inúmeros choques culturais que se processam na prática cotidiana de convivência entre

os diversos coletivos migrantes e os sujeitos nativos. Olmos (2003) aponta que a questão das relações entre as culturas têm sido convertida, ao longo dos anos, muito mais em um problema de representação, dos modos como cada um dos coletivos percebe o outro, a partir dos movimentos de construção da realidade social, empreendidos, especialmente, pelos meios de comunicação hegemônicos. A rotulação de determinados grupos – corroborada por parte de nossos jovens – como religiosos, machistas, atrasados, dentre outras qualificações, contribui no sentido de dificultar ainda mais as relações de integração cidadã, pois, “sin embargo, la mayor religiosidad y las relaciones entre géneros más tradicionales, con mayor distancia separando hombres y mujeres, son valores y costumbres que implican en choque cultural”³⁷⁹ (ZLOBINA e PÁEZ, 2008, p. 56).

As dinâmicas discriminatórias vão sendo tecidas por um grupo com relação ao outro, mesmo no universo dos migrantes, que não escapam de apontar e de serem apontados nos processos de exclusão. Os catalães chamam os chineses de esquisitos, mas que, como eles são significativamente apartados, não incomodam. Ou seja, para não incomodar é preciso não existir enquanto sujeito social, enquanto cidadão e usuário dos espaço público. Já os chineses – ou de origem chinesa – desqualificam os árabes e os latinos, como sugere a fala de um dos nossos jovens. “Creo que conviven en paz, aunque depende de la gente. Hay gente que no controlan sus nervios, no tienen mucha paciencia, como los de Marruecos. Y tambien hay algunos inmigrantes, como los latinos, que son gamberros” (Lien, 14 anos). No que diz respeito à expressão do jovem com origens latinas, a convivência entre culturas em Barcelona é enfaticamente problemática, em virtude, especialmente, da disputa, na qual cada coletivo imagina a sua cultura como superior a do outro, sem refletir que os referentes identitários alheios aos seus podem ser um costume em outros contextos. “Hay muchos casos en los que sí, que se dan conflictos, no se respetan las culturas de los otros. Mira, si yo hago tal cosa es porque es tradición, pero seguro que el no respetar es muy famoso entre los de aquí, que por la vida siguen diciendo *lo mío es mejor que lo tuyo*” (Alberto, 15 anos).

Sobre os modos como acreditam que os migrantes são tratados em Barcelona, nossos jovens concentram-se em opinar que os atores coletivos que vêm de forma são bem

³⁷⁹ “sem dúvida, a maior religiosidade e as relações entre gêneros mais tradicionais, com maior distância separando homens e mulheres, são valores e costumes que implicam em choque cultural”. Tradução do autor.

tratados, apesar dos embates que surgem como consequência dos choques culturais ou da completa ausência de relacionamento, cuja culpa sempre recai no migrante, que não se integra à sociedade receptora. “Como ya estamos acostumbrados nos llevamos bien, pero cada uno en su sitio, también porque ellos se apartan mucho, entonces ahí, ya no podemos hacer nada” (Julia, 18 anos). “Hay zonas donde no se quiere que vayan inmigrantes y zonas donde se convive más o menos bien” (Juan, 16 anos). “Yo creo que son bien tratados, pero en algunos casos hay gente que los desprecia, porque los inmigrantes tienen formas de pensar muy distintas” (Lien, 14 anos). O que chama a atenção nesse contexto é o ponto de vista de um dos jovens, de origens chilenas, que nos fornece pistas para refletirmos sobre os processos de assimilação que são, muitas vezes, introjetado pelos autóctonos filhos de migrantes, no sentido de sentirem-se acolhidos pela sociedade, a partir do momento em que rompem com certos referentes identitários do país de origem da família. Interessante quando Zlobina e Páez (2008) afirmam que o processo assimilatório se dá, principalmente, nos coletivos nos quais há um destaque à visibilidade fenotípica – seja pelos traços físicos, cor da pele ou modo de vestir-se, por exemplo –, o que pode acarretar que esses grupos adotem a estratégia de assimilar-se, com o objetivo de serem mais facilmente aceitos pelos pares.

Hay personas que traen aquí sus costumbres y eso es lo que le molesta a la ciudadanía de Cataluña, les molesta que Cataluña se convierta, que ya no sea Cataluña. El inmigrante no esta respetando al país en el que esta, porque no puede implantar tu cultura en donde ellos [los autóctonos] viven. Hay musulmanes que aquí vienen ha crear mezquitas, pero si yo quiero ir a predicar de mi creencia a Marruecos voy a ser perseguido, van a me matar, por haber predicado lo que es el evangelio. También hay el caso de los velos... No se puede usar el pañuelo en las escuelas, porque no se puede usar nada en la cabeza. Estas chicas no están en Marruecos para vestirse como si vivieran allí (Alberto, 15 anos).

Acerca dos modos como os meios de comunicação tratam a questão da cidadania, nossos informantes dividem-se entre opiniões divergentes. Há aqueles que enfatizam um exercício cidadão a partir da informação, das notícias que são veiculadas pela mídia e debatidas pela sociedade, sobre os temas relevantes do momento. O campo das mídias (RODRIGUES, 2000) é visto aqui como um núcleo de agendamento dos assuntos que

ganham destaque na opinião pública e nas conversações cotidianas. “Creo que sí, que tratan de la ciudadanía, pues están siempre hablando de política y de la crisis en la tele y en los periódicos, hay muchas noticias” (Pep, 16 anos). “Yo creo que cuando consiguen encontrar una forma, un tema para tratarlo, una información para debatir, pues más o menos intentan que la gente participe, para cambiar un poco su forma de pensar” (Juan, 16 anos). Há outro ponto de vista, seguido pelos jovens que duvidam, em certa medida, do caráter cidadão que podem adquirir as práticas dos meios. “En los medios se habla un poco de ciudadanía, pero no se encuentra solución tampoco” (Lien, 14 anos). “Creo que los medios no le dan [a la ciudadanía] la suficiente importancia que tiene, pues no cumplen lo que han prometido, o sea, es más un juego político” (Alberto, 15 anos). Percebemos, nessa segunda acepção, uma postura desconfiada, quando os jovens parecem compreender as lógicas que aproximam governos e meios de comunicação em uma sociedade profundamente marcada por interesses comerciais (VIEIRA, 2003). Nesse sentido, os conteúdos midiáticos não levantariam questões que fossem de encontro às demandas do Estado.

Sobre o tratamento dado pelos meios de comunicação à questão da migração, nossos jovens informantes, mais uma vez, distribuem-se em dois grupos, com pontos de vista distintos. Os autóctonos com origens europeias destacam em suas análises os casos em que a mídia aborda o fenômeno das migrações a partir de uma perspectiva negativa, focando na ausência de papéis regulamentando sua permanência e na perigosa travessia feita a partir de embarcações como as pateras. Esse tipo de construção midiática da realidade acaba, na visão dos entrevistados, por dificultar os processos de integração entre os nativos e os de fora, pois vai solidificando uma visão pejorativa dos migrantes no imaginário social, o que acarreta choques culturais e atitudes de rechaço ainda mais veementes. “Eso de las pateras, porque dices... *joder*. Entonces te llama la atención” (Julia, 18 anos). “Casi siempre que se habla de inmigrantes como que han venido de otro país a este ilegalmente. Lo que hacen es informar que no sé cuantos inmigrantes ilegales han llegado aquí y han sido arrestados” (Pep, 16 anos). Segundo nos faz refletir Granados (2002), as informações sobre a questão das migrações tendem a ser apresentadas, nos meios hegemônicos, de maneira descontextualizada e sem um debate mais profundo sobre a complexidade do fenômeno. A tendência recorrente é visibilizar o lado negativo das migrações, ignorando-se, quase sempre, uma abordagem sobre as culturas dos países de origem e as relações de

dependência entre nações emissoras e receptoras de migrantes. A sobrevalorização se dá, isso sim, em torno do tema da situação irregular enfrentada por parte dos que chegam à Espanha e das mortes e outras situações de mendicância pelas quais passam esses sujeitos quando cruzam o Estreito de Gibraltar para entrar de forma informal no país. Cogo (2007, p. 67) completa o raciocínio, quando afirma que “nas mídias impressa e televisivas espanholas evidencia-se uma associação entre práticas delitivas, migrações e país de origem dos jovens”.

Já os jovens autóctonos filhos de migrantes – seja em um sentido de auto-preservação ou porque não se identificam mesmo como migrantes, ou, pelo menos, com o tipo de migrante representado nos meios de comunicação hegemônicos – explicitam um outro tipo de posicionamento, quando vinculam o tratamento dado pela mídia ao tema das migrações a uma identidade atribuída ao outro – aos coletivos distintos do qual a sua família faz parte –, ou mesmo quando afirmam que os meios de comunicação não fazem mais do que o seu papel, ao noticiar um fenômeno que não pára de acontecer. “Los medios hablan sobre los musulmanes, es eso lo que yo he visto” (Alberto, 15 anos). “Los medios hablan siempre de esos inmigrantes que vienen en las pateras. Es un tema que se habla bastante, como no paran de llegar, pues los medios tampoco paran de hablar de eso” (Lien, 14 anos). Também nos grupos de discussão realizados na escola, foram os migrantes – no caso, de primeira geração, nascidos em outros países – os que mais viram uma abordagem positiva da mídia acerca do fenômeno migratório, apontando que, no que concerne a esse tema, os meios, na Espanha, valorizam a diversidade das culturas trazidas pelos novos moradores.

Questionados como fariam suas reportagens sobre jovens migrantes em Barcelona, nossos jovens informantes ressaltam a importância de dar voz aos migrantes, de mostrar, para além de estatísticas e aspectos negativos, seus modos de vida, suas culturas, suas relações com a cidade. “Yo dejaría los inmigrantes hablar, porque ellos nunca hablan en los reportajes” (Alberto, 15 anos). “Yo haría un reportaje dando los papeles a los inmigrantes por un año o dos a ver si consiguen trabajo. Si después de ese tiempo ves que no están trabajando en nada, quitárselos y deportarlos” (Pep, 16 anos). “En vez de hacer una crítica, como es común, lo que haría es coger una cámara e ir a una zona donde sepa que hay gente de distintos sitios y grabar un poco lo que hacen, sus vidas, sus culturas, a que juegan, no

sé... “ (Juan, 16 anos). “Preguntarles, pues, como lo están pasando ellos aquí, porque muchos vienen con sus padres, obligados, entonces eso también es importante, saber como se sienten ellos aquí” (Julia, 18 anos). Pelo menos discursivamente, os jovens protagonistas da investigação parecem ter consciência de que nem todos os grupos sociais têm liberdade para negociar livremente suas representações, visto que as esferas dominantes nem sempre estão abertas ao diálogo com o diferente. Nesse sentido, Cabral (2008) enfatiza que não há somente uma maneira de narra a história, mas várias, e que os segmentos marginalizados da sociedade devem lutar em prol desse espaço de visibilidade.

5.6 Análise dos vídeos promocionais

O material é composto por quatro vídeos que fazem a divulgação da inscrição para o *casting* dos participantes do *KDM*. Os vídeos têm como objetivo principal apresentar uma pessoa para uma determinada função no mercado audiovisual, visando à conquista de uma vaga. Em geral, todos se apresentam dizendo o que gostam e o que não gostam de fazer e explicitam os motivos pelos quais gostariam de participar do projeto. Sucintos, mas cada um ao seu modo, os materiais – exceto o último vídeo, que não faz conexões com vestuário – buscam explorar na pessoa apresentada características relacionadas à especificidade de sua área. Dos vídeos analisados, *Sonido* e *Maquillage*, são os mais elaborados. *Sonido* emprega vários recursos audiovisuais em prol de uma *mise-en-scène* comum em produtos de ficção. A idéia de *mise-en-scène* tem origem na atividade teatral, vindo, somente na segunda metade do século XX, a atingir o sentido que hoje se conhece, equivalente a dizer “direção cinematográfica”, como é afirmado por Aumont e Marie (2003, p. 80), quando estes autores afirmam que “de modo abusivo, talvez, mas eficaz, a expressão *mise-en-scène* tornou-se, portanto, nos empregos críticos em língua francesa (e também inglesa, tendo a palavra passado tal e qual para o vocabulário anglo-saxão), uma noção central da arte do filme”.

Este conceito, agora também cinematográfico, é habilmente aplicado no primeiro vídeo para mostrar o jovem se deslocando até um auditório, onde acontece a entrevista. Examinando-a, percebe-se que seu deslocamento não é uma ocorrência qualquer dentro deste material. A cena do caminhar do garoto possui uma *mise-en-scène* bem articulada,

construída para suspender a informação de que se trata de um candidato a técnico de som e que o que ele leva na maleta é o seu equipamento. Tudo isso é revelado posteriormente, após o jovem ser visto em seu trajeto, que é encenado e construído para incrementar a apresentação do “personagem candidato”. Não se sabe, de imediato, quem é e o que faz aquela pessoa. Neste momento uma atmosfera de mistério é plantada pela *mise-en-scène* desta simples ação, sublinhada pela música. O reforço de índices como o figurino – especialmente o chapéu –, a maleta e, sobretudo, o olhar e a movimentação encenados pelo jovem contribuem para esse tom, que torna a personagem, que ainda não se conhece, mais próximo de ser um detetive ou um agente secreto do que um técnico de som. É, sem dúvida, este o mais completo e mais original dos quatro vídeos produzidos. Construir uma expectativa ficcional que se modifica e aponta para outro sentido, resultando numa entrevista típica de documentário, diversifica a experiência oferecida por este pequeno filme como nenhum dos outros conseguiu.

O primeiro plano de *Maquillage* é uma imagem muito bonita de uma garota, inicialmente desfocada e em contraluz, que em seguida é vista se maquiando. Planos detalhes do rosto sendo maquiado dão ênfase à função desejada pela garota, revelada no final do vídeo. Durante a entrevista, segue-se, também, o padrão audiovisual utilizado em documentários de entrevistas – em que o enquadramento é frontal e mostra apenas a cabeça do entrevistado, deixando-o numa das extremidades da tela, enquanto seu olhar dirige-se à outra. Enquanto isso, a montagem alterna imagens com efeitos de vídeo que apresentam pequenas telas que mostram as mesmas imagens ocupando todo o quadro. O que *Maquillage* tem de peculiar é a delicadeza, que se percebe nas imagens e na garota: os planos de detalhe do rosto em câmera lenta – movimento desacelerado –, o enquadramento mais detido sobre a pequenez do ato de maquiagem e as imagens sutis contribuem neste sentido. Assim, é notável que estes primeiros vídeos aplicam parte do arsenal da linguagem cinematográfica, mais especificamente, da decupagem clássica. “O que caracteriza a decupagem clássica é seu caráter de sistema cuidadosamente elaborado, de repertório lentamente sedimentado na evolução histórica, [...] para extrair o máximo rendimento dos efeitos da montagem e ao mesmo tempo, torná-la invisível (Xavier, 2005, p. 32). De uma determinada perspectiva de compreensão da prática do cinema, esta invisibilidade dos

efeitos da montagem é o êxito que deve ser alcançado pela narrativa fílmica ficcional, e é o que ocorre principalmente em *Sonido*.

Diferentemente dos dois primeiros, *Cámara* e *Vestuario* não tiveram uma pré-produção, com roteiro e decupagem previamente definidos. Foram feitos de modo mais livre, sem preocupações com uma tradição de linguagem audiovisual, o que, de modo algum, torna o processo menos planejado prejudicial aos vídeos. Afirmar que os primeiros são mais elaborados do que os demais é reconhecer o empenho e a energia daqueles que os realizaram e que pode ser verificado no material apresentado. *Cámara* é um registro de si mesmo a partir da câmera de um celular. O material dialoga diretamente com a “geração Youtube, com *vlogueiros* e com demais diários pessoais publicados na internet, a partir da crescente facilidade em adquirir equipamentos portáteis de gravação e reprodução de imagem e som, além, é claro, da simples vontade de expressar-se. A distância do próprio braço estendido que segura a câmera (embutida no celular ou não) para si gerou formas de fotografar e gravar que, enquanto imagem, são cada vez mais reconhecíveis. O material investe na gravação que o jovem faz de si enquanto fala. O que existe de mais forte aí é, portanto, a presença do jovem e sua desenvoltura, sua fala e seus gestos que ele mesmo grava, promovendo uma “auto-encenação”. Se o sujeito está ciente da câmera, há perturbação e transformação, como completa Comolli (2001, p. 81), quando este autor nos diz que

há em todo mundo um saber inconsciente sobre o olhar do outro, um saber que se manifesta por uma tomada de posição, uma postura. A cinematografia fornece prova disso, porque suscita e solicita essa postura e, ao mesmo tempo, porque a registra, nela inscreve sua marca. O sujeito filmado, infalivelmente, identifica o olho negro e redondo da câmera como olhar do outro materializado. Por um saber inconsciente, mas certo, o sujeito sabe que ser filmado significa se expor ao outro.

Do que falamos a respeito de *Cámara*, muito se pode dizer, também, de *Vestuario*. São semelhantes com relação ao modo de gravação e à centralidade da fala. Aqui, trata-se, também, de uma pessoa que encena para a câmera operada por ela mesma. A diferença principal está no fato de haver duas câmeras. Elas não só oferecem pontos de vista distintos da mesma ação, quanto se diferenciam pela qualidade da imagem: a segunda câmera

apresenta uma maior resolução, produzindo imagens com um mais alto nível de detalhamento que a primeira, incluindo o manuseio do foco. Em decorrência de haver uma câmera a mais, a montagem explora os dois tipos de imagem, intercalando-as. Enquanto uma imagem mostra o rosto da garota em plano de detalhe, a outra, com três inserções, apresenta a ação num enquadramento mais aberto, incluindo no quadro a câmera que a garota tem nas mãos, enquanto fala e olha para a lente.

Os materiais, pela finalidade, são muito semelhantes. Os dois primeiros, contudo, empregaram mais das estratégias do repertório audiovisual que os dois últimos, que são uma gravação mais artesanal e imediata das três informações que o vídeo de seleção deveria conter: nome, idade, o que gosta e o que não gosta e a motivação para entrar no projeto. Enquanto sobre os primeiros vídeos, a experiência de quem assiste tende a se concentrar sobre a forma audiovisual e sobre as pessoas apresentadas, nos dois últimos, esta tende a se concentrar, quase que integralmente, sobre as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de quatro anos de uma pesquisa que se desdobrou em dois contextos, desenvolvidos em continentes diferentes, é chegado o momento de refletir sobre o ponto em que chegamos, que não é um ponto final, já que o estudo sobre as relações entre juventude, mídia e cidadania é complexo e rico demais para ser concluído em uma só investigação. Acreditamos que nossa contribuição ao campo da comunicação cidadã, a partir desta tese de doutorado, se dá muito mais a partir da reconfiguração das perguntas que fazemos do que das respostas que oferecemos, em virtude dos questionamentos poderem gerar novas investigações, reproblematicando elementos trazidos à tona através de nossa pesquisa.

Acreditamos que a opção em desenvolver uma pesquisa empírica no contexto estrangeiro, durante o estágio de doutorado no exterior, apesar de arriscada – em virtude do fator temporal e da existência de inúmeras variáveis não-controláveis no contato com o objeto de referência e no acompanhamento aos seus desdobramentos –, enriqueceu a discussão gerada no interior de nossa investigação, oferecendo-nos novos elementos para pensar a relação que se tem construído entre jovens, tecnologias da comunicação e processos de participação cidadã em um cenário contraditório como o da cidade de Barcelona, que, ao mesmo tempo que se mostra bastante diferente, faz emergir determinadas questões que nos possibilitam encontrar pontos de contato e de aproximação com a realidade observada na cidade de Fortaleza, permitindo-nos inferir que em um mundo globalizado como o nosso é difícil pensar em metrópoles urbanas ocidentais que se mantenham radicalmente distintas nos modos como os jovens relacionam-se com as mídias digitais.

Apesar do desenvolvimento da investigação ter sido realizado em dois contextos, nosso objetivo final nunca foi o da comparação pura e simples. O *Aldeia* e o *KDM* não

foram convidados a atuar como objetos de referência de nossa pesquisa com um intuito de competição, para sabermos em qual das duas cidades, Fortaleza ou Barcelona, os jovens apropriam-se de um modo melhor das mídias digitais com vistas a uma participação cidadã. Não se trata, aqui, de melhor ou pior, mas de modos heterogêneos – com alguns elementos de diálogo – nos quais se alicerçam os usos dos jovens das tecnologias da comunicação, no âmbito de um projeto sociocultural. Mas é claro que, se desenvolvemos toda a investigação tendo como base duas experiências concretas, dois casos específicos nos quais se tecem os vínculos que buscamos investigar, acabamos, em determinados momentos, fazendo analogias, com respeito às especificidades que o fenômeno adquire no contexto cearense e no contexto catalão.

Com relação ao consumo midiáticos de nossos jovens, à presença que os meios de comunicação têm em suas vivências cotidianas, percebemos muitas aproximação entre os dois contextos – cearense e catalão. Nossos informantes, seja no Morro Santa Terezinha ou na região de Sant Andreu, tecem uma relação com os meios a partir da complementaridade, tanto entre mídias analógicas e digitais quanto entre atividades *online* e *offline*. As dietas midiáticas de nossos protagonistas são construídas através de rotinas nas quais a internet e a televisão aparecem como os meios mais acessados, apesar de uma ampla e pulverizada participação de outras mídias em seus processos de produção, circulação e apropriação midiáticas. Talvez em virtude da atuação em projetos que se constituem em torno da mídia e de uma certa centralidade que os meios de comunicação assumem nas vivências desses rapazes e moças, é possível destacar as competências técnicas adquiridas por eles no trato com a mídia, a absorção de seus processos produtivos, de suas lógicas, linguagens e gramáticas, apontando para um destaque que as mediações videotecnológicas cumprem nos processos de usos e apropriações dos meios de comunicação. Chama a atenção, entretanto, o fato de que, mesmo participando em projetos que se propõem a pensar sobre a mídia a partir de outra perspectiva, contra-hegemônica, esses jovens sigam roteiros em suas incursões pelos meios que vão justamente ao encontro do que buscam as lógicas dominantes: seriados, telejornais e programas de humor de emissoras hegemônicas, no caso dos consumos de televisão, e portais de notícias, redes sociais e *chats* de conversação, no que diz respeito aos usos da internet. Programas alternativos e *sites* ou *blogs* que não

estejam vinculados aos grandes conglomerados midiáticos não fazem parte – pelo menos não de forma efetiva – das rotinas dos nossos jovens junto aos meios de comunicação.

Os jovens participantes do *Aldeia* e do *KDM* também parecem fornecer pistas para que possamos reproblematicar um certo imaginário social – publicitário, podemos dizer – que vem se cultivando sobre jovens das gerações Y ou Z, incessantemente vinculados às tecnologias midiáticas, conectados em tempo integral com as ferramentas interativas que os novos suportes disponibilizam. Alguns de nossos jovens – especialmente os do contexto catalão – até possuem o acesso a esses instrumentos, mas não se mostram “viciados” nas novas tecnologias, bem como alguns dos protagonistas desta investigação têm seus usos das mídias, de certo modo, restritos por determinados contornos que assumem as suas experiências cotidianas no entorno local, atravessados por questões de criminalidade – já que parte dos jovens, moradora do Morro Santa Terezinha, em Fortaleza, destaca os assaltos nos quais teve o celular tomado –, o que os impele a comprar equipamentos de mídias mais simples e baratos. A internet assume um destaque importante em suas rotinas – especialmente no que diz respeito ao *download* de vídeos e músicas; à existência e visibilidade social, permitidas pela participação nas redes sociais; ao compartilhamento de materiais audiovisuais, especialmente através do Youtube e do Facebook; e à interação com os amigos, possibilitada através dos *chats* e de outros dispositivos que permitem a conversação simultânea, como o Messenger –, mas o que tem ficado claro é que esse vínculo é interrompido quando o jovem desliga o computador – seja em casa, na casa de amigos ou na *lan house* –, ou seja, não há, pelo menos não nos universos em que pesquisamos, a propalada conectividade total, dinamizada pelo acesso à rede através de *tablets*, *smartphones* ou celulares.

No que diz respeito à concepção da associação e do projeto sociocultural investigados nesta tese, fica claro um certo rechaço pelo termo “movimento social”, destacado tanto pelos coordenadores do *Aldeia*, quanto do *KDM* – bem como evidenciado, também, pelo idealizador do projeto Mapa ao Quadrado, parceiro da associação cearense. A nomenclatura “movimento social”, segundo a fala dos responsáveis por nossos objetos de referência, enrijece e encaixota a ação juvenil, como se houvesse um determinado roteiro de atuação a ser seguido. Acreditamos que não se identificar com os movimentos sociais – mesmo que existam alguns diálogos com essa proposta de mobilização coletiva,

especialmente no cenário cearense – libera as ONGs e os projetos socioculturais de qualquer expectativa, de qualquer amarra, deixando-os livres para agir sem qualquer tipo de comprometimento com um ideário transformador dos anos sessenta e setenta – luta contra a ditadura – e oitenta e noventa – contexto pós-ditatorial – do século XX. Os movimentos sociais parecem ainda carregar, em sua denominação, o estigma do passado. Mesmo com todas as reconfigurações nas formas de organização e atuação das mobilizações coletivas, mesmo com a emergência de outras questões, identitárias e culturais, pelas quais lutar – que adicionaram o “novos” aos movimentos sociais –, mesmo com a presença dos meios de comunicação, especialmente os digitais, como eixos protagonistas – e não mais coadjuvantes – em torno dos quais se centram parte significativa das ações contemporâneas, o termo “movimento social” parece que não tem conseguido se atualizar e nem dar conta de um ritmo tão amplo de transformações no interior de nossa sociedade em rede. Os processos de individualização, a busca por emprego e por estabilidade econômica em um mercado cada vez mais exigente, a perda dos referenciais de vida a serem seguidos, dentre outros elementos, configuram um cenário hodierno no qual os jovens querem muito mais “resolver” seus micromundos, o que vai de encontro a uma noção “tradicional” de movimento social, como aquela concepção idealizada de atuação conjunta para transformar o planeta como um todo. Não se enxergar como movimento social deixa o *Aldeia* e o *KDM* livres, inclusive, para secundarizar a própria ação social, que parece ficar relegada a um segundo plano, em virtude do protagonismo que assumem as experimentações audiovisuais em torno das mídias digitais. Percebemos aqui uma forma de articulação que vai muito mais ao encontro da organização dos movimentos em rede, esporádicos, fluidos e cuja atuação política distancia-se do viés partidário, *strictu sensu*, aproximando-se, muito mais, de um engajamento através do exercício micropolítico, da política que se tece nas práticas cotidianas de cada um, em cada comunidade ou grupo específicos.

Com relação ao tipo de ação juvenil que têm desenvolvido, *Aldeia* e *KDM* também guardam diferenças. Apesar de ser possível perceber, nas duas experiências, um certo distanciamento de uma noção mais tradicional de movimento social, é verídico afirmar que os jovens moradores do Morro Santa Terezinha preservam um tipo de atuação mais voltado para uma perspectiva social do que o que se enxerga nas práticas dos adolescentes participantes no *KDM*, o que fica evidenciado, até mesmo, pelo vídeo analisado, que, no

caso do *Aldeia* (especificamente do projeto Mapa ao Quadrado, âmbito no qual o material foi produzido), apresenta um documentário – ou um videoclipe – que traz referentes dos problemas enfrentados pelos jovens, no dia-a-dia do Morro, bem como elementos simbólicos de sua cultura. Os jovens vinculados ao *Aldeia*, talvez em virtude de suas trajetórias de vida, marcadas por uma série de ausências e de desigualdades sociais – de modo bem mais enfático do que o que apreendemos do universo catalão –, apresentam um senso crítico mais aguçado com relação à realidade que os rodeia, o que marca, de certa forma, os contornos que adquirem suas práticas com as mídias digitais, que, no caso, dos jovens de Fortaleza, se voltam para um contato mais próximo, muitas vezes até de redescoberta, com a comunidade de entorno. A reflexão que fazemos é que as tecnologias da comunicação contribuem para os processos de subjetivação – auto-afirmação, visibilização, reflexividade, auto-conhecimento – e de participação no seio da comunidade, voltada para as questões locais. Nesse sentido, acreditamos que as experiências construídas pelos jovens do *Aldeia* guardam um sentido mais social e comunitário com relação às práticas levadas a cabo pelo rapazes e moças vinculados ao *KDM*, que nos oferecem pistas de uma participação que se volta mais para um caráter pedagógico e recreativo, o que pode ser corroborado através dos vídeos promocionais analisados, em que a diversão e o viés lúdico são sobrepostos a qualquer vinculação com alguma discussão mais séria e aprofundada. Quem assiste aos vídeos promocionais analisados dificilmente conseguirá apreender que no projeto em questão existe a pretensão de se abordar temas como migrações, interculturalidade, discriminação e integração entre migrantes e autóctonos.

A própria configuração das personagens da série audiovisual desenvolvida pelo *KDM* corrobora nossas reflexões, no que diz respeito ao modo secundarizado como as questões sociais – migrações, interculturalidade, integração, preconceito, etc. – vêm sendo tratadas no desenvolvimento do projeto. O enredo aborda relacionamentos amorosos, jovens criados sem limites, adolescente em busca de uma irmã deixada para adoção, rapazes e moças que se expressam através da arte, os costumes de uma menina hippie, as experiências de um jovem gay, dentre outros dilemas do universo juvenil, mas apresenta em sua trama apenas três personagens migrantes – de um total de doze personagens que fazem parte da série –, sendo que desse restrito universo apenas um é de origem dos países que não fazem parte do EurAm – grupo composto pelos Estados Unidos e pelos países da

Europa, nos termos de Morley (2008) –, uma moça marroquina, enquanto os outros dois são um rapaz norte-americano e uma menina russa. Se são justamente as relações de integração com os migrantes africanos, asiáticos e latino-americanos, especialmente, as mais complexas, devido aos choques culturais trazidos por elementos fenotípicos, bem como através do vestuário, das relações de gênero e da religião, como explicar a ausência de um personagem chinês ou equatoriano, por exemplo, já que se tratam de nacionalidades de migrantes com ampla presença em Barcelona? Como é possível abordar a questão do preconceito, desmistificar o perfil caricaturizado do migrante-pobre-criminoso, requalificar a discussão sobre as diferenças culturais mais significativas, dentre outros debates, se a maior parte dos personagens é composto por autóctonos e a maioria dos poucos migrantes ainda é formada por um jovem europeu e outro nascido nos Estados Unidos, o que configura um outro tipo de relação – bem menos problemática, no qual o rechaço pelo outro é destacadamente menos recorrente – com os adolescentes catalães?

Em virtude da inviabilidade temporal em poder contemplar todo o desenvolvimento do *KDM*, torna-se impossível analisar de que modo o tema das migrações – e as questões que giram ao seu redor – vai aparecer retratado na série audiovisual, mas o que podemos apontar, a partir do acompanhamento sistemático que pudemos efetuar no trabalho de campo, é que, desde o momento em que se procura “mascarar” a temática na hora de divulgar o projeto, como uma maneira de não afugentar os potenciais participantes, já se faz uma opção pelo modo como o fenômeno das migrações vai aparecer na série audiovisual. Temos em conta a menor participação e o interesse menos significativo dos migrantes com relação à atitude mais presente e ativa dos nativos, no que concerne à atuação no projeto – o que pudemos verificar de forma nítida durante o acompanhamento das atividades do *KDM* –, o que pode nos levar a pensar que determinadas políticas públicas voltadas para a integração de migrantes e autóctonos não encontram um retorno satisfatório quando trabalham ambos os públicos – estrangeiros e nativos – de forma conjunta, já que há aí o constante risco do grupo formado pelos migrantes sentir-se inibido e, de certo modo, impelidos a não participar de um modo mais efetivo, em virtude da presença “hegemônica” dos autóctonos. Esse fator pode, em alguma medida, ter atravessado o processo de formação da equipe definitiva. Mas o que sentimos, nessa análise final que fazemos do projeto – e que vai ao encontro das palavras de Pablo, quando o coordenador do *KDM*

afirmava a prioridade que se daria à questão técnica na produção do audiovisual – é que o caráter artístico e de domínio das novas tecnologias da comunicação foi sobreposto ao viés crítico do projeto. A qualidade estética da série e seus elementos técnicos assumiram uma importância central, deixando a questão social em segundo plano.

Mesmo no universo do *Aldeia*, onde há uma maior conscientização e participação dos jovens em torno de questões sociais e culturais – especialmente em virtude de um processo de ressignificação e reapropriação da comunidade na qual vivem –, vale destacar que a tecnologia, apesar de poder ser pensada como um elemento-chave para a ação coletiva na contemporaneidade, por si só, não faz brotar sentimentos cívicos e ações sociais em jovens, sem que exista um repertório prévio ao redor do tema nesses indivíduos. Os atores sociais dificilmente irão mudar seus comportamentos de forma significativa, com relação à atuação em mobilizações coletivas, apenas como resultado da participação em associações e projetos da natureza do *Aldeia* e do *KDM*. O exemplo ilustrativo nesse sentido vem das experiências das moças Roberta e Rosa, que tiveram uma participação coadjuvante durante toda a realização do Mapa ao Quadrado, e terminaram a atuação no coletivo afirmando que não gostariam de dar continuidade a este tipo de envolvimento. Os três meses de vínculo com o projeto, as aulas teóricas e práticas, as oficinas de capacitação para o manuseio com as mídias, as atividades de gravação e de edição do material audiovisual, a redescoberta do Morro Santa Terezinha, dentre outros elementos, não foram suficientes para fazer aflorar nas jovens o desejo de participação cidadã. Ou seja, as mídias digitais e a sociedade em rede não criam processos participativos, não fazem “brotar no deserto”, mas potencializam articulações, ações e engajamento em cenários nos quais já exista a demanda de inserção cidadã.

Ainda no que diz respeito aos processos de participação juvenil no *Aldeia* e no *KDM*, vale problematizar a questão da profissionalização como uma pauta excessivamente importante no discurso dos jovens, embora não deixe de ser relevante. Ficou claro, ao longo do desenvolvimento do trabalho de campo, que as expectativas em torno dos projetos, por parte dos jovens participantes, materializam-se mais através de um interesse por uma formação técnica e profissional e menos a partir da demanda por uma formação crítica para a vida e para atuar junto aos meios de comunicação, o que parece se distanciar do ideário de projetos alternativos e comunitários de comunicação que conhecemos e que têm orientado,

especialmente na trajetória latino-americana, a configuração de uma comunicação popular e cidadã. Não que o desejo de se profissionalizar não seja legítimo, mas parece-nos pouco transformador, principalmente se pensarmos que nossa educação está muito mais voltada para a profissionalização e o pragmatismo e menos para o desenvolvimento crítico dos sujeitos sociais. Por outro lado, vale ressaltar, também, que os sentidos de cidadania dos jovens estão vinculados de forma muito forte à visão de trabalho e de profissionalização, relação essa que se explica pela própria situação de exclusão do mercado laboral – tanto em Fortaleza quanto em Barcelona – que eles vivem. Nesse sentido, podemos perceber, tanto no *Aldeia* quanto no *KDM*, uma forte demanda, por parte dos jovens, de inserirem-se profissionalmente no universo midiático hegemônico, processo esse que parece se descolar de uma perspectiva que enxerga as associações e os projetos socioculturais como espaços de reflexão sobre a mídia – leitura crítica – e acerca do modelo de sociedade em que vivemos.

A ausência de uma perspectiva de trabalho – no seio do *Aldeia* e, de forma mais veemente, do *KDM* – que se abra através da leitura crítica da mídia é sentida, por exemplo, no âmbito catalão da pesquisa, onde, mesmo depois de meses de participação em um projeto que, teoricamente, tem a discussão sobre os meios de comunicação como um dos seus eixos orientadores, os jovens informantes parecem não perceber – ou não foram mobilizados para discutir sobre isso de forma mais efetiva no espaço do projeto – que as mídias espanholas, de modo geral, constroem uma realidade criminalizadora acerca do fenômeno das migrações transnacionais. Apontar que os meios de comunicação abordam o fenômeno da migração de forma negativa porque os migrantes não páram de chegar, por exemplo, é negligenciar uma relação histórica de implicação entre mídia e setores dominantes da sociedade.

O que parece ter ficado claro, tanto no *Aldeia* como no *KDM* – apesar das especificidades de ambas as experiências com a juventude, que na associação cearense assume um caráter mais social e no projeto catalão adquire um contorno mais técnico-estético – é a emergência de uma prática cidadã, através das mídias digitais, que se alicerça, muitas vezes, na experimentação pela experimentação, no gravar por gravar, sem que haja uma preocupação efetiva com os sentidos que mobilizam as filmagens, com as transformações mais profundas que se buscam com as visibilidades ressignificadas e com o

potencial de crítica social que reveste o produto audiovisual originado naquelas experiências.

O espaço da associação e do projeto podem ser tomados como abertos, livres e democráticos – e assim o são –, apoiados na atuação de coordenadores que tecem com os jovens participantes relações dialógicas, mas que, por outro lado, parecem não construir, junto a esses mesmos atores sociais, processos de autonomia de forma significativa, de modo que os rapazes e as moças desempenhem papéis protagonistas para além do término dos projetos. Com a exceção de Lucas, Jaqueline e Xaiane, no universo do *Aldeia*, e de Juan, no cenário do *KDM*, que possuem uma longa trajetória de participação social – principalmente em atuações que se voltam para o empoderamento midiático –, os demais jovens que deram vida a esta investigação, novatos ou com uma pequena experiência na seara dos vínculos entre mídias digitais e mobilizações coletivas, dão-nos a impressão de que não conseguem fazer muitas coisas sozinhos, sem a supervisão do olhar dos coordenadores. Ao mesmo tempo em que proporcionam um ambiente de liberdade criativa e de experimentação, os projetos não favorecem a criação de processos de autonomia e de gestão efetiva de políticas de comunicação, sendo necessária uma ampla trajetória no seio das ações coletivas para que seja possível ao jovem dinamizar práticas cidadãs e participativas independentes e mais espontâneas.

Nesse sentido, vale a pena refletir sobre que tipo de comunicação cidadã é essa que se vem tecendo a partir deste encontro das mídias digitais – e da sociedade em rede – com as mobilizações coletivas. Até que ponto os projetos socioculturais que se alicerçam em torno das novas tecnologias da comunicação têm incorporado a dimensão da leitura crítica dos meios e a reflexão sobre a sociedade e suas desigualdades e necessidades de transformação? Em que medida os processos de visibilidade, a existência social perante os pares, o recontar de histórias e narrativas da comunidade, dentre outros elementos potencializados na relação entre ação juvenil e novas mídias, configuram uma participação cidadã se a estruturação social, política e econômica da sociedade e a conformação do sistema midiático hegemônico não têm sido problematizados de forma aprofundada pelos atores envolvidos em projetos dessa natureza? Que tipo de ferramentas transformadoras – e não paliativas e superficiais – de uma condição social são proporcionadas pelo *Aldeia* e pelo *KDM*?

Mas é claro que todos os processos de experimentações com as mídias digitais, mesmo que não sejam acompanhados de uma reflexão crítica mais aprofundada, são extremamente válidos, por possibilitarem aos jovens formas de expressão e exercícios de criatividade, a partir da criação de espaços – as associações – e de dinâmicas – as atividades – que, de algum modo, são inovadores em suas vivências práticas, como ressaltou a jovem Jaqueline, quando disse que grande parte dos projetos capacitadores e dos cursos formativos voltados para os jovens moradores de periferia são para preparar costureiras e garçons, por exemplo. Seja através das filmagens de seu entorno local, da seleção do que querem visibilizar, das falas e dos elementos que priorizam na edição, dos roteiros produzidos, das idéias que vêm à tona nas rodas de conversa, dos modos como incorporam as personagens que lhe cabem, o que não podemos deixar de ter em conta é o fato de que os jovens estão se relacionando com as novas tecnologias, desenvolvendo capacidades criativas, exercitando a escrita e a expressão oral, enfim, adicionando ao seu repertório um conhecimento novo. Ou seja, mesmo que os vínculos entre mobilizações coletivas e mídias digitais possam ainda ser explorados em todo o seu potencial crítico e transformador – para além do expressivo e do criativo –, não podemos negligenciar que experiências como as levadas a cabo no *Aldeia* e no *KDM* têm seu valor e merecem ser reconhecidas por isto.

Vale ressaltar, entretanto, que questionar a mídia, recolocar, sob outra perspectiva, a construção social da realidade feita pelos meios de comunicação hegemônicos é um fator decisivo para transformar a própria sociedade. Nesse sentido, é preciso que os projetos socioculturais que têm os meios digitais como eixo de atuação desenvolvam de forma maximizada um potencial que parece ter ficado atrelado mais ao discurso ou à teoria e menos à prática efetiva, que é o de não empoderar os jovens apenas tecnicamente, mas, fazer com que esses atores coletivos apropriem-se do sistema midiático como um todo, tornando-se aptos a requalificá-los. As mídias digitais, na ambiência dos projetos pesquisados nesta tese, devem ultrapassar a questão do uso dos suportes. Não se trata aqui de projetos que versam sobre ecologia ou desnutrição na África, por exemplo, e que se utilizam das redes digitais para publicizar suas demandas e conectar potenciais ativistas espalhados pelo globo, mas de associações e organizações que, antes de se centrar na utilização do potencial de visibilidade das mídias, devem pensar e discutir a própria

concepção dos meios, em virtude de serem projetos de comunicação. Participar e exercer a cidadania, nesse sentido, é mais do que utilizar a mídia, mas ajudar a transformá-la.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena (1998). A apatia da juventude é um mito. *Revista Juventude.br*, Rio de Janeiro, dezembro de 1998.

Disponível em:

<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/>

Acesso: 07/10/07.

ABRAMO, Perseu (1988). Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, Sedi (org.). *Pesquisa social, projeto e planejamento*. São Paulo: T. A. Queiroz.

ALBA, Lucía; SERRA, Isabel; MENÉNDEZ, Javier (2011). *Estava pasando en todas partes*. In: *Juventud sin futuro*. Barcelona: Icaria.

ALFAGEME, A.; CANTOS, S.; MARTÍNEZ, B. (2003). *De la participación al protagonismo infantil*. Madrid: Plataforma de Organizaciones de Infancia.

ALFARO, R. M. (1993). *Una comunicación para otro desarrollo*. Lima: Calandria.

ALONSO, Ângela (2009). As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Revista Lua Nova*. São Paulo, n. 76, p. 49-86.

AMARAL, Adriana; DUARTE, Renata (2008). A subcultura cosplay no Orkut: comunicação e sociabilidade online e offline. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.

ANCELOVICI, Marcos (2002). Organizing against globalization: the case of ATTAC in France. *Politics & Society*, vol. 30, n. 3, September.

ANDI (2008). *Más una ventana que un espejo*: la percepción de adolescentes con discapacidad sobre los medios de comunicación en Argentina, Brasil y Paraguay. Agencia de Noticias de los Derechos de la Infancia – ANDI y Red ANDI América Latina.

ARANDA, Daniel; NAVARRO, Jordi; TABERNERO, Carlos; TUBELLA, Imma (2010). Los jóvenes del siglo XXI: prácticas comunicativas y consumo cultural. Trabalho apresentado no GT Comunicación y desarrollo en la era digital, no Congresso Internacional AE-IC, realizado em Málaga, de 3 a 5 de fevereiro de 2010. Anais do Congresso, 19 p.

ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.

ARRIAGA, Mateos (2007). Inmigrantes adolescentes en el ámbito socioeducativo: interacciones y prácticas de inclusión para un proyecto de vida de calidad. *Emigra Working Papers*. Barcelona, n. 77.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel (2003). *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus.

BACHELARD, Gaston (1983). *Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

BARAÑANO, A; GARCÍA, J.; CÁTEDRA, M.; DEVILLARD, M. (2007). *Diccionario de relaciones interculturales*: diversidad y globalización. Madrid: Complutense.

BARROS, Carla (2011). *Pobreza e tecnologia no olhar do outro: representações sobre diferenças culturais*. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Cidadania, no XX Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizado em Porto Alegre – RS, de 14 a 017 de junho de 2011. Anais do Congresso, 17 p.

BARSI LOPES, Daniel (2009). *Cidadania juvenil em rede: Aldeia, Encine e as mídias digitais na configuração da comunicação cidadã*. Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Curitiba – PR, 2009. Anais do Congresso, 16 p.

_____ (2008a). O ponto de partida na processualidade teórico-metodológica: reflexões sobre a análise exploratória. In: MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia. (Orgs.). *Perspectivas Metodológicas em Comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora UFPB, p. 283-298.

_____ (2008b). *Cidadania Midiatizada: só a visibilidade basta?*. Trabalho apresentado no XIII Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, realizado em Pelotas – RS, 2008. Anais do Congresso, 15 p.

_____ (2008c). *Violência e cidadania na sociedade midiaticizada: o programa Linha Direta sob a ótica da recepção*. 2008. 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

BARSI LOPES, Daniel; KLEIN, Eloísa (2007). *Jornalismo e cidadania: a visibilidade de demandas coletivas na seção “Tem concerto?”*, do jornal “Diário de Santa Maria”. Trabalho apresentado no GT Jornalismo Impresso, no IX Seminário Internacional da Comunicação, realizado em Porto Alegre - RS, de 02 a 04 de novembro de 2007. Anais do Congresso, 18 p.

BECK, U (2005). *La mirada cosmopolita o la guerra és la paz*. Barcelona: Paidós.

BERTAUX, Daniel (2005). *Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.

BIANCHI, Graziela; BONIN, Jiani; SILVEIRA, Fabrício (2008). La construcción de la identidad y los movimientos transnacionales. In: COGO, Denise; GUTIÉRREZ, María; HUERTAS, Amparo (orgs.). *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*. Madrid: Los Libros de la Catarata.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard (1999). *Remediation: understanding new media*. MIT Press.

BORELLI, Silvia Helena Simões (2008). Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações: a propósito de Harry Potter. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.

BOURDIEU, Pierre (1998). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes

_____ (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar.

BRAGA, Adriana (2008). *Complementaridade das mídias: usos sociais da internet e seus precedentes*. Trabalho apresentado no GT Recepção, Usos e Consumo Midiático, no XVII Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizado em São Paulo – SP, de 03 a 06 de junho de 2008. Anais do Congresso, 16 p.

_____ (2006). *Feminilidade mediada por computador: interação social no circuito-blogue*. 2006. 338 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

BRIGNOL, Liliane (2010). *Migrações transnacionais e usos sociais da Internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana*. 404 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

BRINGUÉ, X.; SÁBADA, Ch. (2009). *La generación interactive en España: niños y adolescentes frente a las pantallas*. Madrid: Ariel

BROCKETT, Charles D. (1991). The structure of political opportunities and peasant mobilization in Central America. *Comparative Politics*, vol. 23, n. 3, p. 253-274, abril.

BUCCI, Eugênio (2004). *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo.

CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís (2008). *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras.

CABRAL, Amílcar (2008). Memória social, conflito e diálogo. In: CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís (2008). *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras.

CACHÓN, L.; LÓPEZ, A. (2007). Juventud e inmigración: desafíos para la participación y la integración. Canarias: Dirección General de Juventud.

CALDERÓN, F. (1993). Latin American identity and mixed temporalities: or, how to be postmodern and indian at the same time. *Boundary*, n. 2, vol 20 (3), p. 55-65.

CAMACHO, Carlos (2005). América Latina en el reto de construir puentes con y entre las ciudadanías. Paper presentado en el I Congreso de Comunicación para el Desarrollo, celebrado en Roma.

Disponível em:

http://www.article19.org.work.regions/latin-america/FOI/pdf/carlos_camacho.pdf

Acesso e: 30 out. 2011.

CANELO, Maria José (2003). Carey McWilliams e a idéia da cidadania cultural nos anos 40 e 50. Centro de Estudos Sociais. Laboratório Associado. Faculdade de Economia. Universidade de Coimbra.

Disponível em:

www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/oficina/199/199.php

Acesso em: 04 dez. 2011

CARDOSO, Gustavo (2009). *Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação*. Portal de la Comunicación: Lección del Portal, Barcelona.

Disponível em:

http://www.portalcomunicacion.com/esp/n_aab_lec_3.asp?id_llico=51

Acesso em: 10 abril 2010.

_____ (2007). *A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.

CARVALHAIS, Isabel (2008). Imigração e interculturalidade na União Européia: sombra e luz de uma relação complexa. In: CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís (2008). *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras.

CASTEL, Robert (1998). *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes.

CASTELLANO, Mayka (2008). Compartilhando o lixo cultural: comunidades online de fãs produtores de filmes trash. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.

CASTELLS, Manuel; TUBELLA, Imma; SANCHO, Teresa; ROCA, Meritxell (2007). *La transición a la sociedad red*. Barcelona: Ariel

CASTELLS, Manuel (2003a). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (2003b). Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, p 255-287.

_____ (1998). *A era da informação: economia, sociedade e cultura: a sociedade em rede*. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra.

CEARAH PERIFERIA (org). *Vivências, lutas e memórias: histórias de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza*. Fortaleza: Demócrito Rocha.

CERTEAU, Michel de (1998). *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.

COGO, Denise (2010a). Identidade local. In: Enciclopedia INTERCOM de comunicacao. – Sao Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicacao, 2010.

_____ (2010b). A Comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. *INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 33, p. 81-103.

_____ (2007). Repensando a ciência participativa na pesquisa em comunicação. In: PAIVA, Raquel (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad.

_____ (2005a). Mídia Comunitárias: outros cenários e cidadanias. *Revistas Direitos Humanos*.

Disponível em:

http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=14&Itemid=1.

Acesso em: 20 maio 2010.

_____ (2005b). A cidadania nas interações comunicacionais e midiáticas das migrações contemporâneas. *Revista Logos – Comunicação e Universidade*. Rio de Janeiro, vol. 1, p. 24-35.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane (2010). *Redes sociais e os estudos de recepção da internet*. Trabalho apresentado no GT Recepção, Usos e Consumos Midiáticos, no XIX Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizado no Rio de Janeiro – RJ, de 08 a 11 de junho de 2010. Anais do Congresso, 15 p.

COGO, Denise; GUTIÉRREZ, María; HUERTAS, Amparo (2008). *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*. Madrid: Los Libros de la Catarata.

COHEN, J. L.; ARATO, A. (2001). *Sociedad Civil y teoría política*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica.

COMOLLI, Jean-Louis (2001). *Carta de Marselha sobre a auto-mise en scène*. Texto originalmente publicado na Brouchure Ministère de la culture Nationale, “La mise en scène documentaire”. Tradução Isabelle Sanchis e Ruben Caixeta de Queiroz, Forumdoc.bh.

CORTINA, Adela (2005). *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola.

DAMASCENO, Francisco José Gomes (2007). As cidades da juventude em Fortaleza. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 215-242.

DAYRELL, Juarez (2004). *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. Trabalho apresentado na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, realizado em Recife – PE, 2004. Anais do Congresso, 20 p.

DOWNING, John (2010). *Nanomedios de comunicación: ¿O de red? ¿O de movimientos sociales? ¿Qué importancia tienen? ¿Y su denominación?* Portal de la Comunicación: Monográficos del Portal, Barcelona.

Disponível em:

http://www.portalcomunicacion.com/catunesco/download/2010_DOWNING_NANOMEDIOS%20DE%20COMUNICACIÓN.pdf

Acesso em: 17 abril 2010.

DE LA PRADA, Miguel (2005). *¿“Invención” de la adolescencia migrante?* Trabalho apresentado no GT La perspectiva comparada, no Congresso Ser Adolescente Hoy, realizado em Madrid, de 22 a 24 de outubro de 2005. Anais do Congresso, 15 p.

EFIMOVA, Lilia. *What is "beneath your current threshold"?: social visibility in persistent conversations.* Trabalho apresentado no Persistent Conversations Workshop, no HICSS TUTORIAL DAY, em 03 de Janeiro de 2005.

Disponível em:

<https://doc.telin.nl/dscgi/ds.py/ViewProps/File-47362>.

Acesso em: 17 fev. 2012

ENCARNACIÓN, Omar G. (2003). *The myth of civil society: social capital and democratic consolidation in Spain and Brazil.* New York: Palgrave Macmillian.

ESTEVES, João Pissarra (2003). *Espaço público e democracia: comunicação, processo de sentido e identidade social.* São Leopoldo: Ed. Unisinos.

EUGÊNIO, Fernanda; LEMOS, João Francisco (2008). Tecnoterritórios: a ocupação volante da urbe nas cenas eletrônicas cariocas. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI.* São Paulo: Educ.

FARMHOUSE, Rosário (2008). Diversidade e diálogo intercultural. In: CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís (2008). *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios.* Porto: Campo das Letras.

FEATHERSTONE, Mike (1991). *Cultura de consumo y postmodernismo*. Buenos Aires, Amorrortu.

FEIXA, Carles (1998). *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel.

FISCHER, Rosa Maria Bueno (2004). *Mídia e juventude: experiência do público e do privado na sociedade da informação*. Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, Portugal, de 16 a 18 setembro de 2004. Anais do Congresso, 13 p.

_____ (1996). *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FRAGOSO, Suely (2005). Reflexões sobre a convergência midiática. *Líbero*, São Paulo, Ano VIII, nº 15/16, p. 16-21.

FREIRE FILHO, João (2008). Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.

FRIEDMAN, Elisabeth Jay; HOCHSTETLER, Kathryn (2002). Assessing the third transition in Latin American democratization: representational regimes and civil society in Argentina and Brazil. *Comparative Politics*, vol. 35, n. 1, p. 21-42, oct.

GARCÍA BORREGO, I (2001). Acerca de la práctica y la teoría de la investigación sobre inmigración en España. *Revista Empiria*. Madrid, vol. 4, p. 145-162.

GARCÍA CANCLINI, Nestor (2007). *Lectores, espectadores e internautas*. Barcelona: Gedisa.

_____ (1998). *Culturas híbridas*. São Paulo: Ed. Edusp.

_____ (1996). *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise (2001). *Televisão, escola e juventude*. Porto Alegre: Mediação

_____ (1998). *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: IEL; Editora Unisinos.

GOHN, Maria da Glória (1997). *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. São Paulo: Cortez.

GORCZEVSKI, Deisimer (2007). *Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre*. 2007. 338 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

GORCZEVSKI, Deisimer; KUNH, Norberto; SILVA, Denise (2008). Trayectos migratorios: factores que influyen en la decisión. In: COGO, Denise; GUTIÉRREZ, María; HUERTAS, Amparo (orgs.). *Migraciones transnacionales y medios de comunicación: relatos desde Barcelona y Porto Alegre*. Madrid: Los Libros de la Catarata.

GUBER, Rosana (2004). *El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo del campo*. Buenos Aires: Paidós.

GUMBRECHT, Hans Ulrich (1998). *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não hermenêutica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

HALL, Stuart (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco.

_____ (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

HANSEN, K. T. (2008). *Youth and the city in the global south*. Bloomington: Harcourt Trade Publishers.

HARVEY, David (2005). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

HENN, Ronaldo (2006). Direito à memória na semiosfera midiaticizada. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. São Leopoldo, v. III, n. 3, p. 177-184, set/dez.

HERSCHMANN, Micael; GALVÃO, Tatiana (2008). Algumas considerações sobre a cultura hip hop no Brasil hoje. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.

HOPENHAYN, Martin (2002). A cidadania vulnerabilizada na América Latina. *Revista Brasileira de Estudos da População*. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 1-17, jul/dez.

HUERTAS, A.; FLEISCHMAN, L.; IBITI, A.; SÁEZ, Ch.; VELÁSQUEZ, F. (2010). Informe final *Juventud, migración y cohesión social: las relaciones entre los adolescentes migrantes y autóctonos (de entre 15 y 19 años) en el tiempo libre*. Investigación realizada por CMC InCom-UAB

HUERTAS BAILÉN, Amparo; FRANÇA, Maria Elisa (2001). *El espectador adolescente: uma aproximação a cómo contribuye latelevisión em la constrcción del yo*.

Disponível em:

<http://www.ehu.es/zer/>

Acesso em: 23 abr. 2009.

IANNI, Octávio (1992). *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

JANOTTI JR., Jéder (2003). *Mídia e cultura juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos*. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade, no XII Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizado em Recife – PE, de 03 a 06 de junho de 2003. Anais do Congresso, 15 p.

JARY, J.; JARY, D. (1991). *Collins dictionary of sociology*. Glasgow: Harper Collins.

JUÁREZ, Adriana; FELIU, Joel; LAJEUNESSE, Samuel (2006). Voces que hablan de espacios de encuentro. In: JUÁREZ, Adriana; LLOVET, Montse (orgs.). *Jóvenes en cibercafés: la dimensión física del futuro virtual*. Barcelona: UOC

KAPLÚN, Gabriel (2007). Entre mitos e desejos: desconstruir e reconstruir o desenvolvimento, a sociedade civil e a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad.

KYMLICKA, Will (1996). *Ciudadanía multicultural: una teoría liberal de los derechos de las minorías*. Barcelona: Paidós

LAMO DE ESPINOSA, Emilio (1995). *Culturas, estados, ciudadanos: una aproximación al multiculturalismo en Europa*. Madrid: Alianza.

LEMOS, André (2002). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.

LLOVET, Montse; TUR, Mercè (2006). Qué, cómo, para qué, y con quién consumen los jóvenes las tecnologías de la información y la comunicación. In: JUÁREZ, Adriana; LLOVET, Montse (orgs.). *Jóvenes en cibercafés: la dimensión física del futuro virtual*. Barcelona: UOC

LOPES, Maria Immacolata (2001). *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola.

_____ (2000). *Uma metodologia para a pesquisa das mediações*. Coletânea mídias e recepção, São Leopoldo, maio.

LORENZO, Laura (2009). *Comunicación y construcción de ciudadanía: aportes para el desarrollo*. Madrid: Los Libros de la Catarata.

LÓSSIO, Rúbia (2004). O Uso das tecnologias nas tradições populares. *Revista Continente Multicultural*, ano IV, n. 38, fevereiro.

MACHADO, Arlindo (2000). *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac.

_____ (1997). *Pré-cinemas e pós-cinemas*. São Paulo: Senac

MACHADO, Jorge (2007). *Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais*. *Revista Sociologias*. Porto Alegre, n. 18, p. 248-285, jul/dez.

MAFFESOLI, Michel (2000). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MAGNANI, José Guilherme (2000). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lílian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, Fapesp.

MALDONADO, A. Efendy (2004). *Trayectorias metodológicas suscitadoras*. Ciberlegenda, n. 14.

Disponível em:

<http://www.uff.br/mestcii/efendy5.htm>.

Acesso em: 21 nov. 2006.

MALGESINI, Gabriela; GIMÉNEZ, Carlos (1997). *Guía de conceptos sobre migraciones, racismo y interculturalidad*. Madrid: La Cueva del Oso.

MARICATO, Ermínia (2001). A bomba relógio das cidades brasileiras. *Revista Democracia Viva*, n. 11. jul.- out.

MARSHALL, Thomaz H (1967). *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar.

MARTÍN, Jesús (2005). *El movimiento contra la Europa de Maastricht y la globalización económica en la génesis del movimiento antiglobalización en España (1992-2002)*. Comunicación parte del trabajo de investigación para la obtención del DEA, septiembre.

MARTÍN-BARBERO, Jesús (2008). El cambio en la percepción de los jóvenes: socialidades, tecnicidades y subjetividades. In: MORDUCHOWICZ, Roxana (org.). *Los jóvenes y las pantallas: nuevas formas de sociabilidad*. Barcelona: Gedisa, p. 25-46.

_____ (2008). Políticas de la comunicación y la cultura: claves de investigación. Documentos CIDOB, serie *Dinámicas Interculturales*. Barcelona, número 11, dezembro.

_____ (2006). Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad.

_____ (2004). Razón técnica y razón política: espacios/tiempos no pensados. In: *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*. ALAIC, jul./dec. p. 22-37.

_____ (2002). *Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica.

_____ (2001). *La educación desde la educación*. Buenos Aires: Norma.

_____ (1997). Descentramiento cultural y palimpsestos de identidad. *Revista sobre las culturas contemporaneas*. México, Época II, vol. III, n. 5, junho.

_____ (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

MARTINEZ, George (1997). *The legal construction of race: mexican-americans and whiteness*. Harvard Latino Law Review, 2(2), p. 321-347.

MARTINS, José de Souza (2009). *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto.

_____ (2008). *A aparição do demônio da fábrica: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo, Editora 34.

MASCARELL, Ferran (2007). *Barcelona y la modernidad*. Barcelona: Gedisa.

MATA, Maria Cristina (2001). Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación. *Revista Diálogos de la comunicación*. n. 64, p. 65-76, out.

_____ (2000). De la presencia a la exclusión. La obliteración del conflicto y el poder em la escena mediática. *Revista Diálogos de la Comunicación*. Lima, n. 59-60, p.166-173, out.

_____ (1999). De la cultura masiva a la cultura mediática. *Revista Diálogos de la Comunicación*. Lima, n. 56, p. 80-89, out.

MAYER, Cecilia Eseverri (2007). La “revuelta urbana” delos hijos de los inmigrantes en Francia. *Revistas Migraciones Internacionales*, vol. 4, n. 2, p. 189-200, julio-diciembre.

MEGÍAS, Ignacio; RODRÍGUEZ, Elena; NAVARRO, José (2007). *Una mirada sobre jóvenes, valores y drogas*. Madrid: FAD

MELUCCI, Alberto (2001). *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes.

MENDONÇA, Maria Luiza (2011). *Cidadania tem idade?: reflexões sobre o envelhecimento no Brasil*. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Cidadania, no XX Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizado em Porto Alegre – RS, de 14 a 17 de junho de 2011. Anais do Congresso, 17 p.

MENESES, Maria Paula (2008). *Mundos locais, mundos globais: a diferença da história*. In: CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís (2008). *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras.

MILLS, Charles Wright (1975). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

MISCHE, Ann (1997). *De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. Juventude/Contemporaneidade*, *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped n.5-6.

MONTIEL, Edgard (2003). *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil.

MORDUCHOWICZ, Roxana (2008). *Los jóvenes y las pantallas: nuevas formas de sociabilidad*. Barcelona: Gedisa.

MORIN, Edgard (1987). *Para sair do século XX: as grandes questões do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MYERSON, George (2001). *Heidegger, Habermas and the mobile phones*. Londres: Icon Books.

NISTAL, Tomás (2007). *Asociaciones y movimientos sociales en España: cuatro décadas de cambios*. *Revista de Estudios de Juventud*. Jaén, n. 76, março.

NUNES, Márcia Vidal (2007). Rádios comunitárias: exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. In: PAIVA, Raquel (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad.

NUNES, Marion (1990). *Memória dos Bairros: Restinga*. (fotografias de PLENTZ, Leopoldo). Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

OLIVEIRA, Paulo de Salles (1998). Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). *Metodologia das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec.

OLMOS, Francisco (2003). Inmigración y diversidad en España: una aproximación desde el extrañamiento cultural. *Revista Convergencia*. Ciudad de México, n. 33, p. 139-175, sep/dic.

PAIS, José Machado (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Âmbar.

_____ (1993). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PAIVA, Raquel (2007). Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad.

PARAJES, M. (2005). *La integración ciudadana: una perspectiva para la inmigración*. Barcelona: Icaria.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco (2000). Life-spheres, networks and sustained participation in social movements: a phenomenological approach to political commitment. *Sociological Forum*, vol. 15, n. 1.

PENISA, Carlos (2002). Mídia digital. *Revista Lumina*, volume 4, número 2, p. 175-186, jul/dez.

PERALVA, Angeline (1997). O jovem como modelo cultural. Juventude/Contemporaneidade, *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped n.5-6.

PERUZZO, Cicília (2008a). Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. *Palavra Clave*, volume 11, número 2, p. 367-379, dezembro.

_____ (2008b). *Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço*. Trabalho apresentado no NP Comunicação para a Cidadania, no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), realizado em Natal – RN, de 2 a 6 de setembro de 2008. Anais do Congresso, 20 p.

_____ (2007). Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (2005). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto.

PINTO, Manuel (2008). Información, acción, conocimiento y ciudadanía: la educación escolar como espacio de interrogación y de construcción de sentido. In: MORDUCHOWICZ, Roxana (org.). *Los jóvenes y las pantallas: nuevas formas de sociabilidad*. Barcelona: Gedisa, p. 101-114.

POCHMANN, Marcio (1998). *Emprego e desemprego no Brasil: as transformações nos anos 90*. Campinas: Unicamp.

POSTER, Mark (2003). Cidadania, mídia digital e globalização. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, p. 315-336.

PRYSTHON, Ângela (2002). *Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife*. Trabalho apresentado no NP Comunicação e Cultura das Minorias, no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), realizado em Salvador – BA, de 04 a 05 de setembro de 2002. Anais do Congresso, 14 p.

RECUERO, Raquel (2006). *Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com*. 334 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RETIS, Jéssica (2004). La inmigración: víctimas y victimarios en el 11-M. *Revista Latinoamericana de Comunicación CHASQUI*. Quito, n. 087, p. 46-53, septiembre.

REYES, Paulo (2004). As mídias analógicas e as mídias digitais na construção da dimensão pública no cotidiano da cidade. *Revista Verso e Reverso*.

Disponível em:

http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=2&s=9&a=19

Acesso em: 18 out. 2011.

REX, J. (1996). *La metrópoli multicultural: la experiencia británica*. Madrid: Alianza.

RIBEIRO, Eliane; NOVAES, Regina (2008). Jovens da América do Sul: situações, demandas e sonhos mobilizados. *Revista Democracia Viva*, n. 38, p. 3-9, março.

RICHARD, N. (1993). Cultural peripheries: Latin America and postmodernist decentring. *Boundary*, n. 2, vol. 20 (30), p. 156-162.

RICO, Santiago (2011). *Jóvenes sublevados contra la juventud*. In: Juventud sin futuro. Barcelona: Icaria.

ROCHA, Rose de Melo; SILVA, Josimey Costa (2008). Cultura juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepções de si em contextos extremos. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.

RODRIGUES, Adriano (2000). A gênese do campo dos media. In: SANTANA, R. N. Monteiro (org.). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Revan, p. 201-210.

RODRÍGUEZ, Elena; NAVARRO, José; MEGÍAS, Ignacio (2005). Jóvenes y medios de comunicación: la comunicación mediática entre los jóvenes madrileños. In: MEGÍAS, Ignacio (org). *Una mirada al universo cultural de los jóvenes*. Madrid: FAD.

RODRÍGUEZ, Elena; MEGÍAS, Ignacio; SÁNCHEZ, Esteban (2005). Jóvenes y relaciones grupales: dinámica relacional para los tiempos de trabajo y de ocio. In: MEGÍAS, Ignacio (org). *Una mirada al universo cultural de los jóvenes*. Madrid: FAD.

SANTAMARÍA, Elsa (2010). Buscarse la vida: trayectorias y experiencias de precariedad en el acceso al empleo de las personas jóvenes. In: BACHILLER, Carmen (org.). *Discriminaciones diversas en las personas jóvenes*. Madrid: Injuve.

SCHERER-WARREN, Ilse (2005). Redes sociales y de movimientos en la sociedad de la información. *Revista Nueva Sociedad*. Caracas, n. 196, p. 77-92, mar.-abr.

_____ (1999). *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec.

_____ (1998). *Movimentos em cena... e as teorias por ande andam?*

Disponível em:

http://www.educacaoonline.pro.br/movimentos_em_cena.asp?f_id_artigo=385

Acesso em: 29 jun. 2008.

_____. (1996). *Redes de movimentos sociais*. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/Centro João XXIII.

SCHMIDT, Sarai (2007). *Ter atitude: juventude líquida na pauta*. Trabalho apresentado no GT Recepção, Usos e Consumo Midiáticos, no XVI Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizado em Curitiba – PR, de 13 a 15 de junho de 2003. Anais do Congresso, 15 p.

SEMPRINI, Andréa (1999). *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC.

SILVA, Sandra Rúbia (2008). Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.

SILVA, José Borzachiello (2002). Em busca de uma prática revolucionária. In: CEARAH PERIFERIA (org). *Vivências, lutas e memórias: histórias de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza*. Fortaleza: Demócrito Rocha.

SINGER, Paul (2005). A cidadania para todos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, p. 224-260.

SOARES, Luiz Eduardo (2004). Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANUCHI, P. (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo.

SODRÉ, Muniz (2002). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes.

SOUSA, Mauro Wilton de (2006). *Recepção midiática como linguagem de pertencimento: entre o comum e o público. Uma análise crítica da bibliografia a respeito.* Trabalho apresentado no GT Mídia e Recepção, do XV Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizado em Bauru – SP, de 06 a 09 de junho de 2006. Anais do Congresso, 16 p.

SOUSA SANTOS, Boaventura (2009). *Epistemologias do Sul.* Coimbra: Edições Almedina.

_____ (2005). *Él Milénio huérfano: ensayos para una nueva cultura política.* Madrid: Trotta.

_____ (1994). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.* Porto: Afrontamento.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRARO, Paulo (2003). Juventude e políticas públicas no Brasil. In: LÉON, Oscar Dávila (org.). *Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales.* Viña del Mar: Ediciones CIDPA, p. 1-35.

TARROW, S (2009). Para mapear o confronto político. *Revista Lua Nova.* São Paulo, volume 1, n. 76, p. 11-48.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente (1999). Novos processos sociais globais e violência. In: *Violência e mal estar na sociedade. São Paulo em perspectiva,* São Paulo, V. 13, n. 3, jul. / set.

TILLY, Charles (2006). *Regimes and repertoires.* Chicago: University of Chicago Press.

TORRES, Gecíola (2007). *Megafone: a voz dos jovens no diálogo entre comunicação, educação e cidadania.* 2007. 110 f. Monografia (Curso de Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará.

TOURAINE, Alain (2006). *Um novo paradigma: para compreender o mundo hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes.

_____ (1998). *Poderemos viver juntos?: iguais e diferente*. Petrópolis: Vozes.

_____ (1995). *La producción de la sociedad*. México: IISUNAM.

TUFTE, Thomas (2010). Juventude, Comunicação e mudança social: negociação, navegação e narração da vida de jovens em uma realidade glocal. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 33, n. 2, p. 51-69, jul/dez.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (1996). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV.

VELHO, Gilberto (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. São Paulo: Jorge Zahar.

VIEIRA, Liszt (1998). *Cidadania e globalização*. Rio de Janeiro: Record.

VIEIRA, Roberto (2003). Os meios de comunicação de massa e a cidadania. In: PERUZZO, C. M. K.; ALMEIDA, Fernando (orgs.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, p. 17-27.

VIVARTA, Veet (2004). *Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para crianças e adolescentes*. São Paulo: Cortez.

WALLERSTEIN, Immanuel (1996). *Para abrir as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.

WOLTON, Dominique (1999). *Sobre la comunicación: uma reflexión sobre sus luces y sus sombras*. Madrid: Acneto.

XAVIER, Ismail (2005). *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra.

YOUNG, R. (1996). *Intercultural communication: pragmatics, genealogy, deconstruction*. Bristol: Multilingual Matters.

ZLOBINA, Anna; PÁEZ, Dario (2008). *Aculturación y comunicación intercultural: el caso de inmigración en España*. In: CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís (2008). *Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios*. Porto: Campo das Letras.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Projetos e Movimentos Socioculturais – Fortaleza

| Movimento | O que é | Cidade | Desde quando | O que realizam | Materiais | Como soube |
|------------------|---|---|---------------------|--|-----------------------|--------------------------------|
| Aldeia | Articula a rede colaborativa dos Pontos de Cultura instalados pelo Ministério da Cultura no Estado do Ceará | Fortaleza (Região do Morro Santa Terezinha) | 2004 | Meios de produção e suportes digitais (produzem de fato, mas não especificam o que) | <i>Blog</i> Vídeos | Indicação de jovens / Internet |
| Carrosel | Estabelece a interconexão entre a atividade audiovisual e a educação pública, numa rede que envolve | Fortaleza (Bairros Mucuripe e Praia de Iracema) | 2004 | oficinas que contemplam a discussão sobre a relação entre o audiovisual e a educação (crítica midiática, | Não dispon. | Internet |

| | | | | | | |
|--------------------------------|--|-----------------------------|------|--|-------------|-----------|
| | professores de disciplinas diversas e jovens estudantes de escolas públicas | | | acreditamos que não há produção) | | |
| Escola de mídia | Dirigido à formação de crianças, adolescentes e jovens em escolas públicas, envolvendo a comunidade escolar. | Fortaleza | 2004 | Produção e crítica de produtos audiovisuais (não há detalhes) | Não dispon. | Internet |
| Serviluz sem Fronteiras | Articula-se em torno do intercâmbio de experiências entre os grupos de jovens existentes na comunidade, suprimindo necessidades de expressão, de entretenimento e de relacionamento, gerando novos valores e trocas de saberes | Fortaleza (Bairro Serviluz) | 2004 | Realização de oficinas formativas e de produção de obras em linguagens audiovisuais, capacitação em softwares livre, sessões semanais de Cine-Clube (produção e crítica midiática) | Vídeos | Internet |
| Encine | ONG sem fins | Fortaleza | 1999 | Produção e | Vídeos, | Indicação |

| | | | | | | |
|--|---|---|------|--|--------------------------------------|--------------------------------|
| | lucrativos, laica, apartidária, fundada em 1998 e que promove atividades educacionais, lúdicas, culturais e socializantes com crianças e adolescentes de escolas públicas e /ou em situação de risco pessoal e social, se utilizando das tecnologias de informação e comunicação (TIC's), principalmente a televisão, o rádio e a internet. | (Bairros Papicu, Vicente Pinzón e região do Mucuripe) | | reflexão de metodologias e produtos de ensino por meio dos processos comunicacionais para abordagem dos conteúdos escolares, produção de programas para a TVC (televisão pública do Ceará) em 2002 (Projeto Megafone), cursos de curta duração, palestras, exposições de arte-educação, apresentações musicais, cine-clube, produção de vídeos | <i>blogs</i> , programas de TV, chat | de jovens / Internet |
| IJC – Inst. de Juvent. Contemp. | Desenvolve práticas político-sociais, visando o protagonismo juvenil, contribuindo para a construção de | Fortaleza | 1999 | Festivais da Juventude (espaço de promoção das diversas expressões culturais, de | Artigos, jornais, cartilhas | Indicação de jovens / Internet |

| | | | | | | |
|--|---|--|--|--|--|--|
| | <p>uma sociedade justa, democrática, fraterna e sustentável. O instituto aborda, a princípio, os seguintes focos estratégicos: geração de trabalho e renda para jovens, direitos sexuais e reprodutivos da juventude e fortalecimento de grupos juvenis, cujas ações são desenvolvidas através de programas específicos de cada área.</p> | | | <p>confraternização, de mobilização social, produção e formação), Retratos da Fortaleza Jovem (conhecer, identificar e mapear as juventudes de Fortaleza, para subsidiar o Poder Público e a Sociedade Civil na construção de políticas de juventude baseadas na compreensão e interpretação sobre quem são os jovens, como vivem, o que pensam sobre o “ser jovem” e quais as suas demandas), Diálogos Abertos (busca promover a discussão dos Direitos Sexuais e</p> | | |
|--|---|--|--|--|--|--|

| | | | | | | |
|--|--|--|--|---|--|--|
| | | | | <p>Reprodutivos com 80 adolescentes e jovens na faixa de 15 a 26 anos residentes de Fortaleza. O D.A. visa o combate a homofobia, ao machismo, a exploração sexual de adolescentes e jovens, bem como a violência sexual contra as mulheres e a prevenção das DST/HIV/AIDS, além de incentivar o ativismo nestes movimentos). Parece não haver produção de material audiovisual</p> | | |
|--|--|--|--|---|--|--|

APÊNDICE 2

“Prezados, bom dia.

Sou cearense, doutorando e pesquisador em Comunicação na Unisinos/RS. Minha pesquisa de doutorado tem como título atual “A CIDADANIA COMUNICATIVA SOB A ÓTICA DA RECEPÇÃO: usos e apropriações das novas tecnologias pelos movimentos sociais juvenis”. Com esta investigação busco analisar os modos como os jovens de movimentos sociais (sejam eles dos mais diversos tipos: associações, ONGs, etc.) utilizam-se da comunicação (internet, câmeras de vídeos, câmeras fotográficas, softwares de edição, dentre outros) para auxiliar-lhes em sua ação/intervenção na sociedade. Enfim, me interessam os materiais audiovisuais (e, principalmente, os processos nos quais são pensados e produzidos esses materiais, as temáticas de interesse, as áreas de atuação do movimento) realizados pelos jovens de movimentos a partir dessas tecnologias comunicacionais. De que forma a mídia participa disto.

Como sou cearense, gostaria muito de ter uma associação de Fortaleza na minha pesquisa, e pensei no *(aqui vai o nome da associação)*. Gostaria muito de receber um retorno por parte de vocês, para que possamos conversar melhor e para que eu possa saber

mais coisas sobre o (*idem*). Isso aqui foi apenas um contato inicial, com o qual pretendo que vocês conheçam preliminarmente o meu trabalho e saibam do meu interesse por vocês.

Atenciosamente,

Daniel Barsi

Porto Alegre / Fortaleza”

APÊNDICE 3

Roteiro de observação dos movimentos e entrevista com seus dirigentes

Histórico

- Perceber as questões que permearam a criação da associação

Estrutura

- Observar se a sede é própria ou alugada, se é intinerante
- Observar os equipamentos, se são próprios ou emprestados
- Observar estrutura material
- Observar como é a infra-estrutura física do espaço
- Observar se tem estrutura e apoio jurídico

Movimentos sociais

- Como os envolvidos nos movimentos se mantêm? Voluntariado? Profissionalização?
- Como são as relações com as políticas públicas? Existe uma dependência a esse respeito?
- O que tem nesses movimentos de movimentos sociais?
- O que tem de transnacional nesses movimentos? Existe um diálogo internacional?

Juventude

- Como a questão do jovem é pensada na associação? De que maneira se forma esse movimento com relação ao jovem?

Relação com as mídias

- Como se dá a convivência entre as mídias (não só a digital)?
- Como começa o aprendizado para lidar com as mídias?
- Como os movimentos sociais (a experiência com esses movimentos) podem atuar como mediações para o aprendizado das mídias?

Multiculturalismo/Interculturalidade

- Procurar entradas para dar conta de uma perspectiva multi/intercultural no ambiente das associações, para poder captar a presença – às vezes implícita – dele nos movimentos

APÊNDICE 4

Pesquisa exploratória com as associações *Aldeia* e *Encine*, localizadas em Fortaleza/CE, realizada em fevereiro de 2009

Histórico

Surgimento da associação:

| Aldeia | Encine |
|--|---|
| Coletivo de quatro sociólogos vinculados à comunicação que queriam romper as barreiras da academia e atuar na prática, junto aos setores mais estigmatizados da população. Fundaram a associação para trabalhar com jovens moradores de periferia. | A idéia da associação começou a nascer a partir de um seminário sobre meios de comunicação no processo pedagógico, promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Com a experiência bem sucedida, os envolvidos no evento resolveram fazer do projeto uma ação continuada. |

Estrutura Geral

Sede:

| Aldeia | Encine |
|---|---|
| Sala alugada em um prédio comercial, próximo à Beira Mar, até 2009. A partir do final deste ano a sede foi transferida para um espaço no próprio Morro Santa Terezinha, onde antes funcionava um dos restaurantes mais famosos da área. | Espécie de casa arrendada, no bairro do Papicú, há mais de vinte anos, que deixou de pertencer aos donos originais por usucapião. |

Estrutura física do espaço:

| Aldeia | Encine |
|---|---|
| Sala organizada, bonita e com um tamanho razoável, na época em que funcionava em um prédio comercial. Quando a associação mudou-se para as instalações no Morro as condições ficaram diferentes, pois a obra da nova sede até o final da pesquisa não havia sido totalmente concluída, então o espaço físico encontrava-se com um aspecto de inacabado. A transferência do Aldeia para a sede do Morro até o momento não foi completamente feita. | Casa grande, com escritório, laboratório de informática, estúdio de gravação e refeitório. Decorada com motivos juvenis, através de grafites e frases motivacionais pintadas nas paredes. Aspecto organizado. |

Estrutura material:

| Aldeia | Encine |
|--|--|
| Quantidade razoável de equipamentos, relativamente modernos. | Quantidade razoável de equipamentos, relativamente modernos. |

Apoio Jurídico:

| Aldeia | Encine |
|-------------|--|
| Não possui. | Encontra apoio deste tipo através das redes de movimentos e projetos sociais. Mas de forma efetiva não há estrutura nesse sentido. |

Movimentos sociais

Como se enxerga:

| Aldeia | Encine |
|---|--|
| Não gostam do “rótulo” de movimento social. Preferem se denominar como uma ONG que tem alguns projetos audiovisuais que buscam promover a inserção cidadã, dentre eles o “Festival de Jovens Realizadores”. | Apesar de perceber um envolvimento das atividades da ONG com os movimentos sociais, prefere não se enquadrar a nenhuma filiação rígida, optando por denominar-se simplesmente como associação. |

Como os envolvidos nos movimentos se mantêm? Voluntariado? Profissionalização?

| Aldeia | Encine |
|--|---|
| Voluntariado e bolsas para os “estagiários”. | Quem entra é sempre como voluntário. Depois alguns jovens conseguem uma bolsa de 1 salário mínimo, mas só |

| | |
|--|---|
| | quando passam a atuar como oficineiros, ensinando outros jovens iniciantes, nos cursos de capacitação. Após as oficinas sempre é servido um almoço para os rapazes e moças. |
|--|---|

Relação com as políticas públicas

| Aldeia | Encine |
|--|---|
| Relação íntima. Concorrem em editais, procuram apoio em pontos de cultura, buscam incentivos municipais, estaduais e federais, fazem parcerias, etc. | Relação dependente de políticas públicas, através das leis de incentivo à cultura, por exemplo. A associação tem como uma de suas principais parceiras a Petrobrás, e durante praticamente todo o desenvolvimento da pesquisa as ações do <i>Encine</i> eram vinculadas às verbas da empresa. Quando os recursos financeiros da Petrobrás atrasavam as ações da associação paravam. |

O que há nesses movimentos de movimentos sociais:

| Aldeia | Encine |
|---|--|
| Vê uma certa dificuldade em denominar os movimentos de seu tipo como movimentos sociais. Percebe o que é feito hoje mais como movimentos desorganizados. Não presencia atualmente uma arquitetura de movimentos sociais, pois vê mais uma obra do “acaso”, do encontro de pessoas | Entende o período atual também como um outro momento, mas percebe um vínculo do <i>Encine</i> com os movimentos sociais tradicionais através da militância. Os jovens do <i>Encine</i> , assim como os participantes dos movimentos sociais da década de setenta, são militantes, na visão do coordenador da |

| | |
|--|--------------------|
| <p>que querem atuar no sentido de transformação, mas sem ser de maneira organizada, mas muito em função da disseminação das novas mídias. Mídias essas que possibilitam o encontro dessas pessoas e o trabalho conjunto. Movimentos como o <i>Aldeia</i>, na visão dos diretores, são muito mais comunicacionais do que sociais, pois atuam através da comunicação, a partir de profissionais da comunicação. Não se consideram uma ONG tradicional, mas que faz um trabalho de inclusão através da comunicação, da arte e do audiovisual.</p> | <p>associação.</p> |
|--|--------------------|

O que há de transnacional nesses movimentos? Existe um diálogo internacional?

| Aldeia | Encine |
|---|---|
| <p>Sim, existe o “Festival de Jovens realizadores”, que congrega rapazes e moção do Mercosul que atuam na realização audiovisual. Nos anos mais recentes o festival tem sido ampliado para a participação de jovens de toda a América Latina.</p> | <p>Não. Há uma tentativa de diálogo internacional através das redes, mas ainda de forma não efetiva e perene.</p> |

Juventude

Como a questão do jovem é pensada na associação? De que maneira se forma esse movimento com relação ao jovem?

| |
|--|
| Aldeia e Encine |
| Percebe a juventude como intrinsecamente vinculada a essa participação interventiva e experimental através das novas mídias. A partir do acesso mais difundido das novas tecnologias da comunicação, a juventude (que consegue apreender mais rapidamente essas evoluções tecnológicas) passa a ter um papel mais atuante na sociedade, visibilizando-se, construindo sua identidade a partir da relação com o outro e consigo mesmo, com o bairro, com a cidade. O uso das mídias funciona como instrumento de visibilidade e de alternativa à mídia hegemônica para esses jovens, que também passam a criar suas próprias formas de comunicação. |

Quais temáticas juvenis ganham destaque:

| Aldeia | Encine |
|---|--|
| Preocupação fundamental com a expressão de como o jovem se vê, com a visibilidade daquele indivíduo e de seu entorno (a periferia, a escola, os ambientes que frequenta). | Temáticas as mais diversas, tratadas especialmente através do programa “Megafone”. Exemplo: maioridade penal, diversidade cultural, DSTs, etc. |

Relação com a mídia

Preocupação com a educação para as mídias:

| Aldeia | Encine |
|---|--|
| Projeto “Escola de mídia”, que tem a preocupação de discutir a produção midiática hegemônica e de descobrir e | Crítica forte ao termo “educomunicação”, que enrijece e encaixota a questão. A discussão sobre |

| | |
|--|--|
| efetivar formas alternativas a essa mídia. | a produção midiática e a elaboração de formas alternativas de comunicação se dá através da realização do programa de televisão “Megafone”. |
|--|--|

Produção:

| Aldeia | Encine |
|--|---|
| Cursos de capacitação para jovens, realizações de projetos audiovisuais, promoção de cineclubes, atuação e contato através de <i>blogs</i> , redes, etc. | Cursos de capacitação para jovens, realizações de projetos audiovisuais, implementação dos LACEs – Laboratório de Comunicação Educativa –, produção do programa de TV “Megafone”, totalmente executada por jovens |

Vínculos com o multiculturalismo e com a interculturalidade

| Aldeia | Encine |
|--|--|
| Relação, segundo os diretores, explícita e pensada a priori, já que os envolvidos na coordenação do <i>Aldeia</i> são, em sua maioria, comunicólogos e professores de comunicação, ou seja, profissionais que têm a perspectiva do diálogo e da interação pluriculturais como um dos norteadores dos projetos da ONG | Relação que se mostra clara e preponderante na produção do programa “Megafone”, no qual diferentes jovens, oriundos de distintas regiões periféricas e de diferentes bairros, expõem suas visões de mundo e suas experiências (diversas) através da produção de um programa de televisão realizado e voltado para a juventude, em sua forma ampla. |

APÊNDICE 5

“Estimados, buenas tardes.

Soy Daniel Barsi. Cursé mis estudios en Brasil y ahora he sido invitado como investigador por el Instituto de la Comunicación de la Universidad Autónoma de Barcelona (InCom-UAB), donde estoy desarrollando una parte de mis estudios de doctorado en el grupo de trabajo "Comunicación, Migración y Ciudadanía".

El objetivo general de mi investigación es reflexionar acerca de las relaciones entre los jóvenes y las nuevas tecnologías de la comunicación, haciendo especial énfasis en inserción social, reconocimiento de identidad y participación ciudadana. Me interesa estudiar muy especialmente qué hacen los jóvenes de clase social baja y/o de origen extranjero cuando tienen acceso a los medios audiovisuales. Llevo trabajando este tema en Brasil desde el año 2006 y ahora quiero recoger las experiencias que se están realizando en Catalunya.

Según he podido comprobar en Internet, creo que su proyecto se enmarca en esta temática y, por esa razón, me pongo en contacto con ustedes. Estaría muy interesado en poder conocer de primera mano sus experiencias y opiniones y, por esa razón, les solicito si es posible concertar una entrevista con ustedes.

Pueden ponerse en contacto conmigo a través de este mail o en el teléfono 620-107-127.

Perdonen las molestias y espero que también sea de su interés establecer este contacto.

Cordialmente,
Daniel Barsi
InCom-UAB”

APÊNDICE 6

Roteiro de perguntas e observações para a realização dos grupos de discussões

Conceptos referenciales (los jóvenes deben decir lo que viene a la mente al oír estas palabras)

Integración

Participación

Inmigración

Medios de comunicación

Aspectos de personalidad y estímulo (los jóvenes deben apuntar una opción)

1 - Imagínate la situación:

Estás en la plaza con tus amigos y llega un chico o una chica extranjero(a) que és nueva en el barrio. Se acerca a preguntar en qué actividades juveniles puede participar en este barrio.

Entonces tú:

A) Pasas de ella, porque no te interesa relacionarte con ella.

- B) La invitamos a incorporarse al grupo y le contamos sobre las actividades del barrio.
- C) Le indicamos que puede consultar en el centro cívico.

2 - Imagínate la situación:

Un compañero te cuenta que en el barrio una asociación filmará una miniserie televisiva y que hay un casting en el que puedes participar, entonces tú:

- A) Pasas de la noticia.
- B) Te gustaría participar pero no tienes tiempo para hacerlo porque ya haces muchas cosas en tu tiempo libre.
- C) Vas corriendo al casting porque: te encanta salir en la TV / realizar una actividad creativa / hacer nuevos amigos.

3 - ¿Cómo crees que la televisión muestra a los inmigrantes?

- A) Como aquellos que llevan la diversidad y la posibilidad de conocer otras culturas.
- B) Como aquellos que son responsables del paro y la crisis en España.
- C) Como aquellos que son marginales, peligrosos ...

Meios de comunicação e representação (los jóvenes deben exponer sus opiniones)

¿Qué programas de tv ves?

Usos de internet

Relación medios y participación

APÊNDICE 7

Roteiro de Entrevista em profundidade – universo Morro Santa Terezinha

Bloco 1 – Contexto familiar, social, educativo e profissional

O objetivo deste bloco é compreender o contexto pessoal do jovem e seus referenciais de identificação imediatos, ou seja, suas relações familiares e sociais e suas inserções educacionais e laborais.

- 1) Qual a idade?
- 2) Onde mora?
- 3) Estuda? Em que série está?
- 4) Está trabalhando ou trabalhou? Em que?
- 5) Qual a composição da família?
- 6) Vive em casa própria ou alugada?
- 7) Como você define a cidade e o bairro onde mora?

- 8) O que faz nos momentos de lazer?
- 9) Fale dos teus amigos. Tem mais convivência com o pessoal do Morro ou de outros lugares da cidade? Por que?

Bloco 2 – Relações entre juventude e participação

O interesse deste bloco volta-se para perceber as relações mais amplas entre juventude e participação, procurando refletir sobre as percepções desse segmento sobre o que é ser jovem nos dias de hoje e que tipo de participação na sociedade está construindo esse ser juvenil, a partir de práticas coletivas como as do Aldeia/Mapa ao Quadrado

- 1) O que você pensa sobre ser jovem no Brasil atualmente? E em Fortaleza? E no mundo?
- 2) O que é bom na cidade e no país onde você vive. O que você mudaria? Por que?
- 3) Sua família participa em ações e movimentos sociais? De que tipo? Desde quando?
- 4) Você participava de alguma atividade na escola que não fosse obrigatória? Qual? Por que?
- 5) Você já participou de alguma atividade voluntária?
- 6) Você já participou de manifestações por alguma causa? Alguma passeata, algum movimento contra alguma coisa? Quando? Como?
- 7) Você participa de alguma comunidade voltada para questões sociais e/ou culturais na internet? Organiza-se com outros jovens através da internet com algum objetivo que não seja só conversar e marcar saídas?
- 8) Você acha que a sociedade abre espaço para ouvir o que os jovens têm a dizer? Por que?

Bloco 3 – Consumo e uso dos meios

O intuito deste bloco é perceber de que maneira se dá a presença dos meios de comunicação na vida dos jovens, qual a relação que mantêm com a mídia e que tipos de usos e acessos são feitos das novas mídias e de seus potenciais técnicos e sociais.

Equipamentos:

1) O que você possui em termos de equipamentos de mídia (MP3 player, computador, celular, ...)? Se tiver um computador, qual o tipo e quantos anos ele tem?

Meios:

2) Quais são as mídias as quais tem mais acesso no seu dia-a-dia? Como se dá esse acesso? Onde? (Se não sair espontaneamente, perguntar mídia por mídia)

3) O que você mais gosta de ver/ler/escutar na mídia? E o que menos gosta?

4) Você tem horários específicos para acessar as mídias ou pode fazer isso na hora em que quiser? Tem algo que não pode acessar?

Internet:

5) Desde quando usa a internet? Conte como foi a primeira vez que você usou.

6) Qual o tipo de acesso que você tem à internet? Discada, banda larga, etc?

7) O que você usa na internet?

Outros:

8) E o celular, conte como é teu uso do aparelho. Costuma usá-lo para falar com os amigos?

9) Tem câmera de foto e/ou vídeo? Costuma usar? Como e onde?

10) Participa de alguma rede social? Qual? Costuma colocar fotos e vídeos que você faz nas redes sociais? Troca esses materiais com os amigos?

11) Como consome música e vídeo? Através de DVD, internet, celular, MP3 player, ...?

Bloco 4 – Relações entre juventude e mídia

O interesse deste bloco é entender os vínculos que se tecem entre a juventude e o uso das mídias para além de um perspectiva de lazer, mas voltados principalmente para uma atuação participativa, de constituição desses jovens como atores coletivos, que se utilizam dos potenciais criativos dos meios de comunicação para intervir socialmente.

1) O que esse tipo de atuação que você está fazendo com a mídia pode proporcionar aos jovens?

2) Por que a opção de mexer com comunicação e com mídias? Como isso começou na sua vida?

- 3) Você se considera uma pessoa que trabalha com mídia? Por quê? Como deve ser essa pessoa que trabalha com os meios de comunicação?
- 4) Com quais/Em quais mídias mais gosta de mexer e de atuar? Por que? E as que menos gosta? Por que?
- 5) Você acha que os poderes públicos investem na capacitação de jovens para atuar junto aos meios de comunicação? Acha que isso é importante?
- 6) Há diferença entre participar de um projeto que está relacionado à mídia e trabalhar em um grande meio de comunicação? Qual?
- 7) Você acha que existe diferença com relação à criatividade quando são jovens ou adultos produzindo algo nas mídias? Por que?
- 8) Você tem algum desejo ou plano de atuação com os meios de comunicação para sua vida?

Bloco 5 – Relações com o Aldeia e/ou o Mapa ao Quadrado

O objetivo deste bloco é investigar as relações entre os jovens e a associação Aldeia e/ou o projeto Mapa ao Quadrado, especificamente, procurando compreender a trajetória de participação que vem se construindo ao longo do processo e a auto-reflexão que fazem os adolescentes de sua atuação no âmbito desse tipo de iniciativa.

- 1) Você já atuou em projetos semelhantes como esse?
- 2) Como ficou sabendo do projeto?
- 3) Por que e como entrou no projeto?
- 4) Recebe algum tipo de remuneração para participar do projeto?
- 5) O que te chamou atenção no projeto “Mapa ao Quadrado”?
- 6) Como foi o processo de capacitação para trabalhar nesse projeto?
- 7) Como família e amigos vêem tua participação no projeto?
- 8) Quais as atividades que está exercendo no projeto e como define a tua participação?
- 9) Como é seu relacionamento com os outros jovens do projeto?

- 10) Como pensa que a tua cultura é retratada através do projeto?
- 11) De que modo você acha que exerce a cidadania participando de um projeto como esse?
- 12) O que está achando do projeto? Está correspondendo às suas expectativas? Em que? E se não, por que?
- 13) Como são os processos de decisão e de gestão dentro do projeto? Você participa deles? Como?
- 14) Se você tivesse que fazer um projeto de comunicação para jovens, como seria seu projeto?
- 15) Como é produzir comunicação para jovens? Tem alguma diferença em relação à produção de comunicação para adultos?

Bloco 6 – Relações entre cidadania, mídia e entorno local

O intuito deste bloco é refletir sobre o que pensam os jovens acerca de uma interseção entre cidadania, mídia e as periferias das grandes cidades. Interessa-nos entender qual suas percepções de cidadania e do modo como a mídia atravessa essa questão, especialmente no que concerne ao tratamento dado ao Morro Santa Terezinha.

- 1) O que significa “cidadania” para você?
- 2) E o termo “periferia”, o que ele te traz?
- 3) Quais tipos e formas de culturas você acha que fazem parte da cidade de Fortaleza? 4) Quais as culturas que você acha que são mais características do Morro?
- 5) Você acha que certos bairros ou regiões de Fortaleza sofrem algum tipo de preconceito? Por que?
- 6) Como você acha que os jovens moradores do morro ou de outras comunidades de periferia de Fortaleza são tratados nos diversos espaços da cidade?
- 7) Como você acha que os meios de comunicação tratam a questão da cidadania?
- 8) Como você acha que os meios de comunicação tratam o Morro Santa Terezinha e a região do Mucuripe? Você lembra de algo que viu, ouviu ou leu sobre isso na mídia?
- 9) Como você acha que a mídia aborda o jovem morador do Morro? Você lembra de algo que viu, ouviu ou leu sobre isso na mídia?

10) Se você fosse fazer uma reportagem sobre jovens moradores do Morro Santa Terezinha e da região do Mucuripe, o que você faria de diferente do que é exibido na mídia?

11) O que você acha que mudou na tua forma de ver o bairro onde você mora depois dessa participação no projeto?

APÊNDICE 8

Roteiro de entrevista com Valentino – coordenador Mapa ao Quadrado

- 1) Conte um pouco da tua trajetória profissional e de atuação nesta área do audiovisual.
- 2) Por que o interesse em trabalhar com os jovens? O que eles têm a oferecer?
- 3) Acreditas que vens desenvolvendo teu percurso dentro dos movimentos sociais? Por que?
- 4) Qual a tua opinião sobre as políticas públicas e as ações de ONGs voltadas para a juventude nos dias de hoje?
- 5) O que é cidadania para você? Quais características esse conceito assume nos dias de hoje?
- 6) Como percebes o papel das mídias digitais nestes projetos que se voltam para uma participação cidadã dos sujeitos sociais?

- 7) Por que desenvolver um projeto para a juventude usando meios de comunicação e meios audiovisuais?
- 8) Por que a escolha de desenvolver o projeto no Morro Santa Terezinha?
- 9) Como você acha que as diversas regiões de Fortaleza interagem? Acredita que determinados bairros e áreas da cidade sofrem preconceito?
- 10) O que é o Mapa ao Quadrado? O que o diferencia de outros projetos sobre audiovisual e juventude?
- 11) Como é financiado o projeto?
- 12) Quais temáticas e assuntos tu acredita que mais apareceram no desenvolvimento do Mapa ao Quadrado?
- 13) Quais as tuas percepções sobre os jovens que participaram do projeto?
- 14) Você acha que existe um diferencial pelo fato do coordenador do Mapa ao Quadrado também ser um jovem, como os participantes do projeto?

APÊNDICE 9

Roteiro de entrevista em profundidade – universo autóctono

Bloco 1 - Contexto familiar, social, educativo e profissional

O objetivo deste bloco é compreender o contexto pessoal do jovem e seus referenciais de identificação imediatos, ou seja, suas relações familiares e sociais e suas inserções educacionais e laborais.

- 1) Onde seus pais nasceram?
- 2) Qual a composição da família? Todos moram em Barcelona? Divide apartamento com outras famílias?
- 3) Estuda e/ou trabalha? Em que? O que estuda?
- 4) Como define a cidade e o bairro onde mora?

- 5) O que costuma fazer nos momentos de lazer?
- 6) Fale dos seus amigos. De onde eles são? Tem mais convivência com catalães, espanhóis ou com migrantes? Por que?
- 7) Se tem familiares nascidos fora da Espanha, mantém contato regularmente com o lugar de origem deles? Como (por e-mail, fone, chat, etc.)? Tem interesse em saber coisas e/ou conhecer esse lugar?
- 8) Você tem namorado(a)? Qual a nacionalidade dele(a)?

Bloco 2 – Relações entre juventude e participação

O interesse deste bloco volta-se para perceber as relações mais amplas entre juventude e participação, procurando refletir sobre as percepções desse segmento sobre o que é ser jovem nos dias de hoje e que tipo de participação na sociedade está construindo esse ser juvenil, a partir de práticas coletivas como as do projeto KDM.

- 1) O que você pensa sobre ser jovem na Espanha atualmente? E em Barcelona? E no mundo?
- 2) O que é bom na cidade e no país onde você vive. O que você mudaria? Por que?
- 3) Você e/ou sua família participam em ações e movimentos sociais? De que tipo? Desde quando?
- 4) Você participa de alguma atividade na escola que não seja obrigatória? Qual? Por que?
- 5) Você se organiza com outros jovens para fazer algum tipo de atividade participativa de caráter cultural, social ou de intervenção?
- 6) Você já participou de alguma atividade voluntária?
- 7) Você já participou de manifestações por alguma causa? Alguma passeata, algum movimento contra alguma coisa? Quando? Como?
- 8) Você participa de alguma comunidade voltada para questões sociais e/ou culturais na internet? Organiza-se com outros jovens através da internet com algum objetivo que não seja só conversar e marcar saídas?
- 9) Você acha que os jovens nascidos aqui participam mais ou menos do que os jovens migrantes? Por que?

10) Você acha que a sociedade abre espaço para ouvir o que os jovens têm a dizer? Por que?

Bloco 3 – Consumo e uso dos meios

O intuito deste bloco é perceber de que maneira se dá a presença dos meios de comunicação na vida dos jovens, qual a relação que mantêm com a mídia e que tipos de usos e acessos são feitos das novas mídias e de seus potenciais técnicos e sociais.

Equipamentos:

1) O que você possui em termos de equipamentos de mídia (MP3 player, computador, celular, ...)?

Meios:

2) Quais são as mídias as quais tem mais acesso no seu dia-a-dia? Como se dá esse acesso? Onde? (Se não sair espontaneamente, perguntar mídia por mídia)

3) O que você mais gosta de ver/ler/escutar na mídia? E o que menos gosta?

4) Você tem horários específicos para acessar as mídias ou pode fazer isso na hora em que quiser? Tem algo que não pode acessar?

Internet:

5) Desde quando usa a internet? Conte como foi a primeira vez que você usou.

6) O que você usa na internet?

Outros:

7) E o celular, conte como é seu uso do aparelho. Costuma usá-lo para falar com os amigos?

8) Tem câmera de foto e/ou vídeo? Costuma usar? Como e onde?

9) Participa de alguma rede social? Qual? Costuma colocar fotos e vídeos que você faz nas redes sociais? Troca esses materiais com os amigos?

10) Como consome música e vídeo? Através de DVD, internet, celular, MP3 player, ...?

Bloco 4 – Relações entre juventude e mídia

O interesse deste bloco é entender os vínculos que se tecem entre a juventude e o uso das mídias para além de um perspectiva de lazer, mas voltados principalmente para uma atuação participativa, de constituição desses jovens como atores coletivos, que se utilizam dos potenciais criativos dos meios de comunicação para intervir socialmente.

- 1) O que esse tipo de atuação que você está fazendo com a mídia pode proporcionar aos jovens?
- 2) Por que a opção de mexer com comunicação e com mídias? Como isso começou na sua vida?
- 3) Você se considera uma pessoa que trabalha com mídia? Por quê? Como deve ser essa pessoa que trabalha com os meios de comunicação?
- 4) Com quais/Em quais mídias mais gosta de mexer e de atuar? Por que? E as que menos gosta? Por que?
- 5) Você acha que o Ayuntamiento investe na capacitação de jovens para atuar junto aos meios de comunicação? Acha que isso é importante?
- 6) Há diferença entre participar de um projeto que está relacionado à mídia e trabalhar em um grande meio de comunicação? Qual?
- 7) Você acha que existe diferença com relação à criatividade quando são jovens ou adultos produzindo algo nas mídias? Por que?
- 8) Você tem algum desejo ou plano de atuação com os meios de comunicação para sua vida?

Bloco 5 – Relações com o KDM

O objetivo deste bloco é investigar as relações entre os jovens e o projeto KDM, especificamente, procurando compreender a trajetória de participação que vem se construindo ao longo do processo e a auto-reflexão que fazem os adolescentes de sua atuação no âmbito desse tipo de iniciativa.

- 1) Você já atuou em projetos semelhantes como esse do KDM?
- 2) Como ficou sabendo do projeto KDM?

- 3) Por que e como entrou no projeto *KDM*?
- 4) O que te chamou atenção no projeto *KDM*?
- 5) Como foi o processo de capacitação para trabalhar no projeto *KDM*?
- 6) Como família e amigos vêem tua participação no projeto?
- 7) Quais as atividades que está exercendo no projeto e como define a tua participação?
- 8) Como é seu relacionamento com os outros jovens do projeto?
- 9) Como pensa que a tua cultura (cultura juvenil, cultura catalã) é retratada através do projeto?
- 10) De que modo você acha que exerce a cidadania participando de um projeto como esse?
- 11) O que está achando do projeto? Está correspondendo às suas expectativas? Em que? E se não, por que?
- 12) Se você tivesse que fazer um projeto de comunicação para jovens, como seria seu projeto?
- 13) Como é produzir comunicação para jovens? Tem alguma diferença em relação à produção de comunicação para adultos?

Bloco 6 – Relações entre cidadania, mídia e migração

O intuito deste bloco é refletir sobre o que pensam os jovens acerca de uma interseção entre cidadania, mídia e o fenômeno das migrações. Interessa-nos entender qual suas percepções de cidadania e do modo como a mídia atravessa essa questão, especialmente no que concerne ao tratamento dos migrantes.

- 1) O que significa “cidadania” para você?
- 2) O que a palavra “imigrante” significa para você?
- 3) Por que você acha que as pessoas migram de um país a outro?
- 4) Você acha que existem diferenças nas formas como jovens autóctonos e jovens migrantes exercem a cidadania no dia-a-dia? Quais?
- 5) Como você vê as diversas culturas que fazem parte da cidade de Barcelona?
- 6) Você acha que certos bairros ou regiões de Barcelona sofrem algum tipo de preconceito? Por que?
- 7) Como você acha que os meios de comunicação tratam a questão da cidadania?

- 8) Como os imigrantes são tratados em Barcelona? E na Espanha?
- 9) Como os meios de comunicação tratam a imigração e o imigrante? Você lembra de algo que viu, ouviu ou leu sobre isso na mídia?
- 10) Como os meios de comunicação tratam o jovem imigrante? Você lembra de algo que viu, ouviu ou leu sobre isso na mídia?
- 11) Se você fosse fazer uma reportagem sobre jovens imigrante, o que você faria de diferente do que é exibido na mídia?
- 12) Você acha que os meios de comunicação colaboram para a integração entre os migrantes e os espanhóis, catalães, etc.? Por que?

APÊNDICE 10

Roteiro de entrevista em profundidade – universo migrante

As diferenças com relação ao roteiro utilizado na entrevista com o universo autóctono dizem respeito apenas ao primeiro e ao último bloco. O restante do roteiro é igual.

Bloco 1 - Contexto familiar, social, educativo e profissional

O objetivo deste bloco é compreender o contexto pessoal do jovem e seus referenciais de identificação imediatos, ou seja, suas relações familiares e sociais e suas inserções educacionais e laborais.

- 1) Onde seus pais nasceram?

- 2) Qual a composição da família? Todos moram em Barcelona? Divide apartamento com outras famílias?
- 3) De que cidade vens e há quanto tempo está morando aqui? Já morou em alguma outra cidade antes?
- 4) Estuda e/ou trabalha? Em que?
- 5) Como define a cidade e o bairro onde mora?
- 6) O que costuma fazer nos momentos de lazer?
- 7) Fale dos seus amigos. De onde eles são? Tem mais convivência com espanhóis ou com migrantes? Por que?
- 8) Mantém contato regularmente com o lugar de origem (seu ou dos pais)? Como (por e-mail, fone, chat, etc.)? Tem interesse em saber mais coisas e/ou voltar a esse lugar?
- 8) Você tem namorado(a)? Qual a nacionalidade dele(a)?

Bloco 6 – Relações entre cidadania, mídia e migração

O intuito deste bloco é refletir sobre o que pensam os jovens acerca de uma interseção entre cidadania, mídia e o fenômeno das migrações. Interessa-nos entender qual suas percepções de cidadania e do modo como a mídia atravessa essa questão, especialmente no que concerne ao tratamento dos migrantes.

- 1) O que significa “cidadania” para você?
- 2) Você se considera e se sente imigrante?
- 3) O que a palavra “imigrante” significa para você?
- 4) Por que você acha que as pessoas migram de um país a outro? Como foi tua experiência?
- 5) Você acha que existem diferenças nas formas como jovens autóctonos e jovens migrantes exercem a cidadania no dia-a-dia? Quais?
- 6) Como você vê as diversas culturas que fazem parte da cidade de Barcelona?

- 7) Você acha que certos bairros ou regiões de Barcelona sofrem algum tipo de preconceito? Por que?
- 8) Como você acha que os meios de comunicação tratam a questão da cidadania?
- 9) Como os imigrantes são tratados em Barcelona? E na Espanha? Como os imigrantes da tua nacionalidade são tratados em Barcelona?
- 10) Como os meios de comunicação tratam a imigração e o imigrante? Como tratam os imigrante da tua nacionalidade ? Você lembra de algo que viu, ouviu ou leu sobre isso na mídia?
- 11) Como os meios de comunicação tratam o jovem imigrante? Você lembra de algo que viu, ouviu ou leu sobre isso na mídia?
- 12) Se você fosse fazer uma reportagem sobre jovens imigrante, o que você faria de diferente do que é exibido na mídia?
- 13) Você acha que os meios de comunicação colaboram para a integração entre os migrantes e os espanhóis, catalães, etc.? Por que?

APÊNDICE 11

Roteiro de entrevista com Pablo – coordenador KDM

- 15) Conte um pouco da tua trajetória profissional e de atuação nesta área dos projetos audiovisuais.
- 16) Por que o interesse em trabalhar com os jovens? O que eles têm a oferecer?
- 17) Acreditas que vens desenvolvendo teu percurso dentro dos movimentos sociais? Por que?
- 18) O que é cidadania para você? Quais características esse conceito assume nos dias de hoje?
- 19) Como percebes o papel das mídias digitais nestes projetos que se voltam para uma participação cidadã dos sujeitos sociais?

- 20) Por que desenvolver um projeto de juventude usando meios de comunicação e meios audiovisuais?
- 21) O que pensas sobre a dita interculturalidade presente na cidade de Barcelona? Como acreditas que essa diversidade de culturas se manifesta e dialoga?
- 22) O que é o KDM? O que o diferencia de outros projetos sobre mídia e juventude?
- 23) Como é financiado o projeto?
- 24) Como avalia o que vem sendo desenvolvido até agora no KDM e quais as tuas perspectivas para o futuro do projeto.
- 25) Qual a tua análise sobre o modo como as temáticas das migrações e da integração entre migrantes e autóctonos vêm aparecendo na trajetória do KDM?
- 26) Quais as tuas percepções sobre os jovens que estão participando do projeto atualmente?

APÊNDICE 12

The screenshot shows the website for Aldeia, an organization focused on cultural and educational development. The main content area highlights a call for professionals for a media school project. The interface includes a search function and a calendar widget.

Quem somos

O *Aldeia* é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, criada em 2004, especializada em cultura, comunicação, educação, infoinclusão e audiovisual. O *Aldeia* norteia suas ações para o desenvolvimento do olhar crítico sobre a mídia, concebendo e executando diversos projetos que sensibilizam jovens e adultos para a importância das tecnologias comunicacionais e para a apropriação dos meios de produção cultural, estimulando-os a não serem apenas receptores de informações, mas atores sociais ativos no processo de produção, circulação e consumo dos bens culturais. Acredita numa concepção educacional emancipadora, estimulando a infoinclusão, compreendendo que o cenário contemporâneo exige cada vez mais sistemas interativos e não lineares que favoreçam ações vivas de compartilhamento em ambientes de cooperação para o resguardo da memória e difusão cultural.

Missão

Promover, numa concepção emancipadora, participativa e crítica, o desenvolvimento educativo e cultural de crianças, adolescentes e jovens, na defesa de seus

direitos, na construção da cidadania e no estímulo a suas capacidades de comunicação, expressão e criação, através da utilização de suportes audiovisuais e das tecnologias da informação e comunicação.

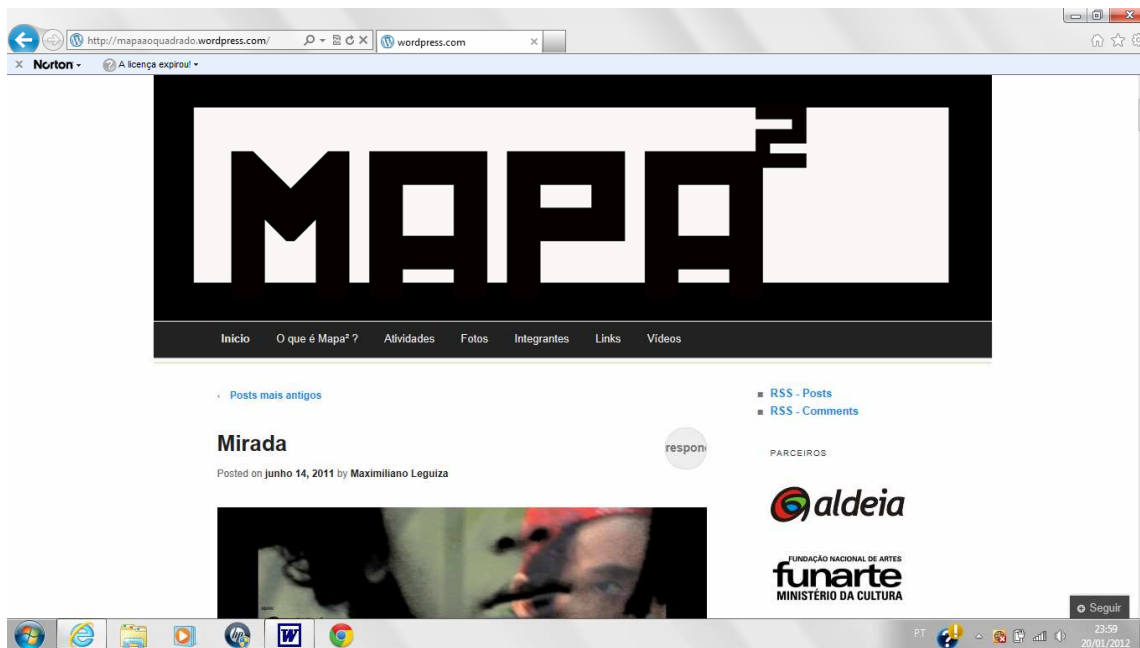
Visão

Colaborar para o desenvolvimento cultural, o respeito à diversidade, promovendo a cultura de paz e a constituição de sujeitos solidários, críticos e participativos.

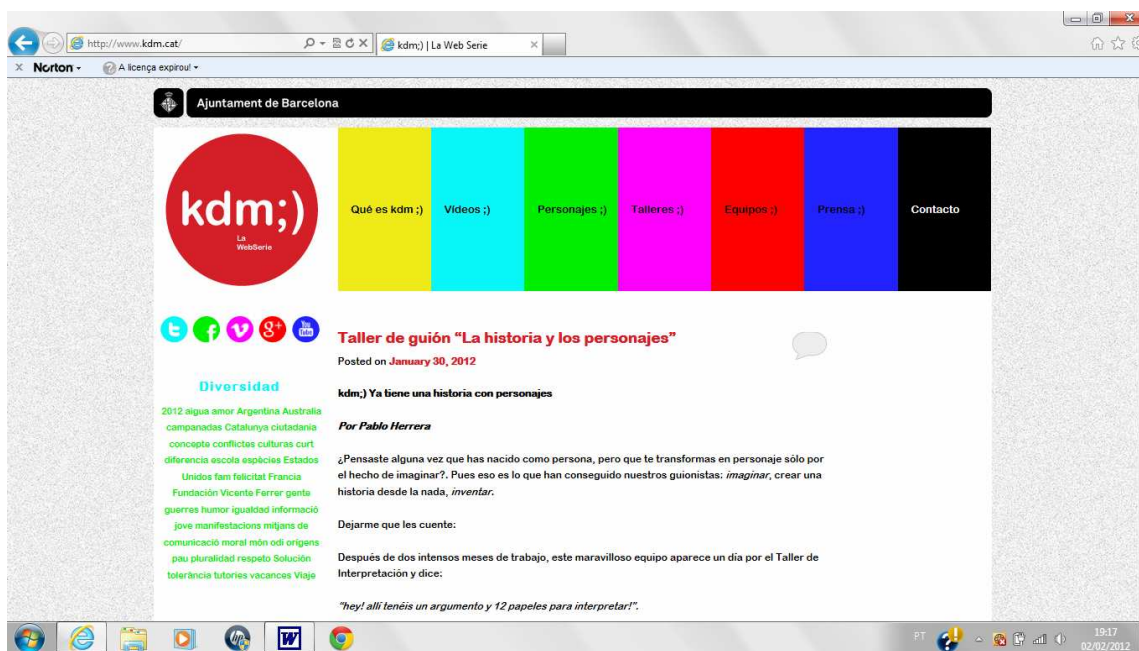
Objetivos

Realizar ações que contribuem para a afirmação da cidadania, desenvolvendo a cultura da paz e a ética, a fim de consolidar direitos universais e garantir a inclusão social; Oferecer educação gratuita para a mídia, capacitando e habilitando os diferentes públicos para o desempenho crítico na emissão e recepção audiovisuais; Desenvolver conteúdos, métodos e técnicas com base nas tecnologias da informação e da comunicação, com vistas a contribuir no desenvolvimento de uma educação transformadora e participativa; Elaborar, assessorar e realizar projetos, estudos e pesquisas que visem à formação, qualificação, requalificação e especialização profissionais, nas áreas de arte e cultura.

APÊNDICE 13



APÊNDICE 14



El proyecto

KDM es una iniciativa para la elaboración de una web serie hecha por y para adolescentes. Un proyecto para fomentar el respeto a la diversidad cultural y las relaciones interculturales, dar protagonismo a las formas y prácticas de relación entre los más jóvenes, fomentar el deseo de los jóvenes de posicionarse activamente en la sociedad y profesionalizarse, así como reivindicar el uso de las nuevas tecnologías como una forma de comunicación válida.

La serie

Con referentes directos como *That 70's show*, *KDM* narra las aventuras de un grupo de jóvenes emprendedores que tienen un canal de televisión por Internet. El canal produce y emite programas de noticias, deportes, el tiempo, entrevistas, debates, vídeoclips... que se entremezclan con su día a día en la elaboración de los contenidos. Hay también un programa estrella en el que participan todos por igual, y que representa la vía de escape para que pase todo aquello que no tiene lugar en la realidad: el culebrón. A veces, se incluyen también contenidos publicitarios u otros programas puntuales surgidos de ideas de

los miembros del grupo con gran originalidad y carisma. Cada capítulo se alimenta de un género cinematográfico distinto, tomando como referencia alguna de las películas preferidas por nuestros guionistas. Fantasía, misterio, drama o amor, todo puede pasar en la vida de este inquieto grupo juvenil. La originalidad de *KDM* no está en lo que cuenta, sino en *la forma de contar*: con humor, ingenio y osadía; acaso ¿no somos jóvenes, emprendedores, y ya bastante atrevidos quienes lo estamos creando?